

TRILOGIA DAS JOIAS NEGRAS – LIVRO DOIS

A HERDEIRA DAS SOMBRAS



ANNE
BISHOP



VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

TRILOGIA DAS JOIAS NEGRAS – LIVRO DOIS

A HERDEIRA DAS SOMBRAS



ANNE
BISHOP



Saetan se deteve a alguns centímetros de Jaenelle. Os olhos azul-safira encontraram os dele no espelho, e Saetan teve de se esforçar para manter uma expressão indiferente. Aqueles olhos. Límpidos e selvagens e perigosos antes de vestir a máscara de humanidade. E era uma máscara. Não era como a dissimulação a que se dedicava quando criança para manter em segredo o fato de ser uma feiticeira. Era um esforço deliberado para ser, simplesmente, humana. E isso o assustava.

a herdeira das sombras

trilogia das joias negras / livro dois

Anne Bishop

Tradução de Cristina Correia



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

Star Books Digital

TÍTULO: *A Herdeira das Sombras / nº 9 da Coleção Bang!*

AUTORIA: *Anne Bishop*

EDITOR: *Luís Corte Real*

© 2014 por *Saída de Emergência Brasil Editora Ltda.*

Heir to the Shadows © 1999 *Anne Bishop. Publicado originalmente nos EUA por Roc, 1999*

TRADUÇÃO: *Cristina Correia*

ADAPTAÇÃO: *Diogo Henriques*

REVISÃO: *Flora Pinheiro*

COMPOSIÇÃO: *Saída de Emergência*

DESIGN E ILUSTRAÇÃO DA CAPA: *Saída de Emergência*

FOTOGRAFIA DA CAPA: *Larry Rostant / Artist Partners*

EBOOK: *Marcelo Moraes*

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Todos os direitos reservados, no Brasil,
por Saída de Emergência Brasil Editora Ltda.

Rua Luiz Câmara, 443

Suplementar: Rua Felizardo Fortes, 420 — Ramos

21031-160 — Rio de Janeiro — RJ

Tel.: (21) 2538-4100

www.sdebrasil.com.br

Para Nadine Fallacaroa, irmã de coração

RESUMO DE PERSONAGENS

PROTAGONISTAS

Jaenelle Angelline é a personagem principal, uma menina de doze anos destinada a se tornar a Rainha das Trevas, também conhecida simplesmente como “Feiticeira”.

Daemon Sadi (SaDiablo) é filho de Saetan e Tersa. Assim como o pai e o irmão, é um Príncipe dos Senhores da Guerra. Escravo sexual nas cortes de Dorothea e de rainhas corrompidas por ela, também é conhecido como “Sádico”. É o macho mais forte na história dos Sangue.

Saetan Daemon SaDiablo é o Senhor Supremo do Inferno, Sacerdote Supremo da Ampulheta e Príncipe da Guerra de Dhemlan. É pai de Daemon e Lucivar. Depois de Daemon, é o macho mais forte dos Sangue.

Lucivar Yaslana (SaDiablo) é filho de Saetan e Luthvian, uma eriena. Assim como o irmão, Daemon, foi escravizado quando adolescente e forçado a servir nas cortes de Dorothea e suas seguidoras. Por conta do temperamento explosivo, é enviado para as minas de sal de Pruul. É o terceiro macho mais forte dos reinos.

Surreal SaDiablo é uma prostituta assassina e filha de Titian.

Dorothea SaDiablo é a incestuosa Sacerdotisa Suprema de Hayll. Faz parte da assembleia da Ampulheta, formada por Viúvas Negras.

Kartane SaDiablo é filho de Dorothea SaDiablo. Em outros tempos, foi amigo íntimo de Daemon, seu primo.

Hekatah, instigadora das guerras entre Kaeleer e Terreille, é uma demônia-morta que se autoproclama Sacerdotisa Suprema do Inferno. É ex-mulher de Saetan SaDiablo e mãe de Mephis e Peyton.

Robert Benedict alega ser o pai de Jaenelle Angelline. Dirige o hospital conhecido como Briarwood. É ainda um membro influente do conselho dos

machos de Chaillot.

Joias

Branca
Amarela
Olho de Tigre
Rosa
Azul-Celeste
Violeta
Opala¹
Verde
Azul-Safira
Vermelha
Cinza
Cinza-Ébano
Negra

Ao fazer a Oferenda às Trevas, uma pessoa pode descer no máximo três categorias em relação à sua Joia de Direito por Progenitura.

Exemplo: A Branca de Direito por Progenitura pode descer até a Rosa.

¹ Opala é a linha divisória entre Joias mais claras e escuras, uma vez que pode ser ambas.

HIERARQUIA DOS SANGUE / CASTAS

MACHOS

PLEBEUS — em qualquer das raças, os que não fazem parte dos Sangue.

MACHO DOS SANGUE — termo geral para todos os machos dos Sangue; designa também todos os machos dos Sangue que não usam Joias.

SENHOR DA GUERRA — macho que usa Joias, de status equivalente ao de feiticeira.

PRÍNCIPE — macho que usa Joias, de status equivalente ao de Sacerdotisa ou Curandeira.

PRÍNCIPE DOS SENHORES DA GUERRA — macho que usa Joias perigoso e extremamente agressivo; na hierarquia, está ligeiramente abaixo da Rainha.

FÊMEAS

PLEBEIAS — em qualquer das raças, as que não fazem parte dos Sangue.

FÊMEA DOS SANGUE — termo geral para todas as fêmeas dos Sangue; designa também todas as fêmeas dos Sangue que não usam Joias.

FEITICEIRA — fêmea dos Sangue que usa Joias mas que não está em nenhum dos outros níveis hierárquicos; designa também qualquer fêmea que use Joias.

CURANDEIRA — feiticeira que cura ferimentos e doenças físicas, de status equivalente ao de Sacerdotisa e Príncipe.

SACERDOTISA — feiticeira que zela pelos altares, Santuários e Altares das Trevas; testemunha juras e casamentos; faz oferendas; de status equivalente ao de Curandeira e

Príncipe.

VIÚVA NEGRA — feiticeira que cura as mentes; tece as teias emaranhadas de sonhos e visões; é versada em ilusões e venenos.

RAINHA — feiticeira que rege os Sangue; é considerada o coração da terra e o centro moral dos Sangue; logo, é o ponto central da sociedade.

PRÓLOGO

Kaeleer

O Conselho das Trevas voltou a se reunir.

Andulvar Yaslana, demônio-morto e Príncipe Eyrieno dos Senhores da Guerra, dobrou as asas negras e avaliou os outros membros do Conselho, sem gostar do que via. À exceção da Magistrada, que era obrigada a assistir, eram necessários apenas dois terços dos membros em cada sessão para que fossem ouvidas as petições ou julgadas as disputas entre os Sangue em Kaeleer que não houvessem sido resolvidas pelas Rainhas dos Territórios. Esta noite, todas as cadeiras estavam ocupadas, exceto aquela ao lado da de Andulvar.

Mas o ocupante da cadeira também estava ali, aguardando pacientemente a resposta do Conselho no círculo do peticionário. Era um homem moreno, de olhos dourados, com longos e densos cabelos negros, já grisalhos nas têmporas. Ao vê-lo apoiado na elegante bengala de ponta prateada, alguém poderia pensar tratar-se de um belo macho dos Sangue no final de seu apogeu. As longas unhas pintadas de preto e o anel com uma Joia Negra na mão direita afirmavam o contrário.

A Primeira Tribuna pigarreou baixinho.

— Príncipe Saetan Daemon SaDiablo, o senhor se apresenta neste Conselho para solicitar a tutela da menor Jaenelle Angelline. Mas, contrariando o costume numa disputa dos Sangue, não nos forneceu as informações necessárias para que contactássemos a família da menina, de modo que esta pudesse falar em sua própria defesa.

— Eles não querem a criança — foi a resposta serena. — Eu quero.

— Temos apenas a sua palavra a esse respeito, Senhor Supremo.

Tolas, pensou Andulvar, observando o movimento quase imperceptível do peito de Saetan.

A Primeira Tribuna prosseguiu.

— O aspecto mais inquietante desta petição é o fato de o senhor ser um Guardião, um morto-vivo, e ainda assim pretender que coloquemos o bem-estar de uma criança viva em suas mãos.

— Não é uma criança qualquer, Tribuna. É *esta* criança.

A Primeira Tribuna mudou de posição na cadeira, aparentando desconforto. Varreu com os olhos os assentos dispostos em degraus em ambos os lados do amplo aposento.

— Devido às... circunstâncias... incomuns, a decisão terá de ser unânime. Compreende?

— Compreendo, Tribuna. Compreendo muito bem.

A Primeira Tribuna voltou a pigarrear.

— Procederemos de imediato à votação relativa à petição de Saetan Daemon SaDiablo solicitando a tutela da menor Jaenelle Angelline. Quem vota contra?

Algumas mãos se levantaram, e Andulvar estremeceu diante do olhar estranho e vítreo nos olhos de Saetan.

Após a contagem dos votos, ninguém falou, ninguém se moveu.

— Repitam a votação — disse Saetan, com uma afabilidade exagerada.

Não obtendo resposta da Primeira Tribuna, a Segunda Tribuna tocou-lhe o braço. Em segundos, nada restava na cadeira da Primeira Tribuna a não ser um montículo de cinzas e uma toga de seda preta.

Mãe Noite, pensou Andulvar ao ver a desintegração de tribuna após tribuna que havia se oposto. *Mãe Noite*.

— Repitam a votação — proferiu Saetan, exageradamente delicado.

Dessa vez foi unânime.

A Segunda Tribuna esfregou o peito com os dedos.

— Príncipe Saetan Daemon SaDiablo, o Conselho aqui reunido lhe outorga todos os direitos paternais...

— Parentais. Todos os direitos *parentais*.

— ...todos os direitos parentais relativos à menor Jaenelle Angelline, a partir deste momento e até que ela alcance a maioria ao completar vinte anos.

Assim que Saetan fez uma reverência à Magistrada e iniciou a longa caminhada pela sala, Andulvar se levantou e abriu as enormes portas duplas ao fundo da câmara do Conselho. Suspirou de alívio quando Saetan, apoiando-se na bengala de ponta prateada, passou por ele devagar.

Aquilo não tinha acabado por ali, pensou Andulvar ao fechar as portas e seguir Saetan. Da próxima vez, o Conselho seria mais sutil na oposição ao Senhor Supremo, mas *haveria* uma próxima vez.

Quando por fim saíram para o ar fresco da noite, Andulvar voltou-se para o amigo de longa data.

— Bem, ela agora é sua.

Saetan levantou o rosto para o céu noturno e fechou os olhos dourados.

— Sim, é minha.



PRIMEIRA PARTE

CAPÍTULO UM

1 / Terreille

Cercado por guardas, o mestiço Lucivar Yaslana, Príncipe Eyrieno dos Senhores da Guerra, dirigiu-se ao pátio, certo de que ouviria a ordem para a sua execução. Não havia qualquer outro motivo para que um escravo das minas de sal fosse trazido àquele lugar, e Zuultah, a Rainha de Pruul, tinha bons motivos para querê-lo morto. Prythian, a Sacerdotisa Suprema de Askavi, desejava mantê-lo vivo, na esperança de que ainda conseguisse transformá-lo num reprodutor. Mas não era Prythian quem estava no pátio ao lado de Zuultah.

Era Dorothea SaDiablo, a Sacerdotisa Suprema de Hayll.

Lucivar abriu as asas negras e membranosas em toda a sua envergadura, aproveitando a brisa do deserto para secá-las.

Lady Zuultah olhou de relance para o Mestre da Guarda. Logo em seguida, o chicote deste assobiou pelo ar, penetrando profundamente nas costas de Lucivar.

Lucivar silvou por entre os dentes cerrados e fechou as asas.

— Qualquer outro ato de provocação vai lhe custar cinquenta chicotadas — disse Zuultah com rispidez e, em seguida, virou-se para falar com Dorothea SaDiablo em voz baixa.

O que estariam tramando?, perguntou-se Lucivar. O que teria feito Dorothea deixar seu covil em Hayll? E quem seria o irritado Príncipe de Joia Verde afastado das mulheres, segurando um tecido dobrado?

Enviando cautelosamente uma sonda psíquica, Lucivar detectou todos os odores emocionais. Em Zuultah havia entusiasmo e a maldade de hábito. De Dorothea emanava ansiedade e medo. Sob a raiva do Príncipe desconhecido havia sofrimento e culpa.

O medo de Dorothea era o mais interessante, uma vez que significava que Daemon Sadi ainda não tinha sido recapturado.

Um sorriso cruel e satisfeito torceu os lábios de Lucivar.

Reparando no sorriso, o Príncipe de Joia Verde tornou-se agressivo.

— Estamos perdendo tempo — disse bruscamente, dando um passo na direção de Lucivar.

Dorothea voltou-se para eles.

— Príncipe Alexander, estes assuntos têm de ser tr...

Philip Alexander desdobrou o pedaço de tecido.

Lucivar olhou com assombro para o lençol manchado. Tanto sangue. Sangue demais. O sangue era o rio que corria — e o fio psíquico. Se enviasse uma sonda psíquica e tocasse aquela mancha...

Algo em seu íntimo se aquietou e tornou-se frágil.

Lucivar forçou-se a retribuir o olhar fixo e hostil de Philip Alexander.

— Há uma semana, Daemon Sadi raptou minha sobrinha de doze anos e levou-a para o Altar de Cassandra, onde a violou e a esquartejou. — Philip moveu os pulsos, fazendo com que o lençol balançasse.

Lucivar engoliu em seco, tentando conter a náusea. Balançou a cabeça lentamente.

— Isso é impossível — disse, mais para si mesmo do que para Philip. — Ele não seria capaz... Nunca foi capaz de fazer uma coisa dessas.

— Talvez antes não houvesse sangue suficiente — retrucou Philip. — Este sangue é de Jaenelle e Sadi foi reconhecido pelos Senhores da Guerra que tentaram socorrê-la.

Lucivar virou-se com relutância para Dorothea.

— Tem certeza?

— Me disseram, infelizmente, tarde demais, que Sadi desenvolveu um interesse anormal pela criança. — Dorothea deu de ombros ligeiramente, com um gesto elegante. — Talvez tenha ficado ofendido quando ela tentou se esquivar. Você sabe tão bem quanto eu do que é capaz quando está enfurecido.

— Encontraram o corpo?

Dorothea hesitou.

— Não. Isto foi tudo que os Senhores da Guerra encontraram — apontou para o lençol. — Mas não precisa acreditar em mim. Vejamos se tem estômago para aguentar o que aquele sangue encerra.

Lucivar respirou fundo. A vagabunda estava mentindo. *Sem dúvida* estava mentindo. Porque, doces Trevas, se não estivesse...

Haviam oferecido a Daemon sua liberdade caso assassinasse Jaenelle. Ele recusara — ou pelo menos foi o que disse. Mas e se fosse mentira?

Logo depois de abrir a mente e tocar no lençol manchado de sangue, Lucivar caiu de joelhos e pôs para fora o parco café da manhã que havia tomado uma hora antes. Tremia, e, ao mesmo tempo, alguma coisa no seu íntimo se quebrava.

Maldito Sadi. Maldita seja sua alma nas entranhas do Inferno. Era uma *criança!* O que poderia ter feito para merecer tal coisa? Era a Feiticeira, o mito vivo. Era a Rainha a quem tinham sonhado servir. Era a sua gatinha assanhada. *Maldito seja, Sadi!*

Os guardas levantaram Lucivar.

— Onde está ele? — questionou Philip Alexander.

Lucivar fechou os olhos dourados para não ter de olhar para o lençol. Nunca se sentira tão abatido, tão exausto. Nem quando era um rapaz mestiço nos campos de caça eyrienos, nem nas intermináveis cortes onde, desde então,

tinha servido ao longo dos séculos, nem mesmo aqui em Pruul, como um dos escravos de Zuultah.

— Onde ele está? — Philip voltou a perguntar.

Lucivar abriu os olhos.

— Em nome do Inferno, como é que eu vou saber?

— Quando os Senhores da Guerra perderam seu rasto, Sadi estava vindo para sudeste... em direção a Pruul. Sabe-se que...

— Ele não viria para cá. — Aquilo que se quebrara no seu íntimo começou a se inflamar. — Não se atreveria.

Dorothea SaDiablo dirigiu-se a Lucivar.

— Por que não? Vocês ajudaram um ao outro no passado. Não há qualquer razão...

— Existe uma razão — disse Lucivar ferozmente. — Se eu vir aquele desgraçado de novo vou lhe arrancar o coração!

Dorothea recuou, abalada. Zuultah observava-o com cautela.

Philip Alexander baixou os braços devagar.

— Foi declarado potencialmente perigoso. Sua cabeça está a prêmio. Quando for encontrado...

— Ele será punido — interrompeu Dorothea.

— Será executado! — respondeu Philip acaloradamente.

Seguiu-se um momento de silêncio pesado.

— Príncipe Alexander — ronronou Dorothea —, até os habitantes de Chaillot deveriam saber que, entre os Sangue, não existe qualquer lei que proíba o homicídio. Se você não teve bom-senso suficiente para evitar que uma criança emocionalmente perturbada brincasse com um Príncipe dos Senhores da Guerra da índole de Sadi... — Deu de ombros delicadamente. — Bem, talvez a criança tenha tido o que merecia.

Philip empalideceu.

— Ela era uma boa menina — disse, mas a voz estremeceu com uma insinuação de dúvida.

— Sim — ronronou Dorothea. — Uma boa menina. Tão boa que a família de tempos em tempos a mandava para longe, para ser... reeducada.

Criança emocionalmente perturbada. As palavras eram um fole que atiçava o fogo em Lucivar, transformando-o em raiva gélida. Criança emocionalmente perturbada. *Fique longe de mim, Bastardo. É melhor ficar longe de mim, pois, se tiver oportunidade, corto você em pedacinhos.*

Em certo momento, Zuultah, Dorothea e Philip retiraram-se a fim de prosseguir a discussão nos recessos mais frescos da casa de Zuultah. Lucivar não reparou. Quase nem se deu conta de estar sendo levado para as minas de sal, mal notou a picareta nas mãos, quase nem sentiu a dor quando o suor escorreu para a nova ferida de chicote nas costas.

Tudo o que via era o lençol manchado de sangue.

Lucivar bateu com a picareta.

Mentiroso.

Não via a parede nem o sal. Via o peito moreno e dourado de Daemon, via o coração batendo sob a pele.

Melífluo... educado na corte... *mentiroso!*

2 / Inferno

Andulvar sentou-se de lado num canto da grande mesa de madeira escura.

Saetan levantou os olhos da carta que estava escrevendo.

— Achei que ia voltar para o seu ninho na colina.

— Mudei de ideia. — O olhar de Andulvar vagueou pelo escritório, detendo-se, por fim, no retrato de Cassandra, a Rainha de Joia Negra que caminhara nos Reinos havia mais de 50 mil anos. Cinco anos antes, Saetan tinha descoberto que Cassandra forjara a derradeira morte e que havia se tornado uma Guardiã a fim de aguardar a Feiticeira seguinte.

E vejam só o que aconteceu à Feiticeira seguinte, pensou Andulvar desanimado. Jaenelle Angelline era uma criança poderosa e extraordinária, mas, ainda assim, tão vulnerável como qualquer outra criança. Todo aquele poder não tinha impedido que fosse esmagada por segredos de família sobre os quais Andulvar e Saetan podiam apenas conjecturar, assim como pelas maquinacões maldosas de Dorothea e de Hekatah com o objetivo de eliminar a única rival que poderia pôr fim ao jugo que exerciam no Reino de Terreille. Ele não tinha dúvida de que eram elas que estavam por trás da brutalidade que havia levado o espírito de Jaenelle a abandonar o corpo.

Tarde demais para evitar a violação, uma amiga conseguiu resgatar Jaenelle e levou-a para o Altar de Cassandra. Foi então que Daemon Sadi, auxiliado por Saetan, conseguiu fazer com que a menina sáísse do abismo psíquico por tempo suficiente para curar os próprios ferimentos físicos. Contudo, quando os Senhores da Guerra de Chaillot chegaram para “resgatá-la”, ela entrou em pânico e fugiu novamente para o abismo.

Seu corpo se recuperava lentamente, mas só as Trevas sabiam onde estava o seu espírito — ou se algum dia regressaria.

Afastando tais pensamentos, Andulvar olhou para Saetan, respirou fundo e expirou devagar.

— É a sua carta de demissão do Conselho das Trevas?

— Já devia ter feito isso há muito tempo.

— Você sempre insistiu que era bom ter alguns demônios-mortos a serviço do Conselho, porque eles possuíam experiência mas nenhum interesse pessoal nas decisões.

— Bem, o meu interesse nas decisões do Conselho é bastante pessoal agora, não é? — Depois de assinar o nome com o floreado habitual, Saetan pôs a carta num envelope e selou-o com cera preta. — Pode entregar a carta para

mim?

Andulvar recebeu o envelope com relutância.

— E se o Conselho das Trevas decidir procurar a família dela?

Saetan recostou-se na cadeira.

— O Conselho das Trevas não se reúne em Terreille desde a última guerra entre os Reinos. Não existe qualquer razão para o Conselho de Kaeleer procurar fora dos limites do Reino das Sombras.

— Se verificarem os registros de Ebon Askavi, vão descobrir que não nasceu em Kaeleer.

— Como bibliotecário da Fortaleza, Geoffrey já concordou em não encontrar qualquer entrada de grande utilidade que possa levar a Chaillot. Além do mais, Jaenelle nunca foi registrada; o que não vai acontecer até que exista uma razão para isso.

— Você vai ficar na Fortaleza?

— Sim.

— Até quando?

Saetan hesitou.

— Até quando for preciso. — Ao ver que Andulvar não fazia menção de sair, perguntou: — Mais alguma coisa?

Andulvar fixou os olhos na elegante caligrafia masculina na parte da frente do envelope.

— Há um demônio lá em cima na recepção que solicitou uma audiência com você. Diz que é importante.

Saetan levantou-se, empurrando a cadeira para trás e pegou a bengala.

— Todos dizem isso quando têm coragem suficiente para vir aqui. Quem é ele?

— Nunca o vi antes — disse Andulvar. Em seguida, acrescentou com relutância:

— É novo no Reino das Trevas e é de Hayll.

Saetan contornou a mesa, mancando.

— O que quer comigo então? Há setecentos anos que não tenho nada a ver com Hayll.

— Ele não quis revelar a razão da visita. — Andulvar fez uma pausa. — Não gosto dele.

— É claro — retrucou Saetan com frieza. — É haylliano.

Andulvar balançou a cabeça.

— É mais do que isso. Parece estar apodrecendo.

Saetan ficou imóvel.

— Nesse caso, vamos lá falar com o nosso Irmão haylliano — disse, com uma docilidade maldosa.

Andulvar não conseguiu reprimir o arrepio que o percorreu da cabeça aos pés. Felizmente, Saetan já estava a caminho da porta e não reparou. Eram amigos havia milhares de anos, tinham servido juntos, rido juntos, sofrido juntos. Andulvar não queria ofendê-lo só porque, às vezes, até mesmo os

amigos temiam o Senhor Supremo do Inferno.

Porém, quando Saetan abriu a porta e olhou para ele, Andulvar vislumbrou nos seus olhos o faiscar de raiva diante do arrepio. E o Senhor Supremo saiu do escritório ao encontro do tolo que o aguardava.

O Senhor da Guerra haylliano, demônio-morto havia pouco tempo, aguardava em pé no centro da sala de recepção, com as mãos atrás das costas. Estava todo vestido de preto, incluindo um lenço de seda preta enrolado no pescoço.

— Senhor Supremo — disse, com uma reverência respeitosa.

— Não conhece sequer as reverências mais básicas ao se aproximar de um Senhor da Guerra desconhecido? — perguntou Saetan com toda a calma.

— Senhor Supremo? — balbuciou o homem.

— Um homem deixa as mãos à mostra, a menos que esconda uma arma — explicou Andulvar ao entrar na sala. Abriu as asas negras, bloqueando a porta por completo.

Como um relâmpago, a fúria surgiu no rosto do Senhor da Guerra e logo desapareceu. Ele estendeu os braços à sua frente.

— As minhas mãos não têm grande utilidade.

Saetan olhou de relance para as mãos cobertas por luvas pretas. A direita não passava de uma garra distorcida. Na esquerda, faltava um dedo.

— Como se chama?

O Senhor da Guerra hesitou por um momento demasiado longo.

— Greer, Senhor Supremo.

Até mesmo o nome do homem conspurcava o ar de alguma forma. Não, não era apenas o homem, embora o fedor de carne em decomposição só fosse desaparecer dentro de algumas semanas. Havia algo mais. O olhar de Saetan foi atraído para o lenço de seda preta. Suas narinas dilataram-se ao sentir o odor do qual se recordava com demasiada clareza. Pois bem. Hekatah ainda apreciava aquele perfume.

— O que quer, Senhor Greer? — perguntou Saetan, já sabendo por que Hekatah enviaria alguém para vê-lo. Esforçou-se por ocultar a raiva gélida que ardia no seu interior.

Greer fitou o chão.

— Eu... gostaria de saber se tem notícias da jovem feiticeira.

A sala ficou tão agradavelmente gelada, tão encantadoramente sombria. Bastaria um único pensamento, um simples ataque com a mente, um leve toque da força da Joia Negra, e aquele Senhor da Guerra seria reduzido a pó.

— Eu governo o Inferno, Greer — afirmou Saetan com falsa delicadeza. — Por que deveria me preocupar com uma feiticeira haylliana, jovem ou não?

— Ela não era de Hayll. — Greer hesitou. — Pensei que fosse sua amiga.

Saetan ergueu uma sobrancelha.

— Minha amiga?

Greer umedeceu os lábios. As palavras saíram numa torrente.

— Fui destacado para a embaixada haylliana em Beldon Mor, a capital de Chaillot, e tive o privilégio de conhecer Jaenelle. Quando os problemas começaram, traí a confiança da Sacerdotisa Suprema de Hayll e ajudei Daemon Sadi a levar a menina para um local seguro. — A mão esquerda remexia no lenço em volta do pescoço, e por fim o retirou. — Esta foi a minha recompensa.

Canalha mentiroso, pensou Saetan. Se não tivesse seus próprios planos para aquela carcaça ambulante, teria rompido a mente de Greer e descoberto o papel que o homem *realmente* desempenhara.

— Conheci a menina — rosnou Saetan ao caminhar em direção à porta.

Greer deu um passo em frente.

— Conheceu? Está...

Saetan deu meia-volta.

— Ela caminha entre as *cildru dyathe*!

Greer fez uma reverência com a cabeça.

— Que as Trevas sejam misericordiosas.

— Saia. — Saetan pôs-se de lado, para evitar contato. Não queria ser maculado pelo homem.

Andulvar fechou as asas e acompanhou Greer até a porta do Paço. Retornou alguns minutos depois, parecendo preocupado. Saetan olhou-o fixamente, já sem se importar se seus olhos deixavam transparecer raiva e ódio.

Andulvar colocou-se numa posição eyriena de combate, com os pés afastados para se equilibrar e as asas ligeiramente abertas.

— Você sabe que essa declaração vai se espalhar pelo Inferno mais rápido do que o cheiro de sangue fresco.

Saetan agarrou a bengala com as duas mãos.

— Estou me lixando para isso, contanto que o canalha repasse a informação à vagabunda que o mandou aqui.

— Ele disse isso? Disse mesmo isso?

Afundado na única cadeira da sala, Greer acenou penosamente em sinal afirmativo.

Hekatah, a autoproclamada Sacerdotisa Suprema do Inferno, ziguezagueava pela sala, os longos cabelos negros esvoaçando quando se virava.

Era ainda melhor do que a destruição pura e simples da criança. Agora, com a mente destruída e o corpo despedaçado e sem vida, a menina representaria uma faca invisível no peito de Saetan, sempre a se retorcer, um lembrete constante de que ele não era o único poder a enfrentar.

Hekatah parou de andar de um lado para outro, inclinou a cabeça para trás e levantou os braços em sinal de triunfo.

— Ela caminha entre as *cildru dyathe*!

Deixando-se cair no chão em um movimento gracioso, encostou-se num braço da cadeira de Greer e afagou suavemente sua face.

— E você, meu querido, foi o responsável por isso. Ela agora já não tem qualquer utilidade para ele.

— E também já não tem qualquer utilidade para você, Sacerdotisa.

Hekatah fez um beicinho provocante, com os olhos dourados cintilando de malícia.

— Já não tem utilidade para os meus planos originais, mas será uma arma magnífica contra aquele filho da puta.

Ao reparar na expressão vazia de Greer, Hekatah levantou-se, sacudindo a poeira do vestido ao mesmo tempo que emitia um silvo de irritação.

— O seu corpo está morto, mas a sua mente, não. Tente pensar, meu querido Greer. Quem mais estava interessado na criança?

Greer levantou-se e, lentamente, sorriu.

— Daemon Sadi.

— Daemon Sadi — concordou Hekatah com arrogância. — Acha que ele ficará feliz ao descobrir que a sua queridinha está tão completamente morta? E, com uma ajudinha, quem acha que ele culpará pela sua partida do reino dos vivos? Pense só como será divertido instigar o filho contra o pai. E se destruírem um ao outro... — Hekatah abriu bem os braços —, o Inferno voltará a se fragmentar e aqueles que sempre recearam desafiá-lo vão se reunir à minha volta. Com a ajuda da força dos demônios-mortos, Terreille finalmente vai se ajoelhar perante mim como a Sacerdotisa Suprema, como poderia ter acontecido há tantos e tantos séculos atrás se aquele canalha não tivesse frustrado meus planos.

Olhou em volta da pequena sala, quase vazia, com expressão de nojo.

— Assim que ele desaparecer, viverei outra vez no esplendor que me é de direito. E você, meu leal querido, servirá a meu lado. Mas venha — chamou, guiando-o para outro pequeno recinto. — Compreendo que a morte do corpo seja um choque...

Greer olhou para o menino e a menina que se encolhiam de medo num monte de feno.

— Somos demônios, Greer — afirmou Hekatah, afagando-lhe o braço. — Precisamos de sangue fresco e quente. É assim que fortalecemos a carne morta. E, embora outros prazeres carnavais não sejam mais possíveis, existem compensações.

Hekatak curvou-se sobre ele, os lábios próximos à orelha de Greer.

— Crianças plebeias. As dos Sangue são melhores, porém mais difíceis de aparecer. Mas jantar uma criança plebeia também tem as suas vantagens.

Greer respirava rapidamente, como se estivesse sem ar.

— Uma linda menininha, não acha, Greer? Ao primeiro toque psíquico a mente dela será reduzida a cinzas, mas as emoções primitivas permanecerão... por tempo suficiente... e o medo é uma refeição deliciosa.

Você é meu instrumento.

Daemon Sadi revirava-se na pequena cama que tinha sido instalada num dos depósitos no subterrâneo da casa da Lua Vermelha de Deje.

... *você é meu instrumento*... viajando nos Ventos para o Altar de Cassandra... Surreal já ali, chorando... Cassandra, zangada... tanto sangue... as mãos dele cobertas com o sangue de Jaenelle... descendo até o abismo... caindo, gritando... uma criança que não é criança... uma cama estreita com correias para prender mãos e pés... uma cama suntuosa com lençóis de seda... a pedra gelada do Altar das Trevas... velas negras...velas perfumadas... os gritos de uma criança... a língua dele a lamber um pequeno chifre espiralado... o seu corpo imobilizando o dela contra a pedra gelada enquanto ela lutava e gritava... implorando a ela que o perdoasse... mas o que ele tinha feito?... longos cabelos louros... os dedos percorrendo uma cauda de corça... uma cama estreita com lençóis de seda... uma cama elegante com correias... *perdoe-me, perdoe-me*... o seu corpo sobre o dela, prendendo-a... o que ele tinha feito?... a cólera de Cassandra caindo sobre ele... estaria a salvo?... estaria bem?... uma cama de pedra elegante... lençóis de seda com correias... os gritos de uma criança... tanto sangue... *você é o meu instrumento... perdoe-me, perdoe-me*... O QUE ELE TINHA FEITO?

Surreal encostou-se na parede, ouvindo o choro abafado de Daemon. Quem diria que o Sádico era tão vulnerável? Tanto ela como Deje tinham conhecimentos básicos de Arte medicinal suficientes para curar seu corpo, mas nenhuma das duas sabia como reparar as feridas mentais e emocionais. Em vez de se recuperar, ele estava ficando cada vez mais fraco, mais vulnerável.

Nos primeiros dias depois de ser trazido para este lugar, Daemon perguntava constantemente o que tinha acontecido. Mas Surreal podia apenas lhe dizer aquilo que sabia.

Com a ajuda da garota demônia-morta chamada Rose, ela entrara em Briarwood, matara o Senhor da Guerra que havia violado Jaenelle e, depois, levara Jaenelle para o Altar de Cassandra. Daemon juntou-se a elas no Santuário. Cassandra também estava presente. Daemon ordenou que se retirassem da sala do Altar para que tentasse trazer o Eu de Jaenelle de volta ao corpo, tarefa que exigia privacidade. Surreal usou esse tempo para preparar armadilhas dirigidas à “equipe de salvamento” de Briarwood. À chegada dos machos, tentou detê-los enquanto pôde. Quando se retirou para a sala do Altar, Cassandra e Jaenelle já tinham desaparecido e Daemon mal conseguia ficar de pé. Tinham então viajado pelos Ventos de volta a Beldon Mor, onde passaram as últimas três semanas escondidos na casa da Lua Vermelha de Deje.

Era tudo o que podia lhe dizer. Não era o que Daemon precisava ouvir. Não podia lhe dizer que salvara Jaenelle. Não podia lhe dizer que a menina estava sã e salva. E parecia que, quanto mais ele tentava se lembrar, mais fragmentadas ficavam as suas memórias. Entretanto, ainda possuía a força das Joias Negras, ainda possuía a capacidade para libertar todo aquele poder negro. Se perdesse aquela débil ligação com o equilíbrio mental...

Surreal virou-se ao ouvir o ruído de passadas furtivas nas escadas no final do corredor escuro. Os soluços por trás da porta fechada cessaram.

Com movimentos rápidos e silenciosos, Surreal encurralou a mulher no final das escadas.

— O que você quer, Deje?

Os pratos na bandeja que a mulher carregava tilintaram. Deje estava tremendo.

— Eu... pensei... — Ergueu a bandeja como explicação. — Sanduíches. Chá. Eu...

Surreal franziu as sobrancelhas. Por que Deje olhava fixamente para seus seios? Não era o olhar de uma matrona eficiente avaliando uma das moças. E por que estaria tremendo daquele jeito?

Surreal olhou para baixo. Viu que segurava o seu punhal favorito, com a ponta pousada na Joia Cinza que pendia da corrente de ouro por cima dos seus seios. Não tinha percebido ter invocado o punhal ou a Cinza. Ficara aborrecida pela intromissão, mas...

Surreal fez desaparecer o punhal, ajeitou a blusa de maneira a esconder a Joia e retirou a bandeja das mãos de Deje.

— Desculpe. Estou um pouco nervosa.

— A Cinza — murmurou Deje. — Você usa a Cinza.

Surreal ficou tensa.

— Mas não quando estou trabalhando numa casa da Lua Vermelha.

Deje pareceu não ouvir.

— Não sabia que era assim tão forte.

Surreal passou o peso da bandeja para a mão esquerda e deixou cair a mão direita, descontraidamente, envolvendo o punhal reconfortante. Se tivesse de ser feito, seria de forma rápida e perfeita. Deje merecia.

Observou o rosto de Deje enquanto ela reorganizava mentalmente os fragmentos de informação que possuía sobre uma prostituta chamada Surreal, que era, ao mesmo tempo, uma assassina. Por fim, quando Deje olhou para ela, seus olhos evidenciavam respeito e satisfação sombria.

Depois, Deje olhou para a bandeja e franziu a sobrancelha.

— É melhor usar um feitiço de aquecimento nesse chá ou não estará bom para beber.

— Eu cuido disso — disse Surreal.

Deje começou a subir as escadas.

— Deje — disse Surreal baixinho. — Eu realmente pago as minhas dívidas.

Deje sorriu perspicazmente e acenou com a cabeça, indicando a bandeja.

— Tente fazer com que coma. Ele precisa recuperar as forças.

Surreal aguardou até ouvir a porta se fechar no alto da escada antes de voltar ao depósito que abrigava, talvez agora mais do que nunca, o Príncipe dos Senhores da Guerra mais perigoso do Reino.

Mais tarde nessa noite, Surreal abriu a porta do depósito sem bater, detendo-se de imediato.

— Em nome do Inferno, o que você está fazendo?

Daemon ergueu os olhos por um breve instante antes de amarrar o outro sapato.

— Estou me vestindo. — Sua voz profunda e culta estava mais rouca do que o habitual.

— Você enlouqueceu? — Surreal mordeu o lábio, arrependendo-se por ter dito aquela palavra.

— É provável. — Daemon abotoou os botões de rubi no punho da camisa de seda branca. — Preciso descobrir o que aconteceu, Surreal. Preciso encontrá-la.

Exasperada, Surreal passou os dedos pelo cabelo.

— Você não pode sair no meio da noite. Além disso, lá fora está um frio de rachar.

— No meio da noite é a melhor hora, não acha? — argumentou Daemon calmo demais, enfiando o casaco preto.

— Não, não acho. Aguarde pelo menos até o amanhecer.

— Sou haylliano. Estamos em Chaillot. Chamaria um pouco a atenção à luz do dia. — Daemon olhou ao redor do pequeno quarto vazio, deu de ombros com indiferença e retirou um pente do bolso do casaco, passando-o pelo espesso cabelo negro. Quando terminou, enfiou as mãos elegantes e de unhas compridas nos bolsos das calças e ergueu a sobrelleira como se perguntasse: que tal?

Surreal examinou o corpo alto, elegante e musculoso vestido em um terno preto perfeitamente cortado. A pele morena e dourada de Sadi estava pálida de cansaço, o rosto tinha um aspecto perturbado e a pele ao redor dos olhos dourados estava inchada. Mesmo assim, era mais bonito do que deveria ser permitido a um homem.

— Você parece péssimo — disse rispidamente.

Daemon estremeceu, como se a raiva de Surreal o tivesse atingido. Tentou, em seguida, esboçar um sorriso.

— Não pense que vou mudar de ideia por causa de elogios, Surreal.

Surreal cerrou os punhos. A única coisa que tinha para arremessar era a bandeja com o chá e os sanduíches. Ao ver a xícara limpa e a comida intacta, perdeu a calma.

— Seu idiota, você não comeu nada!

— Abaixar a voz, a menos que queira que todo mundo fique sabendo que

estou aqui.

Surreal pôs-se a andar de um lado para o outro, proferindo entre dentes todos os palavrões que conhecia.

— Não chore, Surreal.

Envolveu-a com os braços, e sob a sua face sentiu a seda fresca.

— Não estou chorando — retrucou ela, engolindo um soluço.

Sentiu, mais do que ouviu, o riso abafado dele.

— O erro foi meu. — Os lábios de Daemon roçaram o cabelo de Surreal antes de ele se afastar dela.

Surreal fungou audivelmente, enxugou os olhos na manga e afastou o cabelo do rosto.

— Você ainda não está forte o suficiente, Daemon.

— Só ficarei melhor quando a encontrar — disse ele baixinho.

— Sabe abrir os Portões? — perguntou. Referia-se aos treze lugares de poder que ligavam os Reinos de Terreille, de Kaeleer e do Inferno.

— Não. Mas encontrarei alguém que saiba. — Daemon respirou fundo. — Ouça, Surreal, e ouça com atenção. Em todo o Reino de Terreille são poucas as pessoas que de alguma forma podem ligar você a mim. Esforcei-me para que fosse assim. Portanto, a menos que suba no telhado e anuncie aos gritos, ninguém em Beldon Mor terá razões para desconfiar de você. Seja discreta. Controle esse mau humor. Você fez mais do que o suficiente. Não se envolva mais, pois não estarei por perto para ajudá-la.

Surreal engoliu com dificuldade.

— Daemon... você foi declarado potencialmente perigoso. Foi oferecida uma recompensa por sua cabeça.

— Eu não esperaria nada diferente depois de ter partido o Anel de Obediência.

Surreal hesitou.

— Tem certeza de que Cassandra levou Jaenelle para um dos outros Reinos?

— Sim, tenho certeza — disse, com ternura e tristeza.

— Então você vai encontrar uma Sacerdotisa que saiba abrir os Portões e ir atrás delas.

— Sim. Mas antes preciso resolver algo.

— Não é o melhor momento para fazer visitas sociais — afirmou Surreal com ironia.

— Não é bem uma visita social. Dorothea não poderá usar você contra mim porque não sabe da sua existência. Mas sabe dele e já o usou antes. Não lhe darei essa oportunidade. De resto, apesar de toda a sua arrogância e temperamento, ele é um excelente Príncipe dos Senhores da Guerra.

Cansada, Surreal encostou-se na parede.

— O que você vai fazer?

Daemon hesitou.

— Vou tirar Lucivar de Pruul.

Saetan surgiu na pequena teia de desembarque entalhada no chão de pedra de um dos vários pátios externos da Fortaleza. Ao desembarcar, olhou para cima.

A menos que se soubesse o que procurar, via-se apenas a montanha negra de Ebon Askavi, só se sentia o peso de toda aquela pedra escura. Mas Ebon Askavi era também a Fortaleza, o Santuário da Feiticeira, o arquivo da extensa história dos Sangue. Um local fortemente guardado. O lugar ideal para um segredo.

Maldita Hekatah, pensava com amargura ao atravessar o pátio devagar, com a ajuda da bengala. *Maldita seja, Hekatah e suas intrigas pelo poder. Puta gananciosa e maligna*. No passado evitara intervir, por achar que estava em dívida com ela, que havia dado à luz seus dois primeiros filhos. Mas essa dívida já estava paga. Mais do que paga. Agora, sacrificaria a honra, o respeito por si próprio e o que mais fosse necessário se esse fosse o preço a pagar para detê-la.

— Saetan.

Geoffrey, o historiador e bibliotecário da Fortaleza, saiu da sombra da entrada. Como sempre, suas roupas eram impecáveis, uma túnica e calças pretas elegantes, sem acessórios à exceção do anel com a Joia Vermelha. Como sempre, o cabelo estava cuidadosamente penteado para trás, chamando a atenção para o bico de viúva. No entanto, seus olhos negros pareciam pequenos pedaços de carvão em vez de pedras bem polidas.

Enquanto Saetan caminhava na sua direção, as sobrancelhas negras de Geoffrey foram ficando mais arqueadas.

— Venha até a biblioteca tomar um copo de yarbarah comigo — disse Geoffrey.

Saetan balançou a cabeça.

— Talvez mais tarde.

As sobrancelhas de Geoffrey franziram-se ainda mais, repuxando também o bico de viúva.

— Não há lugar para a ira no quarto de um doente. Muito menos agora. Muito menos a sua.

Os dois Guardiões se estudaram. Saetan desviou o olhar primeiro.

Uma vez instalados em cadeiras confortáveis e após Geoffrey ter servido a ambos um copo de vinho de sangue aquecido, Saetan obrigou-se a olhar para a grande mesa de madeira escura que dominava o aposento. Costumava estar repleta de livros de história, de Arte e de consulta que Geoffrey ia retirando das pilhas — livros nos quais os dois homens haviam procurado referências para compreender as observações fortuitas, porém invulgares, de Jaenelle e suas habilidades por vezes bizarras, embora impressionantes. No momento, estava vazia. E o vazio feria.

— Não tem nenhuma esperança, Geoffrey? — inquiriu Saetan baixinho.

— O quê? — Geoffrey olhou de relance para a mesa, para logo desviar o olhar. — Precisava... me ocupar. Quando me sentava ali, cada livro trazia uma lembrança, e...

— Compreendo. — Saetan esvaziou o copo e estendeu a mão para alcançar a bengala.

Geoffrey o acompanhou até a porta. Quando Saetan saiu para o corredor, sentiu um ligeiro e hesitante toque, que o fez se virar para trás.

— Saetan... ainda tem esperança?

Saetan considerou a pergunta por um longo momento antes de dar a única resposta que podia.

— Preciso ter.

Cassandra fechou o livro, moveu os ombros com aborrecimento e esfregou o rosto com as mãos.

— Não houve qualquer mudança. Não voltou do abismo, ou de onde quer que tenha caído. E quanto mais tempo permanecer fora do alcance de outras mentes, menores serão as chances de a trazermos de volta.

Saetan examinou a mulher de cabelo ruivo envelhecido e olhos cor de esmeralda cansados. Muito, muito tempo antes, quando Cassandra era Feiticeira, a Rainha de Joia Negra, Saetan fora seu consorte e a amara. E ela, à sua maneira, gostara dele — até Saetan realizar a Oferenda às Trevas, recebendo Joias Negras. Depois, fora uma espécie de troca de aptidões — as dele na cama pelas dela na Arte de Viúva Negra — até Cassandra forjar sua própria morte, tornando-se Guardiã. Tinha representado a cena do leito da morte de forma tão convincente e a fé de Saetan em Cassandra como Rainha era tão sólida que nunca lhe ocorreu que ela tinha feito isso para findar o reinado como Feiticeira — e para fugir dele.

Mas, estavam juntos outra vez.

Contudo, ao envolvê-la com os braços, oferecendo-lhe conforto, sentiu o retraimento interior, o estremecimento reprimido de medo. Cassandra nunca tinha se esquecido de que Saetan caminhava por caminhos sombrios que nem mesmo ela se atreveria a tomar, nunca tinha se esquecido de que o Reino das Trevas o apelidara de Senhor Supremo quando ele ainda estava completamente vivo.

Saetan beijou a testa de Cassandra e afastou-se.

— Tente descansar — disse, carinhosamente. — Eu fico com ela.

Cassandra olhou para ele, de relance para a cama, e balançou a cabeça.

— Nem mesmo você conseguirá alcançá-la, Saetan.

Saetan olhou para a frágil e pálida menina que jazia num mar de lençóis de seda preta.

— Eu sei.

Quando Cassandra fechou a porta ao sair, Saetan perguntou a si mesmo se, apesar do grande preço a pagar, ela tiraria alguma satisfação desse fato.

Balançou a cabeça para clarear as ideias, puxou a cadeira que estava mais perto da cama e suspirou. Queria que o quarto não fosse tão impessoal. Queria que existissem quadros para quebrar as extensas paredes de pedra negra polida. Queria ver as tralhas de uma menininha espalhadas pela mobília de madeira escura. Eram tantos os seus desejos...

Contudo, estes aposentos tinham sido terminados pouco tempo antes do pesadelo no Altar de Cassandra. Jaenelle não teve oportunidade de lhes inculcar o seu odor psíquico, tornando-os seus. Nem mesmo os pequenos tesouros aqui presentes tinham tido o convívio necessário, o manuseamento fundamental para que se tornassem verdadeiramente seus. Não havia uma âncora que ela pudesse reconhecer e à qual se pudesse agarrar ao tentar efetuar a subida para fora do abismo que fazia parte das Trevas.

À exceção de Saetan.

Apoiando um braço na cama, Saetan inclinou-se e afastou com delicadeza o cabelo louro e liso do rosto magro demais. Seu corpo *estava* sarando, embora lentamente, pois não havia ninguém no seu interior para auxiliar a convalescença. Jaenelle, a sua jovem Rainha, a filha da sua alma, estava perdida nas Trevas — ou na paisagem interior do Reino Distorcido. Fora do seu alcance.

Mas não, assim esperava, fora do alcance do seu amor.

Com a mão pousada na cabeça de Jaenelle, Saetan fechou os olhos e fez a descida interior até o nível das Joias Negras. Devagar, com cuidado, prosseguiu até não conseguir descer mais. Foi então que soltou as palavras para o abismo, tal como fizera nas últimas três semanas.

Você está segura, criança-feiticeira. Volte. Você está segura.

5 / Terreille

Uma mão acariciou seu braço, apertando de leve o ombro.

Lucivar se enfureceu ao sentir que estavam perturbando o breve período de sono que seu corpo dorido lhe permitia a cada noite. As correntes que prendiam seus pulsos e tornozelos à parede não eram longas o suficiente para que ele pudesse se deitar e alongar, por isso dormia de cócoras, com as nádegas encostadas à parede para aliviar a tensão nas pernas, a cabeça pousada nos antebraços cruzados e as asas levemente dobradas em volta do corpo.

Unhas compridas sussurraram em sua pele. A mão apertou-lhe o ombro com um pouco mais de força.

— Lucivar — murmurou uma voz profunda, rouca de frustração e cansaço.

— Acorde, Sacana.

Lucivar ergueu a cabeça. O luar que entrava pela fresta da cela não permitia ver com clareza, mas era suficiente. Olhou para o homem inclinado sobre si e,

por um breve momento, ficou satisfeito por ver seu meio-irmão. Logo em seguida, seus dentes cerraram-se num sorriso selvagem.

— Olá, Bastardo.

Daemon retirou a mão do ombro de Lucivar e recuou, cauteloso.

— Vim tirar você daqui.

Lucivar levantou-se lentamente, rosnando baixinho ao ouvir o tilintar das correntes.

— O Sádico demonstrando afeição? Estou comovido. — Investiu na direção de Daemon, mas os ferros impediram o ataque e Daemon deslizou para longe do seu alcance.

— Esse não foi o cumprimento que eu esperava, irmão — disse Daemon suavemente.

— E você ainda esperava um *cumprimento*, irmão? — proferiu Lucivar, furioso.

Daemon passou os dedos pelo cabelo e suspirou.

— Você sabe muito bem por que não pude fazer nada até agora para ajudá-lo.

— Sim, sei muito bem — respondeu Lucivar, e sua voz profunda assumiu um tom ameaçador. — Assim como sei por que está aqui agora.

Daemon virou-se, o rosto oculto na penumbra.

— Acha que o fato de me libertar servirá como compensação, Bastardo? Acha que algum dia vou perdoá-lo?

— Precisa me perdoar — murmurou Daemon. E estremeceu.

Lucivar semicerrou os olhos dourados. No odor psíquico de Daemon podia sentir uma fragilidade inesperada. Em outros tempos, teria ficado preocupado. No momento, usaria isso como arma.

— Você não deveria ter vindo, Bastardo. Jurei que o mataria se aceitasse aquela oferta, e é isso que vou fazer.

Daemon virou-se, encarando Lucivar.

— Que oferta?

— Talvez troca seja uma palavra melhor. A sua liberdade pela vida de Jaenelle.

— Não aceitei essa oferta!

Lucivar cerrou os punhos.

— Então matou-a por diversão? Ou não percebeu que ela estava morrendo debaixo de você até já ser tarde demais?

Os dois se encararam.

— Do que você está falando? — perguntou Daemon calmamente.

— Do Altar de Cassandra — respondeu Lucivar com a mesma calma, enquanto a raiva crescia, ameaçando quebrar seu autocontrole. — Você foi descuidado dessa vez. Deixou o lençol... e todo aquele sangue.

Abalado, Daemon olhou com espanto para as mãos.

— Tanto sangue — sussurrou. — Minhas mãos estavam cobertas de sangue.

Nos olhos de Lucivar, as lágrimas ardiam.

— Por quê, Daemon? O que ela fez para merecer esse sofrimento? — A voz subiu de tom. Não conseguia evitar. — Era a Rainha que sonhávamos servir. Aguardamos tanto tempo por ela. *Carniceiro filho da puta, por que a matou?*

Os olhos de Daemon se encheram de perigosa censura.

— Ela não morreu.

Lucivar prendeu a respiração, desejando acreditar no que ouvia.

— Então onde ela está?

Daemon hesitou, parecendo confuso.

— Não sei. Não tenho certeza.

A dor irrompeu em Lucivar de forma tão feroz como quando vira o sangue seco no lençol.

— Não tem certeza — zombou. — Você. O Sádico. Não tem certeza de onde enterrou a presa? Invente uma mentira mais convincente.

— Ela não morreu! — rugiu Daemon.

Ouviu-se um grito ali perto, seguido do som de passos apressados.

Daemon ergueu a mão direita. A Joia Negra reluziu. Do lado de fora dos estábulos onde estavam alojados os escravos, ouviu-se um guincho agonizante. Em seguida, fez-se silêncio.

Sabendo que não demoraria muito até que os guardas reunissem a coragem suficiente para entrar nos estábulos, Lucivar cerrou os dentes e tentou descobrir um ponto fraco nas correias que o prendiam.

— Você apenas atirou-a ao chão e a possuiu? Ou a seduziu, mentiu para ela, disse que a amava?

— Eu realmente a amo. — Os olhos de Daemon encerravam uma sombra de dúvida, um toque de medo. — Tive que mentir. Ela não queria me ouvir. Tive que mentir.

— E foi então que a seduziu para se aproximar o suficiente e depois matá-la.

Daemon explodiu em movimentos. Começou a andar para trás e para a frente na cela, balançando furiosamente a cabeça.

— Não — disse entre dentes. — Não, não, *não!* — Girou sobre os calcanhares, agarrou Lucivar pelos ombros e empurrou-o contra a parede. — Quem lhe disse que ela estava morta? QUEM?

Lucivar afastou os braços bruscamente de Daemon.

— Dorothea.

No rosto de Daemon surgiu um brilho súbito de sofrimento. Recuou.

— E desde quando você ouve o que Dorothea diz? — perguntou com amargura. — Desde quando acredita nessa vagabunda mentirosa?

— Não acredito.

— Então por que...

— As palavras mentem. O sangue, não. — Lucivar aguardou que Daemon percebesse a insinuação. — Você deixou o lençol, Bastardo — proferiu de maneira selvagem. — Todo aquele sangue. Toda aquela dor.

— Pare — murmurou Daemon com a voz trêmula. — Lucivar, por favor. Você não entende. Ela já estava ferida, já estava sofrendo, e eu...

— Você a seduziu, mentiu para ela, violou uma menina de doze anos.

— Não!

— Foi bom, Bastardo?

— Eu não...

— Gostou de tocá-la?

— Lucivar, por favor...

— GOSTOU?

— SIM!

Com um uivo de raiva, Lucivar investiu sobre Daemon com força suficiente para arrebentar as correntes — mas não foi rápido o bastante. Estatelou-se no chão, arranhando a palma das mãos e os joelhos. Levou um minuto para recuperar o fôlego. Levou outro minuto para perceber por que tremia. Olhou espantado para a camada espessa de gelo que cobria as paredes de pedra da cela. Levantou-se devagar, pernas trêmulas, sentindo um ressentimento tão profundo que lhe dilacerava a alma.

Daemon estava próximo, de pé e com as mãos enfiadas nos bolsos das calças, o rosto uma máscara inexpressiva, os olhos ligeiramente vidrados e sonolentos.

— Odeio você — sussurrou Lucivar roucamente.

— Neste momento, *irmão*, o sentimento é recíproco — afirmou Daemon demasiadamente calmo, com uma delicadeza exagerada. — Vou encontrá-la, Lucivar. Vou encontrá-la só para lhe provar que ela não morreu. E, depois de encontrá-la, volto aqui e arranco essa sua língua mentirosa.

Daemon desapareceu. A parte da frente da cela explodiu.

Lucivar caiu no chão, com as asas junto ao corpo e os braços protegendo a cabeça de uma chuva de pedras e areia.

Ouviram-se mais gritos. Mais passos apressados.

Lucivar levantou-se de um salto, ao mesmo tempo que os guardas apareciam na abertura. Cerrou os dentes e rosnou, com os olhos dourados ardendo de raiva. Bastou um olhar para que os guardas recuassem. Pelo restante da noite, bloquearam a abertura mas não tentaram entrar.

Lucivar observava-os, com a respiração silvando através dos dentes cerrados.

Poderia ter lutado para abrir caminho através dos guardas e seguir Daemon. Se Zuultah tentasse detê-lo enviando uma onda de dor através do Anel de Obediência colocado em seu órgão, Daemon soltaria sua força contra ela. A despeito da violência com que lutavam um com o outro, Lucivar e Daemon sempre se uniam contra um inimigo comum.

Poderia tê-lo seguido e forçado a batalha que destruiria um deles ou até mesmo os dois. Em vez disso, permaneceu na cela.

Tinha jurado que mataria Daemon e assim o faria. Mas não conseguia reunir coragem para matar o irmão. Ainda não.

CAPÍTULO DOIS

1 / Terreille

As batidas na porta soavam enérgicas, urgentes.

Dorothea SaDiablo ocultou as mãos trêmulas nas dobras da camisola e ficou no centro do quarto, de costas para a única vela que iluminava tenuemente o aposento.

Já fazia sete meses que procurava Daemon Sadi. Sob a forte luz do dia, com a corte à sua volta, quase conseguia se convencer de que ele não voltaria a Hayll, de que permaneceria no buraco que tinha encontrado para se esconder. Mas, à noite, tinha certeza de que ao abrir uma porta ou dobrar uma esquina o encontraria à sua espera. Ele prolongaria a sua dor além do imaginável e depois a mataria. O insulto subjacente àquela violência era o de que não a destruiria por tudo o que ela tinha feito a ele, mas sim por causa daquela criança.

Aquela maldita criança. A obsessão de Hekatah, o reaparecimento do Senhor Supremo, a morte de Greer, a doença misteriosa do seu filho Kartane, a fúria de Daemon, o ódio repentino de Lucivar por seu meio-irmão — tudo se resumia àquela garota.

A maçaneta girou. A porta se abriu alguns centímetros.

— Sacerdotisa? — chamou baixinho uma voz masculina.

O alívio foi logo substituído pela irritação.

— Entre — ordenou rispidamente.

O Sr. Valrik, Mestre da Guarda de Dorothea, entrou no quarto e fez uma reverência.

— Perdoe-me a intromissão a esta hora da noite, Sacerdotisa, mas achei que gostaria de ser informada imediatamente sobre este assunto. — Ao estalar os dedos entraram dois guardas, que seguravam rudemente um homem pelos braços.

Dorothea olhou espantada para o jovem macho haylliano dos Sangue que se encolhia de medo entre os guardas. Na verdade, não era mais do que um adolescente. E bonito. Do jeito que ela gostava. Até demais.

Deu um passo na direção do jovem, satisfeita pelo medo nos olhos vidrados.

— Você não serve na minha corte — ronronou. — Por que está aqui?

— Fui enviado, Sacerdotisa. Disseram que eu d-devia satisfazê-la.

Dorothea observou o rapaz. Suas palavras pareciam insípidas, forçadas. Não eram, com certeza, suas próprias palavras. Havia feitiços de coação que podiam forçar uma pessoa a fazer certo tipo de coisa ainda que contra sua vontade.

Avançou mais um passo.

— Quem o enviou?

— Não me disse o n...

Antes que ele conseguisse terminar a frase, Dorothea invocou um punhal e cravou-o no peito do rapaz. O ataque foi tão rápido e violento que os guardas caíram no chão junto com o jovem. Então libertou a força de sua Joia Vermelha contra as lastimavelmente inadequadas barreiras interiores do garoto e cauterizou sua mente, esvaziando-a, não deixando restar nada que pudesse voltar para assombrá-la.

— Levem essa coisa para os bosques além da cidade, para quem quer que queira a carniça — disse, entre dentes.

Os guardas pegaram o corpo e saíram apressadamente, seguidos por Valrik.

Dorothea começou a caminhar de um lado para o outro, fechando e abrindo os punhos. Maldição, maldição, maldição! Deveria ter sondado a mente do rapaz antes de destruí-lo por completo, deveria ter descoberto quem, de fato, o enviara. Mas era, com certeza, obra de Sadi! O desgraçado estava se divertindo com ela, tentando esgotar sua vigilância, tentando apanhá-la desprevenida.

Escondeu o rosto nas mãos trêmulas.

Sadi estava lá fora. Em algum lugar. Até que estivesse morto... *Não!* Morto, não. Aí é que *não* haveria qualquer esperança de controlá-lo, e, uma vez demônio-morto, ele e o Senhor Supremo uniriam forças. Jamais se esqueceria da ameaça de Saetan, a voz erguendo-se de um pesadelo em torvelinho: quando Daemon Sadi morresse, Hayll morreria também.

Exausta, Dorothea voltou à cama. Hesitou por um momento e, por fim, extinguiu a chama da vela. Na escuridão total, a segurança era maior — se é que existia qualquer segurança.

Dorothea puxou o capuz para trás e inspirou fundo antes de entrar na pequena sala de estar do velho Santuário. Hekatah já estava sentada em frente à lareira apagada, com o capuz puxado para a frente a fim de ocultar o rosto. Tinha diante de si uma taça vazia de vidro escuro.

Dorothea invocou uma garrafa de prata e colocou-a junto à taça.

Hekatah deixou escapar um resmungo irritado diante do tamanho da garrafa, contudo apontou um dedo para ela. A garrafa se abriu e elevou-se da mesa. Seu conteúdo quente e vermelho deslizou para a taça, que, por sua vez, deslizou pelo ar até a mão de Hekatah, que bebeu com vontade.

Dorothea cerrou os punhos e aguardou. Chegando ao limite da paciência,

disse com rispidez:

— Sadi ainda está à solta.

— E cada dia servirá para afiar ainda mais o seu temperamento — retrucou Hekatah com aquela voz de menina que não combinava com sua natureza cruel.

— Exatamente.

Hekatah suspirou como uma mulher saciada.

— Isso é bom.

— Bom? — explodiu Dorothea da cadeira. — Você não o conhece!

— Mas conheço o pai dele.

Dorothea sentiu um calafrio.

Hekatah pousou a taça vazia na mesa.

— Acalme-se, Irmã. Estou tecendo uma teia deliciosa para Daemon Sadi, uma teia da qual não conseguirá escapar, pois não terá vontade disso.

Dorothea voltou para a cadeira.

— Ele poderá, então, ser anelado novamente.

Hekatah deu uma risada suave, maliciosa.

— Ah, não, seria inútil para nós se estivesse anelado. Mas não se preocupe. Ele vai caçar presas maiores do que você. — Brandiu um dedo na direção de Dorothea. — Estive muito ocupada por sua causa.

Dorothea manteve-se em silêncio, recusando-se a morder a isca.

Hekatah aguardou um minuto.

— Ele irá atrás do Senhor Supremo.

Dorothea olhou espantada.

— Por quê?

— Para vingar a menina.

— Mas foi Greer quem a destruiu!

— Sadi não sabe disso — disse Hekatah. — Quando eu terminar de contar a ele *por que* isso aconteceu à menina, a única coisa que ele vai querer fazer será arrancar o coração de Saetan. É óbvio que o Senhor Supremo não vai simplesmente aceitar isso.

Dorothea reclinou-se. Fazia meses não se sentia tão bem.

— O que precisa de mim?

— Soldados para me ajudarem a montar a armadilha.

— Sendo assim, o melhor é escolher machos que sejam descartáveis.

— Não se preocupe com os guardas. Sadi não será uma ameaça para eles.

— Hekatah levantou-se, numa despedida implícita.

Quando já estavam do lado de fora, Hekatah disse friamente:

— Você não comentou nada sobre o meu presente, Irmã.

— Seu presente?

— O rapaz. Pensei em ficar com ele, mas achei que você tinha direito a uma compensação pela perda de Greer. É um servo extremamente solícito.

— Sabe o que deve fazer? — perguntou Hekatah, entregando dois frasquinhos a Greer.

— Sim, Sacerdotisa. Mas tem certeza de que ele irá a esse local?

Hekatah acariciou o rosto de Greer.

— Qualquer que seja a razão, Sadi tem visitado todos os Altares das Trevas indo para leste. Irá a esse também. É o único Portão que resta antes do que fica junto às ruínas do Paço dos SaDiablo. — Bateu com as pontas dos dedos nos lábios e franziu a sobrelance. — A velha Sacerdotisa desse Altar pode representar um problema. Mas a assistente dela é uma moça pragmática, uma característica bastante presente nos Sangue menos dotados. Você conseguirá lidar com ela.

— E a velha Sacerdotisa?

Hekatah deu de ombros com delicadeza.

— Não se deve desperdiçar uma refeição.

Greer sorriu, fez uma reverência e saiu.

Cantarolando, Hekatah executou os primeiros passos de uma dança de corte. Durante os últimos sete meses, Sadi vinha escapando das armadilhas que montara para ele e suas retaliações sempre que era obrigado a se afastar de um Portão tinham feito com que até seus servos mais fiéis no Reino das Trevas tivessem medo de atacá-lo. Durante sete meses falhara. Mas ele também falhara.

Restavam poucas Sacerdotisas em Terreille capazes de abrir os Portões. As que não tinham passado à clandestinidade depois do primeiro aviso de Hekatah haviam sido eliminadas.

Aquilo tinha lhe custado alguns dos seus demônios mais fortes, mas Hekatah garantia que Sadi nunca teria tempo de descobrir sozinho como acender as velas negras pela sequência correta para conseguir abrir um Portão. É claro que se tivesse ido diretamente para Ebon Askavi, sua busca teria terminado meses antes. Hekatah tinha passado século após século transformando o assombro natural diante do local num terror sutil — o que não era difícil, já que, na única vez que entrara na Fortaleza, o local deixara até mesmo ela apavorada. Depois de seus esforços, porém, *ninguém* em Terreille iria lá de bom grado solicitar ajuda ou refúgio, a menos que estivesse desesperado a ponto de arriscar o que quer que fosse — e, na maioria das vezes, nem mesmo assim.

Logo, Sadi, sem um local seguro ao qual se dirigir e sem ninguém em quem confiar, continuaria se escondendo, procurando, fugindo. Quando chegasse, por fim, ao Portão onde ela o estaria aguardando, o esforço dos últimos meses o deixaria ainda mais suscetível em relação ao que planejava.

— Domine o Inferno enquanto puder, grande filho da puta — exclamou, abraçando-se. — Dessa vez tenho a arma perfeita.

Saetan abriu a porta do escritório particular e deteve-se ao ver a Harpia no corredor puxando a corda do arco e apontando a flecha para o seu coração.

— Uma forma um pouco rude de solicitar uma audiência, não acha, Titian? — perguntou secamente.

— Nenhuma das minhas armas é rude, Senhor Supremo — retrucou Titian.

Saetan examinou-a por um momento antes de voltar a entrar no escritório.

— Entre e diga o que veio dizer. — Apoiando-se na bengala, foi mancando até a mesa de madeira escura, encostou-se em um dos cantos e aguardou.

Titian entrou devagar, a raiva num turbilhão como uma tempestade de inverno. Deteve-se no outro lado do aposento, enfrentando-o, destemida na sua fúria, uma Rainha Viúva Negra dos Dea al Mon demônia-morta. Mais uma vez, o arco estava em riste, com a flecha apontada para o coração de Saetan.

A paciência de Saetan, já pequena após aqueles implacáveis meses, terminou de vez.

— Abaixei essa coisa antes que eu faça algo de que ambos nos arrependemos depois.

Titian não vacilou.

— O senhor já não fez algo de que se arrepende, Senhor Supremo? Ou está tão coberto com o pus do ciúme que não tem espaço para remorsos?

As paredes do Paço ribombaram.

— Titian — disse, com demasiada delicadeza —, não avisarei outra vez.

Com relutância, Titian fez desaparecer o arco e a flecha.

Saetan cruzou os braços.

— Na verdade, seu autocontrole me surpreende, senhora. Esperava que esta conversa tivesse acontecido muito tempo antes.

Titian sibilou.

— Então é verdade? Ela caminha entre as *cildru dyathe*?

Saetan observou a tensão crescente em Titian.

— E se for?

Titian fixou o olhar em Saetan durante um terrível momento para depois inclinar a cabeça para trás e começar a chorar.

Saetan olhou com espanto para ela, abalado. Sabia que o boato se espalharia pelo Inferno. Sabia que Titian, tal como Char, o líder das *cildru dyathe*, o procurariam. Contava com a sua fúria. Essa fúria poderia enfrentar. O ódio poderia aceitar. Mas não isto.

— Titian — disse, com uma voz insegura. — Titian, venha aqui.

Titian continuava chorando.

Saetan mancou na sua direção. Ela não pareceu reparar que Saetan a tomou nos braços e a abraçou com força, afagando seu longo cabelo grisalho,

murmurando palavras de pesar no Idioma Antigo.

— Titian — disse suavemente, quando o pranto se transformou num resmungo —, lamento pela dor que causei, mas não pôde ser evitado.

Titian enterrou o punho no estômago de Saetan e o fez cair no chão.

— Você lamenta — rosnou ao caminhar enfurecida pelo escritório. — Ora, eu também. Lamento que tenha sido simplesmente o meu punho e não uma faca, ainda agora. Você merece ser estripado por isso! Velho ciumento. *Monstro!* Não poderia tê-la deixado desfrutar de um romance inocente sem a dilacerar por despeito?

Conseguindo finalmente recuperar o fôlego, Saetan apoiou-se num cotovelo.

— A Feiticeira não se torna *cildru dyathe*, Titian — afirmou friamente. — A Feiticeira não se torna demônio-morto. Por isso, diga-me o que prefere: que afirme que ela caminha entre as *cildru dyathe* ou que deixe uma menininha vulnerável a outros ataques de inimigos?

Titian deteve-se, com um olhar embargado nos grandes olhos azuis. Inclinou-se sobre Saetan, tentando ler sua expressão.

— A Feiticeira não pode se tornar demônia-morta?

— Não. Mas, no Inferno, só quem sabe disso são você e Char.

— Admito — disse ela devagar — que a melhor forma de enganar um inimigo é enganar um amigo. — Considerou esta afirmação durante mais um momento e, em seguida, ofereceu uma mão a Saetan para ajudá-lo a erguer-se. Pegou sua bengala e olhou-o nos olhos. — Uma Harpia é uma Harpia pela forma como morreu. Isso contribuiu para a credibilidade dos boatos.

Aquilo era o mais parecido com um pedido de desculpas que jamais esperaria ouvir de Titian.

Saetan aceitou a bengala, agradecido.

— Direi a você o que disse a Char — proferiu. — Se ainda mantiver sua amizade e se desejar ajudar, há algo que pode fazer.

— E o que é, Senhor Supremo?

— Continue com raiva.

Acendeu-se um fogo nos olhos de Titian. Nos seus lábios, entreviu-se um sorriso que logo desapareceu.

— Uma flecha errando por pouco seria muitíssimo convincente.

Saetan ergueu uma sobrancelha e estalou a língua em reprovação.

— Uma feiticeira Dea al Mon errando o alvo?

Titian deu de ombros.

— Nem os Dea al Mon acertam sempre.

— No caso de não conseguir errar, tente não mirar algo que seja de importância vital — disse Saetan secamente.

Titian pestanejou. Um leve sorriso voltou aos lábios.

— As Harpias miram unicamente uma área da anatomia masculina, Senhor Supremo. Quão vital a considera?

— Pode ir — disse Saetan.

Titian fez uma reverência e saiu.

Saetan fixou a porta do escritório durante alguns momentos antes de mancar até uma cadeira. Deixou-se cair com um suspiro, esticando as pernas. Um minuto depois, saiu do escritório, caminhando pelos corredores em direção aos quartos acima, no Paço, esperando que Mephis ou Andulvar estivessem por lá.

Ansiava por companhia. Companhia masculina.

Ter Titian como amiga não deixava um homem muito tranquilo.

3 / Terreille

Sob o luar, o vento fustigava os campos de um prateado fantasmagórico. Ao longo do dia quente de solstício de verão, nuvens de tempestade tinham se acumulado no horizonte, e ouvia-se à distância o estrondo dos trovões.

Surreal abotoou o casaco e se abraçou para se aquecer. O ar tinha esfriado. Dali a uma hora a tempestade cairia sobre Beldon Mor. A essa altura, já teria regressado à casa da Lua Vermelha de Deje, como convidada de honra do seu íntimo jantar de aposentadoria.

Depois daquela noite no Altar de Cassandra, já não conseguia suportar o jogo sexual, nem mesmo quando ele tinha por objetivo facilitar um homicídio. Não passaria fome se deixasse de se prostituir. Lord Marcus, o administrador de Sadi, também cuidava de seus investimentos, e o fazia muito bem. Além disso, sempre tinha preferido ser assassina a prostituta.

Surreal balançou a cabeça. Poderia pensar no assunto depois.

Caminhando devagar no pequeno jardim de arbustos ao fundo do campo, chegou à grande árvore com um galho perfeito para um balanço. Alguma coisa pendia do galho, mas não era um brinquedo de criança.

Surreal olhou para cima tentando sentir a presença fantasmagórica, vislumbrar a silhueta transparente.

— Você não vai encontrá-la — disse a voz de uma menina. — Marjane foi embora.

Surreal virou-se e olhou espantada para a menina com a garganta cortada e o vestido ensanguentado. Tinha conhecido Rose sete meses antes, quando Jaenelle lhe mostrara o terrível segredo de Briarwood. Na noite seguinte, ela e Rose tinham tirado Jaenelle de Briarwood, embora tarde demais para evitar a cruel violação.

— O que aconteceu com ela? — perguntou Surreal, olhando de relance para a árvore. Uma pergunta idiota sobre uma menina morta havia muito tempo.

Rose deu de ombros.

— Ela se dissipou. Todos os fantasmas antigos finalmente voltaram às

Trevas. — Estudou Surreal. — Por que está aqui?

Surreal respirou fundo.

— Vim me despedir. Vou deixar Chaillot pela manhã... e não voltarei.

Rose ponderou estas palavras.

— Se você segurar minha mão, talvez consiga ver Dannie. Não sei como Jaenelle sempre conseguia ver os fantasmas. Mesmo depois que me tornei demônia, eu não conseguia ver os mais antigos, a não ser que Jaenelle estivesse presente. Ela disse que era porque este era um dos Reinos dos vivos.

Surreal segurou a mão de Rose. Dirigiram-se à horta.

— Jaenelle está bem? — perguntou Rose, hesitante.

Surreal afastou do rosto o cabelo emaranhado pelo vento.

— Não sei. Tinha ferimentos bastante graves. Uma feiticeira no Altar de Cassandra levou-a para um lugar seguro. Pode ter chegado a uma Curandeira a tempo.

Pararam no canteiro das cenouras, onde duas irmãs ruivas haviam sido enterradas em segredo. Mas não se viam ali silhuetas nem murmúrios. Surreal não sentiu o horror entorpecedor como da primeira vez que visitara o jardim. Sentia uma mistura de pesar e esperança de que as jovens finalmente estivessem para além da memória do que lhes tinha sido feito.

Dannie era a única naquele local. Surreal esforçou-se para não olhar para o coto fantasmagórico onde antes certamente havia uma perna. Sentiu um nó no estômago quando se esforçou ainda mais para não lembrar o destino dado àquela perna.

Deixando de lado a pena que sentia, Surreal enviou um fio psíquico de afeto e de amizade em direção à menina-fantasma.

Dannie sorriu.

Até na morte os Sangue eram cruéis, pensou Surreal ao apertar a mão fria de Rose. Como deviam ter sido vazios e solitários os anos para aquelas que não eram fortes o bastante para se tornar demônias-mortas, mas fortes demais para voltar às Trevas. Ali permaneciam, acorrentadas às sepulturas, invisíveis, inaudíveis, sem ninguém para cuidar delas — à exceção de Jaenelle.

O que *teria* acontecido com ela?

Surreal e Rose voltaram para o jardim de arbustos.

— Deveriam ser todos estripados — resmungou Surreal, soltando a mão de Rose. Encostou-se na árvore e olhou fixamente para o edifício. A maior parte das janelas estava na escuridão, mas havia algumas luzes fracas acesas. Invocando seu punhal preferido, Surreal balançou-o com a mão e sorriu. — Antes de partir, talvez eu possa alimentar o jardim com um ou dois tios.

— Não — disse Rose bruscamente, colocando-se à frente de Surreal. — Você não pode tocar em nenhum tio de Briarwood. Ninguém pode.

Surreal endireitou o corpo, com uma expressão selvagem nos olhos verdedourados.

— Sou excelente no que faço, Rose.

— Não — insistiu Rose. — Quando o sangue de Jaenelle foi derramado, a

teia emaranhada que ela criou foi despertada. É uma armadilha para todos os tios.

Surreal olhou para o edifício, depois para Rose. Tinha ouvido rumores sobre uma doença misteriosa que afetava vários membros superiores do conselho de Chaillot — como Robert Benedict —, bem como alguns dignitários especiais — como Kartane SaDiablo.

— Esta armadilha vai matá-los?

— A seu tempo — disse Rose.

Um brilho maldoso surgiu nos olhos de Surreal.

— E existe cura?

— Briarwood é o belo veneno. Não existe cura para Briarwood.

— Vai ser doloroso?

Rose deu um largo sorriso.

— Cada um receberá o que merece.

Surreal fez desaparecer o punhal.

— Já que é assim, que os filhos da puta berrem de dor.

4 / Terreille

Sob a luz de duas tochas fumegantes, a jovem Sacerdotisa verificou duas vezes as ferramentas que tinha colocado no Altar das Trevas. Tudo estava preparado: o candelabro com quatro velas negras, a pequena taça de prata e os dois pequenos frascos com um líquido escuro — um deles com uma rolha branca, outro com uma rolha vermelha.

Ao lhe entregar os frasquinhos, o desconhecido com as mãos deformadas lhe garantia que o antídoto evitaria que ela fosse afetada pela infusão de feitiçeira criada para subjugar um Príncipe dos Senhores da Guerra.

A jovem caminhava de um lado para outro atrás do Altar, roendo a unha do polegar. Aquilo tinha parecido tão fácil, porém...

Parou, sem se atrever a respirar, ao olhar para o corredor na penumbra, do outro lado do portão de ferro batido. Haveria alguma coisa ali?

Nada além do silêncio no silêncio da noite, uma sombra nas sombras, deslizando em direção ao Altar com a graça de um predador.

A Sacerdotisa foi para atrás do Altar, quebrou o lacre do frasco de rolha branca e engoliu apressadamente seu conteúdo. Fez desaparecer o vidro e se levantou. Quando voltou a olhar na direção do portão de ferro batido, agarrou a Joia Amarela como se esta pudesse protegê-la.

Ele estava do outro lado do Altar, observando-a. Apesar das roupas amarrotadas e do cabelo desgrenhado, emanava uma energia fria e carnal.

A Sacerdotisa passou a língua pelos lábios e esfregou as mãos úmidas no manto. Os olhos dourados do homem pareciam sonolentos, ligeiramente

vidrados.

Foi então que ele sorriu.

Ela estremeceu e respirou fundo.

— Veio em busca de aconselhamento ou auxílio?

— Auxílio — disse, com uma voz profunda e delicada. — Você tem os conhecimentos necessários para abrir o Portão?

Como um homem poderia ser tão belo?, pensava a Sacerdotisa, enquanto assentia com a cabeça.

— Isso tem um preço. — Sua voz pareceu ser engolida pelas sombras.

Com a mão esquerda, o homem retirou um envelope de um bolso interior do casaco e colocou-o no Altar.

— Será suficiente?

Ao estender a mão para pegar o envelope, a Sacerdotisa olhou de soslaio para ele e sua mão se deteve sobre o envelope branco e grosso. Havia algo naquela pergunta, embora tivesse sido feita de forma educada, que a avisava que era melhor que fosse o suficiente.

Ela se forçou a pegar o envelope, a olhar dentro dele, e, em seguida, apoiou-se no Altar para se equilibrar. Mil marcos em ouro. Pelo menos dez vezes mais do que o desconhecido com as mãos deformadas tinha lhe oferecido.

Porém, já tinha feito um acordo com o desconhecido e teria tempo suficiente para guardar os marcos antes de os guardas chegarem.

Colocou o envelope cautelosamente na extremidade mais afastada do Altar.

— Muito generoso — disse, esperando não parecer muito impressionada.

Respirando fundo, ergueu a taça de prata acima da cabeça e colocou-a à sua frente. Quebrou o lacre do frasco de rolha vermelha, despejou o conteúdo na taça e estendeu-a a ele.

— A viagem pelo Portão é um empreendimento árduo. Isto vai ajudá-lo.

Ele não pegou a taça.

A Sacerdotisa emitiu um ruído de impaciência e bebeu um gole da taça, tentando não ficar enjoada com o sabor amargo, e, depois, voltou a estendê-la ao homem.

Ele pegou-a com a mão esquerda e suas narinas se dilataram ao cheirar o líquido, mas não o bebeu.

Passou-se um minuto. Dois.

Com um dar de ombros imperceptível, engoliu o conteúdo da taça.

A Sacerdotisa prendeu a respiração. Quanto tempo levaria para fazer efeito? Quanto tempo os guardas levariam para chegar?

Os olhos do homem se alteraram. Ele se desequilibrou. Encostou-se no Altar e olhou na direção da Sacerdotisa, tal como um amante para a sua senhora. Não conseguia desviar os olhos dos seus lábios. Macios. Sensuais. Inclinou-se na sua direção. Um beijo. Um doce beijo.

Pouco antes de seus lábios tocarem os dela, o homem agarrou-a pelo pulso com a mão direita.

— Vagabunda — rosnou mansamente.

Surpresa, ela tentou se soltar.

À medida que a mão apertava cada vez mais, a Sacerdotisa olhou para o anel com a Joia Negra.

As longas unhas do homem perfuraram sua pele. Foi então que ela sentiu a picada do dente de serpente embaixo da unha do dedo anelar, o veneno gelando seu sangue.

Ela se debateu, tentando atingir seu rosto, gritar por socorro, enquanto sua visão embaçava e seus pulmões se recusavam a receber o ar necessário.

Ele quebrou seus dois pulsos, partindo os ossos ao mesmo tempo que a empurrava para longe de si.

— O veneno do meu dente de serpente não faz efeito tão rápido como você poderia pensar — disse com demasiada calma, com demasiada delicadeza. — No final você vai conseguir gritar. Vai ser uma agonia fazer isso, mas vai gritar.

E desapareceu, sem deixar nenhum traço além de um silêncio no silêncio da noite, uma sombra nas sombras.

Quando os guardas chegaram, a Sacerdotisa já gritava.

5 / Terreille

O chão girava debaixo dos seus pés, castigando as pernas que já tremiam sem forças e que latejavam devido à repugnante infusão de feitiçeira.

Atrás daquela porta havia um lugar seguro. Ao alcançá-lo, o chão girou outra vez, fazendo-o tropeçar. Bateu com o ombro na porta e ouviu o estalo da madeira velha e podre. Caiu pesadamente de lado, no chão do aposento.

— Vagabunda — rosnou em voz mansa.

Névoa Cinza. Um cálice de cristal estilhaçado. Velas negras. Cabelo louro. Sangue. Tanto sangue.

As palavras mentem. O sangue, não.

— Cale a boca, Sacana — ordenou com rispidez.

O chão continuava a girar sob seus pés. Daemon cravou as unhas compridas na madeira, tentando se equilibrar, tentando pensar.

A febre estava perigosamente alta e ele sabia que precisava de comida, água e descanso. No momento, era presa fácil para quem quer que o procurasse naquela casa abandonada onde tinha passado os primeiros anos da sua vida com Tersa, sua verdadeira mãe.

Tudo tem um preço.

Se tivesse se rendido do lado de fora daquele Santuário três dias antes, se tivesse permitido que os guardas hayllianos o encontrassem, talvez a infusão não o tivesse deixado tão doente. Contudo, havia forçado o corpo além do limite, para chegar ao Portão próximo às ruínas do Paço dos SaDiablo.

Ele sempre que o cansaço chegava, sempre que a força de vontade diminuía um pouco, uma bruma cinza começava a nublar sua mente, uma bruma que ele sabia conter algo extremamente terrível. Algo que não desejava ver.

Você é meu instrumento.

Palavras como relâmpagos negros saíam da bruma, ameaçando cauterizar sua alma.

As palavras mentem. O sangue, não.

Estava a menos de dois quilômetros do Portão.

— Lucivar — sussurrou. Mas estava sem forças para se sentir zangado com a traição do irmão.

Você é meu instrumento.

— Não. — Tentou se pôr de pé, mas não conseguiu. Ainda assim, algo no seu interior ainda resistia — Não. Não sou seu instrumento. Sou... sou... Daemon... Sadi.

Fechou os olhos e foi engolido pela névoa cinza.

Com um gemido, Daemon virou-se de costas e abriu os olhos devagar. Até isso era difícil. A princípio, achou que estivesse cego. Depois começou a distinguir vultos na escuridão.

Noite. Era noite.

Respirando lentamente, começou a avaliar os danos físicos.

Sentia-se seco como madeira velha, rígido como uma pedra. Os músculos ardiam. O estômago doía de fome e a sede era intensa. A febre havia baixado em certo momento, mas...

Havia algo errado.

As palavras mentem. O sangue, não.

As palavras ditas por Lucivar pairavam à sua volta, crescendo cada vez mais, tornando-se sólidas. Atingiram a mente de Daemon, fragmentando-a ainda mais.

Daemon gritou.

Você é meu instrumento.

Enquanto as palavras de Saetan ecoavam dentro dele, a dor aumentou — e o medo surgiu. Medo de que a névoa que preenchia a sua mente pudesse se dissipar, revelando algo terrível.

Daemon.

Agarrando-se furiosamente à memória de Jaenelle e sussurrando seu nome como uma carícia suave, Daemon pôs-se de pé. Conseguiria manter as vozes afastadas, desde que se lembrasse do nome dela.

Suas pernas estavam muito pesadas, mas ele conseguiu deixar a casa e seguir os vestígios de energia que o levariam ao Paço. Ainda que cada passo fosse uma agonia, quando chegou ao Paço movia-se praticamente com sua graça habitual.

No entanto, ainda havia algo terrivelmente errado. Era difícil lembrar-se de

que seu nome era Daemon Sadi, Príncipe dos Senhores da Guerra, era difícil lembrar-se de quem ele era. Precisava resistir um pouco mais. Precisava.

Reunindo suas últimas energias e força de vontade, Daemon se aproximou com cuidado do pequeno edifício onde ficava o Altar das Trevas.

Hekatah rondava o pequeno prédio que se erguia à sombra das ruínas do Paço dos SaDiablo. Erguia os punhos no ar, mais frustrada do que julgava ser possível por conta dos últimos três dias. Ainda assim, sempre que dava a volta pelo Altar, olhava de relance para a parede que havia atrás, temendo que se transformasse numa névoa e que Saetan atravessasse o Portão para enfrentá-la.

Contudo, ultimamente, o Senhor Supremo andava ocupado demais com suas próprias ocupações para prestar atenção nela.

Seu principal problema no momento era Daemon Sadi.

Depois de ingerir a bebida que ela tinha preparado, era *impossível* ele ter deixado aquele Altar das Trevas, apesar do que juravam aqueles guardas idiotas. Mas se ele estivesse realmente vindo para aquele Portão... no momento, a segunda parte da sua infusão, a parte que tornaria a mente de Daemon receptiva às suas palavras ensaiadas com todo o cuidado, estaria no auge. Ela planejava sussurrar-lhe palavras envenenadas enquanto cuidava dele durante seu estado de febre e de dor, para que, quando a febre baixasse, essas palavras tivessem se consolidado como uma verdade terrível da qual ele não poderia escapar. E então, toda aquela força, toda aquela raiva se tornariam um punhal apontado para o coração de Saetan.

Todos os seus planos cuidadosamente elaborados estavam à beira da ruína porque...

Hekatah parou de repente.

Havia somente o silêncio no silêncio da noite.

Olhou para as tochas apagadas nas paredes e decidiu não acendê-las. O luar proporcionava luz suficiente.

Sem querer desperdiçar energia num escudo de visão, Hekatah se escondeu num recanto sombrio. Assim que ele entrasse na sala do Altar, sairia de trás dele e o pegaria de surpresa.

Esperou. Quando já começava a achar que havia se enganado, lá estava ele, sem aviso, na entrada do portão de ferro batido, olhando fixamente para o Altar. Mas não entrou na sala.

Franzindo a sobancelha, Hekatah virou um pouco a cabeça a fim de olhar para o Altar. Tudo estava como deveria. O candelabro sujo não tinha brilho e a cera das velas negras que havia queimado com tanto cuidado para que não parecessem ter sido usadas recentemente pendiam como estalactites dos braços de prata.

Receando que Daemon fosse embora, Hekatah se aproximou do portão de ferro batido.

— Estava à sua espera, Príncipe.

— É mesmo? — Sua voz parecia entorpecida, exausta.

Perfeito.

— É a você que devo agradecer pelos demônios nos outros Altares? — perguntou ele.

Como poderia saber que ela era uma demônia? Saberia quem ela era? De repente, perdeu a confiança para lidar com este filho tão parecido com o pai, mas balançou a cabeça com grande pesar.

— Não, Príncipe. No Inferno só existe um poder capaz de dominar os demônios. Estou aqui porque tinha uma jovem amiga que era muito especial para mim. Uma amiga, creio, que tínhamos em comum. Por isso o aguardava.

Fogo do Inferno! Será que não havia *alguma* expressão naqueles olhos que lhe indicasse que estava conseguindo afetá-lo?

— Jovem é um termo relativo, não acha?

Estava *brincando* com ela! Hekatah cerrou os dentes.

— Uma criança, Príncipe. Uma criança especial. — Forçou um tom de súplica na voz. — Esperei aqui correndo grande risco. Se o Senhor Supremo descobrir que tentei dizer aos amigos dela... — Olhou de relance para a parede atrás do Altar.

O homem do outro lado do portão continuava sem reagir.

— Ela caminha entre as *cildru dyathe* — disse Hekatah.

Um longo silêncio.

— Impossível — disse Daemon por fim. Sua voz era inexpressiva, completamente destituída de emoções.

— É *verdade*. — Estaria errada em relação a ele? Estaria ele apenas tentando escapar de Dorothea? Não. Nutria sentimentos pela garota. Hekatah suspirou. — O Senhor Supremo é um homem ciumento, Príncipe. Não partilha aquilo que reivindica para si próprio... muito menos o corpo de uma fêmea. Ao descobrir o afeto da menina por outro macho, nada fez para impedir que fosse violada. E podia ter impedido, Príncipe. *Podia*. Ela conseguiu escapar. Com o tempo e com ajuda, teria se restabelecido. Mas o Senhor Supremo não queria que ela se recuperasse, e por isso, sob pretexto de ajudá-la, usou outro macho para terminar o que já tinha sido iniciado. Destruíu-a completamente. Seu corpo morreu e sua mente foi dilacerada. Agora ela é um bichinho de estimação morto e de olhar vazio com o qual ele brinca.

Hekatah levantou os olhos e quis gritar de frustração. Teria ele ouvido alguma coisa do que ela dissera?

— Ele deveria pagar pelo que fez — guinchou. — Se tiver coragem o suficiente para enfrentá-lo, posso abrir o Portão para você. Quem quer que se lembre do que ela poderia ter sido deveria exigir que ele fosse punido pelo que fez.

Durante muito tempo, Daemon ficou olhando para ela. Por fim, deu meia-volta e foi embora.

Praguejando, Hekatah começou a andar de um lado para outro. Por que ele

não dissera uma única palavra? Era uma história plausível. Oh, ela sabia que Daemon fora acusado do estupro, mas sabia também que isso não era verdade. E não estava totalmente convencida de que *ele* estivera de fato no Altar de Cassandra naquela noite. Todos os machos que juravam tê-lo visto tinham vindo de Briarwood. Poderiam ter contado essa história para que as Rainhas de Chaillot não os investigassem. Certamente...

Um grito estilhaçou a noite.

Hekatah deu um salto, abalada pelo horrível som. Besta, animal, humano. Nada disto e tudo isto. O que quer que produzisse um som assim...

Acendeu rapidamente as velas negras e aguardou impaciente que a parede se transformasse em nevoeiro. Pouco antes de transpor o Portão, lembrou-se de que não haveria ninguém para apagar as velas e fechar a entrada para os outros Reinos. Se aquela coisa...

Hekatah ergueu a mão e trancou o portão de ferro batido com a Vermelha.

Outro grito rasgou a noite.

Hekatah cruzou rapidamente o Portão. Podia ser uma demônia, mas não desejava que aquilo a seguisse no Reino das Trevas.

As palavras giravam à sua volta, ferindo sua mente, ferindo sua alma.

A névoa cinza se dissipou, deixando aparecer um Altar das Trevas.

Sangue. Tanto sangue.

... usou outro macho...

O mundo se estilhaçou.

Você é meu instrumento.

Sua mente se estilhaçou.

... destruiu-a completamente.

Gritando em agonia, fugiu pela bruma, por uma paisagem banhada de sangue e repleta de cálices de cristal estilhaçados.

As palavras mentem. O sangue, não.

Voltou a gritar, caindo na paisagem interior estilhaçada, que os plebeus chamam de loucura e os Sangue, de Reino Distorcido.



SEGUNDA PARTE

CAPÍTULO TRÊS

1 / Kaeleer

Karla, uma Rainha glaciana de quinze anos, deu uma cotovelada nas costelas do primo.

— Quem é aquela?

Morton olhou para onde Karla apontava com o queixo, e em seguida voltou a observar os jovens Senhores da Guerra que se reuniam numa das extremidades do salão de banquetes.

— É a nova amante do Tio Hobart.

Karla estreitou os olhos azuis da cor de gelo e examinou a jovem feiticeira.

— Não parece muito mais velha do que eu.

— Não é — disse Morton em tom sombrio.

Karla deu o braço ao primo, confortando-se com a proximidade.

A sociedade glaciana tinha começado a mudar depois do “acidente” que matara seus pais e os de Morton seis anos antes. Um grupo de machos da aristocracia formara imediatamente um conselho de machos “pelo bem do Território” — liderado por Hobart, um Senhor da Guerra de Joia Amarela que era parente distante do pai de Karla.

Todas as Rainhas das Províncias, após se recusarem a servir como testas de ferro do conselho, também se recusaram a reconhecer a Rainha de um pequeno povoado que o conselho por fim escolhera para governar o Território. A recusa tinha dividido Glácia, mas, ao mesmo tempo, evitara que o conselho de machos se tornasse muito poderoso ou muito eficiente na execução dos “ajustes” à sociedade glaciana.

Ainda assim, seis anos depois, pairava no ar uma sensação incômoda, a impressão de que havia algo errado.

Karla não tinha muitos amigos. Era uma Rainha perspicaz e de língua afiada, com a Azul-Safira como Joia de Direito por Progenitura. Era também Viúva Negra natural e Curandeira. Entretanto, como Lord Hobart era agora o chefe da família, ela passava boa parte do seu tempo de convívio social com as filhas de outros membros do conselho de machos — e essas garotas andavam dizendo era indecente: as feiticeiras respeitáveis devem se submeter aos machos mais sensatos e mais cultos; os machos dos Sangue não deveriam ter de servir ou se submeter a Rainhas, uma vez que são do sexo mais forte; a única razão pela qual as Rainhas e Viúvas Negras querem ter o poder de

controlar os machos é porque são sexualmente e emocionalmente incapazes de serem mulheres de verdade.

Indecente. E terrível.

Quando era mais nova, tinha se perguntado por que as Rainhas das Províncias e as Viúvas Negras tinham se contentado com um impasse em vez de lutar.

Glácia está encerrada num inverno frio e sombrio, tinham lhe dito as Viúvas Negras. *Temos de fazer tudo que for possível para permanecer fortes até a chegada da primavera.*

Mas conseguiam aguentar mais cinco anos até que ela atingisse a maioridade? Será que ela atingiria a maioridade? A morte de sua mãe e sua tia não fora um acidente. Alguém tinha eliminado a Rainha e a Viúva Negra mais poderosas de Glácia, deixando o território vulnerável a... o quê?

Jaenelle poderia ter lhe dito, mas Jaenelle...

Karla conteve a raiva amarga que nos últimos tempos parecia prestes a explodir. Forçando-se a desviar a atenção das memórias, examinou a amante de Hobart, dando novamente uma cotovelada nas costelas de Morton.

— Pare com isso — vociferou Morton.

Karla o ignorou.

— Por que ela está usando um casaco de couro dentro de casa?

— Foi o presente de consumação do Tio Hobart.

Ela tocou com a ponta dos dedos no cabelo curto e arrepiado, com um tom louro quase branco.

— Nunca vi uma pele dessas. Não é de urso branco.

— Acho que é de gato arceriano.

— Gato arceriano? — Não podia ser. A maioria dos glaciaños não caçava em Arcéria, pois os felinos de lá eram grandes e ferozes, e a probabilidade de um caçador se tornar presa era imensa. Além disso, havia algo *errado* com aquela pele. Podia perceber isso mesmo à distância. — Vou até lá prestar homenagem.

— Karla. — O aviso na voz de Morton não dava margem para dúvidas.

— Vou lá! Beijos! — Sorriu perversamente e deu um abraço afetuoso no primo antes de se dirigir ao grupo de mulheres que admirava o casaco.

Foi fácil se misturar discretamente. Algumas mulheres repararam na sua presença, mas estavam mais interessadas na menina que tagarelava — Karla não conseguia chamá-la de Irmã.

— ... caçadores de um lugar distante — dizia a menina.

— Tenho uma gola feita de couro arceriano, mas não é tão luxuosa como esta — disse, cheia de inveja, uma das mulheres.

— Esses caçadores descobriram um jeito novo de recolher a pele. Hobie me disse depois que... — Ela soltou uma risadinha.

— Como?

— É segredo.

A isso seguiram-se alguma súplicas sussurradas.

Hipnotizada pela pele, Karla tocou-a no exato momento em que a garota voltou a dar uma risadinha, e disse:

— Esfolam o gato *vivo*.

Afastou a mão na hora, sobressaltada. *Vivo*.

E parte da energia do ser que tinha vivido naquela pele ainda permanecia ali. Era isso que a tornava tão luxuosa.

Uma feiticeira. Uma dos Sangue, a quem Jaenelle chamava de parentes.

Karla vacilou. Tinham assassinado cruelmente uma feiticeira.

Abriu caminho, empurrando as mulheres do grupo, e seguiu cambaleante em direção à porta. Passado um momento, Morton estava a seu lado, com o braço em volta da cintura da prima.

— Lá para fora — disse ela, ofegante. — Acho que vou vomitar.

Logo que saíram, Karla engoliu em seco o ar frio do inverno e começou a chorar.

— Karla — murmurou Morton, com um abraço apertado.

— Era uma feiticeira — soluçou Karla. — Era uma feiticeira e a esfolaram viva para que aquela putinha pudesse...

Sentiu um calafrio percorrer Morton, que a abraçou ainda mais forte, como se pudesse protegê-la. E *tentaria* protegê-la, por isso Karla não podia deixar transparecer como se sentia em perigo sempre que Tio Hobart olhava para ela. Com dezesseis anos, Morton tinha acabado de iniciar sua educação formal na corte. Era a única verdadeira família que lhe restava — e o único amigo.

A raiva amarga explodiu sem aviso.

— Já se passaram dois anos! — Empurrou Morton até que ele a soltasse. — Está em Kaeleer há dois anos e não veio nos visitar uma única vez! — Começou a caminhar furiosamente.

— As pessoas mudam, Karla — disse Morton, cauteloso. — Os amigos nem sempre permanecem sendo amigos.

— Mas não Jaenelle. Não comigo. Aquele desgraçado filho da puta do Paço dos SaDiablo a mantém presa de alguma maneira. Eu sinto, Morton. — Bateu no peito com tanta força que Morton estremeceu. — Eu sinto isso aqui dentro.

— O Conselho das Trevas o nomeou tutor legal...

Karla o interrompeu, furiosa.

— Não me venha falar de tutores, Lord Morton — silvou. — Conheço bem os “tutores”.

— Karla — disse Morton num fio de voz.

— Karla — imitou Karla com amargura. — É sempre “Karla”. É Karla quem está fora de controle. É Karla quem está emocionalmente instável, devido à aprendizagem na Assembleia da Ampulheta. É Karla quem anda emotiva demais, agressiva demais, irascível demais. Foi Karla quem abandonou todos aqueles encantadores modos afetados que os machos acham atraentes.

— Os machos não acham que...

— E é Karla quem vai acabar com o próximo filho da puta que tentar enfiar a mão ou o que quer que seja entre as suas pernas!

— O quê?

Karla deu as costas para Morton. Fogo do Inferno, Mãe Noite, que as Trevas sejam misericordiosas. Não tivera a intenção de dizer aquilo.

— Foi por isso que você cortou o cabelo desse jeito depois que Tio Hobart insistiu para que voltasse à propriedade da família? Foi por isso que queimou todos os seus vestidos e começou a usar minhas roupas velhas? — Morton agarrou seu braço, virando-a de frente para ele. — Foi por isso?

Os olhos de Karla se encheram de lágrimas.

— Uma feiticeira derrotada é uma feiticeira obediente — disse baixinho. — Não é verdade, Morton?

Morton balançou a cabeça.

— Você usa a Azul-Safira por Direito de Progenitura. Não existem machos em Glácia que usem Joias mais escuras do que a Verde.

— Um macho dos Sangue pode fazer frente à força de uma feiticeira se esperar pelo momento certo e tiver ajuda.

Morton praguejou baixinho, tomado de rancor.

— E se for por isso que Jaenelle já não vem mais nos visitar? E se ele fez com ela o mesmo que Tio Hobart quer fazer comigo?

Morton se afastou de Karla.

— Estou surpreso que você ainda tolere a minha presença.

Karla quase conseguia distinguir as feridas que a verdade tinha aberto no coração de Morton. Nada podia fazer em relação à verdade, mas havia algo que *podia* fazer em relação às feridas.

— Você é família.

— Sou macho.

— Você é o Morton. A exceção à regra.

Morton hesitou, para depois abrir os braços.

— Quer um abraço?

Jogando-se nos braços do primo, Karla o abraçou tão forte quanto ele a abraçou.

— Ouça — disse Morton, com a voz rouca. — Escreva uma carta ao Senhor Supremo e pergunte a ele se Jaenelle pode vir visitá-la. Peça uma resposta.

— O Velho Peidão jamais permitirá que eu envie um mensageiro ao Paço dos SaDiablo — resmungou Karla.

— Tio Hobart não vai saber. — Morton respirou fundo. — Eu mesmo entregarei a carta e aguardarei uma resposta.

Antes que Morton pudesse lhe oferecer um lenço, Karla recuou, fungou e limpou o rosto na camisa que tinha tirado do guarda-roupa do rapaz. Fungou uma vez mais e deixou de lado as emoções insignificantes.

— Karla — disse Morton, observando-a nervosamente. — Você vai escrever uma carta *cordial*, não é?

— Serei o mais cordial possível — garantiu.

Morton resmungou.

Oh, sim. Escreveria ao Senhor Supremo. E, de uma forma ou de outra,

obteria sua resposta.

Por favor, Doces Trevas. Seja novamente minha amiga. Sinto saudades de você. Preciso de você. Reunindo as forças da Azul-Safira, lançou uma palavra às Trevas.

Jaenelle!

— Karla? — chamou Morton, tocando o braço da prima. — O banquete está quase começando. Temos de comparecer, nem que seja por pouco tempo.

Karla estava imóvel, nem sequer se atrevendo a respirar.

Jaenelle?

Passaram-se alguns segundos.

— Karla? — chamou Morton.

Karla inspirou fundo e expirou sua desilusão. Deu o braço a Morton e voltou para o salão de banquetes.

Morton ficou do lado de Karla durante o resto da noite, e ela ficou grata pela companhia. Porém, teria trocado seu carinho e proteção num instante para que aquele fraco mas sombrio toque psíquico que imaginara ter sentido fosse real.

2 / Kaeleer

Quando Andulvar Yaslana se instalou na cadeira em frente à mesa de madeira escura no escritório público de Saetan, este levantou os olhos da carta para a qual estivera olhando, pasmo, durante a última meia hora.

— Leia isto — disse, entregando-a a Andulvar.

Enquanto Andulvar lia a carta, Saetan contemplava, cansado, as pilhas de papéis na mesa. Tinham se passado vários meses desde que pisara no Paço pela última vez, e ainda mais tempo desde que concedera audiências às Rainhas que governavam as Províncias e os Distritos no seu Território. Seu filho mais velho, Mephis, cuidava dos assuntos oficiais de Dhemlan da melhor forma que conseguia, como vinha fazendo há séculos, mas os outros...

— *Cadáver chupador de sangue?* — cuspiu Andulvar.

Com certo deleite, Saetan observou Andulvar rosnar ao ler o resto da carta. Não tinha achado graça nenhuma ao lê-la pela primeira vez, mas a assinatura e a caligrafia de adolescente tinham abrandado sua fúria — e adicionado uma outra camada à sua tristeza.

Andulvar jogou a carta na mesa.

— Quem é Karla e como se atreve a lhe escrever algo assim?

— Não só se atreve, como aguarda uma resposta pelo mensageiro.

Andulvar resmungou alguma obscenidade.

— E quem ela é... — Saetan invocou a pasta de arquivo que normalmente mantinha trancada a chave no seu escritório particular, embaixo do Paço.

Folheou as páginas repletas de suas próprias anotações e entregou uma delas a Andulvar.

Os ombros de Andulvar desmoronaram ao lê-la.

— Maldição.

— Pois é. — Saetan voltou a colocar a folha na pasta, fazendo-a desaparecer em seguida.

— O que você vai dizer?

Saetan se recostou na cadeira.

— A verdade. Ou parte dela. Consegui manter longe o Conselho das Trevas durante dois anos, negando seus pedidos, que não deixavam de ser sensatos, para ver Jaenelle. Nunca apresentei qualquer explicação para essas recusas, deixando que pensassem o que quisessem... e sei bem o que decidiram pensar. Mas os amigos dela? Até agora eram muito jovens, ou talvez não suficientemente corajosos, para questionar o que teria acontecido a ela. Mas eis que começaram a questionar. — Endireitou a cadeira e chamou Beale, o Senhor da Guerra de Joia Vermelha que trabalhava como mordomo do Paço.

— Mandar entrar o mensageiro — ordenou Saetan quando Beale apareceu.

— Devo sair? — perguntou Andulvar, sem fazer menção de ir embora.

Saetan deu de ombros, preocupado com a forma como responderia à carta. Não tinha havido muito contato entre Dhemlan e Glácia nos últimos anos, mas ele ouvira o suficiente sobre Lord Hobart e suas ligações com a Pequena Terreille para decidir que a resposta seria verbal em vez de escrita.

Muitos séculos antes, a Pequena Terreille tinha sido povoada por terreillianos ansiosos para começar uma nova vida numa nova terra. Mesmo assim, as pessoas nunca se sentiram à vontade com as raças nascidas no Reino das Sombras. Por isso, ainda que a Pequena Terreille fosse um Território em Kaeleer, tinha procurado companhia e orientação no Reino de Terreille — e ainda o fazia, embora a maior parte dos terreillianos já não acreditasse na existência de Kaeleer, uma vez que o acesso ao Reino estava há tanto tempo limitado. O que significava que qualquer companhia e orientação oriundas de Terreille tinham agora origem em Dorothea, de uma forma ou de outra — e isso era motivo suficiente para levantar suspeitas.

Saetan e Andulvar trocaram olhares rápidos quando Beale introduziu o mensageiro no escritório.

Andulvar enviou um pensamento por uma linha Vermelha.

É muito novo para ser um mensageiro oficial.

Concordando em silêncio com a avaliação de Andulvar, Saetan ergueu a mão direita. Uma cadeira que estava junto à parede flutuou até diante da mesa.

— Sente-se, por favor, Senhor da Guerra.

— Obrigado, Senhor Supremo. — O jovem tinha a pele clara, o cabelo louro e os olhos azuis característicos do povo de Glácia. Apesar de jovem, movimentava-se com a típica segurança das famílias da aristocracia e reagia com uma confiança no Protocolo que indicava uma educação na corte.

Não é um mensageiro qualquer, pensou Saetan, enquanto observava o

jovem se controlando para permanecer imóvel. *Por que então está aqui, rapaz?*

— Meu mordomo deve estar tendo um dia difícil, uma vez que se esqueceu de apresentá-lo quando você entrou — disse Saetan com calma. Juntou os dedos das mãos, pousando no queixo as longas unhas, pintadas de preto.

O jovem ficou ligeiramente pálido ao ver o anel com a Joia Negra. Passou a língua pelos lábios.

— Meu nome é Morton, Senhor Supremo.

Agora já não tem tanta certeza assim de que o Protocolo vai protegê-lo, não é, rapaz? Saetan não permitiu que sua satisfação transparecesse. Se o rapaz tinha a pretensão de abordar um Príncipe dos Senhores da Guerra de Joia Negra, era melhor que aprendesse desde já quais eram os possíveis perigos.

— E a quem você serve?

— Eu... eu ainda não sirvo exatamente numa corte.

Saetan levantou uma sobrancelha.

— Presta serviço a Lord Hobart? — perguntou, soando um pouco mais frio.

— Não. Ele é apenas o chefe da família. É uma espécie de tio.

Saetan pegou a carta e entregou-a Morton.

— Leia isto.

Enviou um pensamento a Andulvar.

O que ele está tramando? Esse garoto não tem experiência suficiente para...

— Nãão — gemeu Morton. A carta caiu no chão. — Ela me prometeu que seria cordial. Eu disse a ela que aguardaria uma resposta e ela prometeu. — Corou, para logo em seguida empalidecer. — Vou enforcá-la.

Mediante a Arte, Saetan recuperou a carta. As dúvidas que pudesse ter sobre sua motivação estavam esclarecidas, mas tinha curiosidade em saber por que o assunto estava sendo levantado justo naquele momento.

— Qual a sua relação com Karla?

— É minha prima — respondeu Morton, perturbado.

— Sinto muito — disse Andulvar, fazendo barulho com as asas negras ao se mexer na cadeira.

— Obrigado, senhor. É melhor quando Karla gosta de nós do que quando não gosta, mas... — Morton deu de ombros.

— Sim — disse Saetan friamente. — Tenho uma amiga que produz um efeito semelhante em mim. — Riu entre os dentes, diante do olhar de espanto de Morton. — Garoto, mesmo quando se trata de mim uma feiticeira difícil não se torna menos difícil.

Especialmente uma Harpia Dea al Mon, comentou Andulvar, divertido.

Já se recuperou da última tentativa dela em se mostrar útil?

Se você vai ficar aí sentado, seja útil, replicou Saetan.

Andulvar virou-se para Morton.

— E sua prima manteve a promessa? — Ao ver que o rapaz o olhava com uma expressão vazia, acrescentou: — Estava sendo cordial?

As pontas das orelhas de Morton ficaram vermelhas. Ele deu de ombros, impotente.

— Tratando-se de Karla... acho que sim.

— Oh, Mãe Noite — murmurou Saetan. De repente, um pensamento se abateu sobre ele, fazendo-o se engasgar. Esperou o tempo necessário para recuperar o fôlego e considerar algumas possibilidades bastante desagradáveis.

Quando, por fim, recuperou o controle, escolheu as palavras com todo o cuidado.

— Lord Morton, seu tio não sabe que está aqui, não é? — O olhar nervoso de Morton bastou como resposta. — Onde ele pensa que você está?

— Em outro lugar.

Saetan estudou Morton, fascinado pela imperceptível mudança no seu porte. Já não era um jovem intimidado pelo ambiente onde estava, nem pelos machos que enfrentava. Era um Senhor da Guerra que protegia sua jovem Rainha. *Está enganado, garoto*, pensou Saetan. Você já escolheu *aquela a quem serve*.

— Karla... — Morton organizou seus pensamentos. — Não é fácil para ela. Ela usa a Azul-Safira de Direito por Progenitura e é Rainha e Viúva Negra natural, além de Curandeira, e Tio Hobart...

Saetan ficou tenso diante do ressentimento nos olhos azuis de Morton.

— Ela e Tio Hobart não se dão muito bem — concluiu Morton, de modo pouco convincente, desviando o olhar. Quando voltou a encarar Saetan, parecia muito jovem e vulnerável. — Sei que Karla quer que ela vá visitá-la como antes, mas Jaenelle não poderia ao menos lhe escrever uma mensagem curta? Só para dizer olá?

Saetan fechou os olhos dourados. *Tudo tem um preço*, pensou. *Tudo tem um preço*. Respirou fundo e abriu os olhos.

— Eu realmente desejo, com todo o meu ser, que ela pudesse fazê-lo. — Voltou a respirar fundo. — Ninguém mais pode saber o que vou lhe dizer, apenas sua prima. Preciso que me prometa guardar segredo.

De imediato, Morton assentiu com a cabeça.

— Jaenelle foi seriamente ferida há dois anos. Não pode escrever, não pode se comunicar de modo algum. Ela... — Saetan se deteve, e apenas prosseguiu após ter certeza de que era capaz de manter a voz firme. — Não reconhece ninguém.

Morton pareceu prestes a desmaiar.

— Como? — sussurrou, por fim.

Saetan procurou a resposta certa. A alteração na expressão de Morton lhe disse que não precisava ter se dado o trabalho. O rapaz compreendera o silêncio.

— Então Karla tinha razão — disse Morton, amargo. — Um macho não precisa ser assim tão forte se souber escolher o momento certo.

Saetan se endireitou de repente na cadeira.

— Karla está sendo pressionada a se entregar a um macho? Com *quinze*

anos?

— Não. Não sei. Talvez. — As mãos de Morton apertaram os braços da cadeira. — Ela estava segura quando morava com as Viúvas Negras, mas agora que voltou à propriedade da família...

— Fogo do Inferno, rapaz! — gritou Saetan. — Mesmo que não se entendam, por que seu tio não a protege?

Morton mordeu o lábio, sem dizer nada.

Estupefato, Saetan afundou outra vez na cadeira. De novo, não. Não aqui. Não em Kaeleer. Será que aqueles tolos não compreendiam o que era perdido quando se destruía uma Rainha daquela forma?

— Agora você precisa ir — disse Saetan, com delicadeza.

Morton assentiu com a cabeça e levantou-se para sair.

— Transmita outra mensagem a Karla. Caso seja necessário, concederei refúgio a ela no Paço e lhe darei minha proteção. E a você também.

— Obrigado — disse Morton. E saiu, depois de fazer uma reverência a Saetan e a Andulvar.

Saetan pegou a bengala de ponta prateada e caminhou com dificuldade até a porta.

Andulvar se antecipou, mantendo-a fechada com a mão.

— O Conselho das Trevas clamará por sangue se você conceder proteção a outra garota.

Saetan nada disse durante muito tempo. Depois, sorriu para Andulvar de uma forma puramente maléfica.

— Se o Conselho das Trevas for tão mal orientado a ponto de acreditar que Hobart é melhor tutor do que eu, então eles merecem ver alguns dos marcos mais inusitados do Inferno, não acha?

3 / O Reino Distorcido

Não sentia qualquer dor física, mas a agonia era inexorável.

As palavras mentem. O sangue, não.

Você é meu instrumento.

Carniceiro filho da puta.

Vagou por uma paisagem enevoada repleta de memórias despedaçadas, cálices de cristal despedaçados, sonhos despedaçados.

Por vezes, ouvia um grito de desespero.

Por vezes, via de relance uma menina com longos cabelos louros que fugia dele. Seguiu-a sempre, desesperado para alcançá-la, aflito para explicar...

Não conseguia se lembrar do que precisava explicar.

Não tenha medo, gritava para ela. Por favor, não tenha medo.

Contudo, ela continuava a correr e ele continuava a segui-la por uma

paisagem repleta de caminhos tortuosos que davam em lugar nenhum e cavernas cheias de ossos e manchas de sangue.

Para baixo, sempre para baixo.

Seguia-a, suplicando o tempo todo para que esperasse por ele, implorando o tempo todo para que não tivesse medo, sempre na esperança de ouvir o som da sua voz, ansiando incessantemente por ouvi-la pronunciar seu nome.

Se ao menos conseguisse se lembrar.

4 / Inferno

Hekatah ajeitou cuidadosamente as pregas do manto comprido enquanto aguardava que os guardas trouxessem o *cildru dyathe* à sua presença. Suspirou, satisfeita, ao afagar o forro de couro do manto. Pele arceriana. A pele de um Senhor da Guerra. Podia sentir a raiva e o sofrimento encurralados naquele couro.

Os parentes. Os Sangue quadrúpedes. Comparados aos humanos, possuíam mentes simples, incapazes de conceber a grandiosidade ou a ambição. Contudo, eram protetores ferozes quando dedicavam sua lealdade a alguém — e igualmente ferozes se essa lealdade fosse traída.

Ela cometera alguns pequenos erros da última vez que tentara se tornar Sacerdotisa Suprema de todos os Reinos, erros que lhe custaram a guerra entre Terreille e Kaeleer 50 mil anos antes. Um deles fora subestimar a força dos Sangue que viviam no Reino das Sombras. O outro fora subestimar os parentes.

Uma de suas primeiras providências depois de se recuperar do choque de ser demônia-morta foi exterminar os parentes em Terreille. Alguns fugiram e conseguiram sobreviver, mas não em número suficiente. Tiveram de procriar com animais plebeus e, ao longo do tempo, o cruzamento das diferentes raças provavelmente produziu criaturas próximas dos Sangue, mas sem força suficiente para usar uma Joia.

No entanto, os parentes selvagens em Kaeleer se retiraram para seus próprios Territórios logo após a guerra e teceram inúmeros feitiços para proteger suas fronteiras. Quando essas fortes defesas se enfraqueceram a ponto de alguém conseguir sobreviver ao ultrapassá-las, os parentes se tornaram pouco mais do que mitos.

Hekatah começou a andar de um lado para outro. Fogo do Inferno! Quanto tempo seria necessário para dois homens adultos pegarem um rapaz?

Depois de um minuto, parou e voltou a ajeitar as pregas do manto. Não poderia permitir que o rapaz percebesse qualquer indício da impaciência que sentia. Isso poderia torná-lo perversamente obstinado. Tocou no forro de couro do manto, deixando que o toque a acalmasse.

Ao longo dos séculos em que aguardara até que Terreille voltasse a ser um prêmio valioso, tinha ajudado o Território da Pequena Terreille a manter contato com o Reino de Terreille. Mas apenas nos últimos anos estabelecera uma posição segura em Glácia, aproveitando-se da ambição de Lord Hobart.

Escolhera Glácia por tratar-se de um Território do Norte cujo povo poderia ser mais facilmente isolado dos Sangue de outros Territórios; ali vivia Hobart, um macho de ambições superiores às suas capacidades; e havia ali também um Altar das Trevas. Assim, pela primeira vez em muito tempo, Hekatah possuía um Portão ao seu dispor e uma forma de infiltrar em Kaeleer machos criteriosamente escolhidos, dedicados à tarefa de caçar presas estimulantes.

Esse não era seu único joguinho em Kaeleer, porém os outros exigiam tempo e paciência — e a garantia de que, desta vez, nada interferiria em suas ambições.

E era por isso que ela estava aqui, na ilha das *cildru dyathe*.

Estava prestes a questionar a lealdade dos guardas demônios quando por fim eles voltaram, arrastando um rapaz que se debatia. Rogando pragas enfurecidas, encurralaram-no contra um paredão alto e liso.

— Não o machuquem — advertiu Hekatah.

— Sim, Sacerdotisa — respondeu um dos guardas, taciturno.

Hekatah examinou o rapaz, que lhe devolveu o olhar fixo. Char, o jovem Senhor da Guerra líder das *cildru dyathe*. Não era difícil perceber como tinha adquirido essa designação. De que forma teria conseguido salvar do fogo tanto do seu corpo? Provavelmente tinha grande talento na Arte para alguém tão jovem. Hekatah deveria ter percebido isso sete anos antes, ao se envolver com ele pela primeira vez. Bem, agora poderia corrigir facilmente esse equívoco.

Hekatah se aproximou devagar, apreciando a cautela nos olhos do rapaz.

— Não pretendo lhe fazer mal, Senhor da Guerra — cantarolou. — Apenas preciso da sua ajuda. Sei que Jaenelle caminha entre as *cildru dyathe*. Quero vê-la.

O que restava dos lábios de Char formou um sorriso maldoso.

— Nem todas as *cildru dyathe* estão nesta ilha.

Os olhos dourados de Hekatah brilharam de fúria.

— Você está mentindo. Invoque-a. *Agora!*

— O Senhor Supremo está a caminho. — disse Char. — Chegará a qualquer momento.

— Por quê? — perguntou Hekatah.

— Porque eu o mandei chamar.

— *Por quê?*

Os olhos de Char se iluminaram com uma luz estranha.

— Ontem eu vi uma borboleta.

Hekatah queria gritar de frustração. Em vez disso, ergueu a mão, os dedos curvados como uma garra.

— Se tem apreço pelos seus olhos, Senhorzinho da Guerra, invoque Jaenelle *agora*.

Char a encarou.

— Quer realmente vê-la?

— SIM!

Char inclinou a cabeça para trás e emitiu um uivo estranho e selvagem.

Enervada pelo som, Hekatah esbofeteou-o para que parasse.

— HEKATAH!

Hekatah fugiu da fúria na voz retumbante de Saetan. Ao olhar de relance para trás por sobre o ombro, deteve-se, com um choque de excitação que fez seus nervos ficarem à flor da pele.

Saetan apoiava-se numa bengala de ponta prateada com os olhos dourados brilhando de raiva. O espesso cabelo negro estava mais grisalho e seu rosto tenso de exaustão. Parecia... gasto.

E usava apenas a Joia Vermelha de Direito por Progenitura.

Ela nem sequer se deu o trabalho de se lançar numa rápida queda para reunir toda a sua força. Simplesmente levantou a mão e libertou o poder no anel com a Joia Vermelha em direção à perna debilitada de Saetan.

O grito de dor que ele soltou ao cair era o som mais agradável que ela ouvira nos últimos anos.

— Agarrem-no! — gritou aos demônios.

Um vento frio e suave suspirou pela ilha.

Os guardas hesitaram por um momento, mas, quando Saetan tentou se erguer sem sucesso, desembainharam as facas e correram na sua direção.

O chão estremeceu de leve. Uma névoa rodopiou em volta das rochas, pelas terras áridas.

Hekatah também correu para Saetan, desejando ver as facas entrando bem fundo na sua carne, ansiando por ver correr o seu sangue. O sangue de um Guardião! A excelência, o vigor nele contido! Primeiro se deliciaria com ele, para depois se ocupar daquele demoniozinho arrogante.

Do abismo emergiu um uivo, um som repleto de júbilo e de dor, de raiva e de celebração.

Foi então que a ilha das *cildru dyathe* foi inundada por uma onda de poder negro. Relâmpagos psíquicos queimaram o céu crepuscular do Inferno. Trovões fizeram a terra estremecer. Os uivos continuaram sem trégua.

Hekatah caiu no chão, encolhendo-se o máximo que pôde.

Seus demônios gritaram numa agonia desesperadora.

Vá embora, implorou Hekatah em silêncio. *O que quer que seja, vá embora*.

Alguma coisa gelada e terrível roçou seus limites interiores, e Hekatah esvaziou a mente.

Quando desvaneceu, também a tempestade de feiticeira havia desvanecido.

Hekatah sentou-se com esforço. Sua garganta se agitava convulsivamente quando ela viu o que tinha restado dos demônios.

Não havia vestígios de Saetan nem de Char.

Hekatah levantou-se devagar. Teria sido Jaenelle — ou o que restava de Jaenelle? Talvez ela *não fosse cildru dyathe*. Talvez tivesse se dissipado de

demônio em fantasma e tudo o que restava era aquele poder incorpóreo.

Ainda bem que ela estava morta, pensava Hekatah enquanto pegava um Vento Branco e viajava de volta para o edifício de pedra que reclamava como seu. Ainda bem que o que quer que restasse de Jaenelle tinha sua presença limitada ao Reino das Sombras. Tentar controlar aquele poder selvagem... Ainda bem que a garota estava morta.

A dor o envolvia e preenchia. Sua cabeça parecia não funcionar. Ele tateou e caminhou, desesperado para alcançar as vozes abafadas que ouvia à sua volta: a voz profunda e irritada de Andulvar, a aflição de Char.

Fogo do Inferno! Por que estavam sentados ali? Pela primeira vez em dois anos, Jaenelle tinha respondido ao chamado de alguém. Por que eles não estavam tentando mantê-la ao alcance?

Porque Jaenelle deslizava pelo abismo numa profundidade grande demais para que alguém, a não ser ele próprio, sentisse a sua presença. Porém, não podia simplesmente descer ao nível da Negra e invocá-la. Precisava estar fisicamente com ela, para persuadi-la a se manter no corpo.

— Por que a tempestade da feiticeira o atingiu tão gravemente? — perguntou Char, cheio de medo.

— Porque ele é um idiota — resmungou Andulvar.

Saetan redobrou os esforços para atravessar as camadas que o envolviam a fim de rosnar para Andulvar. Talvez *estivesse* canalizando muita energia Negra, sem dar chance ao corpo para se recuperar. Talvez *tivesse* sido insensato ao não aceitar sangue fresco para manter as forças. Contudo, isso não dava a um guerreiro eyrieno o direito de agir como um Curandeiro teimoso e resmungão.

Jaenelle o teria pressionado até ele ceder.

Jaenelle. Tão próxima. Talvez ele não tivesse outra oportunidade.

Saetan debateu-se com mais força. *Me ajude. Preciso alcançá-la. Me ajude.*

— Senhor Supremo!

— Fogo do Inferno, SaDiablo!

Saetan agarrou o braço de Andulvar, tentando se sentar.

— Me ajude. Antes que seja tarde demais.

— Você precisa descansar — disse Andulvar.

— Não há tempo! — Saetan tentou gritar, mas só conseguiu emitir um grasnido de fúria. — Jaenelle ainda está perto o bastante para ser alcançada.

— *O quê?*

Quando se deu conta, estava sentado com Andulvar, que o apoiava, e Char, de joelhos à sua frente. Concentrou-se no rapaz.

— Como você a invocou?

— Não sei — lamentou Char. — Não sei. Eu estava apenas tentando manter Hekatah ocupada até você chegar. Ela insistia em ver Jaenelle, por isso pensei... Eu e Jaenelle costumávamos brincar de pique-esconde e aquele era o som que costumávamos fazer. Eu não sabia que ela responderia, Senhor Supremo.

Chamei-a várias vezes daquela forma desde que ela foi embora e ela nunca respondeu.

— Até agora — disse Saetan baixinho. Por que agora? Reparou, finalmente, que estava num quarto que lhe era familiar. — Estamos na Fortaleza em Kaeleer?

— Draca insistiu em trazer você para cá — disse Andulvar.

A Senescal da Fortaleza tinha lhe cedido um quarto perto dos aposentos da Rainha. O que significava que estava a poucos metros do corpo de Jaenelle. Pura coincidência? Ou Draca também sentira a presença de Jaenelle?

— Me ajude — sussurrou Saetan.

Andulvar praticamente carregou Saetan pelos poucos metros de corredor até a porta onde Draca aguardava.

— Quando você voltar, vai beber um copo de sangue fresco — disse Draca.

Se voltar, pensou Saetan sombriamente, enquanto Andulvar o ajudava a chegar à cama onde repousava o corpo frágil de Jaenelle. Poderia não haver outra oportunidade. Iria trazê-la de volta, ou do contrário seria aniquilado.

Assim que ficou sozinho com ela, segurou sua cabeça entre as mãos, extraiu até a última gota de poder que restava nas Joias e fez uma rápida descida ao abismo, até alcançar o nível da Negra.

Jaenelle!

Jaenelle continuava planando lentamente em espiral, descendo cada vez mais, em direção ao abismo. Não sabia se ela o estava ignorando ou se não conseguia ouvi-lo.

Jaenelle! Criança-feiticeira!

Suas forças estavam se esgotando rapidamente. O abismo impelia sua mente, logo transformando a pressão em dor.

Você está segura, criança-feiticeira! Volte! Você está segura!

Jaenelle escapava para cada vez mais longe do seu alcance. No entanto, minúsculos redemoinhos de poder ondulavam até Saetan, que conseguia saborear a raiva neles contida.

Pique-esconde. Uma brincadeira de crianças. Durante dois anos, ele tinha enviado uma mensagem de amor e de segurança para as profundezas do abismo. Durante esse mesmo período, Char tinha enviado convites para uma brincadeira.

Silêncio.

Em pouco tempo, Saetan teria de ascender ou seria destruído.

Quietude.

Pique-esconde. Ele não tinha entrado naquele jogo?

Aguardou, cada segundo uma luta.

Criança-feiticeira.

Ela se chocou contra ele, sem aviso prévio. Preso pela fúria em espiral, ele não conseguia perceber se estavam subindo ou descendo.

Ouviu vidro se estilhaçando no mundo físico, ouviu alguém gritar. Sentiu algo no peito, logo abaixo do coração, com força suficiente para lhe cortar a

respiração.

Sem saber o que mais poderia fazer, abriu completamente suas barreiras interiores, num gesto de entrega total. Esperava que Jaenelle entrasse de rompante, dilacerando-o. Em vez disso, sentiu uma curiosidade sobressaltada e um toque leve como uma pluma.

Foi então que Jaenelle o arremessou para fora do abismo.

O súbito regresso ao mundo físico o deixou aturdido, com os sentidos confusos. Devia ser por causa disso que pensou ter visto um pequeno chifre espiralado no meio da testa de Jaenelle. Devia ser por causa disso que suas orelhas pareciam levemente pontudas, a juba loura, uma mistura de pelo e cabelo humano. Devia ser por causa disso que seu coração parecia bater freneticamente na mão de alguém.

Fechou os olhos, tentando dominar a tontura. Ao abri-los, depois de um momento, todas as alterações no aspecto de Jaenelle tinham desaparecido, mas no seu peito permanecia aquela estranha sensação.

Ofegante, olhou para baixo, sentindo dedos fechando-se em volta do seu coração.

A mão de Jaenelle estava cravada no seu peito. Quando ela a retirasse, arrancaria seu coração. Não importava. Já lhe pertencia muito antes de conhecê-la. E isso o enchia de uma sensação singular de orgulho, quando se recordava da frustração e da alegria que tinha sentido ao tentar lhe ensinar a atravessar um objeto sólido.

Os dedos pressionaram com mais força.

Os olhos de Jaenelle se abriram. Eram insondáveis lagos azul-safira que nada reconheciam, que nada continham a não ser uma raiva profunda e desumana.

Pestanejou. Os olhos se turvaram, ocultando tantas coisas. Voltou a pestanejar e olhou para Saetan.

— Saetan? — disse, com a voz entorpecida.

Os olhos de Saetan se encheram de lágrimas.

— Criança-feiticeira — sussurrou, rouco.

Suspirou quando Jaenelle moveu a mão ligeiramente.

Ela olhou estupefata para o peito de Saetan e franziu a sobrancelha.

— Ah. — Abriu os dedos devagar e retirou a mão.

Saetan esperava ver sangue na mão de Jaenelle, mas ela estava limpa. Uma rápida verificação interna levou-o a concluir que se sentiria dolorido durante alguns dias, mas Jaenelle não tinha provocado danos. Inclinou-se para a frente, apoiando a testa na dela.

— Criança-feiticeira — sussurrou.

— Saetan? Está chorando?

— Sim. Não. Não sei.

— Você devia descansar. Parece doente.

Ele se sentiu exausto ao mover o corpo, posicionando-o junto ao dela. Quando Jaenelle se virou e se aninhou junto a ele, abraçou-a e ficou quieto.

— Tentei chegar a você, criança-feiticeira — murmurou, com o rosto encostado na cabeça de Jaenelle.

— Eu sei — disse ela, sonolenta. — Às vezes conseguia ouvir você, mas precisava encontrar todos os pedaços para poder reconstruir o cálice de cristal.

— Conseguiu? — perguntou Saetan, mal se atrevendo a respirar.

Jaenelle assentiu.

— Alguns pedaços estão turvos e ainda não encaixam bem. — Fez uma pausa. — Saetan? O que aconteceu?

Ele foi invadido pelo pavor, incapaz de reunir a coragem para responder de forma honesta àquela pergunta. O que Jaenelle faria se lhe dissesse o que acontecera? Se rompesse a ligação com o corpo e fugisse novamente para o abismo, Saetan não tinha certeza se conseguiria convencê-la a voltar.

— Você estava ferida, minha querida. — Abraçou-a com mais força. — Mas vai ficar bem. Vou ajudá-la. Nada pode feri-la, criança-feiticeira. Você tem que se lembrar disso. Aqui está em segurança.

Jaenelle franziu a sobancelha.

— Aqui onde?

— Estamos na Fortaleza. Em Kaeleer.

— Ah. — Suas pálpebras estremeçeram e fecharam-se.

Saetan apertou seu ombro. Depois a balançou.

— Jaenelle? Jaenelle, não! Não me abandone. Por favor, não vá embora.

Com esforço, Jaenelle abriu os olhos.

— Ir embora? Ah, Saetan, estou tão cansada. Tenho mesmo que ir embora?

Saetan esforçou-se para se controlar. Precisava manter a calma para que ela se sentisse segura.

— Pode ficar aqui o tempo que quiser.

— Você também vai ficar?

— Nunca a deixarei, criança-feiticeira. Prometo.

Jaenelle suspirou.

— Você devia dormir um pouco — murmurou.

Saetan ficou ouvindo a respiração profunda e regular de Jaenelle durante muito tempo. Queria abrir a mente e alcançá-la, mas isso não era necessário. Podia sentir a diferença no corpo que ainda abraçava.

Em vez disso, dirigiu-se a Andulvar.

Ela voltou.

Um longo silêncio.

Verdade?

Verdade. E ele precisaria de sua força nos próximos dias. *Avise aos outros. E diga a Draca que aceito agora a taça de sangue fresco.*

Levado pelo instinto e por uma inquietação enervante, Saetan entrou sem bater no quarto de Jaenelle na Fortaleza.

Ela estava de pé, diante de um grande espelho, olhando fixamente para o corpo nu ali refletido.

Saetan fechou a porta e foi mancando até Jaenelle. Durante o tempo em que estivera separada do corpo, uma ligação forte o suficiente havia permanecido, permitindo que ela fosse alimentada e levada em calmos passeios que evitavam que seus músculos atrofiassem. Uma ligação forte o suficiente que permitiu que seu corpo respondesse lentamente aos seus próprios ciclos.

De modo geral, as fêmeas dos Sangue atingiam a puberdade mais tarde do que as plebeias, e os corpos das feiticeiras precisavam de um tempo ainda maior de preparação para as alterações físicas que separam uma menina de uma mulher. Inibido pela ausência, o corpo de Jaenelle só tinha começado a se alterar após seu aniversário de catorze anos. Embora ainda estivesse na fase inicial de transformação, já não parecia o corpo de uma menina de doze anos.

Saetan se deteve a alguns centímetros de Jaenelle. Os olhos azul-safira encontraram os dele no espelho, e Saetan teve de se esforçar para manter uma expressão indiferente.

Aqueles olhos. Límpidos e selvagens e perigosos antes de vestir a máscara de humanidade. E era uma máscara. Não era como a dissimulação a que se dedicava quando criança para manter em segredo o fato de ser uma feiticeira. Era um esforço deliberado para ser, simplesmente, *humana*. E isso o assustava.

— Eu devia ter lhe contado — disse Saetan, baixinho. — Devia tê-la preparado. Mas você dormiu durante a maior parte dos últimos quatro dias, e eu... — As palavras se perderam.

— Quanto tempo? — perguntou, com uma voz profunda e sombria.

Saetan teve de pigarrear antes de conseguir responder.

— Dois anos. Na verdade, um pouco mais. Você vai completar quinze anos daqui a algumas semanas.

Jaenelle nada disse e Saetan não soube como preencher o silêncio.

Foi então que ela se virou, encarando-o.

— Quer fazer sexo com este corpo?

Sangue. Tanto sangue.

O estômago de Saetan se embrulhou. A máscara de Jaenelle caiu. E, por mais que se esforçasse, não conseguia distingui-la naqueles olhos safira.

Precisava responder. Precisava responder *corretamente*.

Inspirou fundo e expirou devagar.

— Agora sou seu tutor legal. Seu pai adotivo, se preferir assim. E os pais não fazem sexo com suas filhas.

— Ah não? — perguntou, num murmúrio sombrio.

O chão desapareceu sob os pés de Saetan. O quarto começou a girar. Teria caído se Jaenelle não o tivesse segurado pela cintura.

— Não use a Arte — resmungou entre dentes.

Tarde demais. Jaenelle já o estava conduzindo, flutuando, para o sofá. Deixando-o cair ali, sentou-se a seu lado e afastou o cabelo do pescoço.

— Você precisa de sangue fresco.

— Não, não preciso. Estou só um pouco tonto. — Além disso, vinha bebendo uma taça de sangue humano fresco duas vezes por dia nos últimos quatro dias, quase a quantidade que consumia em um ano.

— Você precisa de sangue fresco. — Na sua voz, percebia-se uma veemência inegável.

O que precisava era encontrar o sacana que a havia estuprado e despedaçá-lo centímetro por centímetro.

— Não preciso do seu sangue, criança-feiticeira.

Os olhos de Jaenelle faiscaram de raiva. Ela cerrou os dentes.

— Não há nada de errado com o meu sangue, Senhor Supremo — silvou.
— Não está impuro.

— É claro que não está impuro — retrucou Saetan.

— Então por que não aceita a oferta? Nunca o recusou antes.

Nos olhos azul-safira agora havia nuvens e sombras. Parecia que, para ela, o preço da humanidade eram a vulnerabilidade e a insegurança.

Pegando a mão de Jaenelle, beijou os nós dos seus dedos e se perguntou se poderia sugerir delicadamente que vestisse um roupão, sem ofendê-la. *Uma coisa de cada vez, SaDiablo.*

— São três as razões pelas quais não quero o seu sangue neste momento. Em primeiro lugar, enquanto você não se fortalecer, precisa de cada gota para você mesma. Em segundo lugar, seu corpo está mudando, de criança para mulher, e o vigor do sangue também muda. Por isso, é melhor testá-lo antes para que eu não beba relâmpagos líquidos.

Isso a fez soltar uma risadinha.

— E, em terceiro lugar, Draca também decidiu que preciso de sangue fresco.

Jaenelle arregalou os olhos.

— Oh. Coitadinho do meu papai. — Mordeu o lábio. — Posso chamá-lo assim? — perguntou com voz fraca.

Ele a abraçou e apertou-a junto ao corpo.

— Ficarei honrado em ser chamado de “papai”. — Deu um beijo na testa de Jaenelle. — O quarto está um pouco frio, criança-feiticeira. Não acha melhor vestir um roupão? E calçar um par de chinelos?

— Já está parecendo um pai — resmungou ela.

Saetan sorriu.

— Esperei muito tempo para me dedicar a uma filha. Pretendo aproveitar o máximo.

— Ah, que sorte a minha — resmungou Jaenelle.

Saetan riu.

— Não. Que sorte a *minha*.

Saetan olhou fixamente para o tônico na pequena taça de vidro escuro e suspirou. Estava levando a taça à boca quando alguém bateu à porta.

— Entre — disse, ansioso.

Andulvar entrou, seguido pelo neto, Prothvar, e por Mephis, o filho mais velho de Saetan. Prothvar e Mephis, assim como Andulvar, tinham se tornado demônios-mortos no decorrer da remota guerra entre Terreille e Kaeleer. Geoffrey, o historiador e bibliotecário da Fortaleza, entrou por último.

— Prove isto — disse Saetan, estendendo a taça a Andulvar.

— Por quê? — perguntou Andulvar, examinando-a. — O que tem aí?

Maldita prudência eyriena.

— É um tônico que Jaenelle preparou para mim. Ela diz que ainda pareço doente.

— E parece mesmo — rosnou Andulvar. — Por isso, beba.

Saetan rangeu os dentes.

— Não cheira mal — disse Prothvar, juntando ainda mais as asas quando Saetan o fulminou com o olhar.

— O gosto também não é ruim — afirmou Saetan, tentando ser justo.

— Então qual é o problema? — perguntou Geoffrey, cruzando os braços. Franziu as sobrancelhas negras ao olhar para a taça, acentuando o bico de viúva do cabelo. — Teme que ela não tenha formação suficiente para preparar esse tipo de tônico? Acha que ela pode ter cometido algum erro?

Saetan ergueu uma sobrancelha.

— Estamos falando de Jaenelle.

— Ah — disse Geoffrey, observando a taça com certa agitação. — Sim.

Saetan estendeu-a na direção do bibliotecário.

— Diga-me o que acha.

Andulvar pôs as mãos nos quadris.

— Por que está tão ansioso para dividi-lo? Se não tem nenhum problema, por que não o bebe *você mesmo*?

— Eu bebo. Tenho bebido. Todos os dias nas últimas duas semanas — queixou-se Saetan. — Mas é tão... potente. — A última palavra era praticamente uma súplica.

Geoffrey pegou a taça, bebeu um pequeno gole, envolveu o líquido com a língua e engoliu. Ao passar a taça para Andulvar, começou a respirar com dificuldade e pôs as mãos sobre o estômago.

— Geoffrey? — Alarmado, Saetan segurou Geoffrey pelo braço enquanto o velho Guardião balançava.

— É assim que devemos nos sentir? — sussurrou Geoffrey.

— Assim como? — perguntou Saetan, cautelosamente.

— Como se o estômago tivesse sido atingido por uma avalanche.

Saetan suspirou de alívio.

— Isso não dura muito tempo, e o tônico tem, *de fato*, poderes curativos espantosos, mas...

— A sensação inicial é um pouco perturbadora.

— Justamente — confirmou Saetan, com frieza.

Andulvar observou os dois Guardiões e encolheu os ombros. Tomou um trago e passou a taça para Prothvar, que, por sua vez, tomou um trago, passando-a a Mephis.

Quando a taça voltou para Saetan, ainda tinha dois terços do líquido. Ele suspirou, bebeu um gole e pousou a taça numa mesa antiga vazia.

Draca bem que podia encher a mesa de bugigangas inúteis como fazem todas as pessoas, pensou, sarcástico. Assim ao menos poderia esconder o maldito tônico, já que Jaenelle colocara um habilidoso feitiço na taça, impedindo que a fizessem desaparecer.

— Fogo do Inferno — disse, por fim, Andulvar.

— O que ela colocou nisto? — perguntou Mephis, passando a mão na barriga.

Prothvar fitou Geoffrey.

— Olha, parece até que você ganhou uma corzinha.

Geoffrey fulminou o Senhor da Guerra eyrieno com o olhar.

— Por que queriam me ver? — inquiriu Saetan.

Eles ficaram estáticos. Em seguida, começaram a falar todos ao mesmo tempo.

— Sabe, SaDiablo, a fedelha...

— ... é um período difícil para uma jovem, isso eu compreendo...

— ... não quer nos ver...

— ... ficou tão tímida, de repente...

Saetan levantou a mão indicando que cessassem as explicações.

Tudo tem um preço. Ao olhar para eles, percebeu que precisava lhes dizer o que tinha sido obrigado a ver durante as últimas duas semanas. *Tudo tem um preço. Porém, doces Trevas, já não pagamos o suficiente?*

— Jaenelle não está curada. — Ao ver que não obtinha qualquer reação, perguntou-se se teria, de fato, verbalizado a frase.

— Explique melhor, SaDiablo — retumbou Andulvar. — O corpo está vivo e, agora que regressou, vai se fortalecer.

— Sim — respondeu Saetan, baixinho. — Seu corpo está vivo.

— E como, obviamente, ela consegue praticar mais do que Arte básica, sua teia interior deve estar intacta — disse Geoffrey.

— A teia interior está intacta — concordou Saetan. Fogo do Inferno. Por que estava prolongando isso? Porque assim que o verbalizasse, se tornaria real.

Observou o reconhecimento — e a raiva — crescendo nos olhos de Andulvar.

— O canalha que a violou conseguiu estilhaar o cálice de cristal, não foi? — perguntou Andulvar, devagar. — Estilhaçou a sua mente e a impeliu para o Reino Distorcido. — Fez uma pausa enquanto examinava Saetan. — Ou ela foi

impelida para outro lugar?

— Quem sabe o que jaz nas profundezas do abismo? — disse Saetan, amargo. — Eu não sei. Ela estaria perdida na loucura ou simplesmente caminhando por caminhos que jamais conseguiremos compreender? Não sei. *Sei* que ela está diferente, e há dias em que é difícil encontrar qualquer vestígio da criança que conhecemos. Ela disse que reconstruiu o cálice, e, até onde consigo perceber, foi o que de fato aconteceu. Porém, não se recorda do que ocorreu no Altar de Cassandra. Não se recorda de nada do que ocorreu nos meses anteriores àquela noite. E está escondendo alguma coisa. E é em parte por causa disso que está se afastando de nós. Sombras e segredos. Tem medo de confiar em nós por causa daquelas malditas sombras e segredos.

Mephis finalmente quebrou o longo silêncio.

— Talvez — disse devagar —, se for persuadida a nos encontrar em uma das salas públicas, só por alguns minutos de cada vez, isso a ajudaria a voltar a confiar em nós. Sobretudo se não a pressionarmos nem fizermos perguntas complicadas. — Em seguida acrescentou, triste: — Estar fechada em si mesma, vivendo no próprio corpo, seria muito diferente de estar perdida no abismo?

— Não — disse Saetan, baixinho. — Não é. — Era arriscado. Mãe Noite, como era arriscado! — Vou falar com ela.

Andulvar, Prothvar, Mephis e Geoffrey saíram depois de concordar em se encontrar com Saetan em uma das saletas menores. Saetan aguardou vários minutos antes de caminhar os poucos metros que separavam seu quarto dos aposentos da Rainha. Assim que Jaenelle constituísse sua corte, nenhum macho, à exceção do Consorte, do Administrador e do Mestre da Guarda, teria autorização para entrar naquela ala, a menos que convocado. Nem mesmo o seu tutor legal.

Saetan bateu suavemente à porta do quarto de Jaenelle. Como não obteve resposta, olhou para dentro do aposento. Vazio. Verificou a sala de estar ao lado. Também estava vazia.

Passando os dedos pelo cabelo, perguntou-se aonde teria ido sua criança teimosa. Sentia que estava por perto. Mas sabia que Jaenelle deixava um odor psíquico tão forte que, às vezes, era difícil localizá-la. Talvez tivesse sido sempre assim, mas não tinham passado juntos mais do que uma ou duas horas seguidas de cada vez. Agora, sua presença inundava a gigantesca Fortaleza, e o delicioso e sombrio odor psíquico que exalava era ao mesmo tempo um deleite e um tormento. Senti-la, ansiar do fundo do coração por abraçá-la e servi-la e ser impedido de fazer parte da sua vida...

Não poderia haver tortura maior.

E não era só por causa de Andulvar, Mephis, Prothvar e Geoffrey que estava disposto a arriscar a estabilidade emocional de Jaenelle ao lhe pedir uma aproximação. Havia mais alguém em quem não parava de pensar nos últimos tempos. Se Jaenelle não se conseguisse curar as feridas emocionais, se jamais voltasse a suportar o toque de um homem...

Ele não era a chave capaz de destrancar aquela última porta. Poderia fazer

muito, mas não isso. Não era a chave.

A chave era Daemon Sadi.

Daemon... Daemon, onde está você? Por que não veio?

Saetan estava prestes a sair, para procurar Draca — Draca sempre sabia onde *todos* estavam na Fortaleza —, quando um som o fez virar em direção a uma porta entreaberta no fim do corredor.

Ao caminhar em direção à porta, reparou como sua perna tinha melhorado desde que Jaenelle começara a lhe administrar o tônico. Se seu estômago fosse forte o suficiente para aguentar mais duas semanas, poderia deixar de usar a bengala — e, com sorte, o tônico também.

Estava quase chegando à porta quando alguém lá dentro soltou um grito rouco sobressaltado. Ouviu-se um ruído forte e, logo em seguida, uma nuvem alfazema, cinza e cor-de-rosa saiu do quarto, seguida de uma voz feminina resmungando:

— Droga, droga, droga!

Bem devagar, a nuvem começou a baixar.

Saetan estendeu a mão e olhou espantado para as pequenas partículas alfazema, cinza e cor-de-rosa que cobriam sua pele e o punho da camisa. Sentiu um frio no estômago, uma vontade irracional de rir e fugir.

Reprimiu a risada, forçou-se a continuar firme e espreitou cautelosamente pela porta.

Jaenelle estava diante de uma grande mesa, com os braços cruzados e batendo o pé, enquanto franzia a testa para o livro de Arte que pairava sobre a mesa. As velas ao lado do livro emitiam uma agradável luz, semelhante à dos vitrais, suavizando o caos ao redor. Todo o aposento — e o seu interior, incluindo Jaenelle — estava completamente coberto de uma poeira alfazema, cinza e cor-de-rosa. Somente o livro estava limpo. Talvez Jaenelle tivesse criado um escudo à sua volta antes de começar... o que quer que fosse.

— Acho que não vou querer saber o que se passa aqui — disse Saetan, com frieza, imaginando a reação de Draca quando encontrasse aquela bagunça.

Jaenelle olhou-o de um jeito desesperado e divertido.

— Não, não vai mesmo. — Sorriu o seu melhor sorriso, incerta mas entrando na brincadeira. — De qualquer maneira, não imagino que gostaria de ajudar?

Fogo do Inferno! Durante os anos em que lhe ensinara Arte, tentando desvendar um de seus feitiços bizarros após sua concretização, ansiara por um convite desses.

— Infelizmente — disse ele, com a voz cheia de tristeza e melancolia —, temos outro assunto para tratar.

Jaenelle se sentou no ar, pondo os calcanhares no degrau inexistente de um banco imaginário, centrando em Saetan toda sua atenção.

Saetan se lembrou, tarde demais, de como era desconcertante ser o centro da atenção de Jaenelle.

Pigarreou e olhou de relance o aposento, em busca de inspiração. Afinal,

talvez o escritório de Jaenelle, com as ferramentas da Arte à sua volta, fosse o melhor local para falar com ela.

Entrou no recinto e se encostou no vão da porta, um local neutro, que não invadia o território de Jaenelle, mas onde era legítimo estar.

— Estou preocupado, criança-feiticeira — disse serenamente.

Jaenelle inclinou a cabeça.

— Com o quê?

— Com você. Com a forma como nos evita. Com a forma como está se fechando, se afastando de nós.

Seus olhos se encheram de gelo.

— Todos temos limites e barreiras interiores.

— Não estou me referindo a limites e barreiras interiores — disse Saetan, sem conseguir manter a voz calma. — Claro que todos as temos. Protegem nossa teia interior e nosso Eu. Mas você construiu uma *parede* entre você e todos os outros, evitando qualquer contato.

— Talvez você devesse ficar grato pela parede, Saetan — rebateu Jaenelle, com uma voz sombria que fez Saetan estremecer.

Saetan. Nada de “papai”. Saetan. E não pronunciara seu nome da forma como sempre fazia. Parecia uma Rainha dirigindo-se formalmente a um Príncipe dos Senhores da Guerra.

Ele não sabia como responder àquelas palavras nem à advertência.

Jaenelle desceu do banco invisível e deu as costas para Saetan, pousando as mãos na mesa empoeirada.

— Ouça — pediu Saetan, contendo a ansiedade. — Você não pode se isolar assim. Não pode passar o resto da vida neste escritório criando feitiços magníficos que ninguém mais vai ver. Você é uma Rainha. Terá que interagir com sua corte.

— Não vou constituir uma corte.

Saetan olhou fixamente para ela, atônito.

— É claro que vai constituir uma corte. Você é uma Rainha.

Estremeceu diante do olhar fulminante de Jaenelle.

— Não sou obrigada a constituir uma corte. Já verifiquei. E não quero governar. Não quero controlar a vida de mais ninguém a não ser a minha.

— Mas você é feiticeira.

No momento em que pronunciou a frase, a temperatura do cômodo despencou.

— Sim — disse Jaenelle, com muita delicadeza. — Sou. — Virou-se para olhá-la.

Retirou a máscara de humanidade — e a máscara da carne —, deixando que Saetan a visse de fato pela primeira vez.

O pequeno chifre em espiral no meio da testa. A juba loura que não era exatamente feita de cabelo nem de pelo. As orelhas delicadamente pontudas. As mãos com as garras retraídas. As pernas que terminavam em pequenos cascos. A faixa de pelo louro que percorria as costas, terminando numa

pequena cauda de alce que balançava sobre as nádegas. O rosto exótico e aqueles olhos azul-safira.

Por ter sido Consorte de Cassandra durante tantos anos, acreditava conhecer e compreender a Feiticeira. Percebeu, finalmente, que Cassandra e todas as outras Rainhas de Joia Negra que a haviam antecedido tinham sido *chamadas* de Feiticeira. Jaenelle era, de fato, o mito vivo, a realização dos sonhos.

Como fora tolo ao julgar que todos os sonhos tinham sido de humanos.

— Exatamente — disse a Feiticeira, em voz baixa, fria.

— Você é linda — sussurrou Saetan. E tão, tão perigosa.

Jaenelle olhou perplexa para Saetan e ele percebeu que não haveria melhor momento para dizer o que tinha de ser dito.

— Nós a amamos, senhora — começou, delicadamente. — Sempre a amamos, e ser impedidos de fazer parte da sua vida nos magoa muito além do que as palavras podem expressar. Você não faz ideia de como era difícil esperar aqueles poucos e preciosos minutos que podia passar conosco, como era difícil imaginar e preocupar-se com você sempre que não estava presente, sentir ciúmes das pessoas que não apreciavam quem você é. Agora... — Sua voz embargou. Ele juntou os lábios e respirou fundo. — Nós nos entregamos a você há muito tempo. Nem mesmo você consegue mudar isso. Faça de nós o que quiser. — Hesitou, para depois acrescentar: — Não, criança-feiticeira, *não* estamos gratos pela parede.

Não esperou resposta. Saiu tão rapidamente quanto conseguiu, com lágrimas brilhando nos olhos.

Atrás dele, ouviu um choro suave e angustiado.

Saetan não suportava a gentileza dos outros. Não suportava que fossem compassivos e compreensivos. Geoffrey lhe esquentara um copo de yarbarah. Mephis colocara um cobertor sobre suas pernas. Prothvar acendera o fogo para ajudar a espantar o frio. Andulvar se mantinha junto a ele, em silêncio.

Saetan tinha começado a tremer no momento em que entrou no ambiente seguro da saleta. Teria caído no chão se Andulvar não o tivesse amparado e ajudado a chegar à cadeira. Não haviam lhe perguntado nada, e, exceto por um “Não sei” murmurado com rouquidão, ele nada lhes havia dito sobre o que tinha acontecido — ou sobre o que tinha presenciado.

E todos aceitaram a resposta.

Uma hora depois, embora se sentisse um pouco recuperado física e emocionalmente, ainda não conseguia suportar aquela gentileza geral. Mas o que não conseguia suportar de jeito algum era não saber o que estava acontecendo naquele escritório.

A porta da saleta abriu-se de repente.

Jaenelle ficou parada na soleira, segurando uma bandeja com duas pequenas garrafas e cinco copos. Usava a máscara outra vez.

— Draca disse que estavam escondidos aqui — começou, na defensiva.

— Não estamos exatamente “escondidos”, criança-feiticeira — respondeu Saetan, seco. — Mas, se estivermos, há espaço para mais um. Quer se juntar a nós?

O sorriso de Jaenelle era tímido e vacilante, mas suas impetuosas pernas atravessaram agilmente a sala até chegar ao lado da cadeira de Saetan. Foi então que ela franziu a testa, virando-se para a porta.

— Este aposento era maior.

— Suas pernas eram mais curtas.

— Então é por isso que as escadas parecem tão estranhas — resmungou, enquanto enchia dois copos de uma das garrafas e três da outra.

Saetan encarou o copo que Jaenelle lhe ofereceu, sentindo o estômago estremecer.

— Humm — disse Prothvar, enquanto Jaenelle distribuía os outros copos.

— Bebam — retrucou ela rispidamente. — Nos últimos tempos vocês parecem todos doentes. — Ao ver que eles hesitavam, sua voz adquiriu um tom de fragilidade. — É apenas um tônico.

Andulvar bebeu um gole.

Benditas as Trevas pela solicitude eyriena em avançar para todo e qualquer campo de batalha, pensou Saetan ao beber, também ele, um gole.

— Quanto desse tônico você produz a cada vez, criança? — retumbou Andulvar.

— Por quê? — perguntou Jaenelle cautelosamente.

— Sabe, você tem razão quando diz que estamos todos parecendo doentes. Não faria mal se tomássemos outro copo mais tarde.

Saetan começou a tossir, a fim de esconder seu próprio desânimo e ganhar tempo para que os outros conseguissem controlar as expressões. Uma coisa era Andulvar avançar para o campo de batalha. Outra bem diferente era arrastar todos eles junto.

Jaenelle ajeitou o cabelo.

— Ele começa a perder a potência uma hora depois de produzido, mas não me custará nada fazer um pouco mais.

Andulvar assentiu, mantendo uma expressão séria.

— Obrigado.

Jaenelle sorriu timidamente e saiu da saleta.

Saetan aguardou até ter certeza de que ela já não os ouviria e virou-se para Andulvar.

— Desgraçado irresponsável — rosnou.

— Que palavras feias para um homem que vai ter de beber dois copos desta coisa todo dia — retrucou Andulvar, num tom presunçoso.

— É sempre possível jogá-lo nas plantas — disse Prothvar, olhando em volta, à procura de alguma coisa verde.

— Já tentei isso — resmungou Saetan. — O único comentário de Draca foi que se alguma outra planta morresse, pediria a Jaenelle para investigar.

Andulvar soltou um riso abafado, o que deu aos outros razão para se voltar contra ele.

— Todos esperam que os hayllianos sejam dissimulados, mas os eyrienos são conhecidos pela sua franqueza. Por isso, quando um de nós age de forma dissimulada...

— Você fez isso para que ela tivesse uma razão para nos visitar — disse Mephis, examinando o copo. — Sou grato, Andulvar, mas você não podia...

Saetan se levantou com um salto.

— Perde a potência depois de uma hora.

Andulvar ergueu o copo numa saudação.

— Isso mesmo.

Saetan sorriu.

— Se conseguirmos deixar metade de cada dose, perderá grande parte do vigor, e depois misturamos com a nova dose...

— E teremos um tônico fortificante com um vigor tolerável — concluiu Geoffrey, com ar satisfeito.

— Se ela descobrir, vai nos matar — protestou Prothvar.

Saetan levantou uma sobrancelha.

— Se levarmos todos os fatores em consideração, meu bom demônio, é um pouco tarde para nos preocuparmos com *isso*, não acha?

Prothvar quase corou.

Saetan semicerrou os olhos, dirigindo-se a Andulvar.

— Mas só soubemos desse detalhe *depois* que você pediu uma segunda dose.

Andulvar encolheu os ombros.

— A maioria das infusões medicinais tem de ser tomada pouco depois de ser produzida. Valeu a pena arriscar. — Sorriu para Saetan com a arrogância que só era possível num macho eyrieno. — De qualquer maneira, se você está admitindo que não tem coragem...

Saetan disse alguma coisa incisiva e direta.

— Sendo assim, não há problema, não é? — respondeu Andulvar.

Eles se entreolharam. Séculos de amizade, rivalidade e compreensão refletidos nos dois pares de olhos dourados. Levantaram os copos e esperaram que os outros os imitassem.

— À saúde de Jaenelle — disse Saetan.

— À saúde de Jaenelle — responderam os outros.

Suspiraram em uníssono e engoliram metade do tônico.

Sangue em Ebon Rih e a mais próxima da Fortaleza. As luzes brilhavam na escuridão fértil do vale como fragmentos aprisionados da luz das estrelas.

Tinha visto o nascer do sol. Não, mais do que isso. Tinha permanecido num dos pequenos jardins, sentindo efetivamente o calor do sol no rosto. Pela primeira vez em séculos não sentira qualquer dor lancinante nas têmporas, não sentira uma enxaqueca tão brutal que lhe dava náusea, lembrando-o da distância que o separava dos vivos, não se sentira fraco.

Estava tão forte fisicamente como quando se tornara Guardiã pela primeira vez, quando iniciara a caminhada na tênue linha que separa os vivos dos mortos.

Jaenelle e seu tônico tinham conseguido esse feito. T tinham conseguido ainda mais.

Ele havia se esquecido de como a comida podia ser sensual, e, nos últimos dias, saboreara o gosto de carne malpassada e de batatas novas, de frango assado e de legumes frescos. Havia se esquecido de como era dormir bem, em vez daquele descanso semivigilante ao qual os Guardiões normalmente se entregam durante o dia.

Também havia se esquecido de como era sentir fome e de como um homem pode ficar com a mente nublada quando está extremamente cansado.

Tudo tem um preço.

Cassandra juntou-se a Saetan na janela. Ele sorriu cauteloso.

— Hoje você está encantadora — disse, com um pequeno gesto indicando o longo vestido preto, o xale cor de esmeralda de trama aberta e o penteado do cabelo ruivo envelhecido.

— É uma pena que a Harpia não tenha se vestido de acordo com as circunstâncias — respondeu Cassandra causticamente. Fez uma expressão de desgosto. — Ao menos podia ter posto algo em volta do pescoço.

— E você podia ter evitado dizer que lhe emprestaria um vestido de gola alta — retrucou Saetan. Cerrou os dentes para não deixar sair as palavras que ainda tinha a dizer. Titian não precisava de um defensor, muito menos após as críticas que havia feito às delicadas sensibilidades das feiticeiras afetadas da aristocracia.

Observou as luzes de Riada se apagarem, uma após outra.

Cassandra respirou fundo, suspirando.

— Não deveria ser assim — disse serenamente. — As Negras não estão destinadas a ser Joias de Direito por Progenitura. Tornei-me Guardiã por acreditar que a próxima Feiticeira precisaria de uma amiga, alguém para ajudá-la a compreender o que se tornaria depois de realizar a Oferenda às Trevas. Mas o que aconteceu com Jaenelle a afetou de tal maneira que ela jamais voltará a ser normal.

— *Normal*? E o que significa ser “normal” para você, senhora?

Olhou com um ar mordaz para o canto do aposento, onde Andulvar, Prothvar, Mephis e Geoffrey tentavam incluir Titian na conversa, mantendo, ao mesmo tempo, uma distância respeitosa.

— Jaenelle acabou de celebrar seu décimo quinto aniversário. Em vez de uma festa e de uma sala cheia de jovens amigos, passou a noite com demônios, Guardiões... e uma Harpia. Sinceramente, você pode dizer que isso é normal?

— Já tive esta conversa antes — resmungou Saetan. — E a minha resposta continua sendo a mesma: para ela, *é* normal.

Cassandra examinou-o por alguns instantes antes de dizer baixinho:

— Sim, é claro que você pensaria assim, não é verdade?

Saetan olhou ao redor através de uma neblina avermelhada até conseguir recuperar a calma.

— O que quer dizer com isso?

— Você se tornou Senhor Supremo do Inferno ainda em vida. Não veria qualquer problema no fato de ela ter como companheiros de brincadeiras as *cildru dyathe* ou de ter uma Harpia ensinando-lhe a maneira certa de interagir com os machos.

A respiração de Saetan produzia um assobio ao passar entre os dentes.

— Quando você previu a chegada dela, disse que ela era a filha da minha alma. Mas eram apenas palavras vazias, não é verdade? Foi uma forma de garantir que eu me tornasse Guardião, para que meu poder estivesse à sua disposição e que pudesse assim proteger sua aprendiz, a jovem feiticeira que se sentaria a seus pés, intimidada pela atenção da Feiticeira de Joia Negra. Mas não foi isso que aconteceu. Aquela que chegou é, de fato, a filha da minha alma, que não se sente intimidada por ninguém nem se senta aos pés de quem quer que seja.

— Ela pode não se sentir intimidada por ninguém — disse Cassandra friamente —, mas também *não tem* ninguém. — Sua voz ganhou um tom mais suave. — E, por isso, tenho pena dela.

Ela tem a mim!

O rápido e arguto olhar de Cassandra lhe cortou o coração.

Jaenelle tinha Saetan. O Príncipe das Trevas. O Senhor Supremo do Inferno. Mais do que tudo, era por *isso* que Cassandra sentia pena dela.

— É melhor nos juntarmos aos outros — disse Saetan, tenso, oferecendo o braço a Cassandra. Apesar da raiva que sentia, não podia lhe virar as costas.

Cassandra começou a rejeitar aquele gesto de cortesia até reparar nos olhares frios de Andulvar e de Titian.

— Draca quer falar com todos nós — resmungou Andulvar quando se aproximaram e se afastou na mesma hora, dando-se espaço para esticar as asas. Espaço para lutar.

Saetan observou-o por alguns momentos e depois começou ele próprio a reforçar suas consideráveis defesas. Apesar das várias diferenças entre os dois, Saetan sempre confiara nos instintos de Andulvar.

Draca entrou na sala devagar e calmamente. Como de hábito, tinha as mãos enfiadas nas mangas compridas do manto. Esperou que os presentes se sentassem, até ter a atenção de todos, e em seguida fixou seu olhar reptil em Saetan.

— A ssenhora comemora hoje quinze anoss — afirmou Draca.

— É verdade — concordou Saetan, cautelosamente.

— Nossass ssimpless ofertass foram do sseu agrado.

Por vezes era difícil detectar inflexões na voz sibilante de Draca, mas as palavras soavam mais como uma ordem do que como uma pergunta.

— Sim — disse Saetan. — Acredito que sim.

Um longo silêncio.

— É hora de a ssenhora deixar a Fortaleza. Você é o sseu tutor legal. Tratará doss preparativoss.

Saetan sentiu um aperto na garganta. Sentiu os músculos do peito se retesarem.

— Prometi a ela que poderia ficar aqui.

— Chegou o momento de a Ssenhora partir. Viverá com você no Paço doss SsaDiablo.

— Proponho uma alternativa — disse Cassandra, rapidamente, cerrando os punhos no colo e sem dirigir o olhar para Saetan, nem sequer de relance. — Jaenelle poderia viver comigo. Todos sabemos quem, e o quê, Saetan é, mas eu...

Titian virou-se na cadeira.

— Acredita mesmo que ninguém no Reino das Sombras sabe que você é Guardiã? Acredita mesmo que conseguiu enganar alguém quando se fez passar por viva?

Os olhos de Cassandra flamejaram de raiva.

— Sempre fui cuidadosa...

— Sempre foi uma mentirosa. Pelo menos o Senhor Supremo é honesto sobre quem é.

— Mas ele é o Senhor Supremo... e essa é a questão.

— A *questão* é que você quer ser a pessoa a moldar Jaenelle, assim como Hekatah quer moldá-la, à imagem escolhida por *você*, em vez de deixá-la ser quem ela é.

— Como se atreve a falar assim comigo? Sou uma Rainha de Joia Negra!

— Não é minha Rainha — rosnou Titian.

— *Senhoras*. — A voz de Saetan ressoou pela sala como um suave trovão. Precisou de um momento para se acalmar antes de voltar as atenções novamente para Draca.

— Ela viverá no Paço — declarou Draca, com firmeza. — Está decidido.

— Se você não discutiu este assunto com nenhum de nós até agora, de quem foi a decisão? — questionou Cassandra rispidamente.

— Foi Lorn quem decidiu.

Saetan esqueceu como se respirava.

Fogo do Inferno, Mãe Noite e que as Trevas sejam misericordiosas.

Ninguém argumentou. Ninguém deixou escapar o mais ínfimo som.

Saetan percebeu que suas mãos tremiam.

— Posso falar com ele? Há coisas que talvez não compreenda sobre...

— Ele compreende, Ssenhor Ssupremo.

Saetan levantou o olhar para a Senescal de Ebon Askavi.

— Não chegou o momento certo para conhecê-lo — disse Draca. — Mass esse momento chegará. — Inclinou ligeiramente a cabeça. Era a maior deferência que demonstrava a alguém. Talvez à exceção de Jaenelle.

Eles viram Draca sair, escutaram os passos lentos e cautelosos se afastarem até o som desaparecer por completo.

Andulvar expirou ruidosamente.

— Quando ela quer cortar as pernas de alguém, sabe escolher bem a faca.

Saetan encostou a cabeça na cadeira, fechando os olhos.

— Não há dúvida.

Cassandra ajeitou minuciosamente o xale e se levantou, sem olhar para nenhum dos presentes.

— Se me dão licença, vou me recolher.

Eles se levantaram e lhe deram boa-noite.

Titian também disse que iria se recolher, mas antes de fazê-lo sorriu maliciosamente para Saetan.

— Viver no Paço com Jaenelle talvez seja complicado, Senhor Supremo, mas não pelas razões que você pensa.

— Mãe Noite — disse ele entre os dentes, antes de se virar para os outros machos.

Mephis pigarreou.

— Não vai ser fácil dizer à Jaenelle que ela precisa ir embora. Você não precisa fazer isso sozinho.

— Preciso sim, Mephis — respondeu Saetan penosamente. — Fiz uma promessa a ela. Sou eu quem devo lhe dizer que irei quebrá-la.

Deu boa-noite a todos e caminhou lentamente pelos corredores de pedra até chegar às escadas que o levariam aos aposentos de Jaenelle. Em vez de subir, apoiou-se na parede, tremendo.

Tinha prometido a ela que poderia ficar. Tinha *prometido*.

No entanto, Lorn decidira.

Já passava da meia-noite quando se juntou a Jaenelle no jardim privado dos seus aposentos. Ela lhe ofereceu um sorriso sonolento e descontraído e estendeu a mão. Grato, ele entrelaçou os dedos nos dela.

— Foi uma festa encantadora — disse Jaenelle, enquanto passeavam pelo jardim. — Ainda bem que você convidou Char e Titian. — Hesitou. — E lamento que tenha sido tão difícil para Cassandra.

Saetan a olhou pensativamente, quase fechando os olhos.

Jaenelle respondeu ao olhar com um dar de ombros.

— O que foi que você ouviu?

— É falta de educação ouvir as conversas dos outros — respondeu ela com tom de censura.

— Uma resposta que se esquivava habilmente à pergunta — rebateu Saetan, sarcasticamente.

— Não ouvi nada. Mas *senti* que todos estavam resmungando.

Saetan se aproximou de Jaenelle. Ela cheirava a flores selvagens, a campos ensolarados e a poças d'água à sombra de samambaias. Era uma fragrância delicadamente selvagem e esquivada, que fascinava os machos por não tentar capturá-los.

Tinha um efeito relaxante — e um pouco excitante.

Embora tivesse consciência de que aquela era a reação natural de um Príncipe dos Senhores da Guerra perante a Rainha à qual se sentia emocionalmente ligado, embora tivesse consciência de que jamais transporia a clara linha que separava a afeição de um pai da paixão de um amante, ainda assim se sentiu envergonhado pela reação.

Olhou para Jaenelle, buscando a lembrança de quem ela era e de como era jovem. Mas foi a Feiticeira que lhe retribuiu o olhar, que apertou sua mão para que não se rompesse a ligação física.

— Parece que até mesmo um homem sensato pode às vezes ser imponderado — disse ela, com sua voz sombria.

— Eu nunca... — A voz falhou. — Você sabe que eu nunca...

Vislumbrou um cintilar de diversão naqueles olhos antigos e perturbados.

— Sim, *eu* sei. Mas será que você sabe? Você adora as mulheres, Saetan. Sempre adorou. Gosta de estar perto delas. Gosta de tocá-las. — Ergueu as mãos de ambos.

— É diferente. Você é minha filha.

— Sendo assim, você manterá distância da Feiticeira? — perguntou, com tristeza.

Saetan puxou-a para os seus braços e abraçou-a tão forte que a fez soltar um guincho ofegante.

— Nunca — disse, com veemência.

— Papai? — chamou Jaenelle debilmente. — Papai, eu não consigo respirar.

Na mesma hora, ele afrouxou o abraço, mas não a largou.

O jardim foi invadido por ruídos suaves da noite. A brisa primaveril soprou.

— Este seu estado de espírito tem alguma coisa a ver com Cassandra, não tem? — perguntou Jaenelle.

— Em parte. — Pousou a face na cabeça de Jaenelle. — Precisamos deixar a Fortaleza.

O corpo de Jaenelle ficou tenso de tal forma que o de Saetan começou a doer.

— Por quê? — perguntou, por fim, inclinando-se o suficiente para trás de modo a conseguir olhar para o rosto de Saetan.

— Porque Lorn decidiu que temos de viver no Paço.

— Ah — disse ela. E acrescentou: — Não me admira que você esteja melancólico.

Saetan riu.

— Pois é. Bem, ele sabe como limitar as opções de uma pessoa. — Afastou o cabelo do rosto dela com toda a delicadeza. — Quero morar com você no Paço. Quero muito. Mas se você quiser ir para outro lugar ou se estiver reticente em sair da Fortaleza neste momento, lutarei com unhas e dentes.

Jaenelle arregalou os olhos.

— Ah, meu querido. Não acho que seja uma boa ideia. Ele é *muito* maior do que você.

Saetan tentou engolir, em vão.

— Ainda assim, lutarei com ele.

— Ah, meu querido. — Ela suspirou. — Vamos tentar morar no Paço.

— Obrigado, criança-feiticeira — disse ele, sem forças.

Jaenelle pôs um braço em volta da cintura de Saetan.

— Parece que as suas pernas estão tremendo.

— Então devo estar melhor do que me sinto — retrucou ele, colocando um braço em volta dos ombros de Jaenelle. — Vá, minha pequena feiticeira. Os próximos dias serão agitados, precisamos descansar.

8 / Kaeleer

Saetan abriu a porta da frente do Paço dos SaDiablo, adentrando um caos orquestrado.

Criadas andavam apressadas em todas as direções. Criados transportavam móveis de um aposento para outro com um objetivo que Saetan não compreendia. Jardineiros carregados de flores recém-colhidas entravam e saíam.

No centro do salão, Beale, seu mordomo de Joia Vermelha, segurava uma *extensa* lista em uma das mãos, enquanto com a outra orientava pessoas e volumes para seus devidos lugares.

Um pouco perplexo, Saetan dirigiu-se a Beale, na esperança de conseguir uma explicação para o que estava acontecendo. Depois de dar meia dúzia de passos, percebeu que um obstáculo ambulante não havia sido considerado naquela dança frenética. Criadas esbarraram contra ele e, quase sem alterar a expressão aborrecida ao reconhecerem o patrão, proferiram um “Perdão, Senhor Supremo” que beirava a grosseria.

Quando, por fim, ele conseguiu chegar perto de Beale, cutucou o seu ombro.

Beale olhou de relance para trás, reparou na expressão glacial de Saetan e baixou os braços. Ouviu-se, de imediato, um ruído surdo, e uma criada começou a se queixar:

— Ora, veja só o que você fez!

Beale pigarreou, puxou o colete para baixo, por sobre o cinturão, e esperou. Um mordomo um pouco ruborizado, mas novamente inabalável.

— Diga-me, Beale — advertiu Saetan —, você sabe quem sou?

Beale pestanejou.

— Você é o Senhor Supremo, Senhor Supremo.

— Ah, bom. Já que você me reconhece, ainda devo ter forma humana.

— Senhor Supremo?

— Não pareço um abajur de pé, por exemplo, por isso ninguém vai tentar me botar num canto e enfiar duas velas nas minhas orelhas. E não acho que possa ser confundido com uma antiga mesa animada que alguém pense em prender a uma cadeira para que não passeie para muito longe.

Beale parecia a ponto de entrar em pânico, mas rapidamente se recompôs.

— Não, Senhor Supremo. O senhor tem a mesma aparência que tinha ontem.

Saetan cruzou os braços e passou algum tempo ponderando a situação.

— Você acha que, se for para o meu escritório e ficar lá, talvez consiga escapar de ser desempoeirado, polido ou redecorado?

— Mas é claro, Senhor Supremo. Seu escritório foi limpo hoje de manhã.

— Irei reconhecê-lo? — murmurou Saetan.

Em seguida, foi se refugiar no escritório e suspirou de alívio. A mobília era a mesma de antes e estava disposta da mesma forma.

Tirou o casaco preto, estilo túnica, e, sentando-se na cadeira de couro atrás da mesa, arregaçou as mangas da camisa branca de seda. Contemplou a porta fechada do escritório e balançou a cabeça, mas seus olhos apresentavam um tom dourado e cálido, e seu sorriso era de compreensão. Afinal, fora ele mesmo quem provocara a comoção, ao contar a novidade antecipadamente a todos no Paço.

No dia seguinte, Jaenelle chegaria em casa.

CAPÍTULO QUATRO

1 / Inferno

— O filho da puta está tramando alguma coisa. Posso sentir.

Decidindo que o melhor era não dizer nada, Greer se recostou na cadeira remendada, observando Hekatah, que andava de um lado para outro.

— Durante dois gloriosos anos ele quase nem foi sentido, quanto mais visto, no Inferno ou em Kaeleer. Suas forças estavam diminuindo. *Sei* que estavam. Agora, voltou e está morando no Paço, em Kaeleer. *Morando*. Sabe há quanto tempo sua presença não era sentida num dos Reinos dos vivos?

— Há mil e setecentos anos? — respondeu Greer.

Hekatah parou e acenou afirmativamente com a cabeça.

— Mil e setecentos anos. Desde que Daemon Sadi e Lucivar Yaslana foram tirados dele. — Fechou os olhos dourados e deu um sorriso malicioso. — Como deve ter se lamentado quando Dorothea lhe negou a paternidade de Sadi na Cerimônia de Direito por Progenitura. Mas não havia nada que ele pudesse fazer sem sacrificar sua valiosa honra. Por isso retirou-se como um cão escorraçado, com o consolo de ainda ter um filho que as Viúvas Negras de Hayll não poderiam lhe exigir. — Abriu os olhos e abraçou-se. — Mas Prythian já tinha ido até a mãe do rapaz e contado a ela as meias-verdades que se pode contar aos que nada sabem sobre os Guardiões. Foi uma das poucas coisas que aquela porca alada fez direito na vida. — O entusiasmo desapareceu. — Então por que ele está de volta?

— Será que... — ponderou Greer, mas balançou a cabeça.

Hekatah bateu com os dedos no queixo.

— Será que encontrou outra queridinha para substituir seu bichinho de estimação? Ou terá finalmente decidido transformar Dhemlan em terreno de pastagem? Ou será alguma outra coisa?

Caminhou na direção de Greer, balançando os quadris e sorrindo de forma provocante, fazendo-o desejar tê-la conhecido quando podia fazer mais do que simplesmente apreciar o que aqueles movimentos insinuavam.

— Greer — sussurrou, enquanto colocava os braços em volta de seu pescoço e encostava os seios contra ele. — Quero que me faça um pequeno favor.

Greer aguardou, desconfiado.

O sorriso provocante de Hekatah tornou-se ameaçador.

— Suas bolas murcharam assim tão depressa, meu querido?

Um brilho súbito de raiva cruzou o olhar de Greer, mas ele rapidamente o ocultou.

— Quer que eu vá ao Paço em Kaeleer?

— E me arriscar a perdê-lo? — Hekatah fez beicinho. — Não, meu querido, não é necessário que entre naquele Paço sórdido. Temos um aliado leal que vive em Halaway. É maravilhoso quando se trata de recolher fragmentos preciosos de informação. Fale com ele. — Equilibrando-se nas pontas dos pés, beijou Greer levemente nos lábios. — Creio que vocês vão se dar bem. São farinha do mesmo saco.

2 / Kaeleer

Beale abriu a porta do escritório.

— Lady Sylvia — anunciou, desviando-se respeitosamente para dar passagem à Rainha de Halaway.

Saetan foi ao seu encontro no centro do escritório e estendeu-lhe as mãos, com as palmas viradas para baixo.

— Senhora.

— Senhor Supremo — respondeu ela, colocando as mãos por baixo das dele, com as palmas para cima num cumprimento formal, deixando os pulsos expostos às unhas do Príncipe das Trevas.

Saetan manteve a expressão neutra, mas aprovou a ligeira pressão que empurrava suas mãos para cima, a advertência sutil da força de uma Rainha. Algumas Rainhas ficavam profundamente ressentidas por terem de viver sob o acordo que as Rainhas de Terreille e de Kaeleer tinham feito com ele milhares de anos antes, visando à proteção do Território de Dhemlan em Terreille contra a invasão de Hayll. Sentiam-se profundamente melindradas por serem governadas por um macho. Algumas nunca compreenderam que, à sua maneira, ele servira sempre a uma Rainha, servira sempre à Feiticeira.

Felizmente, Sylvia não era uma delas.

Era a primeira Rainha nascida em Halaway desde que sua bisavó tinha governado, e sempre foi o orgulho do lugar. Um dia depois de constituir sua corte, fora até o Paço e, com uma delicadeza assertiva, informara a Saetan que, embora existisse para servir o Paço, Halaway era seu território e os habitantes dali eram seu povo; caso Saetan precisasse deles, Sylvia faria tudo para honrar o pedido — desde que fosse razoável.

Saetan agora lhe dirigia um sorriso afetuoso, embora prudente, acompanhando-a até a área do escritório mobiliada para conversas menos formais.

Depois que ela se instalou na ponta de uma cadeira almofadada, ele se

sentou no sofá de couro preto, colocando entre os dois a mesa de madeira escura. Pegou o decantador de yarbarah, encheu umas das taças de vidro escurecido, aqueceu-a bem devagar sobre uma labareda de fogo encantado e em seguida ofereceu-a a Sylvia.

Assim que Sylvia aceitou a bebida, Saetan preparou uma taça para ele próprio, tentando não insultá-la rindo de sua expressão, a mesma que a Rainha provavelmente usaria ao receber de um de seus filhos um bicho grande e asqueroso, que só mesmo um rapazinho poderia achar encantador.

— É sangue de cordeiro — disse ele com calma, recostando-se e cruzando as pernas.

— Ah. — Ela deu um leve sorriso. — É bom?

Sua voz estava rouca devido ao nervosismo, reparou Saetan, divertido.

— Sim, é bom. Provavelmente mais do seu agrado do que o sangue humano que receava estar misturado com o vinho.

Ela bebeu um gole, tentando desesperadamente não se sentir nauseada.

— É um gosto que se vai adquirindo — disse Saetan, maliciosamente. Será que Jaenelle já tinha provado vinho de sangue? Caso não, teria de corrigir em breve essa lacuna. — Você despertou minha curiosidade. — Alterou a voz profunda, tornando-a adúladora e tranquilizadora. — Poucas Rainhas se disporiam a estar comigo à meia-noite, muito menos solicitar uma audiência.

Sylvia pousou o copo cuidadosamente na mesa, para depois pôr as mãos no colo, pressionando as pernas.

— Queria que fosse um encontro privado, Senhor Supremo.

— Por quê?

Sylvia umedeceu os lábios, respirou fundo e olhou-o nos olhos.

— Tem alguma coisa errada acontecendo em Halaway. Alguma coisa quase imperceptível. Posso sentir... — Franziu a testa e balançou a cabeça, verdadeiramente perturbada.

Saetan queria estender a mão e suavizar o vinco que surgiu entre as sobrancelhas de Sylvia.

— O que você sente?

Sylvia fechou os olhos.

— Gelo cobrindo o rio no auge do verão. A terra, improdutiva. As plantações definhando nos campos. O vento carrega um cheiro de medo, mas não consigo localizar sua origem. — Abriu os olhos e sorriu, constrangida. — Peço desculpas, Senhor Supremo. Meu último Consorte costumava dizer que eu não faço sentido quando tento explicar alguma coisa.

— É mesmo? — respondeu Saetan, com muita delicadeza. — Talvez fosse o Consorte errado, senhora. Porque eu a compreendo claramente. — Esvaziou o copo e colocou-o na mesa com cuidado exagerado. — Quem, no seu povo, está mais aflito?

Sylvia respirou fundo.

— As crianças.

O escritório foi tomado por um rosnado feroz. Só quando Sylvia olhou de

relance para a porta foi que Saetan percebeu que o som vinha dele próprio. Parou abruptamente, mas a raiva doce e fria continuava ali. Respirando fundo, estremeceu e afastou o ímpeto assassino.

— Com licença. — Sem dar tempo a Sylvia para arrumar uma desculpa e ir embora, saiu do escritório, mandou trazer petiscos e bebidas e em seguida perambulou um bom tempo pelo salão principal, até conseguir controlar sua fúria. Quando voltou, Beale já tinha levado o chá e um prato com pequenos e finos sanduíches.

Sylvia recusou educadamente os sanduíches e não tocou no chá que Saetan lhe serviu. A intranquilidade que demonstrava perturbava Saetan. Fogo do Inferno, odiava aquela expressão nos olhos de uma mulher.

Sylvia umedeceu os lábios. Tinha a voz extremamente rouca.

— Sou sua Rainha. Isso é problema meu. Não deveria tê-lo incomodado com esse assunto.

Ele bateu com a taça e o pires na mesa, com tanta força que o pires se partiu ao meio. Em seguida, criou uma distância entre os dois, o suficiente para que pudesse andar para trás e para a frente, sem se afastar muito, para que ela não conseguisse chegar à porta antes dele.

Aquilo não deveria ter importância. Ele deveria estar acostumado. Se ela já tivesse entrado no escritório tendo medo dele, ainda poderia aceitar. Mas isso não tinha acontecido. Maldita fosse, ela *não* havia entrado com medo.

Virou-se de repente, mantendo o sofá e a mesa entre os dois.

— Nunca prejudiquei você ou o seu povo — afirmou rispidamente. — Usei minha força, minha Arte, minhas Joias e também o meu temperamento para proteger Dhemlan. Mesmo quando não estava visível, zelei por vocês. Há muitos serviços, inclusive extremamente íntimos, que poderia ter solicitado a você ou a qualquer outra Rainha deste Território, e no entanto nunca fiz tais exigências. Aceitei as responsabilidades de governar Dhemlan e, maldito seja, *nunca* abusei da minha posição ou do meu poder.

A pele morena de Sylvia foi destituída de sua cor quente e saudável. Sua mão tremia enquanto levava a taça aos lábios para bebericar o chá. Ela pousou a taça, ergueu o queixo e endireitou os ombros.

— Conheci sua filha recentemente. Perguntei a ela se achava complicado conviver com seu temperamento difícil. Ela me pareceu sinceramente perplexa e disse: “Que temperamento difícil?”

Saetan fixou-a por alguns momentos e sua fúria desapareceu. Esfregou a nuca e disse, com frieza:

— Jaenelle tem uma maneira particular de entender muitas coisas.

Antes que pudesse chamar Beale, o bule, bem como as xícaras usadas, desapareceram. Em seguida, surgiu na mesa um bule de chá recém-preparado, xícaras e pires lavados e um prato de bolos.

Saetan olhou para a porta com um ar inquisitivo antes de voltar para o sofá. Serviu outra taça de chá a Sylvia e uma para si mesmo.

— Ele não as trouxe — disse Sylvia baixinho.

— Eu reparei — respondeu Saetan, perguntando-se a que distância estaria o mordomo da porta do escritório. Colocou um feitiço silenciador no aposento.

— Talvez tenha se sentido intimidado.

Saetan bufou.

— Nenhum homem que tenha um casamento feliz com a Sra. Beale fica intimidado por quem quer que seja, nem mesmo por mim.

— Compreendo — Sylvia pegou um sanduíche e deu uma mordida.

Aliviado ao ver que a cor tinha voltado ao rosto de Sylvia e que já não se sentia assustada, Saetan pegou sua xícara e recostou-se.

— Vou descobrir o que está acontecendo em Halaway. E vou acabar com isso. — Bebericou o chá para disfarçar a hesitação. Mas precisava fazer a pergunta. — Quando começou?

Sylvia lançou-lhe um olhar penetrante.

— Sua filha não é a causa, Senhor Supremo. Estive com ela apenas por breves momentos, certa tarde, quando passeava com Mikal, meu filho mais novo; apesar disso, sei que ela não é a causa. — Brincou com a xícara, novamente nervosa. — Porém, pode ser a catalisadora. Talvez seja mais justo dizer que foi sua presença que me alertou para os fatos.

Saetan prendeu a respiração, na expectativa. Não fora fácil convencer Jaenelle a frequentar a escola de Halaway durante as últimas semanas que antecederiam o verão. Esperava que, ao se relacionar com outras crianças, seu interesse em retomar contato com seus velhos amigos fosse despertado. Em vez disso, ela retraíra-se ainda mais, tornara-se ainda mais esquiva. E as elegantes perguntas de Lord Menzar a respeito da educação oficial de Jaenelle — ou sua inexistência — o haviam consternado, uma vez que, exceto pela Arte que tinha lhe ensinado, ele não fazia ideia de como tinha sido a educação dela. Todos os dias desde que tinham chegado ao Paço, Saetan via os fios que tentava tecer entre si e Jaenelle se desfazendo tão depressa quanto os conseguia tecer, e não tinha nenhuma ideia, nenhuma pista de por que isso acontecia. Até agora.

— Por quê?

Sylvia, absorta em seus pensamentos, olhou intrigada para Saetan.

— Por que ela seria a catalisadora? — repetiu Saetan.

— Ah. — O vinco entre as sobrancelhas de Sylvia voltou a surgir enquanto se concentrava. — Ela é... diferente.

Não a ataque, repreendeu-se Saetan. Escute.

— Beron, meu filho mais velho, faz algumas aulas com ela, e temos conversado. Não que sua casa seja alvo de fofocas, mas Jaenelle o deixa intrigado, por isso ele vem me fazer perguntas.

— Por que ela o intriga?

Sylvia mordeu o sanduíche, refletindo.

— Beron diz que ela é muito tímida, mas, quando alguém consegue fazê-la falar, diz coisas extraordinárias.

— Nisso eu acredito — disse Saetan, com frieza.

— Às vezes, quando está conversando com alguém ou respondendo a alguma pergunta feita durante as aulas, para no meio da frase e inclina a cabeça, como se estivesse escutando com atenção algo que mais ninguém consegue ouvir. Às vezes, quando isso acontece, retoma a frase de onde a tinha interrompido. Outras vezes, ela se distancia e não volta a falar pelo resto do dia.

Que vozes Jaenelle estaria escutando? Quem — ou o que — chamava por ela?

— Às vezes, durante um intervalo, ela se afasta das outras crianças e só volta na manhã seguinte — disse Sylvia.

Ela não tinha voltado ao Paço, ou ele teria sabido. E não estava viajando pelos Ventos. Teria sentido sua ausência caso Jaenelle tivesse viajado para além da simples percepção. Mãe Noite, para onde ela ia? De volta para o abismo?

A possibilidade o deixava apavorado.

Sylvia respirou fundo. Novamente.

— Ontem, os alunos mais velhos saíram numa excursão aos Jardins Marasten. Conhece?

— É uma grande propriedade junto à fronteira entre Dhemlan e a Pequena Terreille. Possui alguns dos mais belos jardins de Dhemlan.

— Sim. — Sylvia engoliu com dificuldade o último pedaço do sanduíche. Limpou delicadamente os dedos no guardanapo de linho. — De acordo com Beron, Jaenelle se separou do grupo, embora ninguém tivesse percebido isso até a hora de ir embora. Ele voltou para procurá-la e... encontrou-a ajoelhada junto a uma árvore, chorando. Estava cavando e suas mãos estavam cheias de arranhões e sangravam. — Sylvia fixou o olhar no bule, com a respiração acelerada. — Beron ajudou-a a se levantar e lembrou a ela que não era permitido desenterrar as plantas. Ao que ela respondeu: “Eu estava plantando.” Quando ele lhe perguntou a razão, ela disse: “Como recordação.”

Saetan sentiu os músculos doloridos devido ao frio e seu sangue desacelerou. Este não era o frio agudo e purificador da raiva. Era medo.

— Beron identificou a planta?

— Sim. No ano passado mostrei essa planta a ele e expliquei-lhe o que era. Graças às Trevas, nenhuma delas cresce em Halaway. — Sylvia olhou para Saetan, profundamente perturbada. — Senhor Supremo, ela estava plantando sangue-de-feiticeira.

Por que Jaenelle não havia lhe dito?

— Se o sangue-de-feiticeira desabrochar...

Sylvia ficou apavorada.

— Não vai desabrochar a menos que... Isso não pode acontecer!

Saetan falou com longas pausas, sentindo-se muito fraco até para juntar as palavras.

— Investigarei esse assunto. Discretamente. E tratarei do problema em Halaway.

— Fico agradecida. — Sylvia remexeu nas pregas do vestido.

Saetan aguardou, forçando-se a ter paciência. Queria ficar sozinho, queria tempo para pensar. Entretanto, era evidente que Sylvia tinha alguma outra coisa em mente.

— O que foi?

— É bem trivial, em comparação.

— Mas...?

Com um olhar rápido, ela o examinou da cabeça aos pés.

— O senhor tem muito bom gosto para roupas, Senhor Supremo.

Saetan coçou a testa, tentando entender o que aquilo tinha a ver com o que estavam falando.

— Obrigado.

Fogo do Inferno! Como é que as mulheres conseguiam mudar de assunto com tanta facilidade? E *por que* faziam isso?

— No entanto, não deve estar muito por dentro do que está na moda para uma jovem garota hoje em dia. — Não era bem uma pergunta.

— Se essa é sua forma de me dizer que Jaenelle parece ter ido buscar suas roupas em um sótão, então tem razão. Acho que a Senescal da Fortaleza abriu todos os velhos baús que encontrou e deixou que minha intratável filha escolhesse o que bem entendesse. — Era um assunto de menor importância, um assunto seguro. Saetan ficou alegremente rabugento. — Eu não me importo se essas roupas lhe servem... Não é verdade, eu me importo. Jaenelle precisa de roupas novas.

— Então por que não a leva às compras em Amdarh ou em algum dos povoados mais próximos, até mesmo Halaway?

— Acha que não tentei? — resmungou.

Sylvia não fez qualquer comentário durante vários minutos.

— Tenho dois filhos. São bons rapazes, mas não uma companhia muito divertida para compras. — Deu um sorriso fugaz. — Talvez se fossem apenas duas mulheres saindo para almoçar e depois indo dar uma volta...

Saetan invocou uma carteira de couro e entregou-a a Sylvia.

— Isso basta?

Sylvia abriu a carteira, remexeu nos marcos de ouro e riu.

— Creio que será possível montar um guarda-roupa razoável... ou três.

Saetan gostava de ouvi-la rir, gostava das rugas delicadamente gravadas em volta dos seus olhos.

— É claro que irá gastar uma parte com você.

Sylvia fitou-o com seu melhor olhar de Rainha.

— Não fiz esta sugestão pensando em ser paga por ajudar uma jovem Irmã.

— Não era isso que eu tinha em mente, mas se você se sente desconfortável em usar o dinheiro para seu próprio deleite, então use-o para me agradecer. — Observou a expressão de Sylvia se converter de raiva em inquietação e perguntou-se quem teria sido o idiota que a tinha feito infeliz. — Além do mais — acrescentou com delicadeza —, você deve dar o exemplo.

Sylvia fez a carteira desaparecer e se levantou.

— É claro que lhe trarei todas as notas fiscais.

— É claro.

Saetan acompanhou-a até o salão principal. Pegando a capa que Beale segurava, colocou-a cuidadosamente nos ombros de Sylvia.

Enquanto caminhavam até a porta, Sylvia examinou os entalhes nas cornijas de madeira no topo cada parede.

— Só estive aqui umas seis vezes antes, se tanto, mas nunca tinha reparado nos entalhes. Quem quer que os tenha feito é muito talentoso — disse. — Foi a mesma pessoa que fez os croquis de todas estas criaturas?

— Não — disse Saetan. Percebeu que estava na defensiva e estremeceu.

— Foi você que desenhou os croquis. — Sylvia examinou os entalhes com interesse redobrado, abafando uma risada. — Creio que o escultor se divertiu um pouco com um dos seus rascunhos, Senhor Supremo. Aquela pequena besta tem os olhos tortos e a língua de fora — e está exatamente no local onde alguém pararia depois de entrar. Ao que parece, ela não tem muita consideração pelos seus convidados. — Fez uma pausa e estudou Saetan com o mesmo interesse com que examinara os entalhes. — O escultor não se divertiu com seu croqui, não é?

Saetan sentiu um calor no rosto. Conteve um grunhido.

— Não.

— Compreendo — disse Sylvia após um longo momento. — Foi uma noite interessante, Senhor Supremo.

Sem saber muito bem como interpretar o comentário, ele a acompanhou até a carruagem, apressando-se um pouco mais do que seria adequado.

Quando deixou de ouvir as rodas da carruagem, virou-se em direção à porta da frente, que estava aberta, e desejou poder adiar a conversa que teria em seguida. Mas Jaenelle ficava mais sintonizada com ele durante as horas de escuridão, mais reveladora quando se abrigava nas sombras, mais...

O som interrompeu seus pensamentos. Prendendo a respiração, Saetan olhou na direção dos bosques ao norte, que delimitavam os campos e os jardins do Paço. Esperou, mas o som não se repetiu.

— Você ouviu isso? — perguntou a Beale quando chegou à porta.

— Ouvi o quê, Senhor Supremo?

Saetan balançou a cabeça.

— Nada. Deve ter sido um cão do povoado que se afastou demais de casa.

Jaenelle ainda estava acordada, passeando pelos jardins embaixo dos seus aposentos.

Saetan dirigiu-se à cascata d'água e ao pequeno lago no centro do jardim, permitindo que ela sentisse sua presença sem perturbar seu silêncio. Era um bom lugar para conversar, já que as luzes dos seus aposentos no segundo andar não alcançavam o lago.

Instalou-se confortavelmente à beira do lago, deixando que a tranquilidade de uma agradável noite antecipada de verão e o barulho da água o acalmassem. Enquanto aguardava por Jaenelle, brincava com os dedos na água, sorrindo.

Ele havia lhe dito para decorar este jardim particular como quisesse. A fonte convencional fora a primeira a desaparecer. Ao observar as lótus, as algas e os pequenos juncos no lago, assim como as samambaias em volta, perguntou-se novamente se ela desejava dar um aspecto mais natural ao ambiente ou se tentava recriar um local que conhecia.

— Você acha inadequado? — perguntou a voz vinda das sombras.

Saetan mergulhou a mão no lago e ergueu a palma em concha, olhando para a água que escorria pelos dedos.

— Não, gostaria de ter pensado nisto eu mesmo. — Sacudiu as gotas de água dos dedos e olhou, por fim, para Jaenelle.

O vestido escuro que usava fundia-se na penumbra ao redor, dando a impressão de que o rosto, o ombro desnudado e o cabelo louro emergiam da própria noite.

Desviou o olhar, fixando uma lótus, embora intensamente consciente da presença de Jaenelle.

— Gosto do som da água cantando nas pedras — disse Jaenelle, aproximando-se um pouco mais. — É relaxante.

Mas não o suficiente. Quantas são as coisas que a inquietam, criança-feiticeira?

Saetan escutou a água. Afinou a voz para que combinasse com esse som.

— Já plantou sangue-de-feiticeira antes?

Ela ficou em silêncio durante tanto tempo que Saetan pensou que já não fosse responder. Porém, quando o fez, sua voz estava envolta naquela sombra sepulcral que sempre lhe provocava um calafrio.

— Sim, já plantei sangue-de-feiticeira antes.

Percebendo sua fragilidade, soube que estava chegando muito perto de uma ferida da alma — e de segredos.

— Ela irá desabrochar nos Jardins Marasten? — perguntou baixinho, voltando a mover os dedos pela água.

Outro silêncio prolongado.

— Sim.

O que significava que uma feiticeira que havia morrido de forma violenta estava enterrada ali.

Caminhando com delicadeza, ele se controlou. Estava em terreno perigoso. Olhou para Jaenelle, pois precisava ver o que lhe diriam aqueles olhos antigos e perturbados.

— Teremos de plantá-la em Halaway?

Jaenelle virou o rosto. Seu perfil combinava ângulos e sombras, um rosto exótico esculpido em mármore.

— Não sei. — Manteve-se imóvel. — Confia nos seus instintos, Saetan?

— Sim. Mas confio ainda mais nos seus.

Ela fez uma estranha expressão, que no entanto desapareceu com tal rapidez que Saetan não percebeu seu significado.

— Talvez não devesse. — Entrelaçou os dedos, apertando cada vez mais forte, até surgirem pequenas gotas escuras de sangue onde as unhas penetraram a pele. — Quando eu morava em Beldon Mor, estava o tempo todo... doente. Ficava hospitalizada durante semanas, às vezes por vários meses seguidos. — Acrescentou: — Não tinha nenhuma doença física, Senhor Supremo.

Respire, maldição, respire. Não fique sem reação agora.

— E por que nunca falou disso antes?

Jaenelle riu suavemente. A amargura que revelava o dilacerou.

— Tinha medo de que não quisesse ser meu amigo. Temia que, se você soubesse, não voltasse a me ensinar Arte. — Falou num tom de voz baixo e sofrido. — E tinha medo de que fosse mais uma das manifestações da doença, como os unicórnios e os dragões e... os outros.

Saetan reprimiu a dor, o medo, a raiva. Não havia como expressar esses sentimentos numa noite tão tranquila.

— Não faço parte de uma paisagem onírica, criança-feiticeira. Segure a minha mão e a carne tocará carne. O Reino das Sombras, bem como todos os seus habitantes, são reais. — Os olhos de Jaenelle se encheram de lágrimas, mas Saetan não sabia se eram de dor ou de alívio. Durante a permanência em Beldon Mor, os instintos de Jaenelle haviam sido brutalizados a ponto de ela já não mais confiar neles. Havia reconhecido o perigo em Halaway muito antes de Sylvia, mas duvidara de si própria de tal forma que fora incapaz de admiti-lo — no caso de alguém lhe dizer que estava imaginando coisas.

— Jaenelle — disse suavemente —, não tomarei nenhuma providência antes de verificar o que você me disser, mas, por favor, em nome dos que são muito jovens para se proteger, diga-me o que for possível.

Jaenelle se afastou, cabisbaixa, com o cabelo louro cobrindo o rosto como um véu. Saetan se virou, dando-lhe privacidade sem, de fato, deixá-la sozinha. As pedras sobre as quais estava sentado tinham se tornado frias e duras. Rangeu os dentes devido ao desconforto físico, sabendo instintivamente que caso se movesse ela não conseguiria encontrar as palavras necessárias.

— Conhece uma feiticeira chamada Sacerdotisa das Trevas? — sussurrou Jaenelle das sombras próximas.

Saetan cerrou os dentes, mantendo, no entanto, a voz baixa e calma.

— Sim.

— Lord Menzar também.

Saetan fixou o vazio e pressionou as mãos contra as pedras, deleitando-se com a dor provocada pelas arestas ásperas. Não se moveu, não fez nada a não ser respirar, até ouvir Jaenelle subindo as escadas que levavam à varanda externa dos seus aposentos e ouvir o som da porta de vidro se fechando. Permaneceu imóvel, erguendo somente os olhos dourados para observar as luzes apagando-se uma a uma.

A última luz no quarto de Jaenelle se apagou.

Sentado sob o céu noturno, escutava a água cantando nas pedras.

— Jogos e mentiras — murmurou. — Ora, eu também sei jogar. Você não deveria ter se esquecido disso, Hekatah. Não gosto deles, mas você subiu muito as apostas. — Sorriu, embora fosse um sorriso muito afável, muito dócil. — Além disso, sou paciente. Mas há de chegar o dia em que terei uma conversa com os insensatos parentes de Jaenelle, em Chaillot, e, nesse momento, será sangue e não água cantando nas pedras de um jardim... extremamente... privado.

— Tranque a porta.

Relutante, Mephis SaDiablo girou a chave na porta do escritório privado de Saetan SaDiablo muito abaixo do Paço, o local escolhido pelo Senhor Supremo para conversas que exigiam extrema privacidade. Precisou de alguns momentos para se lembrar de que não tinha feito nada de errado, de que o homem que o tinha mandado chamar era o seu pai, bem como o Príncipe dos Senhores da Guerra que servia.

— Príncipe SaDiablo.

Foi atraído pela voz profunda do homem sentado atrás da mesa.

Era um rosto terrível aquele que o contemplava do outro lado do escritório, estático, impassível, contido. O cabelo espesso e negro de Saetan, já grisalho, formava dois graciosos triângulos nas têmporas, atraindo o olhar para os olhos dourados. Eram esses olhos que ardiam com uma emoção de tal intensidade que palavras como “ódio” ou “raiva” não seriam adequadas. Havia apenas uma maneira de descrever o Senhor Supremo do Inferno: frio.

Séculos de preparação ajudaram Mephis a dar os últimos passos. Séculos e memórias. Quando era garoto, tinha medo de provocar o temperamento ruim do pai, embora nunca tivesse temido o homem. Era o homem que cantara para ele, que rira com ele, que ouvira com seriedade seus problemas infantis, que o respeitara. Só quando cresceu conseguiu compreender as razões pelas quais o Senhor Supremo deveria ser temido — e só passados muitos anos conseguiu avaliar *quando* deveria ser temido.

Como naquele momento.

— Sente-se. — A voz de Saetan trazia aquele tom de repreensão que costumava ser a última coisa que um homem jamais ouviria, à exceção dos próprios gritos.

Mephis tentou se ajeitar confortavelmente na cadeira. A grande mesa de madeira escura que os separava não lhe servia de consolo. Saetan não precisava tocar em um homem para aniquilá-lo.

Nos olhos de Saetan cintilou uma breve irritação.

— Tome um copo de yarbarah. — O decantador ergueu-se da mesa, servindo habilmente o vinho de sangue em dois copos. Duas labaredas de fogo encantado surgiram do nada. Os copos inclinaram-se, subiram e começaram a

girar lentamente sobre as chamas. Já aquecido, um dos copos flutuou até Mephis, enquanto o outro se encaixou na mão de Saetan. — Relaxe, Mephis. Preciso dos seus talentos, nada mais.

Mephis tomou um gole do yarbarah.

— Dos meus talentos, Senhor Supremo?

Saetan sorriu. Isso o tornava cruel.

— Você é meticoloso, perfeccionista e, acima de tudo, confio em você. — Fez uma pausa. — Quero que descubra tudo o que puder sobre Lord Menzar, o diretor da escola de Halaway.

— Devo procurar alguma coisa em especial?

O escritório esfriou ainda mais.

— Deixe que os instintos o guiem. — Saetan cerrou os dentes e completou, com rispidez. — Que isto fique entre nós, Mephis. Não quero ninguém fazendo perguntas sobre o que você busca.

Mephis esteve a ponto de perguntar quem se atreveria a questionar o Senhor Supremo, mas a verdade é que já sabia a resposta. Hekatah. Aquilo tinha a ver com Hekatah.

Mephis esvaziou o copo e pousou-o cuidadosamente na mesa de madeira escura.

— Se é assim, com sua permissão, gostaria de começar agora mesmo.

3 / Kaeleer

Luthvian encolheu os ombros diante da intromissão e bateu energicamente o pilão no almofariz, ignorando a garota que rondava a soleira da porta. Se não parassem de importuná-la com perguntas imbecis, jamais conseguiria terminar aqueles tônicos.

— Já terminou a lição de Arte? — perguntou Luthvian sem se virar.

— Ainda não, senhora, mas...

— Então por que está incomodando? — disse Luthvian, ríspido, largando o pilão no almofariz antes de se dirigir à garota.

A menina se encolheu, parecendo no entanto mais confusa que assustada.

— Tem um homem ali querendo ver você.

Fogo do Inferno, até parecia que a garota nunca tinha visto um homem.

— Ele está sangrando até a morte?

— Não, senhora, mas...

— Então leve-o para a sala de tratamento enquanto termino isto.

— Ele não veio para ser curado, senhora.

Luthvian rangeu os dentes. Era Viúva Negra eyriena e Curandeira. Feria-lhe o orgulho ter de ensinar Arte àquelas garotas de Rihlan. Se ainda vivesse em Terreille, seriam suas serviçais e não alunas. É claro que, se ainda vivesse

em Terreille, estaria trocando suas aptidões de Curandeira por um coelho velho ou um pedaço de pão seco.

— Se não está aqui para...

Estremeceu. Se não tivesse fechado firmemente suas barreiras interiores para não deixar entrarem os sentimentos de frustração de suas alunas, ela o teria sentido no preciso momento em que entrou naquela casa. O odor negro era inconfundível.

Luthvian esforçou-se para manter a voz firme e despreocupada.

— Diga ao Senhor Supremo que me juntarei a ele em seguida.

A garota arregalou os olhos. Correu pelo corredor, pegou uma amiga pelo braço e começou a sussurar, agitada.

Luthvian fechou devagar a porta do escritório. Soltou uma gargalhada queixosa, enfiando as mãos trêmulas nos bolsos do avental. Aquela ovelhinha de duas pernas vibrava de entusiasmo diante da perspectiva de declamar cortesias ensaiadas ao Senhor Supremo do Inferno. Também Luthvian vibrava, mas a razão era bem diferente.

Oh, Tersa, na sua loucura você talvez não soubesse ou não se importasse de quem era a lança embainhada em você. Eu era jovem e estava assustada, mas não louca. Ele fez o meu corpo cantar, e pensei... pensei...

Passados tantos séculos, a verdade ainda lhe deixava um gosto amargo na boca.

Luthvian tirou o avental e alisou os vincos do velho vestido o melhor que pôde. Uma feiticeira doméstica conheceria um pequeno feitiço para fazê-lo parecer bem engomado. Uma feiticeira versada em serviços pessoais conheceria um pequeno feitiço para alisar e em seguida entrançar os longos cabelos pretos em apenas alguns segundos. Esse não era o seu caso, e não era digno de uma Curandeira aprender uma Arte tão trivial. Não era digno de uma Viúva Negra se importar com a aprovação de um homem — quem quer que fosse ele — à sua indumentária.

Depois de fechar o escritório e fazer a chave desaparecer, Luthvian endireitou os ombros e ergueu o queixo. Só havia uma forma de saber por que estava ali.

Ao percorrer o corredor principal que dividia o andar mais baixo da casa, Luthvian manteve o passo lento e digno, como convinha a uma Irmã da Ampulheta. O escritório, a sala de tratamento, a sala de jantar, a cozinha e os depósitos ficavam na parte dos fundos. Na parte da frente ficavam a sala dos alunos, a sala de estudos, a biblioteca de Arte e a sala de estar. No segundo andar estavam os banheiros e os quartos das alunas. O terceiro andar era ocupado pelos seus aposentos e por um quarto menor para convidados especiais.

Não tinha empregados residentes. Doun ficava ali perto, por isso os criados voltavam para casa todas as noites, para suas famílias.

Luthvian se deteve, ainda não preparada para abrir a porta da sala de estar. Era uma exilada eyriena entre rihlanianos — uma eyriena nascida sem as asas

que seriam o testemunho silencioso de que descendia da raça guerreira que dominava as montanhas. Por isso, era ríspida e seca, não permitindo que os rihlanianos tomassem liberdades excessivas. No entanto, isso não queria dizer que pretendesse partir, que não sentisse satisfação com seu trabalho. Gostava da deferência com que era tratada, uma vez que era uma excelente Curandeira e uma Viúva Negra. Era influente em Doun.

Porém, a casa não lhe pertencia, e o terreno, como todos os terrenos em Ebon Rih, era de propriedade da Fortaleza. A casa havia sido construída especificamente para ela, de acordo com suas condições, o que não significava que o proprietário não pudesse lhe botar na rua quando quisesse.

Seria por isso que estaria aqui, para cobrar a dívida e recuperar o investimento?

Respirando fundo, Luthvian abriu a porta da sala de estar, embora não estivesse completamente preparada para receber o antigo amante.

Ele estava rodeado pelas alunas, que davam risadinhas, flertavam e pestanejavam. Não parecia aborrecido nem desesperado para se ver livre delas, nem sequer envaidecido como um jovem macho diante de tanta e tão genuína atenção feminina. Era como sempre havia sido, um ouvinte educado, que não interromperia um falatório trivial a menos que fosse absolutamente necessário, um homem que sabia expressar uma rejeição.

E ela se lembrava bem como ele sabia fazer isso.

Foi nesse momento que ele a viu. Não havia raiva nos seus olhos dourados, e tampouco surgiu em seu rosto um sorriso afetuosos de saudação. E o que isso transmitiu a Luthvian foi o suficiente. Qualquer que fosse o assunto que tivesse a tratar com ela, era de foro particular, embora não fosse *pessoal*.

Isso a enfureceu, e uma Viúva Negra com um acesso de raiva não era uma mulher para brincadeiras. Saetan observou a alteração na disposição de Luthvian e levantou ligeiramente uma das sobrancelhas em reconhecimento, interrompendo, por fim, a tagarelice das meninas.

— Minhas senhoras — disse, com a voz profunda e carinhosa —, agradeço por tornarem a minha espera tão agradável, porém não devo mantê-las afastadas dos seus estudos. — Sem levantar a voz, conseguiu silenciar os protestos vigorosos. — Além do mais, o tempo de Lady Luthvian é precioso.

Luthvian se afastou da porta, deixando-as passar em debandada. Roxie, a aluna mais velha, parou na entrada da porta, olhou por cima do ombro e piscou para o Senhor Supremo.

Luthvian fechou a porta na sua cara.

Esperou que Saetan se aproximasse com o respeito cauteloso que um macho que serve à Ampulheta deve apresentar ao se aproximar de uma Viúva Negra. Quando percebeu que ele não se movia, corou diante da lembrança silenciosa de que Saetan não servia à Ampulheta. Era além de tudo Sacerdote Supremo, uma Viúva Negra de categoria superior à sua.

Movimentou-se com uma indiferença intencional, como se aproximar-se dele não tivesse grande importância, mas ao parar deixou metade do espaço

do aposento entre os dois. Já era próximo o bastante.

— Como foi capaz de suportar tanta conversa fiada?

— Achei interessante... e muito educativo — acrescentou com frieza.

— Ah — exclamou Luthvian. — Roxie deve ter contado sobre sua Noite da Virgem, não? Mas em qual versão, a de bom gosto ou a pitoresca? Ela é a mais velha aqui, a única que alcançou a idade para realizar a cerimônia, por isso está sempre se enchendo de ares e dizendo às outras que anda muito cansada para as aulas da manhã, pois seu amante é muuuito exigente.

— Ela é muito jovem — disse Saetan calmamente — e...

— Ela é vulgar — disse Luthvian com rispidez.

— ... as jovens podem ser tolas.

Os olhos de Luthvian arderam. Não choraria na frente dele. Outra vez, não.

— Foi isso que pensou de mim?

— Não — disse Saetan, delicado. — Você era uma Viúva Negra natural, guiada pela necessidade ardente de expressar a Arte e, mais intensamente ainda, pela necessidade de sobrevivência. Não era nada tola.

— Fui tola o bastante para confiar em você!

Os olhos dourados de Saetan se mantiveram inexpressivos.

— Eu lhe disse quem era e o que era antes de ir para a cama com você. Meu papel era o de consorte experiente, acompanhando uma jovem feiticeira na sua Noite da Virgem para que, quando acordasse na manhã seguinte, a única coisa que tivesse rasgada fosse uma membrana — e não sua mente, suas Joias ou seu espírito. Foi um papel que desempenhei várias vezes antes, quando governava o Território Dhemlan em ambos os Reinos. Eu compreendia e honrei as regras dessa cerimônia.

Luthvian agarrou uma jarra e lançou-a na direção da cabeça de Saetan, gritando:

— E engravidá-la fazia parte dessas regras?

Saetan segurou a jarra com facilidade e em seguida abriu a mão, deixando que ela se espatifasse no chão. Dos seus olhos saíam faíscas, e sua voz enrouqueceu.

— Sinceramente, eu não sabia que ainda era fértil. Não esperava que o efeito do feitiço fosse tão prolongado. E desculpe a memória de um velho homem, mas lembro-me claramente de lhe perguntar se tinha tomado a infusão encantada para evitar a gravidez e de você responder que sim.

— O que queria que eu respondesse? — berrou Luthvian. — O risco de ser destruída pelos carniceiros de Dorothea aumentava a cada momento. Você era minha única chance de sobreviver. Eu sabia que estava perto do período fértil, mas tinha de arriscar!

Saetan permaneceu imóvel e calado durante muito tempo.

— Você sabia que era arriscado, que nada tinha feito para prevenir a gravidez, mentiu quando perguntei e *ainda se atreve a me culpar*?

— Não é por isso que o culpo — gritou —, mas pelo que aconteceu depois.

— Os olhos de Saetan evidenciavam incompreensão. — Você só se importava

com o bebê. Já não q-queria estar c-comigo.

Saetan suspirou e caminhou até a janela, fixando o olhar no muro baixo de pedra que circundava a propriedade.

— Luthvian — disse penosamente —, o homem que orienta uma feiticeira na Noite da Virgem não está destinado a ser seu amante. Isso só acontece quando já existe previamente uma forte ligação entre os dois, quando já são amantes em todos os aspectos, menos o físico. A maior parte das vezes...

— Não precisa citar as regras, Senhor Supremo — interrompeu Luthvian com rispidez.

— ... depois de deixar a cama, ele pode se tornar um amigo querido ou nada além de uma agradável memória. Ele se preocupa com ela, porque assim tem de ser para mantê-la a salvo, mas pode haver uma grande diferença entre se preocupar e amar. — Olhou por cima do ombro. — Eu me preocupava com você, Luthvian. Dei a você o que podia. Mas não foi suficiente.

Luthvian se abraçou, perguntando-se se alguma vez teria deixado de sentir aquela amargura e desilusão.

— Não, não foi suficiente.

— Você podia ter escolhido outro homem. É o que devia ter feito. Até encorajei você a fazer isso.

Luthvian olhou espantada para Saetan. *Sofra, maldito, sofra tanto quanto eu sofri.*

— E como você acha que esses homens se sentiriam assim que percebessem que o pai do meu filho era o Senhor Supremo do Inferno?

O golpe foi certo, mas o sofrimento e a mágoa que viu nos olhos de Saetan não a fizeram se sentir melhor.

— Eu queria levá-lo comigo, educá-lo. Você sabia disso.

A raiva e as incertezas antigas extravasaram.

— Educá-lo para quê? Para ser ração? Para que você tivesse um abastecimento constante de sangue fresco e forte? Quando você descobriu que ele era meio eyrieno, quis matá-lo!

Os olhos de Saetan brilharam.

— Você queria cortar as asas dele.

— Para que tivesse a oportunidade de uma vida digna! Sem elas, passaria por dhemlano. Poderia administrar uma das suas propriedades. Poderia ser respeitado.

— Você acredita mesmo que essa seria uma troca justa? Viver uma vida respeitável sem jamais ter conhecimento da linhagem eyriena, sem compreender o desejo ardente que experimentaria na alma ao sentir o vento no rosto, sempre na dúvida sobre desejos que não fariam qualquer sentido, até o dia em que olhasse para o seu primogênito e visse as asas? Ou você tinha a intenção de amputar todas as gerações?

— As asas seriam um estorvo, uma aberração.

Saetan estava completamente imóvel.

— Vou lhe dizer de novo o que disse quando ele nasceu. Ele é eyrieno de

alma, e isso tinha que ser honrado acima de tudo. Se você tivesse cortado as asas dele, aí sim eu lhe teria cortado a garganta no berço. Não porque eu não estivesse preparado para isso, e não estava, já que você fez todos os esforços para não me informar, mas porque ele sofreria demais.

As palavras furiosas de Luthvian saíram cortantes:

— Então você acha que ele não sofreu? Você sabe muito pouco sobre Lucivar, Saetan.

— Mas então por que ele não foi confiado aos meus cuidados, Luthvian? — perguntou, com falsa delicadeza. — Quem foi responsável por *isso*?

As lágrimas voltaram. As lembranças, a angústia, a culpa.

— Você não amava a mim nem a ele.

— Isso é só em parte verdadeiro, minha cara.

Luthvian engoliu um soluço. Olhou fixamente para o teto.

Saetan balançou a cabeça e suspirou.

— Mesmo após todos estes anos, é inútil tentarmos conversar. Acho melhor ir embora.

Luthvian enxugou a única lágrima que fugiu ao seu autocontrole.

— Você não disse por que veio. — Pela primeira vez, olhou para ele sem o véu do passado a encobrir o presente. Parecia mais velho, como se carregasse um peso nos ombros.

— Provavelmente seria muito difícil para todos nós.

Luthvian esperou. O desconforto, a relutância em abordar o assunto a deixaram apreensiva — e curiosa.

— Eu queria contratar você como professora de Arte de uma jovem Rainha que também é Viúva Negra natural e Curandeira. É extremamente talentosa, embora sua educação tenha sido extremamente... irregular. As aulas teriam de ser particulares e ministradas no Paço dos SaDiablo.

— Não — disse Luthvian com rispidez. — Aqui. Se eu for ensiná-la, terá de ser aqui.

— Se ela viesse para cá, teria de ser acompanhada. E como você sempre achou Andulvar e Prothvar eyrienos além do tolerável, teria de ser por mim.

Luthvian bateu um dedo nos lábios. Uma Rainha que era também Curandeira e Viúva Negra? Mas que combinação potencialmente letal de forças. De fato, um desafio digno das suas capacidades.

— A aprendizagem dela comigo abrangeria os ensinamentos medicinais e os da Ampulheta?

— Não. Ela ainda tem dificuldades com a Arte que consideramos básica, e é nesta área que gostaria que você trabalhasse. Não me oponho a estender as aulas à Arte medicinal, se isso for de seu interesse, porém eu mesmo me encarregarei da Arte da Ampulheta.

O orgulho exigia um desafio.

— E quem é esta feiticeira que precisa de um professor de Joia Negra?

O Príncipe das Trevas, o Senhor Supremo do Inferno, examinou-a, refletindo, ponderando. Por fim, respondeu:

4 / Inferno

Mephis colocou a pasta sobre a mesa do escritório particular de Saetan e começou a esfregar as mãos, como se limpando a sujeira.

Saetan gesticulou como se abrisse algo. A pasta se abriu, mostrando várias folhas com a caligrafia compacta de Mephis.

— Temos que tomar uma providência, não é? — resmungou Mephis.

Saetan invocou os óculos em meia-lua, colocou-os cuidadosamente na ponta do nariz e pegou a primeira folha.

— Deixe-me ler.

Mephis bateu com a mão na mesa.

— Ele é obsceno!

Saetan olhou para o filho mais velho por cima dos óculos, sem deixar transparecer a raiva que começava a sentir.

— Deixe-me ler, Mephis.

Mephis se afastou de um salto, rosnando, e começou a andar de um lado para o outro.

Saetan leu e releu o relatório. Por fim, fechou a pasta, fez desaparecer os óculos e esperou que Mephis se acalmasse.

Obsceno não era a palavra adequada para Lord Menzar, o diretor da escola de Halaway. Lamentáveis acidentes ou doenças haviam permitido que ele fosse promovido a cargos de autoridade em escolas de vários Distritos em Dhemlan — acidentes aos quais não era possível relacioná-lo, que estavam desprovidos do seu odor. Ele sempre mostrou deferência o bastante para agradar, a autoconfiança necessária para convencer os outros da sua capacidade. E ali estaria ele, destruindo minuciosamente o antigo código de honra, retalhando a frágil teia de confiança que ligava os homens e as mulheres dos Sangue.

O que aconteceria aos Sangue se essa confiança fosse destruída? Bastava olhar para Terreille para obter a resposta.

Mephis estava em pé, em frente à mesa, com os punhos cerrados.

— O que vamos fazer?

— Deixe que eu cuido disto, Mephis — disse Saetan, com delicadeza excessiva. — Se Menzar tem espalhado seu veneno livremente durante todo este tempo, foi porque não estive alerta o suficiente para detectá-lo.

— Mas e quanto às Rainhas e seus Primeiros Círculos, que também não estiveram alertas o suficiente para detectá-lo quando ele esteve em seus territórios? Não é que você não tenha recebido avisos e os ignorado, você *nunca* recebeu qualquer aviso até Sylvia procurá-lo.

— A responsabilidade não deixa de ser minha, Mephis. — Quando Mephis

começou a protestar, Saetan o interrompeu. — O que quer que eu faça? Que envie estas informações às Rainhas? Que exiba as provas de como foram manipuladas *por um homem*? Quer que *elas* cobrem a dívida?

Mephis estremeceu.

— Não, não é isso que eu quero. A raiva delas permaneceria acesa durante muito tempo.

— E atingiria outros homens além do culpado. — Saetan forçou a voz para soar afável. — Em Dhemlan há jovens feiticeiras, dentre as quais Rainhas, Viúvas Negras e Sacerdotisas, que estão atingindo a maioria e que carregam as cicatrizes das ações daquele homem. Temos de contar o que aconteceu a alguns dos machos mais fortes nesses Distritos para que estejam preparados, e, em seguida, fazer o que estiver ao nosso alcance para ajudar a reconstruir a confiança destruída por Menzar. — Balançou a cabeça, tristemente. — Não, Mephis, se eu não estiver disposto a aceitar as responsabilidades, só me restaria renunciar a estas terras.

— O sangue desse homem não deveria sujar apenas as suas mãos — disse Mephis baixinho.

Obrigado, Mephis. Muito obrigado por isso.

— Uma execução oficial requer apenas um carrasco. — Fez uma pausa, para perguntar em seguida: — Há alguém que dependa dele?

Mephis assentiu.

— Uma irmã que toma conta da casa.

— Uma feiticeira doméstica?

Os olhos de Mephis se transformaram em pedras amarelas.

— Não por formação nem por vocação, pelo que eu soube. Parece que ele tolera sua presença... Segundo a fofoca dos vizinhos, sem dúvida plantada por ele, ela não possui a inteligência nem a sabedoria para ser independente. Enfim, ele deixa que a irmã lhe pague a moradia e a alimentação com todo tipo de serviços domésticos. — O tom de voz não deixava dúvidas quanto ao tipo de serviços exigido por Menzar.

— Você acha que ela possui a inteligência ou a sabedoria para ser independente?

Mephis deu de ombros.

— Duvido que já tenha tido oportunidade de tentar. Não usa Joias. Se nunca possuiu as competências para isso ou se foram tiradas dela... é difícil dizer neste momento.

Hekatah, você treina bem os seus servos.

— Com os rendimentos da família, providencie-lhe discretamente uma pensão equivalente ao salário de Menzar. A casa é alugada? Pague o aluguel por um período de cinco anos.

Mephis cruzou os braços.

— Sem o aluguel para pagar, ela nunca terá tido tanto dinheiro à disposição.

— Isso vai lhe dar o tempo e os recursos para descansar. Não vejo motivo

para que ela pague pelos crimes do irmão. Se suas faculdades mentais tiverem sido prejudicadas pelas manipulações de Menzar, vão se recuperar. Se, de fato, ela não for capaz de tomar conta de si própria, tomaremos outras providências.

Mephis pareceu perturbado.

— Sobre a execução...

— Deixe que eu me encarrego disso, Mephis. — Saetan deu a volta na mesa e roçou o ombro no do filho. — Além disso, há outra coisa que quero que faça.

— Esperou que Mephis olhasse para ele. — Ainda tem aquela casa em Amdarh?

— Você sabe que sim.

— E ainda gosta de ir ao teatro?

— Bastante — disse Mephis, perplexo. — Alugo um camarote todas as temporadas.

— E há alguma peça em cartaz que possa agradar a uma jovem de quinze anos?

Mephis sorriu ao entender aonde o pai queria chegar.

— Haverá duas na semana que vem.

Saetan respondeu com um sorriso sinistro.

— Muito oportuno, na minha opinião. Um passeio à capital de Dhemlan com o irmão mais velho antes que os novos professores comecem a fazer exigências parece perfeito para os nossos planos.

5 / Terreille

As pernas de Lucivar vacilavam devido à exaustão e à dor. Acorrentado de frente para a parede no fundo da cela, ele tentava repousar o peito contra a parede a fim de reduzir o peso nos membros inferiores, tentava ignorar a tensão nos ombros e no pescoço.

As lágrimas começaram a cair, lenta e silenciosamente de início, transformando-se em um choro convulsivo que lhe comprimia o peito, fruto do profundo sofrimento acumulado.

O guarda taciturno tinha se encarregado do espancamento. Desta vez não foram as costas, mas as pernas. E não um chicote para ferir a pele, mas uma grossa tira de couro que golpeará com toda a força os músculos retesados. Seguindo o ritmo lento do tambor, o guarda batia com a tira de couro diligentemente, sobrepondo cada batida à anterior para que nenhuma área de suas pernas fosse ignorada. Batia e retirava, batia e retirava. Além da respiração que silvava entre os dentes, Lucivar não produzia qualquer outro som. Depois de terminada a surra, foi obrigado a se levantar — seus pés estavam maltratados demais para suportar o peso —, e recebeu o novo brinquedo de Zuultah: um cinto de castidade metálico. Ele se fechava em volta

da cintura, mas a presilha metálica entre as pernas não estava apertada o bastante de forma a lhe causar desconforto. Lucivar ficara intrigado com aquilo por alguns momentos, antes de ser forçado a caminhar para a cela. Depois disso, não havia espaço para mais nada a não ser a dor. E, ao chegar à cela, ele entendeu muito bem que aconteceria.

Uma nova corrente havia sido fixada na parede do fundo. A presilha inferior do cinto foi passada por um buraco na faixa em volta da cintura, ao qual foi presa a corrente. A corrente só permitia que ele se mantivesse em pé, e, se as pernas cedessem, sua cintura não suportaria o peso. Certamente Zuultah estava sendo massageada enquanto esperava por seu atroz grito de dor.

No entanto, não era por isso que ele chorava.

Um muco bolorento tinha começado a se formar nas suas asas. Sem a limpeza de uma Curandeira, iria se propagar cada vez mais até que elas não passassem de filamentos sebosos de pele membranosa suspensa no esqueleto. Ele não podia esticar as asas na mina de sal sem levar um golpe, e nas últimas noites suas mãos eram presas atrás das costas, apertando as asas junto ao corpo coberto de poeira de sal, que pingava de suor.

Uma vez tinha dito a Daemon que preferia perder os testículos às asas, e estava sendo sincero.

No entanto, não era por isso que chorava.

Não via o sol há mais de um ano. Com exceção dos breves e preciosos minutos em que era levado, todos os dias, da cela para as minas de sal, para depois regressar, não tinha respirado ar puro nem sentido a brisa na pele. Seu mundo resumia-se a dois buracos sombrios e fétidos — e a um pátio coberto onde regularmente era estendido nas pedras e espancado.

No entanto, não era por isso que chorava.

Não era a primeira vez que era castigado, chicoteado, fechado em celas escuras. Por várias vezes fora vendido para servir a feiticeiras cruéis e pervertidas. Sempre respondera lutando, com toda a ferocidade que tinha, tornando-se tão destrutivo que acabavam por enviá-lo de volta a Askavi.

Não tinha tentado fugir de Pruul nem uma única vez, nem uma única vez libertara o seu volúvel temperamento para rasgar, despedaçar e destruir. Há alguns anos, o sangue de Zuultah e dos guardas teria manchado as paredes deste lugar, e, do meio dos destroços, ele soltaria um grito de guerra eyrieno clamando vitória e inundando a noite.

Mas esses eram os tempos em que ainda acreditava no mito, no sonho. Eram os tempos em que ainda acreditava que um dia encontraria a Rainha que o aceitaria, compreenderia e apreciaria. Conhecê-la fora o seu sonho, uma flor perfumada e resplandecente na sua alma. A Senhora da Montanha Negra. A Rainha de Ebon Askavi. Feiticeira.

Então o sonho virou carne — e Daemon a assassinou.

Era por isso que chorava. Pela perda da senhora a quem ansiara servir, pela perda do único homem em quem acreditava poder confiar.

Agora restava um vazio, um desespero tão profundo que cobria sua alma

como o muco bolorento cobria suas asas.

Restava um único sonho.

Por fim, a dor no peito diminuiu. Lucivar reprimiu o último soluço e abriu os olhos.

Sempre soubera onde e como queria morrer. E não era nas minas de sal de Pruul.

Suas pernas tremiam devido ao esforço. Lucivar fincou os dentes no lábio inferior até sangrar. Mais algumas horas e os guardas viriam libertá-lo para conduzi-lo às minas de sal. Mais dor, mais sofrimento.

Choraria um pouco, estremeceria um pouco. Na semana seguinte, com a aproximação de um guarda, estremeceria um pouco mais. Aos poucos, esqueceriam aquilo que nunca deveriam esquecer sobre Lucivar. E então...

Lucivar sorriu com os lábios cobertos de sangue.

Havia ainda uma razão para viver.

6 / Terreille

Dorothea SaDiablo olhou espantada para o Mestre da Guarda.

— O que quer dizer com encerrou as buscas?

— Ele não está em Hayll, Sacerdotisa — respondeu Lord Valrik. — Eu e meus homens vasculhamos todos os celeiros, todas as casas de campo, todos os povoados plebeus e dos Sangue. Entramos em todos os becos de todas as cidades. Daemon Sadi não está em Hayll, *nunca esteve* em Hayll. Eu apostaria minha carreira nisso.

E perderia.

— Você encerrou as buscas sem a minha autorização.

— Sacerdotisa, eu daria a minha vida por você, mas estamos perseguindo um homem que não está aqui. Ninguém o viu, Sangue ou plebeus. Os homens estão abatidos. Precisam ficar algum tempo em casa, com suas famílias.

— E daqui a dez meses um exército de fedelhos chorões irá testemunhar quão abatidos seus homens estão.

Valrik não respondeu.

Dorothea começou a andar de um lado para outro, batendo os dedos no queixo.

— Ora, se ele não está em Hayll, comece a procurar nos Territórios de fronteira e...

— Não temos o direito de realizar buscas em outro Território.

— Todos esses Territórios estão sob a proteção de Hayll. As Rainhas não se atreveriam a negar acesso às suas terras.

— A autoridade das Rainhas que governam esses Territórios já é fraca. Não podemos nos dar ao luxo de fragilizá-la ainda mais.

Dorothea se afastou de Lord Valrik. Ele tinha razão, maldito fosse. Mas precisava fazê-lo agir de *alguma* maneira.

— Então você me deixar à mercê do Sádico — disse, com a voz trêmula.

— *Não*, Sacerdotisa — exclamou Valrik. — Falei com todos os Mestres da Guarda de todos os Territórios de fronteira e os informei sobre a índole brutal de Sadi. Eles estão cientes de que suas jovens correm perigo. Se o descobrirem em algum dos seus Territórios, ele não escapará com vida.

Dorothea se virou.

— *Nunca* o autorizei a matá-lo.

— Ele é um Príncipe dos Senhores da Guerra. É a única forma de...

— *Você não deve matá-lo.*

Dorothea cambaleou, sentindo-se satisfeita quando Valrik a envolveu com os braços e a conduziu até uma cadeira. Colocando os braços em volta do pescoço do seu Mestre da Guarda, puxou sua cabeça para baixo até as testas dos dois se tocarem.

— A morte de Sadi teria consequências para todos nós. Ele precisa ser trazido de volta a Hayll com vida. Você precisa ao menos supervisionar as buscas nos outros Territórios.

Valrik hesitou, suspirando em seguida.

— Não posso. Pelo seu bem e pelo bem de Hayll... não posso.

Um bom homem. Mais velho, experiente, respeitado, honrado.

Dorothea deslizou a mão direita pelo pescoço de Valrik, numa carícia sensual, e em seguida cravou as unhas na sua carne, injetando todo o veneno pelo dente de serpente.

Valrik recuou, horrorizado, levando a mão ao pescoço.

— Sacerdotisa... — Seus olhos brilharam. Ele deu um passo cambaleante para trás.

Dorothea lambeu delicadamente o sangue dos dedos e sorriu para Valrik.

— Você disse que daria a vida por mim. Assim foi feito. — Examinou as unhas, ignorando Valrik, que saía aos tropeções, moribundo. Invocando uma lixa, corrigiu uma irregularidade na unha.

Era uma pena perder um Mestre da Guarda tão bom, e um aborrecimento ter de substituí-lo. Fez a lixa desaparecer e sorriu. Contudo, Valrik serviria para ensinar uma lição muito importante ao seu sucessor: o excesso de honra pode matar.

7 / Kaeleer

Saetan fez uma bola com a camisa recém-engomada, amarrotando-a. Sacudiu-a, sinistramente satisfeito com o resultado, e vestiu-a.

Odiava isto. Sempre odiara.

As calças pretas e o casaco tipo túnica passaram pelo mesmo processo que a camisa. Enquanto abotoava o casaco, deu um sorriso sarcástico. Ainda bem que insistira para que Helene e o resto do pessoal não trabalhasse esta noite. Se sua cerimoniosa governanta o visse vestido daquela forma, se sentiria pessoalmente insultada.

Seus sentimentos eram estranhos. Preparava-se para uma execução e não sentia nada além de alívio por não ferir o orgulho da governanta com a sua aparência.

Não, não era só isso o que sentia. Havia raiva diante daquela necessidade, e uma ansiedade terrível, pois temia que, considerando o que estava prestes a fazer, aqueles olhos azul-safira, um dia o olhassem com condenação e aversão em vez de afeto e amor.

Mas Jaenelle estava com Mephis em Amdarh. Nunca saberia.

Saetan invocou a bengala que tinha posto de lado algumas semanas antes.

É claro que Jaenelle saberia. Era inteligente demais para deixar de perceber o significado do desaparecimento repentino de Menzar. No entanto, o que iria pensar dele? Que significado isso teria para ela?

Tivera a esperança — que sensação agriçoce! — de poder viver sossegado neste local sem dar razão para que as pessoas recordassem vividamente quem ele era e o que era. Havia desejado apenas ser um pai a educar uma filha Rainha.

Nunca fora assim tão simples. Não para ele.

Nunca o questionaram sobre as razões que o haviam levado a lutar em favor de Dhemlan Terreille quando Hayll ameaçou aquela terra pacata tantos séculos antes. Ambos os lados partiram do princípio de que ele agia movido pela ambição. Porém o que o havia movido era algo muito mais sedutor e de uma simplicidade muito maior: queria ter um lugar que pudesse chamar de lar.

Queria ter uma terra para cuidar, um povo com o qual se preocupar, crianças — suas e dos outros — para encher a casa com sua alegria e exuberância. Sonhava com uma vida simples na qual usaria sua Arte para o bem e não para destruir.

Entretanto, um Príncipe dos Senhores da Guerra, Viúva Negra e de Joias Negras, a quem já chamavam Senhor Supremo do Inferno, não poderia simplesmente entrar de uma hora para outra na vida tranquila de um pequeno povoado. Por isso, ele determinou um preço digno do seu poder: construiu Paços dos SaDiablo em todos os três Reinos, governou com mão de ferro e um coração piedoso, ansiando pelo dia em que conheceria uma mulher cujo amor por ele superasse o medo.

Mas em vez disso conheceu e casou-se com Hekatah.

Durante algum tempo, muito pouco tempo, achou que seu sonho tinha se concretizado — até Mephis nascer e Hekatah ter certeza de que ele não partiria, de que não abandonaria o filho. Mesmo nessa época, comprometido com Hekatah, tentou ser um bom marido, tentou ainda mais ser um bom pai. Quando ela engravidou pela segunda vez, Saetan se atreveu a acreditar,

novamente, que Hekatah gostava dele, que pretendia construir uma vida a seu lado. Contudo, Hekatah tinha uma única paixão: suas próprias ambições. E os filhos representavam um pagamento ao apoio de Saetan. Somente quando carregava seu terceiro filho no ventre foi que ela percebeu que Saetan jamais usaria seu poder para torná-la a incontestada Sacerdotisa Suprema de todos os Reinos.

Saetan nunca chegou a ver seu terceiro filho. Apenas partes dele.

Saetan fechou os olhos, respirou fundo e lançou o pequeno feitiço preso a uma teia emaranhada de ilusões que tinha criado mais cedo, naquele mesmo dia. Os músculos das pernas estremeçaram. Abriu os olhos e examinou as mãos, que agora pareciam deformadas e tremiam ligeiramente, mas de forma perceptível.

— Odeio isto. — Devagar, surgiu um sorriso. Parecia um velho resmungão.

Enquanto se dirigia ao salão público, suas costas começaram a doer, pois estavam arqueadas de forma pouco natural, e as pernas começaram a arder sob seu peso. No entanto, se Menzar fosse esperto o bastante para desconfiar da armadilha, o desconforto físico ajudaria a ocultar as ilusões da teia.

Saetan entrou no salão principal e assobiou baixinho para o homem que estava em silêncio junto à porta.

— Eu falei que era para tirar a noite de folga — disse, a voz despida de vigor e do tom profundo e suave como um trovão.

— Não seria adequado o senhor abrir a porta para seu convidado, Senhor Supremo — respondeu Beale.

— Que convidado? Não aguardo ninguém esta noite.

— A Sra. Beale foi visitar a irmã mais nova em Halaway. Vou me juntar a elas depois que o seu convidado chegar e então iremos jantar fora.

Saetan pousou as mãos na bengala e ergueu uma sobrancelha.

— A Sra. Beale sai para jantar fora?

Os lábios de Beale curvaram-se ligeiramente.

— Às vezes. Com relutância.

O sorriso com o qual Saetan respondeu sumiu.

— Vá se juntar à sua senhora, Sr. Beale.

— Depois que o seu convidado chegar.

— Não estou esperando...

— Minhas sobrinhas frequentam a escola de Halaway. — A Joia Vermelha cintilou sob a camisa branca de Beale.

Saetan inspirou através dos dentes. Tinha de cuidar do assento de modo discreto. O Conselho das Trevas não podia fazer nada com ele diretamente, mas se rumores sobre o que ia se passar chegassem aos seus ouvidos... Olhou fixamente para o mordomo Senhor da Guerra de Joia Vermelha.

— Quantos criados já sabem?

— Sabem o quê, Senhor Supremo? — retorquiu Beale afavelmente.

Saetan não pestanejou. Estaria equivocado? Não. Por um breve momento, *tinha* vislumbrado uma intensa e feroz satisfação nos olhos de Beale. Os Beale

nada diriam. Nem uma palavra. Mas iriam celebrar.

— Vai aguardar no escritório público? — perguntou Beale.

Aceitando a sugestão, Saetan retirou-se para o escritório. Enquanto servia e aquecia um copo de yarbarah, reparou que suas mãos tremiam, mas não apenas por conta do feitiço que tinha lançado.

Nascido em Hayll, servira em cortes terreillianas e governara a maior parte do tempo em Terreille, e depois no Inferno. Apesar de ter domínio sobre o Território Dhemlan em Kaeleer, tinha sido um senhorio ausente, um visitante que somente via o que era permitido aos visitantes.

Sabia o que Terreille pensara sobre o Senhor Supremo. Mas aqui era Kaeleer, o Reino das Sombras, uma terra mais feroz e mais selvagem, que adotava uma magia mais obscura e mais poderosa do que Terreille poderia imaginar.

Obrigado, Beale, pelo aviso, pela advertência. Não voltarei a me esquecer do terreno sobre o qual estou pisando. Não esquecerei que o que você acabou de me demonstrar jaz debaixo do fino manto do Protocolo e do comportamento civilizado. Não esquecerei... pois estes são os Sangue atraídos por Jaenelle.

Lord Menzar estendeu a mão para bater na porta com a argola, afastando-a depressa no último segundo. A cabeça de dragão em bronze bem fixada a um largo pescoço curvo olhava-o fixamente de cima, com olhos verdes de vidro reluzindo sinistramente à luz da tocha. A argola, logo abaixo da cabeça, representava uma detalhada pata com garras a segurar uma bola lisa.

A Sacerdotisa das Trevas deveria ter me avisado.

Segurando a pata com a mão suada, bateu na porta uma, duas, três vezes, antes de recuar e olhar em volta. As tochas produziam sombras repletas de silhuetas em constante mutação e Menzar desejou, mais uma vez, que este encontro tivesse sido à luz do dia.

Acenou com a mão para afastar aquele pensamento inútil e estendeu-a em direção à argola justo no momento em que a porta se abriu de rompante. Por pouco não recuou diante do grande homem que ocupava todo o vão da porta, até que reconheceu o terno preto e o colete do uniforme de um mordomo.

— Pode informar ao Senhor Supremo que já estou aqui.

O mordomo não se moveu nem disse nada.

Menzar mordeu furtivamente o lábio inferior. O homem estava vivo, não estava? Sabia que muitos dos habitantes de Halaway trabalhavam para o Paço, de uma forma ou de outra, mas não lhe tinha ocorrido que pudessem ser completamente diferentes depois do pôr do sol. Com certeza isso não aconteceria com aquela garota que vivia aqui — embora esse fato pudesse explicar suas excentricidades.

Por fim, o mordomo lhe deu passagem.

— O Senhor Supremo o aguarda.

O alívio de Menzar por entrar durou pouco. Tão repleto de sombras

quanto a escada exterior, o salão principal estava mergulhado num silêncio rico em murmúrios intermitentes. Ele seguiu o mordomo até o final do corredor, perturbado pela ausência de gente. Onde estavam os criados? Talvez em outra ala ou jantando? Um lugar deste tamanho... poderia abrigar metade do povoado.

O mordomo abriu a última porta à direita e anunciou a chegada do visitante.

Era um aposento desprovido de janelas e sem outra porta perceptível. Com a forma de um L invertido, a parte alongada estava mobiliada com grandes cadeiras, uma mesa baixa de madeira escura, um sofá de couro preto, um tapete de Dhoro, velas em suportes de ferro batido de diversas formas e quadros intensos e um pouco inquietantes. A parte mais curta...

Menzar arquejou ao reparar, por fim, nos olhos dourados que reluziam na escuridão. Uma luz suave começou a brilhar de um candelabro no canto mais afastado do espaço. Na parte mais curta havia uma grande mesa de madeira escura. Atrás dela, estantes que iam do chão ao teto. As paredes de ambos os lados estavam cobertas por um veludo vermelho escuro, que transmitia uma sensação diferente do resto do aposento. Uma sensação de perigo.

As luzes das velas ganharam mais intensidade, fazendo as sombras recuarem até os cantos.

— Vá para um lugar onde eu possa vê-lo — disse uma voz lamurienta.

Menzar aproximou-se devagar da mesa, quase soltando uma gargalhada de alívio.

Era este o Senhor Supremo? Este velho mirrado, trêmulo e grisalho? Era este o homem cujo nome todos temiam sussurrar?

Menzar fez uma reverência.

— Senhor Supremo. Seu convite foi de uma grande amabilidade...

— Amabilidade? Bah! Não vi nenhuma razão para torturar meus velhos ossos uma vez que suas pernas gozam de boa saúde. — Saetan acenou com a mão trêmula na direção da cadeira em frente à mesa. — Sente-se. Sente-se. Fico cansado só de vê-lo aí em pé. — Enquanto Menzar se acomodava, Saetan resmungou e gesticulou para o espaço vazio. Voltando, finalmente, a atenção para o convidado, disse com rispidez: — E então? O que ela fez agora?

Reprimindo o regozijo que sentia, Menzar fingiu considerar a pergunta.

— Faltou às aulas esta semana — disse, de forma educada. — Acho que passará a ter aulas particulares daqui em diante. Devo salientar que a socialização com crianças da mesma idade...

— Aulas particulares? — interrompeu Saetan, batendo com a bengala no chão. — Aulas particulares? — bateu com a bengala mais uma vez. — Por que haveria de gastar meu dinheiro com aulas particulares? Ela tem toda a instrução de que necessita para realizar suas obrigações.

— Obrigações?

A boca de Saetan se curvou num sorriso malicioso.

— A mente dela está um pouco desequilibrada e ela não é uma beleza, mas

no escuro é um docinho.

Menzar se esforçou para não arregalar os olhos. O amigo da Sacerdotisa Suprema tinha dado a entender, contudo... Não tinha visto marcas de dentes no pescoço da garota. Bem, havia outras veias. Que outras coisas faria Saetan — ou exigiria que ela fizesse — enquanto se deliciava bebendo de uma veia? Menzar podia pensar em várias. Todas o repugnavam. Todas o excitavam.

Menzar pôs uma mão sobre a outra para mantê-las firmes.

— E quanto às aulas particulares?

Saetan acenou com a mão, rejeitando as palavras.

— Precisei dar alguma desculpa quando aquela vagabunda da Sylvia veio aqui farejar e fazer perguntas sobre a garota. — Semicerrou os olhos. — Você parece ser um homem perspicaz, Lord Menzar. Quer ver meu quarto especial?

O coração de Menzar bateu acelerado. *Se ele o convidar para o escritório particular, invente uma desculpa, qualquer uma, para ir embora.*

— Quarto especial?

— Meu quarto especial. Onde eu e a garota... brincamos.

Menzar estava prestes a recusar o convite, porém as dúvidas e advertências haviam desaparecido. O Senhor Supremo não passava de um velho devasso. Era, sem dúvida, um conhecedor de assuntos sobre os quais Menzar só tinha lido.

— Gostaria muito.

A caminhada pelos corredores foi penosamente lenta. Saetan descia os lances de escada de lado, resmungando e praguejando. Sempre que Menzar começava a se sentir apreensivo em relação àquela descida, um sorriso malicioso e uma alusão a um ato erótico faziam desaparecer de novo as dúvidas.

Chegaram por fim a uma grossa porta de madeira com uma fechadura do tamanho do punho de um homem. Menzar aguardou impaciente, enquanto a mão trêmula de Saetan tentava encaixar a chave na fechadura, ajudando depois o Senhor Supremo a empurrar a pesada porta. Quem ajudaria o Senhor Supremo em outros momentos? Aquele mordomo? Será que a garota o seguiria até o quarto como um animal de estimação bem treinado ou estaria presa? Será que Saetan necessitava de auxílio? Será que o mordomo vigiava enquanto... Menzar lambeu os lábios. A cama deve ser... nem conseguia imaginar como seria a cama naquele quarto de brincar.

— Entre, entre — disse Saetan lamuriamente.

A luz da tocha do corredor não iluminava o quarto. À entrada, relutante mais uma vez, Menzar forçou os olhos para conseguir ver a mobília, mas o quarto estava envolto numa escuridão absoluta, uma escuridão expectante que era mais do que a simples ausência de luz.

Menzar não conseguia decidir se deveria voltar ou seguir em frente. Foi nesse momento que sentiu *alguma coisa* fantasmagórica sussurrar ao passar por ele, deixando uma névoa tão leve que era quase imperceptível. No entanto, a névoa estava repleta de coisas, e, na sua mente, viu um ramalhete de

jovens rostos, os rostos de todas as feiticeiras cujos espíritos tinha podado com tanto zelo. Sempre se considerara um jardineiro discreto, mas este quarto oferecia mais. Muito, muito mais.

Entrou, atraído para o centro do quarto por pequenas mãos fantasmas. Algumas puxavam de maneira brincalhona, outras acariciavam. A última se encostou firmemente junto ao peito, impedindo-o de dar outro passo, antes de deslizar pela barriga e desaparecer, contrariando suas expectativas.

Sua decepção foi tão brusca quanto o som da chave rodando na fechadura.

Frio. Escuridão. Silêncio.

— S-Senhor Supremo?

— Sim, Lord Menzar — respondeu uma voz profunda que ressoou pelo quarto como um suave trovão. Uma voz sedutora, acariciando na escuridão.

Menzar lambeu os lábios.

— Preciso ir embora.

— Não será possível.

— Tenho outro compromisso.

Lentamente, a escuridão mudou, dissipando-se. Uma luz fria e prateada se espalhou ao longo das paredes de pedra, do chão e do teto, seguindo as linhas radiais e de orientação de uma vasta teia. Suspensa na parede do fundo havia uma enorme aranha de metal preto, com sua ampulheta feita de rubis lapidados. Presas à teia prateada embutida na pedra, era possível ver facas de todos os tamanhos e tipos.

Além disso, havia apenas uma mesa no quarto.

Os músculos de seu esfíncter se retesaram.

A mesa tinha uma borda elevada e canais que levavam a pequenos orifícios nos cantos. Tubos de vidro saíam dos orifícios e desembocavam em jarros de vidro.

Pare com isto. Pare com isto. Estava permitindo que o próprio medo o vencesse. Estava permitindo ser intimidado pelo quarto. O velho é que sem dúvida não era intimidador. Poderia facilmente enxotar aquele velho louco e trêmulo.

Menzar virou-se, disposto a insistir em sair.

Levou algum tempo para reconhecer o homem encostado à porta, esperando.

— Tudo tem um preço, Lord Menzar — advertiu Saetan. — Chegou o momento do acerto de contas.

A água que escoava pelo ralo finalmente corria limpa. Saetan girou as torneiras, parando o forte esguicho que o lavava. Segurou-se nelas para manter o equilíbrio, descansando a cabeça no antebraço.

Não tinha acabado. Faltavam os últimos detalhes.

Secou-se energeticamente e jogou a toalha na cama estreita ao passar pelo pequeno quarto adjacente ao escritório particular abaixo do Paço no Reino das

Sombras. Aguardava-o uma garrafa de yarbarah, na grande mesa de madeira escura. Estendeu a mão, hesitou e invocou um decantador de conhaque. Encheu um copo quase até a borda e bebeu-o de uma vez só. O conhaque lhe provocaria uma terrível dor de cabeça, mas serviria também para acalmá-lo e para embaçar as memórias e as fantasias pervertidas que haviam irrompido da mente de Menzar como pus de um furúnculo.

O conhaque além disso não tinha gosto de sangue, e o gosto e o cheiro de sangue eram coisas que ele não conseguiria suportar esta noite.

Encheu o segundo copo e ficou nu em frente à lareira apagada, olhando fixamente para o quadro de Dujae, *Descida aos infernos*. Um artista talentoso conseguira capturar, mediante formas ambíguas, a mescla de terror e de alegria sentida pelos Sangue ao entrarem pela primeira vez no Reino das Trevas.

Encheu o terceiro copo. Queimara suas roupas. Jamais conseguira manter a indumentária usada numa execução. Uma parte do medo e do sofrimento parecia sempre se impregnar no tecido. Ser tomado de assalto por esses sentimentos, mais tarde...

O copo se estilhaçou na mão de Saetan. Vociferando, ele fez desaparecer os vidros partidos antes de voltar ao pequeno quarto e vestir apressadamente roupas limpas.

Havia retirado Menzar do seu corpo, mas seria possível algum dia limpar os pensamentos de Menzar da sua mente?

— Compreendem o que têm de fazer?

Dois demônios, outrora homens de Halaway, fitavam o grande baú de madeira.

— É claro, Senhor Supremo. Faremos exatamente como nos instruiu.

Saetan entregou uma pequena garrafa a cada um deles.

— Pelo seu esforço.

— Não é esforço algum — disse um deles. Puxou a rolha da garrafa e cheirou, arregalando os olhos. — É...

— Um pagamento.

O demônio voltou a colocar a rolha na garrafa e sorriu.

— As *cildru dyathe* não querem isto.

Saetan pousou a pequena garrafa numa rocha plana que servia como mesa. Já tinha distribuído todas as outras. Esta era a última.

— Não a estou oferecendo às outras *cildru dyathe*. Somente a você.

Char mudou a posição dos pés, pouco à vontade.

— Aguardamos o momento em que desapareceremos nas Trevas — disse, embora sua língua enegrecida lambesse o que restava dos lábios enquanto ele fitava a garrafa.

— Com você é diferente — afirmou Saetan. Sentiu o estômago

embrulhado. Finas agulhas de dor atravessavam suas têmeoras. — Você se preocupa com os outros, ajuda-os na adaptação e a efetuar a transição. Luta para se manter aqui, para lhes dar um lugar. E sei que, quando as oferendas são realizadas em memória de uma criança que partiu, vocês não as recusam. — Saetan pegou a garrafa e estendeu-a para o rapaz. — É apropriado que a aceite. Mais do que você pensa.

Lentamente, Char estendeu a mão para a garrafa, tirou a rolha e cheirou. Bebeu um pequeno gole e suspirou, satisfeito.

— É sangue puro.

Saetan cerrou os dentes com força para suportar a dor e a náusea. Olhou fixamente para a garrafa, odiando-a.

— Não. É uma indenização.

8 / Inferno

Hekatah olhava boquiaberta para o grande baú de madeira, batendo de leve no queixo com o papel branco dobrado.

Magnificamente decorado com entalhes de madeiras preciosas e incrustações de ouro, o baú emanava opulência, uma cáustica recordação da vida que outrora levava e dos luxos que acreditava lhe serem devidos.

Usando a Arte, Hekatah sondou o interior do baú pela quinta vez em uma hora. Nada. Talvez *fosse* apenas um baú.

Abrindo o papel, examinou a elegante caligrafia masculina.

Hekatah,
Em sinal de minha estima.
Saetan

Tinha que haver alguma outra coisa. O baú não era mais do que um embrulho, embora caro. Talvez Saetan tivesse percebido, por fim, o quanto precisava dela. Talvez tivesse se cansado do papel de patriarca benfeitor e estivesse preparado para reclamar o que devia — o que deviam — ter reclamado há muito tempo. Talvez sua odiosa honra tivesse sido manchada pelas brincadeiras com a garota de estimação que adquirira em Kaeleer para ocupar o lugar de Jaenelle.

Saborearia tais pensamentos depois de abrir o presente.

A chave de bronze ainda estava no envelope. Retirou-a, ajoelhou-se junto ao baú e abriu a fechadura.

Levantou o tampo e franziu a sobrancelha. O baú estava cheio de rasps de madeira perfumada. Ficou olhando surpresa por um momento e depois sorriu de modo complacente. Acondicionamento, é claro. Com um gritinho de

excitação, enfiou a mão entre as rasas, à procura do presente.

A primeira coisa que retirou foi uma mão.

Deixou-a cair e rastejou para longe do baú. Sua garganta se agitava enquanto olhava atônita para a mão caída no chão, com a palma para cima e os dedos ligeiramente dobrados. Por fim, a curiosidade venceu o medo. Engatinhando, avançou bem devagar.

Se fosse de porcelana ou mármore, teria se despedaçado no chão de pedra.

Era carne.

Por um momento, ficou agradecida por ser uma mão aparentemente normal, sem mutilações nem deformidades.

Com a respiração irregular, Hekatah se levantou e olhou de novo para o baú aberto. Moveu a mão para trás e para a frente, acima do baú. Erguidas pelo vento da Arte, as rasas se espalharam pelo chão.

Outra mão. Antebraços. Braços. Pés. Pernas. Coxas. Genitais. Tronco. E no canto, olhando-a fixamente com um olhar vazio, estava a cabeça de Lord Menzar.

Hekatah gritou, mas nem ela mesma saberia dizer se de medo ou raiva. Parou bruscamente.

Um aviso. Ele não dava mais do que um aviso. Mas por quê?

Hekatah se abraçou e sorriu. Em seu trabalho na escola de Halaway, Menzar devia ter se aproximado demais da nova queridinha de Saetan.

Suspirou. Saetan podia ser muito possessivo. Como Menzar o provocara a ponto de ser executado, não era provável que a garota fosse autorizada a sair do Paço dos SaDiablo sem um acompanhante escolhido a dedo. E ela sabia bem que quem quer que tivesse sido escolhido por Saetan para um serviço particular não seria muito receptivo a qualquer tipo de suborno. Por isso...

Hekatah suspirou novamente. Teria de ser bastante convincente para persuadir Greer a entrar escondido no Paço para ver o novo bichinho de estimação do Senhor Supremo.

Ainda bem que a garota que choramingava no quarto ao lado tinha sido um aperitivo bem escolhido.

9 / Terreille

Surreal passeava pela rua tranquila e isolada onde ninguém fazia perguntas. Homens e mulheres estavam sentados nos alpendres, apreciando a leve brisa que permitia suportar a tarde quente e úmida. Não lhe dirigiam a palavra, e Surreal, que passara dois anos da sua infância numa rua desse tipo, fazia-lhes o favor de passar como se fossem invisíveis.

Ao chegar ao edifício onde tinha um apartamento no último andar, Surreal reparou no olhar que cruzou com o seu por um breve momento. Com toda a

naturalidade, passou o pesado cesto de compras da mão direita para a esquerda enquanto observava um homem atravessar a rua, aproximando-se de maneira cautelosa.

Com este não usaria o punhal, decidiu. Uma faca afiada, se necessário. Pela maneira como ele se movia, parecia ainda estar se recuperando de uma ferida profunda do lado esquerdo. Tentaria proteger a região. Ou talvez não, se fosse um Senhor da Guerra experiente em combates.

O homem parou perto dela.

— Senhora.

— Senhor da Guerra.

Percebeu um tremor de medo nos olhos do homem, que no entanto se apressou em ocultá-lo. O fato de ela conseguir identificar sua casta tão facilmente, apesar de seus esforços para escondê-la, era um aviso de que Surreal era forte o bastante para vencer qualquer disputa em que se envolvessem.

— O cesto parece pesado — disse o homem, ainda cauteloso.

— São apenas alguns livros e o jantar de hoje.

— Poderia levá-lo para você... daqui a alguns minutos.

Surreal entendeu o recado. Alguém a aguardava. Se sobrevivesse ao encontro, o Senhor da Guerra subiria com o cesto. Caso contrário, dividiria os despojos com alguns privilegiados do seu prédio, comprando assim um pouco de ajuda de que um dia pudesse precisar.

Surreal colocou o cesto na calçada e recuou.

— Dez minutos. — Assim que o homem concordou, subiu agilmente a escadaria da frente do prédio e fez uma pausa para colocar dois escudos Cinza de proteção à sua volta e um escudo Verde sobrepondo-os. Esperava que quem quer que a aguardasse lá dentro reagisse primeiro ao escudo Verde, de menor importância. Invocou, também, seu maior facão de caça. Se o ataque fosse físico, a lâmina lhe proporcionaria um alcance adicional.

Com a mão na maçaneta da porta, passou rapidamente a sonda psíquica pela entrada do prédio. Ninguém. Nada de anormal.

Girou a maçaneta num movimento rápido e entrou, virando-se para a parte de trás da porta. Fechou-a com um pontapé, mantendo-se encostada à parede onde estavam as caixas de correio enferrujadas. Seus grandes olhos verde-dourados logo se adaptaram à entrada em meia-luz, bem como às escadas igualmente mal iluminadas. Silêncio. E nenhuma sensação clara de perigo.

Subiu as escadas bem rápido, mantendo-se atenta a alterações de estado de espírito ou a pensamentos que poderiam vir da mente de um inimigo.

Subiu até o terceiro andar, até o quarto. Finalmente, chegou ao quinto.

Encostada no canto oposto à sua própria porta, Surreal sondou mais uma vez — e, por fim, sentiu-o.

Um odor psíquico escuro. Taciturno, de certo modo alterado, mas familiar.

Aliviada — e um pouco aborrecida — pela ausência de um combate, fez a

faca desaparecer, destrancou a porta e entrou.

Não o via desde que deixara a casa da Lua Vermelha de Deje mais de dois anos antes. Pelo que podia ver, não tinham sido anos fáceis. Seu cabelo negro estava comprido e desigual. Suas roupas, sujas e rasgadas. Ele não reagiu ao som da porta se fechando de repente, e continuou a olhar o croqui que ela tinha adquirido recentemente, o que fez Surreal começar a se sentir apreensiva.

A falta de reação era problemática. Muito problemática. Esticando o braço para trás, Surreal abriu a porta apenas o suficiente para não ter de lidar com a fechadura.

— Sadi?

Foi nesse momento que ele se virou. Seus olhos dourados não demonstravam reconhecê-la, porém manifestavam algo que lhe era familiar, embora não se lembrasse de onde tinha visto aquele olhar.

— Daemon?

Ele continuou a olhar para ela, como se esforçando-se para se recordar. Foi então que sua expressão confusa se desanuviou.

— É a pequena Surreal. — A voz de Daemon, aquela voz profunda e sedutora, estava agora enrouquecida e envelhecida.

A pequena Surreal?

— Não está aqui sozinha, não é? — perguntou Daemon, preocupado.

Começando a atravessar a casa, ela disse rispidamente:

— Mas é claro que estou sozinha. Quem mais estaria aqui?

— Onde está sua mãe?

Surreal ficou petrificada.

— Minha mãe?

— Você é muito nova para ficar aqui sozinha.

Titian estava morta há séculos. Ele sabia *disso*. Tinham-se passado séculos desde que ele e Tera...

Os olhos de Tera. Olhos que se esforçavam para discernir as formas acinzentadas e fantasmagóricas da realidade em meio à névoa do Reino Distorcido.

Mãe Noite, o que teria acontecido a ele?

Mantendo distância, Daemon começou a caminhar lentamente até a porta.

— Não posso ficar aqui. Não sem a sua mãe. Não quero... não posso...

— Daemon, espere. — Surreal deu um salto, interpondo-se entre Daemon e a porta. Os olhos de Daemon lampejaram de pânico. — Minha mãe precisou se ausentar por uns dias com... com Tera. Eu... me sentiria mais segura se você ficasse.

Daemon ficou nervoso.

— Alguém tentou machucá-la, Surreal?

Fogo do Inferno, *aquele* tom de voz não. Não quando havia um Senhor da Guerra chegando a qualquer momento com o cesto de compras.

— Não — disse, na esperança de parecer jovem, mas convincente. — Mas

você e Tersa são o que temos de mais parecido com família, e sinto-me... sozinha.

Daemon olhava fixamente para o tapete.

— Além disso — acrescentou, franzindo o nariz —, você precisa de um banho.

Ele levantou a cabeça repentinamente. Olhou para ela com uma esperança e um desejo tão óbvios que a assustou.

— Senhora? — sussurrou, estendendo a mão. — Senhora? — Observou o cabelo emaranhado nos dedos e balançou a cabeça. — Preto. Não deveria ser preto.

Se ela mentisse, isso o ajudaria? Perceberia a diferença? Fechou os olhos, sem saber se conseguiria aguentar a angústia que sentia em Daemon.

— Daemon — disse docilmente. — Sou eu, Surreal.

Ele se afastou dela, murmurando baixinho.

Surreal levou-o até uma cadeira, sem conseguir pensar no que mais poderia fazer.

— É. Você é uma amiga.

Surreal rodopiou até a porta, os pés em posição de combate e o facão de caça de volta à mão.

O Senhor da Guerra estava à porta, o cesto de compras a seus pés.

— Sou uma amiga — disse Surreal. — E você, o que é?

— Não sou um inimigo. — O Senhor da Guerra olhou para a faca. — Não pode guardar isso?

— Acho que não.

Suspirou.

— Ele me curou e me ajudou a chegar aqui.

— Vai se queixar dos serviços prestados?

— Não, fogo do Inferno — rebateu o Senhor da Guerra. — Antes de começar, ele me disse que não tinha certeza de ter conhecimentos suficientes de Arte medicinal para reparar os danos. Mas eu não sobreviveria sem ajuda e uma Curandeira me denunciaria. — Passou a mão pelo curto cabelo castanho. — E mesmo que me matasse, teria sido melhor do que o que a minha Senhora teria feito comigo por abandonar seus serviços tão repentinamente. — Gesticulou na direção de Daemon, que estava enroscado na cadeira, ainda murmurando baixinho. — Não percebi que...

Surreal fez a faca desaparecer. Imediatamente, o Senhor da Guerra pegou o cesto, apertando a mão esquerda contra o corpo e fazendo uma careta.

— Idiota — disse Surreal com rispidez, apressando-se a pegar o cesto. — Não devia carregar um peso destes se ainda está se recuperando.

Deu um puxão. Vendo que o homem não largava o cesto, resmungou:

— Idiota. Tolo. Pelo menos use a Arte para diminuir o peso.

— Não seja grossa. — Cerrando os dentes, o Senhor da Guerra levou o cesto até a mesa da cozinha. Virou-se para sair, mas hesitou. — O que dizem por aí é que ele matou uma criança.

Sangue. Tanto sangue.

— Não é verdade.

— Ele acha que é.

Não conseguia ver Daemon, mas podia ouvi-lo.

— Merda.

— Acha que conseguirá sair do Reino Distorcido?

Surreal olhou fixamente para o cesto.

— Até hoje ninguém conseguiu.

— Daemon. — Ao ver que não obteria qualquer resposta, Surreal mordeu o lábio inferior. Talvez devesse deixá-lo dormir, se é que estava mesmo dormindo. Não, as batatas estavam assando, os bifes prontos para grelhar, a salada preparada. Ele precisava de nutrientes tanto quanto de repouso. Tocá-lo? Não havia como saber o que estaria vendo no Reino Distorcido, de que forma poderia interpretar uma suave cutucada para que acordasse. Tentou novamente, falando mais alto. — Daemon.

Daemon abriu os olhos. Passado um longo minuto, estendeu a mão.

— Surreal — disse, com a voz rouca.

Surreal agarrou sua mão, desejando saber como ajudá-lo. Quando sentiu a mão se soltar, agarrou-a com mais força, puxando-o.

— Levante. Você precisa de um banho antes de jantar.

Daemon levantou-se com muito da sua graça fluida e felina, porém, quando Surreal o levou até o banheiro, ficou olhando em volta, como se nunca tivesse visto um antes. Surreal levantou o tampo do vaso sanitário, na esperança de que pelo menos ainda se lembrasse como usá-lo. Vendo que ele não se mexia, tirou seu casaco e a camisa, com algum esforço. Não se sentia incomodada quando Tersi apresentava esta passividade infantil, mas a inércia de Daemon lhe dava nos nervos. Quando tentou retirar o cinto, porém, Daemon rosnou, apertando seu pulso a ponto de Surreal pensar que seus ossos seriam feitos em pedacinhos.

Resmungou:

— Então tire você mesmo.

Percebeu a derrocada interior, o desespero.

Afrouxando o aperto no pulso de Surreal, Daemon ergueu sua mão e levou-a aos lábios.

— Me desculpe. Eu... — Largou-a. Tinha um ar abatido ao afrouxar o cinto e começar a tirar as calças, desajeitadamente.

Surreal saiu.

Alguns minutos depois, quando Daemon abriu o chuveiro, os canos de água ressoaram e chiaram.

Enquanto colocava a mesa, Surreal se perguntou se ele teria realmente tirado todas as roupas. Há quanto tempo estaria assim? Se era isto o que restava de uma mente outrora brilhante, como fora capaz de curar aquele

Senhor da Guerra?

Surreal parou e pôs um prato na mesa. Tessa sempre tivera seus lampejos de lucidez, geralmente quando se tratava da Arte. Uma vez, ao cuidar de um corte profundo na perna de Surreal, a Viúva Negra louca respondera às preocupações de Titian dizendo: “Não esquecemos o básico.” Mas, uma vez terminado o curativo, não se lembrava sequer do próprio nome.

Passados alguns minutos, Surreal ouviu o grito abafado que indicava que a água quente tinha acabado. Os canos ressoaram e chiaram quando ele fechou a torneira.

Não se ouviu mais nenhum som.

Reclamando baixinho, Surreal abriu de rompante a porta do banheiro. Daemon estava na banheira, com a cabeça baixa.

— Seque-se — disse Surreal.

Vacilante, ele pegou uma toalha.

Esforçando-se para manter a voz firme, embora calma, acrescentou:

— Separei roupas limpas. Vista-as depois de se secar.

Foi para a cozinha preparar os bifes, enquanto escutava os movimentos no banheiro. Estava servindo a comida quando Daemon surgiu, devidamente vestido.

Surreal sorriu em sinal de aprovação.

— Agora já se parece mais com você.

— Jaenelle está morta — disse, num tom severo e monocórdio.

Surreal apoiou-se na mesa, absorvendo as palavras, que eram mais violentas do que um golpe físico.

— Como você sabe?

— Lucivar me disse.

Estando em Pruul, como ele poderia saber algo que nem ela nem Daemon sabiam ao certo? E a quem poderiam perguntar? Cassandra não voltara ao Altar depois daquela noite, e Surreal não sabia quem era o Sacerdote, quanto mais onde procurá-lo.

Cortou e amassou as batatas.

— Não acredito nele. — Levantou os olhos a tempo de perceber o olhar lúcido e contido de Daemon, que em seguida desapareceu. Mexeu a cabeça.

— Ela está morta.

— Talvez ele tenha se enganado. — Serviu-se de duas porções de salada e temperou-a antes de se sentar e começar a cortar o bife. — Coma.

Sentou-se à mesa.

— Ele não mentiria para mim.

Surreal colocou creme azedo na batata assada de Daemon e cerrou os dentes.

— Eu não disse que ele mentiu. Disse que talvez tenha se enganado.

Daemon fechou os olhos. Passados alguns minutos, voltou a abri-los, fitando a refeição à sua frente.

— Você fez o jantar.

Perdido. Andando por outro caminho naquela paisagem interior estilhaçada.

— Sim, Daemon — disse Surreal calmamente, controlando-se para não chorar. — Fiz o jantar. Por isso, vamos comer enquanto está quente.

Ele a ajudou a lavar a louça.

Enquanto lavavam os pratos, Surreal percebeu que a loucura de Daemon estava limitada a emoções, a pessoas, àquela tragédia ímpar que não conseguia enfrentar. Era como se Titian nunca tivesse morrido, como se Surreal não tivesse passado três anos se prostituindo em becos escuros antes de Daemon encontrá-la e tomar as providências para que tivesse uma educação adequada numa casa da Lua Vermelha. Ele achava que ela ainda era uma criança e continuava incomodado com a ausência de Titian. No entanto, quando ela mencionou um livro que estava lendo, Daemon fez uma observação mordaz sobre o gosto eclético de Surreal e indicou outros livros que talvez a interessassem. Aconteceu o mesmo com a música, com a arte. Nada disso representava uma ameaça, não pertencia a um período específico de sua vida, não fazia parte do pesadelo de Jaenelle sangrando naquele Altar das Trevas.

Ainda assim, era cansativo passar-se por uma menina, fingir não perceber a incerteza e o suplício naqueles olhos dourados. A noite mal tinha caído quando Surreal sugeriu que descansassem um pouco.

Suspirou, aninhando-se na cama. Talvez Daemon se sentisse tão aliviado por estar longe dela como ela se sentia por estar longe dele. No fundo, ele sabia que Surreal não era uma criança. Assim como sabia que estivera com ele no Altar de Cassandra.

Névoa. Sangue. Tanto sangue. Cálices de cristal estilhaçados.

Você é meu instrumento.

As palavras mentem. O sangue, não.

Caminha entre as cildru dyathe.

Talvez estivesse enganado.

Deu voltas e mais voltas.

Talvez estivesse enganado.

A névoa se dissipou, mostrando uma trilha estreita que subia. Ela a fitou e estremeceu. Era uma trilha forrada com rochas pontiagudas que apontavam para os lados e para baixo, como grandes dentes de pedra. Quem a descesse pisaria nas partes lisas. Quem a subisse...

Começou a escalar, deixando um pouco mais de si mesmo a cada extremidade pontuda e faminta. A um quarto do caminho, reparou enfim no som, no barulho da água jorrando. Olhou para cima e viu-a irromper por sobre o penhasco acima da trilha, seguindo rapidamente na sua direção.

Não era água. Era sangue. Tanto sangue.

Não havia como voltar. Chegou a tentar, mas foi apanhado na mesma hora pela inundação vermelha, que o arremessou contra as palavras de pedra que lhe tinham fustigado a mente durante tanto tempo. Aos tropeções, perdido, vislumbrou um terreno calmo que se erguia sobre a inundação. Com esforço, abriu caminho até aquela pequena ilha de segurança, agarrou-se   grama comprida e afiada e subiu para o terreno em desintegração. Tremendo, agarrou-se á ilha do *talvez*.

Quando a torrente e o rugido cessaram, percebeu que estava deitado em uma pequena ilha de formato f lico, rodeada por um imenso mar de sangue.

Mesmo antes de estar completamente desperta, Surreal invocou o punhal.

Um som suave e furtivo.

Deslizou para fora da cama e abriu ligeiramente a porta, escutando com atenção.

Nada.

Talvez fosse Daemon no banheiro.

Uma luz cinza, que precedia o amanhecer, inundava a pequena entrada. Mantendo-se junto à parede, Surreal examinou os outros cômodos.

O banheiro estava vazio. O quarto de Daemon também.

Resmungando baixinho, Surreal verificou o quarto. Um furacão parecia ter passado pela cama, embora o resto do ambiente estivesse intacto. As únicas roupas que faltavam eram as que lhe tinha dado na noite anterior.

Não faltava nada na sala de estar. Não faltava nada — maldição! — na cozinha.

Surreal fez desaparecer o punhal antes de pôr uma chaleira no fogo.

Tersa costumava se ausentar durante dias, meses, por vezes até anos, antes de voltar a um destes refúgios. Surreal pretendia partir em breve, mas e se Daemon voltasse dali a poucos dias e não a encontrasse? Ele se lembraria dela como uma criança e ficaria preocupado? Tentaria encontrá-la?

Preparou chá e torradas e foi para a sala da frente, onde se enroscou no sofá com um dos grossos livros que havia comprado.

Esperaria algumas semanas até decidir. Não havia pressa. Nesta zona de Terreille não faltavam homens como os que frequentavam Briarwood e que ela poderia caçar.

10 / Kaeleer

Ignorando obstinadamente o fluxo contínuo de criados que passavam correndo pela porta do escritório em direção aos quartos da frente, Saetan pegou o relatório seguinte.

Tinham percorrido metade do caminho. Levaria ainda outros 25 minutos até que a carruagem parasse junto à escadaria. O que teria Mephis na cabeça ao decidir usar a teia de desembarque em Halaway em vez da que ficava a alguns metros da porta principal do Paço?

Cerrando os dentes, folheou o relatório sem prestar atenção.

Era o Príncipe dos Senhores da Guerra de Dhemlan, o Senhor Supremo do Inferno. Devia dar o exemplo, ter uma conduta digna.

Pôs o relatório na mesa e saiu do escritório.

Que se danasse a dignidade.

Cruzou os braços e encostou-se numa parede na metade do caminho entre o escritório e a porta principal. Dali, era possível observar confortavelmente sem ser atropelado por um dos criados. Assim esperava.

Esforçando-se para manter o rosto impassível, Saetan ouviu Beale aceitando uma enxurrada de desculpas implausíveis como justificativa para que este criado ou aquela criada estivessem no salão principal naquele exato momento.

Concentrados em seu próprio caos e em suas próprias desculpas, ninguém percebeu a porta principal se abrindo até que um Mephis bastante desganhado disse:

— Beale, você podia... Deixa pra lá, os criados já estão aqui. Há mais alguns pacotes...

Mephis olhou furioso para os criados que se precipitavam porta afora até que viu Saetan. Ziguezagueando por entre as criadas, dirigiu-se a ele, apoiou-se na parede e suspirou, cansado.

— Ela não vai demorar. Saiu para falar com Tarl assim que a carruagem parou, para perguntar a ele sobre a situação de seu jardim.

— Um sortudo, esse Tarl — sussurrou Saetan. Ouvindo Mephis bufar, examinou o filho desganhado. — Viagem complicada?

Mephis voltou a bufar.

— Eu não achava possível que uma garota pudesse virar toda uma cidade de pernas para o ar em apenas cinco dias. — Encheu as bochechas de ar. — Felizmente, só vou ter de ajudar com a papelada. As negociações vão ficar por sua conta... como deve ser.

A sobranceira de Saetan se ergueu de repente.

— Que negociações? Mephis, mas que...

Alguns criados voltaram, trazendo a bagagem de Jaenelle. Os outros...

Saetan observou com crescente interesse os empregados sorridentes que entravam carregados de pacotes de papel pardo, indo em direção ao labirinto de corredores que levavam aos aposentos de Jaenelle.

— Não são o que você está pensando — bufou Mephis.

Como Mephis sabia que Saetan esperava que Jaenelle comprasse mais roupas, o Príncipe das Trevas resmungou, desapontado. A ideia de Sylvia sobre o vestuário apropriado para uma garota não incluía um único vestido, e a única concessão que ela e Jaenelle tinham feito à insistência de Saetan para que

todos no Paço se vestissem a rigor para o jantar foi *uma* camisa preta comprida e duas blusas. Quando ele argumentou — com muita sensatez — que calças, blusas e camisas compridas não eram artigos exatamente femininos, Sylvia lhe pregou um longo sermão, cujo ponto central era que o que quer que uma mulher gostasse de vestir era feminino e o que não gostasse de vestir não era, e se ele era teimoso e antiquado demais para compreender isso, então era melhor que enfiasse a cabeça num balde de água fria. Muito embora não a tivesse perdoado inteiramente por ter acrescentado que teriam de procurar bastante para encontrar um balde grande o suficiente para comportar a sua cabeça, admirara a audácia do comentário.

Nesse momento, Jaenelle entrou pela porta, com um sorriso ofuscante para Beale e o restante dos criados, perguntando em seguida a Helene, educadamente, se poderiam levar a seus aposentos um sanduíche e um suco de fruta.

Parece feliz, pensou Saetan, esquecendo-se de todo o resto.

Depois de Helene sair às pressas para a cozinha e de Beale conduzir o resto da criadagem de volta às suas respectivas obrigações, Saetan se afastou da parede, abriu os braços... e lutou contra a súbita náusea provocada pelas memórias e fantasias de Menzar, que lhe inundaram a mente. Estremeceu diante da ideia de tocar Jaenelle, de conspurcar, de alguma forma, o afeto e a boa disposição que dela fluíam. Começou a baixar os braços, mas Jaenelle enfiou-se entre eles e abraçou-o forte, dizendo:

— Olá, papai.

Abraçou-a com força, inspirando o odor físico e o obscuro odor psíquico dos quais tinha sentido uma saudade profunda nos últimos dias.

Por um momento, esse odor sombrio tornou-se ágil e penetrante. Contudo, quando ela se afastou para olhá-lo de frente, seus olhos azul-safira nada lhe transmitiram. Sentiu um calafrio de apreensão.

Jaenelle beijou-o no rosto.

— Vou desfazer as malas. Mephis precisa conversar. — Voltou-se para Mephis, que ainda estava encostado à parede, com um ar cansado. — Obrigada, Mephis. Me diverti muito, e desculpe por ter dado tanto trabalho.

Mephis abraçou-a afetuosamente.

— Foi uma experiência única. Da próxima vez preciso me preparar melhor. Jaenelle deu uma gargalhada.

— Você voltaria a Amdarh comigo?

— Não me atreveria a deixá-la ir sozinha — resmungou Mephis.

Assim que Jaenelle foi embora, Saetan pôs o braço em volta dos ombros de Mephis.

— Venha ao meu escritório. Você está precisando de um copo de yarbarah.

— Preciso mesmo é dormir por um ano — resmungou Mephis.

Saetan levou o filho mais velho até o sofá de couro e esquentou um copo de yarbarah. Sentado num banquinho, pousou o pé direito de Mephis na sua coxa, tirou seu sapato e meia e começou uma massagem relaxante. Passados

alguns silenciosos minutos, Mephis ganhou um pouco mais de ânimo e, lembrando-se do copo de yarbarah, bebeu um gole.

Sem parar a massagem, Saetan disse calmamente:

— Pois então, me diga.

— Por onde quer que comece?

Boa pergunta.

— Algum daqueles pacotes é de roupa? — Não conseguiu evitar o tom esperançoso.

Os olhos de Mephis tinham um brilho perverso.

— Um deles. Ela comprou um suéter para você. — Gritou, de repente.

— Desculpe — murmurou Saetan entre dentes, massageando com delicadeza os dedos do pé que tinha acabado de apertar com força, enquanto o murmúrio de Mephis se transformava num rosnado. — Não uso suéter. E também não uso pijama. — Estremeceu, pois as palavras despertaram outras lembranças. Pousando com cuidado o pé direito de Mephis no chão, tirou o sapato e a meia de seu pé esquerdo e começou a massagem.

— Foi difícil, não foi? — perguntou Mephis afavelmente.

— Sim. Mas as contas foram acertadas. — Saetan ficou em silêncio por um momento, massageando o pé. — Por que um suéter?

Mephis deu um gole no yarbarah, deixando a pergunta no ar.

— Ela disse que você precisa relaxar, física e mentalmente.

A sobrelha de Saetan se ergueu de repente.

— Que você nunca poderá se largar no sofá e tirar uma sesta se estiver sempre vestido de maneira tão formal.

Oh, Mãe Noite!

— Acho que não sei me largar.

— Bem, sugiro sinceramente que aprenda. — Mephis fez o copo vazio flutuar até uma mesa próxima.

— Você tem um traço maldoso de caráter, Mephis — resmungou Saetan. — O que há nos malditos pacotes?

— Livros, sobretudo.

Dessa vez, Saetan se lembrou de não apertar os dedos.

— Livros? Talvez minha velha perspicácia tenha me abandonado, mas eu achava que tínhamos uma sala imensa cheia de livros. Várias, na verdade. Chamam-se bibliotecas.

— Pelo visto elas não têm este tipo de livros.

Saetan sentiu um frio na barriga.

— Que tipo?

— Como vou saber? — protestou Mephis. — Não vi a maior parte deles. Só paguei. Mas...

Saetan bufou.

— ... em todas as livrarias — e fomos a todas as livrarias de Amdarh — ela pedia livros sobre Tigrelan ou Sceval ou Pandar ou Centauran, e quando o livreiro lhe mostrava lendas e mitos relativos a esses locais, escritos por autores

dhemlanos, ela dizia com toda a educação... a propósito, foi sempre muito cortês... que não estava interessada em livros sobre lendas e mitos, a não ser que tivessem origem direta naquelas raças. Naturalmente, os livreiros e os clientes que se aproximavam durante estas discussões explicavam que esses Territórios eram locais inacessíveis, com os quais ninguém mantinha relações comerciais. Ela agradecia sua ajuda e eles, querendo continuar nas graças de Jaenelle e manter o acesso à minha conta bancária, diziam: “Quem pode dizer o que é real e o que não é? Quem viu esses lugares?”, e ela respondia: “Eu vi”, pegava os livros que já tinha comprado e saía porta afora antes que o livreiro e os clientes tivessem tempo de se recobrar do espanto.

Saetan voltou a bufar.

— Quer que eu lhe conte sobre a música?

Saetan largou o pé de Mephis e apoiou a cabeça nas mãos.

— O que tem a música?

— As lojas de música de Dhemlan não vendem música folclórica de Scelt ou música para flauta de Pandar ou...

— Chega, Mephis — gemeu Saetan. — Todos virão à minha porta querendo saber que tipo de acordos comerciais poderão ser estabelecidos com esses Territórios, não é?

Mephis suspirou, satisfeito. Saetan fulminou o filho mais velho com o olhar.

— *Alguma* coisa ocorreu como previsto?

— Tivemos momentos agradáveis no teatro. Pelo menos *lá* eu vou poder voltar sem que rosnem para mim. — Aproximou-se do pai. — Há outra coisa. sobre a música. — Cruzou as mãos, hesitante. — Alguma vez você já ouviu Jaenelle cantar?

Saetan tentou se lembrar e, por fim, balançou a cabeça.

— Ela tem uma voz encantadora quando fala, então pensei que... Não me diga que ela não tem ouvido para música ou é desafinada?

— Não. — O olhar de Mephis apresentava uma estranha expressão. — Não é desafinada. Ela... Assim que a ouvir, vai compreender.

— Por favor, Mephis, chega de surpresas por hoje.

Mephis suspirou.

— Ela entoia cânticos de feiticeira... no Idioma Antigo.

Saetan levantou a cabeça.

— Cânticos de feiticeira autênticos?

Os olhos de Mephis encheram-se de lágrimas, que iluminaram seu olhar.

— Cantados de um jeito que nunca ouvi antes, mas, sim, autênticos cânticos de feiticeira.

— Mas como... — Era inútil perguntar como Jaenelle sabia o que sabia. — Acho que está na hora de subir e ver nossa intratável criança.

Mephis levantou-se com dificuldade. Bocejou e espreguiçou-se.

— Se você descobrir o que é aquilo tudo por que paguei, gostaria muito de ser informado.

Saetan passou a mão na nuca, suspirando.

— Comprei uma coisa para você, Mephis disse?

— Ele mencionou — respondeu Saetan, cautelosamente.

Os olhos cor de safira cintilavam quando lhe entregou, com toda a solenidade, a caixa.

Saetan abriu-a e tirou o suéter. Macio, grosso, preto, com bolsos fundos. Despiu o casaco e colocou o suéter.

— Obrigado, criança-feiticeira. — Fez a caixa desaparecer e caiu graciosamente no chão, estendendo as pernas e apoiando-se num cotovelo. — Pareço relaxado o bastante?

Jaenelle soltou uma gargalhada e caiu no chão ao lado dele.

— Completamente.

— O que mais você comprou?

Ela não o encarou.

— Alguns livros.

Saetan fitou as pilhas de livros cuidadosamente arrumadas, formando um enorme semicírculo em volta de Jaenelle.

— Dá para ver. — Lendo as lombadas mais próximas, reconheceu a maior parte dos livros de Arte, dos quais possuía exemplares na biblioteca da família ou em sua biblioteca privada. O mesmo para os livros de história, artes e música. Eram o começo da biblioteca de uma jovem feiticeira.

— Sei que a família tem a maior parte destes livros, mas queria exemplares meus. É complicado fazer anotações em livros que não são nossos.

Saetan sentiu dificuldade em respirar. Anotações. Guias manuscritos que ajudariam a explicar aqueles saltos de cortar a respiração que Janealle dava ao criar um feitiço. E não teria acesso a eles. Agitou-se mentalmente. *Não seja tolo. Você só precisa pedir a porcaria do livro emprestado.*

Nesse momento, foi invadido por uma tristeza agriçoce. Ela queria sua própria biblioteca, para levar embora quando estivesse preparada para ter sua própria casa. Restavam poucos anos para aproveitar até que o Paço ficasse vazio outra vez.

Afastou esses pensamentos e voltou-se para as outras pilhas, as dos livros de ficção. Estes eram mais interessantes, pois uma análise minuciosa das escolhas de Jaenelle revelaria bastante sobre seus gostos e interesses imediatos. Tentar descobrir um traço comum entre eles era desnorteante demais, por isso apenas memorizou as informações. Considerava-se um leitor eclético. Quanto a Jaenelle, não sabia como descrevê-la. Alguns livros pareciam muito infantis para ela, outros muito realistas. A alguns não deu grande atenção, outros o fizeram lembrar do tempo que tinha passado desde a última vez que entrara em uma livraria, para seu próprio entretenimento. Muitos livros sobre animais.

— Uma bela coleção — disse, por fim, colocando o último livro com cuidado na respectiva pilha. — E aqueles, o que são? — Apontou para os três

livros meio escondidos sob um papel pardo.

Corando, Jaenelle balbuciou:

— São só livros.

Saetan levantou uma sobancelha e aguardou.

Com um suspiro resignado, Jaenelle deslizou a mão por baixo do papel e empurrou um livro para Saetan.

Estranho. Sylvia tinha reagido de forma idêntica quando Saetan aparecera de surpresa, certa noite, e a encontrara lendo aquele mesmo livro. Não o tinha ouvido chegar, e quando, por fim, olhou para cima e o viu, escondeu o livro na mesma hora atrás de uma almofada, transmitindo a clara impressão de que nada a faria retirá-lo do esconderijo e entregá-lo.

— É um romance — disse Jaenelle muito baixinho, enquanto Saetan invocava os óculos em meia-lua e começava a folhear o livro ao acaso. — Algumas mulheres na livraria não paravam de falar sobre ele.

Romance. Paixão. Sexo.

Ele conteve — a duras penas — o ímpeto de dar um salto e rodopiar com ela em volta do quarto. Um sinal de recuperação emocional? Por favor, doces Trevas, que seja um sinal de recuperação.

— Você acha ridículo? — O tom de voz de Jaenelle era defensivo.

— O romance nunca é ridículo, criança-feiticeira. Quer dizer, às vezes é ridículo, mas não *ridículo*. — Folheou mais páginas. — Além do mais, eu costumava ler coisas deste tipo. Tiveram um papel importante na minha educação.

Jaenelle olhou-o espantada.

— Verdade?

— Hum. É claro que eram um pouco mais... — Passou os olhos por uma página. Fechou o livro cuidadosamente. — Pensando bem, talvez não fossem. — Tirou os óculos e os fez desaparecer antes que ficassem embaçados.

Jaenelle ajeitou o cabelo, um pouco nervosa.

— Papai, se eu tiver perguntas sobre algumas coisas, você estaria disposto a respondê-las?

— Mas é claro, criança-feiticeira. Você terá todo o apoio de que necessitar na Arte ou em qualquer outro assunto.

— Nããão. Eu queria dizer... — Olhou de relance para o livro diante de Saetan.

Fogo do Inferno, Mãe Noite e que as Trevas sejam misericordiosas. A perspectiva o encheu de alegria e de pavor. Alegria, pois poderia ajudá-la a pintar uma tela emocional diferente, que contrabalançaria, assim esperava, as feridas provocadas pelo estupro. Pavor, pois, a despeito dos conhecimentos que possuía sobre qualquer que fosse o assunto, Jaenelle tinha sempre uma perspectiva que ultrapassava completamente sua experiência.

Os pensamentos de Menzar, as fantasias de Menzar voltaram a inundar sua mente.

Saetan fechou os olhos, lutando para que as imagens parassem.

— Ele machucou você — disse ela.

O corpo de Saetan reagiu à sombria voz sepulcral, ao esfriamento instantâneo do quarto.

— Fui eu que realizei a execução, senhora. É ele que está completamente morto.

O quarto esfriou ainda mais. O silêncio era mais do que silêncio.

— Sofreu? — perguntou com bastante delicadeza.

Névoa. Trevas cortadas por relâmpagos. A beira do abismo estava muito perto, e o chão desmoronava depressa sob seus pés.

— Sim, sofreu.

Ela ponderou a resposta.

— Não o bastante — disse, por fim, pondo-se de pé.

Entorpecido, Saetan olhou atônito para a mão estendida à sua frente. Não o bastante? O que teriam feito seus parentes de Chaillot para que ela não mostrasse remorsos diante de um assassinato? Até ele próprio lamentava ter de tirar uma vida.

— Venha comigo, Saetan. — Olhava-o com aqueles olhos antigos e perturbados, na expectativa de que se afastasse dela.

Jamais. Agarrou sua mão, deixando que o ajudasse a se levantar. Jamais se afastaria dela.

Porém, não podia negar o calafrio que o percorreu enquanto a seguia até a sala de música naquele mesmo andar. Não podia negar a prudência instintiva quando viu que a única luz do ambiente vinha de dois candelabros ao lado do piano. Velas, e não lamparinas. Luz que dançava com cada corrente de ar, dando à sala um ar irreal, sensual e proibitivo. As velas iluminavam as teclas do piano e o suporte das partituras. Todo o resto pertencia à noite.

Jaenelle invocou um pacote embrulhado em papel pardo, abriu-o e folheou as partituras.

— Encontrei muitas delas em caixas no fundo das estantes, sem qualquer feitiço de conservação para protegê-las. — Balançou a cabeça, aborrecida, entregando-lhe uma partitura. — Consegue tocar isto?

Saetan sentou-se ao piano e abriu a partitura. O papel estava amarelado e roto, os símbolos desbotados. Esforçando-se para ler à luz trêmula das velas, tocou a peça em silêncio, com os dedos mal pressionando as teclas.

— Acho que consigo tocá-la muito bem.

Jaenelle se posicionou atrás de um candelabro, misturando-se às sombras.

Saetan tocou a introdução e parou. Música estranha. Desconhecida, e apesar disso... Reiniciou.

A voz de Jaenelle elevou-se, um som pastoso. Elevava-se, megulhava, espiralava em volta das notas tocadas por Saetan, cuja alma se elevava, mergulhava, espiralava com aquela voz. Um Cântico de Pesar, Morte e Conciliação. No Idioma Antigo. Um cântico de luto... por duas vítimas de uma execução. Estranha música. Fazia arder a alma, despedaçava o coração, esta música de tempos imemoriais.

Cântico de feiticeira. Não, era mais do que isso. Os cânticos da Feiticeira.

Ele não percebeu quando parou de tocar, quando suas mãos trêmulas deixaram de bater nas teclas, nem quando seus olhos ficaram cheios de lágrimas. Foi arrebatado por aquela voz que lancetava a memória da execução, deixando uma ferida limpa, mas que sangrava — para depois também curar.

Mephis, você tinha razão.

— Saetan?

Saetan pestanejou, afastando as lágrimas, e suspirou tão profundamente que chegou a estremecer.

— Desculpe, criança-feiticeira. Eu não... estava preparado.

Jaenelle abriu os braços.

Saetan contornou o piano aos tropeções, ansioso por aquele abraço puro e afetuoso. Menzar era uma cicatriz recente em sua alma, que ficaria marcada para sempre, mas ele já não temia abraçar Jaenelle, já não duvidava do tipo de amor que sentia por ela.

Passou a mão nos seus cabelos durante muito tempo, reunindo coragem para perguntar:

— Como conhecia esta música?

Ela mergulhou o rosto ainda mais no ombro de Saetan. Por fim, sussurrou:

— Faz parte de quem eu sou.

Saetan sentiu o começo de um afastamento interior, uma distância protetora entre Jaenelle e ele.

Não, minha Rainha. Você diz “Faz parte de quem eu sou” com convicção, porém o seu afastamento grita a sua incerteza. Não permitirei isso.

Tocou levemente o nariz de Jaenelle.

— Sabe uma outra coisa que você é?

— O quê?

— Uma feiticeirazinha muito cansada.

Ela começou a rir e precisou conter um bocejo.

— Como a luz do dia deixa Mephis muito cansado, nossos passeios eram quase sempre depois do pôr do sol, mas eu não queria desperdiçar as horas do dia dormindo, então... — Voltou a bocejar.

— Mas você *chegou* a dormir, não?

— Mephis me obrigou a tirar a sesta — queixou-se. — Disse que só assim conseguia descansar. Eu não sabia que demônios precisavam descansar.

Era melhor não responder.

Jaenelle estava quase dormindo quando ele a levou para o quarto. Quando Saetan começou a tirar seus sapatos e meias, ela lhe garantiu que ainda estava bem acordada para se arrumar sozinha e que ele não precisava se preocupar. Dormia profundamente antes de chegarem à porta do quarto.

Saetan, por outro lado, estava desperto e agitado.

Depois de sair por uma das portas dos fundos do Paço, vagueou pelo jardim cuidadosamente aparado, desceu um pequeno lance de largos degraus de pedra e seguiu as trilhas que levavam aos jardins mais selvagens. As folhas

faziam barulho na brisa ligeira. Um coelho pulou na frente de Saetan, alerta, mas sem grandes preocupações.

— Devia ser mais prudente, bola de pelos — disse Saetan baixinho. — Você ou alguém da sua família tem vindo comer os feijões verdes da Sra. Beale. Se atravessar na frente dela, ainda acaba como prato principal uma destas noites.

O coelho mexeu as orelhas antes de desaparecer atrás de um arbusto.

Saetan passou os dedos pelas folhas laranja-vermelhadas. O arbusto estava carregado de botões inchados, prestes a florir. Em breve, estaria coberto de flores amarelas, como chamas erguendo-se de brasas incandescentes.

Soltou um longo suspiro. A mesa cheia de papéis ainda o aguardava.

Confortavelmente protegido da noite fresca de verão, com as mãos aquecidas nos bolsos fundos do suéter, Saetan caminhou devagar de volta ao Paço. No momento em que subia os degraus de pedra embaixo do jardim, parou e escutou.

Além dos jardins mais selvagens estavam os bosques ao norte.

Balançou a cabeça e retomou o caminho.

— Maldito cão.

CAPÍTULO CINCO

1 / Kaeleer

Luthvian examinou seu reflexo. O vestido novo se ajustava às suas curvas elegantes, mas ainda não estava provocante o suficiente. Talvez o cabelo solto, caindo pelas costas, parecesse muito juvenil. Talvez devesse ter feito alguma coisa em relação àquela madeixa branca que a fazia parecer mais velha.

Bem, ela *era* jovem, tinha pouco mais de 2.200 anos. E aquela madeixa branca tinha surgido quando ainda era criança, uma lembrança dos punhos do pai. Além do mais, Saetan perceberia se ela tentasse ocultá-la, e, com certeza, não estava se arrumando para *ele*. Queria apenas que aquela filha de Saetan reconhecesse o nível da feiticeira que tinha concordado em ensiná-la.

Lançando um último olhar nervoso ao vestido, Luthvian desceu as escadas.

Pontual, como sempre.

Roxie abriu a porta logo após a primeira batida.

Luthvian não estava certa se a animação de Roxie era mera curiosidade em relação à filha de Saetan ou se era o desejo de provar às outras garotas que conseguia flertar com um Príncipe dos Senhores da Guerra de Joia Negra. Fosse o que fosse, tinha evitado que Luthvian abrisse a porta.

A filha foi uma surpresa muito boa. Luthvian não percebera que Saetan tinha adotado sua queridinha, porém não havia uma gota de sangue haylliano na garota — e muito menos dele. Imatura e sem grande traquejo social, concluiu Luthvian ao observar os breves cumprimentos trocados à porta. Nesse caso, o que teria levado Saetan a dar a esta garota a sua proteção e os seus cuidados?

Foi então que Jaenelle se virou na direção de Luthvian e sorriu timidamente, embora o sorriso não tenha chegado aos olhos azul-safira. E não havia qualquer timidez naqueles olhos. Estavam repletos de circunspeção e raiva reprimida.

— Lady Luthvian — disse Saetan ao se aproximar —, esta é a minha filha, Jaenelle Angelline.

— Irmã — saudou Jaenelle, estendendo ambas as mãos num cumprimento formal.

Essa saudação, como se fossem iguais, não agradou Luthvian, mas seria

corrigida em particular, longe da presença protetora de Saetan. Por agora, devolveu o cumprimento e virou-se para Saetan.

— Fique à vontade, Senhor Supremo. — Indicou a sala de estar com o queixo.

— Aceita uma taça de chá, Senhor Supremo? — perguntou Roxie, tocando ligeiramente em Saetan ao passar.

Não era a hora nem o local para corrigir as ideias da tolinha em relação a Guardiões, em especial a *este* Guardião, mas Luthvian ficou surpresa ao ver Saetan agradecer Roxie e retirar-se para a sala de estar.

— Sabe — disse Roxie, fitando Jaenelle e sorrindo com muita vivacidade —, ninguém acreditaria que você é a filha do Senhor Supremo.

— Vá cuidar do chá, Roxie — ordenou Luthvian, ríspida.

Altiva, Roxie seguiu pelo corredor até a cozinha.

Jaenelle ficou olhando fixamente para a entrada vazia.

— Não se deixe enganar pelas aparências — sussurrou ela com uma voz sombria.

Luthvian sentiu um calafrio. Teria descartado a súbita alteração na voz de Jaenelle como um simples drama de adolescentes, se Saetan não tivesse surgido à porta da sala de estar bastante tenso e interrogativo.

Jaenelle sorriu para ele e deu de ombros.

Luthvian conduziu a nova aluna até seu próprio escritório, uma vez que Saetan insistira que as aulas fossem particulares. Talvez posteriormente, se Jaenelle conseguisse chegar ao nível das outras, pudesse fazer algumas aulas com as demais alunas.

— Pelo que percebi, vamos ter de começar pelo básico — disse Luthvian, fechando a porta.

— Sim — respondeu Jaenelle pesarosamente, ajeitando o cabelo sobre os ombros. Franziu o nariz e sorriu. — Papai conseguiu me ensinar algumas coisas, mas ainda tenho dificuldades com a Arte básica.

Seria ingênua ou simplesmente inábil?

Luthvian relanceou para o pescoço de Jaenelle, para detectar uma ferida recente ou uma sombra de machucado. Se ela não era mais que sangue fresquinho, por que se dar o trabalho de educá-la? Não, não fazia sentido, ainda mais porque era o *próprio* Saetan que a instruiria na Arte da Ampulheta. Alguma coisa não fazia sentido, alguma coisa que ainda não compreendia.

— Vamos começar deslocando um objeto. — Luthvian colocou uma bola vermelha de madeira na mesa de trabalho vazia. — Aponte o dedo para a bola.

Jaenelle resmungou, mas obedeceu.

Luthvian ignorou o lamento. Tudo indicava que Jaenelle era tão tolinha como suas outras alunas.

— Imagine um fio fino e rígido que sai da ponta do seu dedo e vai se ligar à bola. — Luthvian aguardou um momento. — Agora imagine a sua força passando pelo fio até tocar a bola. Agora imagine que puxa o fio e a bola se desloca na sua direção.

A bola não se moveu. Mas, a mesa de trabalho se deslocou. E os armários metidos na parede do fundo do escritório quase fizeram o mesmo.

— Pare! — gritou Luthvian.

Jaenelle parou e suspirou.

Luthvian olhou boquiaberta. Se tivesse sido unicamente a mesa de trabalho, poderia achar que era uma tentativa de se exhibir. Mas os armários?

Luthvian invocou quatro blocos de madeira e mais quatro bolas de madeira. Colocou tudo na mesa e disse:

— Trabalhe sozinha por alguns instantes. Concentre-se em fazer uma ligação *delicada* entre você e o objeto que tenta deslocar. Preciso ver as outras alunas e já volto.

Obediente, Jaenelle centrou a atenção nos blocos e nas bolas.

Luthvian saiu apressada do escritório, com os punhos e os dentes cerrados. Queria ver uma única pessoa e era bom que ela tivesse uma boa resposta para aquilo.

Sentiu o frio na entrada principal antes de ouvir a risadinha.

— Roxie! — chamou com brusquidão, e agarrou o vão da porta para conter seu impulso. — Você tem feitiços para terminar.

Descontraída, Roxie agitou a mão.

— Oh, só falta um ou dois.

— Então vá fazê-los.

Roxie fez beicinho, olhando para Saetan, à espera do seu apoio.

Não havia qualquer expressão no rosto do Senhor Supremo. Pior ainda, seus olhos estavam imperturbáveis. Fogo do Inferno! Ele estava prestes a cortar a garganta daquela idiota e ela nem sequer se dava conta!

Luthvian arrastou Roxie para fora da sala de estar e pelo corredor abaixo, empurrando-a, por fim, até a sala de aula.

Roxie bateu o pé.

— Não pode me tratar assim! Meu pai é um Senhor da Guerra importante em Doun e minha mãe...

Luthvian apertou o braço de Roxie e sussurrou:

— Escute bem, sua idiota. Você não sabe com quem está se metendo.

— Ele gosta de mim.

— Ele quer matar você.

Roxie ficou atônita por um momento. Depois, mostrou um olhar calculista.

— Você está com ciúmes.

Luthvian precisou reunir todo seu autocontrole para não esbofetear a idiota com tal força que a faria girar no lugar.

— Vá para a sala de aula e *não* saia de lá. — Esperou até Roxie bater a porta antes de voltar para a sala de estar.

Caminhando, impaciente, de um lado para outro, Saetan praguejava baixinho enquanto passava os dedos no cabelo. A raiva dele não a surpreendeu, contudo ficou surpresa com o esforço que ele fazia para que não fosse sentida além da sala.

— Fico surpresa por não ter lhe dado uma verdadeira mostra do seu temperamento — disse Luthvian, mantendo-se junto à porta. — Por que não fez isso?

— Tenho minhas razões — rosnou.

— Razões, Senhor Supremo? Ou apenas uma?

Saetan parou de repente e olhou além de Luthvian.

— A aula já terminou? — perguntou com inquietação.

— Ela está praticando sozinha. — Luthvian odiava falar com Saetan quando estava zangado, por isso decidiu ir direto ao assunto. — Por que está se dando o trabalho de lhe ensinar os procedimentos da Ampulheta quando ela ainda é tão inexperiente?

— Nunca disse que era inexperiente — respondeu Saetan, tornando a andar pela sala. — Disse que precisava de ajuda na Arte básica.

— Até dominar o básico, uma feiticeira não pode fazer muita coisa.

— Não esteja tão certa disso.

Saetan continuou a andar de um lado para o outro, mas já não estava enfurecido. Luthvian observou-o, decidindo que não gostava de ver o Senhor Supremo nervoso. Não gostava de nada daquilo.

— O que foi que você não me contou?

— Tudo. Primeiro, queria que a conhecesse.

— Ela possui um imenso poder bruto para alguém que não usa Joias.

— Ela usa Joias. Acredite, Luthvian, Jaenelle usa Joias.

— Então o que...

Um grito entusiasmado os fez sair correndo em direção ao escritório.

Saetan abriu a porta de repente e ficou petrificado. Luthvian começou a empurrá-lo para que abrisse caminho, mas acabou se agarrando ao braço de Saetan como apoio.

A mesa descrevia círculos em sentido horário e, ao mesmo tempo, girava lentamente sobre si mesma como se estivesse num espeto. Podia ver agora uma dezena de caixas de madeira, algumas encostadas no tampo da mesa, outras pairando por cima dela, todas girando bem devagar. Sete bolas coloridas de madeira faziam uma dança complexa em volta das caixas. E todos os objetos mantinham a respectiva posição em relação à mesa que girava.

Com muito esforço, Luthvian achava que conseguiria controlar um mecanismo tão intrincado, porém teria levado anos para adquirir aquela técnica. Não era possível que Jaenelle começasse com uma bola que nem sequer conseguia deslocar e acabasse naquilo numa questão de minutos.

Saetan soltou uma gargalhada que era ao mesmo tempo um lamento.

— Acho que estou pegando o jeito com esta coisa do fio até o objeto — disse Jaenelle ao olhar de relance por cima do ombro, com um largo sorriso, para logo em seguida soltar um gritinho quando tudo começou a balançar e cair.

Luthvian estendeu a mão no mesmo momento em que Saetan. Imobilizou os objetos menores, ao passo que ele deteve a mesa.

— Droga! Maldição! — Jaenelle estatelou-se no chão como uma marionete com os fios cortados, olhando feio para as mesas, caixas e bolas.

Às gargalhadas, Saetan endireitou a mesa.

— Não se preocupe, criança-feiticeira. Se tudo saísse perfeito logo de primeira, não seria muito divertido treinar, não é?

— É verdade — disse Jaenelle com um entusiasmo verdadeiro.

Luthvian fez desaparecer as caixas e bolas, esforçando-se para não rir diante do receio de Saetan. O que achava que a garota iria fazer? Tentar manipular uma sala repleta de mobília?

Parecia que sim, pois entraram numa discussão amistosa sobre qual o melhor ambiente para Jaenelle praticar.

— As salas de recepção, é claro, estão fora de questão — disse Saetan. Parecia um homem tentando desesperadamente acreditar que a lama sob seus pés era terra firme. — No Paço, há aposentos vazios e muitos móveis velhos no sótão. Por favor, comece por aí.

Saetan pedindo “por favor”?

Jaenelle olhou para Saetan com um falso ar exasperado.

— Está bem. Mas só para não criar problemas com Beale e Helene.

Saetan suspirou, sentido.

Jaenelle riu e virou-se para Luthvian.

— Obrigada, Luthvian.

— De nada — respondeu Luthvian debilmente. Todas as aulas seriam assim? Não estava certa sobre o que sentia em relação a isso. — Nossa próxima lição será daqui a dois dias — acrescentou ao deixarem o escritório.

Enquanto percorriam o corredor, Jaenelle manteve a atenção nos quadros. Estaria realmente interessada na arte ou apenas percebia a necessidade que os adultos tinham de conversar entre si depois de lidarem com ela?

— Acha que consegue sobreviver? — perguntou Saetan, baixinho.

Luthvian inclinou-se na direção de Saetan.

— É sempre assim?

— Oh, não — disse Saetan, seco. — Hoje estava muito bem-comportada. Normalmente é muito pior.

Luthvian abafou uma gargalhada. Era divertido vê-lo desorientado. Parecia tão acessível, tão...

A risada morreu. Não era acessível. Era o Senhor Supremo, o Príncipe das Trevas. E não tinha coração.

Roxie saiu da sala das alunas. Luthvian não entendeu bem o que tinha feito com o vestido, mas agora o decote estava muito mais acentuado do que até pouco antes.

Roxie olhou para Saetan, passando a língua pelo lábio superior.

Embora ele tentasse ocultá-la, Luthvian sentiu a repulsa de Saetan e o início da raiva fervilhando. Passado um momento, esses sentimentos foram arrastados por um frio que se entranhava nos ossos e que não podia ter origem num macho.

Nem mesmo neste macho.

— Deixe-o em paz — disse Jaenelle, com os olhos fixos em Roxie.

Havia algo muito feroz, muito predatório, na forma como Jaenelle se dirigira a Roxie. E aquele frio vinha de abismos que Luthvian não queria sequer imaginar.

— Precisamos ir — disse Saetan rapidamente, agarrando o braço de Jaenelle quando começou a deslizar à sua frente.

Jaenelle cerrou os dentes e rosnou. Não era um som que uma garganta humana pudesse emitir.

Saetan ficou petrificado.

Luthvian observou-os, muito assustada para se mover ou falar. Não fazia ideia do que se passava entre eles, mas esperava que Saetan fosse suficientemente forte para controlar a fúria de Jaenelle — e soube, com uma certeza terrível, que não era. Usava Joias Negras e não superava a filha. Que as Trevas sejam misericordiosas!

O frio desapareceu tão repentinamente como havia surgido.

Saetan largou o braço de Jaenelle e observou-a até a porta da frente se fechar atrás dela. Em seguida, encostou-se na parede.

Como Curandeira, Luthvian sabia que tinha de ajudá-lo, mas não conseguia mexer as pernas. Foi então que percebeu que as garotas não tinham reagido ao frio nem ao perigo, que seu burburinho girava em torno do drama exterior sobre o qual nada entendiam.

— Ela é bastante mimada — disse Roxie, fazendo seu melhor beicinho para Saetan.

Saetan olhou-a com tal fúria que Roxie se esquivou para dentro da sala de aula, esbarrando nas garotas que estavam aglomeradas junto à porta.

— Terminem seus feitiços — ordenou Luthvian. — Vou verificá-los daqui a um minuto. — Fechou a porta da sala de aula e encostou a cabeça na madeira.

— Peço desculpas — disse Saetan. Parecia esgotado.

— Você protegeu as garotas, não foi?

Saetan sorriu, cansado.

— Tentei proteger você, mas ela ascendeu na minha frente muito depressa.

— Ainda bem que não fez isso. — Luthvian se afastou da porta e ajeitou o vestido. — Mas você tinha razão. Foi melhor ter a primeira aula e saber como vai ser ensiná-la antes de aceitar o que ela é.

Luthvian viu a alteração nos olhos dourados de Saetan.

— E o que você pensa que ela é, Luthvian? — perguntou com extrema delicadeza.

Não se deixe enganar pelas aparências.

Olhou-o nos olhos.

— A sua filha.

Saetan seguia devagar pela larga estrada de terra batida. Jaenelle caminhava

um pouco mais à frente e não parecia ter pressa, por isso ele não sentia uma necessidade premente de alcançá-la. Além do mais, era preferível deixá-la se acalmar antes de lhe perguntar o que precisava saber, e, sendo ela Rainha, a terra a tranquilizaria mais rapidamente do que ele próprio.

Nesse aspecto, era como qualquer outra Rainha. Quaisquer que fossem os seus talentos, as Rainhas estavam mais próximas da terra do que ninguém, eram elas que mais necessitavam do contato com a terra. Até as que viviam a maior parte do tempo em grandes cidades tinham um jardim onde seus pés podiam tocar o solo vivo, ouvindo tranquilamente tudo o que a terra tinha para lhes dizer.

Assim, ele andava sem pressa, apreciando a possibilidade de voltar a caminhar por uma estrada numa manhã de verão, admirando a terra beijada pelo sol. À direita, estendiam-se os pastos comuns de Doun, delimitados por uma cerca, onde pastavam os cavalos e o gado de todos os camponeses. À esquerda, além do muro de pedra que cercundava os campos e os jardins de Luthvian, era possível ver uma pradaria salpicada de flores silvestres. À distância, viam-se aglomerados de pinheiros e outras árvores do gênero. Quase fora do alcance da vista, erguiam-se as montanhas que cercavam Ebon Rih.

Jaenelle saiu da estrada e parou, de costas para tudo o que fazia parte da civilização, com os olhos azul-safira fixos na natureza selvagem. Saetan aproximou-se devagar, não querendo interromper a meditação.

Não havia acontecido nada na casa de Luthvian que pudesse explicar a intensidade da ira de Jaenelle. Nada o preparara para aquele momento em que ela havia se virado contra ele, pois parte da sua ira era dirigida a Saetan, e ele ainda não compreendia o que havia feito para provocá-la.

Jaenelle virou-se para Saetan, aparentemente calma, mas ainda disposta a brigar.

Lute com uma Rainha apenas como última opção. Um útil e sensato conselho do administrador da primeira corte onde tinha servido.

— O que achou de Luthvian? — perguntou Saetan, enquanto oferecia o braço direito a Jaenelle.

Jaenelle observou-o por alguns momentos antes de lhe dar o braço.

— Conhece Arte. — Franziu o nariz e sorriu. — Gostei dela, embora hoje estivesse meio irritada.

— Criança-feiticeira, Luthvian está sempre meio irritada — disse Saetan com frieza.

— Ah. Especialmente com você?

— Temos um passado. — Aguardou as inevitáveis perguntas, mas se sentiu um pouco constrangido quando elas não vieram. Talvez as questões do passado não a interessassem. Ou talvez já tivesse todas as respostas de que necessitava. — Por que você estava tão zangada com a Roxie?

— Você não é um prostituto — disse Jaenelle, ríspida afastando-se de Saetan.

De repente, parecia ter escurecido, mas ao olhar para cima viu o céu tão

azul quanto antes, e as nuvens permaneciam fofas e brancas. Não, a tempestade que se formava à sua volta estava apenas a alguns metros, com os punhos cerrados e as pernas afastadas, em posição de ataque — e lágrimas nos olhos perturbados.

— Ninguém disse que eu era um prostituto — respondeu Saetan com toda a calma.

As lágrimas escorreram pelo rosto de Jaenelle.

— Como pôde permitir que aquela vagabunda fizesse aquilo com você? — gritou Jaenelle.

— Fizesse o quê? — rebateu Saetan, sem conseguir reprimir a frustração que sentia.

— Como pôde deixá-la olhar para você como... forçá-lo...

— FORÇAR? Em nome do Inferno, como você acha que aquela criança poderia me forçar a fazer o que quer que fosse?

— Existem maneiras para isso!

— Mas que maneiras? Nunca houve uma mulher estúpida o bastante para tentar me forçar antes da minha Oferenda, quanto mais desde que comecei a usar a Negra.

Jaenelle vacilou.

— Ouça, criança-feiticeira. Roxie é uma jovem mulher que passou recentemente pela sua primeira experiência sexual. Neste momento, pensa que é a dona do mundo, que qualquer macho que olhe para ela desejará ser seu amante. Quando eu era mais novo, fui consorte em várias cortes. Entendo o jogo que se espera que os homens mais velhos e experientes joguem. *Espera-se* que deixemos que as garotas nos usem para praticar, já que não temos qualquer interesse em aquecer suas camas. Pela nossa aprovação ou desaprovação, ajudamos essas garotas a compreender a forma de pensar e de sentir de um homem. — Passou as mãos pelo cabelo. — Se bem que reconheço que Roxie é um pouco piranha.

Jaenelle enxugou as lágrimas do rosto.

— Então você não se importou?

Saetan suspirou.

— Na verdade, enquanto escutava suas risadinhas nojentas, deleitava-me imaginando como seria o som dos seus ossos se partindo.

— Ah.

— Venha cá, criança-feiticeira. — Envolveu-a num abraço apertado, apoiando o rosto na cabeça de Jaenelle. — Por quem é que estava realmente zangada, Jaenelle? Quem estava tentando proteger?

— Não sei. Eu meio que me lembro de alguém que tinha que se sujeitar a mulheres como Roxie. Isso o machucava, ele odiava isso. Não é nem sequer uma memória. É mais uma sensação, porque não consigo me lembrar de quem ou onde ou por que conheceria alguém assim.

Isso explicava o fato de ela não ter perguntado por Daemon. Ele estava muito envolvido no trauma que lhe custara dois anos de vida, um trauma que

fechara a sete chaves em algum lugar dentro de si mesma. E todas as memórias de Daemon também haviam ido pelo mesmo caminho.

Saetan perguntou-se mais uma vez se não deveria lhe contar o que tinha acontecido. Porém, só poderia lhe contar uma pequena parte. Não poderia contar quem a violara, pois ainda não sabia. E não poderia contar o que acontecera entre ela e Daemon enquanto permaneceram no abismo.

Aliás, a verdade é que temia lhe contar o que quer que fosse.

— Vamos para casa, criança-feiticeira — sussurrou em seus cabelos. — Vamos para casa explorar os sótãos.

Jaenelle riu com insegurança.

— Como vamos explicar isso a Helene?

Saetan resmungou.

— Acho que sou o dono do Paço, não? Além disso, é um lugar enorme e tem muitos cômodos. Se tivermos sorte, ela vai demorar algum tempo para perceber.

Jaenelle recuou.

— Vamos ver quem chega primeiro em casa — disse, para logo em seguida desaparecer.

Saetan hesitou. Olhou os prados por um longo tempo, com as flores silvestres e as montanhas à distância.

Esperaria um pouco mais antes de começar a procurar por Daemon Sadi.

2 / Kaeleer

Greer esgueirou-se por trás da fileira de juníperos que delimitava um dos lados do terreno atrás do Paço dos SaDiablo. O sol estava quase nascendo. Se não conseguisse alcançar a torre sul antes que os jardineiros comessem seus afazeres, teria de voltar a se esconder na floresta. Embora fosse agora um demônio-morto, tinha passado a vida toda na cidade. O som das folhas balançando ao vento e o manto de breu da noite campestre o deixavam nervoso, e, embora ele não conseguisse detectar outra presença, era incapaz de se livrar da sensação de que estava sendo observado. E havia também aquele maldito uivo que parecia despertar a noite.

Não acreditava que alguém como o Senhor Supremo não tivesse feitiços de proteção em volta do Paço. De que outra forma poderia um lugar deste tamanho ser protegido? Entretanto, a Sacerdotisa das Trevas garantiria que Saetan sempre fora negligente e arrogante demais para considerar tais providências. Além disso, a torre sul fora o domínio de Hekatah, e em cada modernização, das várias que realizou, ela adicionara escadas secretas e paredes falsas, de modo que havia diversos aposentos escondidos, que seus feitiços ainda mantinham cuidadosamente secretos. Um desses aposentos iria

abrigá-lo e escondê-lo.

Desde que conseguisse chegar lá.

Enfiando as mãos nos bolsos do casaco, Greer deixou a proteção dos juníperos e caminhou, determinado, em direção à torre sul. Era uma das regras do bom assassino: agir como se tivesse o direito de estar ali. Se fosse avistado, esperava ser identificado como um comerciante ou, melhor ainda, como um hóspede.

Ao alcançar, por fim, a porta da torre sul, começou a caminhar devagar para a esquerda, com a mão esquerda tocando as pedras para encontrar o trinco que abriria a passagem secreta. Infelizmente, tinha passado tanto tempo que Hekatah já não se recordava com exatidão de que distância a passagem ficava da porta, ainda mais porque tinha se certificado de que as alterações no Paço em Kaeleer não correspondessem às que haviam sido realizadas em Terreille.

Quando já pensava que teria de voltar até a porta e começar de novo, Greer sentiu a pedra lascada que ocultava o trinco secreto. Passado um momento, já estava no interior da torre, subindo uma escada estreita de pedra.

Pouco depois, descobriu até que ponto a Sacerdotisa Suprema o enganara — ou enganara a si própria.

Na torre sul não havia aposentos luxuosamente mobiliados, camas ornamentadas, elegantes *chaise-longues*, tapetes, cortinados, mesas, cadeiras, mas apenas aposentos vazios após aposentos completamente vazios e limpos.

Greer pôs a mão sobre o lenço de seda preto que usava em volta do pescoço, tentando controlar o pânico.

Completamente vazios e limpos. Tal como as escadas secretas, que deveriam estar cobertas de pó e de teias de aranha. O que significava que aquele não era um segredo tão bem guardado quanto Hekatah julgava.

Tentou se confortar com a ideia de que aquilo não tinha qualquer importância, pois já estava morto, mas a verdade é que já andava pelo Reino das Trevas há tempo suficiente para ouvir as histórias sobre o que acontecia aos demônios que enfureciam o Senhor Supremo, e não queria descobrir em primeira mão o que aquelas histórias tinham de verdade.

Voltou ao quarto que outrora pertencera a Hekatah e iniciou uma busca metódica dos aposentos secretos.

Estes também estavam completamente vazios e limpos. Talvez os feitiços de Hekatah tivessem falhado com o tempo ou alguém os tivesse quebrado.

Tinha de haver um lugar onde se pudesse esconder! O sol já estava alto e, apesar da quantidade de sangue fresco que tinha consumido, a luz do dia enfraquecia-o, esvaziava-o. Se todos os aposentos tivessem sido descobertos...

Por fim, encontrou um quarto secreto dentro de outro quarto secreto. Na verdade, era mais um cubículo. Greer não conseguia imaginar qual teria sido seu uso, mas estava repugnantemente sujo e cheio de teias de aranha, sendo, por isso, seguro.

Encostado a um canto, Greer passou os braços pelos joelhos e começou a

3 / Kaeleer

Andulvar deu uma breve batida na porta e entrou antes de obter resposta. Ia em direção ao fundo do escritório, mas parou quando Saetan escondeu rapidamente — e com um ar culpado — o livro que estava lendo.

Fogo do Inferno, pensou Andulvar ao acomodar-se na cadeira em frente à mesa, quando foi a última vez que Saetan pareceu tão relaxado? Ora, ali estava ele, o Senhor Supremo do Inferno, com os pés na mesa, de chinelos e suéter preto. Ao vê-lo assim, Andulvar lamentou que há muito tivesse passado a época em que poderiam sair juntos para a taberna e conversar tomando algumas canecas de cerveja.

Achando graça do mal-estar de Saetan, disse:

— Beale me disse que você estava aqui... tratando da correspondência, creio que foi o que disse.

— Ah, é claro, o admirável Beale.

— Não são muitas as casas que se podem gabar de ter como mordomo um Senhor da Guerra de Joia Vermelha.

— Não são muitas as casas que o desejariam — resmungou Saetan, entre dentes, pondo os pés no chão. — Yarbarah?

— Sim, por favor. — Andulvar esperou até que Saetan servisse e aquecesse o vinho de sangue. — Já que não está tratando da correspondência, o que está fazendo? Além de se esconder dos seus intimidadores empregados?

— Lendo — respondeu Saetan, um pouco constrangido.

Como era um caçador paciente, Andulvar aguardou. E aguardou mais um pouco.

— Lendo o quê? — perguntou, por fim, semicerrando os olhos. Estaria Saetan ruborizado?

— Um romance. — Saetan pigarreou. — Um romance um pouco... na verdade, bastante erótico.

— Recordando o passado? — perguntou Andulvar, com malícia.

Saetan resmungou.

— Estou tentando me antecipar. As adolescentes fazem as perguntas mais espantosas.

— Antes você do que eu.

— Covarde.

— Sem dúvida — disse Andulvar, sem querer morder a isca. Fez uma pausa. — Como vão as coisas?

— E pergunta a mim? — Saetan pôs os pés no canto da mesa.

— Você é o Senhor Supremo.

Saetan colocou uma das mãos no peito e suspirou dramaticamente.

— Ah, pelo menos alguém se lembra disso. — Tomou um gole do yarbarah. — Para dizer a verdade, se quer mesmo saber como vão as coisas pergunte a Beale ou a Helene ou à Sra. Beale. São eles o triângulo que administra o Paço.

— Um triângulo dos Sangue tem sempre um quarto lado.

— Pois é, e sempre que surge alguma coisa que exige “Autoridade”, eles me levantam, tiram a minha poeira e me jogam no salão principal para tratar do assunto. — O sorriso afetuoso de Saetan iluminou os olhos dourados. — Minha principal função é ser o leal tutor da Senhora e, uma vez que Beale jamais se dignaria a ter seu traje arruinado por um ataque de nervos, oferecer um ombro amigo quando Jaenelle desorienta seus professores, o que parece ocorrer em média de três a quatro vezes por semana.

— Então a garota está indo bem.

O sorriso de Saetan sumiu, sendo substituído por uma expressão lúgubre e perturbada.

— Não, não está indo bem. Droga, Andulvar, eu esperava... Ela está se esforçando. Ainda é Jaenelle. Continua curiosa e dócil e bondosa. — Suspirou. — Mas é incapaz de corresponder a amizade dos criados. Ah, eu sei. — Acenou com a mão, rejeitando um protesto tácito. — A relação dela com os criados da casa é o que é. Mas não é assim só com eles. Com aquela questão do Menzar e o atrito que tem com as outras alunas de Luthvian, tornou-se ainda mais tímida. Evita as pessoas sempre que possível. Sylvia não tem conseguido convencê-la a sair de novo para fazer compras, e olha que tem tentado bastante. Tanto ela como o filho, Beron, estiveram aqui uns dias atrás. Jaenelle chegou a falar com eles durante uns cinco minutos, mas depois saiu de repente da sala. Ela não tem amigos, Andulvar. Ninguém com quem rir, ninguém com quem partilhar as bobagens de garotinhas. Ainda não realizou a Oferenda e já percebe bem o fosso que há entre ela e o resto dos Sangue. — Saetan afundou na-se cadeira. — Se ao menos houvesse uma forma de fazê-la retomar a vida.

— Por que não convida aquela harpiazinha fria de Glácia para visitá-la? — sugeriu Andulvar.

— Acha que ela teria coragem de vir ao Paço?

Andulvar tomou fôlego.

— Considerando a carta que lhe escreveu, se deixá-la passar por aquela porta, irá sem dúvida pisar nos seus calos.

Saetan sorriu com nostalgia.

— Espero que sim, Andulvar. Realmente espero que sim.

Lamentando que aquele agradável estado de espírito estivesse para mudar, Andulvar esvaziou o copo, pousando-o com cuidado na mesa.

— Está na hora de você me dizer por que me pediu para voltar ao Paço.

— Foi Tarl quem sugeriu que talvez pudesse me ajudar — disse Saetan, enquanto caminhava com Andulvar na direção de um dos jardins murados.

— Sou caçador e guerreiro, não jardineiro, SaDiablo — disse Andulvar

com rispidez. — Como poderei ajudá-lo?

— Um cão enorme tem marcado território nos bosques ao norte. Ouvi-o pela primeira vez na noite em que Sylvia me disse que havia algo errado em Halaway. Matou dois jovens alces, mas, tirando isso, os guardas florestais não conseguiram detectar qualquer vestígio dele. Algumas noites atrás, devorou as galinhas.

— Seus guardas-florestais deviam cuidar disso.

Saetan abriu o portão de madeira que dava acesso ao jardim de muros baixos.

— Tarl encontrou outra coisa esta manhã. — Acenou com a cabeça para o chefe dos jardineiros, que estava perto do canteiro do fundo.

Tarl passou as mãos na aba do quepe e saiu.

Saetan indicou a terra fofa entre duas plantas jovens.

— Aquilo.

Durante um bom tempo, Andulvar olhou estupefato para a nítida e profunda pegada, ajoelhando-se em seguida e colocando a mão ao lado dela.

— Caramba, é grande.

Saetan ajoelhou-se ao lado de Andulvar.

— Foi o que pensei, mas esta é o seu departamento. O que mais me incomoda é que parece intencional, posicionada assim tão cuidadosamente, como se fosse uma mensagem ou algum tipo de sinal.

— E a quem será dirigida esta mensagem? — perguntou Andulvar com sua voz profunda. — Quem viria aqui e a veria?

— Depois da partida repentina de Lord Menzar, Mephis investigou discretamente todos os que servem no Paço, tanto o pessoal interno quanto os de fora. Não encontrou nada que me fizesse acreditar que não são de confiança.

Andulvar franziu a testa, pensativo, olhando a pegada.

— Pode ser o sinal de um amante para um encontro secreto no jardim.

— Acredite em mim, Andulvar — disse Saetan com frieza —, existem maneiras mais simples e eficazes de combinar uma aventura romântica. — Apontou para a pegada. — Além disso, a não ser que tirasse a pata de um cão, como é que alguém encontraria a besta, a traria aqui e a convenceria a deixar uma pegada neste preciso local?

— Vou investigar — disse Andulvar bruscamente.

Enquanto Andulvar examinava o restante dos jardins murados à luz do dia que se extinguiu, Saetan analisava a pegada. Tinha conseguido ignorar sua preocupação até Andulvar chegar, esperando que o eyrieno olhasse para a pegada e encontrasse uma explicação simples para ela. Agora, Andulvar estava preocupado e Saetan não gostava nada disso. Alguém *estaria* tentando marcar um encontro? Ou simplesmente tentando afastar alguém do Paço?

Rosnando baixinho, Saetan lançou terra por cima da pegada até ocultar qualquer vestígio. Levantou-se, sacudiu a terra dos joelhos, olhou de relance para o canteiro e ficou petrificado.

A pegada voltara, tão profunda e nitidamente marcada como estivera há um minuto.

— Andulvar! — Saetan deixou-se cair de joelhos e voltou a cobrir a pegada com terra.

Andulvar voou para junto de Saetan e ajoelhou-se a seu lado.

Observaram em silêncio enquanto a terra se afastava da pegada.

Andulvar praguejou com violência.

— Foi encantada.

— Sim — disse Saetan, com uma docilidade exagerada. Usou a força equivalente à de uma Joia Branca para eliminar novamente a pegada. Quando ela voltou a aparecer, tão depressa como antes, passou à Amarela. Tentou, em seguida, a Olho de Tigre, a Rosa, a Azul-Celeste. Por fim, chegando à força da Violeta, a pegada era quase imperceptível.

Com um movimento brusco de mãos, Saetan usou a força da sua Vermelha de Direito por Progenitura para eliminá-la.

Ela não reapareceu.

— Alguém queria se assegurar de que não fosse apagada por descuido — disse Saetan, limpando a mão na grama.

Andulvar esfregou o queixo com o punho fechado.

— Evite que a garota fique vagando sozinha, mesmo aqui nestes jardins. Prothvar e eu não somos grande ajuda durante o dia, mas faremos vigília à noite.

— Acha que alguém seria insensato o bastante para invadir o Paço?

— Parece que já invadiu. Não é isso que me preocupa. — Andulvar apontou para a terra agora lisa. — Aquilo não é um cão, SaDiablo. É um lobo. É difícil acreditar que um lobo se aproximaria tanto dos seres humanos por vontade própria, mas, mesmo que esteja sendo controlado por alguém, qual seria o interesse em trazê-lo até aqui?

— Isca — disse Saetan, enviando na mesma hora um chamado psíquico a Jaenelle. O reconhecimento distraído da garota o tranquilizou, pois indicava que ela estava suficientemente absorta nos estudos para permanecer dentro de casa.

— Isca para quê?

Em vez de responder, Saetan esquadrinhou amplamente o Paço e o terreno ao redor. Na torre sul havia aquela névoa, os efeitos ainda desvanecentes dos feitiços de proteção que Helene e Beale tinham quebrado ao limpar a torre e descobrir os aposentos secretos de Hekatah. Ele detectou também uma ondulação estranha nos bosques ao norte.

Sondou um pouco mais e se deteve. Entrar no Paço não era difícil. Sair era outra história.

— Isca para quê, SaDiablo? — Andulvar voltou a perguntar.

— Para uma garotinha que se sente sozinha e adora animais.

Greer aninhou-se num canto do cubículo secreto e gemeu ao sentir aquela mente obscura passando pelas pedras, sondando, procurando.

Esforçou-se para manter a mente cautelosamente vazia no momento em que aquela onda de poder obscuro o invadiu. Não podia fugir, com segurança, antes do pôr do sol. Mas, se fosse apanhado aqui, como explicaria sua presença? Tendo perdido uma queridinha, Greer duvidava que qualquer explicação sua pudesse tranquilizar o Senhor Supremo naquele momento.

Quando a sonda psíquica se extinguiu, Greer estendeu as pernas e suspirou. Por mais que temesse o Senhor Supremo, também não lhe agradava voltar sem informações para Hekatah, que insistiria para que ele voltasse a tentar.

Teria de ser esta noite. Encontraria o quarto da garota, daria uma olhada nela e voltaria ao Inferno. Se Hekatah quisesse se aproximar mais, arriscando-se a ficar cara a cara com Saetan, ela que o fizesse.

5 / Kaeleer

Saetan dirigiu-se a seus aposentos, na esperança de que um pouco de descanso lhe trouxesse inspiração. No início da noite, havia tentado convencer Jaenelle a entrar em contato com alguns dos seus amigos. Fracassara completamente, e, no processo, aprendera bastante sobre a volubilidade emocional de uma feiticeira adolescente.

Pensando se poderia recrutar Sylvia como aliada em futuras batalhas emocionais, e ainda intrigado pela pegada de lobo no jardim, sentiu os sinais de aviso um pouco tarde demais.

Uma enorme onda psíquica de medo e de raiva se chocou contra sua mente, fazendo-o cambalear até a parede. Agarrou a cabeça enquanto uma dor aguda lhe golpeava as têmporas e sentiu o gosto do sangue quando seus dentes morderam o lábio.

Gemendo devido ao implacável latejar na cabeça, caiu no chão e, instintivamente, tentou reforçar suas barreiras interiores contra outro ataque devastador.

Como essa outra onda psíquica não veio, ergueu a cabeça e sondou com cautela. Olhou fixamente para a porta do outro lado do corredor onde estava aninhado.

— Criança-feiticeira?

Um grito angustiado veio de dentro dos aposentos de Jaenelle.

Saetan levantou-se com dificuldade, caminhou aos tropeções pelo corredor

e entrou num quarto invadido pela tempestade psíquica mais violenta que já presenciara. Exceto por um vento forte e em redemoinho que balançava as plantas e as cortinas, o quarto físico parecia intacto. Porém, podia sentir que estava repleto de fios de vidro que rasgavam a mente e não o corpo.

Com a cabeça baixa e os ombros encolhidos, Saetan cerrou os dentes e obrigou-se a avançar, cada passo uma agonia para sua mente, em direção à cama, onde Jaenelle gritava e se agitava de maneira violenta.

Ao tocar seu braço, ela voou para longe dele.

Quase sem conseguir pensar, Saetan saltou para cima de Jaenelle e envolveu-se com braços e pernas. Rolaram então pela cama, emaranhados nos lençóis que ela destruíra com as unhas, enquanto se debatia e gritava. Sem conseguir libertar os braços e pernas, girou ligeiramente nos braços de Saetan, ficando com os dentes junto ao seu pescoço, mas sem conseguir mordê-lo.

— Jaenelle! — Saetan bradou ao seu ouvido. — Jaenelle! Sou eu, Saetan!

— Nãããão!

Recorrendo ao poder das Joias Negras, Saetan girou uma vez mais, prendendo Jaenelle sob o peso de seu corpo. Abriu as barreiras interiores e lhe enviou uma mensagem que transmitia segurança, que lhe dizia que ela estava com ele, consciente de que, se ela o atingisse neste momento, o destruiria.

Jaenelle tocou sua mente vulnerável e parou de se debater.

Tremendo, Saetan encostou o rosto à cabeça dela.

— Estou aqui com você, criança-feiticeira — sussurrou. — Você está a salvo.

— Não estou a salvo — gemeu Jaenelle. — Jamais estarei.

Saetan cerrou os dentes, agoniado pelas imagens que lhe inundaram a mente de rompante. Viu tudo tal como ela, outrora, presenciara. Marjane pendurada na árvore. Myrol e Rebecca sem mãos. Dannie e a perna de Dannie. E Rose.

As lágrimas caíram por seu rosto enquanto abraçava Jaenelle, apoderando-se daquelas memórias angustiantes. Compreendia, finalmente, aquilo pelo que Jaenelle tinha passado quando criança, o que tinha sido feito a ela, por que não temia o Inferno ou seus habitantes. Enquanto as memórias fluíam da mente de Jaenelle para a de Saetan, ele viu o edifício, os quartos, o jardim, a árvore.

E se lembrou de quando Char fora procurá-lo, perturbado por uma ponte e pelas crianças mutiladas que a atravessavam até a ilha das *cildru dyathe*. Uma ponte que Jaenelle construía, certa vez, entre o Inferno e... Briarwood.

No momento em que pensou nesse nome, sentiu que Jaenelle abria os olhos.

De repente, foi envolvido por uma bruma impenetrável que se desfez de repente, e Saetan olhou para o abismo. Todos os seus instintos lhe diziam para fugir, para se afastar da raiva fria e da loucura que subia em espiral das profundezas.

Porém, na loucura e na raiva estavam também entrelaçadas gentileza e magia. Por isso, aguardou à beira do abismo o que iria acontecer. Não fugiria

de sua Rainha.

A bruma voltou a ficar cerrada. Não conseguia ver Jaenelle, mas sentiu-a quando ela surgiu do abismo. E estremeceu quando o sussurro sepulcral e cavernoso percorreu sua mente.

Briarwood é o belo veneno. Não existe cura para Briarwood.

Nesse momento, ela voltou a descer em espiral, e a mente de Saetan voltou a lhe pertencer.

Jaenelle se agitou.

— Saetan? — Parecia tão jovem, tão frágil, tão vacilante.

Saetan beijou seu rosto.

— Estou aqui, criança-feiticeira — disse, com a voz rouca, apertando-a contra o peito. Sondou o quarto cautelosamente e logo descobriu que não seria possível fazer uso da Arte até o desaparecimento total da tempestade psíquica.

— O que... — disse Jaenelle, atordoada.

— Estava tendo um pesadelo. Lembra?

Um longo silêncio.

— Não. Era sobre o quê?

Saetan hesitou... e não disse nada.

Uma bota se arrastou na varanda, atrás da porta de vidro aberta. Alguém desceu correndo as escadas.

Saetan ergueu a cabeça de repente. Uma vez que seria inútil perscrutar a identidade do intruso, rasgou freneticamente os lençóis enrolados em volta das pernas e saltou para a porta da varanda.

— PROTHVAR! — Tentou criar uma bola de fogo encantado para iluminar o jardim, mas a tempestade psíquica de Jaenelle absorvia seus poderes, e o brilho súbito de luz que conseguiu gerar lhe provocou uma cegueira noturna.

Da extremidade mais afastada do jardim, ouviu-se um rosnado feroz. Um homem gritou. Houve uma luta breve, mas desenfreada, um crepitar ofuscante quando a força de duas Joias foi libertada e absorvida, o som de passos estranhos, outro rosnado e, depois, uma porta batendo.

E, em seguida, o silêncio.

A porta do quarto se escancarou. Saetan deu meia-volta, com os dentes cerrados, no momento em que Andulvar saltava para dentro do quarto empunhando uma espada de guerra eyriena.

— Fique com ela — disse Saetan abruptamente. Correu pelas escadas da varanda, procurando os feitiços que selariam o Paço, evitando que alguém saísse dali. E praguejou. Aquela enorme onda de poder tinha destruído todos os feitiços — o que significava que o intruso poderia encontrar uma saída antes de ser apanhado. E, assim que conseguisse se afastar o suficiente dos efeitos da tempestade, poderia apanhar os Ventos e, pura e simplesmente, desaparecer.

— Mas onde você estava escondido que não senti sua presença? — resmungou Saetan, rangendo os dentes de frustração, enquanto Prothvar

aterrissou a seu lado no jardim.

O Senhor da Guerra eyrieno segurava um lenço de seda preto rasgado.

— Encontrei isto junto à torre sul.

Saetan olhou o lenço que Greer usara da primeira vez que tinha vindo ao Paço. Seus olhos dourados cintilaram ao voltar-se para a torre sul.

— Tenho sido condescendente demais com os jogos de Hekatah e seus protegidos. Mas este aqui cometeu erros demais.

— Hekatah! — Praguejando, Prothvar deixou o lenço cair e limpou a mão nas calças. Depois sorriu. — Não creio que ele tenha saído daqui da mesma forma como chegou. Também vi pegadas de lobo perto da torre sul.

Lobo. Saetan olhou fixamente para a torre sul. Um lobo e Greer. Isca e um raptor? Mas e o rosnado? E aquele embate de Joias?

Um movimento na varanda chamou sua atenção.

Jaenelle olhava para os dois. O braço esquerdo de Andulvar estava em volta dos seus ombros, mantendo-a junto a si. Na mão direita empunhava ainda a grande espada de guerra, com aspecto amaldiçoado.

— Papai, qual é o problema? — gritou Jaenelle.

Acenando com a cabeça para Saetan, Prothvar fez o lenço desaparecer e deslizou para as sombras a fim de montar guarda.

Saetan atravessou o jardim devagar e subiu as escadas, frustrado por, devido aos efeitos persistentes da tempestade de feiticeira, não ter conseguido usar a Arte para impedir que mais alguém chegasse aos aposentos de Jaenelle.

Andulvar se afastou quando Jaenelle se atirou nos braços de Saetan, que beijou sua cabeça. Os três entraram no quarto.

— O que aconteceu? — perguntou Jaenelle, que tremia e observava Andulvar fechando as portas da varanda e trancando-as com a chave.

O fato de ela ter de fazer aquela pergunta era bastante indicativo do seu estado de espírito. Saetan hesitou.

— Não foi nada, criança-feiticeira — disse, por fim, abraçando-a. — Um som inexplicável. — Mas ele se perguntou se teria sido algo que viu ou sentiu que desencadeara aquelas memórias.

Andulvar e Saetan trocaram um olhar significativo. O Príncipe dos Senhores da Guerra eyrieno indicou com os olhos a cama, depois as portas da varanda.

Saetan acenou quase imperceptivelmente com a cabeça.

— Criança-feiticeira, sua cama está um pouco... desarrumada. Como está tarde, em vez de acordarmos uma criada para arrumar essa bagunça, você podia ficar no meu quarto esta noite.

A cabeça de Jaenelle levantou-se bruscamente. Nos seus olhos havia espanto, prudência e medo.

— Eu podia fazer a cama.

— Preferia que não a fizesse.

Saetan sentiu que Jaenelle estava buscando sua mente e aguardou. A menos que ela extraísse deliberadamente seus pensamentos, ele conseguiria esconder

a razão da sua preocupação, embora não o sentimento de preocupação.

Jaenelle se afastou da mente de Saetan e assentiu.

Aliviado ao ver que Jaenelle ainda estava disposta a confiar nele, Saetan conduziu-a a seus aposentos do outro lado do corredor e acomodou-a na sua cama. Depois de Andulvar sair para examinar a torre sul, serviu e aqueceu um copo de yarbarah, instalando-se numa cadeira. Passado bastante tempo, a respiração de Jaenelle se tornou regular e Saetan soube que ela havia dormido.

Um lobo, pensou, enquanto velava por ela. Amigo ou inimigo?

Saetan fechou os olhos e esfregou as têmporas. A dor de cabeça estava passando, embora a última hora o tivesse esgotado. Ainda assim, continuava vendo aquela pegada no jardim, uma mensagem encantada que alguém compreenderia.

Mas e o rosnado? E *aquela embate de Joias*?

Saetan endireitou-se repentinamente na cadeira e olhou atônito para Jaenelle.

Nem todos os sonhadores que tinham dado forma a esta Feiticeira eram humanos.

Fazia sentido. Se isso fosse verdade, tudo fazia sentido.

Como Jaenelle não tinha ido visitar seus antigos amigos, talvez eles estivessem começando a procurá-la.

6 / Inferno

Hekatah gritou para Greer:

— O que quer dizer com “está viva”?

— É isso mesmo — respondeu Greer enquanto examinava o braço dilacerado. — A garota que ele mantém no Paço é aquela vadiazinha pálida, neta de Alexandra Angelline.

— Mas você a destruiu!

— Pelo visto, ela sobreviveu.

Hekatah caminhava para trás e para a frente no pequeno e imundo aposento, quase sem mobílias. Não podia ser verdade. Não podia. Olhou de relance para Greer, afundado numa cadeira.

— Você disse que estava escuro e era difícil ver. Não chegou a entrar efetivamente no quarto. Não podia ser a mesma garota. Ele lhe disse que ela caminhava entre as *cildru dyathe*.

— Ele a chamou de Jaenelle — afirmou Greer, examinando o pé.

Hekatah arregalou os olhos.

— Mentiu. — Seu rosto foi desfigurado pela raiva e pelo ódio. — O grande filho da puta *mentiu*!

Foi então que se lembrou daquela terrível presença na ilha das *cildru*

dyyathe. Se a garota estivesse de fato viva, ainda poderia ser moldada na Rainha-fantoches da qual Hekatah necessitava para governar os Reinos.

Hekatah passou os dedos por uma mesa marcada.

— Mesmo que tenha sobrevivido fisicamente, pouca utilidade terá para mim se estiver sem poderes.

Imobilizando o braço dilacerado, Greer mordeu a isca.

— Ainda tem poderes. Havia uma forte tempestade de feiticeira naquele quarto. Começou pouco antes da chegada do Senhor Supremo. Só as Trevas sabem como ele sobreviveu àquilo.

Hekatah franziu a sobancelha.

— O que Saetan estava fazendo no quarto da garota àquela hora?

Greer deu de ombros.

— Parece que eles estavam rolando na cama, e não era um confronto amigável.

Hekatah olhou Greer fixamente, embora não o visse. Viu Saetan, com o sangue fervendo e ávido, satisfazendo seus apetites — *todos* os seus apetites — com aquela jovem feiticeira de sangue escuro que deveria pertencer a ela, Hekatah. Um Guardião ainda era capaz de sentir tais prazeres. Um Guardião... que prezava a honra. Ah, Saetan poderia tentar ignorar o escândalo e a condenação, porém, quando ela tivesse terminado, teria criado tal tempestade de fogo à sua volta que até os seus mais leais servidores o odiariam.

Mas precisava ser sutil, para que, ao contrário do insensato Menzar, Saetan não conseguisse descobrir que era ela que estava por trás de tudo.

Observou Greer. O músculo dilacerado em seu antebraço poderia ser coberto com um casaco, mas o pé... Se fosse amputado e substituído por algo artificial, ou mantido e fixado a uma bota, o caminhar arrastado seria óbvio — assim como as mãos deformadas. Era uma pena que um servo tão útil fosse tão deformado, o que chamava a atenção. Ainda assim, conseguiria executar esta última tarefa. Na verdade, essas deformidades seriam usadas em seu benefício.

Hekatah se permitiu um breve sorriso antes de exibir sua expressão mais pesarosa. Caiu de joelhos ao lado da cadeira de Greer.

— Pobrezinho — arrulhou, acariciando-lhe a face com as pontas dos dedos —, deixei que as armações daquele canalha me distraíssem de assuntos mais importantes.

— E que preocupações são essas, Sacerdotisa? — perguntou Greer, cautelosamente.

— Ora, você, meu querido, e as brutais feridas que a besta dele lhe infligiu. — Enxugou os olhos, como se eles ainda pudessem produzir lágrimas. — Sabe que agora não existe maneira de curar essas feridas, não sabe, meu querido?

Greer desviou o olhar.

Hekatah inclinou-se para a frente e beijou-o no rosto.

— Mas não se preocupe. Tenho um plano que vai fazer Saetan pagar por tudo.

— Queria me ver, Senhor Supremo?

Os olhos de Saetan reluziram. Apoiou-se na mesa de madeira escura no escritório privado no Reino das Sombras e sorriu para a Harpia dos Dea al Mon.

— Titian, minha querida — sussurrou, com uma voz de trovão suave —, tenho uma tarefa para você que acho que vai lhe agradar bastante.

CAPÍTULO SEIS

1 / Kaeleer

Saetan, juntamente com o restante da família, permaneceu na mesa de jantar, relutante em terminar a refeição e a conversa agradável.

Ao menos alguma coisa boa tinha resultado daquela desagradável noite na semana anterior. O pesadelo de Jaenelle servira para liberar aquelas memórias reprimidas, abrandando ligeiramente a dor emocional. Saetan sabia que a ferida da alma não estava curada, mas, pela primeira vez desde que voltara do abismo, Jaenelle estava mais parecida com a criança que havia sido, e não a jovem perturbada que tinha se tornado.

— Acho que Beale quer tirar a mesa — disse Jaenelle baixinho, olhando de soslaio para o mordomo, que estava em pé na porta da sala de jantar.

— E se fôssemos então tomar café na sala de visitas? — sugeriu Saetan, empurrando a cadeira para se levantar.

Quando Jaenelle se dirigiu à porta, seguida por Mephis, Andulvar e Prothvar, ele demorou um pouco mais. Era tão bom ouvi-la rir, tão bom...

Um movimento na janela chamou sua atenção. Na mesma hora ele sondou, à procura do intruso, e deu um passo para trás ao sentir emoções ferozes e estranhamente perfumadas indo de encontro à sua mente, desafiando-o a continuar a sondar.

Raiva. Frustração. Medo. E depois...

O uivo interrompeu a conversa dos outros, e Andulvar e Prothvar deram meia-volta, com as facas de caça desembainhadas. Saetan mal reparou neles, muito concentrado na reação de Jaenelle.

Ela fechou os olhos, respirou fundo, inclinou a cabeça para trás e soltou um uivo. Não era uma imitação exata do uivar do lobo. Era algo mais sinistro que se transformou num cântico de feiticeira. Um cântico muito feroz.

E ele percebeu, com uma sensação arrepiante de admiração, que não era a primeira vez que Jaenelle e o lobo entoavam este cântico, que sabiam combinar as duas vozes, criando algo estranho e belo.

O lobo parou de uivar. Jaenelle terminou o cântico e sorriu.

Uma enorme silhueta acinzentada saltou pela janela, atravessando o vidro. O lobo aterrissou na sala de jantar, rosnando.

Soltando um grito de boas-vindas, Jaenelle passou por Andulvar e Prothvar correndo, caiu de joelhos e abraçou o pescoço do lobo.

Nesse momento, Saetan sentiu o odor psíquico que estava procurando. O lobo era um dos lendários parentes. Um Príncipe, embora não fosse, graças às Trevas, um Príncipe dos Senhores da Guerra. Conseguiu ver, de relance, a corrente de ouro e a Joia Violeta escondida no pelo.

Sempre rosnando, o lobo empurrou Jaenelle em direção à janela, enquanto mantinha o corpo entre a garota e os eyrienos.

Perdendo o equilíbrio, Jaenelle apertou ainda mais o pescoço do lobo.

— Fumaça, você está sendo mal-educado — disse com aquela voz calma e firme de Rainha que nenhum macho no seu juízo perfeito ousaria desafiar.

Fumaça lhe deu uma rápida lambida e o rosnado se suavizou um pouco.

— Qual macho malvado? — Jaenelle examinou cada rosto apreensivo e balançou a cabeça. — Ora, não foi nenhum deles. São a minha alcateia.

O animal parou de rosnar. Em seu olhar podia-se perceber inteligência e um novo interesse enquanto ele examinava cada homem, balançando a ponta da cauda uma única vez como um cumprimento relutante.

Outra pausa breve, e Jaenelle corou.

— Não, nenhum deles é meu parceiro. Ainda sou muito nova para companheiros — acrescentou às pressas, enquanto Fumaça olhava para os homens com um ar de notória desaprovação. — Este é Saetan, o Senhor Supremo. É o meu progenitor. Meu irmão, Mephis, é o cachorrinho do Senhor Supremo. E este é o meu tio, Príncipe Andulvar, e meu primo, Lord Prothvar. E aquele é Lord Beale. Pessoal, este é o Príncipe Fumaça.

Ao cumprimentar seu Irmão parente, Saetan se perguntou o que mais teria surpreendido os outros: um parente surgindo do nada, Jaenelle conversando com um lobo ou as designações familiares que havia lhes atribuído.

Após as apresentações, houve uma pausa constrangedora. Andulvar e Prothvar olharam de relance para Saetan e embainharam as facas, com movimentos lentos e ponderados. Mephis permaneceu imóvel, embora preparado para agir, e Beale, rondando a porta, aguardava instruções em silêncio. Fumaça parecia pouco à vontade e em Jaenelle havia um olhar magoado e vago.

Ele tinha de agir rapidamente. Mas o que dizer a um lobo? Mais importante ainda, o que poderia fazer para que o amigo peludo de Jaenelle ficasse à vontade e se sentisse bem-vindo? Ora, o que se dizia a um convidado?

— Posso lhe oferecer algo para comer ou beber, Príncipe Fumaça? — Dito em voz alta, o nome em combinação com o título dos Sangue parecia ridículo, ainda que “fumaça” fosse uma descrição acertada da coloração do pelo do lobo. Por outro lado, os nomes humanos sem dúvida soariam igualmente ridículos para um lobo. Saetan ergueu uma sobrancelha, dirigindo-se a Beale, e se perguntou como reagiria seu estoico mordomo Senhor da Guerra diante de um convidado quadrúpede.

Ficou imediatamente óbvio que qualquer amigo de Jaenelle, bípede ou quadrúpede, seria tratado como um convidado de honra.

Beale deu um passo à frente, fez sua reverência mais cerimoniosa e dirigiu-

se a Jaenelle.

— Temos a carne assada do jantar, se o Príncipe Fumaça não se importar que não esteja crua.

Jaenelle parecia se divertir, mas sua voz manteve-se firme e solene.

— Obrigada, Beale. Será perfeito.

— E uma tigela de água fresca?

Jaenelle acenou afirmativamente com a cabeça.

— Ficaremos mais confortáveis na sala de visitas — disse Saetan. — Aproximou-se devagar de Jaenelle e ofereceu-lhe a mão para ajudá-la a se levantar.

Fumaça ficou nervoso com a aproximação, ainda que não o tenha desafiado nem recuado. O lobo não confiava nos humanos, não queria que Saetan se aproximasse e tocasse em Jaenelle, mas não sabia o que fazer para impedi-lo sem provocar a desaprovação da Senhora.

Não é assim tão diferente de nós, pensou Saetan ao acompanhar Jaenelle para a sala de visitas da família.

Inconscientemente, os homens deixaram que Jaenelle escolhesse um lugar antes de se acomodarem em cadeiras e sofás afastados o suficiente para que o lobo não ficasse perturbado, mas perto o bastante para que nada lhes escapasse. Saetan sentou-se à frente dela, consciente de que a atenção de Fumaça se centrava nele, o que acontecera desde as apresentações.

Sentiu-se grato pela cortesia de Beale quando, passados alguns minutos, o mordomo surgiu com um tabuleiro de prata com café para Jaenelle, yarbarah para os demais e tigelas com carne e água para Fumaça. Beale pousou-as na frente de Fumaça, colocou o tabuleiro sobre uma mesa em frente a Jaenelle e, já que não havia mais nenhum pedido, saiu da sala com relutância.

Fumaça cheirou a carne e a água, sentado ao lado da cadeira de Jaenelle, encostado aos seus joelhos. Saetan pôs a dose generosa de leite e de açúcar que Jaenelle apreciava no café, depois serviu e aqueceu o yarbarah, passando as taças aos outros antes de aquecer uma para si mesmo.

— O Príncipe Fumaça está sozinho? — perguntou Saetan a Jaenelle. Até descobrir de que forma os parentes se comunicavam com os humanos, não tinha outra alternativa senão dirigir as questões à garota.

Jaenelle observou Fumaça examinando as tigelas e não respondeu.

Saetan ficou tenso ao perceber que o lobo estava fazendo o mesmo que ele faria num território desconhecido e possivelmente adverso — estava usando a Arte para perscrutar a carne e a bebida, procurando veneno. Da mesma forma, compreendeu quem tinha lhe ensinado a procurar venenos — o que o fez pensar no que a teria levado a julgar necessário lhe ensinar aquela lição em especial.

— E então? — disse Jaenelle baixinho.

Fumaça remexeu os pés e produziu um som que denotava incerteza.

Jaenelle afagou-o em sinal de aprovação.

— São ervas. Os humanos as utilizam para alterar o sabor da carne e dos

legumes. — Deu uma gargalhada. — Não sei por que queremos modificar o sabor da carne. Queremos e pronto.

Fumaça escolheu um naco de carne.

Jaenelle olhou para Saetan com ar divertido, mas seus olhos expressavam tristeza e um vislumbre de ansiedade.

— A alcateia de Fumaça ainda está em seu território natal. Ele veio sozinho porque... porque queria me ver, queria saber se vou visitar a alcateia como antes.

Sentiu sua falta, criança-feiticeira. Todos sentiram. Saetan girou de leve a taça de yarbarah. Compreendeu a ansiedade de Jaenelle. Fumaça estava ali em vez de proteger a parceira e as crias. O fato de Jaenelle ter lhe ensinado sobre venenos indicava claramente que os lobos parentes enfrentavam perigos além dos naturais. Seriam necessários alguns acertos, mas se Fumaça estivesse disposto...

— Uma alcateia precisa de um território muito grande?

Jaenelle deu de ombros.

— Depende. Uma extensão considerável. Por quê?

— Nossa família possui terras consideráveis em Dhemlan, incluindo os bosques ao norte. Mesmo com os direitos de caça que concedi às famílias de Halaway, estão repletas de caça. Seria território suficiente para uma alcateia?

Jaenelle olhou atônita para Saetan.

— Você quer uma alcateia nos bosques ao norte?

— Se Fumaça e sua família quiserem viver lá, por que não? — Além disso, o lobo não seria o único a sair ganhando. Saetan daria território e proteção à alcateia, e os lobos dariam companhia e proteção a Jaenelle.

O silêncio que se seguiu não era bem um silêncio, era uma conversa que mais ninguém conseguia ouvir. Jaenelle mantinha a expressão cuidadosamente imparcial. A de Fumaça, que observava cada homem na sala, era indecifrável.

Por fim, Jaenelle olhou para Saetan.

— Os humanos não gostam dos lupinos.

Saetan juntou os dedos das mãos, forçando-se a respirar regularmente. Jaenelle raras vezes mencionara os parentes. Sabia que ela tinha visitado as aranhas tecelãs de sonhos em Aracna, e uma vez, quando a conheceu, Jaenelle mencionara unicórnios. Contudo, a presença de Fumaça e o conforto com o qual dois se comunicavam indicava uma relação há muito estabelecida. Que outros parentes conheceriam o som da sua voz, o seu obscuro odor psíquico? Quantos estariam dispostos a arriscar o contato com humanos para estar, novamente, com ela? Comparado com o que poderia haver lá fora, naqueles Territórios cercados pela bruma, o que era um lobo?

A garota e o lobo aguardaram a resposta de Saetan.

— Eu governo este Território — disse, calmamente. — E, como disse, o Paço e o terreno são propriedade minha. Se os humanos não quiserem nossos Irmãos e Irmãs parentes como vizinhos, então esses humanos poderão ir embora.

Não estava certo se estava tentando abrir-lhe a mente ou se Fumaça estava tentando alcançá-lo, porém estabeleceu um ténue contato com aqueles pensamentos desconhecidos e selvagens. Não eram pensamentos, na verdade, assemelhavam-se mais a emoções filtradas por uma lente diferente, ainda que inteligíveis. Espanto, seguido de compreensão repentina e de aprovação. Fumaça, pelo menos, entendia muito bem o porquê daquela oferta.

Infelizmente, Jaenelle, que estendia a mão para o café, também percebeu alguma coisa.

— Qual macho malvado? — perguntou, franzindo a testa.

De repente, Fumaça pareceu muito interessado em sua carne.

Pela expressão contrariada de Jaenelle, Saetan deduziu que o lobo estava sendo evasivo. Como aquele não era um assunto no qual desejaria que ela se aprofundasse, Saetan decidiu satisfazer sua própria curiosidade, consciente do esforço de Andulvar, Prothvar e Mephis em se manterem sossegados, sem lançarem uma torrente de perguntas. Os parentes sempre foram esquivos e tímidos em relação ao contato com seres humanos, até mesmo antes de fecharem suas fronteiras. E agora um lobo estava aqui, parente e selvagem, sentado na sua sala de visitas.

— O Príncipe Fumaça é parente? — perguntou Saetan, mais em tom de afirmação do que de pergunta.

— É claro — respondeu Jaenelle, admirada.

— E você consegue se comunicar com ele?

— É claro.

Detectou a onda de frustração vinda dos outros e cerrou os dentes. *Lembre-se de com quem está falando.*

— Como?

Jaenelle pareceu intrigada.

— De fêmea para macho. Da mesma forma como me comunico com você.

— Ajeitou o cabelo. — Não conseguem ouvi-lo?

Saetan e os outros homens balançaram a cabeça.

Jaenelle olhou para Fumaça.

— Consegue ouvi-los?

Fumaça olhou para os machos humanos e rosnou baixinho.

Jaenelle ficou indignada.

— O que quer dizer com “não os treinei bem”? Nem cheguei a treiná-los!

Ao voltar a atenção para a carne, Fumaça exibia um ar presunçoso.

Jaenelle murmurou entre dentes algo pouco lisonjeiro sobre o processo de pensamento dos machos e, em seguida, disse, amarga:

— Ao menos gostou da carne? — Sorriu debilmente para Saetan. — Fumaça diz que a carne é muito mais saborosa do que as aves brancas cacarejantes. — Sua expressão se alterou de contrariada para consternada. — Aves brancas cacarejantes? Galinhas? Você comeu as galinhas da Sra. Beale?

Fumaça ganiu, desculpando-se.

Saetan se recostou na cadeira. Oh, era tão gratificante vê-la desorientada.

— Com certeza a Sra. Beale ficará encantada por ter alimentado um convidado, mesmo sem saber disso — afirmou friamente, recordando com nitidez a reação da cozinheira ao saber do desaparecimento das galinhas.

Jaenelle pôs as mãos no colo.

— Sim. Bem... — Mordeu o lábio inferior. — Não é difícil me comunicar com parentes.

— Verdade? — respondeu Saetan calmamente, divertido pelo súbito retorno ao tópico original da conversa.

— Só precisamos ... — Jaenelle fez uma pausa e, por fim, deu de ombros. — Tirar os aparatos humanos e dar um passo para o lado.

Não eram as instruções mais esclarecedoras que já ouvira, mas, por ter visto o que havia por trás da máscara de humanidade, a frase “tirar os aparatos humanos” lhe trouxe alguns pensamentos desagradáveis que o fizeram refletir. Seria mais agradável, mais natural para Jaenelle alcançar as mentes dos parentes? Ou consideraria parentes e humanos quebra-cabeças semelhantes?

Desconhecida e Outra. Sangue e para além de Sangue. Feiticeira.

— O que foi? — perguntou, percebendo, de repente, que todos olhavam para ele.

— Quer tentar? — perguntou Jaenelle, com delicadeza.

Os olhos azul-safira perturbados, sombrios com o peso da antiquíssima sabedoria, diziam-lhe que Jaenelle sabia exatamente o que o preocupava. Ela não rejeitou as preocupações de Saetan, reconhecendo portanto que elas tinham fundamento. E ao mesmo tempo nenhum fundamento.

Saetan sorriu.

— Sim, gostaria de tentar.

Jaenelle tocou as mentes dos quatro homens exatamente à entrada da primeira barreira interior, mostrando-lhes como chegar a uma mente diferente da humana.

Era, de fato, simples. Um pouco como caminhar por uma ruela estreita e restrita, dando um passo para o lado através de uma brecha na cerca, descobrindo a existência de outro caminho já bastante explorado do outro lado. Os aparatos humanos não eram mais do que uma visão limitada da comunicação. Saetan — e Andulvar, Prothvar e Mephis e talvez também Fumaça — estaria sempre consciente da existência da cerca e teria de viajar através de uma brecha. Para Jaenelle, tratava-se uma única e ampla avenida.

Humano. Fumaça parecia satisfeito.

Cheio de espanto, Saetan sorriu.

Lobo.

Os pensamentos de Fumaça eram fascinantes. Felicidade, pois Jaenelle estava contente em vê-lo. Alívio, pois era aceito pelos humanos. Expectativa, diante da mudança da alcateia para um local seguro — encoberta por imagens sombrias de perseguições a parentes, e a necessidade de compreender esses humanos de modo a garantir sua própria proteção. Curiosidade em relação à forma como os humanos marcavam seus territórios, já que não tinha sentido o

cheiro de nenhum marcador neste local de pedra. E um desejo ardente de marcar com urina algumas árvores.

— Devíamos dar um passeio — disse Jaenelle, levantando-se com um pulo.

Os machos humanos voltaram pelas brechas da cerca mental, retomando seus pensamentos.

— Depois do passeio, não vejo razões para que Fumaça volte para a floresta esta noite — disse Saetan, de maneira descontraída, ignorando o olhar reprovador de Jaenelle. — Se seu quarto estiver muito quente, ele poderá passar a noite na varanda ou no seu jardim.

Não deixarei que o macho malvado se aproxime da Senhora.

Pelo visto, Fumaça estava habituado a deslizar pela cerca mental. Saetan também reparou que o lobo enviara o pensamento por um fio masculino, de macho para macho, para que Jaenelle não o detectasse.

Obrigado, respondeu Saetan.

— Já terminou os estudos para amanhã? — perguntou Saetan em voz alta.

Jaenelle fez cara feia e desejou a todos boa-noite, saindo por uma porta, enquanto Fumaça caminhava entusiasmado a seu lado.

Saetan virou-se para os outros.

Andulvar assobiou baixinho.

— Doces Trevas, SaDiablo. Parentes.

— Parentes — concordou Saetan, sorrindo.

Andulvar e Mephis retribuíram o sorriso.

Prothvar desembainhou a faca de caça e examinou a lâmina.

— Vou acompanhá-lo na expedição para trazer a alcateia para casa.

As imagens de caçadores e de armadilhas fizeram os sorrisos desaparecerem.

— Sim — disse Saetan com uma serenidade excessiva —, faça isso.

2 / Terreille

Perturbada pelo fato de seu divertimento da tarde ter sido arruinado, Dorothea SaDiablo deu um último beijo no jovem Senhor da Guerra que tinha agora por brinquedo e mandou-o sair. Semicerrou os olhos diante da forma precipitada com que ele se vestiu e deixou a sala de estar. Bem, trataria daquele probleminha de disciplina à noite.

Erguendo-se graciosamente da *chaise-longue* dourada e creme, caminhou até uma mesa, balançando os quadris de forma provocante, e serviu-se de um copo de vinho. Bebeu metade de seu conteúdo antes de se virar e encarar o filho, pegando-o de surpresa no momento em que ele pressionava o punho contra a parte inferior das costas, tentando atenuar a dor. Voltou-se novamente, sabendo que seu rosto refletia a repulsa que agora sentia sempre

que olhava para ele.

— O que deseja, Kartane?

— Descobriu alguma coisa? — perguntou ele, vacilante.

— Não há nada para descobrir — respondeu Dorothea, ríspida, pousando o copo antes que se partisse em suas mãos. — Não há nada de errado com você. — O que era mentira. Quem quer que olhasse para ele saberia que era mentira.

— Tem de haver uma razão para...

— *Não há nada de errado com você.* — Ou, mais precisamente, nada que ela pudesse fazer. No entanto, não havia razão para informá-lo desse detalhe.

— Tem de ser alguma coisa — insistiu Kartane. — Algum feitiço...

— Onde? — perguntou Dorothea tomada pela ira, virando-se para encará-lo. — Indique-me o local. Não há nada, estou lhe dizendo, *nada*.

— Mãe...

Dorothea esbofeteou-o com violência.

— Não me chame assim.

Kartane ficou tenso e não disse mais nada.

Dorothea respirou fundo, passando as mãos pelos quadris, alisando o vestido. Em seguida, olhou para Kartane, não se dando o trabalho de esconder sua repulsa.

— Continuarei a investigar o problema. Mas agora tenho outros compromissos.

Kartane fez uma reverência, conformado com a dispensa.

Assim que ficou sozinha, Dorothea pegou a garrafa de vinho e vociferou ao ver como sua mão tremia.

A “doença” de Kartane estava piorando e não havia nada que ela pudesse fazer. As melhores Curandeiras de Hayll não haviam conseguido encontrar uma razão física para a deterioração que seu corpo sofria, simplesmente porque não havia razão. Contudo, tinha insistido com as Curandeiras até alguns meses atrás, quando foi acordada pelos gritos de Kartane e tomou conhecimento dos sonhos.

Tudo se resumia àquela garota. A morte de Greer, a enfermidade de Kartane, o Anel de Obediência quebrado por Daemon, a obsessão de Hekatah.

Tudo se resumia àquela garota.

Viajara secretamente até Chaillot e descobrira que todos os machos que haviam passado por um lugar chamado Briarwood estavam sendo afetados de maneira semelhante. Um homem gritava, pelo menos uma vez por dia, que suas mãos estavam sendo amputadas, embora pudesse vê-las e movê-las. Dois outros balbuciavam alguma coisa sobre uma perna.

Furiosa, fora até Briarwood, que a essa altura já estava abandonado, a fim de procurar a teia emaranhada de sonhos e de visões que, não tinha dúvida, enredara a todos.

Seus esforços foram em vão. Um riso cáustico e fantasmagórico foi a única coisa que conseguiu retirar das madeiras e das pedras daquele lugar. Não, não

foi bem apenas isso. Estava em Briarwood havia uma hora quando o medo tornou o ar mais pesado — medo e uma sensação de espera ansiosa. Poderia ter continuado a investigar, insistido um pouco mais. Se tivesse feito isso, tinha certeza de que encontraria um fio que a levaria até a teia. Mas também tinha certeza de que jamais encontraria a saída.

Tudo se resumia àquela garota.

Voltara para casa, dispensara as Curandeiras e começou a afirmar que nada havia de errado com Kartane sempre que este procurava o seu auxílio.

Continuaria a insistir, não somente porque não havia nada que pudesse fazer, mas também porque isso serviria a outro propósito. Assim que Kartane chegasse à conclusão de que não teria a ajuda de Dorothea, iria procurar outra pessoa. Iria procurar a única pessoa para quem corria, quando criança, sempre que precisava de auxílio.

E, mais cedo ou mais tarde, encontraria Daemon Sadi para ela.

3 / Kaeleer

Saetan atravessou os corredores às pressas, dirigindo-se à sala do jardim que dava para um terraço nos fundos do Paço.

Tinham se passado três dias desde que Jaenelle, Prothvar e Fumaça haviam partido com o objetivo de trazer a alcateia de Fumaça para o Paço! Três angustiantes e preocupantes dias preenchidos por pensamentos de caçadores e de venenos e de como ela devia ser pequena quando conheceu os parentes pela primeira vez, quando começou a lhes ensinar a evitar as armadilhas criadas pelos homens sem pensar no que lhe poderia acontecer se caísse numa delas — ou nos outros tipos de armadilhas que um macho dos Sangue podia montar para apanhar uma jovem feiticeira.

Contudo, Jaenelle fora apanhada “por esse tipo de armadilhas”, não fora? Não conseguira mantê-la a salvo.

Agora, finalmente, Jaenelle estava em casa. Tinha chegado pouco antes do alvorecer e permanecia nos jardins que faziam fronteira com os bosques ao norte. Ainda não tinha vindo ao Paço lhe dizer que estava bem.

Saetan abriu de rompante as portas de vidro, saiu para o terraço, aspirou o ar de fim de tarde pelos dentes cerrados e estremeceu.

O ar estava impregnado com as sensações de Jaenelle. Angústia, pesar, raiva. E um vestígio do abismo.

Saetan se afastou da beira do terraço, com sua fúria enfraquecida pela tempestade primitiva que estava a se formar na fronteira dos bosques ao norte. Aquilo tinha dado errado. De alguma forma, tinha dado muito errado.

A fúria foi substituída pela ansiedade. Não conseguia decidir entre esperar que ela o procurasse ou ir à procura dela quando sentiu, por fim, a natureza do

silêncio, do perigoso silêncio.

Com passos cautelosos, recuou até transpor as portas de vidro.

Jaenelle estava em casa. Era o que importava. Andulvar e Mephis se levantariam com o crepúsculo. Prothvar também acordaria e se encontraria com eles no escritório, para lhes contar o que acontecera.

Não havia razão para interferir no precário autocontrole de Jaenelle.

E a verdade é que ele não queria descobrir o que aconteceria se o silêncio fosse quebrado.

Prothvar andava como se tivesse sido espancado durante três dias.

Talvez isso tivesse acontecido, pensou Saetan ao ver o Senhor da Guerra demônio-morto aquecendo um copo de yarbarah.

Prothvar ergueu o copo para beber, mas não o fez.

— Estão mortos.

Mephis deixou escapar um som de protesto e de consternação. Andulvar, enfurecido, exigiu uma explicação.

Saetan, recordando o perigoso silêncio que tinha impregnado o ar, mal os ouvia. Se a tivesse questionado mais cedo sobre a pegada de lobo, se Fumaça não tivesse tido que aguardar tanto tempo para contactá-la...

— Todos eles? — irrompeu sua voz, silenciando Andulvar e Mephis.

Prothvar balançou a cabeça penosamente.

— Lady Cinza e dois filhotes sobreviveram. Foi o que restou de uma forte alcateia quando os caçadores terminaram a retirada de peles.

— Não é possível que sejam os únicos lobos parentes que restam.

— Não, Jaenelle disse que há outros. E a verdade é que encontramos dois outros jovens lobos de outras alcateias. Dois jovens e apavorados Senhores da Guerra.

— Mãe Noite — murmurou Saetan, jogando-se numa cadeira.

Andulvar abriu e fechou as asas, num movimento rápido.

— Por que não os reuniu e saiu de lá?

Prothvar virou-se para encarar o avô.

— Não acha que tentei? Não acha... — Fechou os olhos e estremeceu. — Dois dos que foram mortos já tinham se tornado demônios. Foram esfolados e tiveram as patas amputadas, mas ainda...

— Chega! — gritou Saetan.

Silêncio. Silêncio frágil, tão frágil. Havia tempo para ouvir os detalhes. Havia tempo para acrescentar mais um pesadelo à lista.

Andando como se estivesse a ponto de se quebrar, Saetan levou Prothvar até uma cadeira.

Deixaram que ele falasse, deixaram que exorcizasse os últimos três dias. Saetan esfregou o pescoço e os ombros de Prothvar, transmitindo um conforto mudo. Andulvar ajoelhou-se junto à cadeira e segurou a mão do neto. Mephis mantinha o copo de yarbarah sempre cheio. E Prothvar continuou falando,

lamentando-se pelos parentes, que tinham uma inocência inacessível aos humanos dos Sangue.

Havia outra pessoa que precisava deste tipo de consolo. Havia outra pessoa que precisava da força de todos eles. Mas ela permanecia no jardim com os parentes e, assim como os parentes, ainda não estava preparada para aceitar o que eles tinham a oferecer.

— É tudo? — perguntou Saetan quando Prothvar finalmente parou de falar.

— Não, Senhor Supremo. — Prothvar engoliu em seco, hesitante. — Jaenelle desapareceu durante várias horas antes de partirmos. Não quis me dizer onde esteve ou por que desapareceu. Quando insisti, ela disse: “Se querem peles, então terão peles.”

Saetan apertou os ombros de Prothvar, sem saber se consolava ou era consolado.

— Compreendo.

Andulvar agarrou Prothvar e o colocou de pé.

— Vamos lá, rapaz. Você precisa de ar fresco nas asas.

Quando os eyrienos saíram, Mephis disse:

— Entendeu o que a garota quis dizer?

Saetan fixou os olhos no vazio.

— Tem compromisso para hoje à noite?

— Não.

— Então arranje alguma coisa para fazer.

Mephis hesitou e, depois, fez uma reverência.

— Como quiser, Senhor Supremo.

Silêncio. Silêncio frágil, tão frágil.

Ah, entendia exatamente o que ela quis dizer. Cuidado com a aranha dourada que tece uma teia emaranhada. A teia da Viúva Negra. A teia de Aracna. Cuidado com a senhora de cabelo louro que desliza pelo abismo vestida de sangue derramado.

Se os caçadores não voltassem, nada aconteceria. Mas eles voltariam. Quem quer que fossem, de onde quer que viessem, eles voltariam, e quando um lobo parente morresse, a teia emaranhada seria despertada.

Ainda assim, os caçadores fariam sua caçada, matariam e mutilariam e esfolariam. Apenas um, confuso e apavorado, sairia com o prêmio, e, ao regressar ao local de onde quer que tivesse vindo, nesse momento, e só nesse momento, a teia o libertaria, mostrando-lhe que as peles que tinha arrancado não eram peles de lobos.

4 / Kaeleer

Lord Jorval esfregou as mãos, contente. Era quase bom demais para ser

verdade. Um escândalo desta dimensão derrubaria qualquer um, até mesmo alguém tão bem estabelecido como o Senhor Supremo.

Recordando suas novas responsabilidades, Jorval alterou a expressão para uma que fosse mais adequada a um membro do Conselho das Trevas.

Aquela era uma acusação muito grave, e o desconhecido com as mãos deformadas admitira não possuir qualquer prova além do que tinha visto. Considerando o que o Senhor Supremo fizera às mãos do homem antes de dispensar seus serviços, era compreensível que ele tivesse se recusado a testemunhar no Conselho das Trevas contra o Senhor Supremo. Ainda assim, era preciso tomar providências em relação à garota.

Uma jovem e poderosa Rainha, o desconhecido havia dito. Uma Rainha que, com a orientação adequada, poderia ser valiosa para o Reino. Todo esse magnífico potencial estava sendo desvirtuado pelas perversões do Senhor Supremo, que a forçava a se sujeitar...

Jorval desviou os pensamentos daquele tipo de imagens.

A garota precisava de alguém que a aconselhasse, canalizando seu poder na direção certa. Precisava de alguém em quem pudesse confiar. E como não era assim *tão* nova, talvez precisasse de mais do que isso de seu tutor legal. Talvez até esperasse, *quisesse* esse tipo de comportamento...

Porém, afastar a garota de Saetan exigiria delicadeza. E o desconhecido tinha avisado sobre as movimentações extremamente rápidas. Uma Rainha de Dhemlan poderia apresentar um protesto oficial sobre o tratamento que o Senhor Supremo dispensava à garota, mas Jorval não conhecia nenhuma, a não ser de nome ou reputação. Não, de alguma forma o próprio Conselho das Trevas teria de ser pressionado a convocar o Senhor Supremo para prestar contas.

E podiam fazê-lo, não? Afinal, fora o Conselho das Trevas que lhe concedera a tutela sobre Jaenelle, e ninguém se esquecera de como isso havia sido feito. Não seria nada descabido se o Conselho expressisse preocupação quanto ao bem-estar da garota.

Umas breves palavras aqui. Uma pergunta hesitante ali. Protestos enérgicos de que se tratava apenas de rumores abomináveis e infundados. Quando finalmente chegassem a Dhemlan e ao Senhor Supremo, ninguém teria ideia da origem dos boatos. E então veriam se Saetan conseguiria resistir à fúria de todas as Rainhas de Kaeleer.

E ele, Lord Jorval de Goth, capital da Pequena Terreille, estaria preparado para assumir suas novas e maiores responsabilidades.

— Acorde, SaDiablo.

Saetan tentou puxar os cobertores para cobrir os ombros nus e afundou a cabeça ainda mais na almofada.

— Vá embora.

Seu ombro foi atingido por um soco.

Resmungando, apoiou-se num cotovelo enquanto Andulvar atirava um par de calças e um roupão em cima da cama.

— Ande logo — disse Andulvar. — Antes que desapareça.

Antes que desapareça o quê?

Esfregando os olhos, Saetan se perguntou se teria tempo de jogar água no rosto para despertar, mas tinha a nítida impressão de que, se não se vestisse rapidamente, Andulvar o arrastaria nu pelos corredores.

— Já é manhã — resmungou Saetan ao se vestir. — Você já deveria ter se recolhido.

— Foi você mesmo quem disse que a presença de Jaenelle alterou o Paço de tal maneira que os demônios já não são afetados pela luz do dia, desde que permaneçam aqui dentro — disse Andulvar enquanto indicava o caminho pelos corredores.

— É a última vez que lhe conto alguma coisa — resmungou Saetan.

Quando chegaram a um quarto no segundo andar, na parte da frente do Paço, Andulvar afastou as cortinas com todo o cuidado.

— Pare de reclamar e olhe.

Esfregando os olhos pela última vez, Saetan apoiou uma das mãos na esquadria da janela e espreitou pela abertura das cortinas.

Era uma manhã de céu claro e ensolarado. O caminho de cascalho estava parcialmente revolvido. A teia de desembarque tinha sido varrida. Contudo, o trabalho parecia ter sido interrompido no meio, como se alguma coisa tivesse feito os criados externos pararem. Eles ainda estavam lá fora e Saetan conseguia sentir seu entusiasmo, apesar das proteções. Era como se tivessem a esperança de passar despercebidos.

Franzindo a testa, Saetan olhou para a esquerda e viu um unicórnio branco pastando no jardim da frente, com a parte traseira virada para as janelas. Não era branco puro, avaliou Saetan, mas creme, com a crina e a cauda brancas.

— De onde veio? — Saetan olhou inquisidoramente para Andulvar.

Andulvar bufou.

— Provavelmente de Sceval.

— O quê? — Saetan voltou a olhar para fora no exato momento em que o unicórnio levantou a cabeça, virando-se para o Paço. — Mãe Noite — sussurrou, agarrando as cortinas. — Mãe Noite.

O chifre de marfim erguia-se da cabeça majestosa. Em volta da base do chifre, reluzindo sob o sol da manhã, era possível ver um anel de ouro. Incrustada no anel, uma Joia Opala.

— É um Príncipe dos Senhores da Guerra tomando café da manhã no seu jardim — disse Andulvar, com uma voz neutra.

Saetan olhou para o amigo, incrédulo. Era verdade que Andulvar tinha visto o unicórnio primeiro e tido mais tempo para assimilar aquele fato estranho, mas estaria assim tão exausto a ponto de superar o espanto tão rapidamente? Havia um *unicórnio* no quintal! Um... Príncipe dos Senhores da Guerra e parente.

Saetan apoiou-se na parede.

— Fogo do Inferno, Mãe Noite e que as Trevas sejam misericordiosas.

— Acha que a garota sabe dele? — perguntou Andulvar.

A resposta à pergunta veio sob a forma de um grito selvagem e radiante, enquanto Jaenelle corria a toda velocidade pelo caminho de pedras, detendo-se repentinamente a menos de meio metro daquele magnífico e mortífero chifre.

O unicórnio arqueou o pescoço, ergueu a cauda como um estandarte de seda branca e dançou em volta de Jaenelle durante um minuto. Depois, baixou a cabeça e encostou o focinho nas palmas das mãos da adolescente.

Saetan observava-os, na esperança de que nada viesse perturbar a encantadora imagem de uma garota e um unicórnio numa límpida manhã de verão.

A imagem pacífica foi destruída quando Fumaça veio atravessando o pátio como um raio.

O unicórnio empurrou Jaenelle para o lado, recolheu as orelhas, baixou o chifre letal e começou a escavar o solo. Fumaça parou repentinamente e mostrou os dentes em ar de desafio.

Jaenelle agarrou a crina do unicórnio com uma das mãos e estendeu a outra para deter Fumaça. O que quer que tenha dito fez com que os animais hesitassem.

Por fim, Fumaça deu um passo cauteloso para a frente. O unicórnio fez o mesmo. Tocaram os focinhos.

Com um ar divertido, embora atrevido, Jaenelle montou o unicórnio — e teve de lutar para se manter sentada quando o animal partiu a galope.

Ele parou repentinamente e virou a cabeça para olhar Jaenelle.

Jaenelle ajeitou o cabelo e disse alguma coisa.

O unicórnio mexeu a cabeça.

Ela se tornou mais enfática.

O unicórnio mexeu a cabeça e bateu com a pata no chão.

Finalmente, parecendo aborrecida e envergonhada, ela enrolou as mãos na longa crista alva e se ajeitou na garupa.

O unicórnio afastou-se do Paço, sempre pela grama ao lado da estrada. Ao voltar em direção ao Paço, passou a meio galope. Quando começaram a segunda volta, Fumaça se juntou a eles.

— Vamos — disse Saetan.

Ele e Andulvar saíram apressados para o salão principal. A maioria dos empregados estava junto às janelas das salas de visitas de ambos os lados do salão e Beale espreitava por uma fresta da porta principal.

— Abra a porta, Beale.

Sobressaltado pela voz de Saetan, Beale deu um salto para sair do caminho.

Fingindo não ver Beale se esforçar para adotar uma expressão estoica apropriada, Saetan abriu a porta de rompante e saiu, enquanto Andulvar ficou à sombra da entrada.

Jaenelle estava linda com os cabelos louros ao vento e o rosto iluminado pela felicidade que vinha de dentro de si. Sentia-se completamente à vontade na garupa de um unicórnio, um lobo ao seu lado. Saetan sentiu uma pontada de arrependimento ao vê-la galopar num jardim aparado em vez de numa clareira selvagem. Era como se, ao trazê-la para este lugar, tivesse de alguma maneira cortado suas asas — e perguntou-se se isso seria verdade. Foi então que Jaenelle o viu e o unicórnio se virou para a porta.

Recordando-se de que usava a Joia mais escura, Saetan tentou relaxar — sem êxito. Um Príncipe dos Sangue, mesmo sendo um lobo, aceitaria sua relação com Jaenelle simplesmente pelo fato de ele, um Príncipe dos Senhores da Guerra, tê-la reclamado. Outro Príncipe dos Senhores da Guerra questionaria essa pretensão, ainda mais se interferisse na dele, até que a Senhora a reconhecesse.

Ao descer os degraus para ir ao encontro deles, Saetan sentiu o desafio vindo do outro lado da cerca mental, uma exigência para que reconhecesse a reivindicação do unicórnio. Respondeu em silêncio ao desafio, abrindo-se o suficiente para que o outro Príncipe dos Senhores da Guerra sentisse sua força. Mas não negou a pretensão do unicórnio sobre Jaenelle.

Interessado, o unicórnio levantou as orelhas.

— Papai, este é o Príncipe Kaetien — disse Jaenelle afagando o pescoço do unicórnio. — Foi o primeiro amigo que fiz em Kaeleer.

Ah, claro. Uma reivindicação *muito* anterior. Que não devia ser encarada com tranquilidade. No Idioma Antigo, “kaetien” significava “fogo branco”, e Saetan não duvidou por um momento que o nome se adequava àquele Irmão quadrúpede.

— Kaetien — disse Jaenelle —, este é o Senhor Supremo, meu progenitor.

Kaetien recuou, afastando-se de Saetan, com as orelhas junto à cabeça.

— Não, não — disse Jaenelle apressadamente. — Não é *esse*. É o meu progenitor *adotivo*. É o amigo que estava me ensinando Arte. Agora vivo aqui com ele.

O unicórnio resfolegou, aliviado.

Ao observá-los, Saetan manteve os sentimentos cuidadosamente escondidos. Por enquanto não forçaria nada, mas em breve teria de ter uma conversa com Kaetien sobre o progenitor de Jaenelle.

Kaetien começou a bater com as patas nas pedras quando dois jovens cavaleiros se aproximaram devagar. O mais velho passou os dedos na aba do boné.

— Será que o Príncipe aceitaria um pouco de ração e uma escovada?

Jaenelle hesitou e depois sorriu, sem deixar de afagar o pescoço de Kaetien.

— Você devia tomar café da manhã — disse baixinho. Tentou passar os dedos pelo cabelo e fez uma careta. — E também está precisando de um trato nesses pelos.

Kaetien balançou a cabeça, num sinal que poderia ser interpretado como de concordância.

Jaenelle desmontou e subiu correndo pelas escadas. De repente, virou-se, com as mãos nos quadris e faíscas saindo dos olhos.

— Eu não caí! Só não estava equilibrada.

Kaetien olhou para ela e resfolegou.

— Não tenho pernas fracas, não tenho qualquer problema de montaria e agradeço que mantenha o focinho no seu saco de ração! *Eu como, sim, senhor!*

— Olhou para Saetan. — Não como? — Semicerrou os olhos. — Não como?

Como o silêncio era a melhor opção, Saetan não respondeu.

Jaenelle estreitou um pouco mais os olhos e bufou:

— Machos.

Satisfeito, Kaetien seguiu os cavaleiros até o estábulo.

Resmungando entre dentes, Jaenelle passou como um furacão por Andulvar e Beale, dirigindo-se à sala do café da manhã.

Com um rosar jovial, Fumaça prosseguiu suas rondas matinais.

— Ele a irritou de propósito — disse Andulvar na porta.

— É o que parece — concordou Saetan, soltando uma gargalhada abafada. Dirigiram-se lentamente à sala do café da manhã. — Mas é reconfortante saber que alguns dos nossos Irmãos desenvolveram o talento maravilhoso de atormentá-la.

— Aquele Irmão em particular parece saber bem o terreno que é capaz de cobrir num galope a toda velocidade.

Saetan sorriu.

— Acho que ambos sabem.

Jaenelle estava sentada à mesa do café da manhã, partindo um pedaço de torrada.

Saetan sentou-se, com cautela, do outro lado da mesa, serviu-se de uma xícara de chá e sentiu-se grato que a torrada fosse a única coisa que Jaenelle parecia querer partilhar.

— Obrigada pelo apoio — disse ela, amarga.

— Você não queria que eu mentisse para outro Príncipe dos Senhores da Guerra, não é?

Jaenelle lançou-lhe um olhar furioso.

— Tinha me esquecido de como Kaetien pode ser mandão.

— Ele não consegue evitar — disse Saetan de modo tranquilizador. — Faz parte do que ele é.

— Nem todos os unicórnios são mandões.

— Eu estava pensando nos Príncipes dos Senhores da Guerra.

Ela pareceu surpresa, mas, em seguida, sorriu.

— Você deve saber bem. — Pegou outra torrada e começou a parti-la, com um ar pensativo. — Papai? Acha mesmo que eles viriam?

A mão de Saetan titubeou, mas conseguiu levar a taça aos lábios.

— Seus amigos humanos? — perguntou calmamente.

Jaenelle assentiu.

Ele esticou-se sobre a mesa e tomou as mãos dela nas suas.

— Só há uma forma de saber, criança-feiticeira. Escreva os convites e eu me encarrego de enviá-los.

Jaenelle limpou as mãos no guardanapo.

— Vou ver como está Kaetien.

Saetan beliscou o bife do café da manhã por alguns momentos, bebeu outra xícara de chá e, por fim, desistiu. Precisava falar com alguém, compartilhar a apreensão e o entusiasmo que sentia. Poderia procurar Cassandra, é claro, mas agora a comunicação entre os dois era sempre muito formal, e ele não queria formalidades. Queria expressar toda a felicidade que sentia. Sylvia? Ela gostava de Jaenelle e ficaria satisfeita com as novidades — todas as novidades —, mas era muito cedo para aparecer em sua casa.

Restava-lhe uma única alternativa.

Saetan deu um largo sorriso.

Andulvar já devia estar confortavelmente deitado. Um soco no ombro não lhe faria mal.

6 / Inferno

Titian limpou a faca com um pedaço de tecido do casaco preto enquanto as outras Harpias esquartejavam a carne e atiravam pedaços à matilha de Cães de Caça que aguardava em semicírculo em volta do corpo.

O corpo se contorcia e lutava, ainda que com movimentos débeis, mas o canalha já não podia gritar por ajuda, e os sons surdos que produzia enchiam-na de satisfação. Um demônio não podia sentir a dor da mesma forma que os vivos, mas a dor era algo cumulativo, e, estando morto há pouco tempo, seus nervos ainda não tinham se esquecido das sensações.

Uma Harpia lançou aos cães um grande pedaço de coxa. O líder da matilha abocanhou-o em pleno ar e recuou com a recompensa, rosnando. Os outros membros da matilha voltaram a formar o semicírculo, aguardando sua vez. As cadelas observavam seus filhotes roendo os dedos das patas.

Os Cães de Caça do Inferno não costumavam se alimentar de demônios. Havia presas melhores para estes grandes caçadores de pelo preto e olhos vermelhos, presas tão nativas deste Reino frio e eternamente mergulhado no crepúsculo como os próprios Cães de Caça. Mas a carne deste demônio estava

encharcada de sangue fresco — sangue que Titian sabia não provir de Oferendas voluntárias.

Levara algum tempo para persegui-lo e capturá-lo. Ele não havia se afastado muito de Hekatah desde que o Senhor Supremo lhe havia feito o pedido. Até aquela noite.

Não havia Portões no território de Hekatah, e os Portões mais próximos estavam agora fortemente vigiados. Um deles ficava junto ao Paço, de onde Hekatah já não se atreveria a chegar perto, e o outro no território das Harpias, o território de Titian. Não era um lugar para os incautos, nem mesmo os mais arrogantes. Isto significava que Hekatah e seus lacaios teriam de percorrer uma longa distância nos Ventos para chegar a outro Portão ou teriam de se arriscar.

Aquela noite, Greer arriscara e pagara por isso.

Se tivesse tido tempo para usar as Joias, o resultado talvez tivesse sido diferente, mas ele tinha alcançado o Altar das Trevas e atravessado o Portão sem resistência, por isso não tinha razões para imaginar que aguardavam sua volta. Assim que saiu do Santuário, as Harpias atacaram tão rapidamente e com tanta virulência que tudo o que conseguiu foi se defender e tentar escapar. Algumas Harpias se extinguíram e desapareceram, transformando-se num sussurro nas Trevas. Mas Titian não as lamentou. Sua existência crepuscular havia se dissolvido numa alegria feroz.

No fim das contas era uma mente aterrorizada contra várias outras enraivecidas, que sondavam, aguardando o momento de fraqueza, enquanto os Cães de Caça treinados de Titian investiam sem parar, forçando Greer a usar cada vez mais a força de reserva de suas Joias para afastá-los. As Harpias quebraram suas barreiras interiores no exato momento em que a flecha de Titian atravessou seu corpo, prendendo-o a uma árvore.

Enquanto as Harpias retiravam o corpo da árvore e começavam a destrinchar a carne, Titian vasculhou a mente de Greer tão delicadamente como se estivesse retirando o miolo de uma noz rachada. Viu as crianças com as quais ele tinha se fartado. Viu a cama estreita, o sangue nos lençóis, o jovem rosto conhecido que tinha sido ferido por aquelas mãos deformadas. Viu o punhal com cabo de chifre de SURREAL atravessar seu coração, rasgar sua garganta. Viu-o sorrindo para *ela* ao cortar sua garganta, séculos atrás. E viu onde tinha estado naquela mesma noite.

Titian embainhou a faca e verificou a lâmina do pequeno machado caído a seu lado.

Lamentou não tê-lo abatido antes que ele chegasse à Pequena Terreille. Se Greer não tivesse se enganado em relação a Lord Jorval, os rumores começariam em breve.

Um Guardião não era um ser natural num Reino dos vivos. Haveria sempre rumores e curiosidade — sobretudo se esse Guardião fosse também o Senhor Supremo do Inferno. E Titian podia prever muito bem qual seria a reação das Rainhas de Kaeleer aos rumores.

Visitaria suas semelhantes e lhes diria o que queria delas se a oportunidade

se apresentasse. Talvez isso ajudasse.

Titian pegou o machado. As Harpias se afastaram, deixando passar sua Rainha.

Greer já não tinha membros. Seu tronco estava vazio. Os olhos retinham ainda um brilho frouxo de inteligência, um vislumbre do Eu. Não era muito, mas bastava.

Com três golpes certos, Titian abriu o crânio de Greer. Com a lâmina do machado, afastou uma das fendas até que a abertura fosse suficiente para permitir a passagem de seus dedos. Nesse momento, arrancou o osso do crânio.

Observou os olhos de Greer. Ainda estava ali.

Titian assobiou, chamando o líder da matilha, e afastou-se, sorridente, enquanto o Cão de Caça se fartava com o cérebro do demônio.

7 / Kaeleer

Saetan penteou o cabelo pela terceira vez, porque isso o mantinha ocupado. Assim como polir duas vezes as longas unhas, pintadas de preto. Assim como mudar de casaco para depois voltar ao primeiro.

Deteve-se ao estender a mão para pegar a escova outra vez, ajeitou o casaco já arrumado e suspirou.

Será que as crianças viriam?

No convite, não tinha solicitado resposta, pois queria que as crianças tivessem todo o tempo possível para reunir coragem ou vencer os protestos dos mais velhos — e também porque temia aquilo que a rejeição, dia após dia, poderia provocar em Jaenelle.

Tal como prometido, ele e os outros membros da família haviam entregado todos os convites. Alguns tinham sido levados à casa de cada criança. A maioria fora deixada em pedras de mensagens, pilhas de pedregulhos na fronteira dos Territórios onde viajantes ou comerciantes podiam deixar solicitações para um encontro. Saetan não fazia ideia de como as mensagens deixadas nesses locais chegavam a seus destinatários, e duvidava que as crianças fossem chegar aquela tarde. Não sabia o que esperar das crianças dos Territórios abertos. Esperava, simplesmente, que Andulvar tivesse razão e que aquela feiticeirinha de Glácia viesse e pisasse em seus calos.

Tentou respirar fundo, mas o resultado foi mais um suspiro. Deixou seus aposentos para se juntar ao resto da família e a Cassandra no salão principal.

Estavam todos presentes, à exceção de Jaenelle e Sylvia. A Rainha de Halaway ficara encantada quando Saetan a informou da festa, e usaria seu grande entusiasmo para forçar Jaenelle a acompanhá-la num passeio para comprar roupas novas. Não voltaram com um vestido, mas ele tinha de

admitir, embora com má vontade, que as calças azul-safira macias e compridas e o longo casaco tinham um aspecto bastante feminino, ainda que a minúscula blusa dourada e prateada debaixo do casaco... Como homem, aprovava-a; como pai, ficou enfurecido.

Assim que o viu, Cassandra lhe deu o braço, afastando-o dos outros homens.

— Acha sensato estarem todos aqui? — perguntou baixinho. — Não é intimidador demais?

— E a quem pediria para sair? — respondeu Saetan, sabendo muito bem ser uma das pessoas que Cassandra pensava que deveria estar ausente.

Depois de receber o bilhete de Saetan, Cassandra viera ajudar nos preparativos, mas agira com uma animação forçada, como se estivesse se preparando, na verdade, para o momento em que Jaenelle desse de cara com um salão vazio. Sylvia, por outro lado, mostrava-se sempre indignada com quem quer que se atrevesse a expressar a menor dúvida sobre o sucesso do evento.

Um homem sensato teria se fechado no seu escritório e permanecido lá. Só um tolo teria deixado sozinhas duas feiticeiras que estavam o tempo todo prestes a se engalfinhar como gatos de rua.

Vendo que Cassandra não responderia à sua pergunta, Saetan tomou seu lugar no salão principal. Andulvar estava um passo atrás, à esquerda. Mephis e Prothvar estavam à esquerda de Andulvar e um pouco para o lado, de modo a não fazer parte dos cumprimentos oficiais. Cassandra ficou à direita de Saetan, um passo atrás. Por direito, deveria estar a seu lado, Negra com Negra, e Saetan estava bem ciente da razão pela qual recorria a uma opção do Protocolo para se distanciar dele.

Saetan virou-se na direção de passos apressados descendo as escadas na sala de visitas.

Sylvia entrou de rompante no salão principal com um ar um pouco adorável demais, os olhos dourados brilhando e as maçãs do rosto rosadas.

— Os filhotes de lobo esconderam os sapatos de Jaenelle e demoramos um pouco a encontrá-los — disse, sem fôlego. — Ela já vem, mas eu não queria chegar atrasada.

Saetan sorriu.

— Você não está...

Um relógio badalou três vezes.

Cassandra produziu um som baixo e descontente, afastando-se de Saetan.

Pela primeira vez desde que Saetan a informara sobre a festa, os olhos de Sylvia exibiram preocupação.

Estavam todos no salão principal, aguardando em silêncio, enquanto Beale se mantinha inexpressivo junto à porta, e os criados que se encarregariam dos casacos olhavam fixamente para a frente.

Os minutos foram passando.

Sylvia passou a mão na testa e suspirou.

— É melhor eu subir...

— Já não precisamos mais da *sua* generosa ajuda — disse Cassandra com frieza ao passar por Sylvia. — Foi você quem a meteu nisto.

Sylvia segurou o braço de Cassandra, obrigando-a a se virar.

— Posso ter me entusiasmado demais, mas você não fez outra coisa além de dizer que ela nunca teria um amigo pelo resto da vida!

— Senhoras — avisou Saetan, avançando na direção das duas.

— O que você sabe sobre usar a Negra? — rebateu Cassandra. — Eu *vivi* esse isolamento...

— Senho...

BUM!

— Fogo do Inferno — murmurou Andulvar, entre dentes.

BUM!

De um salto, Beale abriu a porta enquanto ainda estava inteira.

Ela entrou no salão, parando no local onde a luz do sol que vinha da janela de vitrais acima das portas duplas produzia uma iluminação natural. Alta e esguia, vestia calças bem justas, azul-escuras, um casaco folgado e botas de salto alto. O cabelo louro platinado erguia-se em picos eriçados sobre a cabeça, como gelo esculpido. As sobrancelhas e as pestanas escurecidas emolduravam os gélidos olhos azuis.

— Irmãs — disse, acenando para Sylvia e Cassandra de uma forma indiferente que beirava a insolência. Depois seus olhos examinaram Saetan da cabeça aos pés.

Saetan prendeu a respiração. Mesmo que Lord Morton não tivesse entrado furtivamente atrás dela, teria apostado que se tratava de Karla, a jovem Rainha glaciana.

— Bem — disse Karla —, até que não está mal para um cadáver.

Antes que pudesse responder, a voz serena e divertida de Jaenelle disse:

— Você tem razão apenas em parte, querida. Ele não é um cadáver.

Karla virou-se para a sala de visitas e viu Jaenelle encostada à soleira da porta, com os dedos enganchados no casaco pendurado ao ombro.

Karla soltou um guincho que eriçou os cabelos do pescoço de Saetan.

— Seus peitos cresceram! — Karla abriu o casaco azul, revelando uma blusa prateada tão pequena quanto a de Jaenelle. — Os meus também, se é que podemos chamar de peitos estes adoráveis ferrões de abelha. — Sorrindo da forma mais malévola que Saetan jamais vira, virou-se para ele. — O que você acha?

Ele não parou para pensar.

— Está perguntando se acho que são adoráveis ou se acho que são ferrões de abelha?

Karla fechou o casaco, cruzou os braços e semicerrou os gélidos olhos azuis.

— Ele é atrevido, não é?

— Bem, ele é um Príncipe dos Senhores da Guerra — respondeu Jaenelle.

Os gélidos olhos azuis encontraram os olhos azul-safira. Ambas sorriram. Karla deu de ombros.

— Ah, está bem. Serei uma convidada bem-comportada. — Aproximou-se de Saetan e o sorriso malicioso desabrochou. — Beijos.

Ele se recusou a lhe dar o prazer de vê-lo com uma expressão incomodada.

Karla lhe deu as costas e dirigiu-se a Jaenelle.

— Você me deve muitas explicações. Tive de resolver sozinha todos aqueles malditos feitiços. — Arrastou Jaenelle para a sala de visitas e fechou a porta.

Saetan olhou para os sapatos.

— Maldição, ela realmente pisou nos meus calos — resmungou, antes de perceber que Morton tinha se aproximado o suficiente para ouvi-lo.

— S-Senhor Supremo.

— Lord Morton, tenho apenas uma coisa para lhe dizer.

— Senhor? — Morton tentou reprimir um arrepio.

Saetan, por sua vez, tentou reprimir um sorriso pesaroso, mas sem êxito.

— Tem a minha sincera solidariedade.

Morton sentiu uma onda de alívio.

— Agradeço, Senhor. É bem-vinda.

— Sirva-se de comida e bebida — disse Saetan, gesticulando ligeiramente em direção à porta fechada. — E me avise se elas começarem a fazer planos para derrubar alguma parede.

BANG!

Em pânico, Saetan achou por um momento que a advertência tinha vindo tarde demais, para depois perceber que alguém, de alguma forma, estava batendo à porta.

Se Karla era gelo, esta era fogo, pois tinha um cabelo ruivo escuro que caía pelas costas, olhos verdes que cintilavam e um vestido rodopiante semelhante a um bosque de outono em movimento. Dirigiu-se primeiro a Saetan, mas logo o ignorou quando Jaenelle e Karla puseram a cabeça para fora da sala de visitas. Com um largo sorriso, ergueu uma sacola de pano.

— Não sabia se iríamos parar nos estábulos ou acabar cavando no jardim, por isso trouxe algumas roupas de verdade.

Saetan abafou um resmungo. Será que *nenhuma* delas gostava de se arrumar?

As garotas desapareceram na sala de visitas — e fecharam a porta.

O jovem que acompanhava a feiticeira de fogo era alto, bonito e alguns anos mais velho. Tinha cabelos castanhos encaracolados e olhos azuis. Sorridente, estendeu a mão num cumprimento informal.

Com um nó no estômago, Saetan apertou com firmeza a mão estendida. Poderia descrever aqueles olhos azuis de diversas formas. Todas anunciavam problemas.

— O senhor deve ser o Senhor Supremo — disse o jovem Senhor da Guerra, com um sorriso. — Sou Khardeen, da ilha de Scelt. — Apontou o polegar em direção à sala de visitas. — Aquela é a Morghann.

A porta da sala de visitas se abriu. Jaenelle se aproximou, hesitante. Depois estendeu ambas as mãos num cumprimento formal.

— Olá, Khary.

Khary olhou para as mãos estendidas e virou-se para Saetan.

— Jaenelle alguma vez lhe contou sobre a aventura com a pedra do meu tio...

— *Khary* — suspirou Jaenelle, olhando nervosa para Saetan.

— Hã? — Khary sorriu para ela. — Sabia que um bom abraço consegue esvaziar a cabeça de um homem? Todo mundo sabe disso. Fico surpreso que você não.

Jaenelle estava na ponta dos pés, preparada para sair correndo. Agora seus calcanhares baixaram e os olhos semicerraram-se.

— Sêrio?

Observando os dois, Saetan decidiu que o mais prudente era permanecer imóvel e não abrir a boca.

Passaram-se alguns segundos. Vendo que Jaenelle não se decidia, Khardeen voltou-se para Saetan.

— Sabe, meu...

Jaenelle avançou.

— Não precisa me *sufocar* — exclamou Khary, envolvendo-a cuidadosamente com os braços.

— Então, o que ia dizer? — perguntou Jaenelle com um ar ameaçador.

— Como? — respondeu Khary, docemente.

Rindo, Jaenelle envolveu o pescoço do rapaz.

— Fico contente por ter vindo, Khardeen. Senti saudades.

Khary libertou-se devagar.

— Temos tempo de sobra para pôr tudo em dia. Agora é melhor voltar para perto das suas irmãs ou vou ter de aguentar a língua afiada de Morghann pelo resto do dia.

— Comparada à de Karla, a língua de Morghann não é nada afiada.

— Então tenho ainda mais razão.

Dando outra olhada nervosa para Saetan, Jaenelle correu para a sala de visitas. Mal chegou lá, alguém bateu à porta, de um modo que parecia quase respeitoso.

Deviam ter surgido na teia de desembarque com poucos segundos de intervalo uns dos outros, chegando juntos à porta, uma vez que não eram originários dos mesmos Territórios. E considerando não lhe dispensaram mais do que um apreensivo olhar de relance antes de se concentrarem em Jaenelle, Saetan viu-se forçado a adivinhar quem eram pelos nomes dos convites.

Os sátiros de Pandar eram Zylona e Jonah. A pequena fada com cabelo escuro e asas iridescentes empoleirada no ombro de Jonah era Katrine de Philan, uma das ilhas de Paw. O jovem de cabelo preto e olhos cinzentos que lembrava os jovens lobos que agora viviam nos bosques ao norte era Aaron de Dharo. Sabrina, uma morena com olhos cor de avelã, também vinha de Dharo.

Os rapazinhos de pele amarela listrada de negro eram Grezande e Elan, de Tigrelan.

A última do grupo — uma feiticeira baixinha, com formas curvilíneas e voluptuosas, de olhos castanhos-claros e cabelo castanho-escuro — abraçou Jaenelle, aproximou-se timidamente de Saetan e apresentou-se como Kalush de Nharkhava.

Era tão doce e encantadora que Saetan teve vontade de abraçá-la. Em vez disso, ele deslizou as mãos por baixo das que ela havia estendido num cumprimento formal e disse:

— É uma honra conhecê-la, Lady Kalush.

— Senhor Supremo. — Sua voz rouca devia ter um efeito maravilhosamente perverso na libido dos jovens rapazes. Teve pena do pai dela.

Beale, parecendo um pouco aturdido, começou a fechar a porta, mas esta voltou a abrir-se bruscamente.

Saetan empurrou Kalush na direção de Andulvar e ficou tenso.

Os centauros entraram.

A jovem feiticeira, Astar, dirigiu-se às garotas. O Príncipe dos Senhores da Guerra prosseguiu pelo salão até ficar diante de Saetan.

— Senhor Supremo. — O cumprimento soou mais como um desafio.

— Príncipe Sceron.

Sceron era alguns anos mais velho do que os outros, já tinha idade suficiente para começar a desenvolver os enormes ombros e o tronco robusto. O resto do corpo orgulharia qualquer cavalo.

Nos olhos de Sceron era possível ver uma pergunta por fazer e uma raiva contida que parecia prestes a explodir.

Jaenelle avançou naquele silêncio gélido, cerrou o punho e deu uma pancada no antebraço de Sceron.

Sceron pegou-a e levantou-a até ficarem olhos nos olhos.

— Isto foi por não ter me cumprimentado — disse Jaenelle.

Sceron examinou o rosto dela e, por fim, sorriu.

— Você está bem?

— Estava melhor antes de me você me amarrotar.

Rindo, Sceron colocou-a no chão.

Alguém suspirou.

Saetan sentiu um calafrio percorrendo a espinha e olhou para a porta.

Como achava que não viriam, não tinha pensado em como os outros reagiriam à sua presença. Mas ali estavam elas. As Crianças da Floresta. Os Dea al Mon.

Era um casal esguio e forte, uma característica da raça, tal como as orelhas levemente pontudas. Ambos usavam os grisalhos cabelos compridos e soltos. Ambos tinham olhos grandes, de um tom azul-floresta, embora os da garota tivessem uma tonalidade mais acinzentada.

A garota, Gabrielle, parou à porta. O rapaz — ah, não, seria de uma extrema leviandade julgar que Chaosti era um rapaz — avançou devagar e

silenciosamente.

Saetan lutou contra os instintos que sempre se manifestavam diante de um Príncipe dos Senhores da Guerra desconhecido. Como não chegaram a se dirigir a ele, Elan e Aaron não os haviam ataçado. Sceron tinha apenas tocado de leve. Mas Chaosti, olhando-o fixamente com aqueles grandes olhos, despertaram toda a agressividade e territorialidade inerentes a um Príncipe dos Senhores da Guerra.

Saetan sentiu que chegava à beira dos instintos assassinos e soube que o mesmo acontecia com Chaosti; entretanto, os instintos deste último estavam quase saindo do controle.

— Chaosti — chamou Jaenelle com sua voz sombria.

Chaosti virou-se devagar para ela.

— É o meu pai, Chaosti — disse Jaenelle. — Por escolha minha.

Depois de um longo momento, Chaosti colocou a mão no peito.

— Por escolha sua, prima — respondeu com uma voz de tenor enganadoramente calma.

Jaenelle conduziu as garotas à sala de visitas informal e fechou a porta.

Os machos soltaram, em uníssono, um suspiro de alívio.

Chaosti virou-se para Saetan.

— Jaenelle esteve ausente durante muito tempo e sentimos profundamente a sua falta. Titian disse que não era culpa sua, mas...

— Mas sou o Senhor Supremo — disse Saetan com um vestígio de amargura.

— Não — respondeu Chaosti, sorrindo com frieza —, você não é um Dea al Mon.

Saetan sentiu o corpo relaxar.

— Por que a chama de “prima”?

— Gabrielle e eu pertencemos ao mesmo clã. Vovó Teele é a matriarca. Ela também adotou Jaenelle. — O sorriso de Chaosti era agora muito selvagem. — Portanto, você é família da minha família, o que também o torna parente de Titian.

Saetan suspirou.

Khardeen aproximou-se.

— Se quisermos comer alguma coisa, creio que teremos de lutar por isso — disse a Chaosti.

— Aceito qualquer desafio vindo de um macho — vociferou Chaosti.

— As garotas estão entre nós e a comida.

Chaosti suspirou.

— Seria mais fácil desafiar um macho.

— E também mais seguro.

— Cavalheiros — disse Beale —, também estão servindo comida e bebida na sala de visitas formal.

— Já ouviu dizer que as feiticeiras ruivas são temperamentais? — Khardeen perguntou a Chaosti, a caminho da sala de visitas formal, seguindo os outros

machos.

— Não existem feiticeiras ruivas entre os Dea al Mon — respondeu Chaosti —, e *todas* são temperamentais.

— Ah. Então, está bem.

A porta se fechou atrás deles.

Saetan deu um salto ao sentir uma mão apertando-lhe o ombro.

— Você está bem? — perguntou Andulvar baixinho.

— Ainda estou em pé?

— Está na vertical.

— Graças às Trevas. — Saetan olhou em volta. Ele e Andulvar eram os únicos no salão principal. — Vamos nos esconder no meu escritório.

— Boa ideia.

Beberam dois copos de yarbarah e relaxaram quando uma hora se passou sem guinchos, pancadas ou estrondos.

— Mãe Noite. — Saetan tirou o casaco com dificuldade, sentando-se numa das enormes e confortáveis cadeiras.

— Pelas minhas contas — disse Andulvar ao voltar a encher os copos —, há dez feiticeiras adolescentes no mesmo ambiente, todas Rainhas, e duas delas, além de Jaenelle, são Viúvas Negras naturais.

— Karla e Gabrielle. Eu reparei. — Saetan fechou os olhos.

— No outro aposento, há sete jovens machos, sendo quatro deles Príncipes dos Senhores da Guerra.

— Também reparei nisso. Constituem um Primeiro Círculo interessante, não acha?

Andulvar resmungou em eyrieno. Saetan preferiu não traduzir.

— Aonde acha que foram os outros? — questionou Andulvar.

— Se Mephis e Prothvar forem minimamente inteligentes, estão escondidos em algum lugar. Sylvia com certeza está servindo bolinhos de avelã e sanduíches. Cassandra? — Saetan deu de ombros. — Creio que não estava preparada para tudo isto.

— E você estava?

— Droga. — Ao ouvir alguém batendo à porta do escritório, Saetan ainda pensou em se sentar direito, decidindo no entanto não se dar esse trabalho. — Entre.

Khardeen entrou, sorridente, e deixou dezesseis envelopes selados na mesa de madeira escura.

— Eu disse a Jaenelle que lhe entregaria estes envelopes. Vamos lá fora encontrar os lobos e o unicórnio.

— Já devoraram tudo o que havia na cozinha? — perguntou Saetan ao pegar um envelope.

— Pelo menos até o jantar.

— Espere um momento, Senhor da Guerra — ordenou Saetan, frustrando a retirada apressada de Khardeen. Partiu o lacre oficial, invocou os óculos em meia-lua e leu a mensagem. Depois, olhou estupefato para Khary. — É de Lady

Duana.

— Hum — disse Khary, balançando-se nos calcanhares. — A avó de Morghann.

— A Rainha de Scelt é avó de Morghann?

Khary enfiou as mãos nos bolsos.

— Hum.

Saetan pousou os óculos na mesa com cuidado.

— Vamos logo ao que interessa. Estas cartas dizem todas a mesma coisa?

— E o que dizem, Senhor Supremo? — perguntou Khary, com um ar inocente.

— Todas dão permissão para uma visita prolongada?

— Imagino que sim.

— Defina “visita prolongada”.

— Não muito tempo. Só até o fim do verão.

Saetan não conseguiu abrir a boca. Não sabia ao certo o que diria se conseguisse.

— Todos os arranjos já estão sendo feitos — disse Khary, tranquilo. — Lord Beale e Lady Helene já estão tratando da distribuição dos quartos, por isso você não tem com o que se preocupar.

— Não... — A voz de Saetan estrondou.

— E é um acordo justo, Senhor Supremo. Você pode estar com ela e nós podemos estar com ela. Além disso, o Paço é o único lugar com espaço para todos.

Saetan fez um gesto suave dando permissão para que Khary saísse e aguardou até a porta se fechar para apoiar a cabeça nas mãos.

— Mãe Noite.

CAPÍTULO SETE

1 / Kaeleer

Saetan juntou os dedos das mãos à sua frente e fitou Sylvia.

— Perdão?

— Você precisa falar com Tersa — repetiu Sylvia.

Maldita. Por que estaria insistindo tanto?

Com dificuldade, conseguiu controlar o mau humor. Não era culpa de Sylvia. Ela não tinha como saber da ligação entre ele e Tersa.

— Posso lhe servir um copo de vinho? — perguntou, por fim, com a voz profunda traindo o que sentia.

Sylvia olhou para o decantador no canto da mesa.

— Se aquilo for conhaque, por que não toma um copo e me passa o decantador?

Saetan encheu dois copos e fez um deles flutuar até Sylvia.

Sylvia tomou um trago considerável, engasgando-se um pouco.

— Essa não é a maneira correta de beber um bom conhaque — disse Saetan com frieza, engolindo boa parte do seu próprio conhaque, mesmo sabendo da dor de cabeça que viria depois. — Muito bem. Fale-me de Tersa.

Sylvia inclinou-se para a frente, com os braços apoiados na cadeira e ambas as mãos segurando o copo de conhaque.

— Não sou nenhuma criança, Saetan. Sei que algumas pessoas deslizam para o Reino Distorcido e que outras são empurradas... E que, ainda, uma minoria corajosa entra ali por vontade própria. Sei também que a maioria das Viúvas Negras que se perdem no Reino Distorcido é inofensiva. À sua maneira, são extraordinariamente sábias.

— Mas?

Sylvia comprimiu os lábios.

— Mikal, o meu filho mais novo, passa bastante tempo com ela. Acha Tersa maravilhosa. — Bebeu o resto do conhaque e estendeu a mão com o copo para que Saetan voltasse enchê-lo. — Ultimamente, ela o tem chamado de Daemon.

Falava tão baixinho e sua voz estava tão rouca que Saetan teve dificuldade de ouvi-la. Desejou, amargamente, não tê-la ouvido.

— Mikal não se importa — continuou Sylvia depois de engolir outro trago de conhaque. — Diz que é muito fácil uma pessoa com tantas coisas interessantes a dizer se confundir com as trivialidades do dia a dia, e que

provavelmente conheceu um rapaz chamado Daemon a quem costuma dizer as mesmas coisas interessantes.

Ela nunca teve chance de fazer isso. Com a idade de Mikal, ele já estava perdido para nós dois.

— Mas?

— Das últimas vezes que foi visitá-la, ela ficou insistindo para ele ter cuidado. — Sylvia fechou os olhos e franziu a testa, concentrando-se. — Disse que a ponte está muito frágil e que ela continuará enviando os galhos. — Abriu os olhos e serviu-se de conhaque. — Às vezes, ela abraça Mikal e chora. Guarda os galhos que recolheu em todos os quintais do povoado num grande cesto na cozinha e entra em pânico se alguém se aproxima. Mas não pode ou não quer dizer a Mikal ou a mim qual a importância desses galhos. Mandeí inspecionar todas as pontes em Halaway e estão todas em bom estado. Pensei que você talvez pudesse conversar com ela. Talvez ela lhe dissesse.

Diria a ele? Deixaria que ele abordasse o único assunto que se recusava a discutir com ele? Sempre que a visitava, durante uma hora por semana, Tersa falava sobre o jardim; dizia-lhe o que tinha jantado; mostrava-lhe um ponto de cruz que estava praticando; falava sobre Jaenelle. Mas não sobre o filho deles.

— Vou tentar, Saetan — disse baixinho.

Sylvia pousou o copo vazio na mesa e levantou-se, cambaleando.

Saetan deu a volta na mesa e conduziu-a à porta.

— Você devia ir para casa e tirar a sesta.

— Eu nunca tiro a sesta.

— Depois de todo este conhaque, não creio que terá outra escolha.

— Meu metabolismo dará conta do conhaque rapidamente — disse Sylvia, já soluçando.

— Ahã. Você percebeu que me chamou de Saetan?

Ela virou-se tão repentinamente que esbarrou nele. Ele gostava de senti-la junto a seu corpo. E ficava perturbado com isso.

— Perdão, Senhor Supremo. Lamento.

— É mesmo? — perguntou com delicadeza. — Eu não sei se lamento.

Sylvia olhou-o fixamente. Hesitou. Nada disse.

Saetan deixou-a ir.

— Vai sair? — Jaenelle estava encostada na parede oposta à porta do quarto, com o dedo marcando a página de um livro de Arte.

Bem-humorado, Saetan levantou uma sobrançelha. Normalmente, era o pai que perguntava aonde ia sua prole e não o contrário.

— Vou visitar Tersa.

— Por quê? Não é nesta noite que costuma visitá-la.

Detectou a leve irritação na voz de Jaenelle, a advertência sutil.

— Sou assim tão previsível? — perguntou Saetan, sorrindo.

Jaenelle não retribuiu o sorriso.

Antes do seu próprio mergulho catastrófico no abismo ou no lugar onde havia passado aqueles dois anos, Jaenelle viajara até o Reino Distorcido e guiara Tersa de volta ao limite tênue entre loucura e sanidade. Era o mais longe que Tersa conseguia — ou estava disposta a — ir.

Jaenelle tinha ajudado Tersa a recuperar um pouco do mundo real. Agora que viviam próximas, continuava a ajudá-la a encaixar as peças que formavam o mundo físico. Pequenas coisas. Coisas simples. Árvores e flores. A sensação da argila entre dedos fortes. O prazer de uma tigela de sopa e de uma fatia grossa de pão recém-saído do forno.

— Sylvia veio me visitar hoje à tarde — disse Saetan, devagar, tentando compreender o frio que vinha de Jaenelle. — Acha que Tersa está perturbada com alguma coisa, por isso quero ver como ela está.

Os olhos azul-safira de Jaenelle exibiam uma profundidade e uma quietude semelhantes a um lago sem fundo.

— Não insista onde não é bem-vindo, Senhor Supremo — disse a Feiticeira.

Saetan se perguntou se ela saberia o quanto seus olhos eram reveladores.

— Prefere que eu não vá? — perguntou respeitosamente.

Os olhos de Jaenelle se alteraram.

— Vá vê-la, se quiser — respondeu a filha. — Mas não invada sua privacidade.

— Não tem vinho. — Tersa abria e fechava as portas dos armários, parecendo cada vez mais confusa. — A mulher não comprou vinho. Compra sempre uma garrafa de vinho no quarto dia para você. Não comprou o vinho e amanhã eu ia fazer um desenho do meu jardim e mostrar a você, mas o terceiro dia já passou e não sei onde o coloquei.

Saetan estava sentado à mesa de pinho na cozinha, o corpo tão pesado de sofrimento que mal conseguia se mover. Tinha brincado com o fato de ser previsível. Não percebera que sua previsibilidade era um dos referenciais de Tersa, uma forma que ela tinha de separar os dias. Jaenelle sabia disso e tinha deixado que ele viesse para aprender a lição por conta própria.

Com as mãos apoiadas na mesa, levantou-se da cadeira. Cada movimento era penoso, mas por fim alcançou Tersa, que ainda abria e fechava as portas dos armários. Resmungando, sentou-a à mesa, pôs uma chaleira no fogo e, depois de uma rápida busca nos armários, preparou um chá de camomila para os dois.

Ao colocar a xícara diante de Tersa, afastou o cabelo preto emaranhado de seu rosto. Não se lembrava de alguma vez ter visto o cabelo de Tersa sem pensar que parecia ter sido lavado e enxugado ao vento, como se os dedos fossem o único pente que ela jamais havia conhecido. Suspeitava que não era a loucura, mas a intensidade que a tornava indiferente. Perguntou-se se não teria sido essa uma das razões, quando finalmente concordou com o contrato

estabelecido com a Ampulheta haylliana para gerar uma criança, para ter escolhido Tersa, que já estava quebrada e à beira da loucura. Naquela primeira noite, passara mais de uma hora penteando seu cabelo. Penteara-o todas as noites daquela semana que dormira com ela, apreciando a sensação daquele cabelo entre seus dedos, do deslocamento suave da escova.

Agora, sentado à sua frente, segurando caneca, disse:

— Vim mais cedo, Tersa. Você não perdeu o terceiro dia. Este é o segundo dia.

Tersa ficou com o olhar carregado.

— O segundo dia? Mas você não vem no segundo dia.

— Queria falar com você. Não queria esperar até o quarto dia. Voltarei no quarto dia para ver o seu desenho.

Parte da confusão abandonou os olhos dourados de Tersa. Tomou um gole do chá.

A mesa de pinho estava vazia, exceto por uma pequena jarra azul com três rosas vermelhas.

Tersa tocou as pétalas delicadamente.

— O rapaz pegou estas para mim.

— Que rapaz? — perguntou Saetan, com calma.

— Mikal, o filho de Sylvia. Costuma me visitar. Ela lhe disse?

— Pensei que estivesse falando de Daemon.

Tersa bufou.

— Daemon já não é um rapaz. Além disso, está muito longe. — Seus olhos turvaram-se, argutos. — E a ilha não tem flores.

— Mas você chama Mikal de Daemon.

Tersa deu de ombros.

— Às vezes é agradável fazer de conta que estou contando histórias a ele. Jaenelle diz que não faz mal fingir.

Sentiu um calafrio.

— Falou com Jaenelle sobre Daemon?

— É claro que não — disse Tersa, irritada. — Ela ainda não está preparada para saber. Os fios ainda não estão todos no lugar certo.

— Que fios...

— O amante é o espelho do pai. O irmão está no meio. O espelho gira, gira, gira. Sangue. Tanto sangue. Ele se agarra à ilha do talvez. A ponte terá de erguer-se do mar. Os fios ainda não estão no lugar certo.

— Tersa, onde está Daemon?

Tersa pestanejou, inspirou tão profundamente que estremeceu. Admirada, olhou-o com um ar severo.

— O nome do rapaz é Mikal.

Queria gritar: *Onde está meu filho? Por que ele não foi para a Fortaleza nem passou por um dos Portões? O que está esperando?* Era inútil gritar com ela. Não poderia traduzir o que vira melhor do que já tinha feito. Mas, pelo menos, Saetan conseguira entender uma coisa. Os fios ainda não estavam todos no

lugar certo. Até que isso acontecesse, só lhe restava esperar.

— Para que são os galhos, Tersa?

— Galhos? — Tersa olhou para o cesto com os galhos no canto da cozinha.

— Não são para nada. — Deu de ombros. — Gravetos?

Tersa afastou-se de Saetan, esgotada pelo esforço de evitar que as pedras da realidade e da loucura triturassem sua alma.

— Posso fazer algo por você? — perguntou Saetan, preparando-se para sair. Tersa vacilou.

— Ficaria furioso se eu pedisse.

Neste momento, sentia-se incapaz de uma emoção de tal intensidade.

— Não vou me zangar, prometo.

— Podia... podia me abraçar durante um minuto?

Isso o abalou. Ele, que sempre ansiara pelo afeto físico, jamais se lembrara de lhe oferecer um abraço.

Apertou-a junto a si. Tersa o envolveu com os braços e apoiou a cabeça em seu ombro.

— Não sinto falta do cio, mas é bom ser abraçada por um homem.

Saetan beijou suavemente o cabelo emaranhado.

— E por que não disse antes? Não sabia que queria ser abraçada.

— Agora já sabe.

2 / Kaeleer

Os rumores se espalharam pelo Conselho das Trevas.

A princípio era apenas um olhar pensativo, um semblante perturbado. O Senhor Supremo tinha feito muitas coisas durante sua longa vida — vejam por exemplo o que fizera ao próprio Conselho para se tornar tutor da garota —, mas era difícil acreditar que seria capaz *daquilo*. Sempre insistira que a força de um Território, a força de um Reino, dependia da força das suas feiticeiras, das suas Rainhas. Pensar que poderia fazer aquele tipo de coisas a uma garota vulnerável, a uma jovem Rainha de Joia escura...

Ah, claro, tinham perguntado sobre a garota antes, mas o Senhor Supremo sempre respondera de forma concisa. A garota estava doente. Não podia receber visitas. Estava tendo aulas com professores particulares.

Onde estivera durante os últimos dois anos? Ao que fora submetida? Jorval tinha certeza?

Não, insistira Lord Jorval, não tinha certeza. Fora apenas um boato espúrio de um empregado despedido. Não havia razão para desconfiar de que as coisas não eram como o Senhor Supremo havia dito. Provavelmente a garota estava doente, com algum tipo de incapacidade, talvez muito frágil emocional ou fisicamente para suportar visitas.

O Senhor Supremo nunca tinha se referido à doença de Jaenelle até o momento em que o Conselho pediu para vê-la pela primeira vez.

Jorval afagou a barba escura com a mão magra e balançou a cabeça. Não havia qualquer prova. Somente a palavra de um homem que tinha desaparecido.

Murmúrios, especulações, rumoresssss.

3 / O Reino Distorcido

Ele agarrava-se à grama na ilha do *talvez*, que se desintegrava, observando os galhos que flutuavam na sua direção. Estavam espaçados uniformemente como as placas de uma ponte de corda estendida sobre o mar interminável. No entanto, o equilíbrio seria no mínimo precário, e não havia cordas nas quais se segurar. Se tentasse pisá-las, afundaria no vasto mar de sangue.

De qualquer forma, afundaria. A ilha continuava a desmoronar. Mais cedo ou mais tarde, não restaria muito a que se segurar.

Estava cansado. Estava disposto a deixar-se ser sugado para o fundo.

Os galhos se separaram, rodopiaram e voltaram a juntar-se, e de novo rodopiaram e voltaram a formar letras toscas.

É meu instrumento.

As palavras mentem. O sangue, não.

Carniceiro filho da puta.

Tentou subir para fugir daquele lado da ilha, mas o lado oposto continuava desmoronando, desmoronando. Restava apenas o espaço suficiente para se deitar, desamparado.

Sob a superfície do mar de sangue, algo se moveu, perturbando os galhos e as palavras incessantes. Os galhos rodopiaram em volta da pequena ilha, chocaram-se contra as margens em desintegração de *talvez* e amontoaram-se, formando uma parede frágil e protetora.

Ele se debruçou na beira da ilha e viu o rosto flutuando, os olhos cor de safira que olhavam para o vazio, o cabelo louro aberto como um leque.

Os lábios se mexeram. *Daemon.*

Ele estendeu a mão e, com delicadeza, retirou o rosto do mar de sangue. Não era uma cabeça, mas somente um rosto, tão liso e desprovido de vida como uma máscara.

Os lábios voltaram a se mexer. A palavra soou ao suspiro da brisa noturna, como uma carícia. *Daemon.*

O rosto se dissolveu, escorreu por entre seus dedos.

Soluçando, ele tentou agarrá-lo, formar novamente aquele rosto adorado. Quanto mais tentava, mais depressa escorria pelos seus dedos, até nada restar.

Sombras no mar sanguinolento. O rosto de uma mulher, repleto de

compaixão e compreensão, emoldurado por uma massa de cabelos pretos embaraçados.

Espere, disse ela. Espere. Os fios ainda não estão no lugar certo.

Desapareceu na ondulação.

Finalmente havia alguma coisa fácil para fazer, algo que não implicava dor nem medo.

Tentando arranjar uma posição confortável, iniciou a espera.

4 / Kaeleer

Saetan se perguntou se haveria algo de errado com as estantes atrás da mesa ou se seu mordomo estaria com algum problema, visto que Beale estava parado de pé, com o olhar fixo, há quase um minuto.

— Senhor Supremo — disse Beale, com rispidez, sem tirar o olhar das estantes.

— Beale — respondeu Saetan, cautelosamente.

— Há um Senhor da Guerra lá fora querendo vê-lo.

Saetan pôs os óculos com cuidado em cima dos papéis que cobriam a mesa, entrelaçando as mãos para que não tremessem.

— Parece com medo de alguma coisa?

Os lábios de Beale tremeram.

— Não, Senhor Supremo.

Saetan afundou-se na cadeira.

— Graças às Trevas. Pelo menos o que o traz aqui não tem nada a ver com algo que as garotas tenham feito.

— Creio que as senhoras nada têm a ver com o assunto, Senhor Supremo.

— Sendo assim, mande-o entrar.

O Senhor da Guerra que entrou no escritório era dois palmos mais alto do que Saetan, duas vezes mais largo e muito musculoso. Suas mãos eram tão grandes que poderiam esmagar o crânio de uma pessoa. Parecia um daqueles homens que arrancam aquilo que querem da terra ou de outras pessoas. Contudo, por baixo daquele corpo sólido e pesado e atrás da voz estrondosa havia um coração cheio de uma ingênua alegria, e uma alma sensível demais para suportar um tratamento mais severo.

Era Dujae. Há quinhentos anos, era o artista mais renomado de Kaeleer. Agora ele era um demônio.

Saetan reconheceu que seria hipocrisia se zangar com Dujae por vir à sua casa, uma vez que Mephis, Andulvar e Prothvar passavam boa parte do seu tempo no Paço desde que Jaenelle tinha voltado com ele, e todos tinham contato com as crianças. Ainda assim, manter o Reino das Trevas separado dos Reinos dos vivos fora sempre uma dança no fio da navalha e Saetan tinha a

consciência de que, mesmo quando ainda era vivo, tinha um pé de cada lado desse fio. Naquele momento, com todas as crianças passando o verão no Paço e com o Conselho das Trevas pressionando-o por uma audiência com Jaenelle, ter de lidar com demônios que iam até Kaeleer era mais do que conseguia suportar.

— Faço audiências duas vezes por mês no Inferno para aqueles que desejam falar comigo — disse friamente. — Você não tem nada o que fazer aqui, Lord Dujae.

Dujae baixou os olhos enquanto seus dedos compridos e grossos puxavam a aba do quepe azul e púido que segurava.

— Eu sei, Senhor Supremo. Peço desculpas. Não deveria ter vindo aqui, mas não pude esperar.

Mas Saetan podia e assim o fez.

Dujae amassou o quepe com as mãos. Quando levantou os olhos, neles só havia desespero.

— Estou tão cansado, Senhor Supremo. Não há mais nada para pintar, ninguém para ensinar, com quem partilhar. Não há objetivo, alegria. Não há nada. Por favor, Senhor Supremo.

Saetan fechou os olhos, esqueceu a irritação. Às vezes, acontecia. O Inferno era um Reino frio, cruel, danado, embora tivesse sua dose de bondade. Era neste lugar que os Sangue podiam se reconciliar com suas vidas, um tempo suspenso em que se resolviam assuntos pendentes. Alguns nada faziam com essa última benesse, suportando semanas ou anos ou séculos de tédio até finalmente sumirem nas Trevas. Outros dedicavam esse tempo para desenvolver talentos que negligenciaram enquanto vivos ou aos quais tinham renunciado para poderem seguir outro caminho. Outros ainda, interrompidos antes de chegarem ao fim, continuavam como tinham vivido. Dujae morreria no seu apogeu, repentina e inesperadamente. Ao perceber que ainda podia pintar, havia aceitado ser demônio-morto com um coração feliz.

Pedia agora a Saetan que o libertasse da carne sem vida, que consumisse o que restava da sua energia psíquica, deixando que se tornasse um sussurro nas Trevas.

Às vezes, acontecia. Não era muito frequente, felizmente, mas às vezes o desejo de seguir adiante se extinguia antes da energia psíquica. Quando isso acontecia, o demônio o procurava e solicitava uma libertação rápida. E sendo ele o Senhor Supremo, honrava esses pedidos.

Saetan abriu os olhos e pestanejou vigorosamente para desanuviar a visão.

— Dujae, tem certeza?

— Tenho...

Karla entrou de rompante no escritório.

— Aquele rato de esgoto arrogante e exibido, com tanto perfume que não se aguenta, está dizendo que meu desenho não é bom! — Seus olhos se encheram de lágrimas ao atirar a prancheta de desenho em cima da mesa de Saetan.

Saetan fez desaparecer os óculos antes que a prancheta caísse em cima deles.

— É um cretino cheio de merda na cabeça — lamuriou-se Karla. — Essa não é a obra da minha vida, não é o meu talento. Era para ser divertido!

Saetan levantou-se da cadeira. Tinham sido tantos os professores que entravam e saíam nas últimas três semanas que já nem se lembrava do nome deste idiota, mas, se conseguia levar Karla às lágrimas, com certeza estaria arrasando Kalush e Morghann, sem falar em Jaenelle.

Dujae estendeu a mão para a prancheta de desenho.

— Não! — Karla tentou agarrar a prancheta, muito abalada para se lembrar de que podia fazê-la desaparecer antes de Dujae alcançá-la.

A testa de Karla bateu no braço de Dujae. Ela caiu para trás, indo de encontro a Saetan. Ele envolveu-a com os braços e rangeu os dentes, odiando a angústia que jorrava da garota.

Dujae estudou o desenho, mexendo a cabeça devagar.

— É terrível — resmungou, folheando as páginas para ver os desenhos anteriores. — Obsceno — bradou. Balançou a prancheta na direção de Karla. — Você o chamou de rato de esgoto? É muito bondosa, senhora. É um...

— Dujae — advertiu Saetan, primeiro porque provavelmente ensinaria a Karla uma expressão bastante forte, e depois porque sentiu que Karla havia se animado.

Dujae olhou para Saetan e respirou fundo.

— Não é um bom instrutor — concluiu de modo pouco convincente.

Karla fungou.

— Você também acha que meus desenhos não são bons.

Dujae folheou as páginas até o último esboço.

— O que é isto? — perguntou, batendo com o dedo no papel.

Karla endireitou os ombros e semicerrou os olhos.

Saetan reprimiu um murmúrio de desagrado e se preparou.

— É uma jarra — disse com frieza.

— Jarra. Bah! — Dujae arrancou a página da prancheta, amassou-a e atirou-a por cima do ombro. Apontou para Karla.

Será que Dujae tinha noção de como seu dedo estava perto dos dentes de Karla?

— Você é Rainha, não é? — continuou Dujae, bem alto. — Dedicar-se a esta ocupação por diversão, depois de terminarem as aulas difíceis de Arte, não é? Faz isso porque as senhoras devem aprender as mais variadas habilidades para se tornarem boas Rainhas, não é? Você não faz desenhos educadinhos. — Encolheu os ombros, contraiu o rosto, pousou o queixo no pulso e fez pequenos movimentos, como se estivesse rabiscando. — Bah! — Arrancou Karla dos braços de Saetan, fez a menina se virar, agarrou sua mão e começou a fazer movimentos amplos, circulares. — Há fogo no seu coração, não é? Esse fogo precisa de carvão e de um grande bloco para se expressar. Depois, quando quiser desenhar uma jarra, irá desenhar uma jarra.

— M-mas... — balbuciou Karla, observando sua mão fazendo círculos.

— Aquela jarra que você tentou desenhar é a jarra de outra pessoa. Utilize-a como modelo. Os modelos são úteis. Mas depois, desenhe a SUA JARRA, aquela que revelar o seu fogo, a que disser sou feiticeira, sou Rainha, sou... — Dujae hesitou, por fim.

— ... Karla — disse ela, mansamente.

— KARLA! — bradou Dujae.

— O que está acontecendo? — perguntou Jaenelle da soleira da porta. Gabrielle estava ao seu lado.

Saetan apoiou-se no canto da mesa e cruzou os braços, conformado com o que quer que suas queridinhas estivessem prestes a fazer.

Ao ver as outras garotas, Dujae soltou Karla e recuou.

— Temos carvão? — perguntou Karla, limpando as lágrimas.

— Temos, mas Lord Chato diz que o carvão é imundo e inadequado para uma dama — disse Gabrielle com sarcasmo na voz.

Saetan olhou fixamente para Gabrielle e perguntou-se que tipo de idiota ele mesmo teria contratado como professor de artes.

Foi nesse momento que sentiu-se tonto. Agarrou-se à mesa, esforçando-se para não perder os sentidos. Isso nunca havia acontecido. Seria uma péssima hora para começar a acontecer.

Com as outras garotas em volta, não havia reconhecido o triângulo de poder. Karla, Gabrielle, Jaenelle. Três Rainhas poderosas que eram, ao mesmo tempo, Viúvas Negras.

Que as Trevas sejam misericordiosas, pensou. Esse trio seria capaz de despedaçar qualquer coisa ou qualquer pessoa — ou construir o que quisesse.

— Senhor Supremo?

Saetan pestanejou. Respirou fundo. Os pulmões ainda funcionavam, de certo modo. Tendo agora a certeza de que não cairia para o lado, olhou em volta. Dujae era o único que restava na sala.

Dujae retorceu o quepe.

— Eu não queria interferir.

— Agora é tarde demais — resmungou Saetan, entre dentes.

Na porta do escritório, apareceram três cabeças louras.

— Ei — disse Karla. — Já temos o carvão e as pranchetas grandes. Você não vem?

Dujae continuou a retorcer o quepe.

— Não posso, senhoras.

— E por que não? — perguntou Jaenelle, enquanto as três entravam no escritório.

Dujae olhou suplicante para Saetan, que se recusava a olhar para outra coisa além dos próprios sapatos.

— Eu... sou Dujae, senhora.

Jaenelle pareceu satisfeita.

— Você pintou a *Descida aos Infernos*.

Dujae arregalou os olhos.

— Por que não nos dá aulas de desenho? — perguntou Gabrielle.

— Sou demônio.

Silêncio.

Karla inclinou os quadris e cruzou os braços.

— Não me digam que há uma regra que só permite o ensino do desenho à luz do dia. Além disso, o sol já se levantou e você está aqui.

— Isso se deve ao fato de o Paço reter energia negra suficiente para que a luz do sol não incomode os demônios-mortos quando estão aqui — explicou Jaenelle.

— Sendo assim, não há problema — disse Karla

— E, se não quiser vir aqui durante o dia, velas e bolas de fogo encantado poderiam iluminar uma sala de maneira satisfatória — disse Gabrielle.

Dujae olhou, impotente, para Saetan, que continuava examinando os sapatos.

— Seu ego é tão grande que você se acha bom demais para dar aulas a umas feiticeirinhas? — perguntou Karla, com uma doçura maliciosa.

— Grande? Não, não, senhoras, seria uma honra, mas...

— Mas? — perguntou Jaenelle suavemente, com sua voz sombria.

Dujae sentiu calafrios. Saetan se arrepiou.

— Sou demônio.

Silêncio.

Por fim, Karla bufou.

— Se não quer nos dar aulas, basta dizer, mas pare de inventar desculpas esfarrapadas.

E dito isto foram embora, fechando a porta do escritório ao sair.

Dujae retorceu o quepe.

Saetan fitava os sapatos.

— Dujae — disse, calmamente —, é preciso ter uma personalidade forte, embora sensível, para lidar com estas jovens damas, para não falar de talento. Caso queira se tornar professor de artes delas, posso lhe pagar um salário que, reconheço, não será de grande utilidade no Reino das Sombras, ou pode adicionar os materiais que quiser para seus próprios projetos à lista de materiais que vai elaborar para elas. No entanto, se decidir recusar — olhou Dujae nos olhos —, *você* pode ir até lá e explicar isso a elas pessoalmente.

O pânico invadiu os olhos de Dujae. Só havia uma porta para sair do escritório.

— Mas, Senhor Supremo, sou demônio.

— Elas não pareceram se importar, não é?

Dujae cedeu.

— Não. — Em seguida, deu de ombros e sorriu. — Há muito tempo não pinto retratos, e elas têm rostos interessantes, não é verdade? E muito fogo para desperdiçar em desenhos delicados.

Saetan aguardou meia hora antes de se dirigir lentamente ao salão

principal. Mantendo-se à distância, observou o grupo.

As garotas estavam sentadas no chão, em círculo, desenhando uma natureza-morta composta por uma jarra, uma maçã e uma caixinha de joias. Dujae estava agachado junto a Kalush, explicando alguma coisa num murmúrio surdo, e depois se virou para Morghann, que tinha um pedaço de carvão suspenso sobre a prancheta.

Jaenelle pousou a prancheta, limpou os dedos com a toalha que dividia com Karla e foi até Saetan, sorridente, uma criança-mulher encantadora e encantada com seu próprio esforço criativo.

Saetan colocou o braço em volta da cintura da filha.

— Diga a verdade, criança-feiticeira — disse baixinho. — O outro professor era realmente fraco?

Jaenelle deslizou o dedo pela corrente de ouro que continha a Joia Vermelha de Direito por Progenitura de Saetan.

— Não era adequado para nós, para nenhuma de nós, e...

Não a deixaria baixar a cabeça, não a deixaria esconder os olhos que estava aprendendo a decifrar tão bem, que tanto lhe transmitiam.

— E?

— Tinha medo de mim — sussurrou. — Não era só de mim — corrigiu rapidamente. — Não gostava de conviver com Rainhas. Até Kalush o incomodava. Por isso, estava sempre dizendo coisas do tipo: “damas”, façam isto e “damas”, não façam aquilo. Fogo do Inferno, Saetan, não somos “damas”, não queremos ser “damas”. Somos feiticeiras.

Ele envolveu-a nos braços.

— Por que não me disse antes? — Parecia que esta pergunta estava surgindo com muita frequência, ultimamente.

Jaenelle deu de ombros.

— Também não chegamos a dizer que os professores de música e de dança partiram subitamente esta semana.

Saetan soltou um riso abafado.

— Bom, de qualquer forma parece que aulas e verão não são uma combinação muito adequada. — Beijou seus cabelos. — Dujae veio até aqui porque queria ser libertado.

— Não era bem isso que ele queria. Só precisava de alguma coisa que voltasse a despertar seu interesse.

Saetan observou Dujae andando em volta do círculo, gesticulando, encorajando, fazendo caretas enquanto olhava para o desenho de Karla, para depois dizer algo que a fez rir. Em seus olhos já não havia mais desespero, já não restavam indícios do sofrimento que o tinha levado a procurar o Senhor Supremo.

— Não somos titereiros, criança-feiticeira — murmurou Saetan. — Somos poderosos, mas temos de ter cuidado ao manipular os fios para fazer com que outros dancem.

— Depende da razão que nos leva a puxar os fios, não acha? — Olhou-o

com aqueles olhos antigos cor de safira e sorriu. — Além disso, apenas fizemos pouco caso de uma desculpa tola. Se fosse mesmo a hora dele, teria ido.

Voltou ao seu lugar no chão, com Karla à direita e Gabrielle à esquerda.

Saetan regressou ao escritório e aqueceu uma taça de yarbarah.

Titereiros. Manipuladores. Hekatah e seus esquemas. Jaenelle e sua sensibilidade em relação a outros corações. Como era delicada e frágil aquela linha, em que a única diferença era o propósito.

Uma linha fina, frágil.

E agora?

5 / Kaeleer

Jaenelle pegou um frasquinho e bateu com o dedo, fazendo cair três pequenos grãos de cor azul arroxeada na grande tigela de vidro sobre a mesa de trabalho.

— Por que os membros do Conselho das Trevas estão vindo aqui?

Saetan fitou o líquido espesso e efervescente que preenchia um terço da tigela, esperando sinceramente que não fosse um novo tônico.

— Como foi o Conselho que me concedeu sua tutela legal, querem ver como vivemos.

— Se são membros do Conselho, também são Sangue e usam Joias. Deveriam saber como vivemos. — Jaenelle pegou um frasquinho com pó vermelho e ergueu-o contra a luz.

Saetan cruzou os braços e se encostou na parede. Não queria nem podia lhe contar sobre o último “pedido” do Conselho. Sua forte insistência havia tornado fácil ler as entrelinhas. Não vinham apenas fazer uma breve visita a um tutor e à menor a seu cargo. Vinham julgá-lo.

— Não preciso usar vestido, não é? — resmungou Jaenelle, mergulhando o dedo mindinho no frasco com o pó vermelho. Usando a unha como colher, lançou o pó na tigela.

Saetan mordeu a língua antes de deixar escapar a mentira.

— Não. Disseram que queriam ver uma tarde normal.

Jaenelle olhou por cima do ombro.

— Alguma vez tivemos uma tarde normal?

— Não — respondeu Saetan, desoladamente. — Passamos tarde típicas, mas acho que ninguém as consideraria normais.

O riso prateado e aveludado preencheu o ambiente.

— Pobre papai. Bem, já que não tenho de me arrumar nem de sorrir afetadamente, tentarei não ofender suas frágeis sensibilidades. — Deu a ele um frasquinho de pó preto. — Acrescente uma pitada à tigela e se afaste.

O estômago de Saetan estava se revirando.

— E depois o que acontece?

Jaenelle juntou os dedos.

— Bem, se eu tiver misturado os pós na proporção correta, vai aparecer uma ilusão impressionante.

Saetan olhou para a filha que sorria nervosamente para a tigela na mesa e, em seguida, para o frasquinho que segurava na mão.

— E se a proporção estiver errada?

— A mesa vai explodir.

Uma hora depois, deitado numa banheira de água quente tentando pôr fim à dor nos músculos, sentia-se compelido a lhe dar as notas mais altas pelos rápidos reflexos e pela força dos escudos de proteção. Tirando o fato de tê-los jogado no chão, a explosão não tinha danificado nada no escritório — com exceção da tigela de vidro e da mesa. E ele tinha de admitir que a forma que havia começado a emergir da tigela era impressionante.

Dali a dois dias, o Conselho das Trevas visitaria o Paço. Pretendia tratá-los com cortesia e tolerar sua presença, uma vez que, no fim de contas, não importava o que pensavam. Ninguém tiraria Jaenelle dali. Se o Conselho tivesse de aprender essa lição mais uma vez, assim seria.

Duvidava que as coisas chegassem a esse ponto. Recordando o assombro entre o momento em que a forma começou a amergir da neblina e a mesa explodiu, soltou um gemido que se transformou num riso abafado. O Conselho das Trevas queria passar uma tarde normal com Jaenelle?

Os pobres idiotas não sobreviveriam.

CAPÍTULO OITO

1 / Kaeleer

Tudo começou a dar errado no momento em que dois membros do Conselho das Trevas entraram pela porta principal, olharam em volta e estremeceram.

O Paço dos SaDiablo era uma enorme construção cinza-escura que se assomava sobre o terreno e lançava uma extensa sombra. Sua imponência fora planejada, mas não a presença de um mordomo de Joia Vermelha e rosto inflexível que aterrorizava as visitas antes mesmo de atravessarem a soleira da porta. Quanto ao frio que pairava no ar... Helene tinha dito a ele, com uma rígida cortesia, o que achava de o Conselho das Trevas se intrometer e bisbilhotar nos seus domínios, e todos os criados haviam passado o dia fugindo da cozinha e da Sra. Beale.

As casas de Joias Escuras sempre tiveram criados dos Sangue, mas quando *todas* as feiticeiras da casa decidem manifestar seu desagrado, a expressão “tratamento frio” adquire um novo significado.

— Boa tarde — disse Saetan, avançando para cumprimentar os dois homens.

O mais velho fez uma reverência.

— Agradecemos por nos receber, Senhor Supremo. Eu sou Lord Magstrom, e este é Lord Friall.

Saetan gostou de Lord Magstrom. Um homem nos seus últimos anos, com um rosto bondoso, cabelos brancos e olhos azuis que provavelmente cintilavam na maior parte do tempo. Esses olhos mostravam agora seriedade, embora não indicassem condenação. Lord Magstrom, pelo menos, basearia sua decisão na própria honra e integridade.

Lord Friall, por outro lado, já tinha tomado uma decisão. Com um aspecto magro, provocado pelo excesso de gel e acessórios, não parava de olhar em volta com um ar de repugnância enquanto batia levemente nos lábios com um lenço rendado perfumado.

Saetan conduziu-os à sala de visitas formal, à direita do salão principal. Era uma sala ampla, mas a mobília estava arrumada de modo que altas divisórias pintadas pudessem ser trazidas para dividi-la, o que lhe dava um aspecto aconchegante. As paredes de gesso estavam pintadas de marfim. Todos os quadros eram aquarelas tranquilas. A mobília era escura, embora não fosse

pesada, e estava disposta de forma confortável sobre tapetes de Dhara de padrões discretos. Numa mesa junto às janelas, havia um ramo de flores frescas. Saetan observou Lord Magstrom percorrendo a sala com os olhos, de forma diplomática, e percebeu que o homem estava tão satisfeito com a decoração de bom gosto quanto ele próprio.

— É uma sala encantadora, Senhor Supremo — disse Lord Magstrom, aceitando o lugar que lhe foi oferecido. — É usada com frequência?

Saetan enfiou as mãos nos bolsos do suéter de lã.

— Não — disse, após um breve, embora perceptível, momento de hesitação. — Não recebemos muitas visitas formais. — Virou-se ao perceber um movimento à porta. — Ah, Beale.

O mordomo estava parado na entrada da sala, de mãos vazias.

Saetan franziu a sobrancelha.

— Pode servir alguma coisa aos nossos convidados?

— Cuidarei disso, Senhor Supremo. — Beale fez uma reverência e retirou-se, deixando a porta aberta.

Saetan sentiu-se tentado a fechar a porta, mas não fez isso. Não era necessário forçar Beale a se rebaixar, tendo que escutar pelo buraco da fechadura.

— Viemos num horário inconveniente? — perguntou Lord Friall, lançando um olhar significativo para as roupas descontraídas de Saetan, enquanto continuava a bater com o lenço perfumado nos lábios.

O perfume não vai ajudar a melhorar aquilo que o está incomodando, Lord Friall, pensou Saetan friamente. *Meu odor psíquico se infiltra até mesmo nas pedras do Paço*. Saetan olhou de relance para a camisa branca de algodão desabotoada o suficiente para não ocultar por inteiro a Joia Negra em volta do pescoço, para as calças pretas de algodão que já estavam amarradas e para o suéter de lã.

— Imagino que esperassem uma reunião mais formal. Mas como parece que o Conselho queria conhecer nosso modo de vida habitual, essas duas pretensões não eram compatíveis.

— Certamente... — começou Friall, sendo interrompido por Beale, que entrava com uma bandeja.

Saetan observou a bandeja. Era parcimoniosa em relação aos padrões habituais da Sra. Beale. Tinha muitos sanduíches, mas nenhum bolinho de avelã ou tortas de especiarias.

— Será que a Sra. Beale poderia...

Beale pousou a bandeja na mesa com um ruído quase inaudível.

— Não — corrigiu-se Saetan insipidamente —, acho que não. — Serviu o café e ofereceu os sanduíches, tentando ignorar o brilho nos olhos de Lord Magstrom. Instalando-se numa das pontas do sofá, de onde podia vigiar a porta, sorriu para Lord Friall, perguntando-se se seus dentes cerrados sobreviveriam àquela tarde. — O que você dizia?

— Claro...

A porta da frente fechou-se com um estrondo.

Detectando o odor psíquico e as correntes subterrâneas emocionais, Saetan murmurou uma ordem severa, conformando-se com a catástrofe.

Passado um momento, Karla espreitou junto à porta.

— Beijos — disse, esforçando-se para parecer inocente.

Como já havia enfrentado vários feitiços da assembleia que tinham dado errado, Karla tentando parecer inocente era algo que o assustava bastante. No entanto, com alguma sorte, talvez nunca viesse a saber o que ela estava arquitetando.

Karla apontou para o teto.

— Estou atrasada para a aula de artes.

Saetan gemeu baixinho e esfregou as têmporas. Não tinha se lembrado de dizer a Dujae que não viesse hoje?

— Peça para Jaenelle descer, por favor. Estes senhores desejam vê-la.

Os gélidos olhos azuis perscrutaram Magstrom e Friall.

— Por quê? — Apontou com o queixo para Lord Magstrom. — O Vovô parece inofensivo, mas por que ela iria querer falar com aquele idiota?

Friall cuspiu o café.

Lord Magstrom ergueu a xícara para esconder o sorriso.

Saetan tinha certeza de que metade dos seus dentes iria se estilhaçar.

— Agora.

— Ah, está bem. Beijos — disse Karla e foi embora.

— Lady Karla é amiga de sua tutelada? — perguntou Lord Magstrom calmamente.

— Sim — os lábios de Saetan se contrairam. — Ela e outros amigos de Jaenelle estão passando o verão aqui... se eu conseguir sobreviver.

Lord Magstrom pestanejou.

— É uma vadiazinha — cuspiu Friall, dando batidinhas nos lábios com o lenço. — Não deve ser uma companhia adequada para a menina.

— Karla é Rainha e Viúva Negra natural — disse Saetan com frieza —, assim como Curandeira. É uma jovem exuberante e admirável. Tal como minha filha.

Reparou no olhar estático de Lord Magstrom. O Conselho não teria verificado o registro na Fortaleza? Assim que Jaenelle voltara, ele próprio e Geoffrey prepararam seu registro. Concordaram em não incluir nele o Território — ou o Reino — onde nascera ou qualquer coisa que pudesse ligá-la à família em Chaillot, mas *registraram* sua Joia de Direito por Progenitura como Negra. O Conselho não saberia com quem e com o que estava lidando? Ou a Magistrada teria optado por nada revelar a estes homens?

Lord Magstrom aceitou outra xícara de café.

— Sua... filha... é Rainha Viúva Negra? E Curandeira?

— Sim — respondeu Saetan. — O Conselho não mencionou esses fatos?

Lord Magstrom parecia incomodado.

— Não, não fez nenhuma referência. Talvez...

Um forte grito de mulher sobressaltou os três homens. Enquanto Lord Magstrom tentava limpar o café derramado, murmurando pedidos de desculpas, um jovem lobo saltou para a sala de visitas. Desviando-se do humano aos gritos, pulou para trás do sofá, surgiu do outro lado e, por fim, veio se encostar nas pernas de Saetan, com a cabeça e uma das patas no colo e uma expressão de súplica nos olhos.

Saetan lembrou que, comparada à maior parte dos dias, aquela era uma tarde calma. Afagou a cabeça do jovem lobo e suspirou.

— O que foi que você fez desta vez?

— Eu digo o que fez. — Uma mulher com o rosto avermelhado apareceu à soleira da sala de visitas.

Friall choramingou.

O lobo ganiu.

Lord Magstrom olhava boquiaberto.

Mãe Noite, Mãe Noite, Mãe Noite.

— Ah, Sra. Beale — disse Saetan calmamente, enquanto enfiava uma palma da mão úmida no pelo do lobo.

A Sra. Beale não era gorda. Era apenas... *volumosa*. E não precisava da Arte para erguer um saco de farinha de vinte quilos com uma única mão.

A Sra. Beale apontou o dedo para o lobo.

— Esse aquecedor de mãos ambulante acabou de comer os frangos que eu estava preparando para o jantar de hoje.

Saetan olhou para o lobo.

— Aquecedor malvado — disse placidamente.

O lobo ganiu, a ponta do rabo varrendo o chão.

Saetan suspirou e prestou atenção novamente na mulher irritada.

— Se não der mais tempo para preparar outros dos nossos, que tal mandar alguém ao açougue em Halaway?

A Sra. Beale ficou ainda mais irritada, e disse, numa voz que fez sacudir as janelas:

— Aqueles frangos estavam marinando no meu molho especial de vinho de ameixa desde ontem à noite.

— Deviam estar saborosos — murmurou Saetan.

O lobo lambeu os beiços e ladrou baixinho.

A Sra. Beale rosnou.

— E se for uma carne diferente? — sugeriu Saetan. — Tenho certeza de que o nosso jovem amigo poderia encontrar uns coelhos.

— Coelhos? — A Sra. Beale gesticulou, desferindo golpes no ar em várias direções. — E devo rechear *coelhos* com meu recheio de nozes e arroz?

— Não, claro que não. Que bobagem a minha. Um guisado, quem sabe? Reparei que semana passada Jaenelle e Karla repetiram o guisado.

— Também reparei que as tigelas voltaram vazias — resmungou a Sra. Beale. Apontou para o lobo. — Dois coelhos. E que não sejam magricelas. — Deu meia-volta e foi embora num passo pesado.

Lord Magstrom suspirou ruidosamente.

Lord Friall tropeçou na cadeira.

Saetan imaginou se ainda teria os ossos das pernas. Aquela estava virando uma tarde normal, afinal de contas. Acariciou o lobo atrás das orelhas.

— Entendeu? — Levantou dois dedos. — Dois coelhinhos rechonchudos para a Sra. Beale. Tarl disse que há muitos engordando na horta. — Afagou-o uma última vez. — Vá lá.

Depois de encostar o focinho na mão de Saetan, o lobo saiu da sala.

— Você permite que uma mulher dessas trabalhe aqui, com crianças na casa? — cuspiu Friall. — E tem um lobo como animal de estimação?

— A Sra. Beale é uma excelente cozinheira — respondeu Saetan, com calma. *Além disso*, acrescentou em silêncio, *quem teria coragem de despedi-la?* — E o lobo não é um animal de estimação. É nosso parente. Vivem conosco vários deles. Outro sanduíche, Lord Magstrom?

Parecendo um pouco aturdido, Lord Magstrom pegou outro sanduíche, com olhar fixo e colocou no seu prato.

— O que está acontecendo? — perguntou Jaenelle. Sorrindo educadamente para Magstrom e Friall, sentou-se ao lado de Saetan, no sofá.

— O jantar vai ser guisado de coelho em vez de frango.

— Ah. Agora entendo a Sra. Beale. — Seus lábios se crisparam. — Acho que preciso explicar a territorialidade dos humanos aos lobos para evitar outros problemas.

— Pelo menos, o território da Sra. Beale — disse Saetan, sorrindo para a filha de cabelo louro, ciente de que, por estar sentada tão próximo dele, poderia dar margem a interpretações equivocadas.

— É esse o seu vestuário habitual, Lady Angelline? — questionou Lord Friall, voltando às batidinhas nos lábios com o lenço.

Jaenelle olhou para as calças largas que tinha comprado de um dos jardineiros e para a camisa de seda branca que Saetan, involuntariamente, havia doado ao seu guarda-roupa. Pegou uma trança solta e examinou as penas, conchas e pequenas corolas que pendiam das fitas de couro entrelaçadas em seu cabelo. Em seguida, dirigiu o olhar a Friall.

— Às vezes — disse, seca. — E você, sempre se veste dessa forma?

— Mas é claro — respondeu Friall, altivo.

— Por quê?

Friall olhou para ela, atônito.

Lembre-se da frágil sensibilidade deles, criança-feiticeira.

Que se danem as frágeis sensibilidades.

Saetan estremeceu. O estado de espírito de Jaenelle havia mudado.

Colocou o braço em volta dos ombros dela.

— Lord Magstrom gostaria de lhe fazer algumas perguntas. — Com alguma sorte, o velho Senhor da Guerra teria sentido as correntes emocionais na sala e seria prudente.

— Antes de começar o interrogatório, posso lhe fazer uma pergunta?

Lord Magstrom brincava com a xícara.

— Não é um interrogatório, senhora — disse afavelmente.

— Não? — retrucou ela, com sua voz sombria.

Magstrom se arrepiou. Sua mão tremia ao colocar a xícara na mesa.

Na esperança de distraí-la, Saetan lamentou-se dramaticamente:

— O que quer me perguntar?

Os olhos azul-safira o examinaram. A apreensão se transformou num divertimento exasperado.

— Não é nada de mais.

— Isso foi o que você disse da última vez.

Jaenelle deu seu melhor sorriso, entrando no jogo.

— Dujae quer saber se você pode nos dar uma parede.

Saetan tentou não entrar em pânico.

— Uma parede? Dujae quer uma das minhas paredes?

— Sim.

Saetan apertou a têmpora com as pontas dos dedos. Alguma coisa estava obstruindo sua garganta. Não sabia se era um berro ou uma gargalhada.

— E para que Dujae quer uma parede?

— Vamos pintá-la. — Refletiu por um momento. — Bem, acho que dizer que vamos pintá-la não é muito correto. Vamos desenhar na parede. Dujae diz que precisamos pensar de maneira mais ampla e a única forma de fazer isso é usando uma tela bem extensa. E a única suficientemente grande é uma parede.

Hum-hum.

— Compreendo. — Saetan olhou à sua volta para a sala elegantemente decorada e suspirou. — Há muitos cômodos vazios. Pode escolher um na mesma ala do salão de jogos.

Jaenelle fez uma careta.

— Não temos um salão de jogos.

Saetan puxou uma das tranças da garota.

— Você não diria isso se estivesse na sala de baixo enquanto vocês estão lá... fazendo sabe-se lá o quê.

Jaenelle olhou para ele com um ar de indulgência divertida.

— Obrigada, Papai. — Beijou-o na face e saltou do sofá.

Saetan puxou-a pela parte de trás da calça e sentou-a a seu lado.

— Dujae pode esperar um pouco. Lord Magstrom tem algumas perguntas.

O fogo gélido voltou aos olhos de Jaenelle, mas ela se sentou junto a Saetan no sofá, as mãos recatadamente pousadas no colo, e olhou para os dois homens com educada impaciência.

Saetan acenou com a cabeça para Lord Magstrom.

Com as mãos pousadas nos braços da cadeira, Lord Magstrom sorriu para Jaenelle.

— Gosta muito das artes, Lady Angelline? — perguntou amavelmente. — Tenho uma neta mais ou menos da sua idade que adora “brincar com as cores”, como ela diz.

A alusão a uma neta fez com que Jaenelle olhasse para Lord Magstrom com interesse.

— Gosto de desenhar, mas não tanto como de música — disse, depois de pensar um pouco. — Muito mais do que matemática. — Fez cara feia. — Bem, qualquer coisa é melhor do que matemática.

— Arnora pensa o mesmo da matemática — disse Lord Magstrom com seriedade, embora seus olhos cintilassem.

Os lábios de Jaenelle se contraíram.

— Sério? Uma feiticeira sensata.

— De que outras matérias você gosta?

— Aprender sobre plantas e jardinagem e curas e armas e equitação, tudo isso é divertido... e línguas. E dança. Dançar é maravilhoso, não acha? E claro, a Arte, mas não é bem uma aula, não é?

— Não é bem uma aula? — Lord Magstrom parecia surpreso. Aceitou outra xícara de café. — Com tanta coisa para estudar, não lhe sobra muito tempo para o convívio social — disse, devagar.

Jaenelle franziu a sobancelha e olhou para Saetan.

— Creio que Lord Magstrom está se referindo a bailes e outras reuniões públicas — disse, cautelosamente.

Seu olhar carregado se acentuou.

— Para que sair para dançar? Aqui há gente suficiente para tocar instrumentos e dançamos sempre que queremos. Além disso, prometi a Morghann que iria passar alguns dias com ela em Scelt, na época das festas das colheitas, e a família de Kalush me convidou para ir ao teatro com eles, e Gabrielle...

— Dujae — disse Friall, num tom tenso. — Dujae está ensinando você a desenhar?

Saetan apertou o ombro de Jaenelle, mas ela os encolheu para que ele parasse.

— Sim, Dujae está me ensinando a desenhar. — O frio estava de volta à sua voz.

— Dujae está morto.

— Há séculos.

Friall friccionou os lábios delicadamente.

— Está estudando desenho com um demônio?

— Só porque é um demônio não significa que seja um artista inferior.

— Não deixa de ser um *demônio*.

Jaenelle deu de ombros com indiferença.

— Assim como Char e Titian e muitos outros dos meus amigos. Quem considero meu amigo não é da sua conta, Lord Friall.

— Não é da minha conta — disse Friall, furioso. — Mas com certeza é da conta do Conselho. Para começo de conversa, foi numa demonstração de boa-fé que o Conselho permitiu que algo como o Senhor Supremo ficasse com uma menina...

— *Algo como o Senhor Supremo?*

— ... e maculasse as sensibilidades de uma jovem menina, forçando-a a ter relações com demônios...

— Ele nunca me força a nada. *Ninguém* me força a nada.

— ... e a se entregar aos seus atos libidinosos...

A sala explodiu.

Não havia tempo para pensar nem para se proteger da fúria que ascendia do abismo e os envolvia.

Extraindo toda a energia que conseguia das Joias Negras, Saetan se jogou sobre Jaenelle enquanto ela ia para cima de Friall. Enquanto lutava para se libertar e alcançar o Senhor da Guerra, que olhava espantado para ela, em choque, emitia sons selvagens e atrozes, enquanto os vidros das janelas se estilhaçavam, os quadros caíam no chão, o gesso se rachava e, ao mesmo tempo, os raios psíquicos atingiam as paredes e a mobília era despedaçada.

Aguentando firmemente, Saetan ignorou a sala, utilizando as forças para proteger os outros homens, servindo como amortecedor entre a raiva de Jaenelle e os visitantes. Não estava tentando feri-lo. Era uma ironia espantosa. Estava apenas tentando ultrapassar as barreiras que Saetan colocara entre ela e Friall. Abriu a mente, com a intenção de ir contra as barreiras interiores de Jaenelle, forçando-a a sentir um pouco da dor a que o estava sujeitando. Mas as barreiras tinham desaparecido. Somente o abismo e uma enorme queda destruidora de mentes.

Por favor, criança-feiticeira. Por favor!

Ela veio até Saetan numa velocidade assustadora, envolvendo-o numa bruma negra, para depois subir com ele até a profundidade da Joia Vermelha antes de deslizar de volta para o confortável refúgio do abismo.

Silêncio.

Quietude.

A cabeça de Saetan latejava implacavelmente. Sua língua doía. A boca estava cheia de sangue. Sentia-se fraco demais para se mover. Contudo, a mente estava intacta.

Jaenelle o amava. Não o machucaria deliberadamente. Ela o amava.

Usando esse pensamento para consolar a mente ferida e o corpo dolorido, como se os envolvesse um cobertor quente, Saetan se deixou apagar.

Lord Magstrom acordou com uma bofetada não muito afável. Piscando os olhos para desanuviar a visão, concentrou-se nas asas negras e no rosto austero.

— Bebam isto — disse o eyrieno com rispidez, enfiando um copo nas mãos de Magstrom. Recuou, com os punhos apoiados nos quadris. — Seu companheiro está finalmente voltando a si. Tem sorte de ainda estar aqui.

Magstrom bebeu, agradecido, e olhou em volta. À exceção das cadeiras onde ele e Friall tinham estado sentados, a sala estava vazia. As divisórias

pintadas tinham desaparecido. A mobília do outro lado estava caída, mas intacta. Se não fossem as faixas negras nas paredes cor de marfim que pareciam relâmpagos dirigindo-se à terra, Talvez pudesse ter pensado que haviam sido levados para uma sala diferente, que teria sido uma espécie de alucinação.

Ouvira falar de Andulvar Yaslana, o Príncipe Demônio. Tinha consciência de que o fato de se sentir reconfortado por ter ao lado um demônio de Joia Cinza-Ébano era indício do quanto estava apavorado.

— E o Senhor Supremo? — perguntou.

Andulvar arregalou os olhos.

— Por pouco não estilhou a Negra tentando manter-lôs a salvo. Está exausto, mas irá se recuperar após alguns dias de repouso. — Depois resfolegou. — Além disso, servirá de desculpa para a garota medicá-lo com um dos seus tônicos fortificantes, e, graças às Trevas, isso fará com que não pense muito no que aconteceu.

— E o que aconteceu realmente?

Andulvar indicou Friall com a cabeça. Beale ainda estava passando saís de cheiro sob o nariz de Friall, embora a expressão do mordomo sugerisse claramente que preferia atirar o intruso porta fora e acabar com aquilo.

— Ele a irritou. Não foi uma boa ideia.

— Quer dizer que ela é instável? Perigosa?

Andulvar abriu lentamente as asas negras. Fazia-o parecer colossal. E nos seus olhos dourados não havia vestígio de preocupação, apenas uma ameaça muda.

— Pelo simples fato de sermos Sangue, somos todos perigosos, Lord Magstrom — rosnou Andulvar suavemente. — Jaenelle pertence à família e nós pertencemos a ela. Nunca se esqueça disto. — Fechou as asas e agachou-se junto à cadeira de Magstrom. — Mas, na realidade, Saetan é a única coisa entre você e ela. Também não se esqueça disto.

Uma hora mais tarde, a carruagem de Magstrom e Friall deixou a entrada de veículos bem-cuidada e desceu até a estrada que passava por Halaway.

Era uma tarde do fim do verão e estava escuro. As flores selvagens pintavam os campos com cores vivas. As árvores espreguiçavam os ramos sobre a estrada, criando túneis frescos. Era uma bela terra, ternamente cuidada, vigiada há milhares de anos pelo Paço dos SaDiablo e pelo homem que governava o lugar.

Vigiada e protegida.

Magstrom sentiu um calafrio. Era um Senhor da Guerra com Joias Azul-Celeste. Desempenhava as funções de vigilante do povoado onde nascera e vivia feliz. Até ser convidado a integrar o Conselho das Trevas, suas relações com os que usavam Joias mais escuras haviam sido diplomáticas e, felizmente, raras. Os Sangue de Goth, a capital da Pequena Terreille, estavam interessados nas intrigas de corte e não num povoado na margem de um rio com vista para as terras arborizadas dos Dea al Mon.

Mas agora uma cortina fora ligeiramente afastada, e Magstrom havia testemunhado o poder negro, o verdadeiro poder negro.

Saetan é a única coisa entre você e ela.

A garota tinha de permanecer com o Senhor Supremo, pensava Magstrom enquanto a carruagem seguia por Halaway até a teia de desembarque onde iriam pegar os Ventos para casa. Para o bem de todos, tinha de ser assim.

Saetan acordou lentamente quando alguém se sentou aos pés da cama. Resmungando, apoiou-se num cotovelo e tocou no candeeiro da mesa de cabeceira, que se acendeu o suficiente para lançar uma luz tênue sobre o quarto.

Jaenelle estava sentada, de pernas cruzadas, na cama, com os olhos perturbados e o rosto aflito e pálido. Estendeu-lhe um copo.

— Beba. Isto irá ajudá-lo a acalmar os nervos.

Bebeu um gole e depois outro. Tinha gosto de luar, calor de verão e água fresca.

— É delicioso, criança-feiticeira. Você também devia beber um copo.

— Já bebi dois. — Tentou sorrir, embora sem sucesso. Passou a mão no cabelo e mordeu o lábio inferior.

— Saetan, não gostei do que aconteceu hoje. Não gostei do que... quase aconteceu.

Ele esvaziou o copo, colocou-o na mesinha de cabeceira e pegou a mão da filha.

— Fico feliz. Matar nunca deveria ser um ato fácil, criança-feiticeira. Sua alma ficaria marcada por uma cicatriz. Às vezes é necessário. Às vezes não temos escolha, se estamos defendendo o que amamos. Mas, se existir uma alternativa, opte por ela.

— Vieram aqui para condená-lo, para ofendê-lo. Não tinham esse direito.

— Não seria a primeira vez que seria insultado por idiotas. Dá para sobreviver.

Mesmo sob a tênue luz, viu que os olhos de Jaenelle mudaram.

— Mesmo que ele tenha usado palavras em vez de uma faca, você não pode negar, Saetan, ele o ofendeu.

— Claro que me ofendeu — rebateu Saetan. — Ser acusado de... — Fechou os olhos e apertou a mão de Jaenelle. — Não tenho paciência para idiotas, Jaenelle, mas também não os mato por causa disso. Simplesmente mantenho-os afastados da minha vida. — Ele se sentou e pegou a outra mão de Jaenelle. — Sou sua espada e seu escudo, Senhora. Você não precisa matar.

A Feiticeira o examinou com seus olhos cor de safira, antigos e perturbados.

— Você vai ficar com as cicatrizes na sua alma para que a minha permaneça intacta?

— Tudo tem um preço — disse, com delicadeza. — Esse tipo de cicatriz faz

parte de ser um Príncipe dos Senhores da Guerra. Você está numa encruzilhada, criança-feiticeira. Pode usar seu poder para curar ou para ferir. A escolha é sua.

— É uma coisa ou outra?

Beijou sua mão.

— Nem sempre. Como disse, às vezes é necessário destruir. No entanto, creio que a cura tem mais a ver com você. Seria o caminho que eu escolheria.

Jaenelle ajeitou o cabelo.

— Bom, eu gosto mesmo de preparar infusões medicinais.

— Já reparei — disse ele secamente.

Jaenelle deu uma gargalhada, mas logo ficou séria.

— O que o Conselho das Trevas vai fazer?

Ele se recostou nas almofadas.

— Não podem fazer nada. Não permitirei que a levem para longe da sua família e dos seus amigos.

Jaenelle beijou-o no rosto. E disse uma última coisa antes de sair do quarto:

— E não permitirei que ponham mais cicatrizes na sua alma.

2 / Kaeleer

Ele havia previsto e até se preparado para aquele momento. Mesmo assim, era difícil.

Jaenelle estava no círculo da parte requerente no tribunal, em silêncio, com os dedos recatadamente cruzados, os olhos fixos no selo gravado na parte da frente do banco de madeira escura onde a Magistrada estava sentada. Usava um vestido emprestado por uma amiga e o cabelo trançado.

Sabendo que o Conselho observava todos os seus movimentos, Saetan olhava o vazio, esperando que a Magistrada comesse o perverso jogo.

Como havia previsto a decisão do Conselho, não permitira que ninguém, a não ser Andulvar, os acompanhasse. Andulvar sabia tomar conta de si mesmo. Tomaria conta de Jaenelle também. No momento em que a Magistrada anunciasse o veredicto do Conselho, no momento em que Jaenelle protestasse e se virasse para Saetan, pedindo ajuda...

Tudo tem um preço.

Mais de 50 mil anos atrás, ele tinha sido determinante para a criação do Conselho das Trevas. Agora, iria destruí-lo. Bastava uma palavra para isso acontecer.

A Primeira Tribuna começou a falar.

Saetan não ouvia. Observou os rostos dos membros do Conselho. Algumas feiticeiras pareciam mais perturbadas do que irritadas — mas a maior parte dos olhos brilhava como os de seres ferozes e furtivos reunidos para a

matança. Conhecia algumas delas. Outras eram novas, substitutas das imbecis que o tinham desafiado naquela sala. Ao vê-las olhando para ele, o pesar pela decisão de destruí-las evaporou. Não tinham o direito de tirar sua filha.

— ... por isso, a opinião ponderada deste Conselho é de que a nomeação de um novo tutor seria de benefício da tutelada.

Tenso, Saetan esperou que Jaenelle se virasse para ele. Tinha descido profundamente até a Negra antes de entrarem na sala do Conselho. Havia ali Joias escuras que talvez pudessem resistir o suficiente para fazer uma tentativa de ataque, porém a Negra libertada estilhaçaria todas as mentes que fossem atingidas pela explosão de energia psíquica. Andulvar era forte o bastante para sobreviver à tempestade psíquica. Jaenelle estaria segura, protegida no centro da tempestade.

Saetan respirou fundo.

Jaenelle olhou para a Primeira Tribuna.

— Muito bem — disse, calma e distintamente. — Quando o sol voltar a nascer, você pode nomear um novo tutor, a menos que, até lá, reconsidere sua decisão.

Saetan olhou estupefato para Jaenelle. Não. Não! Era a filha da sua alma, a sua Rainha. Não podia, não iria deixá-lo.

Mas deixou.

Jaenelle não olhou para Saetan quando se virou e caminhou pelo centro da sala até as portas do outro lado. Ao chegar lá, esquivou-se da mão estendida de Andulvar.

As portas se fecharam.

Vozes murmuravam. Turbilhões coloridos. Corpos passavam à sua frente.

Saetan não conseguia se mexer. Achava que era muito velho para ilusões, muito ferido para ter esperança, muito insensível para sonhar. Estava enganado. Engoliu a amargura da esperança, engasgou-se nas cinzas dos sonhos.

Ela não o queria.

Saetan queria morrer, ansiava desesperadamente pela morte final, antes que a angústia e o sofrimento o esmagassem.

— Vamos embora daqui, SaDiablo.

Andulvar levou-o para longe dos rostos presunçosos e dos olhos reluzentes.

Aquela noite, antes de o sol nascer, encontraria uma forma de morrer.

Havia esquecido que as crianças o esperavam.

— Onde está Jaenelle? — perguntou Karla, tentando olhar atrás de Saetan e de Andulvar quando estes entraram na sala de estar.

Saetan queria se retirar discretamente para seus aposentos, onde poderia chorar sozinho suas mágoas e decidir como concretizar o seu fim.

Também iria perdê-las. Não teriam razões para visitá-lo, nem para falar com ele, se Jaenelle não morasse ali.

Sentiu os olhos ardendo, as lágrimas prestes a explodir. Sentiu a garganta apertada pela angústia.

— Tio Saetan? — chamou Gabrielle, procurando ver seu rosto.

Saetan estremeceu.

— O que aconteceu? — perguntou Morghann. — Onde está Jaenelle?

Andulvar por fim respondeu.

— O Conselho das Trevas vai escolher outro tutor. Jaenelle não vai voltar.

— O QUÊ? — gritaram em uníssono.

As vozes o agrediam, questionando, exigindo. Perderia todas aquelas crianças que tinham se infiltrado no seu coração ao longo das últimas semanas, a quem se tinha permitido amar, tão insensatamente.

Karla levantou a mão. Na mesma hora, a sala ficou em silêncio. Gabrielle avançou até o lado dela.

— O Conselho nomeou outro tutor — disse Karla, espaçando as palavras e semicerrando os olhos.

— Sim — sussurrou Saetan. Suas pernas iam ceder. Precisava se afastar antes que as pernas cedessem.

— Devem estar loucos — disse Gabrielle. — E o que Jaenelle disse?

Saetan tentou se concentrar em Karla e Gabrielle. Provavelmente era a última vez que as via. Contudo, não conseguia responder, não conseguia pôr as malditas palavras para fora.

Andulvar levou Saetan até um sofá e obrigou-o a se sentar.

— Ela disse que poderiam nomear um novo tutor pela manhã.

— Foram essas as palavras exatas? — perguntou Gabrielle de maneira brusca.

— Que diferença faz? — resmungou Andulvar. — Ela decidiu virar as costas...

— Malditas sejam as suas asas, grande filho da puta — berrou Karla. — *O que foi que ela disse?*

— Parem! — gritou Saetan. Não suportava vê-las discutir, passar a última hora com elas em meio àquela ira. — Ela disse... — A voz embargou. Enfiou as mãos entre os joelhos, o que não as impediu de tremer. — Disse que quando o sol voltasse a nascer, poderiam nomear um novo tutor, a menos que, até lá, reconsiderassem a decisão.

O estado de espírito na sala se alterou para uma ligeira inquietação misturada com uma veemente aprovação e uma aceitação tranquila. Intrigado, Saetan observou as crianças.

Karla se jogou no sofá ao lado de Saetan, passando os braços em volta dele.

— Nesse caso, ficaremos aqui e aguardaremos com você.

— Agradeço, mas prefiro ficar sozinho. — Saetan tentou se levantar, mas o olhar fixo de Chaosti o desencorajou de tal forma que ele perdeu a força nas pernas.

— Não prefere, não — disse Gabrielle, empurrando Andulvar para se sentar do outro lado de Saetan.

— Quero ficar sozinho agora — disse Saetan, tentando colocar um tom de trovão na voz, mas sem conseguir.

Chaosti, Khary e Aaron formaram uma barreira na sua frente, ao lado dos outros jovens machos. Morghann e o resto do grupo formaram um círculo em volta do sofá, encurralando-o.

— Não vamos permitir que faça algo estúpido, tio Saetan — disse Karla afavelmente. Seu sorriso malévolo floresceu. — Espere pelo menos até o nascer do sol. Não vai querer perder esse momento.

Saetan olhou perplexo para Karla. Ela sabia o que ele pretendia fazer. Derrotado, fechou os olhos. Hoje, amanhã, que diferença fazia? Mas não faria isso na presença deles. Não os faria passar por isso.

Satisfeitas, Karla e Gabrielle se enroscaram em Saetan enquanto as outras garotas se espalhavam pelos outros sofás.

Khary esfregou as mãos.

— E se eu fosse ver se a Sra. Beale pode nos preparar um chá?

— Uns sanduíches também seriam bem-vindos — disse Aaron, entusiasmado. — E umas tortas de especiarias, se não tivermos acabado com elas. Vou com você.

SaDiablo?, chamou Andulvar num fio masculino Cinza-Ébano.

Saetan manteve os olhos fechados.

Não farei nenhuma tolice.

Andulvar hesitou.

Vou falar com Mephis e Prothvar.

Não havia razão para responder. Não havia resposta para dar. Por sua causa, todos perderiam Jaenelle. O novo tutor receberia os lobos e os unicórnios? Acolheria os Dea al Mon e os Tigre, os centauros e os sátiros? Ou ela seria obrigada a fugir por uma horinha, de vez em quando, para poder estar com eles, como quando era criança?

Com o passar das horas e as crianças cochilando nas cadeiras ou no chão à sua volta, Saetan se entregou. Havia aproveitado aqueles momentos com eles, o peso e o calor das cabeças de Karla e de Gabrielle aninhadas nos seus ombros. Haveria tempo para lidar com a dor... depois que o sol nascesse.

— Acorde, SaDiablo.

Saetan sentiu a urgência na voz de Andulvar, mas não queria responder, não queria rasgar o véu do sono no qual havia encontrado um pouco de conforto.

— Droga, Saetan — murmurou Andulvar. — Acorde.

Contrariado, Saetan abriu os olhos. Começou a se sentir grato por Andulvar estar à sua frente, impedindo-o de ver as janelas e a traiçoeira manhã. Depois percebeu que as velas estavam acesas e que eram necessárias e viu um tremor de medo nos olhos do eyrieno.

Andulvar se afastou para o lado.

Saetan esfregou os olhos. Durante a noite, Karla e Gabrielle tinham deslizado dos seus ombros e agora usavam suas coxas como almofadas. Não sentia as pernas.

Por fim, olhou para as janelas.

Estava escuro.

Por que Andulvar o estaria despertando assim no meio da noite?

Saetan olhou de relance para o relógio sobre a lareira e ficou paralisado. Oito horas.

— A Sra. Beale quer saber se deve servir o café da manhã — disse Andulvar, com a voz tensa.

Os rapazes começaram a despertar.

— Café da manhã? — perguntou Khary, reprimindo um bocejo enquanto passava as mãos no cabelo castanho encaracolado. — Um café da manhã seria bom.

— Mas — balbuciou Saetan. O relógio estava errado. Tinha de estar. — Mas ainda é de noite.

Chaosti, a Criança da Floresta, o Príncipe Dea al Mon dos Senhores da Guerra, lançou a ele um olhar intenso e alegre.

— Pois é.

Duas risadinhas se seguiram às palavras de Chaosti, enquanto Karla e Gabrielle se levantavam.

O coração de Saetan disparou. O quarto começou a girar devagar. Ele tinha achado que os olhos dos membros do Conselho brilhavam ferozmente, mas aquilo era na verdade um brilho dócil em comparação com o destas crianças que sorriam para ele e aguardavam.

— Escuro como a meia-noite — disse Gabrielle, com uma doce malignidade.

— Como se ainda fosse meia-noite — completou Karla. Apoiou o antebraço no ombro de Saetan e inclinou-se. — Quanto tempo o Conselho vai demorar para reconsiderar sua decisão, Senhor Supremo? Um dia? Talvez dois? — Deu de ombros e se levantou. — Vamos ver o café da manhã.

Tendo Andulvar à frente, as crianças deixaram a sala de estar, tagarelando despreocupadas.

Ao observá-los, Saetan lembrou-se de algo que Titian havia lhe dito há alguns anos. *Eles sabem o que ela é.* Viu Khardeen, Aaron e Chaosti se entreolharem antes de Khary e Aaron seguirem os outros. Chaosti permaneceu junto à janela, aguardando.

Outro triângulo de poder, pensou Saetan ao se aproximar da janela. Quase tão forte e igualmente letal. Que as Trevas ajudassem quem quer que ficasse no seu caminho.

— Você sabia — disse, baixinho, enquanto olhava fixamente para a noite ininterrupta, sem lua ou estrelas. — Você sabia.

— É claro — disse Chaosti, sorridente. — Você não?

— Não.

O sorriso de Chaosti desapareceu.

— Sendo assim, nós lhe devemos um pedido de desculpas, Senhor Supremo. Achávamos que estava preocupado com o que iria acontecer, não percebemos que não tinha entendido.

— E como vocês sabiam?

— Jaenelle os avisou ao determinar as condições. “Quando o sol voltar a nascer.” — Chaosti deu de ombros. — Obviamente, o sol não iria nascer.

Saetan fechou os olhos. Era o Senhor Supremo do Inferno de Joias Negras, o Príncipe das Trevas. E não tinha certeza de estar à altura daquelas crianças.

— Não tem medo dela?

Chaosti pareceu surpreso.

— De Jaenelle? Por que teria medo dela? É minha amiga, minha Irmã e minha prima. E é a Rainha. — Inclinou a cabeça. — E você, tem?

— Às vezes. Às vezes tenho medo do que ela pode fazer.

— Ter medo do que ela pode fazer não é o mesmo que ter medo dela. — Chaosti hesitou, para depois acrescentar: — Ela o ama, Senhor Supremo. Você é o pai dela, por escolha própria. Francamente, acredita que ela o abandonaria, a menos que fosse este o seu desejo?

Saetan esperou que Chaosti se juntasse aos outros para responder.

Sim. Que as Trevas o amparassem, sim. Deixara que as emoções nublassem seu discernimento. Estava disposto a destruir o Conselho para que Jaenelle ficasse com ele. Deveria ter se lembrado do que ela dissera sobre não permitir que o Conselho lhe infligisse mais cicatrizes na alma.

Ela tinha parado ambos, ele e o Conselho.

Saetan estava envergonhado por não ter compreendido o que Karla, Gabrielle, Chaosti e os outros perceberam assim que ouviram a expressão que Jaenelle utilizara. Amando a garota como a amava, morando com ela e testemunhando seu esforço diário para ser Rainha, já devia saber.

Sentindo-se bem melhor, dirigiu-se à sala do café da manhã.

Uma questão ainda o perturbava, ainda lhe causava uma ponta de dor de cabeça.

Em nome do Inferno, como Jaenelle tinha feito aquilo?

3 / Inferno

Hekatah olhou pela janela para a paisagem ressequida. Assim como os outros Reinos, o Inferno possuía estações do ano, embora no verão continuasse a ser uma terra fria, eternamente envolvida no crepúsculo.

Mais uma vez, tudo dera errado. De alguma forma, dera errado.

Contara com o Conselho para separar Saetan e Jaenelle. Não previra que a garota resistisse de uma forma tão grandiosa e assustadora.

A garota. Tanto poder para ser aproveitado. Deveria haver uma maneira de chegar a ela, alguma isca para atraí-la.

À medida que o pensamento ganhou forma, Hekatah começou a sorrir.

Amor. O ardor de um rapaz contra a afeição de um pai. Apesar de todo seu poder, a garota era uma idiota de coração mole. Dividida entre seus próprios anseios e as necessidades dos outros — necessidades que podia satisfazer sem riscos, já que não era mais virgem —, haveria de consentir, se o macho fosse hábil e atraente. Depois de algum tempo, com a ajuda de um afrodisíaco viciante, precisaria do sexo muito mais do que de um pai. A rejeição seria a única disciplina exigida caso relutasse diante de um pedido do amante. Todo aquele poder negro e sedutor oferecido a um homem que, logicamente, seria controlado por Hekatah.

Hekatah mordeu a unha do polegar.

Aquele jogo exigia paciência. Se ela se sentisse intimidada pelas investidas sexuais, rejeitando os avanços... Não era necessário se preocupar com isso. Saetan jamais toleraria, jamais permitiria que se tornasse frígida. Acreditava profundamente no prazer sexual — tanto quanto na fidelidade. Esta última tinha sido um problema; aquela garantiria que sua queridinha estaria madura para ser colhida dentro de um ou dois anos.

Sorridente, Hekatah se afastou da janela.

Pelo menos aquele filho da puta servia para alguma coisa.

4 / Kaeleer

Saetan ofereceu um copo de conhaque a Lord Magstrom antes de se sentar atrás da mesa de madeira escura. Era início da tarde, muito embora, depois de três “dias” de noite ininterrupta, não devessem ser muitos os homens com protestos sobre a hora apropriada de tomar o primeiro trago.

Saetan juntou os dedos à sua frente. Pelo menos os idiotas do Conselho haviam tido o bom-senso de enviar Lord Magstrom. Não teria concedido uma audiência a mais ninguém. Entretanto, não apreciou o aspecto selvagem do Senhor da Guerra, e esperava que o ancião se recobrasse plenamente da tensão dos últimos três dias. Saetan havia passado a maior parte da sua longa vida entre o crepúsculo e a alvorada, mas até mesmo ele sentia-se esgotado pela escuridão antinatural.

— Queria me ver, Lord Magstrom?

As mãos de Lord Magstrom tremiam ao levar à boca o conhaque.

— O Conselho está muito incomodado. Não gostam de ser feitos reféns desta forma, e me pediram que lhe apresentasse uma proposta.

— Não é comigo que tem de negociar, Senhor da Guerra. Foi Jaenelle quem estabeleceu as condições e não eu.

Lord Magstrom pareceu chocado.

— Pensamos...

— Pensaram errado. Nem mesmo eu possuo poder para tanto.

Lord Magstrom fechou os olhos. Estava ofegante.

— Sabe onde ela está?

— Acho que em Ebon Askavi.

— Por que foi para lá?

— É a casa dela.

— Mãe Noite — murmurou Magstrom. — Mãe Noite. — Esvaziou o copo de conhaque. — Acha que conseguiremos vê-la?

— Não sei. — Não valia a pena dizer a Magstrom que ele próprio tentara ver Jaenelle e, pela primeira vez na vida, fora barrado na Fortaleza, de forma educada, mas firme.

— Ela vai falar com a gente?

— Não sei.

— E você... falaria com ela?

Saetan arregalou os olhos, momentaneamente surpreso, antes de ser inundado pela raiva fria e incandescente.

— Por que faria isso? — perguntou, com uma falsa delicadeza.

— Para o bem do Reino.

— *Desgraçado!* — Com as unhas, Saetan riscou a mesa de madeira escura. — Você tenta tirar minha filha de mim e espera que eu resolva a situação? Não aprendeu nada durante a última visita? Não. Escolheu simplesmente destruir a vida que Jaenelle começava a construir de novo, sem pensar no que isso lhe provocaria. Tentou arrancar meu coração e, ao descobrir que há punições para suas ações malignas, quer que eu dê um jeito. Você tirou a guarda de Jaenelle de mim. Se quer acabar com isto, vá *você* a Ebon Askavi e enfrente o que o aguarda lá. E caso ainda não tenha percebido de quem se trata, vou lhe dizer. A Feiticeira o aguarda, Magstrom. A Feiticeira em sua plena glória. E a Senhora não está contente.

Magstrom gemeu e caiu na cadeira.

— Maldição. — Saetan respirou fundo, tentando controlar o mau humor enquanto enchia um copo com dois dedos de conhaque. Invocou um frasquinho e acrescentou à bebida uma pitada de pó medicinal. Segurando a cabeça de Magstrom, disse:

— Beba. Vai ajudar.

Depois de Magstrom recuperar os sentidos e respirar com mais calma, Saetan voltou à sua cadeira. Apoiando a cabeça nas mãos, olhou fixamente para as marcas de unha na mesa.

— Levarei a ela a proposta do Conselho da maneira que me for transmitida, e trarei a resposta dela nos mesmos termos. Não farei nada além disso.

— Depois do que acabou de me dizer, por que faria isso?

— Você não entenderia — rebateu Saetan.

Magstrom não disse nada durante alguns momentos.

— Acho que preciso entender.

Saetan passou as mãos no espesso cabelo negro e fechou os olhos dourados. Respirou fundo. Se estivesse no lugar de Magstrom, não iria querer uma resposta?

— Olho pela janela e me preocupo com os pardais e os tentilhões e com todas as outras criaturas diurnas, os inocentes que não conseguem entender a ausência da luz do dia. Acalento uma flor nas mãos na esperança de que sobreviva e sinto a terra esfriar a cada hora que passa. Não vou pelo Conselho, nem mesmo pelos Sangue. Vou pelos pardais e pelas árvores. — Abriu os olhos. — Entende agora?

— Sim, Senhor Supremo. — Lord Magstrom sorriu. — Foi uma sorte o Conselho ter concordado em me deixar negociar as condições da proposta. Se nós dois conseguirmos chegar a um acordo, talvez seja aceitável para a Senhora.

Saetan tentou, embora sem êxito, retribuir o sorriso. Eles nunca tinham presenciado a mudança nos olhos azul-safira de Jaenelle, nunca tinham visto sua transformação de criança em Rainha, nunca tinham visto a Feiticeira.

— Talvez.

Ficou grato por Draca ter lhe permitido entrar na Fortaleza. Essa gratidão diminuiu assim que Jaenelle apareceu à sua frente, no momento em que entrou no escritório.

— Entende isto? — perguntou, indicando um parágrafo de um livro de Arte.

Com o estômago embrulhado, Saetan invocou os óculos em meia-lua, colocou-os cuidadosamente sobre o nariz e leu o texto, obediente.

— Parece bastante simples — disse, logo depois.

Jaenelle se jogou no ar, de pernas abertas.

— Eu sabia — murmurou entre dentes, cruzando os braços. — Eu sabia que estava escrito em *machês*.

Saetan fez os óculos desaparecerem.

— Perdão?

— É uma bagunça. Geoffrey entende, mas não consegue me explicar de modo que faça sentido. E você também entende. Por isso, deve estar escrito em *machês*. Só é compreensível para quem tem um pênis e um saco.

— Considerando a idade de Geoffrey, acho que o problema dele não é o saco, criança-feiticeira — disse Saetan sarcasticamente.

Jaenelle resmungou.

Fique aqui, sussurrou uma parte dele. *Fique aqui com ela, desse jeito. Eles não o amam, nunca se interessaram por você, a menos quando precisaram de algum favor. Não pergunte a ela. Deixe para lá. Fique.*

Saetan fechou o livro e segurou-o bem junto ao peito.

— Jaenelle, precisamos conversar.

Jaenelle ajeitou o cabelo e fitou o livro fechado.

— Precisamos conversar — insistiu ele.

— Sobre o quê?

O fato de fingir que não sabia lhe dava nos nervos.

— Kaeleer, para começar. Você precisa quebrar o feitiço, a teia ou que quer que tenha feito ali.

— Vai terminar quando o Conselho decidir.

Ele ignorou a advertência na voz de Jaenelle.

— O Conselho me pediu...

— Você está aqui em nome do *Conselho*?

Entre uma inspiração e uma expiração, Saetan viu uma jovem feiticeira de mau humor se transformar em uma Rainha doce e predatória. Até a roupa mudou enquanto ela andava de um lado para outro no escritório. Quando, finalmente, parou diante de Saetan, seu rosto era uma máscara fria e bela, seus olhos continham a profundidade do abismo, as unhas estavam pintadas de um vermelho tão escuro que quase parecia preto e seu cabelo era uma nuvem dourada, com grampos prateados dos lados. O vestido parecia feito de fumaça e teias de aranha e ela tinha uma Joia Negra pendurada ao pescoço, sobre o peito.

Jaenelle colocou um dos seus conjuntos de Joias Negras, pensava Saetan, o coração batendo descontrolado. Quando teria feito *isso*?

Olhou-a diretamente nos olhos antigos, num desafio tácito.

— Maldição, Saetan — disse, sem emoção ou ternura.

— Vivo para agradá-la, Senhora. Faça de mim o que quiser. Mas liberte Kaeleer da meia-noite. Os inocentes não merecem esse sofrimento.

— E quem você chama de inocente? — perguntou, com sua voz cavernosa.

— Os pardais, as árvores, a terra — respondeu, calmamente. — O que eles fizeram para que o sol lhes fosse roubado?

Saetan viu o sofrimento nos olhos de Jaenelle antes que ela retirasse o livro de suas mãos com um puxão e virasse as costas.

— Não seja tolo, Saetan. Eu jamais prejudicaria a terra.

Jamais prejudicaria a terra. Jamais prejudicaria a terra. Jamais jamais jamais.

Saetan observou as correntes de ar no ambiente. Eram belas. Vermelho, violeta, azul-índigo. Não importava que as correntes de ar fossem incolores. Não importava se estava tendo alucinações. Eram belas.

— Há alguma cadeira neste escritório? — Ele se perguntou se Jaenelle o teria ouvido. Se teria dito aquelas palavras em voz alta.

A voz de Jaenelle fez com que as cores rodopiassem.

— Você não descansou *nada*?

Saetan sentiu o abraço aconchegante de uma cadeira às costas. Um xale grosso se enrolou em volta dos seus ombros, uma manta cobriu suas pernas. Uma infusão medicinal misturada com conhaque relaxou seus músculos

tensos. Mãos quentes e suaves afagaram seu cabelo, seu rosto. E uma voz, repleta de brisa de verão e meia-noite, repetiu seu nome sem parar.

Não precisava ter medo dela. Nada havia a temer. Tinha que encarar estas situações com calma e não se deixar abalar pela magnitude dos feitiços de Jaenelle. Afinal, ela ainda usava as Joias de Direito por Progenitura, ainda dava os primeiros passos na Arte. Assim que realizasse a Oferenda...

Gemeu. Jaenelle mandou que se calasse.

Envolvido pelo calor, ele estava refeito.

— Para os pardais e as árvores o sol tem se levantado, não é, criança-feiticeira?

— É claro — disse ela, apoiada no braço da cadeira.

— Na verdade, tem se levantado para tudo e para todos, à exceção dos Sangue.

— Siiiiim.

— Todos os Sangue?

Jaenelle ajeitou o cabelo e resmungou.

— Não consegui separar as espécies, por isso tive de colocar todos no mesmo saco. Mas enviei mensagens para que os parentes soubessem que é uma situação temporária — acrescentou rapidamente. — Pelo menos, espero que seja temporária.

Saetan se endireitou de repente.

— Você fez o feitiço sem ter certeza de que conseguiria anulá-lo?

Jaenelle fulminou-o com o olhar.

— É claro que consigo anulá-lo. Se vou anulá-lo ou não depende do Conselho.

— Ah. — Precisava dormir durante uma semana... Assim que visse o sol nascer. — O Conselho me pediu pra lhe dizer que reconsiderou a decisão.

— Ah. — Jaenelle se mexeu no braço da cadeira. O vestido deslizou, mostrando toda a sua perna.

Sua filha loura tinha pernas atraentes. Fortes e esguias. Esganaria o primeiro rapaz que tentasse enfiar a mão por baixo de sua saia para acariciar aquela coxa sedosa.

— Você me ajuda a traduzir aquele parágrafo? — perguntou Jaenelle.

— Não tem nada para fazer antes?

— Não. Isso tem de ser feito na hora certa, Saetan — acrescentou ela, enquanto a sobrancelha de Saetan começava a se erguer.

— Então temos tempo para matar.

Duas horas depois, ainda tentavam desvendar o parágrafo. Saetan estava praticamente disposto a concordar que havia realidades intraduzíveis entre os gêneros. Ainda assim, continuava buscando uma explicação, pois aquilo lhe despertava um prazer perverso.

Graças às Trevas, apesar da força e da intuição de Jaenelle, ainda havia certas coisas que sua Senhora de cabelo louro não conseguia fazer.



TERCEIRA PARTE

CAPÍTULO NOVE

1 / Terreille

Estava nas minas de sal de Pruul havia cinco anos.

Chegara o momento de morrer.

A fim de conseguir a morte completa e feroz que prometera a si mesmo, precisava vencer a força que Zuultah possuía de enfraquecê-lo com o Anel de Obediência. Não seria difícil. Como o achavam um covarde, os guardas não lhe davam muita atenção, e Zuultah tinha se tornado bastante negligente na utilização do Anel. Quando se lembrassem do que nunca deveriam esquecer sobre Lucivar, seria tarde demais.

Lucivar puxou a picareta da cintura do guarda e cravou-a no cérebro do homem, transmitindo, através do metal, força Cinza-Ébano suficiente para concluir o assassinato, estilizando sua mente e suas Joias.

Cerrando os dentes num sorriso selvagem, arrancou as correntes que o prendiam há cinco anos. Em seguida, invocou as Joias Cinza-Ébano e o largo cinturão de couro que guardava sua faca de caça e a espada de guerra eyriena. Ao longo dos séculos, muitas Rainhas tolas haviam tentado forçá-lo a entregar aquelas armas. Ele suportara os castigos e a dor e jamais admitira que estiveram sempre ao seu alcance — pelo menos, até fazer uso delas.

Desembainhando a espada de guerra, correu para a entrada da mina.

Os dois primeiros guardas morreram antes de notar sua presença.

Os dois seguintes explodiram ao serem atingidos pela Cinza-Ébano.

Os demais foram atropelados pelos escravos que corriam descontroladamente, tentando sair do caminho do enfurecido Príncipe dos Senhores da Guerra.

Lucivar lutava para abrir caminho entre a confusão de corpos. Chegou à entrada da mina e atravessou correndo o alojamento dos escravos, preparando-se mentalmente para um salto às cegas nas Trevas, na esperança de que, como uma flecha atirada de um arco, voasse diretamente para o Vento mais próximo e para a liberdade.

Uma dor atroz vinda do Anel de Obediência quebrou sua concentração justo no momento em que a flecha de uma balestra atravessou sua coxa, interrompendo a corrida. Uivando de raiva, Lucivar liberou uma extensa faixa

de poder através do anel Cinza-Ébano, dilacerando a mente e os corpos dos guardas que o perseguiam. Outra explosão de dor vinda do Anel de Obediência irrompeu por seu corpo. Apoiando-se na perna boa, equilibrou-se e enviou uma onda de poder à casa de Zuultah.

A casa explodiu. Choveram pedras nas construções ao redor.

A dor provocada pelo Anel parou subitamente. Lucivar sondou depressa e praguejou. A filha da puta estava viva. Atordoada e ferida, mas ainda viva. Hesitou, com ânsia assassina. Uma leve batida em suas barreiras interiores chamou de novo a atenção dos guardas que haviam sobrevivido. Corriam na direção de Lucivar, tentando combinar as forças de suas Joias para conseguir dominá-lo.

Idiotas. Podia fazê-los aos pedaços, e o teria feito pela alegria de vingar a dor com dor, mas a esta altura alguém já teria enviado um pedido de ajuda. E se Zuultah recobrasse os sentidos o suficiente para usar o Anel de Obediência...

O desejo de lutar corria em suas veias, entorpecendo a dor física. Talvez fosse melhor morrer lutando e transformar o Deserto de Arava num mar de sangue. O Vento mais próximo estava à distância de um longo salto às cegas. No entanto, fogo do Inferno, se Jaenelle havia conseguido pegá-lo aos sete anos, ele também conseguiria fazê-lo agora.

Sangue. Tanto sangue.

A amargura o fez se concentrar, se decidir.

Liberando outra explosão de poder pela Cinza-Ébano, recompôs-se e saltou para as Trevas.

Apoiado no poço, Lucivar encheu novamente a caneca com água doce e fresca e bebeu devagar, saboreando cada gole. Enchendo-a pela última vez, seguiu mancando até as ruínas do muro de pedra que estava a poucos passos dali e se instalou o mais confortavelmente possível.

O salto às cegas nas Trevas havia lhe custado caro. Zuultah tinha se recuperado o suficiente para enviar outra onda de dor pelo Anel de Obediência no exato momento em que Lucivar lançava-se nas Trevas, e ele esgotara metade das forças da Cinza-Ébano na tentativa desesperada de alcançar os Ventos.

Bebeu a água e ignorou o que o corpo sentia. Fome. Dor. Uma necessidade desesperada de dormir.

Um grupo de caçadores de Pruul estaria a três, talvez quatro horas dali. Poderia despistá-los, mas isso consumiria um tempo de que não dispunha. Uma mensagem transmitida de mente em mente chegaria a Prythian, a Sacerdotisa Suprema de Askavi, mais depressa do que Lucivar conseguia viajar neste momento, e ele não queria ser capturado por guerreiros eyrienos antes de chegar à Pista de Khaldharon.

E, se fosse possível, ainda havia um acerto de contas a fazer.

Lucivar pendurou a caneca no poço e esvaziou o balde. Satisfeito ao ver que estava tudo como havia encontrado, virou-se para sul e enviou o mais longe possível um chamado por um fio Cinza-Ébano.

Sadi!

Esperou um minuto, depois virou-se para sudeste.

Sadi!

Passado outro minuto inquieto, virou-se para leste.

Sadi!

Uma resposta vacilante. Débil, um tanto diferente, mas, ainda assim, familiar.

Lucivar suspirou como um amante satisfeito. Aquele era um local adequado para o Sádico tombar — de várias maneiras. As ruínas estavam repletas de rochas quebradas e caídas. Algumas seriam grandes o bastante para construir um altar improvisado. Ah, era sem dúvida um local bastante adequado.

Sorrindo, tomou um Vento Vermelho e dirigiu-se para leste.

Com exceção das histórias sobre Andulvar Yaslana, Lucivar nunca se interessara muito por história. Mas Daemon insistira uma vez que o Paço dos SaDiablo em Terreille tinha se mantido em bom estado de conservação até cerca de 1.600 anos antes, quando alguma coisa teria acontecido — não um ataque, mas alguma coisa — e quebrado os feitiços de preservação que perduravam há mais de 50 mil anos, o que havia provocado o início do declínio da construção.

Caminhando com cuidado pelas ruínas, Lucivar pensava que Daemon poderia ter razão. No local havia um vazio profundo, como se sua energia tivesse sido drenada de propósito. As pedras pareciam mortas. Não, mortas não. Famintas. Sempre que tocava em uma delas ao caminhar até um pátio interior, parecia que a pedra tentava sugar suas forças.

Seguiu o cheiro de madeira queimada, afastando a sensação de inquietude. Não tinha vindo ali para refletir sobre espectros. Em breve, ele mesmo seria um deles.

Mostrando os dentes cerrados num sorriso muito feroz, desembainhou a espada de guerra e entrou no pátio, permanecendo afastado do círculo de luz do fogo.

— Olá, Bastardo.

Daemon ergueu os olhos da fogueira, lentamente, e, com a mesma lentidão, identificou o som. Em seguida, exibiu um sorriso dócil e fatigado.

— Olá, Sacana. Veio me matar? — A voz de Daemon parecia entorpecida, como se ele não falasse há muito tempo.

A preocupação lutou contra a raiva até se tornar outro tempero da raiva. E a diferença no odor psíquico de Daemon o incomodava.

— Sim.

Acenando com a cabeça, Daemon se levantou e tirou o casaco rasgado.

Os olhos de Lucivar estreitaram-se enquanto Daemon abria os botões restantes da camisa, afastando-a para o lado e mostrando o peito, e dava a volta na fogueira, instalando-se num local onde a luz beneficiaria o agressor. Aquilo parecia errado. Tudo parecia errado. Daemon conhecia o suficiente de sobrevivência básica e sobre viver na terra — fogo do Inferno, ele próprio havia se assegurado disso — para se manter em condições melhores do que aquelas de agora. Lucivar examinou as roupas maltrapilhas e sujas, o corpo subnutrido que tremia à luz da fogueira, o olhar calmo e quase esperançoso daqueles olhos magoados e exaustos, e rangeu os dentes. A única pessoa que conhecera com a mesma indiferença em relação ao bem-estar físico era Tersa.

Talvez a voz de Daemon não estivesse entorpecida pela falta de uso, mas rouca por acordar gritando durante a noite.

— Você está preso, não é? — perguntou Lucivar baixinho. — Está preso no Reino Distorcido.

Daemon estremeceu.

— Lucivar, por favor. Você prometeu que me mataria.

Os olhos de Lucivar brilharam.

— Você a sente debaixo do seu corpo, Daemon? Sente a carne jovem ferida por suas mãos? Sente o sangue nas coxas enquanto se joga sobre ela, dilacerando-a? — Avançou. — Sente?

Daemon estremeceu.

— Eu não... — Ergueu uma mão trêmula, enrolando os dedos no emaranhado de cabelo. — Tanto sangue. Não desaparece. As palavras não desaparecem. Lucivar, por favor.

Certo de ter a atenção de Daemon, Lucivar recuou e embainhou a espada de guerra.

— Matá-lo seria uma gentileza que você não merece. Você deve a ela cada gota de dor que puder ser extraída de você até o fim dos seus dias. E eu lhe desejo uma vida muito longa.

Daemon limpou o rosto com a manga, deixando uma mancha de sujeira no rosto.

— Talvez quando voltarmos a nos encontrar você possa...

— Estou morrendo — retrucou Lucivar. — Não haverá próxima vez.

Uma brilho de compreensão apareceu no olhar de Daemon.

Lucivar sentiu um nó na garganta. As lágrimas ardiam os olhos. Não haveria reconciliação, nem compreensão, nem perdão. Somente uma amargura que se prolongaria para além da existência física.

Lucivar mancou para fora do pátio tão rápido quanto conseguiu, usando a Arte para apoiar a perna ferida. Procurando o caminho pelas pedras quebradas, na direção do que restava da teia de desembarque, ouviu um grito tão carregado de angústia que as pedras pareceram estremeecer. Caminhou aos tropeços até a teia, ofegante e com a visão embaçada pelas lágrimas, relutante em voltar atrás, relutante em partir.

No entanto, logo antes de apanhar o Vento Cinza que o levaria a Askavi e à fuga derradeira, olhou para as ruínas do Paço e sussurrou:

— Adeus, Daemon.

Lucivar estava à beira do barranco, no meio da Pista de Khaldharon, esperando o sol nascer para iluminar o cânion abaixo.

A Arte era o que o mantinha de pé, era o que lhe permitiria usar o trapo seboso em que suas asas haviam se transformado depois de serem consumidas pelo mofo.

Determinado a ver o sol nascer, ele observava as pequenas silhuetas escuras voando na sua direção — guerreiros eyrienos que vinham para matá-lo.

Olhou para baixo, para a Pista de Khaldharon, avaliando sombras e a visibilidade. As condições não eram boas. Seria insensato se jogar naquela perigosa mistura de vento e de Ventos escuros, com asas que mal funcionavam, quando não conseguia distinguir as paredes salientes do cânion das sombras nem identificar as curvas que criariam mudanças repentinas de ventos. Na melhor das hipóteses, seria uma corrida suicida.

E era por isso que estava ali.

As pequenas silhuetas escuras que se dirigiam a Lucivar eram cada vez maiores e mais próximas.

Ao sul, a luz do sol tocava a formação rochosa conhecida como Dragões Adormecidos. Uma rocha estava virada para o norte, a outra, para o sul. A Pista de Khaldharon terminava ali, e o mistério começava, pois ninguém que tivesse entrado numa daquelas bocas cavernosas e escancaradas jamais voltara.

Vários quilômetros ao sul dos Dragões Adormecidos, o sol já beijava a Montanha Negra, Ebon Askavi. Ali teria morado a Feiticeira, sua jovem e desejada Rainha, se nunca tivesse conhecido Daemon Sadi.

Os guerreiros eyrienos já estavam agora tão perto que Lucivar podia ouvir suas ameaças e maldições.

Sorrindo, abriu as asas, ergueu o punho e emitiu um grito de guerra eyrieno que silenciou tudo ao seu redor.

Foi então que mergulhou na Pista de Khaldharon.

Era tão emocionante e tão ruim quanto imaginara.

Nem com a Arte as asas esfarrapadas conseguiam lhe dar o equilíbrio de que necessitava. Antes de conseguir se estabilizar, o vento que soprava pelo desfiladeiro jogou-o contra a encosta lateral, quebrando suas costelas e a omoplata direita. Gritando em tom de desafio, conseguiu se afastar do rochedo, fazendo fluir para o corpo a força da Cinza-Ébano, enquanto voltava a mergulhar no centro da combinação feroz de forças.

No exato momento em que os outros eyrienos mergulharam na Pista, Lucivar tomou o fio Vermelho e iniciou a perigosa corrida em direção aos Dragões Adormecidos.

Em vez de entrar e sair dos Ventos em espiral com toda a sua força de

modo a manter a corrida o mais próximo possível do centro do desfiladeiro, Lucivar continuou no Vermelho, seguindo-o por estreitas aberturas na rocha, encolhendo as asas junto ao corpo para transpor as cavidades erodidas pelas intempéries, que arrancavam sua pele enquanto as atravessava.

O pé direito pendia incomodamente do tornozelo dilacerado. A metade externa da asa esquerda estava pendurada, inútil; seu esqueleto se partiu quando uma rajada de vento o lançou contra uma rocha. Os músculos das costas se rasgaram quando forçou as asas para fazer movimentos dos quais já não era capaz. Uma profunda ferida na barriga deixava que as entranhas caíssem por baixo do largo cinto de couro.

Sacudiu a cabeça, tentando afastar o sangue dos olhos, e soltou um rugido triunfante enquanto calculava como entraria entre as pedras pontiagudas, semelhantes a dentes.

Uma última rajada de vento o puxou para baixo e Lucivar entrou direto pela boca do Dragão. Um “dente” rasgou sua perna esquerda da cintura até o joelho.

Seguiu em direção à bruma em espiral, pretendendo chegar ao outro lado antes que suas forças se esgotassem e as Joias se esvaziassem.

Um movimento chamou sua atenção. Um rosto sobressaltado. Asas.

— Lucivar!

Esforçou-se até o limite, ciente de que seus perseguidores reduziam a distância que os separava a cada momento.

— LUCIVAR!

A outra boca tinha de estar... Ali! Mas...

Dois túneis. O da esquerda parecia conter uma luz crepuscular. O da direita parecia uma aurora suave.

A escuridão o ocultaria melhor. Seguiu em direção ao crepúsculo.

Uma agitação de asas à esquerda. Uma mão tentando agarrá-lo.

Chutou, contorceu-se para se esquivar e dirigiu-se ao túnel da direita.

— *LUU-CI-VAARRR!*

Passou pelos dentes e saiu, empinando para cima, ultrapassando a beira do desfiladeiro em direção ao céu da manhã, batendo as asas inúteis simplesmente devido a um orgulho obstinado.

E ali estava Askavi, como imaginara que teria sido há muito tempo. A corrente lamacenta sobre a qual voara era agora um rio profundo e límpido. A rocha árida era suavizada por primaveris flores silvestres. Além da Pista, a luz do sol se refletia em pequenos lagos e em riachos sinuosos.

Seus sentidos foram inundados pela dor. Sangue misturado com lágrimas.

Askavi. Pátria. Por fim, chegara em casa.

Lucivar bateu as asas uma última vez, curvou o corpo para trás lentamente, com graça e dor. Fechou as asas e mergulhou na água profunda e límpida.

O vento tentou arrancá-lo da pequena ilha que era seu único lugar de repouso neste mar interminável e impiedoso. As ondas o fustigavam, encharcando-o de sangue. Tanto sangue.

Você é meu instrumento.

As palavras mentem. O sangue, não.

As palavras andavam à sua volta, tubarões em sua mente que se aproximavam para arrancar mais um pedaço de sua alma.

Ofegante, engasgou-se com um pedaço de espuma sangrenta, enquanto enterrava os dedos na rocha que amoleceu de uma hora para outra. Gritou ao ver que a rocha sob suas mãos se transformara em feridas inchadas, de tom negro e roxo.

Carniceiro filho da puta.

Nãããão!

Eu a amava! Gritou. *Eu a amo! Não pretendia machucá-la.*

Você é meu instrumento.

As palavras mentem. O sangue, não.

Carniceiro filho da puta.

As palavras saltavam, brincalhonas, por cima da ilha, dilacerando cada vez mais fundo a cada passagem.

Dor que aprofundava a angústia que aprofundava o sofrimento atroz que aprofundava a dor até não haver mais dor.

Ou, talvez, ninguém para senti-la.

3 / Terreille

Surreal olhava estupefata para os destroços imundos e trêmulos daquele que tinha sido o homem mais perigoso e mais belo do Reino. Antes que ele pudesse recuar, arrastou-o para casa, fechou todas as fechaduras físicas da porta e, por via das dúvidas, trancou-as também com a Cinza. Depois de refletir por alguns instantes, pôs um escudo Cinza em todas as janelas para reduzir o risco de uma artéria cortada ou de um salto descontrolado de uma altura de cinco andares.

Fitou-o com atenção e perguntou-se se uma artéria cortada seria tão ruim assim. Ele estava ensandecido da última vez que o vira. Agora, além disso, parecia ter sido rasgado e esvaziado.

— Daemon? — chamou, devagar.

Daemon tremia, incapaz de se controlar. Seus olhos feridos, que mostravam apenas dor, encheram-se de lágrimas.

— Ele morreu.

Surreal se sentou no sofá e puxou-o para perto dela.

— Quem morreu? — Quem seria tão importante a ponto de produzir aquela reação?

— Lucivar. Lucivar *morreu*. — Enfiou a cabeça no colo de Surreal e chorou como uma criança inconsolável.

Surreal afagou o cabelo sebo e emaranhado de Daemon, incapaz de pensar em qualquer palavra de conforto. Lucivar fora importante para Daemon. Sua morte era relevante para ele. Porém, só de pensar em manifestar condolências já sentia ânsias de vômito. Na sua opinião, Lucivar também contribuíra para algumas das feridas na alma que empurraram Daemon para o abismo, e, agora, a morte do bastardo poderia ser o golpe fatal.

Quando ele parou de soluçar e começou a fungar quase em silêncio, Surreal invocou um lenço e o pôs na mão de Daemon. Faria muitas coisa por ele, mas isso não incluía assoar seu nariz.

Sem conseguir chorar mais, ele se sentou ao lado de Surreal, em silêncio. Ela ficou quieta, olhando fixamente para as janelas.

A rua isolada era bastante segura. Surreal tinha voltado ali várias vezes desde a última visita de Daemon, ficando por mais tempo a cada vez. Era um lugar onde se sentia confortável. Surreal e Wyman, o Senhor da Guerra que Daemon tinha curado, haviam criado uma amizade que mantinha a solidão afastada. Ali, com alguém para cuidar dele, talvez Daemon melhorasse um pouco.

— Daemon? Poderia ficar aqui comigo por um tempo? — Observando-o com atenção, não conseguia saber o que ele estaria pensando ou se estaria pensando.

Por fim, Daemon disse:

— Se você quiser.

Ela pensou ter visto em seus olhos um brilho hesitante de compreensão.

— Promete que fica? — insistiu. — Promete que não vai embora sem me avisar?

O brilho desapareceu.

— Não tenho outro lugar para ir.

4 / Kaeleer

Uma ligeira brisa. A luz do sol aquecia sua mão. Pássaros cantavam. Um conforto firme embaixo do seu corpo. Algodão suave por cima.

Lucivar abriu os olhos devagar e viu o teto branco e as colunas lisas. Onde...?

Por força do hábito, procurou imediatamente as possíveis rotas de fuga do

lugar. Duas janelas cobertas por cortinas brancas bordadas com flores. Uma porta na parede do outro lado da cama onde estava deitado.

Depois observou o resto do quarto. A mesinha de cabeceira e a cômoda de pinho. Um pedaço de madeira transformado em lampião. Uma cômoda, e sobre ela um suporte de bronze para cristais de música. Um cesto de costura aberto e cheio de romances. Uma cadeira grande e velha verde-escura e um descanso para os pés da mesma cor. Uma tela branca de bordados. Uma estante cheia de livros. Tapetes em tons de marrom entrelaçados entre si. Dois desenhos a carvão emoldurados — os bustos de um unicórnio e de um lobo.

Ao captar o odor psíquico feminino que impregnava as paredes e a madeira, Lucivar não conseguiu evitar uma careta involuntária. Depois, franziu a testa. Por alguma razão, aquele odor psíquico não lhe causava repulsa.

Voltou a olhar ao redor, confuso. Aquilo seria o Inferno?

Uma porta se abriu em outro ambiente. Ouviu uma voz feminina dizer:

— Está bem, vá lá, mas não o acorde.

Fechou os olhos. A porta se abriu. Ouviu o som de unhas no chão. Sentiu alguma coisa farejando seu ombro. Manteve os músculos relaxados, fingindo dormir, enquanto seus sentidos se esforçavam para identificar a criatura.

Sentiu um corpo peludo junto à sua pele nua. Um focinho frio e úmido farejava sua orelha.

Depois, um grunhido que o fez se sacudir, seguido de um silêncio satisfeito.

Cedendo à curiosidade e à sua necessidade de guerreiro de identificar um inimigo, Lucivar abriu os olhos, devolvendo o olhar surpreso do lobo por um instante. O animal deu um latido de satisfação e saiu às pressas do quarto.

Ele mal teve tempo de se recompor quando a mulher abriu a porta de repente, encostando-se no umbral.

— Então finalmente você decidiu se reunir aos vivos.

Parecia de bom humor, mas, a julgar pelo que via, a rouquidão na sua voz era fruto da tensão, do cansaço e do uso excessivo. Estava magra demais. Pela forma como as calças e a camisa estavam folgadas, era provável que tivesse perdido muito peso rapidamente e de um modo nada saudável. A trança loura, longa e solta, parecia tão pálida como a sua pele, e sob os belos e antigos olhos cor de safira era possível ver olheiras profundas.

Lucivar pestanejou. Engoliu com dificuldade. Lembrou-se, finalmente, de respirar.

— Gata? — sussurrou. Levantou a mão numa súplica muda.

Ela ergueu uma sobrancelha e foi até ele.

— Sei que você disse que me encontraria quando fizesse dezessete anos, mas nunca pensei que seria de uma forma tão dramática.

No momento em que tocou na sua mão, Lucivar puxou-a para cima dele, abraçando aquele corpo que se contorcia. Ria e chorava, ignorando os protestos abafados da garota:

— Gata, Gata, Gata, AI!

Jaenelle pulou para fora da cama, pondo-se fora do alcance de Lucivar, ofegante.

Lucivar esfregou o ombro.

— Você me mordeu.

A mordida não tinha importância — bem, tinha —, mas não gostava que ela se afastasse.

— Eu *disse* que não estava conseguindo respirar.

— E precisamos respirar? — perguntou ele, ainda esfregando o ombro.

Pelo olhar da garota, se fosse realmente felina, estaria com o pelo arrepiado.

— Não sei, Lucivar — disse, com uma voz que poderia queimar um deserto. — Eu poderia retirar seus pulmões, assim saberíamos se respirar é opcional.

A leve suspeita de que Jaenelle poderia estar falando sério foi suficiente para que Lucivar engolisse a observação atrevida que estava prestes a fazer. Além disso, já tinha muitas coisas confusas em que pensar, sem falar na necessidade de responder à mensagem urgente e básica que seu corpo lhe mandava. Fogo do Inferno, jamais poderia imaginar que estar morto fosse tão parecido com estar vivo.

Rolou para o lado, perguntando-se se os músculos ficariam sempre assim tão flácidos — existiria *alguma* vantagem em ser um demônio? — e puxou as pernas para fora da cama com esforço.

— Lucivar — disse Jaenelle com sua voz sombria.

Ele olhou-a de cima a baixo e decidiu ignorar o brilho perigoso que viu nos seus olhos. Conseguiu se sentar com um impulso, puxou o lençol para o colo e deu um sorriso frágil.

— Sempre me orgulhei da minha pontaria, Gata, mas nem mesmo eu consigo regar as flores a esta distância.

Felizmente, não entendeu nada do que ela lhe disse após os primeiros palavras em eyrieno que falou.

Jaenelle colocou o braço de Lucivar sobre seus ombros e passou o braço pela cintura dele. Assim, ajudou-o a se levantar.

— Vá com calma. Estou segurando grande parte do seu peso.

— Os machos que servem aqui é que deveriam estar fazendo isto, e não você — resmungou Lucivar, enquanto se arrastavam até a porta. Não sabia se estava mais envergonhado por estar nu ou por precisar do apoio de Jaenelle.

— Não há nenhum deles aqui. Ei!

Lucivar quase fez os dois perderem o equilíbrio ao tentar alcançar a porta, pois precisava se agarrar a alguma coisa. Sua querida Gata estava aqui sozinha, desprotegida, apenas na companhia de um lobo? Cuidando de suas...

— Você é uma jovem mulher — disse, com os dentes cerrados.

— Sou uma Curandeira qualificada. — Puxou-o pela cintura. Não adiantou nada. — Era mais fácil cuidar de você antes de você acordar.

Lucivar rosnou.

— Lucivar — disse Jaenelle com o tom de voz que as Curandeiras usavam com pacientes irascíveis e idiotas —, nas últimas três semanas você dormiu um sono regenerador. Levando isso em consideração, e tudo o que foi necessário para recompor você, acho que já vi cada centímetro do seu corpo mais de uma vez. Agora, você vai ficar babando aí no chão como um cachorrinho ou vamos chegar até o lugar aonde você quer ir?

Um desejo intenso de melhorar o suficiente para conseguir ficar de pé e esganá-la ajudou-o a chegar ao banheiro. O orgulho o fez rosnar para que Jaenelle permanecesse do lado de fora. A teimosia o manteve de pé tempo suficiente para que ele satisfizesse suas necessidades, enrolasse uma toalha em volta da cintura e chegasse à porta do banheiro.

A essa altura, suas energias e emoções estavam esgotadas, por isso não protestou quando Jaenelle o ajudou a caminhar até o banco perto da grande mesa de pinho na sala da cabana. Jaenelle começou a tocar as costas de Lucivar, que mantinha os olhos fixos na porta que dava para a rua, sem coragem de perguntar sobre a cura. Nesse momento, sentiu uma das asas abrindo-se bem devagar, guiada pelas mãos suaves de Jaenelle.

A asa voltou a se fechar. A outra se abriu. Quando Jaenelle veio para sua frente, Lucivar olhou para trás e viu, abismado, uma asa saudável e inteira. Aturdido, mordeu o lábio e piscou para evitar que as lágrimas caíssem.

Jaenelle olhou de relance para o rosto de Lucivar, voltando a centrar sua atenção na asa.

— Você teve sorte — disse, serena. — Mais uma semana e não restaria tecido saudável o suficiente para reconstruí-las.

Reconstruí-las? Levando em conta os danos provocados pelo mofo bolorento e pelas minas de sal, até mesmo as melhores Curandeiras eyrienas teriam amputado suas asas. Como ela tinha conseguido reconstruí-las?

Mãe Noite, como estava cansado... Este local pouco correspondia às suas expectativas. Precisava desesperadamente entender o que estava acontecendo e não sabia por onde começar.

Nesse momento, Jaenelle se inclinou para observar a parte inferior de sua asa e as Joias que pendiam de seu pescoço ficaram à vista. Mais tarde, ele iria se perguntar por que a Feiticeira usava uma Joia Azul-Safira. Agora, toda a atenção de Lucivar estava no pingente em forma de ampulheta suspenso sobre a Joia.

A ampulheta era o símbolo da Viúva Negra e, ao mesmo tempo, uma declaração e uma advertência sobre a feiticeira que a usava. Aprendizês usavam o pingente com o pó de ouro na metade superior do vidro. O pingente de uma assistente tinha o pó de ouro dividido igualmente entre a parte superior e a inferior. As Viúvas Negras qualificadas tinham todo o pó de ouro na parte inferior.

— Quando você se tornou uma Viúva Negra qualificada?

O ar à sua volta esfriou.

— E isso o incomoda?

Obviamente, incomodava muita gente.

— Não, estou apenas curioso.

Ela lhe deu um breve sorriso de desculpas e prosseguiu o exame. O ar voltou ao normal.

— No ano passado.

— E você também se tornou Curandeira qualificada?

Lucivar fechou a asa com todo o cuidado e ela começou a examinar seu ombro direito.

— No ano passado.

Lucivar assobiou.

— Foi um ano movimentado.

Jaenelle riu.

— Papai diz que ficou muito feliz por você ter sobrevivido.

Ele quase conseguia ouvir a lâmina passando pela pedra de amolar enquanto sentia suas emoções chegarem ao limiar da morte. Ela tinha um pai, uma família e, ainda assim, vivia sem companhia humana, nem mesmo de um criado. Estaria exilada aqui por causa da Ampulheta? Ou por ser Feiticeira? Assim que Lucivar estivesse recuperado, esse pai dela teria de se ajustar a algumas coisas — tal como este Príncipe dos Senhores da Guerra que agora a servia.

— Lucivar. — A voz de Jaenelle parecia tão distante como a mão que lhe apertava o ombro tenso. — Lucivar, o que está acontecendo?

No limiar da morte, o tempo passava devagar e era medido pelas batidas do coração de um tambor de guerra. O mundo se encheu de detalhes pessoais e pungentes. Uma lâmina cortaria o músculo, perfurando o osso. E a boca se encheria do vinho vivo no momento em que os dentes afundassem na garganta.

— Lucivar.

Lucivar pestanejou. Sentiu a tensão nos dedos de Jaenelle enquanto ela apertava seus ombros. Afastou-se daquele limiar, passo mental a passo mental, enquanto a selvageria dentro de si gritava para se libertar. Os sentidos entorpecidos pelas minas de sal de Pruul renasceram. A terra chamava por ele, seduzindo-o com cheiros e sons. Jaenelle também o seduzia. O objetivo não era o sexo, mas outro tipo de vínculo, tão poderoso quanto. Queria roçar a pele na dela para que ficasse impregnado com o cheiro físico de Jaenelle. Queria roçar a pele na dela para que *seu* próprio cheiro físico se impregnasse em *Jaenelle*, alertando outros para o fato de que um macho poderoso tinha pretensões em relação a ela, era pretendido por ela. Queria...

Virou a cabeça e abocanhou os dedos de Jaenelle, com força suficiente para mostrar dominância, sem no entanto feri-la. A mão dela relaxou em sinal de submissão, acolhendo as trevas no íntimo de Lucivar. E, uma vez que ela era capaz de acolhê-las, Lucivar entregou-se inteiramente.

Um minuto depois, de volta ao mundo real, reparou na porta aberta e nos três lobos na varanda coberta que o observavam com vívido interesse.

Jaenelle, inspecionando agora os músculos da clavícula e do peito, olhou de relance para os lobos e sacudiu a cabeça.

— Não, ele não pode brincar com vocês.

Ganindo desapontados, os lobos foram embora.

Lucivar examinou a paisagem emoldurada pela porta aberta.

— Nunca pensei que o Inferno fosse assim — comentou com delicadeza.

— O Inferno não é assim. — Deu um tapa na mão dele quando Lucivar tentou impedi-la de examinar seu quadril e sua coxa.

Esforçando-se para lembrar que não deveria esbofetear uma Curandeira, cerrou os dentes e tentou novamente encontrar respostas.

— Eu não sabia que as crianças demônias-mortas cresciam, nem que os demônios pudessem ser tratados.

Jaenelle deu a ele um olhar penetrante antes de examinar a outra perna. Calor e energia fluíram das suas mãos.

— As *cildru dyathe* não crescem e os demônios não podem ser tratados. Mas eu não sou *cildru dyathe* e você não é demônio, apesar do seu maldito empenho em se tornar um deles — completou, mordaz. Puxou uma cadeira com encosto plano, sentou-se à sua frente e segurou suas mãos. — Lucivar, você não está morto. Este não é o Reino das Trevas.

Ele tinha tanta certeza do contrário.

— Então... onde estamos?

— Estamos em Askavi. Em Kaeleer. — Olhou para ele com ansiedade.

— O Reino das Sombras? — Lucivar murmurou baixinho. Dois túneis. Num deles, uma luz crepuscular, no outro, uma suave aurora. O Reino das Trevas e o Reino das Sombras. Deu um largo sorriso. — Já que não estamos mortos, podemos sair para explorar a área?

Observou, intrigado, enquanto Jaenelle se esforçava para transformar o sorriso de orelha a orelha numa expressão comedida e profissional.

— Quando você estiver completamente curado — disse com severidade. Mas em seguida estragou tudo com uma risada melodiosa. — Ah, Lucivar, os dragões que vivem nas Ilhas do Fogo vão adorá-lo. Você não apenas tem asas, mas também é grande o bastante para deslizar nas ondas.

— Deslizar no quê?

Arregalou os olhos e mordeu o lábio inferior.

— Hum. Deixa pra lá — ela disse, com alegria demais, saltando da cadeira.

Ele a segurou pela parte de trás da camisa. Após uma breve luta que deixou Lucivar ofegante e Jaenelle muito além de amarrotada, ela voltou a se sentar.

— Por que está vivendo aqui, Gata?

— Qual é o problema? — perguntou ela, na defensiva. — É um lugar ótimo.

Lucivar semicerrou os olhos.

— Eu não disse que não era.

Jaenelle inclinou-se para a frente, fitando o rosto de Lucivar.

— Você não é um daqueles machos que ficam histéricos por qualquer

coisa, não é?

Lucivar inclinou-se para a frente, com os braços apoiados nas coxas, e sorriu, mostrando seu sorriso indolente e arrogante.

— Não sou chegado em histerias.

— Hum, hum.

O sorriso deixou aparecer parte dos seus dentes.

— Por quê, Gata?

— Os lobos podem ser mesmo uns fofoqueiros, sabia? — Olhou para ele, esperançosa. Ao ver que Lucivar não respondia, ajeitou o cabelo e suspirou. — Sabe, há momentos em que tenho necessidade de desaparecer e ficar junto à terra. Costumava vir aqui para acampar por alguns dias, mas, durante uma dessas excursões, choveu e dormi no chão molhado. Peguei um resfriado e os lobos correram para contar a papai. Ele disse que entendia minha necessidade de passar um tempo junto à terra, mas que não via qualquer razão que eu não pudesse ter um abrigo aqui. Respondi que um alpendre seria uma ótima ideia. Por isso ele mandou construir esta cabana. — Fez uma pausa e sorriu, apreensiva. — Papai e eu temos definições diferentes de “alpendre”.

Olhando para a grande lareira de pedra, para as sólidas paredes e para o teto e, em seguida, para a mulher-criança sentada à sua frente com as mãos entre os joelhos, Lucivar desfez, com relutância, o nó de raiva que sentia por este pai desconhecido.

— Sinceramente, Gata, prefiro a definição do seu pai.

Ela o fulminou com o olhar.

Podia ser Viúva Negra e Curandeira, mas mesmo à beira da maturidade conservava um pouco da inocência encantadora das jovens, fazendo com que Lucivar ainda pensasse nela como uma gatinha pulando para tentar pegar algum bicho.

— Então você não vive aqui o tempo todo? — perguntou, com cautela.

Jaenelle sacudiu a cabeça.

— A família possui várias residências em Dhemlan. A maior parte do tempo moro na casa de campo. — Olhou para ele de uma forma que Lucivar não conseguiu decifrar. — Meu pai é o Príncipe dos Senhores da Guerra de Dhemlan... entre outras coisas.

Era então um homem rico e de alta posição social. Provavelmente não aprovaria um cretino mestiço como companheiro para a filha. Bem, Lucivar cuidaria desse assunto depois.

— Lucivar. — Jaenelle fixou os olhos na porta aberta e mordeu o lábio.

Ele compreendia. Por vezes, esta era a parte mais difícil do tratamento: ter de dizer ao paciente, com honestidade, o que podia e o que não podia ser curado.

— As asas são meramente decorativas, não é?

— Não! — Jaenelle respirou fundo. — Os ferimentos foram graves. Todos eles, e não apenas os das asas. Tratei-os, mas o que vai acontecer de agora em diante depende em grande parte de você. Acho que deve levar uns três meses

para que as costas e as asas fiquem completamente curadas. — Mordeu o lábio. — Mas não há margem para erros aqui, Lucivar. Tive de extrair tudo que você tinha para conseguir esta regeneração. Se você voltar a machucar *qualquer coisa*, os danos poderão ser permanentes.

Lucivar pegou a mão de Jaenelle e acariciou seus dedos com o polegar.

— E se eu fizer do seu jeito? — Ele a observou com atenção. Naqueles olhos azul-safira não havia falsas promessas.

— Se fizer as coisas do meu jeito, daqui a três meses estaremos na Pista.

Ele baixou a cabeça, mas não com o intuito de esconder as lágrimas. Simplesmente porque necessitava de um momento íntimo para saborear a esperança.

Depois de recuperar o controle, sorriu para Jaenelle.

Ela sorriu também, em sinal de compreensão.

— Aceita uma xícara de chá? — Como Lucivar assentiu, Jaenelle saltou da cadeira e passou pela porta à direita da lareira de pedra.

— Será que minha Curandeira teria também alguma coisa para comer?

A cabeça de Jaenelle espreitou pela porta da cozinha.

— Que tal uma grande fatia de pão fresco ensopada em caldo de carne?

Tão comestível quanto um pedaço de madeira.

— Tenho escolha?

— Não.

— Parece ótimo.

Depois de algum tempo, Jaenelle voltou e ajudou-o a se mudar do banco para uma cadeira de encosto plano que ajudava a apoiar suas costas, e colocou uma grande caneca na mesa de pinho.

— É uma infusão medicinal.

Os lábios de Lucivar se fecharam num rosnado mudo. Todas as infusões medicinais que já havia tomado sempre tinham gosto de mato e mijo. Por isso, passara a achar que as Curandeiras a faziam ter esse gosto como um castigo para os que haviam se ferido ou ficado doentes.

— Não vou lhe dar mais nada até você beber tudo — acrescentou Jaenelle, com uma desagradável falta de solidariedade.

Lucivar ergueu a caneca e cheirou o líquido com cuidado. O cheiro era... diferente. Bebeu um pouco, mantendo a infusão na boca por um momento, fechou os olhos e engoliu. Perguntou-se como Jaenelle teria destilado numa infusão medicinal a sólida força das montanhas de Askavi, as árvores, as ervas e as flores que enriqueciam o solo, os rios que corriam pela terra.

— Isto é maravilhoso — murmurou.

— Fico feliz com sua aprovação.

— É verdade — insistiu, respondendo ao riso na voz de Jaenelle. — Essas infusões normalmente têm um gosto horrível, mas esta é agradável.

O riso se transformou em perplexidade.

— A princípio deveriam ter um sabor agradável, Lucivar. Do contrário, ninguém iria querer bebê-las.

Sem argumentos, Lucivar não disse nada, e tomou a infusão, satisfeito. Estava satisfeito o bastante a ponto de sentir quase benevolente em relação à tigela com pão ensopado em caldo de carne que Jaenelle colocou à sua frente, uma benevolência que ficou ainda maior quando reparou nos pedaços de carne espalhados sobre o pão.

Em seguida percebeu que Jaenelle também se preparava para comer.

— Pelo visto não fui o único que se esgotou até o limite durante este tratamento, não é, Gata? — disse com calma, incapaz de disfarçar a raiva. Como Jaenelle se atrevia a se arriscar desta maneira, sem ninguém para tratar dela?

Jaenelle corou ligeiramente. Brincou com a colher, esmigalhou o pão e, por fim, encolheu os ombros.

— Valeu a pena.

Ele cortava o pão quando lhe ocorreu outro pensamento. Deixaria aquilo para depois. Provou o pão e o caldo de carne.

— Você não só sabe preparar uma excelente infusão medicinal como também é uma boa cozinheira.

Jaenelle fungou magoada e olhou-o com raiva.

— Foi a Sra. Beale que fez este prato. Eu não sei cozinhar.

Lucivar comeu outra colherada e deu de ombros.

— Cozinhar não é tão complicado. — Ergueu os olhos e se perguntou se alguma vez um homem adulto teria sido espancado até a morte com uma colher de sopa.

— Você sabe cozinhar? — Ela perguntou com ar ameaçador. Bufou. — Há alguma razão para tantos machos saberem cozinhar?

Lucivar mordeu a língua para não dizer “instinto de sobrevivência”. Comeu um pouco mais.

— Posso ensinar você a cozinhar. Com uma condição.

— Qual?

Logo antes de responder, sentiu uma delicada fragilidade em Jaenelle, mas só poderia responder como o Príncipe dos Senhores da Guerra que era.

— A cama tem espaço para dois — disse, serenamente, percebendo a rapidez com que Jaenelle empalideceu. — Se você não se sentir à vontade, não há problema. Mas se alguém vai dormir em frente à lareira, esse alguém sou eu.

Vislumbrou uma centelha de ira, rapidamente dominada pela garota.

— Você precisa da cama — disse Jaenelle, entre dentes. — O tratamento não terminou.

— Como não há mais ninguém para tomar conta de você, eu, como Príncipe dos Senhores da Guerra, tenho o dever e o privilégio de me encarregar da sua proteção. — Ele invocava tradições antiquíssimas, há muito ignoradas em Terreille. Mas soube, pelo resmungo frustrado de Jaenelle, que elas prevaleciam em Kaeleer.

— Muito bem — disse ela, escondendo as mãos trêmulas no colo. —

Vamos dividir a cama.

— E os cobertores — acrescentou Lucivar.

O olhar hostil, misturado com o sorriso contido, revelou que Jaenelle não sabia o que pensar dele. Não importava. Nem ele mesmo sabia.

— Acho que também vai querer uma almofada.

Lucivar sorriu de forma indolente e arrogante.

— É claro. E prometo que não vou chutar você se roncar.

Como dominava o idioma eyrieno, os palavrões da garota poderiam fazer corar o capitão de um campo de caça.

Só mais tarde ele se lembrou, quando estava confortavelmente deitado de bruços na cama, com as asas abertas e ligeiramente apoiadas, e depois de Jaenelle e os lobos terem saído para dar um volta — uma palavra risível que afinal era uma descrição exata da dança intrincada e peluda realizada por três lobos em volta da garota, enquanto passeavam no fim da tarde.

Ele havia se lançado na Pista de Khaldharon com a intenção de morrer e, em vez disso, além de ter sobrevivido, encontrara também o mito vivo, a sua Rainha desejada.

Embora Lucivar sorrisse, as lágrimas começaram a cair, intensas e amargas.

Estava vivo. E Jaenelle estava viva. Daemon, porém...

Não sabia o que teria acontecido no Altar de Cassandra ou como aquele lençol tinha ficado encharcado com o sangue de Jaenelle ou o que Daemon teria feito, mas começava a entender o que aquilo custara.

Escondendo o rosto na almofada para abafar os soluços, fechando os olhos com força para rejeitar as imagens invocadas pela mente, viu Daemon. Em Pruul, naquela noite, extenuado, embora determinado. Nas ruínas do Paço dos SaDiablo em Terreille, destruído pelo pesadelo da loucura e disposto a morrer. Ouviu, novamente, a negação apavorada e enfurecida de Daemon. Ouviu, novamente, o grito angustiado que se erguia das pedras quebradas.

Naquela noite, se não estivesse tão dominado pelo ressentimento, se tivesse partido com Daemon, teriam encontrado uma forma de atravessar os Portões. E teriam encontrado Jaenelle, e passariam estes anos com ela, vendo-a crescer, participando das experiências que transformariam a criança na mulher, na Rainha.

Lucivar ainda faria isso. Estaria com ela nos últimos anos de transformação e conheceria o prazer de servi-la.

Daemon, porém...

Lucivar mordeu a almofada, abafando seu próprio grito angustiado.

Daemon, porém...

CAPÍTULO DEZ

1 / Kaeleer

Lucivar estava nas margens do bosque e não se sentia completamente preparado para sair da sombra da floresta e entrar no campo banhado pelo sol. Os dias andavam quentes o suficiente para se apreciar a sombra. Além disso, Jaenelle estava fora, numa espécie de viagem obrigatória, por isso não havia razão para pressa.

Num passo rápido, Fumaça escolheu uma árvore, levantou uma perna e olhou com expectativa, para Lucivar.

— Já marquei território bem lá atrás — informou Lucivar.

O suspiro de Fumaça era uma clara indicação do que os lobos pensavam sobre a capacidade humana de marcar território.

Bem-humorado, Lucivar esperou até Fumaça se afastar apressado antes de avançar para a luz do sol e abrir as asas para secá-las. A lagoa que Jaenelle lhe indicara ainda não tinha esquentado o suficiente, mas ele apreciara o mergulho refrescante.

Balançou as asas devagar, saboreando o momento. Estava no meio do tratamento. Se tudo continuasse indo bem, na semana seguinte faria um teste de voo com as asas. Era difícil ser paciente, mas, no final do dia, ao sentir a dor genuína e serena nos músculos, sabia que Jaenelle estava avançando no ritmo certo.

Fechou as asas e caminhou tranquilamente de volta para a cabana.

Entorpecido pela atividade física a que se tinha submetido e pela temperatura elevada, demorou um pouco para perceber que havia algo errado na forma como os dois jovens lobos corriam na sua direção. Jaenelle ensinara-o a se comunicar com os parentes. Lucivar ficara lisonjeado ao saber que eles eram bastante seletivos em relação aos humanos com quem decidiam falar. No entanto, neste momento, procurando se preparar ao ver os lobos correndo na sua direção, perguntou-se até que ponto a opinião que tinham dele dependeria da presença de Jaenelle.

Um minuto depois, estava mergulhado em pelo, tentando se equilibrar enquanto o lobo atrás dele o abraçou pela cintura com as patas dianteiras e o empurrou para a frente, e o animal que estava à sua frente colocou as patas nos seus ombros e lambeu seu rosto com cuidado, ganindo à espera de encorajamento.

Os pensamentos dos lobos chocavam-se em sua mente, perturbados demais para fazerem sentido.

A Senhora tinha voltado. Alguma coisa ruim estava prestes a acontecer. Os animais estavam receosos. Fumaça montava guarda, à espera de Lucivar. Lucivar tinha de ir agora. Era humano. Ajudaria a Senhora.

Ele se sentiu livre o suficiente para começar a caminhar às pressas até a cabana. Não haviam lhe dito que ela estava mal, portanto não estava ferida. Mas alguma coisa ruim estava prestes a acontecer. Alguma coisa que os deixava receosos de entrar na cabana e de estar com ela.

Lembrou de Fumaça ter ficado apreensivo quando Jaenelle lhe disse que se ausentaria por alguns dias.

Alguma coisa ruim. Alguma coisa que um humano poderia melhorar.

Esperava que eles tivessem razão.

Abriu a porta da cabana e compreendeu o receio dos lobos.

Jaenelle estava sentada na cadeira de balanço em frente à lareira, fitando o vazio.

A dor psíquica no quarto o atordoava. O escudo psíquico em volta de Jaenelle parecia ilusoriamente passivo, tão fácil de eliminar como uma teia de aranha. No entanto, sob a passividade jazia algo que, ao ser libertado, teria efeitos brutais.

Apertando as asas bem junto ao corpo, Lucivar contornou o escudo, cautelosamente, até ficar de frente para a garota.

A Joia Negra em volta do pescoço de Jaenelle resplandecia com um fogo mortífero.

Lucivar estremeceu, sem saber se temia por ele mesmo ou por ela. Fechou os olhos e fez promessas impulsivas para as Trevas permitirem que ele não vomitasse ali mesmo.

Como havia morado em Terreille durante a maior parte da vida, Lucivar sabia reconhecer alguém que tivesse sido torturado. Imaginava que Jaenelle não teria sido machucada fisicamente, mas havia tipos imperceptíveis de abusos tão destrutivos quanto. Sem dúvida seu corpo tinha pagado um preço terrível nos últimos quatro dias. O que ela engordara fora consumido, levando também o músculo que ela havia adquirido treinando com ele. A pele de seu rosto estava retesada e tinha um aspecto tão frágil que parecia prestes a rasgar. Seus olhos...

Não conseguia suportar o que via nos olhos.

Ela estava ali sentada, esvaindo-se em sangue por causa de uma ferida na alma e Lucivar não sabia como ajudá-la, não sabia se haveria algo que *pudesse* fazer que a ajudasse realmente.

— Gata? — chamou, com delicadeza. — Gata?

Sentiu a repulsa dela quando enfim olhou para ele, viu as emoções que se contorciam naqueles olhos inquietos e insondáveis.

Piscou. Mordeu o lábio inferior com força suficiente para sangrar. Voltou a piscar.

— Lucivar. — Não era uma pergunta nem uma afirmação. Era uma identificação dolorosamente extraída do fundo do seu interior. — Lucivar. — Os olhos se encheram de lágrimas. — Lucivar? — Uma súplica por consolo.

— Abaixo o escudo, Gata. — Viu-a com dificuldade para entender. Doces Trevas, como era jovem. — Abaixo o escudo. Deixe-me passar.

O escudo se dissolveu. Assim como Jaenelle. Mas ela já estava nos braços de Lucivar quando começou a chorar convulsivamente. Lucivar se sentou na cadeira de balanço e abraçou-a com força, murmurando sons reconfortantes, tentando lhe transmitir algum calor com massagens em seus membros gelados.

Quando ela parou de soluçar e começou apenas a fungar, passou o rosto nos cabelos de Jaenelle.

— Gata, acho que é melhor levar você para a casa do seu pai.

— Não! — Empurrou-o, lutando para se libertar.

As unhas poderiam ter chegado até seus ossos. O veneno do dente de serpente poderia matar dois dele. Um fluxo das Joias Negras poderia ter destruído suas barreiras interiores, transformando-o num mero invólucro gosmento.

Em vez disso, ela se debateu inutilmente contra um corpo mais forte. Isso lhe disse mais sobre o temperamento de Jaenelle do que qualquer outra coisa que pudesse ter feito — e também explicou por que isso acontecera, em primeiro lugar. Em algum momento, seu temperamento havia se libertado e o resultado a assustara muito. Naquele momento, ela não confiava em si mesma para demonstrar *qualquer* tipo de raiva — mesmo que fosse em legítima defesa. Bem, Lucivar *podia* fazer algo em relação a isso.

— Gata...

— Não. — Empurrou-o mais uma vez. No entanto, fraca demais para continuar lutando, caiu em cima de Lucivar.

— Por quê? — Podia pensar numa razão para ela ter medo de ir para casa.

As palavras saíram de rompante.

— Sei que estou com um aspecto horrível. É por isso que não posso ir para casa agora. Se papai me visse, ficaria preocupado. Iria querer saber o que aconteceu, e não posso lhe dizer, Lucivar. Não posso. Ficaria zangadíssimo, voltaria a discutir com os membros do Conselho das Trevas e isso só lhe traria mais problemas.

Na opinião de Lucivar, o pai de Jaenelle explodir num surto de raiva assassina pelo que tinha sido infligido à filha seria bastante positivo. Infelizmente, Jaenelle não concordava. Preferia suportar algo que a devastasse a causar problemas entre seu querido papai e o Conselho das Trevas. Isso poderia convir a ela, ao Conselho das Trevas e a seu papai, mas não a Lucivar.

— Isso não é o suficiente, Gata — disse, mantendo a voz baixa. — Ou você me diz o que aconteceu ou levo você ao seu pai agora mesmo.

Jaenelle fungou.

— Você não sabe onde ele mora.

— Ah, tenho certeza de que se fizer um grande escândalo, alguém terá muito prazer em me dizer onde encontrar o Príncipe dos Senhores da Guerra de Dhemlan.

Jaenelle examinou seu rosto.

— Você é um cretino, Lucivar.

Ele sorriu com um ar indolente e arrogante.

— Eu lhe disse isso da primeira vez que nos encontramos. — Aguardou um momento, esperando não ter de instigá-la, mas sabendo que teria de ser assim.

— Como vai ser, Gata?

Jaenelle se contorceu. Ele compreendia esse gesto. Se alguém o colocasse entre a cruz e a espada, também se contorceria. Sentiu que Jaenelle pretendia se distanciar fisicamente antes de lhe contar. Mas imaginava que ouviria algo mais próximo da verdade se a mantivesse presa em seu colo.

Cedendo, por fim, ela ajeitou o cabelo e suspirou.

— Aos doze anos, fui gravemente ferida...

Tinha sido assim que lhe explicaram a violação? Fora ferida?

— ... e papai tornou-se meu tutor legal. — Parecia estar com dificuldades para respirar e sua voz baixou de tal forma que, mesmo tão próximo, Lucivar teve de se esforçar para ouvi-la. — Despertei, voltei ao meu corpo, dois anos depois. Estava... diferente quando voltei, mas papai me ajudou a reconstruir minha vida, uma coisa de cada vez. Contratou professores e estimulou meus amigos a me visitarem. Ele me compreendia. — Sua voz ganhou um tom ácido. — Contudo, o Conselho das Trevas não achou que papai fosse um tutor apropriado e tentaram me afastar dele e do resto da família. Por isso, impedi que fizessem isso e tiveram de me deixar ficar com papai.

Ela os impedira. Lucivar imaginou de que maneiras poderia ter feito isso. Pelo visto, não fora suficiente.

— Para tranquilizar o Conselho, concordei em passar uma semana a cada temporada na companhia de famílias aristocráticas da Pequena Terreille.

— Isso não explica o motivo de você ter voltado nestas condições — disse Lucivar, com toda a calma. Massageou o braço de Jaenelle, tentando aquecê-la. Ele transpirava. Ela ainda tremia de frio.

— É como se eu voltasse a viver em Terreille — sussurrou Jaenelle. Seus olhos voltaram a ficar perturbados. — Não, pior do que isso. É como viver em... — Fez uma pausa, desorientada.

— Até os aristocratas da Pequena Terreille precisam comer — disse ele, com delicadeza.

Jaenelle ficou com o olhar perdido. Sua voz estava inexpressiva.

— Não podemos confiar na comida. Nunca confie na comida. Mesmo que seja provada antes, nem sempre será possível detectar a maldade até que seja tarde demais. Não podemos dormir. Não devemos dormir. Vão nos achar, de qualquer maneira. As mentiras são verdades, e a verdade é castigada. Garota

má. Garota ruim da cabeça por inventar mentiras assim.

Um murro gelado socou os rins de Lucivar enquanto ele imaginava qual seria o pesadelo que Jaenelle estava percorrendo em sua paisagem interior.

Segurando o queixo entre o polegar e o indicador, Lucivar virou-se para ela, forçando-a a olhar para ele.

— Você não é uma garota má, não está ruim da cabeça e não está mentindo — disse, com firmeza.

Jaenelle pestanejou. Seu olhar era confuso.

— O quê?

Teria entendido se ele lhe dissesse o que acabara de ouvir? Duvidava.

— Então a comida não presta e você não dorme bem. Mas isso ainda não é o suficiente para explicar o estado em que você voltou. O que fizeram com você, Gata?

— Nada — sussurrou Jaenelle, fechando os olhos. Cada palavra parecia arrancada dela. — É que os rapazes esperam ser beijados e...

— Esperam *o quê*? — rosnou Lucivar.

— Sou f-f-frígida e...

— Frígida! — exclamou Lucivar, ignorando o grito assustado da garota. — Você tem dezessete anos. Esses filhos da puta não deveriam tentar *nada* com você que pudesse sequer levantar a questão de ser ou não “frígida”. E, em nome do Inferno, onde estavam os responsáveis?

Ele se balançava furioso, afagando o cabelo dela com uma das mãos enquanto o outro braço a envolvia, protegendo-a. Saiu rapidamente da neblina vermelha ao ouvir o pequeno grito de dor de Jaenelle quando beliscou seu braço sem querer. Resmungou um pedido de desculpas, colocou-a de novo no colo e começou a balançar em um ritmo mais relaxante. Passados alguns minutos, sacudiu a cabeça.

— Frígida — disse, com um suspiro de aversão. — Bem, Gata, se relutar em que alguém babe em cima de você ou a apalpe e aperte é a definição deles de frigidez, neste caso também sou frígido. Eles não têm qualquer direito de usar você, não importa o que digam. Qualquer homem que lhe diga o contrário merece uma faca no peito. — Olhou para ela, examinando-a, e, em seguida, balançou a cabeça. — Provavelmente, dilacerar um homem não seria fácil para você. Não faz mal. Para mim é.

Jaenelle arregalou os olhos.

Ele pôs a mão em sua nuca e a massageou com delicadeza.

— Ouça com atenção, Gata, só direi isto uma vez. Você é a Senhora mais requintada que já conheci e minha amiga mais querida. Além disso, amo você como uma irmã. O canalha que magoar minha irmãzinha terá de se ver comigo.

— Você n-não pode — murmurou. — O acordo...

— Eu não faço parte do maldito acordo. — Sacudiu-a de leve, imaginando uma forma de fazer com que aquele olhar frágil e magoado desaparecesse. Foi então que abriu um sorriso. Teria de agir como agiria com qualquer felino que

quisesse provocar: irritando-a. — Além do mais, Senhora — disse, com um rosnado cortês —, você quebrou a promessa solene que fez para mim. E quebrar uma promessa feita a um Príncipe dos Senhores da Guerra é uma ofensa gravíssima.

Os olhos de Jaenelle soltavam faíscas. Ele quase conseguia ver suas costas se arquearem e o pelo inexistente se arrepiando. Talvez não precisasse ir tão fundo para trazer à superfície um pouco da sua índole.

— Nunca fiz isso!

— Fez, sim. Lembro-me claramente de ensinar você o que fazer caso...

— Eles não estavam atrás de mim!

Lucivar semicerrou os olhos.

— Não tem amigos machos que sejam humanos?

— Claro que tenho!

— E nenhum deles levou você para os fundos do celeiro e lhe ensinou a usar o joelho?

De repente, Jaenelle começou a olhar para as unhas.

— Foi o que pensei — disse Lucivar, com frieza. — Por isso, você tem duas opções. Se algum desses elegantes e perversos machos aristocratas lhe fizer algo que não aprove, você pode lhe dar uma forte joelhada no saco, ou eu vou começar pelos pés e terminar no pescoço, quebrando todos os ossos pelo caminho.

— Você não faria isso.

— Não é assim tão difícil. Já fiz isso antes.

Aguardou um minuto e bateu no queixo de Jaenelle, que fechou a boca.

Nesse momento, ela parecia distante.

— Mas, Lucivar — disse, fragilmente. — E se a culpa for minha por ele estar excitado e precisar se aliviar?

Ele bufou, bem-humorado.

— Você não caiu nessa, não é?

Jaenelle semicerrou os olhos até eles virarem uma mínima fenda.

— Não sei como funciona em Kaeleer, mas, em Terreille, os rapazes podiam se registrar numa casa da Lua Vermelha e, além de conseguirem o “alívio” desejado, também podiam aprender mais do que uma transa de trinta segundos.

Jaenelle fez um som abafado que poderia ser uma gargalhada reprimida.

— E, se não tiverem dinheiro para uma casa da Lua Vermelha, podem se aliviar sozinhos com muita facilidade.

— Como?

Lucivar conteve a cara feia. Às vezes, despertar sua atenção era tão fácil como fazer um novelo de linha rolar diante de um gatinho.

— Não sei bem se seu irmão mais velho seria a pessoa mais indicada para lhe dar essa explicação — disse, um pouco formal.

Jaenelle observou Lucivar.

— Você não gosta de sexo, não é?

— Não das experiências que tive, é verdade. — Passou a mão pelos dedos de Jaenelle, pois precisava ser honesto. — Mas sempre pensei que, se gostasse de uma mulher, seria maravilhoso lhe dar esse tipo de prazer. — Sacudiu-se e pôs Jaenelle de pé. — Chega desta conversa. Você precisa comer e recuperar as forças. Há sopa de caldo de carne e um pão fresco.

Jaenelle empalideceu.

— Acho que não vou conseguir. Não depois de...

— Tente.

Quando se sentaram para comer, ela conseguiu engolir três colheres de sopa e um bocadinho de pão antes de correr para o banheiro.

Lucivar começou a tirar a mesa. Estava colocando a sopa de volta na panela quando Fumaça entrou furtivamente na cozinha.

Lucivar?

Lucivar ergueu sua tigela.

— Está servido?

Fumaça ignorou a oferta.

Agora chegar sonhos ruins. Magoar a Senhora. Não falar com a gente, não querer nos ver, não querer machos perto. Não comer, não dormir, andar andar andar, rosnar para a gente. Agora sonhos ruins, Lucivar.

Os sonhos ruins vêm sempre depois destas visitas?, perguntou Lucivar, limitando os pensamentos a um fio masculino.

Fumaça cerrou os dentes num rosnado mudo.

Sempre.

Lucivar sentiu um nó no estômago. Então aquilo não terminava assim que ela saía da Pequena Terreille.

Quanto tempo isso dura? Os parentes tinham um sentido fluido do tempo, mas pelo menos Fumaça compreendia as diferenças básicas entre dia e noite.

Fumaça inclinou a cabeça.

Noite, dia, noite, dia... talvez noite.

Logo, Jaenelle passaria esta noite e os próximos dois dias tentando superar os pesadelos que espreitavam, esgotando o corpo já exausto, que sucumbiria impiedosamente por falta de comida, água e repouso. Que tipos de sonhos poderiam levar uma jovem mulher a tal crueldade masoquista?

Naquela noite, descobriu a resposta.

A alteração na respiração de Jaenelle despertou-o bruscamente de um sono leve. Apoiando-se num braço, ele estendeu o outro para tocar seu ombro.

Não poder acordar quando chegar sonhos ruins. Ao pé da cama, os olhos de Fumaça brilhavam ao luar.

Por quê?

Não nos ver. Não nos conhecer. Tudo sonhos.

Lucivar praguejou em silêncio. Se cada som, cada toque fosse engolido pela paisagem onírica...

O corpo de Jaenelle se curvou, rígido.

Lucivar observou os músculos tensos e inflexíveis e voltou a praguejar. Na manhã seguinte, ela estaria completamente dolorida.

A tensão abandonou o corpo. Jaenelle sucumbiu no colchão, contorcendo-se, gemendo, suada.

Precisava acordá-la. Nem que fosse necessário colocá-la debaixo do chuveiro ou caminhar com ela o resto da noite pelos campos, mas iria acordá-la.

Voltou a estender a mão... e Jaenelle começou a falar.

Cada palavra era um golpe físico enquanto as memórias jorravam.

Lucivar inclinou a cabeça e, com o corpo tremendo, ouviu Jaenelle falar sobre e com Marjane, Myrol, Rebecca, Dannie e, em especial, Rose. Ouviu os horrores testemunhados e suportados por meninas num lugar chamado Briarwood. Ouviu os nomes dos homens que machucaram todas elas. E sofreu com Jaenelle enquanto ela revivia a violação que dilacerara seu corpo e estilhaçara sua mente, a violação que a levava, em desespero, a tentar romper a ligação entre o corpo e o espírito.

Mergulhando uma vez mais no abismo inalcançável, respirou profunda e irregularmente, murmurou um nome e sossegou.

Ficou olhando para ela durante vários minutos até ter a certeza quase absoluta de que seu sono era profundo. Então, foi ao banheiro e vomitou em silêncio.

Bochechou, foi para a cozinha sem fazer barulho e serviu uma dose generosa de uísque. Saiu nu para o alpendre, permitindo que a brisa noturna secasse o suor da pele enquanto bebia.

Fumaça saiu da cabana e ficou tão próximo que seu pelo fazia cócegas na pele nua de Lucivar. Os dois jovens lobos estavam aninhados na extremidade mais distante do alpendre.

Nunca se lembra, não é?, Lucivar perguntou a Fumaça.

Não. As Trevas são bondosas.

Talvez ela não estivesse preparada para enfrentar aquelas recordações. Com certeza, não iria forçá-la. Porém, tinha a sensação perturbadora de que chegaria o dia em que alguém ou alguma coisa a forçaria a abrir a porta, e, nesse momento, ela teria de enfrentar o passado. Até lá, manteria certas questões em silêncio — e esperava que ela o perdoasse.

Percebera o sofrimento de Jaenelle ao falar dos homens que a machucaram. Percebera o seu sofrimento ao falar sobre o homem que a violara.

Mas na única vez em que havia mencionado Daemon, seu nome soara como uma promessa, uma carícia.

Contendo as lágrimas e dominando a culpa que sentia, Lucivar terminou o uísque e entrou na cabana.

Lucivar instalou-se no tronco da árvore que marcava o ponto intermediário habitual para os passeios. O verão havia terminado. Ele estava completamente recuperado. Dois dias antes, completara com sucesso a Pista de Khaldharon. Ontem, com Jaenelle, fora às Ilhas do Fogo para brincar com os pequenos dragões de lá. Hoje, passaria o dia à toa de bom grado, mas alguma coisa havia tirado Jaenelle da cabana naquela manhã no momento em que voltavam, e, pela forma como ela se esquivava das suas perguntas, era evidente que tinha a ver com ele.

Bem, como não fora possível atrair a gatinha com um novelo de lã, com certeza um rápido mergulho numa banheira de água fria a provocaria.

— Você podia ter me avisado, Gata.

Jaenelle se agitou.

— *Avisei* para você prestar atenção no ângulo ao deslizar naquela onda. — Olhou de relance para o tronco de Lucivar. Mordeu o lábio inferior. — Lucivar, esse hematoma negro tem um aspecto horrível. Tem certeza...

— Eu não estava falando da onda — disse Lucivar, entre os dentes. — Estava me referindo às frutas azedas.

— Ah. — Jaenelle se sentou junto ao tronco e olhou para ele de soslaio. — Bem, pensei que o nome funcionasse como aviso para uma pessoa não sair mordendo uma fruta desconhecida.

— Eu estava com sede. Você havia me dito que tinha bastante suco.

— E tem — reafirmou Jaenelle, tão racional que ele ficou com vontade de lhe dar uma surra. Ela abraçou os joelhos. — Os dragões ficaram bastante impressionados com os sons que você emituiu. Não sabiam se estava demonstrando pretensões territoriais ou se era um ritual de acasalamento.

Lucivar estremeceu ao se lembrar do momento em que mordera aquele fruto com um nome tão adequado. Cheio de suco, era verdade. Ao mordê-lo, o líquido inundara sua boca, com uma doçura maravilhosa por um instante. Logo os dentes se crispavam e a garganta se fechou ao sentir a acidez. Esperneara e gritara de tal forma que entendia por que os dragões acharam que estava fazendo uma dança de acasalamento eyriena. Para piorar, os dragões tinham comido as frutas azedas durante aquele seu ataque ridículo, enquanto Jaenelle as mordia com elegância e observava a cena de olhos arregalados, apreensiva.

Aquela traidorazinha. Estava sentada ao seu alcance, a tolinha que confiava nele. Desarmada. Queria sentir sua pele nas mãos. O estrangulamento seria rápido demais, definitivo. Podia puxá-la, deitá-la no seu colo e bater em seu traseiro até ficar com a mão em brasa...

Jaenelle mudou de posição, saindo de seu alcance.

Lucivar sorriu, com os dentes cerrados, em reconhecimento do movimento.

Distanciando-se um pouco mais, Jaenelle começou a arrancar a grama.

— Uma vez, dei uma fruta azeda à Sra. Beale — disse, baixinho.

Lucivar tinha o olhar fixo nos campos. Nos últimos três meses, havia escutado muitas histórias sobre a cozinheira que trabalhava para a família de Jaenelle.

— Disse a ela como se chamavam?

— Não. — Um sorriso vago e satisfeito surgiu nos lábios de Jaenelle.

Lucivar cerrou os dentes.

— O que aconteceu?

— Bem, Papai me perguntou se eu sabia o motivo daqueles berros que vinham da cozinha e eu disse que achava que sim. Ele respondeu: “Compreendo.” Em seguida me enfiou em uma das nossas carruagens e disse a Khary para me levar para a casa de Morghann, uma vez que Scelt fica do outro lado do Reino.

Lucivar esforçava-se para manter uma expressão séria. Apertou o pulso esquerdo com a mão direita com força suficiente para doer. Ajudou.

— Na manhã seguinte, a Sra. Beale encurralou papai no escritório e disse que eu tinha lhe dado um novo tipo de fruta e que, depois de pensar no assunto, ela havia decidido usá-la para realçar o sabor de vários pratos simples. Por isso gostaria que eu colhesse algumas. Em seguida, colocou um cesto de vime na mesa de papai. Ele disse que não sabia de onde vinha a fruta e a Sra. Beale retrucou que obviamente eu sabia. Então papai disse com toda a educação que eu não estava em casa e a Sra. Beale sugeriu que ele fosse me procurar e que trouxéssemos a tal fruta. Assim, papai foi me procurar e levamos a fruta. E como as Ilhas do Fogo são um Território restrito, a Sra. Beale é invejada por outras cozinheiras por esse tempero especial.

Lucivar esfregou a cabeça com força, alisando depois o cabelo preto, que batia na altura dos ombros.

— A Sra. Beale é mais forte que seu pai?

— Nem de perto — disse Jaenelle, ácida, para depois acrescentar, sentidamente: — É que ela é bastante... *volumosa*.

— Gostaria de conhecer a Sra. Beale. Acho que estou apaixonado. — Reparou na expressão escandalizada de Jaenelle, então escorregou do tronco para o chão e riu. Não conseguiu parar de rir quando Jaenelle o tocou e disse, com ar preocupado: — Você estava brincando, não estava, Lucivar? Lucivar?

Dando um grito, puxou-a para cima dele, abraçando-a com força suficiente para agarrá-la, mas sem assustar.

— Você devia ser eyriena — disse, assim que conseguiu conter as gargalhadas. — Está à altura.

Depois, afastou o cabelo do seu rosto.

— O que foi, Gata? — perguntou com gentileza. — O que você tem para me dizer que é tão amargo assim que quis me dar esta explosão de doçura antes?

Jaenelle passou os dedos pela clavícula de Lucivar.

— Você está curado.

Quase conseguia saborear a relutância.

— E?

Ela rolou por cima dele, deu um salto e ficou de pé, num movimento mais gracioso do que qualquer criatura domada poderia realizar.

Lucivar levantou-se devagar, abriu as asas de repente para sacudir o pó e a grama, voltou a se sentar no tronco da árvore e aguardou.

— Até mesmo depois da guerra entre Terreille e Kaeleer, as pessoas atravessavam os Portões — disse Jaenelle baixinho, com os olhos fixos no horizonte. — A maioria havia nascido no local errado e procurava sua “terra natal”. E sempre houve algum comércio entre Terreille e a Pequena Terreille.

“Há alguns anos, o Conselho das Trevas aceitou uma convivência mais aberta com Terreille e muitos dos Sangue aristocratas começaram a ir para ver o Reino das Sombras. A quantidade de Sangue de classe mais baixa que pretendia imigrar para Kaeleer deveria ter servido como aviso ao Conselho sobre o estado das cortes em Terreille. No entanto, a Pequena Terreille abriu os braços para acolher os laços de sangue. Mas Kaeleer não é Terreille. A Lei dos Sangue e o Protocolo podem ter interpretações... diferentes.

“Foram muitos os terreillianos que se recusaram a compreender que o que praticavam impunemente em Terreille não era tolerado em Kaeleer e morreram.

“Ano passado, em Dharo, três machos terreillianos violaram uma jovem feiticeira por diversão. E com tanta violência que sua mente ficou estilhaçada, e nada restou para guiá-la de volta ao corpo. Tinha a minha idade.”

Lucivar concentrou-se nos punhos cerrados, forçando-os a se abrirem.

— Pegaram os canalhas?

Jaenelle deu um sorriso sinistro.

— Os machos de Dharo os executaram. Foi então que baniram todos os outros terreillianos de Dharo e os enviaram de volta à Pequena Terreille. Em seis meses, a taxa de mortalidade dos terreillianos na maior parte dos Territórios estava acima de noventa por cento. Até na Pequena Terreille estava acima de cinquenta por cento. Como a matança consumiu os bons sentimentos entre os Reinos, o Conselho das Trevas aprovou algumas leis de imigração. Agora, um terreilleano que queira imigrar tem de servir a uma feiticeira de Kaeleer a seu bel-prazer durante um determinado período. Os Sangue que não usam Joias têm de servir durante dezoito meses. Os de Joias mais claras têm de servir por três anos, e os de Joias mais escuras, por cinco. As Rainhas e os Príncipes dos Senhores da Guerra de qualquer categoria têm de servir por cinco anos.

Lucivar se sentiu agoniado. Seu corpo estremeceu, e teve por ele uma solidariedade indiferente. *A seu bel-prazer*. Isso significava que a vagabunda poderia fazer o que quisesse e ele teria de aceitar se quisesse permanecer em Kaeleer.

Tentou rir. Soou apavorado.

Jaenelle ajoelhou-se a seu lado e acariciou-o com ansiedade.

— Lucivar, não será tão ruim assim. Sério. As Rainhas... Servir em Kaeleer

não é como servir em Terreille. Conheço todas as Rainhas do Território. Posso ajudá-lo a encontrar alguém adequado, uma Rainha a quem você vai gostar de servir.

— Por que não posso servir você? — Envolveu os ombros de Jaenelle com as mãos, em busca de amparo, enquanto se debatia com dor e pânico. — Você gosta de mim... pelo menos parte do tempo. E formamos uma boa dupla.

— Ah, Lucivar — disse Jaenelle, com doçura, segurando seu rosto entre as mãos. — Eu sempre gosto de você. Mesmo quando é um chato. Mas você devia passar pela experiência de servir em uma corte em Kaeleer.

— Daqui a um ou dois anos, você vai constituir sua corte.

— Não vou constituir corte. Não pretendo ter esse tipo de poder sobre os outros. Além disso, você não quer me servir. Você não me conhece, não compreende...

Perdeu a paciência.

— O quê? Que você é a Feiticeira?

Ela pareceu chocada.

Lucivar massageou seus ombros e disse, seco:

— Já que usa a Negra nessa idade, é um pouco óbvio, Gata. De qualquer forma, sei quem é o que você é desde que a conheci. — Tentou sorrir. — Na noite em que nos conhecemos, eu havia pedido às Trevas uma Rainha poderosa, que eu me orgulhasse de servir, e você apareceu. Claro que era um pouco mais nova do que eu imaginava, mas eu não ia me importar com isso. Gata, por favor. Esperei a minha vida toda para servi-la. Farei o que quiser. Por favor, não me mande embora.

Jaenelle fechou os olhos e encostou a cabeça no peito de Lucivar.

— Não é assim tão fácil, Lucivar. Mesmo que aceite o que eu sou...

— Aceito *verdadeiramente* o que você é.

— Há outras razões que poderão levá-lo a perder a vontade de me servir.

Dentro de Lucivar, alguma coisa se acalmou. Compreendia o costume de realizar testes ou desafios para receber um privilégio. Percebesse ou não, ela estava lhe dando uma chance.

— Quantas?

Ela olhou para ele, confusa.

— Quantas razões? Diga um número, agora. Se eu puder aceitá-las, então poderei optar por servi-la. É justo.

Jaenelle olhou-o de forma estranha.

— E você vai ser honesto com você mesmo e comigo sobre poder aceitá-las, certo?

— Sim.

Afastou-se, sentando-se fora do alcance de Lucivar. Depois de alguns minutos de silêncio tenso, disse:

— Três.

Três. Não eram doze ou nem nenhum outro número grande demais para que se preocupasse. Apenas três. O que significava que tinha de encará-las com

seriedade.

— Muito bem. Quando?

Jaenelle se levantou, com elegância.

— Agora. Faça a mala para passar a noite. — Foi para a cabana num passo apressado.

Lucivar seguiu-a, embora não tentasse alcançá-la. Três testes determinariam os próximos cinco anos da sua vida.

Jaenelle seria justa. Gostasse ou não do resultado final, seria justa. E ele também.

Ao se aproximar da cabana, os lobos correram para cumprimentá-lo, oferecendo um conforto peludo ao membro adotivo da alcateia.

Lucivar afagou os lobos. Se tivesse de servir outra feiticeira, voltaria a vê-los?

Seria honesto. Não abusaria da confiança que Jaenelle depositava nele.

Mas iria vencer.

3 / Kaeleer

O coração de Lucivar batia acelerado. Nunca estivera no interior da Fortaleza, nem mesmo num pátio exterior. Um bastardo mestiço não era digno de entrar naquele local. Se nada tivesse aprendido nos campos de caça eyrienos, pelo menos saberia que, não importava as Joias que usasse ou a destreza com as armas, suas origens tornavam-no indigno de lambar as botas daqueles que viviam em Ebon Askavi, a Montanha Negra.

Agora, aqui estava, caminhando ao lado de Jaenelle, pelos aposentos majestosos com tetos abobadados, pátios e jardins a céu aberto, um labirinto de corredores amplos — e um arrepio o avisava de que algo o vigiava desde que entrara na Fortaleza. Algo que esvoaçava nas pedras, se escondia nas sombras, criava sombras onde não deveriam existir. Não era ruim — pelo menos, por enquanto. Contudo, as histórias sobre o que se escondia na Fortaleza eram histórias contadas à lareira que assustavam os garotinhos e lhes tiravam o sono.

Lucivar retesou o ombro e seguiu a Senhora.

Quando chegaram aos andares superiores que pareciam mais habitados, Lucivar começou a observar com ansiedade os bancos e cadeiras pelos corredores, prometendo a si mesmo um gole de água na próxima cascata decorativa ou fonte pela qual passassem.

Jaenelle nada dissera desde o momento em que deixaram a teia de desembarque no pátio exterior. Seu silêncio era solidário, embora não fosse reconfortante. Compreendia isso. Ebon Askavi era a casa da Feiticeira. Se viesse a servi-la, teria de se adaptar ao local sem depender dela.

Ao chegar a um cruzamento entre corredores, Jaenelle olhou para a esquerda e sorriu.

— Olá, Draca. Este é Lucivar Yaslana. Lucivar, esta é Draca. A Senescal da Fortaleza.

O odor psíquico de Draca, cheio de velhice e poder obscuro e antigo, o deixava nervoso, assim como suas feições reptílicas. Fez uma reverência respeitosa, mas estava nervoso demais para um cumprimento adequado.

Ela o encarou com aqueles olhos que não piscavam. Lucivar detectou uma rajada de emoção que o deixou ainda mais nervoso. Por alguma razão, ela achava graça nele.

— Então, você finalmente veio — disse Draca. Quando Lucivar não respondeu, virou-se para Jaenelle. — É tímido?

— De jeito algum — disse Jaenelle, com um ar divertido. — Mas acho que está um pouco atordoado. Fizemos um longo tour pela Fortaleza.

— E ainda está de pé? — Draca pareceu aprovar.

Lucivar teria apreciado ainda mais essa aprovação se suas pernas não estivessem tremendo tanto.

— Temoss visitass. Acadêmicoss. Deseja jantar em particular?

— Sim, obrigada — respondeu Jaenelle.

Draca saiu do caminho, afastou-se com uma graciosidade cautelosa e antiquíssima.

— Deixarei que prossigam a visita. — Voltou a encarar Lucivar. — Bem-vindo, Príncipe Yasslana.

Jaenelle o conduziu por outro labirinto de corredores.

— Tem outra pessoa a quem quero apresentá-lo. Até lá, Draca já terá preparado um quarto de hóspedes para você, com uma banheira de massagens. Vai ser bom para esses músculos tensos das suas pernas. — Estudou o rosto de Lucivar. — Ela o assustou?

Ele havia prometido ser honesto.

— Sim.

Jaenelle balançou a cabeça, perplexa.

— Todo mundo diz a mesma coisa. Eu não entendo. É uma pessoa maravilhosa depois que a conhecemos.

Ele olhou de relance para a Joia Negra que pendia sobre o decote em V da túnica preta e elegante e decidiu que não tentaria lhe explicar.

Após outro lance de escadas e muitos outros corredores, Jaenelle parou, por fim, em frente a uma porta. Esperava sinceramente que aquela viagem estivesse terminando. Ao final do corredor, havia uma porta aberta. Do aposento, vinham vozes entusiasmadas e acaloradas, embora não zangadas. Deviam ser os acadêmicos.

Ignorando as vozes, Jaenelle abriu a porta e eles entraram numa parte da biblioteca da Fortaleza. Uma grande mesa de madeira escura ocupava um dos lados do ambiente. Do outro lado era possível ver cadeiras confortáveis e pequenas mesas. A parede ao fundo era formada por uma série de grandes

arcos. À frente deles, pilhas de dicionários e enciclopédias se estendiam a perder de vista. No arco da extremidade direita, havia uma porta embutida de madeira.

— O resto da biblioteca é de referência geral, Arte, folclore e história — disse Jaenelle. — O que qualquer pessoa pode consultar e usar. Estas salas contêm o material de referência mais antigo, os textos de Arte mais esotéricos e os registros dos Sangue que só podem ser consultados com a permissão do Geoffrey.

— Geoffrey?

— Sim? — respondeu uma voz calma e grave.

Era o homem mais pálido que Lucivar já vira. Tinha pele como mármore polido combinada com cabelo preto, olhos pretos, roupa preta e lábios de um vermelho profundo que pareciam tentadores de um jeito enervante. No entanto, havia algo estranho em seu odor psíquico, algo inexplicavelmente diferente. Como se o homem não...

Guardião.

A palavra deixou Lucivar sem ar.

Guardião. Um dos mortos-vivos.

Jaenelle fez as apresentações. Depois, sorriu para Geoffrey.

— Podem se conhecer melhor. Quero pesquisar uma coisa.

Geoffrey pareceu angustiado.

— Pelo menos diga-me o nome do volume antes de sair. Da última vez que não consegui informar seu pai onde você tinha “pesquisado uma coisa”, ele me brindou com algumas frases eloquentes que me fariam corar se eu ainda pudesse.

Jaenelle afagou o ombro de Geoffrey e beijou-o no rosto.

— Trago o livro aqui e até marco a página.

— Você é muito gentil.

Rindo, Jaenelle desapareceu entre os livros.

Geoffrey virou-se para Lucivar.

— Ah, bem. Então você finalmente veio.

Por que o faziam se sentir como se os tivesse deixado esperando?

Geoffrey pegou um decantador.

— Aceita uma taça de yarbarah? Ou outra bebida?

Com esforço, Lucivar conseguiu falar:

— Yarbarah seria ótimo.

— Já bebeu yarbarah alguma vez? — perguntou Geoffrey, curioso.

— Em algumas cerimônias eyrienas — disse. Mas o cálice usado nessas cerimônias continha apenas uma gota de vinho de sangue. Lucivar reparou, apreensivo, que Geoffrey enchia e esquentava dois copos inteiros.

— É de cordeiro — disse Geoffrey, oferecendo um copo a Lucivar e sentando-se numa cadeira ao lado da mesa.

Agradecido, Lucivar se acomodou numa cadeira em frente a Geoffrey e tomou um gole do yarbarah. Naquela mistura, havia mais sangue do que na

usada nas cerimônias eyrienas, e o vinho era mais encorpado.

— O que acha? — Os olhos pretos de Geoffrey cintilaram.

— É... — Lucivar tentou encontrar algo inócuo para dizer.

— Diferente — sugeriu Geoffrey. — É um gosto que se vai adquirindo.

Aqui bebemos por razões diferentes das cerimoniais.

Guardião. Será que o sangue misturado com o vinho era por vezes humano? Lucivar bebeu outro gole e decidiu que não valia a pena perguntar só para matar a curiosidade.

— Por que você nunca veio à Fortaleza, Lucivar?

Lucivar pousou o copo com cuidado.

— Achei que um bastardo mestiço não seria bem recebido.

— Compreendo — disse Geoffrey, muito tranquilo. — Mas exceto por aqueles que zelam pela Fortaleza, quem é que tem o direito de decidir quem é bem-vindo e quem não é?

Lucivar forçou-se a encarar Geoffrey.

— Sou um bastardo mestiço — repetiu, como se isso explicasse tudo.

— Mestiço. — Geoffrey parecia estar considerando a palavra. — Pela forma como fala, parece pejorativo. Talvez fosse mais exato pensar em linhagem dupla. — Ele se recostou, balançando o copo de vinho nas mãos. — Alguma vez lhe ocorreu que, sem essa outra linhagem, você não seria o homem que é? Que não teria a inteligência e a força que tem? — Com o copo, indicou a Joia Cinza-Ébano de Lucivar. — Que nunca teria usado essas Joias? A despeito de tudo o que tem de eyrieno, Lucivar, você também é o filho do seu pai.

Lucivar ficou petrificado.

— Você conhece meu pai? — perguntou, com a voz embargada.

— Somos amigos há muitos anos.

Estava ali, à sua frente. Só precisava formular a pergunta.

Precisou de duas tentativas para conseguir pronunciar as palavras.

— Quem é ele?

— O Príncipe das Trevas — disse Geoffrey, com gentileza. — O Senhor Supremo do Inferno. É a linhagem de Saetan que corre nas suas veias.

Lucivar fechou os olhos. Não era de admirar que a paternidade nunca tivesse sido registrada. Quem acreditaria numa mulher que declarasse ter sido fecundada pelo Senhor Supremo? E se alguém *acreditasse* nela, imagine o pânico que causaria. Saetan ainda caminhava pelos Reinos. Mãe Noite!

Será que Daemon sabia quem era o progenitor deles? Teria ficado satisfeito com *esta* linhagem paterna.

O pensamento o atravessou como uma lança e Lucivar trancou-o a sete chaves.

Pelo menos ainda tinha certeza de uma coisa. Talvez. Olhou para Geoffrey, temendo qualquer uma das respostas.

— Ainda assim, continuo sendo um bastardo.

Geoffrey suspirou.

— Fico relutante em puxar o resto do tapete debaixo dos seus pés, mas não,

não é. Ele o registrou no dia seguinte ao seu nascimento. Aqui, na Fortaleza.

Não era bastardo. Eles...

— Daemon? — perguntou em voz alta.

— Também está registrado.

Mãe Noite. Não eram bastardos. Lutou com unhas e dentes, como se tentasse agarrar terra firme que se transformava em areia movediça.

— Não faz diferença alguma, já que ninguém sabe.

— Alguma vez o encorajaram a se tornar um reprodutor, Lucivar?

Fora encorajado, pressionado, encarcerado, castigado, sedado, sovado, forçado. Tinham conseguido usá-lo, mas nunca conseguiram fazê-lo procriar. Nunca tinha conseguido saber se havia algum motivo físico ou se, de alguma forma, sua própria raiva o mantivera estéril. Várias vezes havia se perguntado por que desejavam tanto a sua semente. Sabendo quem era seu pai e a potencial força dos descendentes que produzisse... Sem dúvida teriam vislumbrado muitas situações para que Lucivar gerasse descendentes em assembleias específicas, casas aristocráticas específicas com linhagens fracas.

Bebeu o yarbarah de um gole. Frio, parecia ter engrossado. Tremendo e engasgando, perguntou-se se vomitaria.

Um pequeno copo e um decantador apareceram.

— Aqui — disse Geoffrey, enchendo o copo rapidamente e entregando-o a Lucivar. — Acho que uísque é a bebida apropriada para este tipo de abalo.

O uísque purificou sua boca, queimando sua garganta. Estendeu o copo para mais uma dose.

Depois de esvaziar o quarto copo, ainda tremia, mas também se sentia distante e entorpecido. Gostava dessas sensações.

— O que você fez com Lucivar? — perguntou Jaenelle, colocando o livro sobre a mesa. — Pensei que eu fosse a única capaz de deixá-lo assim.

— Distante e entorpecido — murmurou Lucivar, encostando a cabeça em Jaenelle.

— Estou vendo — respondeu Jaenelle, afagando-o.

Lucivar sentiu-se cercado por um afeto compassivo. Isso também era bom.

— Vamos, Lucivar — disse Jaenelle. — Vou colocar você na cama.

Não queria que Jaenelle pensasse que quatro insignificantes copos de uísque o abateriam, por isso se levantou.

As últimas recordações antes de começar a sentir o aposento se mexer de um jeito imprevisível foram o sorriso afável de Geoffrey e a compreensão nos olhos de Jaenelle.

Na manhã seguinte, Jaenelle havia partido antes de Lucivar acordar, com a

cabeça latejante e agitado. Ao descobrir que ela o deixara na Fortaleza, quase sentiu ódio, acusando-a em silêncio de ser fria, cruel e insensível.

Nos dois dias de ausência de Jaenelle, explorou a Fortaleza e a montanha Ebon Askavi. Voltava na hora das refeições, pois assim esperavam que o fizesse, falando apenas quando necessário e retirando-se para o quarto à noite. Os lobos ofereciam uma companhia silenciosa. Ele os afagava e os escovava. Finalmente, fez a pergunta que o atormentava.

Sim, respondeu Fumaça, relutante. Lucivar tinha chorado. Dor de coração. Dor como se tivesse sido apanhado numa armadilha. A Senhora o afagara e o afagara, cantara e cantara.

Sendo assim, não fora apenas um sonho.

Numa das paisagens oníricas que as Viúvas Negras teciam tão habilmente, Jaenelle conhecera o rapaz que ele havia sido antes e retirara o veneno da ferida na alma. Lucivar chorara pelo rapaz, por tudo o que não lhe tinha sido permitido fazer, por tudo o que não lhe tinham permitido ser. Porém, não chorara pelo homem em que havia se tornado.

— Ah, Lucivar — disse Jaenelle com pesar, enquanto caminhavam pela paisagem onírica. — Posso curar as cicatrizes do seu corpo, mas não as da alma. Nem as suas nem as minhas. Tem de aprender a viver com elas. Tem de decidir superá-las.

Não consegui se lembrar de mais nada do sonho. Talvez fosse de propósito. Por isso, não chorara pelo homem em que havia se tornado.

Lucivar e Jaenelle estavam numa das muralhas de um dos pátios externos da Fortaleza, contemplando o vale.

Jaenelle mostrou o povoado embaixo.

— Riada é o maior povoado de Ebon Rih. Agio fica na extremidade norte do vale. Doun está localizada na extremidade sul. Há também diversos povoados de plebeus e várias fazendas, dos Sangue e de plebeus. — Afastou os cabelos despenteados do rosto. — Fora de Doun, há uma grande casa de pedra, cercada por um muro de pedra. Não há como errar.

Lucivar aguardou.

— É para lá que vamos? — perguntou, por fim.

— Vou voltar para a cabana. Você vai para essa casa.

— Por quê?

Manteve os olhos fixos no vale.

— Sua mãe mora lá.

Uma grande casa de pedra, de três andares. Um muro baixo de pedra separando dois campos cultivados das flores silvestres e das ervas. Horta, jardim de ervas, jardins de flores, jardim de pedras. Num canto, um conjunto de árvores que sussurravam “floresta”.

Um lugar sólido que deveria ser acolhedor. Um lugar que não proporcionava conforto. Emoções em conflito, muito familiares, mesmo depois de tanto tempo.

Doces Trevas, não permita que seja ela.

Claro que era ela. E Lucivar se perguntou por que o teria abandonado tão pequeno que nem se lembrava dela e, mais tarde, tolerado suas visitas quando já era adolescente, sem dar a entender nem uma única vez que era sua mãe.

Escancarou a porta da cozinha, mas não entrou. Até transpor a soleira da porta, sua presença não seria notada. Quantas vezes lhe sugerira ampliar o escudo territorial para além das paredes de pedra em que vivia, de maneira a ficar de sobreaviso caso surgisse algum intruso?

Ela estava de costas para a porta, fazendo alguma coisa sem importância no balcão. Lucivar a reconhecera, de qualquer forma, pela emblemática madeixa branca no cabelo preto e pelos movimentos rígidos e irritados.

Entrou na cozinha.

— Olá, Luthvian.

Ela deu a volta, com uma faca de lâmina comprida na mão. Ele sabia que não era pessoal. Ela detectara o odor psíquico de um macho adulto e pegara a faca de maneira automática.

Olhou estupefata para Lucivar, com os olhos dourados cada vez mais arregalados, marejados.

— Lucivar — murmurou. Deu um passo na direção dele. Depois outro. Emitiu um som engraçado, entre uma gargalhada e um soluço. — Ela conseguiu. Conseguiu mesmo. — Estendeu-lhe os braços.

Lucivar olhou de relance para a faca e não avançou.

A confusão logo se transformou em fúria e depois em confusão outra vez. Lucivar pôde identificar o momento em que Luthvian percebeu que estava apontando uma faca para ele.

Mexendo a cabeça, ela pôs a faca sobre a mesa da cozinha.

Lucivar deu mais alguns passos.

Os olhos de Luthvian, cheios de lágrimas, percorriam Lucivar não como uma Curandeira estudando sua Arte de Irmã, mas como uma mulher que se preocupava de verdade. Luthvian colocou uma mão trêmula na boca e estendeu-lhe a outra.

Esperançoso, ele agarrou a mão dela.

E ela mudou. Como sempre fazia, como sempre tinha feito desde a primeira vez em que ele aparecera na sua porta, um adolescente meio animal vadio, meio bichinho de estimação, com as roupas tradicionais de um guerreiro eyrieno. Ele havia aprendido, a duras penas, que a Curandeira Viúva Negra que pensava ser sua amiga não sentia o mesmo por ele depois de ela ter deixado de chamá-lo de “garoto” e de acreditar nisso.

Agora, ao se afastar dele, com os olhos repletos de uma desconfiança prudente, percebeu pela primeira vez como era jovem. A idade e a maturidade eram traiçoeiras para as raças de longevidade prolongada. Havia um

crescimento rápido seguido de longas estabilizações. A madeixa branca no cabelo, a perícia na Arte, o temperamento e a atitude contribuíram para que Lucivar acreditasse que Luthvian era uma mulher madura, que lhe concedia sua companhia, uma mulher séculos mais velha do que ele. Era séculos mais velha — e mal chegara à idade de conceber e carregar uma criança no ventre até o parto.

— Por que você despreza tanto os machos eyrienos? — Lucivar perguntou com toda a calma.

— Meu pai era um deles.

Infelizmente, não era necessário dar nenhuma explicação melhor do que esta.

Foi nesse momento que a viu fazer o que já fizera cem vezes antes — mudar sutilmente a forma como observava. Era como se criasse um escudo de visão que fazia com que as asas de Lucivar desaparecessem, deixando-o sem o único atributo físico que distinguia eyrienos de dhemlanos e hayllianos.

Engolindo a raiva e um pouco de medo, ele puxou uma cadeira e sentou-se com as pernas para os lados.

— Mesmo que eu perdesse as asas, não deixaria de ser um guerreiro eyrieno.

Movimentando-se freneticamente pela cozinha, Luthvian pegou a faca e guardou-a no suporte das facas.

— Se você tivesse crescido em outro lugar, onde os machos aprendem a ser homens decentes em vez de brutamontes... — Limpou as mãos na cintura. — Mas você cresceu nos campos de caça como os outros. É verdade, mesmo sem as asas não deixaria de ser um guerreiro eyrieno. É muito tarde para se transformar em outra coisa.

Lucivar ouviu o rancor, a mágoa. Ouviu o que não foi dito.

— Se você tinha tanta certeza, por que não fez nada? — Manteve a voz inexpressiva. Seu coração estava se partindo.

Ela olhou para ele, as emoções visíveis em seus olhos. Resignação. Ansiedade. Medo. Puxou uma cadeira para junto dele e se sentou.

— Não tive escolha, Lucivar — disse, suplicante. — Dar você a Prythian foi um erro, mas naquele momento achei que era a única forma de escondê-lo...

... *dele*.

Tocou a mão de Lucivar e afastou-a rapidamente, como se tivesse se queimado.

— Queria mantê-lo em segurança — acrescentou com amargura. Nesse momento, a voz se encheu de entusiasmo. — Mas agora você está aqui e podemos ficar juntos. — Mexeu a mão, silenciando-o antes que ele conseguisse falar. — Ah, eu sei muito bem que existe a lei da imigração, mas estou aqui há tempo suficiente para ser considerada uma feiticeira de Kaeleer. O trabalho não seria duro e você ficaria com bastante tempo para passear pelos campos. Sei que você gosta disso. — Sorriu com uma animação exagerada. — Nem precisaria morar aqui em casa. Poderíamos construir uma pequena cabana

aqui perto para você ter sua privacidade.

Privacidade para quê?, perguntou-se Lucivar, com frieza, enquanto a porta interior da cozinha se abria. Sentiu que estava sendo acorrentado e fechado entre as paredes.

— O que você quer, Roxie? — perguntou Luthvian, ríspida.

Roxie observou-o e seus lábios formaram um sorriso e um beicinho.

— Quem é você? — perguntou, observando-o com olhos famintos.

— Não é da sua conta — retrucou Luthvian com severidade. — Volte já para seus estudos.

Roxie sorriu para Lucivar, acariciando o decote em V do vestido. Isso fez seu sangue ferver, mas não da forma que a garota imaginava.

Lucivar cerrou os punhos. Desfizera muitos olhares de muitos rostos ao longo dos séculos. Em sua voz havia fogo da batalha que manteve sob controle.

— Tire essa vagabunda daqui antes que eu quebre o pescoço dela.

Roxie arregalou os olhos, horrorizada.

Luthvian levantou-se de repente, jogou Roxie para fora da cozinha e bateu com a porta.

Leves tremores percorreram seu corpo.

— Bem, agora entendo por que precisaria de privacidade. E seria algo positivo para a escola, não é? Suas alunas poderiam dispor de um poderoso Príncipe dos Senhores da Guerra. Você poderia garantir aos pais inquietos que suas filhas teriam uma Noite da Virgem segura. Eu nem me atreveria a lhes proporcionar outra coisa, já que a feiticeira a que devo servir tem de ser servida *a seu bel-prazer*.

— Não seria bem assim — insistiu Luthvian, agarrando-se às costas de uma cadeira. — Você também teria vantagens. Fogo do Inferno, Lucivar, você é um Príncipe dos Senhores da Guerra. Precisa de alívio sexual regular para manter o temperamento sob controle.

— Nunca precisei — resmungou —, e não é agora que vou precisar. Consigo manter meu temperamento muito bem controlado... quando quero.

— Então não acho que queira isso com muita frequência!

— Não, não quero. Muito menos quando me levam para a cama à força.

Luthvian esmagou a cadeira contra a mesa. Cerrou os dentes.

— À força. Ah, claro, é uma tarefa difícil proporcionar algum prazer, não é? À força! Parece...

... *o seu pai*.

Ele havia suportado seu mau humor antes, os ataques de fúria. Sempre tentava ser compreensivo. Continuava tentando agora. O que não entendia era por que o Senhor Supremo havia desejado copular e fecundar uma jovem mulher perturbada como esta.

— Me fale sobre o meu pai, Luthvian.

A cozinha foi inundada pelo desespero e por uma profunda raiva.

— Isso é passado. Acabou. Ele não faz parte das nossas vidas.

— Me fale.

— Ele não nos quis! *Não nos amava!* Ameaçou cortar seu pescoço no berço se eu não fizesse o que ele queria. — Entre eles havia toda a extensão da mesa. Luthvian estava de pé, tremendo e se abraçando.

Tão jovem. Tão perturbada. E Lucivar podia ajudá-la. Eles se destruiriam em uma semana se tentasse ficar com ela naquela casa.

Luthvian sorriu para ele, vacilante.

— Podemos ficar juntos. Você pode ficar...

— Já sirvo a alguém. — Não pretendia dizer isso de um jeito tão rude, mas era melhor do que dizer que jamais aceitaria servi-la.

A vulnerabilidade virou rejeição, a rejeição se transformou em raiva.

— Jaenelle — disse Luthvian, com uma voz perigosamente inexpressiva. — Ela tem o dom de controlar os machos. — Apoiou as mãos sobre a mesa. — Quer saber sobre seu pai? Pergunte à sua amada Jaenelle. Ela o conhece melhor do que jamais o conheci.

Lucivar deu um salto e ficou de pé, derrubando a cadeira.

— Não.

Luthvian sorriu com uma malícia satisfeita.

— Cuidado com a forma como brinca com os brinquedos do seu pai, Príncipezinho. Ele pode acabar arrancando suas bolas. Não que isso tenha importância.

Sem desviar o olhar de Luthvian, Lucivar endireitou a cadeira e recuou até a porta da cozinha que dava para a rua. Anos de treinamento mantiveram-no estável enquanto transpunha a soleira. Mais um passo. Dois.

A porta se fechou na sua cara.

Depois de um momento, ouviu pratos partindo-se no chão.

Ela o conhece melhor do que jamais o conheci.

No final da tarde, chegou à cabana. Estava sujo, esfomeado e tremendo por causa do cansaço físico e emocional.

Aproximou-se lentamente, mas não teve coragem de subir para o alpendre onde Jaenelle estava sentada, lendo.

Ela fechou o livro e olhou para ele.

Olhos sábios. Olhos antigos. Olhos perturbados e perturbadores.

Lucivar forçou-se a proferir as palavras.

— Quero conhecer meu pai. Agora.

Jaenelle o examinou. Quando respondeu, por fim, sua dócil compaixão infligia uma dor contra a qual Lucivar não tinha defesas.

— Tem certeza, Lucivar?

Não, não tinha certeza!

— Sim, tenho certeza.

Jaenelle permaneceu sentada.

— Sendo assim, há algo que você deve entender antes de partirmos.

Ele ouviu a advertência subjacente à delicadeza e à compaixão.

— Lucivar, seu pai é também meu pai adotivo.

Petrificado, olhou-a estupefato, entendendo finalmente. Poderia aceitar ambos ou rejeitar os dois, mas não lhe seria permitido servi-la e lutar contra um homem que já tinha pretensões em relação ao seu amor.

Ela estava certa ao lhe dizer que havia razões que poderiam levá-lo a não querer ou não conseguir servi-la. Conseguiria lidar com a Fortaleza. Também conseguiria lidar com Luthvian. Mas e com o Senhor Supremo?

Só havia uma forma de descobrir.

— Vamos — disse Lucivar.

5 / Kaeleer

Jaenelle desceu da teia de desembarque.

— Esta é a sede da família.

Lucivar a seguiu, relutante. Alguns meses antes, caminhara entre as ruínas do Paço dos SaDiablo em Terreille. As ruínas não preparavam ninguém para este edifício cinza-escuro, como uma montanha. Fogo do Inferno, toda uma corte poderia viver neste local sem que jamais interferissem na vida uns dos outros.

Foi então que percebeu o significado de Jaenelle viver no Paço. Virou-se para olhá-la como se nunca a tivesse visto.

Todas as histórias divertidas que lhe contara sobre seu papai adorado e por ela importunado — era sobre Saetan que falava. O Príncipe das Trevas. O Senhor Supremo do Inferno. O homem que havia construído a cabana para ela, ajudado-a a reconstruir a vida. Não conseguia se reconciliar com as imagens conflitantes daquele homem, assim como não conseguia reconciliar o Paço com a mansão senhorial que havia imaginado.

E jamais se reconciliaria com coisa alguma se ficasse ali parado.

— Anda, Gata. Vamos bater na porta.

A porta se abriu antes de chegarem ao último degrau. O homem corpulento à entrada tinha a expressão estoica e fleumática de um funcionário de nível superior, mas usava uma Joia Vermelha.

— Olá, Beale — cumprimentou-o Jaenelle, já entrando.

Os lábios de Beale deixaram entrever um leve indício de sorriso.

— Senhora.

O sorriso desapareceu quando Lucivar entrou.

— Príncipe — disse Beale, fazendo uma reverência com a exata distância e cortesia.

O sorriso indolente e arrogante surgiu de imediato.

— Lord Beale. — Colocou na voz mordacidade suficiente para advertir o outro de que não se metesse com ele, mas nada que expressasse um desafio.

Jamais desafiara um criado em toda a vida. Por outro lado, jamais conhecera um Senhor da Guerra de Joia Vermelha que fosse mordomo.

Ignorando as demonstrações sutis e arrogantes de dominância, Jaenelle invocou a bagagem e colocou-a no chão.

— Beale? Pode pedir a Helene para preparar um quarto na ala da família para o Príncipe Yaslana?

— Com todo prazer, Senhora.

Jaenelle apontou para o fundo do salão principal.

— E papai?

— Está no escritório.

Lucivar seguiu Jaenelle até a última porta à direita, tentando, sem sucesso, pensar em outra razão, além do bom humor, que justificasse o brilho repentino nos olhos de Beale.

Jaenelle bateu à porta e entrou antes de obter resposta. Lucivar seguiu-a de perto e tropeçou quando o homem que estava de pé, em frente à mesa de madeira escura, se virou.

Daemon.

Enquanto se entreolhavam, ambos muito surpresos para reagir, Lucivar assimilou os detalhes que o diferenciavam daquela impressão inicial.

O obscuro odor psíquico era semelhante, embora houvesse uma diferença sutil. O homem à sua frente era dois ou três centímetros mais baixo do que Daemon e mais esguio, ainda que se movesse com a mesma graciosidade felina. O espesso cabelo preto era grisalho nas têmporas. O rosto — com rugas provocadas pelo riso e também pelo peso dos fardos que carregava — era o de um homem no fim do seu apogeu ou no momento imediatamente posterior a seu auge. Mas aquele rosto. Masculino. Belo. O modelo mais caloroso e grosseiro da beleza fria e delicada de Daemon. E o toque final — as unhas compridas pintadas de preto e o anel com a Joia Negra.

Saetan cruzou os braços, encostou-se na mesa e disse, afável:

— Criança-feiticeira, vou esganá-la.

Por instinto, Lucivar cerrou os dentes e deu um passo à frente para proteger sua Rainha.

A aflição adolescente de Jaenelle o fez parar de maneira abrupta.

— É a sexta vez em duas semanas e quase não fiquei em casa!

A raiva invadiu Lucivar. Como o Senhor Supremo se atrevia a ameaçá-la?!

Mas sua amada Gata não parecia nem um pouco intimidada, e Saetan parecia se esforçar para manter um ar sério.

— A sexta vez? — disse Saetan, com a voz profunda ainda afável, mas com ares de diversão.

— Duas vezes por Prothvar, duas vezes por tio Andulvar...

O sangue esvaiu de Lucivar. *Tio Andulvar?*

— ... uma vez por Mephis e agora você.

Os lábios de Saetan tremeram.

— Prothvar está sempre disposto a esganá-la, por isso não fico surpreso, e a

verdade é que você leva jeito para provocar Andulvar. Mas o que fez para aborrecer Mephis?

Jaenelle enfiou as mãos nos bolsos das calças.

— Não sei — lamuriou-se. — Ele disse que não podia falar sobre o assunto na minha presença.

A gargalhada profunda e afetuosa de Saetan tomou o escritório. Quando seu riso e o mau humor de Jaenelle ficaram sob controle, Saetan olhou com um ar cúmplice para Lucivar.

— E imagino que Lucivar nunca tenha ameaçado esganá-la, por isso não entende esse impulso, mesmo quando não temos intenção de colocá-lo em prática.

— Ah, não — respondeu Jaenelle. — Ele só ameaça me bater.

Saetan ficou tenso.

— Perdão? — perguntou com suavidade, friamente.

Lucivar voltou a se colocar em posição de combate.

Surpresa, Jaenelle olhou para ambos.

— Vocês vão discutir sobre a *palavra* quando querem dizer a mesma coisa?

— Não se meta, Gata — rosnou Lucivar, observando o adversário.

Rosnando da mesma forma, Jaenelle lhe deu um soco com tanta fúria que poderia ter quebrado seu maxilar, se ele não tivesse se esquivado.

A luta que se seguiu estava ficando divertida quando Saetan gritou:

— Chega! — Olhou furioso para os dois enquanto se separavam, e em seguida esfregou as têmporas, resmungando. — Em nome do Inferno, como é que vocês dois conseguiram viver juntos e sobreviver?

Fitando Jaenelle com prudência, Lucivar sorriu abertamente.

— Agora é mais difícil prendê-la.

— Não exagere — resmungou Jaenelle.

Saetan suspirou.

— Você podia ter me avisado, criança-feiticeira.

Jaenelle entrelaçou os dedos.

— Bem, não havia forma de preparar Lucivar, por isso pensei que nenhum dos dois estivesse preparado, começariam em pé de igualdade.

Eles olharam boquiabertos para a garota.

Ela sorriu para eles com seu melhor sorriso.

— Criança-feiticeira, vá aterrorizar outra pessoa agora.

Depois que Jaenelle deslizou para fora do escritório, eles se estudaram.

— Está com um aspecto muito melhor do que da última vez que o vi — disse Saetan, quebrando o silêncio. — Mas ainda parece prestes a desabar. — Afastou-se da mesa. — Aceita um copo de conhaque?

Dirigindo-se à parte menos formal do escritório, Lucivar sentou-se em uma cadeira feita para acomodar asas eyrienas e aceitou o copo de conhaque.

— E quando foi a última vez que você me viu?

Saetan sentou-se no sofá e cruzou as pernas. Brincou com o copo de conhaque.

— Pouco depois de Prothvar levá-lo para a cabana. Se ele não estivesse de sentinela nos Dragões Adormecidos, se não tivesse conseguido alcançá-lo antes de... — Passou o dedo pela borda do copo. — Acho que você não tem noção da gravidade de seus ferimentos. As lesões internas, os ossos quebrados... as asas.

Lucivar bebeu o conhaque. Não, não tinha noção. Sabia que eram graves, mas ao chegar à Pista de Khaldharon parou de se preocupar com o que lhe poderia acontecer fisicamente. Se o que Saetan dizia fosse verdade...

— E você deixou uma Curandeira de dezessete anos cuidar de tudo sozinha — disse, esforçando-se para controlar a fúria crescente. — Deixou que ela fizesse todo aquele tratamento sabendo o que aquilo lhe custaria, e sem um único assistente ou criado para cuidar *dela*.

Os olhos de Saetan se encheram de raiva, também controlada com rédea curta.

— Eu estava lá para cuidar dela. Estive presente durante todo o tempo em que ela o recompôs. Estive lá para convencê-la a comer quando ela conseguia. Estive presente para observar a teia durante os períodos de repouso para que ela pudesse dormir um pouco. E quando você finalmente começou a despertar do sono regenerador, eu a abracei e lhe dei colheradas de chá com mel, enquanto ela chorava de cansaço e de dor, pois sua garganta estava dolorida de tanto cantar a teia curativa. Vim embora um dia antes de você despertar, porque você já tinha muito coisa para enfrentar, e não era necessário ter também que lidar comigo. Como você se atreve a imaginar... — Saetan cerrou os dentes.

Estava pisando em terreno perigoso. Talvez houvesse muitas coisas que ele já não poderia se dar ao luxo de imaginar.

Lucivar voltou a encher o copo.

— Considerando a gravidade das lesões, não teria sido melhor dividir o tratamento entre duas Curandeiras? — Manteve a voz cautelosamente inexpressiva. — Luthvian é uma vadia temperamental a maior parte do tempo, mas é uma excelente Curandeira.

Saetan hesitou.

— Ela se ofereceu. Não permiti, por causa das asas.

— Ela as teria removido. — Lucivar sentiu um nó de medo no estômago.

— Jaenelle tinha certeza de que conseguiria reconstruí-las, o que exigiria um tratamento sistêmico: apenas uma Curandeira cantando a teia, pois tudo teria de ser atraído para ela. Não poderia haver distrações, hesitações, falta de empenho. Seguindo o método de Luthvian, as duas poderiam curar todo o organismo, com exceção das asas. O método de Jaenelle era tudo ou nada — ou você sairia dali íntegro ou não sobreviveria.

Lucivar podia vê-las — duas mulheres determinadas, uma a cada lado da cama onde repousava seu corpo mutilado.

— Foi você que decidiu.

Saetan esvaziou o copo e voltou a enchê-lo.

— Fui eu que decidi.

— Por quê? Ameaçou cortar minha garganta no berço. Por que lutar por mim agora?

— Porque é meu filho. Porém, teria cortado sua garganta. — Era possível ouvir a tensão na voz de Saetan. — Que as Trevas me ajudem... Se ela te tivesse cortado suas asas, era o que eu teria feito.

Cortar suas asas. Lucivar sentiu-se agoniado.

— Por que a fecundou?

Saetan pousou o copo e passou as mãos pelo cabelo.

— Não era minha intenção. Quando concordei em acompanhá-la na Noite da Virgem, achava, sinceramente, que já não era fértil, e ela jurou que havia tomado a infusão para prevenir a gravidez. Jurou que não estava no seu período fértil. E nunca me disse que era eyriena. — Levantou os olhos, repletos de sofrimento. — Eu não sabia, Lucivar, juro por tudo aquilo que sou, até ver as asas, eu não sabia. No entanto, você é eyrieno de alma. Alterar sua aparência física não mudaria nada.

Lucivar esvaziou o copo e se perguntou se arriscaria fazer a pergunta. Aquele encontro estava ferindo tanto Saetan quanto a ele mesmo — se não mais. Mas tinha vindo ali perguntar a fim de que pudesse tomar uma decisão honesta.

— Você não podia ter estado presente algumas vezes? Mesmo que em segredo?

— Se você tem alguma objeção a fazer por eu não ter participado da sua vida, é a sua mãe que deve culpar. Foi uma opção dela, não minha. — Saetan fechou os olhos. Os dedos apertaram o copo. — Por razões que nunca consegui explicar racionalmente nem a mim mesmo, concordei que tentaria fecundar uma Viúva Negra para trazer de volta uma linhagem poderosa e negra às raças de longevidade prolongada. Dorothea foi a escolha da Ampulheta haylliana, mas não a minha. — Hesitou. — Você conhece Tersa?

— Sim.

— Uma feiticeira extraordinariamente talentosa. Dorothea jamais teria conseguido o domínio que tem hoje sobre Terreille se Tersa tivesse sobrevivido à Noite da Virgem. Tersa foi a minha escolha. E Tersa engravidou.

De Daemon. Daemon saberia disso, teria algum dia sequer imaginado?

— Algumas semanas depois, ela me pediu para acompanhar uma amiga na Noite da Virgem, uma jovem Viúva Negra com forte potencial que, sem o meu auxílio, acabaria quebrada e estilhaçada. Eu ainda era capaz de prestar esse tipo de serviço e não negaria nada a Tersa, desde que fosse razoável. *Todos* se dispunham a receber Tersa nessa época. Ninguém queria que ficasse estressada, arriscando-se a abortar, pois não haveria uma segunda chance.

“Algumas semanas depois de acompanhar Luthvian na Noite da Virgem, ela me disse que estava grávida. Na propriedade havia uma casa vazia, a cerca de um quilômetro e meio do Paço. Insisti para que Luthvian e Tersa vivessem ali, como alternativa à corte de Dorothea. Tersa não era muito mais velha do

que Luthvian, mas seus conhecimentos eram mais abrangentes, sobretudo no que dizia respeito a Guardiões. Ela ficava satisfeita com a companhia que eu lhe fazia. Luthvian era mais suscetível e descobrira os prazeres da cama. Ansiava por sexo. Durante algum tempo, consegui dar a ela o tipo de intimidade que queria. Quando não pude mais, ela perdeu o interesse. No entanto, depois de se recuperar do parto, o desejo ardente voltou. Nessa época, eu conseguia satisfazê-la de outras formas, mas não do jeito pelo qual ela ansiava.

“Entre as discussões sobre educar você em Dhemlan — como ela queria — ou em Askavi — que eu acreditava ser o lugar adequado — e a minha incapacidade sexual, nossa relação se deteriorou a tal ponto que, quando ela começou a ouvir meias-verdades sobre os Guardiões, resolveu acreditar.

“Dorothea sabia escolher o momento certo de pôr seus planos em prática. Com a ajuda de Prythian, perdi os dois. Num dia, perdi os dois.”

Não Luthvian. Daemon.

Saetan estremeceu ao suspirar.

— Lucivar, se lhe serve de consolo, nunca lamentei sua existência. Lamentei o sofrimento a que foi submetido, mas nunca você. E estou muito feliz que tenha sobrevivido.

Sem conseguir pensar em algo para dizer, Lucivar assentiu com a cabeça.

Saetan hesitou.

— Se puder, responda-me uma coisa?

Lucivar sabia o que Saetan estava prestes a perguntar. Não tinha certeza sobre o que pensava do homem que lhe tinha dado a vida, mas, pelo menos neste momento, podia enxergar além dos títulos e do poder e ver o homem que perguntava por um dos seus filhos.

Fechou os olhos e disse:

— Ele está no Reino Distorcido.

Saetan estava deitado no sofá do escritório, desesperadamente satisfeito por estar sozinho.

Tudo tem um preço.

Mas não esperava que fosse tão alto.

Os remorsos de nada serviam. E a culpa, tampouco. O dever primordial de um Príncipe dos Senhores da Guerra é para com sua Rainha. Mas Daemon...

Fragmentos de memórias lhe vieram à cabeça, atormentando seu coração.

Tersa no fim da gravidez colocando a mão de Saetan na sua barriga.

O círculo constante de raiva e de apetite sexual de Luthvian.

Daemon em seu colo enquanto lia para ele uma história de ninar.

Lucivar voando pela sala, rindo contente e fora do alcance de Saetan.

Jaenelle virando o escritório de pernas para o ar na primeira vez em que tentou lhe ensinar a usar a Arte para deslocar os sapatos.

A loucura de Tersa. A fúria de Luthvian.

Lucivar deitado na cama da cabana, com o corpo dilacerado.

Daemon no chão do Altar de Cassandra, com a mente tão fragilizada.

Jaenelle ascendendo do abismo depois de dois anos terríveis.

Fragmentos. Como a mente de Daemon.

O que explicava por quê, durante as buscas minuciosas que empreendera nos últimos dois anos, não tinha conseguido encontrar o filho, que era como um reflexo seu. Havia procurado no lugar errado.

Um remorso, tão inútil como qualquer outro, entranhou-se nele.

Poderia encontrar Daemon, mas a única pessoa que sem dúvida poderia tirá-lo do Reino Distorcido era Jaenelle. E Jaenelle era a única pessoa que não poderia saber o que ele pretendia fazer.

CAPÍTULO ONZE

1 / Kaeleer

Enquanto esperava o jantar, Saetan voltou a sentir o estômago embrulhado.

Jaenelle estava em casa há uma semana, acompanhando Lucivar na adaptação à família — e acompanhando a família na adaptação a Lucivar —, quando chegou uma carta incisiva do Conselho das Trevas, recordando que a garota não concluíra a visita à Pequena Terreille.

Ele não entendeu o comentário enigmático de Lucivar — “Joelhos ou ossos, Gata” —, mas Jaenelle saiu do Paço, furiosa, cuspidando palavrões em eyrieno, e Lucivar exibiu uma satisfação sombria.

Passaram-se três dias.

Naquela mesma tarde, ela voltara de repente, resmungado para Beale:

— Diga a Lucivar que usei o joelho.

Em seguida, fechou-se no quarto.

Transtornado, Beale informara Saetan do retorno de Jaenelle e da observação dirigida a Lucivar, acrescentando que a Senhora parecia adoentada.

Jaenelle sempre ficava com um ar adoentado depois das visitas à Pequena Terreille. Ele ainda não conseguira fazê-la explicar por que isso acontecia. O que a garota contava sobre as atividades de que participara não explicava seu olhar cansado e perturbado, a perda de peso, as noites agitadas que se seguiam e a falta de apetite.

A única pessoa além de Beale que vira Jaenelle após seu retorno foi Karla. E Karla, de olhos marejados e angustiada, provocara uma briga com a única pessoa que corresponderia: Lucivar.

Depois de suportar um monólogo cruel sobre machos, Lucivar arrastara a garota para o campo e lhe entregara um bastão eyrieno, deixando que tentasse acertá-lo. Instigou-a e atormentou-a até que os músculos e as emoções da garota cederam. Ele não dera qualquer explicação para aquilo, e a fúria em seu olhar advertia todos que não lhe perguntassem.

A porta da sala de jantar se abriu. Andulvar, Prothvar e Mephis juntaram-se a Saetan, a preocupação estampada nos olhares dispensava palavras.

Karla chegou um minuto depois, movendo-se com rigidez. Lucivar entrou logo atrás e passou o braço ao redor dos ombros dela — o que, por incrível que pareça, não provocou um acesso de mau humor — e a ajudou a se sentar.

Beale entrou, parecendo tão tenso quanto Saetan.

— A Senhora informa que não poderá jantar com vocês.

Lucivar puxou a cadeira à direita de Saetan.

— Diga à Senhora que ela se juntará a nós para o jantar. E que pode descer com os próprios pés ou sobre meus ombros. A escolha é dela.

Beale arregalou os olhos.

Um ligeiro resmungo de desaprovação veio, inesperadamente, de Mephis.

A sala emanava perigo.

Com a intenção de evitar o confronto que se anunciava entre os homens da família, Saetan acenou para Beale em apoio a Lucivar.

Beale se retirou às pressas.

Lucivar se recostou na cadeira e esperou.

Passados alguns minutos, Jaenelle apareceu, com o rosto pálido, exceto pelas manchas escuras embaixo dos olhos.

Com o sorriso indolente e arrogante, Lucivar puxou a cadeira a seu lado e aguardou.

Jaenelle engoliu em seco.

— D-desculpa. Não consigo.

Foi rápida. Lucivar foi mais rápido ainda.

Atordoados, observaram em silêncio enquanto Lucivar arrastava-a para seu lugar à mesa e largava-a na cadeira. No mesmo instante, ela deu um salto, batendo no punho que Lucivar mantinha sobre sua cabeça. Aturdida, ela não protestou quando ele empurrou sua cadeira para a frente e sentou-se a seu lado.

Saetan também se sentou, dividido entre a preocupação com Jaenelle e o desejo de tratar Lucivar com o mesmo tipo de afeto.

Andulvar, Prothvar e Mephis tomaram seus lugares, indignados. Se Lucivar reparou na fúria que dirigiam a ele, ignorou-a.

A arrogância de não reconhecer a desaprovação dos machos da mesma categoria ou de uma categoria mais escura exasperava Saetan, mas ele segurou a língua e o temperamento. Mais tarde, teria tempo para soltá-los.

— Você vai comer — disse Lucivar, com calma.

Jaenelle olhava fixamente para a frente.

— Não consigo.

— Gata, se tivermos de jogar a sopa no chão para você poder vomitar na tigela, é isso que vamos fazer. Mas você vai comer.

Jaenelle rosnou.

Um criado pálido e trêmulo entrou com a sopa.

Lucivar serviu uma concha cheia na tigela de Jaenelle, mas encheu a sua até o meio. Pegou a colher e esperou.

O resmungo de Jaenelle se intensificou ao pegar a colher com relutância.

Depois de olhar para Lucivar com os olhos semicerrados e um ar reflexivo, Karla fez uma pergunta sobre uma lição de Arte na qual estava trabalhando.

Mephis respondeu, e a discussão se prolongou por todo o primeiro prato.

Jaenelle comeu uma colher de sopa.

Andulvar mudou de posição na cadeira, e foi possível ouvir o ruído de suas asas.

Saetan olhou de relance para ele, advertindo-o para que ficasse quieto. Detectara o cheiro da raiva feminina. Detectara a atenção de Lucivar centrada em Jaenelle e a fúria crescente da garota, algo que Lucivar conseguia provocar com uma facilidade assustadora.

Quando veio o segundo prato, Lucivar pegou comida para ela, incitou-a, desarmou seu autocontrole.

— Fígado? — perguntou Lucivar.

— Só se for o seu — vociferou ela, com os olhos brilhando de modo singular.

Lucivar deu um sorriso vago.

No final do segundo prato, Jaenelle estava a ponto de explodir, e Saetan não entendia o motivo da provocação.

Até o prato de carne.

Lucivar pôs um pedacinho de costeleta no prato de Jaenelle e serviu-se de duas grandes porções.

Jaenelle olhou para a carne macia, rosada no meio, por um longo momento. Depois, pegou a faca e o garfo e começou a comer com extrema voracidade. Quando a carne desapareceu, virou-se para a direita e olhou para o prato de Karla.

A garota ficou lívida.

Quando Jaenelle se virou para a esquerda, e Saetan conseguiu ver claramente os seus olhos, percebeu que Lucivar transformara a refeição em uma dança violenta e brilhantemente coreografada, cujo intuito era trazer à tona o lado predador da Feiticeira.

Por fim, Jaenelle centrou as atenções no prato de Lucivar. Rosnando baixinho, lambeu os lábios e ergueu o garfo.

Com movimentos lentos e deliberados, Lucivar passou a segunda costeleta para ela.

Jaenelle espetou o garfo na carne e arreganhando os dentes para Lucivar.

Ele recolheu os talheres e as mãos e retomou a refeição calmo, enquanto Jaenelle devorava a carne.

Na hora da fruta e do queijo, a atenção de Jaenelle estava inteiramente centrada em Lucivar e nas ofertas de comida que ele fazia. Ao segurar a última uva, ela a encarou por um momento, torceu o nariz e se recostou com um suspiro de satisfação.

E a criança-mulher que Saetan conhecia e amava retornou.

Pela primeira vez desde o início da refeição, Lucivar olhou para os outros homens sentados à mesa. Saetan sentiu uma profunda compaixão pelo filho, que tinha olhos dourados cansados pela batalha.

Durante o café, Lucivar respirou fundo e virou-se para Jaenelle.

— Aliás, você me deve um anel.

— Que anel? — perguntou Jaenelle, desconcertada.

— O equivalente em Kaeleer ao Anel de Obediência.

Jaenelle se engasgou com o café.

Lucivar deu batidinhas em suas costas até ela fulminá-lo com os olhos marejados. Sorriu.

— Você diz, ou digo eu?

Jaenelle olhou para os homens que compunham sua família. Deu de ombros e disse, baixinho:

— Para preencher os requisitos de imigração, Lucivar me servirá pelos próximos cinco anos.

Desta vez, foi Saetan quem se engasgou.

— E? — incitou-a Lucivar.

— Vou pensar em alguma coisa — disse Jaenelle, irritada. — Embora não consiga entender por que você quer usar um desses Anéis.

— Estive pesquisando durante sua ausência. Os machos têm que usar um Anel Dominador como um dos requisitos de imigração.

Jaenelle deixou escapar um suspiro irritado.

— Lucivar, será que existe alguém tão insensato a ponto de lhe pedir que prove que está usando um?

— Esse Anel é prova física de que sirvo a você, e eu o desejo.

Jaenelle deu uma olhadela suplicante para Saetan, que a ignorou.

— Muito bem. Vou pensar em alguma coisa — resmungou, empurrando a cadeira. — Eu e Karla vamos dar um passeio.

Karla, controlando-se com uma rapidez superior à dos homens, levantou-se gemendo e arrastou-se atrás de Jaenelle.

Andulvar, Prothvar e Mephis logo encontraram motivos para sair.

Assim que o conhaque e o yarbarah foram trazidos à mesa, Saetan dispensou os criados, com uma satisfação sombria pela impaciência em voltar à ala dos empregados. Eles não comentavam nada com pessoas de fora, Beale e Helene certificavam-se disso, mas só um tolo poderia pensar que não conversavam entre si. A chegada de Lucivar provocara um grande rebuliço. Lucivar a serviço da Senhora...

Se hoje fosse uma amostra do que os esperava, seriam cinco anos interessantes — e muito longos.

— Esse seu jogo é muito intrigante — disse Saetan, calmo, esquentando um copo de yarbarah. — E perigoso.

Lucivar deu de ombros.

— Não é assim tão perigoso se não pressioná-la além da fúria superficial.

Saetan examinou a expressão cautelosamente neutra de Lucivar.

— Mas você entende quem, e o quê, jaz sob essa fúria superficial?

Lucivar sorriu, cansado.

— Sei quem ela é. — Deu um gole no conhaque. — Você não aprova que eu a sirva, não é?

Saetan fez o copo rolar entre as mãos.

— Em três meses você fez mais pela saúde física e emocional dela do que eu fui capaz em dois anos. Isso é um pouco perturbador.

— Os alicerces que você fundou são mais fortes do que imagina. — Lucivar sorriu. — Além disso, um pai deve ser forte, solidário e protetor. Os irmãos mais velhos, por outro lado, são chatos por natureza e tendem a ser valentões superprotetores.

Saetan sorriu.

— Você é um valentão superprotetor?

— É o que sempre me dizem, com muita veemência.

O sorriso de Saetan desapareceu.

— Tenha cuidado, Lucivar. Há cicatrizes emocionais profundas que você não conhece.

— Sei da violação. E de Briarwood. Quando se sente pressionada demais, ela fala durante o sono. — Lucivar voltou a encher o copo e se deparou com o olhar gelido de Saetan. — Dormi com ela. Não montei nela.

Dormiu com ela. Saetan manteve a fúria sob controle enquanto examinava minuciosamente as implicações daquela afirmação. Confrontou-a com a extensão de contato físico que Jaenelle permitia sem recuar para aquele gelado vazio emocional que sempre assustava todos os que a cercavam.

— Ela não se opôs? — perguntou, com cautela.

Lucivar bufou.

— É claro que se opôs. Que mulher não se oporia, depois de ter sido tão machucada? Porém, se opôs mais ainda a ver seu paciente dormir diante da lareira, e eu me opus com a mesma veemência diante da ideia de ver a Curandeira que salvou minha vida dormir diante da lareira. Por isso, chegamos a um acordo. Eu não me queixaria do jeito que ela monopolizava os travesseiros, enrolava os cobertores, ocupava mais do que o lado dela da cama, produzia aqueles sons bonitinhos que não chamamos de ronco, não importa como soarem, e resmungava com tudo e todos até beber a primeira xícara de café. E ela não se queixava da forma como eu monopolizava os travesseiros, enrolava os cobertores, ocupava mais do que a minha metade da cama, fazia sons esquisitos que a acordavam e que paravam no momento em que ela acordava, e tendia a ser exageradamente bem-disposto pela manhã. E ambos concordamos que nenhum de nós queria o outro para fazer sexo.

O que, para Jaenelle, teria feito toda a diferença.

— Você presta atenção especial a quem imigra para Kaeleer? — perguntou Lucivar, de repente.

— Não muita — respondeu Saetan, com cautela.

Lucivar examinou o conhaque.

— Você não saberia se um haylliano chamado Greer chegasse, não é?

A pergunta congelou Saetan.

— Greer está morto.

Lucivar fixou o olhar na parede da sala de jantar.

— Como Senhor Supremo do Inferno, você poderia marcar uma reunião,

não é?

Por que Lucivar estava se esforçando para manter a respiração regular?

— Greer está *morto*, não é um habitante do Reino das Trevas.

O maxilar de Lucivar se retesou.

— Merda.

Saetan cerrou os dentes. Doces Trevas, o que Lucivar tinha a ver com Greer?

— Por que tanto interesse nele?

Lucivar cerrou os punhos com força.

— Foi o canalha que violou Jaenelle.

A raiva de Saetan explodiu. As janelas da sala de jantar se estilhaçaram. Fendas se abriram ao longo do teto. Com uma enxurrada de palavrões, ele redirecionou a energia para o caminho da entrada da frente, transformando o cascalho em pó.

Greer. Outra ligação entre Hekatah e Dorothea.

Saetan afundou as unhas na mesa, rasgando a madeira, num exercício inútil, já que o que queria dilacerar era *carne*.

A tradição era forte demais. Malditas fossem as Trevas, era forte demais. Não podia matar uma feiticeira a sangue-frio. E, se fosse quebrar o código de honra sob qual vivera a vida inteira, deveria tê-lo feito cinco anos antes, quando teve a chance de fazer diferença, quando teve a chance de salvar Jaenelle. Não agora, que ela já estava marcada pelas cicatrizes. Não agora, pois nada mudaria.

Duas mãos agarraram seus pulsos. Apertaram. Apertaram um pouco mais.

— Senhor Supremo.

Devia ter despedaçado aquele canalha na primeira vez que ele perguntou por Jaenelle. Devia ter triturado a mente dele. Qual era o seu *problema*? Tinha se tornado muito submisso, muito dócil? Qual era sua intenção ao aplacar aqueles tolos insignificantes do Conselho das Trevas, aqueles que estavam magoando sua filha, sua Rainha?

— Senhor Supremo.

E quem era aquele tolo que se atrevia a pôr as mãos no Príncipe das Trevas, o Senhor Supremo do Inferno? Já chega. *Já chega*.

— *Pai*.

Saetan inspirou, esforçando-se para controlar a mente. Lucivar. Lucivar estava prendendo suas mãos na mesa.

Batidas fortes soaram na porta.

— Saetan! Lucivar!

Jaenelle. Doces Trevas, não. Não podia vê-la neste momento.

— SAETAN!

— Por favor — sussurrou. — Não permita que ela...

A porta se estilhaçou.

— Saia, Gata — disse Lucivar, ríspido.

— O que...

— SAIA!

A voz de Andulvar.

— Suba, garota. Nós cuidamos disto.

Vozes discutiam, desapareciam.

— Yarbarah? — perguntou Lucivar, depois de um longo e tenso silêncio.

Saetan estremeceu, balançou a cabeça. Se sentisse o sabor de sangue antes de se acalmar, acabaria desejando quente, direto das veias.

— Conhaque.

Lucivar colocou um copo em sua mão.

Saetan engoliu a bebida de um só gole.

— Você devia ter saído daqui.

Lucivar ergueu o copo com a mão pouco firme e sorriu, vacilante.

— Tenho um pouco de experiência em lidar com a Negra. Pensando bem, você não é assim tão perigoso. Daemon sempre me assustava muito quando ficava irritado. — Esvaziou o copo e voltou a enchê-lo. — Espero que não tenha redecorado este aposento recentemente. Vai precisar refazer, mas não acho que o teto vá desabar.

— De qualquer forma, as garotas não gostavam mesmo do papel de parede.

— Dez boas razões para controlar a fúria. Dez boas razões para libertá-la. E sempre, sempre, para os machos dos Sangue como ele, a tênue linha na qual era preciso caminhar para manter o equilíbrio entre dois instintos conflitantes.

— As Harpias executaram Greer — revelou de repente. — Elas têm uma sensibilidade diferente para esse tipo de situação.

Lucivar concordou.

Estabilidade. Precisaria de estabilidade nos próximos dias.

— Lucivar, tente convencer Jaenelle a lhe mostrar Sceval. Você devia conhecer Kaetien e os outros unicórnios.

Lucivar observou-o com atenção.

— Por quê?

— Tenho assuntos a tratar. Preciso ficar na Fortaleza em Terreille por alguns dias e preferia não ter Jaenelle por perto fazendo perguntas ou querendo saber do meu paradeiro.

Lucivar refletiu por um momento.

— Acha que vai conseguir?

Saetan suspirou, cansado.

— Não vou saber se não tentar.

2 / Terreille

Saetan prendeu o anel de Joia Negra no centro da enorme teia emaranhada com cuidado. Passara dois dias pesquisando os arquivos da Ampulheta de

Geoffrey para descobrir a resposta. Levava mais dois dias para construir a teia. Concedera-se dois outros dias tensos para descansar e reunir, lentamente, as forças.

Draca não dissera nada quando ele solicitou um quarto de hóspedes e uma sala de trabalho na Fortaleza de Terreille, mas cederá uma sala com dimensão suficiente para conter a teia emaranhada. Geoffrey nada dissera sobre os livros solicitados, embora tivesse acrescentado alguns outros de que Saetan não tinha se lembrado.

Saetan respirou fundo. Chegara o momento.

Uma Viúva Negra precisava de contato físico para guiar alguém para fora do Reino Distorcido. No entanto, os laços de sangue às vezes eram capazes de ultrapassar fronteiras que seriam impossíveis de atravessar de outra forma, e ninguém possuía uma ligação mais forte com Daemon do que Saetan. A ligação de um pai com o filho. Mais do que isso, o vínculo daquela noite no Altar de Cassandra.

E o Sangue há de cantar ao Sangue.

Espetando o dedo, Saetan deixou cair uma gota de sangue em cada um dos quatro fios de apoio que prendiam a teia à estrutura de madeira. O líquido escorreu pelos fios de cima e subiu pelos fios de baixo. Ao atingir o anel, Saetan tocou a Joia Negra de leve, cobrindo-a de sangue.

A teia se iluminou. Saetan entoou o feitiço para abrir a paisagem onírica que o levaria àquele que procurava.

Uma paisagem atormentada, repleta de sangue e de cálices de cristal estilizados.

Respirando fundo mais uma vez, Saetan concentrou os olhos no anel de Joia Negra e iniciou a viagem interior até a loucura.

Daemon.

Ergueu a cabeça.

As palavras em círculo aguardavam por ele. As margens da pequena ilha desmoronaram um pouco.

Daemon.

Conhecia aquela voz. *Você é meu instrumento.*

Daemon!

Olhou para cima. Estendeu-se no chão mole.

Uma mão pairava sobre ele, tentando alcançá-lo. Uma mão de pele morena clara, com unhas compridas pintadas de preto. Um pulso surgiu. Parte de um antebraço se esforçava para alcançá-lo.

Conhecia aquela voz. Conhecia aquela mão. Odiava-as.

Daemon, me dê a sua mão. Posso lhe mostrar o caminho de volta.

As palavras mentem. O sangue, não.

A mão tremeu com o esforço de alcançá-lo.

Daemon, me deixe ajudá-lo. Por favor.

Estavam separados por centímetros. Só precisava levantar a mão e poderia sair da ilha.

Os dedos se contraíram.

Daemon, confie em mim. Posso ajudá-lo.

Sangue. Tanto sangue. Um mar de sangue. Iria se afogar nele. Por ter confiado uma vez naquela voz, tinha feito algo... tinha...

MENTIROSO!, gritou. *Jamais confiarei em você!*

Daemon. Uma súplica angustiada.

JAMAIS!

A mão começou a desaparecer.

Daemon foi invadido pelo medo. Não queria ficar sozinho naquele mar de sangue rodeado por palavras que queriam cortá-lo. Queria agarrar aquela mão com toda a força. Desejava as mentiras que pudessem abrandar aquela dor por alguns momentos.

Mas devia esta dor a alguém, pois fizera algo...

Carniceiro filho da puta.

Aquela voz, aquela mão o tinham levado a machucar alguém. No entanto, doces Trevas, como desejava confiar, como desejava se agarrar.

Daemon. Um som sussurrado.

A mão se dissipou, desapareceu.

Esperou.

As palavras giravam em volta. A ilha desmoronou um pouco mais.

Aguardou. A mão não voltou.

Estendeu-se no chão mole e chorou de alívio.

Saetan caiu de joelhos. Os fios da teia emaranhada estavam negros e se desfazendo. Pegou o anel que caía do centro da teia e colocou-o no dedo.

Tão perto. À distância de uma mão, no máximo. Um momento de confiança. Bastava isso para iniciar a viagem para longe daquele sofrimento e daquela loucura.

Bastava isso.

Estendendo-se no chão frio, Saetan apoiou a cabeça nos braços e chorou lágrimas amargas.

3 / Kaeleer

Saetan olhou para Lucivar e balançou a cabeça.

— Bem — começou Lucivar, com a voz tensa —, pelo menos você tentou.

— Um minuto depois, acrescentou: — Estão chamando você na cozinha.

— Na cozinha? Por quê? — perguntou Saetan, enquanto Lucivar o

conduzia para o território incontestado da Sra. Beale.

O outro sorriu e pousou uma mão amiga no ombro de Saetan.

O gesto lhe deu um mau pressentimento.

— Como foi a viagem?

— Viajar com a Gata é sempre uma aventura.

— Vou mesmo querer saber do que se trata?

— Não — respondeu Lucivar animado —, mas mesmo assim vai acabar sabendo.

Jaenelle estava sentada de pernas cruzadas no chão da cozinha. Um cachorrinho de Scelt marrom e branco pulava diante dela. No seu colo havia um grande e branco... gatinho?

— Olá, papai — cumprimentou Jaenelle, submissa.

Papai, disse o cachorro. Vendo que Saetan não respondia, o cachorro olhou para Jaenelle. *Papai?*

— Parentes. — Saetan pigarreou. Sua voz ganhou o tom grave de um barítono. — Os sceltas são parentes?

— Nem todos — disse Jaenelle, defensiva.

— Mais ou menos na mesma proporção dos Sanguem em relação aos plebeus — respondeu Lucivar, com um grande sorriso. — Você está aceitando isso muito melhor que Khardeen. Ele se sentou no meio da estrada e ficou histérico. Tivemos que arrastá-lo para um canto, para não ser atropelado por uma carroça.

Uma risadinha abafada veio do balcão onde a Sra. Beale cortava um pedaço de carne com esforço.

— E bastou essa pequena explicação para que os humanos finalmente entendessem por que alguns sceltas amadurecem tão tarde e possuem expectativa de vida mais longa — acrescentou Lucivar, com uma jovialidade irritante. — Depois de Ladvarian esclarecer que a Gata lhe pertencia...

Minha!, interrompeu o cachorro.

O gatinho ergueu uma pata branca enorme e peluda e derrubou o cachorro.

Nossa!, disse o cachorro, contorcendo-se para sair de debaixo da pata.

— ... preparamos um sedativo potente para o Senhor da Guerra, que acabara de descobrir que sua cadela era também uma Sacerdotisa.

— Mãe Noite. — Saetan desviou a conversa para um fio masculino Vermelho.

Por que um scelta macho teria um nome com a terminação feminina eyriena?

Ele disse que se chamava assim. Quem sou eu para perguntar?

— Depois — prosseguiu Lucivar —, Khary nos arrastou para Tuathal a fim de que visitássemos Lady Duana, que fez alguns comentários mordazes sobre não ter sido informada da existência de parentes no seu Território.

Sim, estava certo de que a Rainha de Scelt fizera alguns comentários, e que teria mais a fazer para *ele*.

Jaenelle escondeu o rosto no pelo do gatinho.

Lucivar, maldita fosse sua alma, parecia apreciar aquele momento, agora que podia jogar o problema para cima de alguém.

Como Jaenelle não estava participando da conversa, Lucivar prosseguiu a narrativa.

— Na discussão acalorada que se seguiu, também descobrimos que há duas raças de equídeos que são parentes.

Saetan cambaleou. Lucivar o conteve.

Os sceltas eram cavaleiros notáveis. As famílias de Khary e de Morghann, em especial, eram entusiastas de cavalos.

— Imagine a surpresa quando descobriram que os cavalos podiam lhes responder — disse Lucivar.

Saetan se ajoelhou ao lado de Jaenelle. Pelo menos, se desmaiasse agora, já não cairia tão longe.

— E o nosso Irmão felino?

Os dedos de Jaenelle apertaram com força o pelo do gatinho. Seu olhar era obscuro e perigoso.

— Kaelas é arceriano. E órfão. A mãe dele foi morta por caçadores.

Kaelas. No Idioma antigo significava “morte branca”. Indicava um tipo de tempestade de neve que chegava sem avisar — repentina, violenta e mortífera.

Outra vez, Saetan voltou a conversa para um fio masculino.

Imagino que ninguém tenha lhe dado esse nome.

Não, senhor, respondeu Lucivar.

Saetan não apreciou a prudência comedida no tom de Lucivar. Estendeu a mão para fazer festa no gatinho.

Kaelas tentou lhe dar uma patada.

— Ei! — disse Jaenelle rispidamente. — Não se deve bater no Senhor Supremo.

Kaelas rosnou, revelando dentes de leite impressionantes. As garras tampouco podiam ser ignoradas.

— Aqui, docinho — disse a Sra. Beale, em um tom carinhoso, colocando duas tigelas no chão da cozinha. — Carninha e leitinho morno.

Saetan fitou a cozinheira. Esta a mesma mulher que o confrontava sempre que os filhotes de lobo perseguiam os coelhos pela horta? Olhou, então, para a tigela de carne cortada e franziu a sobrancelha.

— Essas não eram as carnes frias que você ia servir no almoço?

A Sra. Beale fulminou-o com o olhar. Lucivar deu um prudente passo atrás.

Deixando a cozinha para a Sra. Beale e seus afazeres, Saetan foi para seus aposentos. Lucivar o acompanhou.

— O cachorro é bonitinho — disse. Se aquilo era o melhor elogio que conseguia fazer, sem dúvidas precisava descansar.

— Não se deixe enganar pelos encantos dele — respondeu Lucivar, calmo. — É um Senhor da Guerra, dentro daquela cabecinha peluda há uma inteligência sagaz. Se combinada com um enorme Príncipe dos Senhores da

Guerra predador, eis aí uma parceria que deve ser tratada com todo o cuidado.

Saetan parou à porta de seus aposentos.

— Lucivar, os gatos arcerianos podem atingir que tamanho?

O outro deu um sorriso.

— Digamos que você devia começar logo a colocar feitiços de reforço na mobília.

— Mãe Noite — murmurou Saetan entre dentes, caminhando aos tropeções até a cama. A papelada sobre a mesa podia esperar. Não precisava procurar problemas.

Estava prestes a dormir quando sentiu que era observado. Virando-se na cama, piscou ao ver Ladvarian e Kaelas. Bufou. Alguém já tinha ensinado Ladvarian a caminhar pelo ar. É verdade que ele balançava um pouco, mas, no fim de contas, era apenas um filhote.

Gemendo, Saetan voltou à posição inicial, na esperança de que eles fossem embora.

Dois corpos pousaram na cama.

Bem, não precisava se preocupar em rolar para cima do scelta. Não se atrevia a virar para os lados com Kaelas junto às suas costas, a não ser, talvez, para o chão.

E onde estava Jaenelle?

A Senhora, disseram, estava tomando banho. Eles queriam tirar a sesta. Já que papai Senhor Supremo também tiraria a sesta, podiam lhe fazer companhia.

Com firme determinação, Saetan fechou os olhos.

Não precisava arranjar problemas. Os problemas tinham acabado de cair em cima dele.

CAPÍTULO DOZE

1 / Kaeleer

Levando um globo de vidro e uma pequena taça de vidro nas mãos, ambos azul-cobalto, Tersa caminhou alguns metros pelo jardim dos fundos, os pés descalços afundados na neve até o tornozelo. A lua cheia brincava de se esconder entre as nuvens, assim como a visão que a iludira ao longo do dia. Vivera em meio a visões por tantos séculos que compreendia que aquela em especial teria de adquirir uma forma física, antes de se revelar.

Permitindo que seu corpo fosse o instrumento da paisagem onírica, usou a Arte para deslocar o globo e a taça pelo ar. Ao chegar ao centro do jardim, os objetos pousaram devagar sobre a neve.

Deu um passo em direção a eles para, em seguida, olhar para baixo. A camisola se arrastava pela neve, remexendo-a. Não serviria. Despindo-a, atirou-a para junto à porta dos fundos da casa e continuou a caminhada. Parou. Sim. Aquele era o local adequado para começar.

Uma caminhada a passos largos para manter a neve intacta entre as pegadas a partir de casa e as pegadas que orientariam sua visão. Colocando um pé à frente do outro com cuidado, o calcanhar de um colado aos dedos do outro, aguardou. Havia outra coisa, algo mais.

Usando a Arte, afiou uma unha e cortou o peito de cada pé com a profundidade necessária para que o sangue corresse. Em seguida, caminhou pela matriz da visão. Quando voltou à primeira pegada, saltou para alcançar a neve remexida pelas pegadas arrastadas.

Ao virar-se para observar o padrão das pegadas, a assistente Viúva Negra que estava passando umas semanas com ela gritou:

— Tersa? O que está fazendo aqui fora a esta hora da noite?

Rosnando, Tersa se virou e ficou de frente para a jovem feiticeira.

A assistente observou seu rosto por alguns instantes. Pegou a camisola que Tersa largara no chão, rasgou-a em tiras, envolveu seus pés para que o sangue fosse absorvido e depois se afastou.

A urgência apressou Tersa escada acima, até o quarto. Ela abriu as cortinas e olhou para baixo, para as linhas que desenhara na neve com o próprio sangue.

Dois lados de um triângulo, fortes e ligados. O pai e o irmão. O terceiro lado, o espelho do pai, estava separado dos outros dois, e o centro estava

apagado. Caso se separasse totalmente, jamais teria força suficiente para completar o triângulo.

O pátio estava envolvido pelo luar e pelas sombras. O globo e a taça azul-cobalto, pousados no centro do triângulo, se transformaram em olhos azul-safira.

— Sim — sussurrou Tersa. — Os fios finalmente estão no devido lugar. Chegou o momento.

Com sua permissão tácita, Saetan entrou na sala de estar de Jaenelle. Olhou de relance para o quarto escuro onde Kaelas e Ladvarian estavam, acordados e inquietos. O que significava que Lucivar estaria prestes a aparecer. Nos cinco meses decorridos desde que começara a servi-la, Lucivar tornara-se excepcionalmente sensível aos estados de espírito de Jaenelle.

Saetan se sentou no descanso de pés em frente à cadeira forrada onde a garota estava aninhada.

— Sonho ruim? — perguntou. Nas últimas semanas, as noites agitadas e os pesadelos tinham sido muitos.

— Um sonho — concordou. Hesitou por um instante. — Eu estava diante de uma porta de cristal escurecido. Não conseguia ver o que havia atrás dela, não estava certa se *queria* ver. Mas alguém tentava me entregar uma chave dourada, e eu sabia que, se a aceitasse, a porta se abriria e eu *teria* de saber o que escondia.

— Você aceitou a chave? — Saetan manteve a voz suave e tranquilizadora, enquanto o coração disparava.

— Acordei antes de tocá-la — sorriu Jaenelle, com um ar cansado.

Era a primeira vez que se lembrava de um daqueles sonhos depois de acordar. Saetan tinha uma ideia precisa sobre as memórias que se escondiam atrás daquela porta de cristal. O que significava que, em breve, teriam de falar sobre o passado. Mas não esta noite.

— Quer um chá para ajudá-la a dormir?

— Não, obrigada. Vou ficar bem.

Saetan beijou a testa da filha e saiu.

Lucivar o aguardava no corredor.

— Problemas? — perguntou.

— Possivelmente. — Saetan respirou fundo, expirando devagar. — Vamos até o escritório. Precisamos discutir um assunto.

2 / Kaeleer

—Gata! — Lucivar entrou de rompante no salão principal. Ignorava o que a

teria provocado, mas, depois da conversa com Saetan na noite anterior, não pretendia deixá-la ir sozinha para onde quer que fosse.

Por sorte, Beale mostrava a mesma relutância em deixar a Senhora sair porta afora sem informar o destino a ninguém.

Entre os dois, Jaenelle libertou as frustrações com uma fúria suficiente para que todas as janelas estremecessem.

— Malditos sejam os dois! Preciso *ir*.

— Muito bem. — Lucivar se aproximou devagar, com a mão erguida num gesto conciliador. — Vou acompanhá-la. Aonde vamos?

Jaenelle passou as mãos no cabelo.

— Halaway. Sylvia acabou de me enviar uma mensagem. Está acontecendo alguma coisa com Tersa.

Lucivar trocou um olhar com Beale. O mordomo acenou com a cabeça. Saetan e Mephis chegariam a qualquer momento da reunião com Lady Zhara, a Rainha de Amdarh, capital de Dhemlan — e Beale permaneceria no salão principal até sua chegada.

— Deixem-me passar! — lamuriou-se Jaenelle.

Graças às Trevas, ela não tinha pensado em usar a força contra eles. Poderia eliminar qualquer coisa que representasse um sinal de resistência sem dificuldade.

— Espere um minuto — disse Lucivar, engolindo em seco quando os olhos da garota ficaram tempestuosos. — Você não pode sair de meias. Há neve por todo lado.

Jaenelle praguejou. Lucivar invocou as botas de inverno e entregou-as a ela, enquanto um criado ofegante surgia com o sobretudo de inverno de Jaenelle e a capa de lã com cinturão e aberturas para as asas que servia de sobretudo a Lucivar.

Um minuto depois, voavam em direção à casa de campo de Tersa.

A Viúva Negra assistente abriu a porta logo que pousaram.

— No quarto — disse, com aflição na voz. — Lady Sylvia está com ela.

Jaenelle subiu as escadas correndo, e Lucivar a seguiu.

Ao vê-los, Sylvia apoiou-se na cômoda. O alívio em seu rosto ocultado pela grande preocupação. Lucivar abraçou-a, e ficou apreensivo pela forma como ela se agarrou a ele.

Jaenelle deu a volta na cama para ficar de frente para Tersa, que arrumava freneticamente um pequeno baú. Misturados às roupas que cobriam a cama havia livros, velas e alguns objetos que Lucivar reconheceu como instrumentos que só poderiam pertencer a uma Viúva Negra.

— Tersa — disse Jaenelle, com a voz calma, embora autoritária.

Tersa sacudiu a cabeça.

— Preciso encontrá-lo. Chegou o momento.

— Quem você precisa encontrar?

— O rapaz. Meu filho. Daemon.

Lucivar ficou com um nó na garganta ao ver Jaenelle empalidecer.

— Daemon. — Jaenelle estremeceu. — A chave dourada.

— Preciso encontrá-lo. — A voz de Tersa ecoava frustração e medo. — Se o sofrimento não terminar em breve, será sua destruição.

Jaenelle pareceu não ter ouvido nem compreendido as palavras.

— Daemon — murmurou. — Como pude esquecer Daemon?

— Preciso voltar a Terreille. Preciso encontrá-lo.

— Não — disse Jaenelle com sua voz de meia-noite. — *Eu vou* encontrá-lo.

Tersa interrompeu os movimentos inquietos.

— Sim — disse devagar, esforçando-se para se lembrar de alguma coisa. — Ele confiará em você. Vai segui-la para fora do Reino Distorcido.

Jaenelle fechou os olhos.

Ainda abraçado a Sylvia, Lucivar se apoiou na parede. Fogo do Inferno, por que o quarto estava girando lentamente?

Quando Jaenelle abriu os olhos, Lucivar a encarou atônito, incapaz de parar. Nunca vira os olhos dela daquela forma. Esperava nunca mais voltar a vê-los assim. Jaenelle saiu do quarto.

Deixando que Sylvia se recompusesse sozinha, Lucivar correu atrás dela, que caminhava a passos largos em direção à teia de desembarque na entrada do povoado.

— Gata, o Paço fica para o outro lado.

Sem obter resposta, tentou segurá-la pelo braço. O escudo à sua volta era tão gelado que queimou sua mão.

Ela passou pela teia de desembarque e continuou a caminhar. Lucivar caminhou do seu lado, sem saber ao certo o que dizer, sem saber ao certo o que se *atreveria* a dizer.

— Macho teimoso e rabugento — resmungou Jaenelle, enquanto seus olhos se enchiam de lágrimas. — Eu o *avisei* que o cálice precisava de tempo para sarar. *Disse* para você ir para um lugar seguro. Por que não me escutou? Não podia ter me obedecido *uma só vez*? — Parou de caminhar.

Lucivar viu a dor se transformar em raiva quando ela se virou em direção ao Paço.

— Saetan — disse Jaenelle, num sussurro maléfico. — Você estava presente naquela noite. Você...

Lucivar não tentou acompanhá-la quando ela desatou a correr de volta para o Paço. Em vez disso enviou um aviso a Beale através de um fio Vermelho masculino. Beale, por sua vez, informou-o que o Senhor Supremo acabara de chegar.

Esperava que seu pai estivesse preparado para aquele combate.

Saetan sentiu a chegada iminente de Jaenelle.

Nervoso demais para se sentar, encostou-se à mesa de madeira escura, com as mãos agarradas ao tampo com uma força incrível.

Tivera dois anos para se preparar para este momento. Passara horas intermináveis tentando encontrar as frases certas para explicar a brutalidade que quase a destruía. Contudo, de uma forma ou de outra, o momento certo para falar com ela nunca chegara. Mesmo depois da noite anterior, quando percebeu que aquelas memórias tentavam emergir, adiar a conversa.

Agora era a hora. E, ainda assim, não se sentia preparado.

Ele tinha chegado em casa e encontrado Beale aflito no salão principal, aguardando para transmitir o aviso de Lucivar:

— Ela se lembrou de Daemon... e está furiosa.

Sentiu quando Jaenelle entrou no Paço e torceu para encontrar uma forma de ajudá-la a encarar aquelas memórias à luz do dia, não nos sonhos.

A porta do escritório foi arrancada das dobradiças, despedaçando-se ao bater na parede oposta. A força negra se alastrou pela sala, desfazendo as mesas e destruindo o sofá e as cadeiras.

O medo o invadiu. Mas Saetan reparou que ela não atingira os quadros e a escultura, que não poderiam ser substituídos.

Foi nesse momento que Jaenelle entrou no escritório, e nada poderia tê-lo preparado para a raiva fria concentrada nele.

— Maldito. — A voz de meia-noite parecia calma. Um som mortífero.

Ela falava sério. Se a malevolência e a aversão nos seus olhos fossem uma indicação da intensidade da sua raiva, então Saetan estava mesmo condenado.

— Seu desgraçado insensível.

A mente de Saetan estava frenética, mas não conseguia produzir sequer um som. Torcia para que os sentimentos que a filha nutria por ele servissem para contrabalançar a fúria, mas sabia que isso não aconteceria, já que Daemon fora acrescentado à equação.

Jaenelle avançou na direção de Saetan, dobrando os dedos, fazendo com que o Senhor Supremo centrasse parte da atenção nas unhas afiadas como um punhal, que agora tinha razões para temer.

— Você o usou. Era um amigo e *você o usou*.

Saetan cerrou os dentes.

— Não havia outra opção.

— Havia *outra* opção. — Bateu na cadeira em frente à mesa, partindo-a ao meio. — HAVIA OUTRA OPÇÃO!

A fúria crescente de Saetan empurrou o medo para o lado.

— Perder você — disse, irritado. — Afastar-me, deixar seu corpo morrer e *perder você*. Não considerarei essa opção, Senhora. Nem Daemon.

— Você não me perderia se meu corpo morresse. Eu acabaria conseguindo reconstruir o cálice de cristal e...

— Você é Feiticeira, e Feiticeiras não se tornam *cildru dyathe*. Perderíamos

você. Completamente. Daemon sabia disso.

Esse argumento a deteve por um momento.

— Dei a ele toda a força que eu tinha. Ele desceu muito fundo no abismo, para tentar alcançar você. Quando tentei puxá-lo de volta, ele resistiu, e a ligação entre nós se partiu.

— Ele estilhaçou o cálice de cristal — disse Jaenelle com a voz sombria. — Estilhaçou a mente. Consegui reconstruí-la, mas estava bastante fragilizada. Quando ele saiu do abismo, qualquer coisa poderia tê-lo danificado. A essa altura, bastaria uma palavra mais dura.

— Eu sei — disse Saetan, com cautela. — Pude sentir.

A raiva fria voltou a invadir seu olhar.

— Mas você o deixou lá, não foi, Saetan? — perguntou, com uma delicadeza exagerada. — Os tios de Briarwood tinham chegado ao Altar, e você deixou um homem indefeso à própria sorte.

— Ele deveria ter atravessado o Portão — respondeu Saetan irritado. — Não sei por que não fez isso.

— É claro que sabe. — A voz de Jaenelle era um sussurro sepulcral. — Nós dois sabemos. Se um feitiço de tempo não tivesse sido colocado nas velas para que se apagassem, fechando o Portão, alguém teria de ficar ali para fazê-lo. Naturalmente, seria de se esperar que fosse o Príncipe dos Senhores da Guerra.

— Ele pode ter tido outros motivos para ficar — disse Saetan, com cuidado.

— É possível — respondeu Jaenelle, com a mesma prudência. — Mas isso não explica o fato de estar no Reino Distorcido, não é, Senhor Supremo? — Deu um passo na direção de Saetan. — Não explica por que o abandonou lá.

— Eu não sabia que ele estava no Reino Distorcido até... — Saetan cerrou os dentes para impedir que as palavras saíssem.

— Até Lucivar chegar a Kaeleer — Jaenelle concluiu por ele. Levantou a mão com indiferença, antes de Saetan conseguir falar. — Lucivar estava nas minas de sal de Pruul. Sei que não podia fazer nada. Mas você...

Saetan respondeu, pausando entre as palavras.

— O principal era trazer você de volta. Usei as minhas forças para essa tarefa. Daemon teria entendido, teria exigido isso.

— Voltei há dois anos, e agora não há nada esgotando suas forças. — Os olhos de Jaenelle ficaram repletos de sofrimento e traição. — E, no entanto, você nem sequer tentou chegar até ele, não é?

— Sim, tentei! MALDITA SEJA, TENTEI! — Saetan inclinou-se sobre a mesa. — Pare de agir como uma vagabundazinha arrogante. Ele pode ser seu amigo, mas também é meu *filho*. Você realmente acha que não tentaria ajudá-lo? — Voltou a sentir o sabor amargo do fracasso. — Estive tão perto, criança-feiticeira. Tão perto. Mas ele estava fora do meu alcance. E não confiou em mim. Se Daemon tivesse se esforçado um mínimo que fosse, eu teria conseguido trazê-lo. Poderia ter indicado a saída do Reino Distorcido, mas ele não confiou em mim.

O silêncio se arrastou.

— Vou trazê-lo de volta — disse Jaenelle, em um tom sereno.

Saetan se endireitou.

— Você não pode voltar a Terreille.

— Não me diga o que posso ou não posso fazer — retrucou Jaenelle, ríspida.

— Ouça o que digo, Jaenelle — insistiu ele. — Você não pode voltar a Terreille. Assim que percebesse sua presença, Dorothea faria todo o possível para controlá-la ou destruí-la. E você ainda não atingiu a maioridade. Seus parentes em Chaillot poderiam tentar recuperar sua custódia.

— Terei de arriscar. Não vou abandoná-lo sofrendo. — Deu as costas para sair.

Saetan inspirou fundo e expirou devagar.

— Como sou pai dele, posso alcançá-lo sem necessidade de contato físico.

— Mas ele não confia em você.

— Posso ajudá-la, Jaenelle.

Ela se virou para olhá-lo, e Saetan se deparou com uma estranha.

— Não quero sua ajuda, Senhor Supremo — respondeu, calma.

Jaenelle foi embora, e Saetan soube que estava fazendo muito mais do que simplesmente deixar uma sala.

Tudo tem um preço.

Lucivar encontrou-a nos jardins algumas horas mais tarde, sentada num banco de pedra, as mãos apertadas entre os joelhos com tanta força que chegavam a doer. Sentando-se no banco, ele se aproximou o máximo que conseguiu, sem tocá-la.

— Gata? — disse, em um tom dócil, receando que até mesmo o som pudesse destruçá-la. — Fale comigo, por favor.

— Eu... — Ela se arrepiou.

— Você se lembra.

— Eu me lembro. — Deu uma gargalhada lancinante. — Eu me lembro de tudo. Marjane, Dannie, Rose, Briarwood. Greer. Tudo. — Olhou-o de soslaio. — Você sabia de Briarwood. E de Greer.

Lucivar afastou uma madeixa do rosto. Talvez tivesse que deixar o cabelo curto, como de hábito entre os guerreiros eyrienos.

— Às vezes, quando você tem pesadelos, fala enquanto dorme.

— Então vocês dois sabiam. E nada disseram.

— O que poderíamos dizer, Gata? — perguntou Lucivar, devagar. — Se a forçássemos a se lembrar de algo tão emocionalmente marcante, você teria tido um ataque de fúria.

Os lábios de Jaenelle insinuaram um sorriso.

— É verdade. — O sorriso desapareceu. — Sabe o que é pior? Eu me esqueci. Daemon era meu amigo, e me esqueci dele. Naquele Winsol, antes

de... ele me deu uma pulseira de prata. Não sei o que aconteceu com ela. Eu tinha uma fotografia dele. Também não sei o que aconteceu com ela. E, além disso, Daemon deu tudo o que tinha para me ajudar, e, no final, todos o abandonaram como se ele não tivesse importância.

— Se você tivesse se lembrado da violação quando voltou, teria ficado? Ou teria abandonado o corpo outra vez?

— Não sei.

— Portanto, esquecer Daemon foi o preço a pagar para manter essas memórias à distância até ficar forte o suficiente para enfrentá-las... Daemon diria que foi um preço justo.

— É fácil afirmar o que Daemon diria quando ele não está presente para se opor, não é? — Os olhos dela se encheram de lágrimas.

— Você está esquecendo uma coisa, feiticeirazinha — disse Lucivar, ríspido. — Daemon é meu irmão e um Príncipe dos Senhores da Guerra. Eu o conheço há mais tempo e melhor do que você.

Jaenelle se ajeitou no banco.

— Eu não o culpo pelo que aconteceu com ele. Mas o Senhor Supremo...

— Se você vai exigir que o Senhor Supremo arque com a culpa por Daemon estar no Reino Distorcido, terá de dividir um pouco dessa culpa comigo também.

Jaenelle se virou para encará-lo, com um olhar frio.

Lucivar respirou fundo.

— Ele foi a Pruul me libertar. Queria que eu fosse com ele. E eu recusei, pois pensava que tivesse matado você, que a tivesse violado.

— *Daemon?*

Lucivar praguejou com violência.

— Às vezes você consegue ser incrivelmente ingênua. Não tem ideia do que Daemon é capaz, quando está frio.

— Você acreditou mesmo nisso?

Ele apoiou a cabeça nas mãos.

— Havia muito sangue, a dor era imensa. Eu não consegui vencer o sofrimento, pensar com clareza e duvidar do que tinham dito. E, quando o acusei, ele não negou.

Jaenelle ficou pensativa.

— Ele me seduziu. Bem, seduziu a Feiticeira. Quando estávamos no abismo.

— Ele fez o quê? — perguntou Lucivar, com uma calma mortífera.

— Não seja impertinente — retrucou Jaenelle. — Foi um truque para que eu curasse meu corpo. Ele não me desejava, de fato. A ela. Ele não... — Sua voz sumiu. Esperou um minuto antes de continuar. — Disse que esperara pela Feiticeira a vida toda. Que nascera para ser seu amante. Mas, depois, não quis ser seu amante.

— Fogo do Inferno, Gata — explodiu Lucivar. — Você tinha doze anos e tinha acabado de ser violada. O que esperava que ele fizesse?

— No abismo, eu não tinha doze anos.

Lucivar semicerrou os olhos, imaginando o que ela queria dizer.

— Ele mentiu para mim — disse Jaenelle, baixinho.

— Não, não mentiu. Ele sente mesmo tudo o que disse. Se você tivesse dezoito anos e ele lhe oferecesse o anel de Consorte, você teria descoberto mais rápido. — Lucivar fitou o jardim fora de foco. Pigarreou. — Saetan ama você, Gata. E você o ama. Tudo o que ele fez foi com o intuito de salvar sua Rainha. Fez o que qualquer outro Príncipe dos Senhores da Guerra faria. Se você não consegue perdoá-lo, como vai conseguir me perdoar algum dia?

— Ah, Lucivar. — Soluçando, Jaenelle o abraçou.

Lucivar também a abraçou, afagou-a e sentiu um consolo penoso pela força com que ela o agarrava. As lágrimas silenciosas dele molharam o cabelo dela. As lágrimas eram por ela, cujas feridas da alma tinham sido reabertas, e por ele próprio, que poderia ter perdido algo valioso pouco depois de ter encontrado. E também por Saetan, que poderia ter perdido muito mais, e por Daemon. Acima de tudo, por Daemon.

A luz do dia estava quase desaparecendo quando Jaenelle se afastou, delicada.

— Preciso falar com uma pessoa. Voltarei mais tarde.

Preocupado, Lucivar observou os ombros curvados e o rosto pálido da irmã.

— Onde... — A prudência entrou em conflito com o instinto, e ele vacilou.

Os lábios de Jaenelle transpareciam a sombra de um sorriso compreensivo.

— Não vou a nenhum lugar perigoso. Não sairei de Kaeleer. E não, Príncipe Yaslana, não é arriscado. Vou apenas visitar um amigo.

Ele a deixou partir, incapaz de agir.

Saetan fitava o vazio, mantendo o sofrimento à distância, mantendo as recordações à distância. Se perdesse o controle e as deixasse fluir... não sabia se conseguiria sobreviver, nem mesmo se tentaria.

— Saetan? — Jaenelle estava na soleira da porta aberta do escritório.

— Senhora. — Protocolo. As cortesias tradicionais de quando um Príncipe dos Senhores da Guerra se dirigia a uma Rainha de categoria idêntica ou mais escura. Perdera o privilégio de se dirigir a ela de outra forma, de representar algo mais.

Quando Jaenelle entrou na sala, Saetan contornou a mesa. Não podia se sentar enquanto ela estivesse de pé, e não podia lhe pedir que se sentasse, já que os outros móveis do escritório tinham sido destruídos e ele permitira que Beale limpasse a bagunça.

Jaenelle se aproximou, vacilante, mordendo o lábio inferior e com as mãos se entrelaçando, agitadas. Não olhou para Saetan.

— Falei com Lorn. — Sua voz tremia. Ele piscava depressa. — Assim como você, ele acha que não devo ir a Terreille... a não ser à Fortaleza. Decidimos

que criarei uma sombra de mim mesma que possa interagir com outras pessoas e procurar Daemon, enquanto meu corpo ficará em segurança na Fortaleza. Só poderei fazer buscas durante três dias por mês, devido ao esgotamento físico que a sombra provocará, mas conheço alguém que talvez possa me ajudar a procurar por ele.

— Você deve agir como achar melhor — disse, com prudência.

Jaenelle olhou para Saetan com aqueles belos olhos, antigos e perturbados, cheios de lágrimas.

— S-Saetan?

Como era jovem para tanto poder e sabedoria.

Abriu os braços, abriu o coração.

Agarrou-se a Saetan, tremendo violentamente.

Jaenelle era a dança mais penosa e mais gloriosa da sua vida.

— Saetan, eu...

Ele colocou um dedo sobre seus lábios.

— Não, criança-feiticeira — disse, com doce pesar. — O perdão não funciona assim. Você pode querer me perdoar, mas ainda não consegue. Perdoar alguém pode levar semanas, meses, anos. Às vezes, até uma vida inteira. Até Daemon estar bem outra vez, tudo o que podemos fazer é tentar ser amáveis e compreensivos um com o outro, vivendo um dia de cada vez. — Ele a abraçou com força, aproveitando a sensação, sem saber quando a abraçaria desse jeito de novo, ou se alguma vez voltaria a fazê-lo. — Vamos, criança-feiticeira. Está quase amanhecendo. Agora você precisa descansar.

Saetan a acompanhou até o quarto, mas não entrou. Já em seus aposentos, sentiu a solidão se abater sobre si.

Aninhou-se na cama, incapaz de conter as lágrimas que segurara ao longo de toda a longa e terrível noite. Levaria tempo. Semanas, meses, talvez anos. Sabia que levaria tempo.

Mas, por favor, Doces Trevas, que não seja uma vida inteira.

4 / Terreille

Surreal caminhou pela rua abandonada em direção à praça do mercado, na esperança de que sua expressão fria contrabalançasse seu estado físico vulnerável. Não devia ter usado aquela infusão de feiticeira para suprimir o período da lua do mês anterior. No entanto, os guardas hayllianos que Kartane SaDiablo enviara atrás dela estavam prestes a capturá-la. Por isso, não se sentira segura para ficar indefesa nos dias em que seu corpo não toleraria o uso de poderes que não fossem da Arte básica.

Para as entranhas do Inferno com todos os machos dos Sangue! Quando o corpo de uma feiticeira enfraquece, todos os machos dos Sangue tornam-se

potenciais inimigos. E, neste exato momento, havia muitos inimigos com que se preocupar.

Buscaria alguns mantimentos no mercado, para depois se refugiar em casa com dois longos romances.

Ouviu gritos abafados e assustados vindo do beco à frente.

Invocando uma faca de lâmina comprida, Surreal deslizou até a esquina do beco e pôs-se à espreita.

Quatro homens hayllianos, enormes e taciturnos. E uma garota que ainda era praticamente uma criança. Dois deles se afastaram, observando, enquanto um de seus companheiros segurava a garota e as mãos de outro a despiam.

Droga, droga, droga. Era uma armadilha. Não havia outra razão para que hayllianos viessem para esta zona do Reino, ainda mais numa cidade moribunda. Deveria apenas voltar para casa sem chamar atenção. Se fosse cuidadosa, talvez não a encontrassem. Outros hayllianos deviam estar aguardando em locais onde Surreal poderia comprar um bilhete para uma Carruagem da Teia, que por isso estava fora de questão. Caminhar pelos Ventos sem a proteção de uma Carruagem era quase o mesmo que sucídio.

No entanto, a garota estava ali. Se não fizesse nada, o destino daquela criança estaria nas mãos dos quatro brutamontes. Mesmo que alguém a “socorresse” depois, seria passada de homem em homem até que a ação contínua ou a brutalidade deles acabaria por matá-la.

Respirando fundo, Surreal correu para o beco.

Um golpe vertical rasgou um dos homens da axila à clavícula. Surreal balançou o braço, passando a poucos centímetros do rosto da garota, e conseguiu fazer um corte superficial no peito do outro homem, enquanto tentava libertar a menina.

Nesse momento, os outros dois homens entraram na luta.

Surreal se abaixou para evitar um soco que teria esmagado a lateral da sua cabeça. Em seguida, se desequilibrou, levantou de um salto, deu dois passos rápidos e, como ninguém a impediu de prosseguir pelo beco, deu a volta para sair.

Os hayllianos bloqueavam a única saída da via.

Surreal olhou para a garota, querendo transmitir seu pesar.

A garota que estava sendo atacada deu um sorriso ávido, enquanto um dos homens que não tinham sido atingidos por Surreal colocava um saco de moedas nas suas mãos. Ela juntou as roupas e correu para fora do beco.

Vagabunda mercenária.

Surreal tentou com todas as forças se lembrar das outras garotas que ajudara ao longo dos últimos cinco anos, mas recordá-las não abrandou o sentimento avassalador de traição. Bem, chegara ao fim de um ciclo. Sobrevivera em becos nojentos. Agora, morreria em um deles, pois não estava disposta a permitir que Kartane SaDiablo a aprisionasse e a oferecesse à Sacerdotisa Suprema de Hayll.

Os homens avançaram, exibindo sorrisos cruéis.

— Deixem ela em paz.

A voz de meia-noite, calma e sinistra, soou atrás de Surreal.

Surreal olhou para os homens, viu o choque, a inquietação e o medo se transformarem num olhar que, para uma mulher, sempre significou dor.

— Deixem ela em paz — repetiu a voz.

— Vá para o Inferno — disse o haylliano mais corpulento, avançando.

Surgiu uma névoa atrás dos homens, formando uma parede de um lado ao outro do beco.

— Corte a garganta da vagabunda e acabe logo com isto — disse o homem com o ombro ferido.

— Não podemos nos divertir nem brincar com a mestiça, por isso a outra terá de aprender a se comportar — disse o homem corpulento.

Uma névoa espessa invadiu o beco. Olhos apareceram, como pedras preciosas vermelhas e incandescentes, e ouviu-se um rosnado.

Surreal gritou sem fôlego ao sentir uma mão agarrando seu braço esquerdo.

— Venha comigo — disse aquela voz de meia-noite, incrivelmente familiar.

A névoa girou e era muito espessa para que fosse possível ver quem a guiava com tanta facilidade, como se caminhando em águas transparentes.

Mais rosnados. E, em seguida, gritos agudos e desesperados.

— O q-que... — gaguejou Surreal.

— Cães de Caça do Inferno.

À direita de Surreal, alguma coisa caiu no chão, fazendo um barulho como se tivesse caído na água.

Surreal tentou engolir, tentou não respirar.

Em seguida, saíram da bruma, voltando à paisagem acolhedora do beco abandonado.

— Você está morando aqui perto? — perguntou a voz.

Surreal finalmente olhou para sua salvadora, sentindo uma pontada de desilusão logo seguida por uma sensação de alívio. A mulher era da sua altura, e o corpo no macacão preto e justo, embora esguio, não pertencia totalmente à criança da qual se lembrava. Contudo, o cabelo comprido era louro e os olhos se escondiam por trás de óculos escuros.

Surreal tentou se afastar.

— Agradeço por salvar minha pele, mas minha mãe me aconselhou a não dizer onde eu moro para estranhos.

— Não somos estranhas, e tenho certeza de que esse não foi o único conselho de Titian.

Surreal tentou, outra vez, se libertar. A mão que agarrava seu braço apertou com mais força. Percebendo que ainda segurava a arma na outra mão, ela puxou a faca para trás, atacando com força o pulso da mulher.

A faca passou pelo pulso como se ele não existisse e desapareceu em seguida.

— O que é você? — arquejou Surreal.

— Uma ilusão que se chama sombra.

— Quem é você?

— Briarwood é o belo veneno. Não há cura para Briarwood. — A mulher sorriu com frieza. — Isto responde à sua pergunta?

Surreal observou a mulher, tentando encontrar algum vestígio da criança de que se recordava. Depois de um minuto, disse:

— Você é mesmo Jaenelle, não é? Ou uma parte dela?

Jaenelle sorriu, embora sem qualquer traço de satisfação.

— Sou eu mesma. — Uma pausa. Em seguida: — Precisamos conversar, Surreal. Em particular.

Oh, é claro que precisavam conversar.

— Primeiro tenho de ir ao mercado.

A mão com as unhas pintadas de preto e afiadas como um punhal aliviaram o aperto por um momento antes de soltá-la.

— Está bem.

Surreal hesitou. Era possível ouvir rosnados e rangidos que vinham da névoa atrás delas.

— Você não precisa terminar a matança?

— Isso não vai ser um problema — disse Jaenelle, seca. — Pilhas de cocô de Cães de Caça não são uma ameaça para ninguém.

Surreal empalideceu.

Os lábios de Jaenelle se crispavam.

— Peço desculpas — disse, passado um minuto. — Todos temos diferentes facetas de personalidade. Esse episódio trouxe à tona as minhas piores. Ninguém entrará no beco, e ninguém sairá de lá. As Harpias chegarão a qualquer momento e cuidarão do assunto.

Surreal seguiu até a praça do mercado e comprou pães, frango, legumes, empadinhas de carne e fruta fresca.

— Vou preparar uma infusão medicinal — disse Jaenelle, quando voltaram à casa de Surreal.

Ainda se perguntando sobre o que teria levado Jaenelle a procurá-la, Surreal assentiu com a cabeça antes de se retirar para o banheiro para se limpar. Quando voltou, havia um prato tapado sobre a pequena mesa da cozinha e uma caneca fumegante com uma infusão de feiticeira.

Sentando-se numa cadeira, Surreal bebeu a infusão e sentiu a dor no abdômen diminuindo aos poucos.

— Como você me encontrou? — perguntou.

Pela primeira vez, o sorriso de Jaenelle tinha um ar divertido.

— Bem, querida, como você é a única Joia Cinza em todo o Reino de Terreille, não é difícil de encontrar.

— Eu não sabia que era possível localizar alguém assim.

— Quem está atrás de você não pode se valer deste método. Seria preciso que usasse uma Joia igual ou mais escura do que a sua.

— Por que veio à minha procura? — Surreal perguntou, calma.

— Preciso da sua ajuda. Preciso encontrar Daemon.

Surreal fitou a caneca.

— Qualquer coisa que ele tenha feito no Altar de Cassandra aquela noite, foi para ajudar você. Será que ele já não sofreu o suficiente?

— Demais.

A voz de Jaenelle transparecia mágoa e pesar. Os olhos teriam transmitido mais.

— Precisa mesmo usar esses óculos escuros ridículos? — perguntou Surreal, ríspida.

Jaenelle hesitou.

— Meus olhos podem perturbá-la.

— Aceito correr o risco.

Jaenelle tirou os óculos.

Aqueles olhos pertenciam a alguém que sobrevivera aos pesadelos mais distorcidos da alma.

Surreal engoliu em seco.

— Entendo o que quer dizer.

Jaenelle colocou os óculos.

— Posso trazê-lo de volta do Reino Distorcido, mas preciso estabelecer uma ligação com o corpo.

Se Jaenelle tivesse vindo alguns meses antes.

— Não sei onde ele está — disse Surreal.

— Mas pode procurá-lo. Só posso manter esta forma durante três dias a cada mês. O tempo está se esgotando para Daemon, Surreal. Se o caminho não for indicado em breve, não restará nada dele.

Surreal fechou os olhos. *Merda.*

Jaenelle colocou o resto da infusão na caneca de Surreal.

— Nem mesmo o período da lua de uma feiticeira de Joia Cinza deveria causar este sofrimento.

Surreal mudou de posição. Encolheu-se.

— Suprimi o período do mês passado. — Envolheu a xícara com as mãos.

— Daemon viveu comigo por uns tempos. Até alguns meses atrás.

— O que aconteceu depois?

— O que aconteceu foi Kartane SaDiablo — respondeu com a voz cruel, e sorriu em seguida. — O seu encantamento, ou teia ou o que quer que tenha tecido para os tios de Briarwood funcionou perfeitamente com ele. Você não reconheceria o desgraçado. — Fez uma pausa. — A propósito, Robert Benedict está morto.

— Que pena — murmurou Jaenelle, com veneno escorrendo pela voz. — E o prezado Dr. Carvay?

— Vivo, mais ou menos. Não por muito tempo, pelo que ouvi dizer.

— Me conte sobre Kartane... e Daemon.

— Na última primavera, Daemon apareceu na casa onde eu estava morando. Os nossos caminhos se cruzaram algumas vezes desde... — Surreal

vacilou.

— Desde a noite no Altar de Cassandra.

— Pois é. Ele estava do mesmo jeito que Tersa. Aparecia, ficava uns dias e voltava a desaparecer. Da última vez, ficou. Foi então que Kartane apareceu. — Surreal esvaziou a caneca. — Parece que ele já estava atrás de Daemon há algum tempo, mas, ao contrário de Dorothea, parecia saber onde procurar. Começou a exigir que Daemon o ajudasse a se libertar do terrível feitiço que alguém armara para ele, como se não tivesse feito nada para merecê-lo. Quando percebeu que Daemon estava perdido no Reino Distorcido e era inútil, olhou para mim... e reparou nas minhas orelhas. Quando se deu conta de que eu era a filha de Titian — e dele também —, Daemon explodiu e o expulsou.

“Acho que ele percebeu que levar Daemon a Dorothea não seria de grande ajuda, mas levar seu único descendente possível seria um belo negócio. E uma descendente fêmea que pudesse dar continuação à linhagem seria um forte incentivo, mesmo mestiça.

“Daemon insistiu que partíssemos de imediato, pois Kartane voltaria ao escurecer, com guardas. E foi o que aconteceu.

“Antes de pegar o Vento para sair dali, Daemon e eu tínhamos decidido ir para uma cidade em outro Território. Ele estava logo atrás de mim, viajando perto. Mas depois não estava. Não o vi desde então.

— E desde então você tem fugido.

— Exato. — Surreal se sentia muito cansada. Queria se perder num livro, no sono. Mas agora seria muito arriscado. Os guardas hayllianos começariam a se perguntar sobre a ausência daqueles quatro homens, logo começariam as buscas.

— Coma, Surreal.

Surreal deu uma mordida no pão e se perguntou por que não provara a infusão — e por que não se importava com isso.

Jaenelle verificou o quarto e, em seguida, examinou o sofá velho na sala de estar.

— Você prefere se acomodar na cama ou deitar ali?

— Não posso — balbuciou Surreal, aborrecida por sentir que estava prestes a chorar.

— Pode sim. — Retirando almofadas e um edredom do quarto, Jaenelle transformou o sofá em um ninho acolhedor. — Posso ficar mais dois dias. Ninguém a incomodará enquanto eu estiver aqui.

— Eu te ajudo a procurar — disse Surreal, se enroscando no sofá.

— Eu sei. — Jaenelle sorriu com frieza. — Você é a filha de Titian. Não poderia ser diferente.

— Não sei se gosto de ser tão previsível — protestou Surreal.

Jaenelle providenciou outra caneca de infusão medicinal, deixou Surreal escolher entre dois novos romances e se instalou numa cadeira.

Surreal bebeu a infusão, leu duas vezes a primeira página do romance e

desistiu. Olhando para Jaenelle, mil perguntas vinham à sua mente.

Não queria ouvir a resposta de nenhuma delas.

Por ora, bastava saber que, logo que encontrassem Daemon, Jaenelle o tiraria do Reino Distorcido.

Por ora, bastava se sentir segura.



QUARTA PARTE

CAPÍTULO TREZE

1 / Kaeleer

— A primavera é a temporada dos romances — disse Hekatah, observando o companheiro. — E agora ela já tem dezoito anos. Idade o bastante para desfrutar um marido.

— É verdade. — Lord Jorval desenhava pequenos círculos na mesa arranhada. — No entanto, é importante escolher o marido *adequado*.

— Ele só precisa ser jovem, belo e másculo... e obediente — retrucou Hekatah. — Será apenas uma isca sexual que a afastará daquele monstro. Ou você quer viver sob o domínio do Senhor Supremo quando sua “filha” constituir corte e começar seu reinado?

Jorval parecia obstinado.

— Um marido poderia ser muito mais do que uma isca sexual. Um homem maduro poderia guiar sua esposa Rainha, ajudando-a a tomar as decisões certas, mantendo-a longe das más influências.

Frustrada a ponto de querer gritar, Hekatah se recostou e enrolou as mãos nos braços da cadeira, para evitar se esticar sobre a mesa e arrancar metade do rosto daquele idiota.

Fogo do Inferno, como sentia falta de Greer. Ele entendia a sutileza. Entendia a prudência sensível de fazer uso de intermediários sempre que possível, evitando ficar na linha de fogo. Como membro do Conselho das Trevas, Jorval era de grande utilidade, pois mantinha a aversão e a desconfiança do Conselho em banho-maria. Porém, desejava Jaenelle Angelline e imaginava noites de sexo que fariam a vadia pálida ficar maleável e submissa a todos os seus caprichos, na cama e fora dela. E até aí tudo bem, mas o idiota parecia não querer ver além dos lençóis suados e avaliar o que poderia estar esperando por ele para uma conversinha.

Hekatah sabia com alguma certeza que Saetan cerraria os dentes e suportaria um macho indesejável pelo qual sua Rainha estivesse apaixonada. Sua formação estava arraigada demais nas tradições dos Sangue para que agisse de outro modo. No entanto, o mestiço eyrieno... *Esse* não pensaria duas vezes antes de tirar sua Senhora dos braços do amante — ou de arrancar seus braços —, isolando-a até voltar a pensar com clareza.

E Hekatah duvidava que algum deles pudesse ser convencido de que Jaenelle estaria suspirando por alguém com a aparência de Lord Jorval.

— Precisa ser jovem — insistiu Hekatah. — Um rapaz bonito com experiência suficiente na cama para ser convincente, e encantador o bastante para a família acreditar, embora com desconfiança, que ela está perdidamente apaixonada.

Jorval se aborreceu.

Controlando a fúria com mais afinco, Hekatah alterou a voz para que parecesse hesitante.

— Há razões para sermos prudentes, Jorval. Talvez você se lembre de um colega meu. — Entortou as mãos que ficassem com o aspecto de garras retorcidas.

Jorval melhorou de humor.

— Eu me lembro dele. Foi bastante útil. Esperava que voltasse. — Vendo que Hekatah nada dizia, respirou de forma irregular. — O que aconteceu com ele?

— O que aconteceu foi o Senhor Supremo — respondeu Hekatah. — Cometeu o erro de chamar a atenção. Nunca mais foi visto.

— Entendo.

Sim, *finalmente* começava a entender.

Hekatah se inclinou para a frente e acariciou a mão de Jorval.

— Às vezes os deveres e as responsabilidades do poder exigem sacrifícios, Lord Jorval. — Percebendo que ele não iria protestar, Hekatah reprimiu um sorriso triunfante. — Bem, se você acertasse o casamento de Jaenelle Angelline com o filho de um homem com quem você se sentisse à vontade para colaborar... um filho atraente e influenciável...

— Que benefício isso me traria? — inquiriu Jorval.

Hekatah conteve a irritação.

— O pai aconselharia o filho sobre as políticas e mudanças a serem implementadas em Kaeleer... mudanças que, com a insistência de Jaenelle, seriam aceitas. Muitas decisões são tomadas em conversas de alcova, e com certeza você sabe disso.

— Que benefício isso me traria? — repetiu Jorval.

— Assim como o filho segue os conselhos do pai, o pai também segue os conselhos do amigo... que é a única fonte para o tônico que mantém a Senhora tão ávida pela atenção do filho que ela concordará com qualquer coisa.

— Ah. — Jorval passou a mão pelo queixo. — Aaaah.

— E se por alguma razão o Senhor Supremo ou qualquer outro membro da família — o indício de medo nos olhos de Jorval dizia que ele já teria sentido de perto a fúria de Lucivar Yaslana — reagir mal? Bem, encontrar um rapaz atraente e belo seria relativamente fácil, mas encontrar homens fortes e inteligentes para dirigir o Reino... — Hekatah abriu as mãos e encolheu os ombros.

Jorval refletiu por algum tempo. Hekatah aguardou, paciente. Por mais que ele desejasse a ardente fantasia sexual, desejava ainda mais o poder — ou a ilusão de poder.

— Lady Angelline virá à Pequena Terreille daqui a duas semanas. E eu tenho um... amigo... com um filho apropriado. Mas fazer Lady Angelline aceitar se casar...

Hekatah invocou um pequeno frasco, pousando-o sobre a mesa.

— Lady Angelline é conhecida pela compaixão e por seus poderes de cura. Se alguma criança ficasse ferida em algum acidente horrível, certamente conseguiriam convencê-la a ajudar. Caso os ferimentos pusessem em risco a vida da criança, a energia que gastaria numa cura completa a deixaria física e mentalmente esgotada. A essa altura, se alguém em quem ela confiasse lhe oferecesse um copo de vinho relaxante, provavelmente estaria muito cansada para testá-lo. O casamento infelizmente teria de ser uma cerimônia privada e discreta o mais cedo possível. Com o cansaço e esta infusão misturada ao vinho, ela estaria submissa o suficiente para dizer o que a mandassem dizer e assinar o que a mandassem assinar. O jovem casal permaneceria na cerimônia por um breve período, para depois se retirar para o quarto e consumir o casamento.

As narinas de Jorval se dilataram.

— Entendo.

Hekatah invocou um segundo frasco.

— A dose certa deste afrodisíaco, misturada ao vinho durante o brinde de casamento, irá deixá-la insaciável pelo novo marido.

Jorval passou a língua pelos lábios.

— Na manhã seguinte, é preciso que seja administrada uma segunda dose. Isto é muito importante, pois o desejo dela tem de ser tão forte que se sobreponha à vontade do Senhor Supremo de ter uma conversa particular com o marido. Quando ela estiver pronta para desobrigar o rapaz dos deveres conjugais, o Senhor Supremo não poderá negar nem opor-se ao vínculo sem parecer um tirano ou estar tomado de ciúmes. — Hekatah fez uma pausa, insatisfeita com a forma como Jorval fitava os frascos. — E o homem sensato que estiver orientando essa questão jamais levantará suspeitas... a menos que acabe chamando a atenção.

Com um esforço visível, Jorval deixou de lado suas fantasias. Fez os frascos desaparecerem.

— Permanecerei em contato.

— Não é necessário — disse Hekatah com uma rapidez exagerada. — Basta saber que posso ajudar. Depois informo onde e quando você pode buscar a dose seguinte do afrodisíaco.

Jorval fez uma reverência e saiu.

Hekatah se recostou, exausta. Jorval ignorava ou optava por ignorar as cortesias habituais. Não trouxera qualquer bebida nem oferecera nada. Provavelmente se achava muito importante. E era mesmo, o maldito. Neste momento, era importante demais para os planos de Hekatah para que ela insistisse em formalidades. Mas assim que a putinha fosse separada de Saetan, ela poderia se livrar de Jorval.

Duas semanas. Teria tempo para concluir o que restava do plano e montar a armadilha que, com sorte, iria livrá-la também de um Príncipe Eyrieno dos Senhores da Guerra.

2 / Kaeleer

Alguma coisa estava errada.

Lucivar colocou uma braçada de lenha no caixote junto à lareira da cozinha.

Errada demais.

Endireitando-se, sondou psiquicamente toda a área, usando a casa de Luthvian como ponto central.

Nada. Mas a sensação permaneceu.

Preocupado com a inquietação, Lucivar não se mexeu quando Roxie entrou na cozinha, não reparou no brilho nos olhos da garota ou na forma como seu andar se transformou ao caminhar na sua direção.

Ele passara os últimos dois dias ajudando Luthvian nas tarefas diárias, enquanto se esquivava das investidas amorosas de Roxie. Dois dias eram o que ele e Luthvian conseguiam passar juntos, e só o conseguiam porque Luthvian estava ocupada com suas alunas a maior parte do dia e ele saía logo após o jantar para passar a noite na clareira de uma montanha.

— Você é forte — disse Roxie, passando as mãos no peito.

De novo, não. De novo, não.

Normalmente, não permitiria que uma mulher o tocasse daquela forma. Normalmente, consideraria aquele tom de voz um motivo para lhe dar um soco.

Então, por que estava receoso? Por que tinha os nervos à flor da pele?

Vou acabar com isto desta vez. Acabar de vez com a ligação. Não. Não posso. Não conseguirei alcançá-lo se...

Os braços de Roxie se enroscaram no pescoço de Lucivar. Ela roçou os seios no seu peito.

— Ainda não tive um Príncipe dos Senhores da Guerra.

De onde vinha o medo?

Você não pode possuir este corpo. Este corpo está prometido para ele.

Roxie se encostou mais em Lucivar. Mordeu seu pescoço. Lucivar colocou as mãos na cintura, imobilizando-a enquanto se concentrava para descobrir a origem daquele zumbido de vespa raivosa.

De novo, não. De novo, não.

Vinha do Anel de Honra que Jaenelle havia lhe oferecido. O zumbido, o medo, a raiva fria crescendo sob o medo. Aquelas sensações não lhe pertenciam, pertenciam a Jaenelle.

Fogo do Inferno, Mãe Noite e que as Trevas tenham misericórdia por ela.

— Vejo que você mudou de ideia... — disse Luthvian, mordaz, ao entrar na cozinha.

Uma raiva fria, tão fria. Se não fosse controlada logo...

— Preciso ir — disse Lucivar, distraído. Sentiu o puxão dos braços em volta do pescoço e, imediatamente, empurrou o corpo para longe.

Luthvian começou a praguejar.

Ignorando-a, ele se virou para a porta, perguntando-se o que Roxie estaria fazendo no chão da cozinha.

— Você tem que me servir! — gritou Roxie, sentando-se. — Você me excitou. Tem que me servir.

Voltando-se para ela, Lucivar arrancou a perna de uma cadeira da cozinha e lançou-a no colo de Roxie.

— Use isto. — E dirigiu-se à porta.

Não permitirei. Não me entregarei.

— Lucivar!

Rosnando, ele tentou se livrar da mão de Luthvian.

— Preciso ir. A Gata está em apuros.

A mão de Luthvian o apertou com mais força.

— Você tem certeza, não tem? Você a sente tão bem que tem certeza.

— Sim! — Não queria bater em Luthvian. Não queria magoá-la. Mas se não o deixasse ir...

A mão no braço estremeceu.

— Pode me mandar uma mensagem depois? Me diga se... se precisar de ajuda?

Lucivar olhou para Luthvian de maneira dura e firme. Ela podia ter ciúmes da forma como os homens da família eram atraídos por Jaenelle, mas se preocupava. Beijou-a no rosto, de leve.

— Eu lhe direi.

Luthvian se esquivou.

— Você passou tantos anos treinando para ser guerreiro, agora veja se coloca isso em prática.

Não.

Lucivar acelerou o máximo que pôde pela Teia Cinza-Ébano, certo de que já era tarde demais.

Não permitirei.

Cuidaria dela depois, o que quer que tivesse acontecido. Doces Trevas, permita que possa existir um depois. Acelerou ainda mais.

Do Anel não vinha qualquer emoção. Nenhum zumbido. Nada, a não ser...

Nããããã!

... a raiva. Mãe Noite, a raiva!

Lucivar abriu caminho à força pela multidão de rostos nauseados, seguindo

direto para o local onde estava concentrado o poder desencadeado por Jaenelle. Um Senhor da Guerra de meia-idade estava de um dos lados da entrada, tagarelando com um Mephis de aspecto sinistro. O gosto do poder rodopiava atrás de uma porta do outro lado.

Lucivar seguiu em direção à porta.

— Lucivar, não!

Ignorando a ordem de Mephis, Lucivar arrebentou a tranca Cinza que seu irmão demônio-morto mais velho havia colocado na porta.

— Lucivar, não entre aí!

Lucivar abriu a porta, entrou no quarto e ficou petrificado.

À sua frente, havia um dedo sobre o tapete, com o anel de ouro parcialmente fundido na carne e a Joia desfeita em um pó fino.

Era o maior pedaço — e o único identificável — daquilo que teria sido um homem adulto. O resto do corpo salpicava as paredes do quarto.

O zumbido na cabeça avisou-o para respirar normalmente antes que desmaiasse. Se respirasse normalmente no interior daquele quarto, ficaria enjoado por uma semana.

Porém, havia algo errado no quarto e ele não sairia dali até descobrir o que era.

Quando descobriu, sua fúria tornou-se assassina.

O corpo de um macho. Uma cama destruída. O restante da mobília, embora estragado por fragmentos de ossos e sangue, não sofrera qualquer dano.

Lucivar saiu do quarto, virando-se para o homem que conversava com Mephis.

— O que fizeram com ela? — perguntou com uma calma excessiva.

— O que fizeram *com ela*? — O Senhor da Guerra apontou para o quarto com uma mão trêmula. — Vejam o que aquela vagabunda fez com meu filho. É louca. Louca! Ela...

Com um grito de guerra eyrieno, Lucivar encostou o Senhor da Guerra na parede.

— O QUE FIZERAM COM ELA?

O Senhor da Guerra berrou. Ninguém tentou ajudá-lo.

— Lucivar. — Mephis segurava alguns papéis. — Ao que parece, Jaenelle se casou esta tarde com o Senhor...

Lucivar rosnou.

— Ela não se casaria por vontade própria sem a presença da família. — Cerrou os dentes para o Senhor da Guerra. — Não é?

— E-estavam a-apaixonados — gaguejou o Senhor da Guerra. — Foi amor à primeira vista. Não queria que soubessem até estar consumado.

— Alguém não queria — concordou Lucivar. Sorrindo, invocou a espada de guerra eyriena e ergueu-a para que o Senhor da Guerra a visse. — Deseja conservar seu rosto? — perguntou suavemente.

— Lucivar — advertiu Mephis.

— Não se meta, Mephis — resmungou Lucivar, com a fúria levemente controlada, petrificando todos os que estavam na entrada.

Pense. Ela ficara com medo, e quase nada assustava Jaenelle. Teve medo, mas também ficou tão irritada que pensou em romper a ligação entre espírito e corpo, preferindo abandonar o invólucro a se submeter. Pense. Se estavam em Terreille...

— O que você deu a ela? — Como o homem não respondia, Lucivar encostou a ponta da espada de guerra no rosto do homem. Abriu um corte. O sangue começou a escorrer.

— Uma i-infusão leve. Para acalmá-la. Ela estava com medo. Com medo de todos. Especialmente de v-você.

Algo estúpido para dizer a um homem que segurava uma arma grande e tão afiada que podia lhe atravessar os ossos.

Ela tinha sido drogada. Fora uma substância forte o suficiente para confundir seu discernimento sem impedi-la de assinar o contrato de casamento. Ainda assim, isso não explicava o quarto.

— Depois — advertiu Lucivar. — O que deu a ela a fim de prepará-la para o leito nupcial? — Vendo que o Senhor da Guerra o olhava fixamente, sem responder, apertou a espada de guerra, desta vez cortando um pouco mais fundo. — Onde estão os frascos?

Ofegante, o Senhor da Guerra apontou para uma porta próxima.

Mephis entrou no aposento e voltou com dois pequenos frascos.

Lucivar fez a espada de guerra desaparecer, pegou um frasco e abriu-o. Analisou as gotas no fundo. Se uma bebida misturada com aquela substância tivesse sido oferecida a ele, não a teria tocado. Em circunstâncias normais, Jaenelle faria o mesmo.

Fez o frasco desaparecer e pegou o outro, que ainda estava meio cheio com um pó escuro. Praguejou violentamente. Sabia — como sabia! — o que uma grande quantidade de *safframate* faria a alguém com sua compleição e peso. Podia apenas imaginar o sofrimento que produziria em Jaenelle.

Levantou o frasco.

— Você deu isso a ela? Se deu, então é o responsável pelo que aconteceu naquele quarto.

O Senhor da Guerra sacudiu a cabeça com violência.

— É inofensivo. Inofensivo! Adicionado a uma taça de vinho, é apenas uma variedade da infusão da Noite Ardente. A infusão da Noite Ardente é sempre usada na noite de casamento.

Lucivar mostrou os dentes cerrados ao sorrir.

— Já que é inofensivo, você não vai se importar de beber a outra dose. Mephis, vá buscar uma taça de vinho.

Na testa do Senhor da Guerra apareciam gotas de suor.

Mephis sumiu por um minuto e voltou com o vinho.

Depois de colocar quase todo o pó preto no vinho, Lucivar passou o frasco para Mephis e pegou o copo. Com a outra mão, agarrava a garganta do Senhor

da Guerra.

— Bem, agora beba isto ou despedaço sua garganta. A escolha é sua.

— Q-queró uma audiência perante o Conselho das Trevas — choramingou o Senhor da Guerra.

— Você tem todo o direito — Mephis concordou, sereno. Olhou para Lucivar. — Vai despedaçar a garganta dele ou eu mesmo me encarrego disso?

Lucivar riu maliciosamente.

— Desse jeito não teria muita utilidade recorrer ao Conselho, não é? — Seus dedos se afundaram na garganta do Senhor da Guerra.

— B-bebo.

— Eu sabia que você seria sensato — respondeu Lucivar. Afrouxou a pressão para permitir que o Senhor da Guerra bebesse o vinho.

— Agora. — Jogou o Senhor da Guerra no aposento onde Mephis encontrara os frascos. — Para que possa fazer um relato preciso ao Conselho das Trevas, o melhor é ter a mesma experiência que preparava para Lady Angelline. — Depois de fechar a sala com um escudo Cinza-Ébano, acrescentando um feitiço temporizador, Lucivar virou-se para um homem ali perto. — O escudo desaparecerá em vinte e quatro horas.

Desta vez não precisou abrir caminho entre a multidão. Todos se encostaram na parede para deixá-lo passar.

Mephis alcançou-o antes de sair da mansão. Observando a área, foi para o quarto vazio mais próximo — o escritório de alguém. Achou-o sinistramente adequado, mesmo não sendo o de Saetan.

Mephis trancou a porta.

— Foi um belo espetáculo.

— O espetáculo ainda nem começou. — Lucivar andava pelo escritório. — E você não tentou me impedir.

— Não podemos mostrar divergências em público. Além disso, não havia razões para tentar impedi-lo. Você é de uma categoria superior e duvido que deixasse que sentimentos fraternos se colocassem no seu caminho.

— Nisso você tem razão.

Mephis praguejou.

— Você se dá conta dos problemas que vamos ter com o Conselho das Trevas por causa disto? Não estamos acima da Lei, Lucivar.

Lucivar parou diante de Mephis.

— Você vive de acordo com suas regras e eu com as minhas.

— Ela assinou um contrato de casamento.

— Contra a vontade.

— Você não sabe disso. E vinte testemunhas afirmam o contrário.

— Eu uso o Anel que ela me deu. Consigo *sentir-la*, Mephis. — A voz de Lucivar tremeu. — Ela estava preparada para romper a ligação em vez de se submeter.

Mephis ficou em silêncio durante um minuto.

— Jaenelle tem problemas com a intimidade física. Você sabe disso.

Lucivar deu um murro na porta.

— Maldito seja! Você está tão cego ou está com o saco tão encolhido que se submete a qualquer coisa para não ouvir alguém reclamando dos abusos de poder da família SaDiablo? Bem, eu não estou cego nem há nada de errado com o meu saco. É a minha Rainha. Minha! Com ou sem regras, com ou sem Leis, com ou sem Conselho das Trevas, se alguém a faz sofrer, devolvo na mesma moeda.

Olharam fixamente um para o outro. Lucivar ofegante, Mephis imóvel.

Por fim, Mephis se encostou à porta.

— Não podemos passar novamente por isto, Lucivar. Não podemos voltar a ter medo de perdê-la.

— Onde ela está?

— O pai a levou para a Fortaleza. Com ordens expressas para que o resto da família se mantivesse afastado.

Lucivar puxou Mephis para o lado.

— Bem, todos sabemos como levo jeito para cumprir ordens, não é?

3 / Kaeleer

Saetan estava com aparência de alguém que acabara de sobreviver a uma batalha.

O que não estava longe da verdade, pensou Lucivar ao fechar, sem fazer barulho, a porta da sala de estar de Jaenelle na Fortaleza.

— Minhas instruções foram claras, Lucivar.

A voz não tinha força. O rosto estava pálido e cansado.

Com indiferença, Lucivar apontou para as Joias Vermelhas de Direito por Progenitura que Saetan usava.

— Você não vai conseguir me colocar para fora com isso.

Saetan não invocou a Negra.

Lucivar imaginou, corretamente, que trazer Jaenelle para a Fortaleza na sua atual condição física e emocional tinha esgotado a Negra.

Saetan mancou até uma cadeira, praguejando baixinho. Tentou pegar um decantador de yarbarah da mesa lateral, mas suas mãos tremiam muito.

Atravessando a sala, Lucivar pegou o decantador, encheu um copo e esquentou o vinho de sangue.

— Precisa de sangue fresco? — perguntou, sereno.

Saetan fitou-o com frieza.

Mesmo depois de todos aqueles séculos, as acusações de Luthvian ainda eram feridas profundas, com cicatrizes recentes. Os guardiões precisavam de sangue fresco de tempos em tempos, para preservar as forças. A princípio, Lucivar tentara entender a ira de Saetan quando lhe ofereciam sangue quente

direto da veia, tentara não se sentir insultado ao notar que o Senhor Supremo aceitava essa oferta de todos, menos dele. Neste momento, sentia-se aborrecido por perceber que as palavras dos outros ainda se colocavam entre eles. Não era uma criança. Se o filho oferecia algo com boa vontade, por que o pai não aceitava?

Saetan desviou o olhar.

— Não, obrigado.

Lucivar enfiou a taça na mão de Saetan.

— Beba isto.

— Quero você longe daqui, Lucivar.

Lucivar serviu-se de um generoso copo de conhaque, chutou um apoio de pés até a cadeira de Saetan e se sentou.

— Quando sair daqui, vou levá-la comigo.

— Você não pode — rebateu Saetan. — Ela está... — Ele passou as mãos no cabelo. — Não acho que esteja bem de espírito...

— Não é de se admirar, já que foi drogada com *safframate*.

Saetan fulminou-o com o olhar.

— Não seja idiota. O *safframate* não causa isto.

— Como você pode saber? Nunca experimentou. — Lucivar esforçou-se para manter o ressentimento longe da voz. Aquele não era o momento para reabrir velhas feridas.

— Eu já experimentei *safframate*.

Lucivar semicerrou os olhos e examinou o pai.

— Explique-se.

Saetan esvaziou o copo.

— O *safframate* é um estimulante sexual usado para prolongar o vigor, a capacidade de proporcionar prazer. As sementes são do tamanho de uma semente de boca-de-lobo. Colocamos uma ou duas, trituradas, em um copo de vinho.

— Uma ou duas. — Lucivar bufou. — Senhor Supremo, em Terreille trituram as sementes até virarem pó, depois as administram às colheradas.

— Mas isso é uma loucura! Se alguém tomasse essa quantidade... — Saetan fixou os olhos na porta fechada que dava para o quarto de Jaenelle.

— Exato — disse Lucivar, em voz baixa. — O prazer logo se transforma em dor. O corpo fica tão estimulado e sensível que o contato com qualquer coisa causa sofrimento. O instinto sexual anula todo o resto, mas essa quantidade de *safframate* também bloqueia a capacidade de atingir o orgasmo. Então não existe alívio possível, apenas a necessidade instintiva e a sensibilidade que aumenta com o estímulo.

— Mãe Noite — sussurrou Saetan, afundando na cadeira.

— Mas se por alguma razão a pessoa não se sujeitar a ser usada até que passe o efeito da substância... bem, o encontro pode se tornar violento.

Saetan piscou, para reprimir as lágrimas.

— Você foi usado dessa maneira, não é?

— Sim. Mas não com muita frequência. A maioria das feiticeiras achava que montar no meu pau não compensava levar a minha fúria para a cama. E a maioria das que tentaram não voltou inteira, quando voltou. Eu tinha minha própria definição de paixão intensa.

— E Daemon?

— Tinha sua própria maneira de lidar com a questão. — Lucivar estremeceu. — Não o chamavam de Sádico por acaso.

Saetan estendeu a mão para tomar o yarbarah. Ela ainda tremia, mas não tanto.

— O que acha que podemos fazer com Jaenelle?

— Ela não merece passar por isto sozinha, e nunca aceitará fazer sexo, nem pelo menor alívio que lhe poderia proporcionar. Por isso, resta a violência. — Lucivar esvaziou o copo de conhaque. — Vou levá-la para Askavi. Ficaremos afastados dos povoados. Desse modo, se alguma coisa der errado, ninguém sofrerá as consequências.

Saetan baixou o copo.

— E você?

— Prometi a mim mesmo que tomaria conta dela. É o que farei.

Sem se permitir mais tempo para pensar, Lucivar colocou o copo na mesa e atravessou a sala. Hesitou ao chegar à porta, sem saber ao certo como abordar uma feiticeira com poder suficiente para dilacerar sua mente só com um pensamento. Depois deu de ombros e abriu a porta, confiando no instinto.

O quarto tinha uma atmosfera pesada por causa da crescente tempestade psíquica. Ele entrou, preparando-se.

Jaenelle andava de um lado para outro, as mãos agarradas aos braços com força suficiente para se ferir. Olhou de relance para Lucivar e cerrou os dentes. Nos seus olhos, havia repulsa e ausência de reconhecimento.

— Saia.

Ele se sentiu aliviado. A cada segundo que Jaenelle resistisse ao desejo de atacar um macho, aumentariam suas chances de sobreviver aos próximos dias.

— Faça a mala — disse Lucivar. — Roupas informais. Um casaco quente para a noite. Botas de caminhada.

— Não vou a lugar nenhum — rebateu Jaenelle.

— Vamos caçar.

— Não. Saia daqui.

Lucivar apoiou as mãos na cintura.

— Você pode fazer a mala ou não, mas vamos caçar. Agora.

— Não quero ir a lugar nenhum com você.

Percebeu o desespero e o temor na voz da garota. Desespero por não querer deixar a segurança do quarto. Temor pela pressão de Lucivar sobre ela, que, sentindo-se encurralada, poderia retaliar, machucando-o.

Ele ficou mais animado.

— Você pode sair deste quarto com seus próprios pés ou sobre meus ombros. A escolha é sua, Gata.

Jaenelle agarrou uma almofada e a rasgou, com uma enxurrada de palavras em diversos idiomas. Vendo que a única reação de Lucivar era ir em direção a ela, apressou-se para fugir dele, colocando a cama entre os dois.

Será que percebia a ironia?

— O tempo está se esgotando, Gata — disse, afável.

Ela agarrou outra almofada e atirou-a contra Lucivar.

— Bastardo!

— Sacana — corrigiu. Começou a dar a volta na cama.

Jaenelle correu para a porta do closet.

Lucivar chegou antes dela, com as asas abertas, o que o fazia parecer imenso.

Jaenelle recuou.

Saetan entrou no quarto.

— Vá com ele, criança-feiticeira.

Encurralada entre o pai e o irmão, Jaenelle ficou imóvel, tremendo.

— Vamos nos afastar de todos — propôs Lucivar. — Só nós dois. Muito ar fresco e campo aberto.

Ele viu, em seus olhos e rosto, que ela considerava a ideia. Campo aberto. Espaço para se movimentar. Espaço para correr. Campo aberto, onde não estaria encurralada num quarto, com toda aquela masculinidade sufocando-a.

— Você não vai me tocar — Não era uma pergunta nem uma exigência. Era uma súplica.

— Não vou tocar em você — prometeu Lucivar.

Os ombros de Jaenelle relaxaram.

— Está bem. Vou fazer a mala.

Lucivar fechou as asas e se afastou para que a garota pudesse entrar no closet. A derrota naquela voz lhe deu vontade de chorar.

Saetan se aproximou.

— Tenha cuidado, Lucivar — disse baixinho.

Lucivar concordou. Já se sentia cansado.

— Vai ser melhor a céu aberto, nos campos.

— Você tem experiência?

— Sim. Primeiro vamos à cabana buscar sacos de dormir e outros apetrechos. Pedirei ao Fumaça que se junte a nós. Acho que ela vai conseguir tolerá-lo. E, se algo der errado, ele pode enviar uma mensagem.

Saetan não precisava perguntar o que poderia dar errado. Ambos sabiam do que uma Rainha Viúva Negra de Joia Negra podia fazer a um homem.

Saetan passou a mão nos ombros de Lucivar. Beijou o filho no rosto.

— Que as Trevas o protejam — disse com a voz rouca, virando-se para sair. Lucivar puxou Saetan e abraçou-o com força. — Tenha cuidado, Lucivar. Não quero que nada lhe aconteça, agora que finalmente estamos juntos. E *não* quero você comigo no Inferno.

Lucivar se afastou e exibiu um sorriso indolente e arrogante.

— Prometo ficar longe de confusão, pai.

Saetan bufou.

— Você dizia o mesmo quando era pequeno — afirmou, em um tom frio.

Sozinho enquanto Jaenelle fazia a mala, Lucivar se perguntou se estava agindo corretamente. Já lamentava os pássaros que caçariam, os animais que morreriam de forma tão bárbara. Se o derramamento de sangue quadrúpede não fosse suficiente, ela se voltaria contra ele. Era o que ele esperava. E, se fizesse isso, Saetan não voltaria a encontrar o filho no Reino das Trevas. Não restaria nada dele.

4 / Kaeleer

— O Conselho das Trevas está bastante consternado com o assunto. — Lord Magstrom se remexeu na cadeira, constrangido.

Saetan conteve a fúria com pura força de vontade. O homem sentado do outro lado da mesa de madeira escura nada fizera para merecer sua ira.

— O Conselho não está sozinho nessa consternação.

— Sim, é claro. Mas para Lady Angelline ter... — Magstrom hesitou.

— Entre os Sangue, o estupro é punido com a execução. Pelo menos, é assim em Kaeleer — disse Saetan, com uma afabilidade excessiva.

— Também é assim em Terreille — respondeu Magstrom, rígido.

— Então o desgraçado teve o que mereceu.

— Mas... eles eram recém-casados — protestou Magstrom.

— Mesmo que isso fosse verdade, o que duvido, apesar das malditas assinaturas, um contrato de casamento não justifica o estupro. Drogar uma mulher e deixá-la incapaz de recusar não significa que ela tenha concordado. Eu diria que Jaenelle manifestou sua recusa de forma bastante eloquente, não acha? — Saetan juntou os dedos das mãos à frente, recostando-se na cadeira. — Analisei as duas “substâncias inofensivas” que deram a ela. Como sou Viúva Negra, consigo reproduzi-las. Se quiserem insistir que não tiveram qualquer relação com o comportamento dela posso produzir outro lote. Podemos testá-lo na sua neta. Ela tem a idade de Jaenelle.

Agarrando-se aos braços da cadeira com força, Lord Magstrom ficou em silêncio.

Saetan deu a volta na mesa e serviu dois copos de conhaque. Ofereceu um deles a Lord Magstrom e sentou-se num canto.

— Fique tranquilo. Eu não faria uma maldade dessas com uma criança. Além do mais — acrescentou com a voz calma —, posso perder dois filhos nos próximos dias. Não desejaria isso a outro homem.

— Dois?

Saetan desviou o olhar da preocupação e compaixão nos olhos de Magstrom.

— A primeira infusão que deram a Jaenelle inibe a vontade. Ela diria o que lhe mandassem dizer, faria o que lhe mandassem fazer. Infelizmente, essa infusão faz com que os danos emocionais sejam muito maiores. Uma grande quantidade de *safframate* e uma violação são o bastante para deixá-la prestes a matar alguém. E ela permanecerá nesse estado até os efeitos passarem.

Magstrom tomou um gole de conhaque.

— Ela vai se recuperar?

— Não sei. Se as Trevas forem misericordiosas, sim. — Saetan cerrou os dentes. — Lucivar levou-a a Askavi para passar um tempo na terra, longe do contato com pessoas.

— Ele sabe dessas tendências violentas?

— Sim, está ciente.

Magstrom hesitou.

— Você não espera que ele volte, não é?

— Não. E ele também não. E não sei o que isso provocará em Jaenelle.

— Gosto dele — disse Magstrom. — Possui um charme bruto.

— Sim, é verdade. — Saetan esvaziou o copo, esforçando-se para não sofrer por antecipação. Reforçou o autocontrole. — Independente do que acontecer, Jaenelle não vai mais visitar a Pequena Terreille sem um séquito escolhido por mim.

Magstrom se levantou e pôs o copo com cuidado sobre a mesa.

— Acho que é a melhor atitude a tomar. Espero que o Príncipe Yaslana faça parte desse séquito.

Saetan se conteve até Lord Magstrom sair do Paço. E então atirou os copos de conhaque contra a parede. Não se sentiu melhor. Os vidros partidos lembravam um cálice de cristal estilhaçado e dois filhos que pagariam um preço alto por causa do pai.

Caiu de joelhos no chão. Já havia chorado um filho. Não lamentaria o outro. Ainda não. Não lamentaria aquele cretino eyrieno insensato e arrogante, aquele impertinente charmoso e temperamental.

Ah, Lucivar.

5 / Kaeleer

— Que droga, Gata, eu disse para você esperar. — Lucivar lançou um escudo Cinza-Ébano pela trilha de caça, retesando-se um pouco ao prever o embate.

Jaenelle parou a alguns centímetros do escudo e se virou, os olhos vidrados, procurando um local na densa vegetação que lhe permitisse abrir caminho.

— Afaste-se de mim — falou, ofegante.

Lucivar mostrou o cantil.

— Você cortou o braço nos espinhos lá atrás. Deixe eu limpar os cortes com um pouco de água.

Olhando para o braço, ela pareceu surpresa ao ver o sangue escorrendo de meia dúzia de arranhões profundos.

Lucivar rangeu os dentes e aguardou. Ela havia tirado as roupas e ficado apenas com uma camisola sem mangas, que não oferecia qualquer proteção à pele naquela terra inóspita. Mas neste momento a dor aguda não feria tanto quanto a fricção constante do tecido na pele hipersensível.

— Vamos lá, Gata — pediu. — Estique o braço para eu jogar água por cima.

Ela estendeu o braço com cuidado. Aproximando-se apenas o necessário, Lucivar jogou água nos arranhões, limpando o sangue e — assim esperava — a maior parte da sujeira.

— Beba um gole de água — disse, oferecendo-lhe o cantil. Se conseguisse convencê-la a beber um pouco, talvez conseguisse convencê-la a ficar quieta por cinco minutos, o que não acontecia desde que a trouxera para esta zona de Ebon Rih.

— Afaste-se de mim. — A voz soou grave e áspera. Desesperada.

Ele se afastou um pouco, mas continuou a lavar os cortes.

— *Afaste-se de mim.* — Ela se virou e atravessou o escudo Cinza-Ébano como se ele não existisse.

Lucivar tomou um longo gole de água e suspirou. De um jeito ou de outro, iria ajudá-la a superar esta situação. Contudo, após dois dias de esforço permanente, não estava certo de quanto tempo mais qualquer um dos dois aguentaria.

Lucivar encostou-se a uma árvore, e os sons ritmados que vinham da clareira o confortaram um pouco. Pelo menos, destruir a barraca abandonada com o martelo dava a Jaenelle uma válvula de escape para a fúria sexual e a energia ardente. E, mais importante, era algo que a manteria no mesmo lugar por alguns momentos.

Fogo do Inferno, ele estava cansado. Os capitães dos campos de caça eyrienos não eram capazes de manter o ritmo pesado de Jaenelle. Até Fumaça, com o passo rápido incansável, estava com dificuldades. É claro que, ao contrário de uma feiticeira impelida pelas drogas, os lobos gostavam de atividades como comer e dormir, dois elementos que agora estavam no topo da lista de prazeres de Lucivar.

Ele invocou o saco de dormir, desenrolou-o e usou a Arte para mantê-lo suspenso a uma altura suficiente para que as asas não arrastassem no chão. Puxando a parte de cima do saco até o tronco da árvore, sentou-se e gemeu, fazendo questão de esconder o ruído.

Lucivar?

Lucivar olhou ao seu redor até localizar Fumaça, que o espreitava atrás de

uma árvore.

— Está tudo bem. A Senhora está destruindo uma barraca.

Fumaça ganiu e se escondeu atrás da árvore.

Ele ficou intrigado com a aflição do lobo, enviando, logo em seguida, uma imagem mental da estrutura destruída.

Ah, um covil feito por algum humano idiota, desdenhou Fumaça.

Lucivar conteve o riso. Não podia contestar a conclusão de Fumaça. As referências do lobo de um “covil humano adequado” incluíam o Paço, as casas de campo de Halaway, as outras casas de campo da família e a cabana de Jaenelle. Por isso, fazia sentido que achasse a barraca um covil construído por um humano inábil.

Quando a notícia do reaparecimento dos parentes se espalhou, os Sangue humanos se dividiram em dois grupos, os que defendiam e os que duvidavam da inteligência e capacidade na Arte dos Sangue não humanos. Os poucos humanos que tiveram a oportunidade de conviver com os Sangue animais ficaram divertidos e surpresos ao descobrirem que os parentes selvagens nutriam os mesmos preconceitos em relação a eles. Os humanos se dividiam em dois grupos: os humanos da Senhora e os outros humanos. Os humanos da Senhora eram inteligentes, bem treinados e dispostos a aprender os costumes dos outros, sem insistir que os seus eram melhores. Os outros humanos eram perigosos, estúpidos, cruéis e — segundo os Sangue felinos — presas. Tanto os gatos arcerianos como os tigres parentes usavam a mesma “palavra” para definir os humanos, cuja tradução literal era “carne estúpida”.

Certa ocasião, Lucivar argumentara que, como os humanos eram perigosos e podiam caçar com armas ou com Arte, não deveriam ser considerados estúpidos. Fumaça salientara que os javalis selvagens com dentes compridos também eram perigosos. Mesmo assim, não deixavam de ser estúpidos.

Tranquilo por saber que a Senhora não estava atacando nada com quatro patas, Fumaça desapareceu por alguns instantes e voltou com um coelho morto.

Comer.

— Já comeu? — Como Fumaça não respondeu, Lucivar invocou a mochila de comida e a grande garrafa que Draca lhe dera antes de deixar a Fortaleza com Jaenelle. Por pouco não recusara a comida, achando que haveria bastante carne fresca, tempo de sobra para fazer uma fogueira e cozinhá-la. — Fique com o coelho — disse, vasculhando a mochila. — Não gosto de carne crua.

Fumaça inclinou a cabeça.

Fogo?

Lucivar sacudiu a cabeça, recusando-se a pensar em fogueiras e sono. Retirou um sanduíche de carne da mochila.

Lucivar comer. Fumaça começou a comer o coelho.

Lucivar bebeu uns goles da garrafa de uísque e comeu o sanduíche devagar, com a atenção parcialmente concentrada no som de madeira estalando.

A viagem não tinha corrido como esperava. Trouxera Jaenelle ali para

libertar os instintos selvagens induzidos pelas drogas em presas não humanas. Ele a acompanhara para agir como objeto de sua fúria e saciar, em grande parte, seu desejo de sangue — um macho humano.

Mas ela se recusara a caçar, a obter algum alívio em detrimento da vida de outra criatura. Incluindo Lucivar.

Porém, não tinha piedade do próprio corpo. Tratava-o como um inimigo que não merecia nada além de desprezo, um inimigo que a traíra, deixando-a vulnerável ao jogo sádico dos outros.

Lucivar?

Lucivar sacudiu a cabeça, verificando na mesma hora o motivo da ansiedade de Fumaça. Alguns pássaros cantando. Um esquilo pulando nos galhos acima. Os sons habituais do bosque. *Apenas* os sons habituais.

O coração quase saltava do seu peito enquanto corria junto com Fumaça para a pequena clareira.

A barraca agora era um amontoado de madeiras destruídas. A alguns metros, Jaenelle estava sentada no chão, de pernas abertas, ainda segurando o martelo.

Aproximando-se com cautela, Lucivar se agachou perto dela.

— Gata?

As lágrimas caíam por seu rosto. A mordida no lábio inferior fazia o sangue escorrer pelo queixo. Jaenelle engoliu em seco e estremeceu.

— Estou tão cansada, Lucivar. Mas é algo que se apodera de mim e...

Os músculos de Jaenelle ficaram tão tensos que o corpo vibrou. Ela arqueou as costas e as veias do pescoço saltaram. Inspirou pelos dentes cerrados. O cabo do martelo se desfez nas suas mãos.

Lucivar aguardou, sem se atrever a tocá-la enquanto os músculos estivessem tão tensos que podiam arrebentar. Não durou mais do que dois minutos. Pareceram horas. Por fim, seu corpo cedeu e Jaenelle começou a chorar com tal violência que Lucivar pensou que aquilo iria destruí-lo.

Ela não o impediu de passar os braços ao redor de seus ombros, então ele a abraçou, embalou e deixou que ela se desfizesse em lágrimas.

Assim que ela parou de chorar, Lucivar sentiu a tensão sexual se elevar, mas não a largou. Se estava interpretando a intensidade direito, o pior já tinha passado.

Depois de vários minutos, Jaenelle ficou relaxada o suficiente para apoiar a cabeça no ombro dele.

— Lucivar?

— Hmm?

— Estou com fome.

O coração de Lucivar cantou de alegria.

— Então vou alimentá-la.

Fogo?

Jaenelle levantou a cabeça de repente. Olhou espantada para o lobo na beira da clareira.

— Por que ele quer fazer uma fogueira?

— Eu bem queria saber. Mas, se fizéssemos uma fogueira, eu poderia preparar um café com uísque.

Jaenelle ficou pensativa por alguns momentos.

— Você faz um bom café com uísque.

Tomando o comentário como um sinal de concordância, Lucivar levou Jaenelle até o outro lado da clareira enquanto Fumaça começava a procurar lenha nos destroços.

Lucivar invocou a mochila de comida, a garrafa e o saco de dormir que deixara junto ao riacho. Jaenelle caminhava devagar, de um lado para outro, mordiscando o sanduíche que Lucivar lhe dera. Enquanto acendia a fogueira, invocava o resto do equipamento e montava o acampamento, ele a vigiava. Parecia agitada, mas não descontrolada, o que era positivo, já que estava escurecendo e esfriando.

Quando terminou de preparar o café com uísque, Jaenelle já estava aconchegada no saco de dormir, tremendo, e aceitou a caneca com avidez. Não lhe sugeriu que vestisse mais roupas. Contanto que ela percebesse a fogueira como uma fonte de calor, ficaria relutante em se afastar daquele local até o amanhecer.

Ele vasculhava a mochila de comida, à procura de algo que pudesse lhe oferecer para comer, quando ouviu um ronco suave.

Depois de mais de dois dias de atividade impiedosa, Jaenelle dormia.

Lucivar fechou o saco de dormir e adicionou um feitiço de aquecimento para mantê-la confortável à medida que a temperatura descia com o passar da noite. Retirou o café do fogo e acrescentou mais lenha à fogueira. Depois, descalçou as botas e acomodou-se no seu saco de dormir.

Deveria colocar um escudo protetor em volta do campo. Duvidava que um predador quadrúpede desejasse tanto assim o que restava na mochila de comida a ponto de desafiar os odores combinados de humanos e de lobo, mas estavam na fronteira setentrional de Ebon Rih, desconfortavelmente próximos do território Jhinka. O que Jaenelle menos precisava agora era ser acordada aos solavancos por um ataque surpresa de um grupo de caçadores jhinka.

Lucivar caiu em um sono profundo antes de terminar o pensamento.

6 / Inferno

Conformado com a intromissão, Saetan recostou-se numa das cadeiras junto à lareira e serviu dois copos de yarbarah. Decidira passar algum tempo em seu escritório privado sob o Paço, pois já não estava disposto a lidar com outras mentes atemorizadas e suplicantes, ainda mais depois das últimas vinte e quatro horas. Contudo, sendo ou não um Príncipe dos Senhores da Guerra de

Joia Negra, sendo ou não o Senhor Supremo, um homem não podia recusar quando uma Rainha Dea al Mon solicitava uma audiência — sobretudo uma Harpia demônia-morta.

— O que posso fazer por você, Titian? — perguntou gentilmente, oferecendo-lhe um copo do vinho de sangue aquecido.

Titian aceitou o copo e bebericou com delicadeza, sem desviar os grandes olhos azuis dos olhos dourados de Saetan.

— Você deixou os habitantes do Inferno bastante nervosos. Esta foi a primeira vez, em todos os séculos como Senhor Supremo, que purgou o Reino das Trevas.

— Eu governo o Inferno. Aqui, posso agir como bem entender — disse Saetan sereno. Até um louco perceberia a advertência subjacente no tom de voz.

Titian ajeitou o longo e delicado cabelo grisalho atrás da orelha pontiaguda, optando por ignorar a advertência.

— Pode agir como bem entender ou tem que agir assim? Os mais atentos não deixaram de perceber que os únicos consumidos nesta purga foram os seguidores da Sacerdotisa das Trevas.

— É mesmo? — Parecia educadamente interessado. De fato, sentia-se aliviado por terem percebido aquela ligação. Isso não só deixaria os outros demônios-mortos tranquilos, assim que percebessem que os escolhidos para a antecipação da morte final tinham em comum uma lealdade específica, como qualquer um que Hekatah abordasse no futuro pensaria demorada e seriamente sobre o custo dessa lealdade. — Como isso não é da sua conta, que a trouxe aqui?

— Você deixou escapar alguns. Achei que deveria saber.

Saetan disfarçou depressa a repulsa e a consternação. Titian sempre via demais.

— Diga-me os nomes. — Não era uma pergunta.

Titian sorriu.

— Não é necessário. As Harpias encarregaram-se deles por você. — Hesitou por um instante. — E quanto à Sacerdotisa Suprema?

Cerrando os dentes, Saetan fitou a lareira.

— Não consegui encontrá-la. Hekatah é especialista em se esconder.

— Caso a tivesse encontrado, teria antecipado seu regresso às Trevas? Teria enviado a Sacerdotisa para a morte derradeira?

Saetan arremessou o copo para a lareira, arrependendo-se no mesmo instante que o fogo crepitou e o cheiro de sangue quente invadiu o aposento.

Fazia-se a mesma pergunta desde que tomara a decisão de eliminar todo o apoio de Hekatah entre os demônios-mortos. Se a encontrasse, conseguiria drenar toda a energia até ela desvanecer nas Trevas? Ou hesitaria, como acontecera tantas vezes antes, uma vez que séculos de desconfiança e de repulsa não eram o bastante para apagar o simples fato de lhe ter dado dois filhos. Três, se contasse... mas não podia contar, não podia contar essa criança,

assim como nunca se permitira considerar quem teria segurado a faca.

Deu um salto quando Titian passou a mão pela dele.

— Tome. — Ofereceu-lhe outro copo de yarbarah aquecido. Sentando-se outra vez, passou o dedo pela borda do copo. — Não gosta de matar mulheres, não é?

Saetan bebeu o vinho de sangue de um gole só.

— Não, não gosto.

— Foi o que pensei. Você foi muito mais objetivo e condescendente com elas do que com os homens.

— Talvez pelos seus critérios. — Pelos critérios de Saetan, fora mais do que brutal. — Ele deu de ombros. — Somos filhos das nossas mães.

— Uma suposição razoável. — Ela soava solene. Parecia estar se divertindo.

Saetan retesou os ombros, incapaz de se livrar da sensação de que Titian acabara de passar uma corda por seu pescoço.

— É uma das minhas teorias preferidas para explicar por que não existe uma categoria para os machos equivalente à de Rainha.

— Porque os machos são filhos das suas mães?

— Porque faz muito tempo os únicos Sangue serem mulheres.

Titian enroscou-se na cadeira.

— Intrigante.

Saetan observou-a com cautela. Titian tinha a mesma expressão de Jaenelle quando o encurralava com êxito e se dispunha a aguardar até Saetan parar de se contorcer e lhe dizer o que ela queria saber.

— É só uma ideia que eu e Andulvar costumávamos discutir nas longas noites de inverno — resmungou, enchendo outra vez os copos.

— Podemos não estar no inverno, mas, no Inferno, as noites são sempre longas.

— Conhece a história sobre os dragões que governaram os Reinos, no princípio?

Titian deu de ombros, indiferente. Tinha se aconchegado para ouvir a história.

Saetan ergueu o copo num brinde, sorrindo contrariado. Os machos com Joias podiam ser treinados como defensores dos territórios, mas nenhum deles conseguia superar uma Rainha em termos de pensamento estratégico.

— Há muito tempo — começou —, quando os Reinos eram jovens, vivia neles uma raça de dragões. Poderosos, brilhantes e mágicos, governavam todas as terras e todas as criaturas. Porém, após centenas de gerações, chegou o dia em que perceberam que a raça se extingiria. Em vez de deixar que seus conhecimentos e dons desaparecessem, optaram por concedê-los às outras criaturas, para que elas continuassem a Arte e cuidassem dos Reinos.

“Um após o outro, os dragões dirigiram-se aos seus covis e abraçaram a noite eterna, tornando-se parte das Trevas. Quando restavam apenas a Rainha e seu Príncipe, Lorn, a Rainha despediu-se do Consorte. Ao sobrevoar os Reinos, suas escamas caíam e se espalhavam, e qualquer criatura tocada por

elas, não importa se caminhasse em duas ou quatro pernas ou fosse alada e dançasse pelos ares, tornava-se sangue do seu sangue. Não deixava de pertencer à raça de origem, mas também tornava-se Outra, renascida para se tornar vigilante e governante. Quando caiu a última escama, a Rainha se dissipou. Algumas histórias contam que seu corpo se metamorfoseou em outra forma, embora conservasse a alma de dragão. Outras, que o corpo se desvaneceu e regressou às Trevas.”

Saetan fez o yarbarah girar no copo.

— Li todas as histórias antigas, algumas do texto original. O que sempre me intrigou é que, independente da raça de onde se origina, nunca há referência ao nome da Rainha. Em todas as histórias, Lorn é mencionado pelo nome diversas vezes, mas ela não. A omissão parece deliberada. Sempre me perguntei qual a razão para isso.

— E o Príncipe dos Dragões? — perguntou Titian. — O que aconteceu com ele?

— De acordo com as lendas, Lorn ainda está vivo e detém toda a sabedoria dos Sangue.

Titian ficou pensativa.

— Quando Jaenelle fez quinze anos e Draca contou que Lorn afirmara que Jaenelle iria viver com você no Paço, pensei que tinha dito isso para impedir as objeções de Cassandra.

— Não, ela estava falando a verdade. Lorn e Jaenelle são amigos há anos. Foi ele quem lhe atribuiu as Joias que ela usa.

Titian abriu e fechou a boca, sem emitir qualquer som.

A expressão atordoada agradou Saetan.

— Já o viu?

— Não — respondeu Saetan com rancor. — Ele ainda não *me* concedeu uma audiência.

— Ah, querido — disse Titian, sem a menor compaixão. — O que a lenda tem a ver com o fato de os Sangue terem sido exclusivamente fêmeas em tempos passados, e por que não mantivemos as coisas desse jeito?

— Você gostaria que tivesse sido assim, não é?

Ela sorriu.

— Ora, a minha teoria é a seguinte. Como as escamas da Rainha concediam a Arte a outras raças, e como as características são compartilhadas pelo sexo semelhante, parece compreensível que apenas as fêmeas tivessem a capacidade de absorver a magia. Ficaram ligadas à terra, atraídas pelos próprios ritmos corporais ao fluxo e refluxo do mundo natural. Tornaram-se o Sangue.

— O que deve ter durado uma geração — Titian salientou.

— Nem todos os homens são estúpidos. — Vendo o ar duvidoso de Titian, Saetan soltou um suspiro exasperado. Mais inútil do que discutir com uma Harpia sobre o valor dos machos era ensinar uma pedra a cantar. Teria mais sorte com a pedra. — A favor da teoria, digamos que estejamos falando dos

Dea al Mon.

— Ah. — Titian recostou-se, satisfeita. — Os *nossos* machos *são* inteligentes.

— Estou certo de que tirou um peso das costas deles por pensar dessa forma — disse Saetan, com frieza. — Ora, ao descobrirem que algumas mulheres do Território tinham adquirido poderes mágicos de uma hora para outra...

— Os melhores jovens guerreiros teriam se oferecido como parceiros e protetores — completou Titian, prontamente.

Saetan levantou uma sobrancelha. Como os plebeus, os elementos de cada raça que não eram Sangue, tendiam a ser tão desconfiados em relação aos Sangue e à Arte, não era bem assim que imaginara os acontecimentos. Contudo, achou interessante que uma feiticeira dos Dea al Mon partisse desse pressuposto. Teria de perguntar a Chaosti e a Gabrielle, quando surgisse a ocasião.

— E, dessas uniões, nasceram crianças. As garotas, pelo gênero, herdaram todo o dom.

— Mas os garotos eram meio-Sangue, com pouca ou nenhuma Arte. — Titian estendeu o copo. Saetan tornou a enchê-lo.

— As feiticeiras não concebem com frequência — prosseguiu Saetan, depois de voltar a encher o próprio copo. — Dependendo da proporção de filhos para filhas, pode ter levado várias gerações para que os machos fossem gerados com a linhagem completa. Durante todo esse tempo, o poder devia estar na linha materna das famílias, cada geração aprendendo com a anterior e tornando-se ainda mais forte. As primeiras Rainhas devem ter surgido muito antes do primeiro Senhor da Guerra, para não falar de um macho mais forte. Nessa altura, o conceito de que os machos serviam e protegiam as fêmeas já devia estar entranhado. Por fim, chegou-se a este ponto na sociedade dos Sangue em que os Senhores da Guerra possuem um status igual ao das feiticeiras, os Príncipes equivalem às Sacerdotisas e às Curandeiras e as Viúvas Negras só precisam ser deferentes aos Príncipes dos Senhores da Guerra e às Rainhas. E os Príncipes dos Senhores da Guerra, que todos pensam que agem por conta própria, estão um degrau acima das outras castas, e um degrau muito alto abaixo das Rainhas.

— Quando é adicionada uma casta à categoria social de cada indivíduo, bem como à categoria das Joias, gera-se uma dança estranha. — Titian pousou o copo na mesa. — Uma teoria interessante, Senhor Supremo.

— Uma distração interessante, Lady Titian. Por que fez isso? Por que me ofereceu sua companhia esta noite?

Titian ajeitou a túnica verde-floresta.

— Você é família da minha família. Achei... adequado... lhe oferecer consolo esta noite, já que Jaenelle está impossibilitada de fazê-lo. Boa noite, Senhor Supremo.

Muito tempo depois de Titian ter saído, Saetan permanecia sentado

tranquilamente, observando os troncos na lareira que se partiam e se acomodavam. Reuniu energia suficiente para se servir de um copo de yarbarah e aquecê-lo, satisfeito pela solidão e pelo silêncio.

Não contestara a teoria de Titian sobre o que teria levado os machos a servir, mas não era nisso que acreditava. Não fora apenas a magia que atraía os machos. Fora o esplendor interior contido nos corpos femininos, uma luminescência pela qual alguns homens ansiavam tal como ansiariam por uma luz brilhando numa janela, quando estivessem ao frio. Ansiavam por aquela luz com tanto ardor quanto ansiavam ser embalhados na encantadora escuridão de um corpo feminino, ou talvez ainda mais.

Os machos tornaram-se Sangue pois foram atraídos por ambas as coisas.

E, como bem sabia, isso ainda acontecia.

7 / Kaeleer

Lucivar estava deitado na grama, com as mãos atrás da cabeça e as asas abertas, tentando secá-las após o rápido mergulho na lagoa. Jaenelle ainda chapinhava na água gelada, lavando o suor e a sujeira dos longos cabelos.

Ele fechou os olhos e gemeu de satisfação ao sentir o sol aquecer lentamente seus músculos tensos, relaxando-os.

No dia anterior, acordara pouco antes do amanhecer e vira Jaenelle remexendo na mochila de comida. Prepararam uma refeição rápida antes que ela fosse forçada a se mover devido à tensão física provocada pelas drogas.

Não era o impulso impiedoso dos últimos dias e, ao longo das horas, a tensão física deu lugar a tempestades emocionais. De repente, ela era invadida pela fúria, para logo depois cair em lágrimas. Lucivar lhe dava espaço enquanto ela se enfurecia e praguejava. Abraçava-a quando chorava. Quando a tempestade passava, Jaenelle ficava bem durante breves momentos. Caminhava num passo tranquilo, detendo-se para pegar frutas silvestres ou descansar à margem de um regato. Então o ciclo recomeçava, diminuindo de intensidade a cada vez.

Naquela manhã, Lucivar e Fumaça abateram um pequeno veado. Guardaram carne suficiente para encher a pequena marmita que levavam, à qual Lucivar aplicou um feitiço para que se mantivesse fresca. Mandara Fumaça levar o resto para a Fortaleza. Se Saetan não estivesse na Fortaleza, Fumaça prosseguiria até o Paço para informar o Senhor Supremo de que o pior já passara e que ficariam mais alguns dias em Askavi, para depois voltarem para casa.

Casa. Fazia um ano que vivia em Kaeleer e, às vezes, ainda ficava perplexo pela forma como as feiticeiras tratavam os machos no Reino das Sombras.

Um dia, deparara-se com uma discussão entre Chaosti, Aaron e Khardeen

sobre a diferença entre o Anel de Honra usado pelos machos do Primeiro Círculo de uma Rainha e o Anel Dominador que os terreillianos eram obrigados a usar até se provarem dignos de confiança. Contou-lhes sobre o Anel de Obediência usado em Terreille.

Não acreditaram nele. Racionalmente entenderam o que ele disse, mas não conheciam o medo intenso e diário a que os machos terreillianos estavam sujeitos, por isso não queriam, *não podiam*, acreditar nele.

Julgando que os rapazes apenas não tinham idade suficiente para conhecer as artimanhas das feiticeiras para manter os machos em rédea curta, perguntara a Sylvia, a Rainha de Halaway, como uma Rainha controlava um macho que não desejava servir na sua corte.

Ela olhou para Lucivar boquiaberta por um momento, antes de responder:
— Quem iria querer um desses?

Alguns meses antes, quando estava em Nharkhava tratando de assuntos do Senhor Supremo, fora convidado a tomar chá por três Senhoras anciãs que elogiaram seu físico de maneira tão adorável que lhe fora impossível sentir-se insultado. Sentindo-se à vontade com elas, perguntara se tinham ouvido falar de um Príncipe dos Senhores da Guerra que recentemente matara uma Rainha.

Com relutância, elas admitiram que a história era verdadeira. Uma Rainha que tomara gosto pela crueldade fora incapaz de constituir uma corte porque não conseguiu convencer doze machos a servi-la de livre vontade. Assim, decidiu forçá-los a servir, colocando neles um Anel de Obediência. Ela reunira onze Senhores da Guerra de Joias mais claras e procurava o décimo segundo quando o Príncipe dos Senhores da Guerra a confrontou. Estava à procura de um primo mais novo que desaparecera no mês anterior. Quando ela tentou forçá-lo a se submeter, ele a matou.

O que acontecera com o Príncipe dos Senhores da Guerra?

Demoraram alguns instantes para entender a pergunta.

Não acontecera *nada* com o Príncipe dos Senhores da Guerra. Seja como for, ele agira conforme o esperado. Sem dúvida preferiam que ele tivesse apenas dominado aquela mulher horrível e a entregado à Rainha de Nharkhava para que fosse castigada, mas este tipo de reação é esperado quando um Príncipe dos Senhores da Guerra é provocado ao ponto de ascender ao limiar do assassinato.

Lucivar passara o resto do dia numa taberna, sem saber se achava graça ou se sentia aterrado pela atitude das Senhoras. Lembrou-se das surras, dos açoites, das vezes em que gritou por causa das dores atrozes provocadas pelo Anel de Obediência. Pensou no que havia feito para merecer tal sofrimento. Sentado naquela taberna, riu até chorar ao perceber, por fim, que jamais conseguiria conciliar as diferenças entre Terreille e Kaeleer.

Em Kaeleer, prestar serviço era uma dança complexa, e a liderança alterava-se constantemente entre os gêneros. As feiticeiras estimulavam e protegiam a força e o orgulho dos machos. Os machos, por sua vez, protegiam

e respeitavam a força feminina, mais dócil, embora, de certo modo, mais profunda.

Os machos não eram escravos ou animais de estimação cujos sentimentos podiam ser menosprezados. Eram parceiros valiosos e estimados.

Era essa a correia que as Rainhas usavam em Kaeleer, concluía Lucivar, naquele dia — um controle tão delicado e encantador que não havia qualquer razão para que o homem não o aceitasse, e todas as razões o levavam a protegê-lo com unhas e dentes.

Lealdade recíproca. Respeito recíproco. Honra recíproca. Orgulho recíproco.

Era este o lugar que agora considerava, orgulhosamente, a sua casa.

— Lucivar.

Lucivar pôs-se em pé de um salto, rogando pragas em silêncio. Considerando a tensão que sentia em Jaenelle, tivera sorte de ela não ter partido sozinha.

— Tem alguma coisa errada — disse ela, com a voz de meia-noite.

Na mesma hora, ele perscrutou a área.

— Onde? Não estou sentindo nada.

— Não é aqui. A leste.

A leste havia apenas um povoado de plebeus sob a proteção de Agio, o povoado dos Sangue na extremidade setentrional de Ebon Rih.

— Há alguma coisa errada, mas é difícil de definir — disse Jaenelle, com os olhos semicerrados, olhando para leste. — E parece *deturpada*, de certo modo, como uma armadilha cheia de iscas envenenadas. Mas some sempre que me tento concentrar nela. — Resmungou, frustrada. — Devem ser as drogas, distorcendo minha capacidade de sentir.

Pensou na Rainha que iludira onze jovens antes de ser morta.

— Ou talvez a isca não seja dirigida ao seu gênero. — Mantendo as barreiras interiores fortemente escudadas, enviou uma suave sonda psíquica para leste. Passado um minuto, rompeu a ligação e agarrou-se a Jaenelle, deixando que a força límpida e obscura da garota fizesse a imundície em que tinha tocado desaparecer.

Colou a testa na dela.

— É coisa ruim, Gata. Muito desespero e sofrimento cercados por... — Procurou uma forma de descrever o que sentira.

Corpos em decomposição.

Arrepiando-se, perguntou-se por que tinha pensado naquela palavra.

Poderia sobrevoar o povoado e dar uma olhada. Se os plebeus estivessem se defendendo de um ataque surpresa dos jhinkas, ele estava forte o suficiente para oferecer a ajuda de que precisavam. Se fosse uma daquelas febres primaveris que às vezes assolam um povoado, era melhor descobrir antes de enviar uma mensagem para Agio, uma vez que precisariam de Curandeiras.

A maior preocupação era encontrar um lugar seguro para...

— Nem pense nisso, Lucivar — advertiu Jaenelle em um tom sereno. — Vou com você.

Lucivar fitou-a, tentando avaliar até que ponto poderia pressioná-la desta vez.

— Sabe, o Anel de Honra que você me deu não me deterá da mesma forma que um Anel Dominador.

Jaenelle murmurou uma praga eyriena entre dentes.

Lucivar deu um sorriso triste. Isso respondia à questão sobre até que ponto poderia pressioná-la. Olhou para leste.

— Muito bem, você vai comigo. Mas vamos fazer as coisas do meu jeito, Gata.

Jaenelle assentiu.

— É você que tem experiência de combate. Mas... — Colocou a palma da mão direita sobre a Joia Cinza-Ébano no peito de Lucivar. — Abra as asas.

Ao abrir as asas completamente, sentiu um formigamento quente-frio provocado pelo Anel de Honra.

Jaenelle recuou, satisfeita.

— Este escudo está trançado no escudo protetor contido no Anel. Mesmo que você esgote as Joias até elas se quebrarem, ele continuará ao seu redor. Está colocado a cerca de trinta centímetros do seu corpo, e combina com o meu de tal modo que podemos ficar juntos sem um colocar o outro em perigo. No entanto, certifique-se de ficar longe de qualquer coisa que não quiser danificar.

Como passeava com frequência por todos os povoados de Ebon Rih, Lucivar conhecia bem o povoado plebeu e as terras em volta. Havia muitos montes baixos e zonas arborizadas a uma curta distância do povoado, lugares perfeitos para o grupo de atacantes jhinka se esconder.

Os jhinka eram um povo alado e muito feroz, composto por clãs patriarcais mantidos juntos, com alguma dificuldade, por uma dúzia de chefes tribais. Tal como os eyrienos, eram originários de Askavi, mas eram menores e tinham apenas uma fração da expectativa de vida dos eyrienos, que viviam muito tempo. Desde tempos imemoriais, as duas raças nutriam um ódio profundo entre si.

Enquanto os eyrienos dispunham da vantagem da Arte, os jhinkas dispunham da numerosidade. Quando esgotavam as energias psíquicas e as reservas de suas Joias, os guerreiros eyrienos ficavam tão vulneráveis como qualquer outro homem diante de um inimigo em maioria numérica avassaladora. Por isso, cientes da matança exigida para derrotar um inimigo, os jhinkas estavam sempre dispostos a encarar um eyrieno no campo de batalha.

Salvo por duas exceções. Uma caminhava entre os mortos, a outra entre os vivos. Ambas usavam Joias Cinza-Ébano.

— Muito bem — declarou Lucivar. — Viajaremos neste fio radial Branco até passarmos o povoado, depois saltaremos dos Ventos e iremos bem depressa

até o outro lado. Se for um ataque dos jhinkas, eu cuido deles. Se for alguma coisa diferente...

Jaenelle limitou-se a olhar para ele.

Pigarreou.

— Vamos, Gata. Vamos dar uma razão para se arrepender a quem quer que esteja incomodando o nosso vale.

8 / Kaeleer

Saltando do Vento Branco, Lucivar e Jaenelle planaram em direção ao povoado aparentemente tranquilo, ainda a cerca de um quilômetro e meio de distância.

Você disse que iríamos bem depressa, disse Jaenelle, num fio psíquico.

Também disse que faríamos as coisas do meu jeito, respondeu Lucivar, bruscamente.

Lá embaixo há sofrimento e privação, Lucivar.

Também havia a imundície que agora se esquivava. Ainda estava lá. Tinha de estar. O fato de já não detectá-la, de pensar que nunca a detectaria se fosse apenas verificar como estava o povoado, deixava-o apreensivo. Teria caído na armadilha, fosse ela qual fosse, que aguardava lá embaixo.

Sentiu o despertar do instinto predador em Jaenelle enquanto mergulhou pelos ares, deslizando para o povoado a toda velocidade. Praguejando, Lucivar juntou as asas e mergulhou atrás dela no exato momento em que centenas de jhinkas surgiram do nada, guinchando gritos de guerra enquanto tentavam cercá-lo e derrubá-lo.

Por meio da Arte, Lucivar aumentou a velocidade e atravessou o enxame de jhinkas, deleitando-se com os gritos que davam ao chocar-se contra o escudo protetor. Bradando um grito de guerra eyrieno, libertou a força das Joias Cinza-Êbano, enviando-a em explosões curtas e controladas.

Os corpos dos jhinkas explodiram numa nuvem de sangue e membros decepados.

Lucivar irrompeu pelo fundo do enxame, freando o mergulho a uma asa de distância do chão.

Gata!

Venha até a rua principal, mas depressa. O túnel não resistirá por muito tempo. Evite as ruas secundárias. Estão... imundas. Na extremidade oposta do povoado, encontrará um edifício protegido por um escudo.

Voando baixinho, Lucivar virou para a rua principal e logo chegou ao limite do povoado, praguejando com todas as forças ao sentir o escudo roçando na tempestade psíquica de feiticeira, que engolia o povoado enganosamente tranquilo. O escudo crepitou como gotas de água fria lançadas

numa panela quente. Todos os fios psíquicos ilusórios cintilavam como se fossem fios físicos compostos por relâmpagos.

Impulsionando-se, voou pelo túnel que Jaenelle construíra ao passar pela tempestade de feiticeira, que já se estava se fechando. Alcançou-a, por fim, a um quarteirão do edifício escudado. Uma rápida exploração psíquica mostrou-lhe os parâmetros do escudo em cúpula, ovalado, que protegia um edifício de pedra de dois andares, além de dez metros do terreno ao redor.

Quatro homens correram na direção do limite do escudo, sacudindo os braços e gritando:

— Voltem! Afastem-se daqui!

Atrás dos homens, milhares de jhinkas surgiram dos montes baixos além do povoado, preenchendo o céu até obscurecerem o sol.

Jaenelle passou pelo escudo do edifício com tanta facilidade como se fosse feito de uma fina camada de água. Distraído pelos homens e pelos jhinkas que se aproximavam, Lucivar sentiu que atravessavam uma parede de caramelo quente.

Já no interior do escudo que protegia o edifício, Lucivar aterrissou junto aos quatro homens. O escudo protetor de Jaenelle foi diminuindo até se tornar um revestimento junto à pele, provocou um ligeiro formigamento no Anel de Honra e desapareceu por completo.

— Quantos feridos? — perguntou Jaenelle, de repente.

Lord Randahl, Senhor da Guerra de Agio e Mestre da Guarda de Lady Erika, respondeu com relutância:

— Pelas últimas contas, cerca de trezentos, Senhora.

— Quantas Curandeiras?

— No povoado havia dois médicos e uma sábia com conhecimentos de ervas medicinais. Estão todos mortos.

Sabendo que não deveria interromper quando Jaenelle se concentrava em curar, Lucivar esperou que ela corresse para dentro do edifício antes de fazer suas próprias perguntas.

— Quem está sustentando o escudo?

— Adler — disse Randahl, apontando para um jovem Senhor da Guerra de aspecto selvagem.

Lucivar olhou de relance para os montes baixos. Os jhinkas chegariam ali a qualquer momento.

— Consegue estender o escudo mais um centímetro ou dois em toda a extensão? — perguntou a Adler. — Colocarei um escudo Cinza-Ébano atrás dele. Depois, poderá deixar cair o seu e descansar.

O jovem Senhor da Guerra assentiu com dificuldade e fechou os olhos.

Poucos segundos depois de Lucivar levantar o escudo, os jhinkas atacaram. Chocaram-se contra a barreira invisível, e seus corpos começaram a se amontoar. Alguns jhinkas, comprimidos entre o escudo e o restante do grupo, foram asfixiados ou esmagados pela massa de corpos que se contorciam. Olhos mortos e cheios de ódios fitavam os cinco homens mais abaixo.

— Fogo do Inferno — murmurou Randahl entre dentes. — Nunca atacaram com *esta* ferocidade, nem mesmo durante as incursões mais violentas.

Lucivar examinou o Senhor da Guerra de meia-idade por um momento, antes de voltar a concentrar a atenção nos jhinkas. *Talvez, até hoje, não tivessem conseguido encurralar aquilo que queriam.*

Podia sentir a pressão de todos os corpos amontoando-se junto ao escudo, podia sentir as Joias Cinza-Ébano libertando gota após gota das reservas de energia. Embora todas as Joias tivessem um reservatório de poder psíquico, quanto mais escuras, mais fundo o reservatório. Sendo a segunda Joia mais escura, a Cinza-Ébano possuía um depósito de energia tão fundo que, se não tivesse necessidade de usá-la em nada além da manutenção do escudo contra ataques físicos, poderia manter os jhinkas afastados durante uma semana até começar a sentir a pressão. Até lá, alguém viria à procura deles. Tudo o que precisava fazer era aguardar.

No entanto, era preciso levar em consideração aquela tempestade de feiticeira. Tinha certeza de que alguém criara aquela cilada especialmente para ele. Teria de confirmar com Randahl, mas suspeitava que o primeiro ataque dos jhinkas não lhes dera tempo para juntar mantimentos. E Jaenelle precisava de outras Curandeiras para auxiliar os feridos. Só as Trevas sabiam que ela até possuía as reservas psíquicas para tratar de todos, mas seu corpo não resistiria àquele tipo de exigência, sobretudo depois das drogas e do esforço físico dos últimos dias.

Além do mais, jamais fora acusado de possuir um temperamento passivo.

Lucivar fez o anel Cinza-Ébano desaparecer e invocou a Vermelha de Direito por Progenitura. A Cinza-Ébano em volta do pescoço alimentaria o escudo. A Vermelha...

— Avise seus homens para se manterem junto ao edifício — pediu a Randahl, calmo. — Está na hora de igualarmos as condições.

Com seu típico sorriso indolente e arrogante, ergueu a mão direita e ativou o feitiço que passara anos aperfeiçoando. Sete finos “árames” psíquicos foram lançados da Joia Vermelha do anel. Mantendo o braço estendido, fez movimentos largos e lentos para a frente e para trás, tomando cuidado para não se aproximar demais do edifício. Para a frente e para trás. Para cima e para baixo.

O sangue dos jhinkas escorria pelo escudo. Corpos de jhinkas resvalavam e deslizavam, enquanto os que se davam conta do perigo tentavam abrir caminho antes que o braço devastador voltasse.

Satisfeito com a onda de pavor do outro lado do escudo, contornou o edifício, a mão sempre dirigida para o escudo.

E os jhinkas morreram.

Começava uma terceira volta quando os jhinkas que ainda tentavam escalar o escudo perceberam o pânico dos que tentavam fugir. Em alvoroço e aos gritos, abandonaram a empreitada e voaram para os montes baixos.

Lucivar retraiu os “arames” psíquicos para o anel, cessou o feitiço e baixou o braço devagar.

Randahl, Adler e os dois outros Senhores da Guerra a que ainda não tinha sido apresentado olhavam boquiabertos, com um ar agoniado, para o sangue que escorria pelo escudo, para os pedaços de corpos que deslizavam para o chão.

— Mãe Noite — murmurou Randahl. — Mãe Noite.

Não conseguiam olhar para Lucivar. Ou melhor, sempre que seus olhos se voltavam na direção dele, sua perturbação era perceptível, como se se perguntassem se o que estava ali dentro com eles não era muito mais perigoso e mortífero do que o inimigo do lado de fora.

O que era verdade.

— Vou ver como está a Senhora — disse Lucivar, de repente.

Por ser Mestre da Guarda, Randahl tentaria agir normalmente assim que dispusesse de alguns minutos para se recompor. Pelo menos o homem recorreria ao Protocolo para se dirigir a um Príncipe dos Senhores da Guerra. Já os outros...

Tudo tem um preço.

Lucivar aproximou-se da parte da frente do edifício e se permitiu um momento para estabilizar as próprias emoções. Se outros membros dos Sangue não conseguiam enfrentar um Príncipe dos Senhores da Guerra no limiar do assassinato decerto não seriam os plebeus feridos que fariam isso. E, neste momento, a histeria poderia desencadear um desejo feroz por derramamento de sangue. Um macho recém-saído do limiar do assassinato precisava de alguém, de preferência uma mulher, para ajudá-lo a estabilizar. Esse era um dos muitos finos fios que ligavam os Sangue. Durante os períodos em que estavam mais vulneráveis, as feiticeiras precisavam da força masculina agressiva, e os machos, por sua vez, às vezes precisavam desesperadamente do amparo e do conforto que encontravam na força delicada de uma mulher.

Ele precisava de Jaenelle.

Lucivar deu um sorriso amargo ao entrar no edifício. Naquele momento, todos precisavam de Jaenelle. Esperava — doces Trevas, e como esperava! — que bastasse estar junto dela.

O centro comunitário era formado por várias salas onde os aldeões podiam se reunir para bailes ou reuniões. Pelo menos, era para isso que julgava que seriam. Tivera pouco contato com os plebeus. Enquanto perscrutava os salões, ansiando pela presença familiar de Jaenelle, sentiu a dor e o medo dos feridos encostados às paredes ou deitados no chão. A dor era fácil de suportar. O medo, que brotava naqueles que reparavam nele, corroía o seu instável autocontrole.

Lucivar já tinha começado a se virar para ir embora quando reparou num jovem rapaz que jazia num colchão estreito perto da porta. Em circunstâncias normais, poderia pensar tratar-se de mais um plebeu, mas vira muitos homens em condições semelhantes para que o fraco odor psíquico passasse

despercebido.

Apoiando-se num joelho, Lucivar levantou o lençol que cobria o corpo do pescoço aos pés com cuidado. Seus olhos iam das feridas ao rosto calado e tenso, e depois em sentido contrário. Praguejou baixinho. Os ferimentos internos eram graves. Por menos do que isso já vira homens morrer. As feridas não estavam além dos poderes curativos de Jaenelle, mas não sabia se ela conseguiria reconstruir os pedaços que já não existiam.

Baixando o lençol, Lucivar saiu do salão, praguejando cada vez mais alto e com mais crueldade, enquanto procurava uma sala vazia onde pudesse tentar controlar o temperamento, que estava caminhando para uma espiral descontrolada.

Randahl não mencionara nenhum ferido entre seus homens. E por que o rapaz — ou melhor, o homem: uma pessoa com aquele tipo de ferimentos de guerra não merecia ser chamado de rapaz. Por que ele estava separado dos outros, enfiado num canto escuro, onde poderia facilmente passar despercebido?

Detectando o calor de um odor psíquico feminino, Lucivar abriu uma porta de rompante e entrou na cozinha antes de se dar conta, tarde demais, de que a mulher que tentava bombear água com uma mão não era Jaenelle.

Ela se virou ao ouvir a porta bater na parede, levantando o braço esquerdo em defesa contra o atacante.

Lucivar odiou-a. Odiou-a por não ser Jaenelle. Odiou-a pelo medo nos olhos, que o impeliavam a uma fúria cega. Odiou-a por ser jovem e bela. E, acima de tudo, odiou-a por saber que, a qualquer momento, ela sairia correndo e ele iria pegá-la, machucá-la e matá-la antes que conseguisse se controlar.

Ela engoliu em seco e disse, numa voz calma e trêmula:

— Estou tentando ferver água para fazer chá para os feridos, mas a bomba está dura e não consigo trabalhar só com uma mão. Poderia me ajudar?

Um nó de tensão se desfez dentro de Lucivar. Aqui, pelo menos, havia uma fêmea dos plebeus que sabia se dirigir aos machos dos Sangue. Pedir ajuda era sempre a forma mais fácil de redirecionar um deles para a prestação de serviços.

Quando Lucivar avançou, ela se afastou para o lado, tremendo. A fúria voltou a surgir, até que ele reparou no braço direito enfaixado que a jovem mantinha junto ao estômago, com a mão enfiada entre o vestido e o avental.

Não era medo, era cansaço e perda de sangue.

Lucivar puxou uma cadeira e posicionou-a perto o bastante para que ela supervisionasse, mas longe o suficiente para que não a tocassem ao passar.

— Sente-se.

Quando a mulher se sentou, Lucivar bombeou água e colocou os bules cheios no fogão a lenha. Reparou nos sacos de ervas organizados sobre a mesa de madeira ao lado da pia dupla e olhou para a mulher com curiosidade.

— Lord Randahl me disse que a sábia e dois médicos morreram.

Seus olhos encheram-se de lágrimas, e ela assentiu com a cabeça.

— Era minha avó. Disse que eu possuía o dom e estava me ensinando.

Lucivar encostou-se à mesa, intrigado. As mentes dos plebeus eram fracas demais para exalar um odor psíquico, mas a dela era diferente.

— Onde aprendeu a lidar com machos dos Sangue?

Ela arregalou os olhos, ansiosa.

— Não estava tentando controlá-lo!

— Eu disse lidar, não controlar. Há uma diferença.

— Eu... eu só fiz o que a Senhora disse.

A tensão interior aliviou-se um pouco mais.

— Como se chama?

— Mari. — Hesitou. — Você é o Príncipe Yaslana, certo?

— Isso a incomoda? — perguntou Lucivar, com voz inexpressiva. Para sua surpresa, Mari deu um sorriso tímido.

— Oh, não. A Senhora disse que podíamos confiar em você.

As palavras o reconfortaram como a carícia de uma amante. No entanto, ao detectar a ligeira ênfase no tom, perguntou-se em quem os plebeus no povoado não poderiam confiar. Semicerrou os olhos dourados, estudando-a.

— Há gente dos Sangue na sua família, não é?

Mari empalideceu um pouco e não conseguiu olhar para Lucivar.

— Minha bisavó era meio-Sangue. H-há quem diga que puxei a ela.

— Do meu ponto de vista, isso não é negativo. — O alívio evidente da mulher era demais para Lucivar, por isso ele começou a inspecionar os sacos de ervas. Ela logo pensaria que era a causa da raiva dele, por isso Lucivar ficou remexendo nos sacos até conseguir controlar as emoções.

Pela sua experiência, as crianças meio-Sangue raramente eram bem-vindas ou aceitas por qualquer uma das sociedades. Os Sangue não os queriam por não possuírem força suficiente para executar as ações mais básicas para as quais usavam a Arte, e, por isso eles nunca passariam de criados inferiores. Os plebeus não os queriam, já que possuíam poder demais, e esse dom, sem treino ou código moral como amparo, produzira muitos tiranos mesquinhos que se valeram da magia e do medo para governar povoados que, de outro modo, não os aceitariam.

A água começou a ferver.

— Sente-se — ordenou Lucivar, ríspido, quando Mari começou a se levantar. — Pode me dizer o que quer misturar daí. Além disso — acrescentou, sorrindo, para atenuar a rispidez —, já fiz misturas de infusões medicinais para uma Senhora mais severa do que você.

Com uma expressão apropriadamente compreensiva, e concordando que a Senhora era um pouco rabugenta no que dizia respeito à mistura de infusões medicinais, Mari ia indicando as ervas que pretendia usar e descrevia as misturas que queria.

— Vê a Senhora com frequência? — perguntou Lucivar, enquanto retirava os bules do fogão, colocando-os em tripés de pedra, dispostos numa das

extremidades da mesa. Apesar de continuar se recusando a constituir uma corte formal, as opiniões de Jaenelle eram ouvidas com atenção em quase todo o território de Kaeleer.

— Ela nos visita durante a tarde, de duas em duas semanas. Jaenelle, Vovó e eu falamos sobre Arte medicinal enquanto seus amigos ensinam Khevin.

— Quem... — Interrompeu a pergunta. Julgara que o odor psíquico do jovem estava fragilizado devido à gravidade dos ferimentos. No entanto, era bastante forte para um meio-Sangue. — Quem são os amigos que ensinam ele?

— Lord Khardeen e Príncipe Aaron.

Khary e Aaron eram escolhas adequadas para ensinar Arte básica a um jovem meio-Sangue. O que não desculpava Jaenelle por não ter pedido a ele para participar. Lucivar colocou as trouxinhas de ervas nos bules com cuidado.

— Ambos possuem bons fundamentos na Arte básica. — E acrescentou, sentindo-se rancoroso: — Ao contrário da Senhora, que ainda não consegue invocar os próprios sapatos.

A fungadela afetada de Mari pegou-o de surpresa.

— Não sei por que fazem tanto estardalhaço por causa disso. Se eu tivesse uma amiga capaz de todas aquelas magias maravilhosas, não me importaria nem um pouco de ir buscar seus sapatos.

Aborrecido, Lucivar resmungou baixinho enquanto vasculhava os armários ruidosamente, à procura de xícaras. A maldita jovem com certeza era uma descendente. Pelo menos, tinha o temperamento de uma feiticeira.

Calou-se ao ver quão pálida Mari ficara. Um pouco envergonhado, encheu uma xícara com uma das infusões medicinais e aguardou enquanto a mulher bebia.

— Vi Khevin quando entrei — disse, com a voz serena. — Examinei os ferimentos. Por que Khary e Aaron não o ensinaram a se escudar?

Mari levantou os olhos, surpresa.

— Ensinaram. Foi Khevin que produziu o escudo em volta do centro comunitário, quando os jhinkas iniciaram os ataques.

— Acho que preciso de uma explicação melhor — disse Lucivar, com a sensação de que Mari retirara todo o ar de seus pulmões. Um meio-Sangue forte poderia ter poder suficiente para criar um escudo pessoal durante alguns minutos, mas não conseguiria criar e manter um escudo que protegesse todo um edifício. Mas, é claro, Jaenelle possuía instintos misteriosos no que dizia respeito a reconhecer forças bloqueadas.

Mari, com um ar intrigado, confirmou a ideia.

— Khevin conheceu a Senhora quando ela veio visitar a mim e à Vovó. Ela olhou para ele por um longo tempo, em seguida disse que era muito forte e não podia deixar de receber treinamento adequado na Arte. Quando voltou, trouxe Lord Khardeen e o Príncipe Aaron. A primeira lição foi a criação de um escudo.

A mão de Mari começou a tremer e bateu na xícara.

Lucivar usou a Arte para erguer a xícara de forma que o líquido não se

derramasse.

— Foram os primeiros amigos que Khevin já teve. — Seus olhos suplicavam compreensão. Depois, corou e baixou-os. — Quero dizer, amigos homens. Ninguém ria dele ou lhe dava apelidos, como fazer alguns dos jovens Senhores da Guerra de Agio.

— E os Senhores da Guerra mais velhos? — perguntou Lucivar, cuidando para manter a fúria afastada da voz.

Mari deu de ombros.

— Quando vinham ver como estava o povoado, pareciam envergonhados sempre que o viam. Não queriam saber da sua existência. Também não gostavam de me ver por perto... — acrescentou, amarga. — Mas Lord Khardeen e Príncipe Aaron... Quando a aula terminava, ficavam mais um pouco bebendo cerveja e conversando. Falavam com ele sobre o código de honra dos Sangue e as regras pelas quais os machos devem reger suas vidas. Às vezes, eu me perguntava se os Sangue em Agio nunca ouviram falar dessas regras.

Se não tivessem ouvido, agora iriam.

— O escudo — lembrou.

— De um momento para outro, o céu ficou tomado de jhinkas aos gritos. Khevin me disse para ir ao centro comunitário. Nós... a Senhora diz que às vezes forma-se uma ligação quando pessoas como nós são... íntimas.

Lucivar olhou de relance para a mão esquerda da garota. Não tinha aliança, então eram amantes. Pelo menos, Khevin conhecera e proporcionara esse prazer.

— Eu estava nesta ponta do povoado, entregando algumas ervas medicinais da Vovó. Os adultos não me deram atenção, por isso agarrei uma menina que brincava na rua e gritei às outras crianças que viessem comigo. Acho que *obriguei* algumas delas.

“Quando chegamos ao centro comunitário, Khevin já tinha levantado o escudo em volta do edifício. Ele transpirava. Parecia que aquilo o machucava.

Lucivar não tinha dúvidas.

— Khevin disse que tentaria enviar uma mensagem a Agio por um fio psíquico, mas não sabia se alguém o detectaria. Depois me disse que alguém precisava ficar dentro do escudo para atravessá-lo e puxar outra pessoa. Ele me puxou para dentro no momento exato em que um dos jhinkas se atirou sobre nós, chocando-se contra o escudo com tanta força que perdeu os sentidos. Khevin pegou o machado, estava cortando lenha quando começou o ataque, atravessou o escudo e matou o jhinka. A essa altura, todos os homens do povoado estavam nas ruas, lutando. Khevin ficou do lado de fora, protegendo as crianças enquanto eu as puxava para dentro.

“Os jhinkas já tinham feito o cerco. Muitas das mulheres que tentavam chegar ao edifício não conseguiram escapar ou já estavam gravemente feridas quando foram puxadas. Vovó... Vovó... estava quase alcançando o edifício quando um dos jhinkas atacou de repente e... Deu uma gargalhada. Olhou

para mim e riu, enquanto matava Vovó.”

Lucivar voltou a encher a xícara e lançou um feitiço de aquecimento nos bules enquanto Mari remexia no bolso do avental à procura de um lenço.

Ela bebeu o chá de ervas em pequenos goles e ficou calada durante um minuto.

— Khevin não podia continuar lutando e, ao mesmo tempo, manter o escudo. Até mesmo eu podia perceber. Tinha f-flechas nas pernas. Não conseguia se mover com rapidez. Foi atingido antes de conseguir atravessar o escudo e sofreu aquilo. Foi então que Lord Randahl chegou com os outros, e eles começaram a lutar.

“Dois dos Senhores da Guerra escudavam os feridos, trazendo-os para cá, enquanto os outros dois continuavam a matança.

“O escudo de Khevin começava a enfraquecer. Temi que, se os Senhores da Guerra erguessem outro, eu não conseguiria atravessar e Khevin ficaria do lado de fora. Quando estendi o braço para pegá-lo, um dos jhinkas me viu e me golpeou. Puxei Khevin para dentro logo antes de os Senhores da Guerra atravessarem e erguerem outro escudo.”

Mari bebeu o chá.

— Lord Adler começou a vociferar, já que não conseguiam penetrar na tempestade de feiticeira ao redor do povoado e enviar uma mensagem para Agio. Lord Randahl, porém, não parava de olhar para Khevin. Depois, ele e Lord Adler pegaram Khevin, como se finalmente ele tivesse algum valor. Foram buscar o colchão e os lençóis na cama do zelador e fizeram o possível para que ficasse confortável.

Mari olhou fixamente para a xícara, as lágrimas escorrendo pelo rosto.

— E isso é tudo.

Lucivar pegou a xícara vazia, desejando oferecer-lhe algum consolo, mas sem saber se ela aceitaria aquilo vindo de um Príncipe dos Senhores da Guerra. Talvez de alguém como Aaron, que era da mesma idade, mas dele?

— Mari?

Quando Jaenelle entrou na cozinha, sentiu uma onda de alívio.

— Deixe-me ver seu braço — pediu Jaenelle, afrouxando as ataduras com cuidado e ignorando as súplicas de Mari para que tratasse de Khevin. — Primeiro, seu braço. Preciso que esteja bem para me ajudar com os outros. Vamos precisar de... ah, você já preparou.

Enquanto Jaenelle tratava o corte profundo que ia do cotovelo ao pulso de Mari, Lucivar encheu xícaras de chá medicinal e colocou um feitiço de aquecimento em cada uma delas. Depois de uma busca pelos armários, encontrou duas bandejas de metal. Com as xícaras, seriam muito pesadas para Mari, ainda mais porque Jaenelle acabara de avisá-la que o tipo de cura rápida que teria de aplicar não resistiria sob pressão. Mas os jovens Senhores da Guerra lá fora poderiam carregar e erguer pesos, agora que Lucivar estava mantendo o escudo.

Jaenelle resolveu o problema lançando um feitiço flutuante sobre as duas

bandejas, para que pairassem ao nível da cintura. Mari não teria de carregá-las, apenas conduzi-las.

Com Lucivar e Mari guiando as bandejas, os três se dirigiram ao grande salão. Jaenelle ignorou o falatório que surgiu assim que os aldeões a viram, dirigindo-se ao canto onde Khevin repousava.

Mari hesitou, mordendo o lábio, claramente dividida entre o desejo de ir para perto do amante e seus deveres como assistente de Curandeira. Lucivar deu um rápido apertão em seu ombro, como encorajamento, antes de se juntar a Jaenelle. Não sabia como poderia ajudar, mas faria o que fosse possível.

Quando a Senhora começou a levantar o lençol, Khevin abriu os olhos. Com esforço, segurou a mão dela.

Jaenelle olhou para o jovem de um jeito inexpressivo. Era como se tivesse descido tão profundamente dentro de si mesma que as janelas da alma já não conseguiam revelar a pessoa que vivia lá dentro.

— Tem medo de mim? — perguntou, num sussurro de meia-noite.

— Não, Senhora — Khevin passou a língua pelos lábios secos. — Mas proteger seu povo é um privilégio de um Senhor da Guerra. Cuide deles primeiro.

Lucivar tentou alcançá-la por meio de um fio psíquico, mas Jaenelle bloqueara a entrada. *Por favor, Gata. Deixe-o manter o orgulho.*

Jaenelle pôs a mão debaixo do lençol. Khevin gemeu, um protesto sem palavras.

— Farei como pede só porque pediu — respondeu —, mas vou ligar alguns fios da teia curativa que *acabei* de tecer para que permaneça comigo. — Alisou o lençol e pousou um dedo com a unha comprida na base da garganta do rapaz. — E estou avisando, Khevin, é melhor que permaneça comigo.

Khevin sorriu e fechou os olhos.

Segurando-a pelo cotovelo, Lucivar conduziu Jaenelle até a entrada.

— Como não serão necessários para o escudo, mandarei os Senhores da Guerra mais novos aqui para dentro, para ajudarem no que for preciso.

— Adler, sim. Mas os outros dois, não.

O gelo na voz o assustou. Nunca ouvira uma Rainha condenando um homem com tamanha convicção.

— Muito bem — disse respeitosamente. — Posso...

— Mantenha este local seguro, Yaslana.

Sentiu o estremecimento, que controlou depressa, e trancou bem as emoções. Fogo do Inferno, mesmo que o efeito das drogas estivesse passando, permitindo que ela realizasse os tratamentos, as emoções ainda não tinham estabilizado. E ela sabia disso.

— Gata...

— Eu aguento. Não precisa ficar preocupado.

Ele sorriu.

— Na verdade, quando está silvando e bufando é que você é mais útil no que diz respeito a me vigiar.

Os olhos azul-safira reanimaram-se um pouco.

— Não deixarei que se esqueça disso.

Lucivar dirigiu-se à porta que dava para o exterior. Precisaria ficar de olho nela, para se certificar de que beberia água e comeria qualquer coisa de duas em duas horas. Falaria com Mari. Era sempre mais fácil fazer Jaenelle comer quando alguém também estava comendo.

Ao virar-se para trás, sentiu o impacto de corpos contra o escudo e ouviu os gritos de advertência dos Senhores da Guerra que estavam do lado de fora.

Falaria com Mari mais tarde. Os jhinkas tinham voltado.

9 / Kaeleer

Apoiando-se no poço coberto, Lucivar aceitou, agradecido, a caneca de café que Randahl oferecia. Tinha um sabor áspero e lamacento. Não importava. Naquele momento, beberia qualquer coisa quente, até urina.

Os jhinkas vieram durante toda a noite. Às vezes em pequenos grupos que atacavam o escudo e depois fugiam, outras vezes em agrupamentos de duzentos, que batiam no escudo sem parar, enquanto Lucivar os esquartejava. Sem dormir, sem descansar. O cansaço e o esgotamento físico aumentavam a cada segundo, por causa da canalização do poder armazenado nas Joias, que também ia se esgotando — um esgotamento mais rápido do que o previsto. Randahl e os outros Senhores da Guerra já tinham esgotado suas forças quando ele e Jaenelle chegaram, de maneira que Lucivar era a única proteção e a maior parte da capacidade de combate. Como o escudo não ia mais do que alguns centímetros sob a terra, descobrira, quase tarde demais, que os jhinkas estavam usando as pilhas de corpos como cobertura enquanto escavavam. Por isso, agora o escudo descia a uma profundidade de um metro e meio, para depois virar para dentro e ir, por baixo da terra até as fundações do edifício.

Enquanto combatiam os jhinkas que tinham conseguido penetrar sob a extremidade a sul do escudo, Lucivar reagira ao instinto e corraera para a extremidade norte do edifício, chegando à esquina quando um jhinka corria na direção do poço. O pote de barro que carregava continha veneno concentrado em quantidade suficiente para destruir a única fonte de água de que dispunham. Por isso, o poço agora possuía um escudo de proteção separado.

Assim que o ataque ao poço foi frustrado e o escudo prolongado, a tempestade de feiticeira voltou a se formar sobre o edifício. Já não se estendia por todo o povoado para ocultar a destruição, tornando-se agora uma massa compacta de fios psíquicos emaranhados, uma nuvem invisível repleta de relâmpagos psíquicos que faiscavam sempre que tocava no escudo.

A proteção adicional e o reforço constante contra a Arte alheia eram

responsáveis pelo que os jhinkas não conseguiam: esgotá-lo até o ponto de ruptura. Aguentaria mais um dia. Talvez dois. Depois disso, surgiriam pontos fracos no escudo, pontos que permitiriam a penetração da tempestade de feiticeira, enredando as mentes exaustas, pontos que poderiam ser atravessados pelos jhinkas, atacando os corpos exaustos.

Considerara por breves instantes a ideia de convencer Jaenelle a voltar à Fortaleza em busca de ajuda. Abandonara-a com a mesma rapidez. Até terminar os tratamentos, nada nem ninguém a convenceria a sair dali. Se admitisse que o escudo poderia vir a falhar, o mais certo era que Jaenelle erguesse um escudo Negro ao redor do edifício, esgotando um corpo já sobrecarregado pela enorme teia curativa que criara para fortalecer todos os feridos até conseguir chegar a cada um. Inteiramente concentrada nos tratamentos, ela não pensaria duas vezes em forçar o corpo além dos limites. E, se Lucivar argumentasse sobre os danos que infligiria a si própria, sabia qual seria a resposta: tudo tem um preço.

Por isso, calara-se e refreara o temperamento, determinado a resistir até que alguém de Agio ou da Fortaleza viesse procurá-los.

Agora, no despontar frio da aurora, não conseguia reunir energia suficiente para produzir calor corporal, por isso envolveu a caneca quente com as mãos geladas.

Randahl bebia o café em silêncio, com as costas voltadas para o povoado. Era um rihlander de pele clara, olhos azuis mortiços e cabelo fino acanelado. Seu corpo possuía uma rigidez característica da meia-idade, embora os músculos permanecessem fortes, e ele tivesse mais vigor do que os três Senhores da Guerra mais jovens juntos.

— As mulheres em boas condições estão ajudando na cozinha — disse Randahl, após alguns minutos. — Gostaram muito da carne de veado e dos outros mantimentos que vocês trouxeram. Estão usando grande parte da carne para fazer um caldo para os feridos mais graves, e disseram que, com o que sobrasse, fariam um guisado. Você devia ter visto os olhares azedos que lançaram a Mari quando ela insistiu que as primeiras tigelas deveriam ser para nós. Fogo do Inferno, queixaram-se até mesmo de nos dar esta água suja para beber, mesmo comigo presente. — Balançou a cabeça, indignado. — Malditos plebeus. A coisa chegou ao ponto de as crianças correrem, aos gritos, sempre que entramos num povoado. Eles fazem sinais para afastar o mal atrás das nossas costas, mas não deixam de gritar bem alto sempre que precisam de ajuda.

Lucivar bebeu o café que esfriava depressa.

— Se tem essa opinião sobre os plebeus, por que veio ajudá-los quando os jhinkas atacaram?

— Não foi por eles. Foi para proteger a terra. Não queremos essa escória dos jhinkas em Ebon Rih. Viemos proteger a terra e tirar aqueles dois daqui. — Os ombros de Randahl relaxaram. — Fogo do Inferno, Yaslana. Quem imaginaria que o rapaz conseguiria criar um escudo daqueles?

— Naturalmente, ninguém em Agio. — Antes que Randahl conseguisse responder, Lucivar prosseguiu, ríspido: — Se Khevin e Mari são importantes para vocês, por que não permitiram que vivessem em Agio, em vez de deixá-los aqui para serem zombados e desprezados?

O rosto de Randahl ganhou um tom vermelho sombrio.

— E o que sabe um Príncipe dos Senhores da Guerra sobre ser zombado e desprezado?

Lucivar não sabia se tomara a decisão por já não se importar com o que as pessoas sabiam sobre ele ou por não ter certeza se ele e Randahl sobreviveriam.

— Cresci em Terreille, não em Kaeleer. Era muito novo para me lembrar do meu pai quando fomos afastados, por isso cresci com a convicção de que era um mestiço bastardo, indesejado, que ninguém reclamara como seu. Você não faz ideia do que é ser bastardo num campo de caça eyrieno. Zombado? — Lucivar deu uma risada amarga. — A provocação preferida era “seu pai é um jhinka”. Sabe o que isso significa para um eyrieno? Que o seu progenitor é um macho de uma raça odiada e que sua mãe deve ter consentido na relação, já que o carregou na barriga até o parto? Oh, acho que sei o que alguém como Khevin sente.

Randahl pigarreou.

— Fico envergonhado por dizê-lo, mas não foi mais fácil para ele em Agio. Lady Erika tentou inseri-lo na corte. Sentia que era seu dever, já que o pai dele fora seu ex-Consorte. Contudo, ele não era feliz, e Mari e a Vovó dela ficaram aqui. Por isso, ele voltou.

E suportara o ostracismo por parte dos plebeus e as provocações dos jovens machos dos Sangue, o que explicava por que os dois Senhores da Guerra usando a Arte para afastar os corpos dos jhinkas do escudo estavam sendo mantidos tão longe de Jaenelle quanto possível.

Lucivar respondeu à pergunta que via nos olhos de Randahl.

— Dois amigos de Lady Angelline estavam treinando Khevin.

Randahl esfregou a nuca.

— Nós é que devíamos ter pensado em pedir isso. Ela tem um talento especial para isso.

Lucivar sorriu com pesar.

— Não há dúvida. — E talvez também tivesse alguma ideia de um local para onde o jovem casal poderia se mudar. Se sobrevivessem.

Por um momento, permitiu-se acreditar que sobreviveriam.

Logo em seguida, os jhinkas voltaram.

Randahl pôs a mão sobre os olhos para protegê-los do sol vespertino, examinando os montes baixos obscurecidos por jhinkas à espera.

— Devem ter chamado todos os clãs de todas as tribos — disse, com a voz rouca. Deixou-se cair contra as paredes dos fundos do centro comunitário. — Mãe Noite, Yaslana, devem ser uns cinco mil.

— Creio que seis mil. — Lucivar afastou mais as pernas. Era a única forma de fazer com que os membros cansados e trêmulos o mantivessem em pé.

Mais seis mil, além das centenas que matara no decorrer dos últimos dias, e aquela violenta tempestade de feitiçeira em volta deles, alimentando-se do escudo para manter a força, esgotando Lucivar no processo. Mais seis mil, e não havia como pegar os Ventos, pois a tempestade impossibilitava a detecção das estradas psíquicas.

Podiam escudar-se e combater, mas não podiam enviar um pedido de ajuda nem fugir. A comida acabara no dia anterior. O poço secara naquela manhã. E ali estavam seis mil jhinkas, aguardando que o sol se pusesse atrás dos montes baixos a oeste, antes de iniciar o ataque.

— Não vamos sobreviver, não é? — perguntou Randahl.

— Não — respondeu Lucivar, sereno. — Não vamos sobreviver.

Nos últimos três dias, esgotara as Joias Cinza-Êbano e o anel com a Joia Vermelha. A Joia Vermelha em volta do pescoço agora era a única reserva de energia que possuía, e não resistiria muito além do primeiro ataque. Randahl e os outros três Senhores da Guerra tinham esgotado as Joias antes da chegada de Lucivar e Jaenelle. A comida e o repouso não foram suficientes para que recuperassem as forças.

Não, os machos não sobreviveriam. Todavia, Jaenelle tinha que sobreviver. Era uma Rainha valiosa demais para se perder numa cilada que, estava convencido, fora armada com o objetivo de destruí-lo.

Satisfeito por ter preparado todos os argumentos que o Protocolo permitia para fazer o pedido a Jaenelle, Lucivar disse:

— Peça à Senhora que venha se juntar a mim aqui.

Como não era tolo, Randahl compreendeu por que o pedido estava sendo feito naquele exato momento.

Sozinho por alguns instantes, Lucivar girou o pescoço e alongou os ombros, na tentativa de aliviar os músculos tensos e fatigados.

É mais fácil matar do que curar. É mais fácil destruir do que preservar. É mais fácil demolir do que construir. Aqueles que se alimentam de emoções e ambições destrutivas, negando a responsabilidade que é o preço de exercer o poder, podem destruir tudo aquilo que todos prezam e protegem. Estejam sempre atentos.

Palavras de Saetan. As advertências de Saetan aos jovens Senhores da Guerra e Príncipes dos Senhores da Guerra que se reuniam no Paço.

Contudo, Saetan nunca mencionara a parte final da advertência: às vezes a morte é mais misericordiosa.

Não tinha forças suficientes para proporcionar uma morte justa e rápida a Jaenelle. Mas, mesmo com todas as forças, Randahl e os outros Senhores da Guerra usavam Joias mais claras, e os plebeus não possuíam defesas interiores contra os Sangue. Assim que Jaenelle e Mari estivessem longe dali, assim que os jhinkas iniciassem a investida final, executaria uma descida veloz, reuniria todas as gotas de poder que lhe restassem e libertaria essa força. Os plebeus morreriam na mesma hora, com as mentes consumidas. Randahl poderia sobreviver mais alguns segundos, mas não por tempo suficiente para que os jhinkas os alcançassem.

E os jhinkas... também morreriam. Alguns. Muitos. Mas não todos. Ficaria sozinho enquanto os sobreviventes o destroçariam. Tomaria providências para isso. Já combatera jhinkas em Terreille. Vira o que faziam aos prisioneiros. No que dizia respeito à crueldade, eram um povo habilidoso. Assim como tantos dos Sangue.

Lucivar se virou quando percebeu um movimento com o canto do olho.

Jaenelle estava parada a alguns centímetros, com os olhos fixos nos jhinkas. Não usava nada além da Joia Negra em volta do pescoço.

Percebia o motivo. Nem mesmo a roupa íntima teria servido. Todos os seus músculos tinham desaparecido, todas as curvas femininas que ganhara ao longo do ano anterior. Sem outra fonte de alimento, seu corpo consumira-se na luta para ser o receptáculo do poder interior. Os ossos exerciam pressão na pele pálida, abatida e suja de sangue. Conseguia contar as costelas, conseguia ver os ossos dos quadris deslocando-se quando ela mexia os pés. O cabelo louro estava escurecido e endurecido com o sangue que sujava nos fios sempre que ela levava a mão à cabeça.

Apesar disso, ou talvez por causa disso, seu rosto era estranhamente fascinante. A juventude fora consumida na fogueira curativa, deixando-a com uma beleza atemporal e eterna que se adequava aos olhos azul-safira antigos e perturbados. Parecia uma máscara refinada que jamais voltaria a ser tocada pelas preocupações da vida.

Foi então que a máscara se estilhou. O pesar e a fúria inundaram Lucivar, lançando-o contra o edifício.

Lucivar agarrou-se a um canto e aguentou com um desespero que logo foi consumido por um medo avassalador.

O mundo girava a uma velocidade revoltante, em espirais cada vez mais estreitas, arrasando sua mente, ameaçando arrancá-lo de qualquer abrigo de sanidade. Cada vez mais veloz. Indo cada vez mais fundo.

Espirais. Saetan dissera algo sobre as espirais, mas ele não conseguia ver, não conseguia respirar, não conseguia pensar.

O escudo de Lucivar cedeu, e a energia foi sugada para a espiral. A tempestade de feiticeira também foi puxada, e os fios psíquicos se partiam enquanto ele lutava para permanecer ao redor do edifício.

Cada vez mais rápido, cada vez mais fundo, e então o poder negro ergueu-se do abismo, ribombando ao passar por Lucivar a uma velocidade que

congelou sua mente.

Lucivar empurrou-se para longe do edifício e cambaleou na direção de Jaenelle. Para baixo. Precisava puxá-la para o chão, precisava...

Pop.

Pop pop.

Pop pop pop pop pop.

— MÃE NOITE! — gritou Adler, apontando na direção das colinas.

Lucivar distendeu um músculo do pescoço ao virar a cabeça na direção do som dos corpos dos jhinkas, que explodiam.

Outra onda de poder negro dardejou através do que restava dos fios psíquicos da tempestade de feiticeira. Eles flamejaram, ficaram enegrecidos, desapareceram.

Pensou ter ouvido um grito fraco.

Pop pop pop.

Pop pop.

Pop.

Em trinta segundos, seis mil jhinkas foram destruídos.

Jaenelle não olhou para ninguém. Limitou-se a dar meia-volta e começar a caminhar devagar, rígida, na direção da extremidade oposta do povoado.

Lucivar tentou pedir para ela esperar, mas não conseguia produzir nenhum som. Tentou ficar de pé, sem entender como acabara ajoelhado, mas suas pernas pareciam feitas de gelatina.

Lembrou-se, por fim, do que Saetan dissera sobre espirais.

Não a temia, mas, fogo do Inferno, queria saber o que teria provocado Jaenelle, para que soubesse, de alguma forma, como lidar com ela.

Sentiu mãos puxando-o pelo braço.

Randahl, pálido e parecendo nauseado, ajudou-o a se levantar.

Ficaram ofegantes pelo esforço de alcançar o edifício e apoiaram-se na parede de pedra.

Randahl esfregou os olhos. Os lábios estavam trêmulos.

— O rapaz morreu — disse, com a voz rouca. — Ela tinha acabado de curar o último plebeu. Fogo do Inferno, Yaslana, curou os trezentos. Trezentos em três dias. Quase não se aguentava nos próprios pés. Mari estava dizendo que ela precisava se sentar, precisava descansar. A Senhora balançou a cabeça e foi cambaleando até o local onde Khevin estava deitado e... e ele olhou para ela e morreu. Extinguiu-se. Extinguiu-se completamente. Não restou nem um murmúrio.

Lucivar fechou os olhos. Pensaria nos mortos depois. Ainda havia muito a fazer pelos sobreviventes.

— Tem força suficiente para enviar uma mensagem a Agio?

Randahl negou com a cabeça.

— Nenhum de nós tem força suficiente para viajar pelos Ventos neste momento, mas éramos esperados há um dia, por isso deve haver gente nos procurando pelas estradas.

— Quando seu povo chegar, quero que acompanhem Mari ao Paço.

— Nós podemos tomar conta dela — respondeu Randahl, ríspido.

Mas será que Mari quer ficar sob os cuidados dos Sangue em Agio?

— Acompanhem-na ao Paço — disse Lucivar. — Ela precisa de tempo para o luto e de um local onde o coração possa começar a sarar. No Paço, terá quem possa ajudá-la.

Randahl pareceu descontente.

— Acha que os Sangue de Dhemlan serão mais afáveis com ela do que nós?

Lucivar deu de ombros.

— Não estava pensando nos Sangue de Dhemlan. Estava pensando nos parentes.

Depois que Randahl concordou, Lucivar entrou no centro comunitário, permanecendo apenas o tempo necessário para dizer a Mari que voltaria ao Paço. Ela agarrou-se a ele durante alguns minutos, chorando copiosamente.

Lucivar abraçou-a, consolando-a tanto quanto possível.

Quando duas plebeias, lançando olhares desafiadores às demais, se ofereceram para tomar conta de Mari, ele deixou-a, esperando sinceramente nunca mais ter de conviver com plebeus.

Encontrou Jaenelle a alguns passos dos limites do povoado, enroscada em posição fetal, produzindo pequenos sons desesperados.

Deixou-se cair de joelhos e tomou-a nos braços.

— Eu não queria matar — lamentou-se. — Não é o objetivo da Arte. Não é o objetivo da *minha* Arte.

— Eu sei, Gata — murmurou Lucivar. — Eu sei.

— Poderia ter colocado um escudo em volta deles, que os detesse até obtermos ajuda de Agio. Era essa a minha intenção, mas a fúria começou a fervilhar dentro de mim quando Khevin... Eu podia sentir as mentes deles, podia sentir sua ânsia de fazer o mal. Não consegui frear a fúria. Não consegui.

— São as drogas, Gata. Essas porcarias embaralham as emoções por muito tempo, ainda mais numa situação como esta.

— Não gosto de matar. Preferia ser ferida a ter de ferir alguém.

Lucivar não discutiu com ela. Estava exausto demais, e as emoções de Jaenelle eram brutas demais. Também não mencionou que ela apenas reagira à dor e à morte de um amigo. O que não conseguia, não queria fazer por si própria, faria por alguém de quem gostava.

— Lucivar? — disse Jaenelle, num tom queixoso. — Preciso de um banho.

Era apenas uma das coisas que Lucivar também desejava.

— Vamos para casa, Gata.

Dorothea SaDiablo deixou-se cair numa cadeira e olhou espantada para a visita inesperada.

— Aqui? Você quer ficar *aqui*? — Será que a vagabunda tinha se olhado num espelho, recentemente? Como explicaria a presença de um cadáver ambulante e ressequido que parecia acabar de ter saído da sepultura?

— Não aqui, na sua querida corte — respondeu Hekatah, com os lábios descarnados apertados em um rosnado. — E não estou lhe pedindo permissão. Estou *avisando* que vou ficar em Hayll e que preciso de alojamento.

Avisando. Sempre avisando. Sempre lembrando-a de que jamais teria se tornado Sacerdotisa Suprema de Hayll sem a orientação e o apoio sutil de Hekatah, sem que Hekatah lhe indicasse as rivais com forte potencial, que poderiam frustrar seus sonhos de se tornar uma Sacerdotisa Suprema tão poderosa que até as Rainhas se submeteriam a ela.

Bem, na verdade era a Sacerdotisa Suprema de Hayll, e, depois de séculos manobrando e maltratando machos, que, por sua vez, praticavam a sua própria cota de maus-tratos, não restara nenhuma Rainha de Joia escura em Terreille. Não havia Rainhas nem Viúvas Negras, não havia nenhuma outra Sacerdotisa que se equivalesse à sua Joia Vermelha. Em alguns territórios menores e mais renitentes, não havia sequer membros dos Sangue que usassem Joias. Em mais cinco anos, teria sucesso onde Hekatah falhara: se tornaria a Sacerdotisa Suprema de Terreille, temida e venerada por todo o Reino.

E, quando esse dia chegasse, teria algo especial preparado para sua mentora e conselheira.

Dorothea recostou-se e reprimiu um sorriso. Aquele saco de ossos ainda poderia ser útil. Sadi continuava solto por aí, jogando seu jogo furtivo e zombeteiro. Embora não sentisse sua presença há bastante tempo, sempre que abria a porta esperava encontrá-lo do outro lado, à sua espera. Mas se uma Sacerdotisa Suprema de Joia Vermelha e Viúva Negra estivesse alojada no chalé que mantinha para noites mais enérgicas e imaginativas, e ele por acaso descobrisse que uma feiticeira vivia ali tranquilamente... bem, seu odor psíquico estava entranhado no local, e pode ser que Sadi nem perdesse tempo distinguindo entre o odor do local e o odor psíquico da inquilina. Seria uma pena perder a construção, mas era certo que ela não restaria em pé quando ele terminasse.

E, claro, também não restaria nada de Hekatah.

Dorothea prendeu uma madeixa preta na trança simples em volta da cabeça.

— Percebi que não estava me pedindo permissão, Irmã — ronronou. — Alguma vez me *pediu* o que quer que fosse?

— Não se esqueça de a quem está se dirigindo — silvou Hekatah.

— Nunca esqueço — respondeu Dorothea, com gentileza. — Tenho um chalé no campo a cerca de uma hora de carruagem de Draega. É utilizado para

diversões discretas. Você pode ficar lá o tempo que quiser. O pessoal está muito bem treinado, por isso lhe peço que não faça refeição deles. Providenciarei um banquete de jovens. — Franzindo a sobrancelha enquanto observava uma unha, invocou uma lixa, aparou uma imperfeição, avaliou o resultado e retomou a tarefa. Finalmente satisfeita, fez desaparecer a lixa e sorriu para Hekatah. — Mas, é claro, se meus alojamentos não forem do seu agrado, sempre pode voltar para o Inferno.

Vadia gananciosa e ingrata.

Hekatah deixou outro espelho opaco. Até mesmo essa pequena amostra de Arte era quase demais.

Não era desse jeito que planejava voltar a Hayll, escondida como um parente senil e babão despachado para um lugar remoto sem ninguém como companhia além de criados taciturnos.

É claro que depois de recuperar um pouco de força...

Hekatah balançou a cabeça. As diversões teriam de ficar para mais tarde.

Considerou a ideia de tocar a sineta para que um criado viesse colocar mais lenha na lareira, mas acabou fazendo aquilo sozinha. Acomodada numa poltrona muito velha, observou enquanto a lenha era envolvida e consumida pelas chamas.

Consumida, tal como haviam sido todos os seus belos planos.

Primeiro, o fiasco com a garota. Se aquilo era o melhor que Jorval conseguia fazer, teria de reconsiderar sua pretensa utilidade.

Depois, o eyrieno conseguira fugir da cilada, destruindo todos aqueles adoráveis jhinkas que ela cultivara com tanto cuidado. E o poder que recebera de volta através da tempestade de feiticeira provocara-lhe *isto*.

E, por último, mas não menos importante, a purga que aquele filho da puta realizara no Reino das Trevas. Neste momento, não havia refúgio seguro no Inferno e ninguém, *ninguém* para servi-la.

Sendo assim, por ora, teria de aceitar a hospitalidade zombeiteira de Dorothea, teria de aceitar esmolas em vez do tributo que lhe era devido.

Não importava. Ao contrário de Dorothea, que estava ocupada demais tentando conquistar poder e devorar Territórios, tinha observado os dois Territórios dos vivos por muito tempo, com muita atenção.

Deixe que Dorothea fique com as ruínas de Terreille.

Hekatah teria Kaeleer.

CAPÍTULO CATORZE

1 / Kaeleer

Saetan apoiou a mão na parede de pedra, temporariamente desequilibrado devido à dupla explosão de fúria que fez a Fortaleza estremecer.

— Mãe Noite — murmurou entre dentes. — O que será que estão discutindo *desta vez*? — Contactando Lucivar com a mente, deparou-se com um muro de fúria psíquico.

Saiu correndo.

Ao se aproximar do corredor que levava aos aposentos de Jaenelle, começou a andar, pressionando o quadril com uma das mãos e praguejando em silêncio por não ter fôlego suficiente para rugir. De qualquer maneira, não faria diferença, pensou com amargor. Fosse qual fosse o motivo que enfurecia seus filhos, não afetava-lhes os pulmões.

— Saia da frente, Lucivar!

— Quando o sol brilhar no Inferno!

— Que se danem as suas asas, você não tem o direito de interferir.

— Eu estou a seu serviço. Isso me dá o direito de desafiar o que quer que seja ou quem quer que seja que ameace o seu bem-estar. Incluindo você mesma!

— Se você me serve, tem de me obedecer. SAIA DA MINHA FRENTE!

— A primeira Lei não é a obediência...

— Não se atreva a me citar as Leis dos Sangue.

— ... e, mesmo que fosse, eu não permitiria que fizesse isso. É suicida!

Saetan virou a esquina, subiu correndo o pequeno lance de escadas e tropeçou no último degrau.

No corredor fracamente iluminado, Lucivar parecia algo saído das histórias de ninar que os plebeus contavam aos filhos: asas escuras e abertas que se misturavam com a escuridão atrás, dentes cerrados, olhos dourados que faiscavam com o fogo da batalha. Até o sangue que escorria do corte superficial no braço esquerdo, provocado por um facão, fazia com que se parecesse qualquer coisa, menos um homem vivo.

Em contraste, Jaenelle parecia terrivelmente real. A camisola preta curta revelava muito do corpo sacrificado ao poder que ardia no interior enquanto procedia às curas no povoado plebeu, uma semana antes. Se fosse bem tratado, a carne não sofreria daquela forma, nem mesmo como instrumento das Joias

Negras.

Observando os resultados do descuido de Jaenelle em relação ao próprio corpo, observando a mão que segurava o facão de caça eyrieno, trêmula e fraca demais, Saetan cedeu à raiva que crescia em seu íntimo.

— Senhora — disse com rispidez.

Jaenelle virou-se para encará-lo, cambaleando um pouco enquanto tentava se equilibrar. Seus olhos também faiscavam com o fogo da batalha.

— Encontraram Daemon.

Saetan cruzou os braços, encostou-se à parede e ignorou o desafio na voz da garota.

— Então você pretende canalizar as forças do seu corpo já enfraquecido, criar a sombra que tem usado para procurá-lo em Terreille, enviá-la para onde quer que o corpo dele se encontre, viajar pelo Reino Distorcido até encontrá-lo e depois tirá-lo de lá.

— Sim — disse Jaenelle, com uma delicadeza exagerada. — É exatamente o que vou fazer.

Lucivar bateu com o punho na parede.

— Isso é demais. Você nem sequer começou a se recuperar de todas as curas que realizou. Deixe essa sua amiga ficar com ele durante umas duas semanas.

— Não é possível “ficar” com alguém que está perdido no Reino Distorcido — retrucou Jaenelle. — Eles não veem nem vivem no mundo tangível como as outras pessoas. Se alguma coisa o assustar e ele fugir dela, poderá levar semanas, até mesmo meses, antes de encontrá-lo outra vez. E então pode ser tarde demais. *O tempo está se esgotando.*

— E se ela o levasse para a Fortaleza em Terreille? — argumentou Lucivar. — Poderíamos mantê-lo lá até você recuperar as forças para fazer cura.

— Ele está louco, não está quebrado. Ainda usa a Negra. Se alguém tentasse “manter” você, que tipo de memórias seriam trazidas à tona?

— Jaenelle tem razão, Lucivar — disse Saetan, com a voz calma. — Se ele pensar que esta amiga está conduzindo-o para uma cilada, independentemente das suas verdadeiras intenções, a confiança que tem nela, por menor que seja, se desfará, e essa será a última vez que o veremos.

Lucivar socou a parede com o punho. Continuou a socar, enquanto praguejava, demoradamente e em voz baixa. Por fim, massageou a parte lateral do punho na palma da outra mão.

— Se é assim, vou a Terreille buscá-lo.

— E por que ele confiaria em você? — perguntou Jaenelle, com amargura.

Os olhos de Lucivar reluziram de dor.

Saetan sentiu as barreiras interiores de Jaenelle abrindo-se um pouco. Não pensou duas vezes. No momento em que ela estava dividida entre a raiva e a angústia, entrou e saiu depressa por aquela pequena abertura, saboreando as correntes emocionais.

Ora, a feiticeirinha pensava poder forçá-los a ceder. Pensava possuir uma

arma emocional que eles não desafiariam.

Tinha razão. Possuía.

Porém, agora, também ele tinha essa arma.

— Deixe que ela vá, Lucivar — cantarolou Saetan, numa voz ronronante como um leve trovão. Ainda encostado à parede e de braços cruzados, curvou-se numa reverência zombeteira. — A Senhora nos encurralou e sabe disso.

Sentiu uma satisfação amarga ao ver a cautela nos olhos de Jaenelle.

Ela olhou depressa para os dois.

— Não vão me impedir?

— Não, não vamos impedi-la. — Saetan sorriu com malevolência. — A não ser, é claro, que não concorde com o preço da nossa submissão. Se recusar, a única forma de sair daqui será destruindo nós dois.

Uma cilada tão simples. Um embuste tão cativante.

Conseguiu confundi-la, conseguiu, por fim, enervá-la. Ela estava prestes a descobrir com que habilidade era envolvida numa teia.

— Qual é o seu preço? — perguntou com relutância.

Um olhar fortuito e ligeiro percorreu-a da cabeça aos pés.

— Seu corpo.

Ela deixou cair o facão.

Provavelmente teria decepado alguns dedos do pé de Lucivar se ele não tivesse feito o objeto desaparecer em pleno ar.

— Seu corpo, minha Senhora — cantarolou Saetan. — O corpo que você trata com tanto desprezo. Já que você obviamente não o quer, ficará sob minha guarda para aquele que já o reclamou.

Jaenelle olhava-o atônita, os olhos arregalados e inexpressivos.

— Você quer que eu abandone este corpo? D-do jeito que fiz antes?

— Abandonar? — A voz de Saetan era sedosa e cheia de perigo. — Não, não precisa abandoná-lo. Estou certo de que o reclamante lhe concederá um empréstimo permanente de bom grado. Mas será um empréstimo, compreenda, e você terá de dar a ele o mesmo tipo de atenção que daria a um objeto emprestado por um amigo.

Ela o encarou por um longo tempo.

— E se eu não ligar? O que vai fazer?

Saetan se afastou da parede.

Jaenelle retraiu-se, mas sem desviar os olhos de Saetan.

— Nada — disse, com uma serenidade exagerada. — Não a enfrentarei. Não recorrerei à força física nem à Arte para obrigá-la. Nada farei, a não ser registrar as suas transgressões. Jamais lhe pedirei qualquer explicação e nunca darei explicações em seu lugar. Você mesma poderá tentar justificar o abuso de parte daquilo por que Daemon pagou tão caro.

O rosto de Jaenelle ficou branco como cal. Saetan amparou-a quando ela vacilou, segurando-a junto ao peito.

— Desgraçado insensível — sussurrou.

— Talvez — respondeu Saetan. — Qual é a sua resposta, Senhora?

Jaenelle! Você prometeu!

Jaenelle saltou dos braços de Saetan, recuando para tentar manter o equilíbrio, mas acabando por bater com as costas na parede.

Saetan observou a expressão culpada de Jaenelle e começou a sentir uma animação maliciosa. Reparando que Lucivar aparecera do outro lado de Jaenelle, centrou a atenção no scelta aborrecido e ainda não totalmente desenvolvido e no silencioso gatinho arceriano, mas igualmente aborrecido, que agora pesava tanto quanto Lucivar, apesar de ainda ter cinco anos de crescimento pela frente.

— O que a Senhora prometeu? — perguntou a Ladvarian.

Prometeu comer, dormir, ler livros e fazer passeios curtos até se recuperar, disse Ladvarian em tom de recriminação, o olhar fixo em Jaenelle.

— É o que estou fazendo — balbuciou. — Foi o que fiz.

Você estava brincando com Lucivar.

Lucivar desviou-se da parede para que pudessem ver seu braço esquerdo.

— E foi uma brincadeira dura.

Ladvarian e Kaelas rosnaram para Jaenelle.

— É um caso diferente — retrucou Jaenelle. — É de grande importância. E eu não estava de brincadeiras com Lucivar. Estava lutando com ele.

— É verdade — concordou Lucivar, melancólico. — E só porque eu achei que ela deveria estar descansando, em vez de fazer esforço até entrar em colapso.

Ladvarian e Kaelas rosnaram mais alto.

Que vergonha, Senhora, disse Saetan, através de um fio Negro, para manter a conversa privada. *Quebrar uma promessa aos seus Irmãozinhos. Vai fazer a gentileza de aceitar minhas condições, ou continuaremos rosnando um pouco mais?*

O olhar rancoroso de Jaenelle não era só uma resposta, mas também um bom indicador da frequência com que ela perdia este tipo de “discussões” quando Ladvarian e Kaelas metiam qualquer coisa naquelas cabecinhas peludas.

— Meus Irmãos. — Saetan inclinou a cabeça com cortesia na direção de Ladvarian e Kaelas. — A Senhora jamais quebraria uma promessa se não tivesse uma razão para isso. Apesar dos riscos ao seu próprio bem-estar, comprometeu-se a executar uma tarefa delicada, que não pode ser adiada. Como a promessa foi feita antes da que fez a vocês, temos de nos submeter aos desejos dela. Como ela mesma salientou, é de grande importância.

O que poderá ser mais importante do que a Senhora?, perguntou Ladvarian.

Saetan não respondeu.

Jaenelle se contorceu.

— O meu... parceiro... está preso no Reino Distorcido. Se eu não mostrar a saída, ele morrerá.

Parceiro? As orelhas de Ladvarian se arrebitaram. O rabo com ponta

branca abanou uma vez, depois duas. Olhou para Saetan. *Jaenelle tem um parceiro?*

Não deixava de ser interessante o fato de olhar para ele com o intuito de obter confirmação. Algo para recordar no futuro.

— Sim — confirmou Saetan. — Jaenelle tem um parceiro.

— E deixará de ter se for retida por muito mais tempo — avisou Jaenelle.

Todos se afastaram educadamente, observando-a enquanto percorria o corredor, lenta e penosamente.

Saetan não tinha dúvidas de que ela usaria a Arte para fazer o corpo flutuar assim que a perdessem de vista, o que causaria um desgaste ainda maior, embora abreviasse a viagem até o Altar das Trevas no interior de Ebon Askavi. E, a menos que fosse carregada por alguém, aquela era a única forma de chegar ao Portão que a levaria à Fortaleza em Terreille.

Assim que Ladvarian e Kaelas saíram para contar a Draca sobre o parceiro da Senhora, Saetan virou-se para Lucivar:

— Venha comigo até a sala de tratamentos. Vou cuidar desse braço.

Lucivar deu de ombros.

— Já não está mais sangrando.

— Rapaz, conheço os procedimentos eyrienos tão bem quanto você. As feridas são limpas e tratadas. *E quero falar com você num local seguro, longe de orelhas peludas.*

— Acha que ela conseguirá? — perguntou Lucivar, alguns minutos depois, enquanto Saetan limpava a ferida superficial.

— Ela tem a força, os conhecimentos e a vontade. Vai trazê-lo de volta do Reino Distorcido.

Não era o que Lucivar queria dizer, e ambos sabiam.

— Por que não a deteve? Por que permite que se arrisque?

Saetan inclinou a cabeça, evitando olhar diretamente para Lucivar.

— Porque ela o ama. Porque ele é, de verdade, o seu parceiro.

Lucivar permaneceu calado por um minuto. Depois suspirou.

— Daemon sempre disse que nasceu para ser o amante da Feiticeira. Parece que ele tinha razão.

2 / Terreille

Surreal observava Daemon andar pelo centro do imenso labirinto, perguntando-se quanto tempo conseguiria mantê-lo ali.

Ele não confiava nela. E ela não podia confiar nele.

Encontrara-o a cerca de um quilômetro e meio das ruínas do Paço dos SaDiablo, choramingando em silêncio e observando uma casa ser consumida pelas chamas. Não lhe perguntou sobre a casa nem sobre os vinte guardas

hayllianos que haviam acabado de ser esquartejados, nem mesmo sobre o motivo que o levara a murmurar o nome de Tersa algumas vezes.

Tomara-o pela mão, pegara os Ventos e trouxera-o para cá. Não sabia se os donos desta propriedade tinham abandonado-a por vontade própria, sido forçados a sair ou sido assassinados quando Dhemlan Terreille por fim cedera ao domínio de Hayll. Agora, os guardas hayllianos usavam a casa senhorial como casernas para os soldados, que informavam ao povo de Dhemlan as punições por desobediência.

Daemon observara sem reagir enquanto Surreal aplicava feitiços ilusórios para preencher as falhas nas cercas vivas que levavam ao centro do labirinto. Nada dissera quando ela criou um escudo Cinza duplo em volta do local onde estavam escondidos.

A submissão de Daemon desaparecera quando Surreal invocou a pequena teia que Jaenelle dera, deixando cair quatro gotas de sangue no centro para despertá-la, transformando-a num sinal e num farol.

Depois disso, Daemon começara a perambular, com um sorriso frio, familiar e brutal, enquanto Surreal aguardava. E aguardava. E aguardava.

— Então, não vai chamar seus amigos, assassinzinha? — perguntou Daemon deslizando pelo local onde Surreal estava sentada, com as pernas dobradas e as costas encostadas à cerca viva. — Não quer ganhar sua recompensa?

— Não há recompensa, Daemon. Estamos esperando uma amiga.

— Mas é claro — respondeu com exagerada delicadeza, enquanto concluía outro circuito em volta do centro do labirinto. A essa altura, deteve-se e olhou para Surreal, com os olhos dourados repletos de um fogo gélido e vítreo. — Ela gostava de você. Me pediu para ajudá-la. Lembra?

— Quem, Daemon? — perguntou Surreal, com a voz serena.

— Tersa. — A voz embargou. — Puseram fogo na casa onde ela vivia com o filho. Ela teve um filho, sabia?

Fogo do Inferno, Mãe Noite e que as Trevas fossem misericordiosas.

— Não, não sabia.

Daemon assentiu.

— Mas a vadia da Dorothea tirou o filho dela, que se afastou para muito, muito longe. Depois, a vagabunda colocou um Anel de Obediência no garoto e o treinou para se tornar um escravo do prazer. Levou-o para a cama e... — Daemon estremeceu. — Você é sangue do seu sangue.

Surreal levantou-se de repente.

— Daemon. Eu não sou como Dorothea. Não a reconheço como minha família.

Daemon cerrou os dentes.

— Mentirosa — rosnou. Deu um passo na direção de Surreal, o polegar direito roçando a unha irregular do dedo anelar. — Mentirosa afetada educada na corte. — Outro passo. — Vagabunda carniceira.

Quando Daemon ergueu a mão direita, Surreal vislumbrou uma pequena

gota reluzente caindo da unha em forma de agulha, que ficava sob a unha normal.

Mergulhou para o lado esquerdo, invocando o punhal ao cair.

Daemon já estava em cima dela antes que chegasse ao chão.

Surreal gritou quando ele partiu o pulso direito. Voltou a gritar quando ele segurou seus dois pulsos com a mão esquerda, esmagando os ossos.

— *Daemon* — disse, sem fôlego e em pânico, enquanto a mão direita dele apertava seu pescoço.

— *Daemon*.

Surreal engoliu um soluço de alívio ao reconhecer a voz de meia-noite.

Os olhos de *Daemon* encheram-se de esperança e pavor quando levantou a cabeça, lentamente.

— Por favor — murmurou. — Não era minha intenção... *Por favor*. — Inclinou a cabeça para trás, soltou um grito de cortar o coração e sucumbiu.

Fazendo uso da Arte, Surreal o fez rolar de cima dela e se sentou, segurando o pulso partido. Zonza e nauseada, fechou os olhos ao sentir a aproximação de Jaenelle.

— Se tivesse chegado alguns segundos antes, não teria sido uma entrada tão emocionante. Mas eu teria ficado mais satisfeita.

— Deixe-me ver o pulso.

Surreal levantou os olhos e arquejou.

— Fogo do Inferno, o que aconteceu com você?

Das outras vezes em que a “sombra” de Jaenelle se juntara a Surreal na busca por *Daemon*, era impossível perceber que não se tratava de uma mulher de carne e osso, a menos que se tentasse tocá-la. Ninguém confundiria esta criatura transparente e debilitada com algo que caminhasse nos Reinos dos vivos. Ainda assim, os olhos azul-safira permaneciam repletos do fogo antigo, e as Joias Negras continuavam a resplandecer com a força ali encerrada.

Jaenelle balançou a cabeça e envolveu o pulso de Surreal com as mãos. Depois de um lampejo de frio entorpecedor, seguiu-se um ardor que aumentava cada vez mais. Surreal sentiu os ossos se deslocando, encaixando-se nos devidos lugares.

As mãos transparentes de Jaenelle pulsavam, extinguindo-se e voltando a surgir. Por um momento, ela também desapareceu por completo, deixando as Joias Negras suspensas, como se aguardando seu retorno.

Ao reaparecer, seus olhos estavam repletos de dor e ela ofegava como se não conseguisse respirar direito.

— Sucumbindo — Jaenelle arfou. — Agora não. *Ainda* não. — Seu corpo transparente agitou-se com violência. — Surreal, não consigo concluir a cura. Os ossos estão encaixados, mas... — Uma faixa de couro pairava no ar. Jaenelle colocou-a no pulso de Surreal, apertando-a com força. — Isso vai ajudar até sarar.

Com o indicador esquerdo, Surreal seguiu as linhas da cabeça de veado num círculo de videiras em flor — o mesmo veado que era o símbolo dos

parentes de Titian, os Dea al Mon.

Antes que pudesse perguntar a Jaenelle o significado daquela faixa, algo pesado tombou no chão, próximo do local onde estavam. Ouviram um homem praguejando baixinho.

— Mãe Noite, os guardas nos ouviram. — Apoiando-se no braço esquerdo, Surreal se levantou. — Vamos levá-lo daqui e...

— Não posso sair daqui, Surreal — disse Jaenelle, num tom sereno. — Preciso fazer o que vim fazer... enquanto ainda sou capaz.

As Joias Negras cintilaram, e Surreal sentiu uma escuridão fluida e arrepiante circulando o labirinto.

Jaenelle forçou um sorriso.

— Não encontrarão o caminho pelo labirinto. Não *neste* labirinto, pelo menos — disse, olhando com tristeza para o corpo franzino e machucado de Daemon e afastando os cabelos pretos longos, sujos e embaraçados da testa. — Ah, Daemon. Eu já tinha me acostumado a pensar que meu corpo era uma arma que podia ser usada contra mim. Esqueci-me de que também é uma Oferenda. Se não for tarde demais, farei melhor. Prometo.

Jaenelle colocou as mãos transparentes em cada um dos lados da cabeça de Daemon. Fechou os olhos. A Joia Negra reluziu.

Atenta aos guardas hayllianos que destruíam o labirinto em algum lugar, Surreal deixou-se cair no chão, preparando-se para esperar.

Daemon.

A ilha afundava lentamente no mar de sangue. Ele se enroscou no centro do terreno mole, enquanto os tubarões de palavras circundavam a ilha, aguardando.

Daemon.

Ela não lembrava que todos esperavam o fim deste tormento? Não lembrava que todos esperavam que a dívida fosse paga? Agora, ela chamava por ele, exigindo a rendição absoluta.

Mexa esse rabo, Sadi!

Daemon rolou sobre o próprio o corpo e, de cócoras, olhou para a mulher de juba loura e olhos azul-safira na praia alagada de sangue que um minuto antes não existia. No centro da testa dela, havia um pequeno chifre em espiral. O vestido comprido parecia feito de teias de aranha negras, deixando entrever os cascos delicados.

Ficou zozinho com o prazer de vê-la. O estado de espírito dela incitou sua cautela. Sentou-se sobre os calcanhares com cuidado.

Você está aborrecida comigo.

Deixe-me explicar de outra forma, respondeu Jaenelle com doçura. *Se você afundar e eu tiver que puxá-lo para fora, vou ficar puta.*

Daemon balançou a cabeça devagar enquanto produzia um som de reprovação.

Que linguagem.

Com pronúncia perfeita, Jaenelle disse uma frase no Idioma Antigo.

Ele ficou boquiaberto. Engasgou-se quando riu.

*Isso, Príncipe Sadi, é *linguagem*.*

Você é meu instrumento.

As palavras mentem. O sangue, não.

Carniceiro filho da puta.

Ele oscilou, equilibrou-se e pôs-se de pé, com cuidado.

Veio cobrar a dívida, Senhora?

Não compreendia a mágoa nos olhos dela.

Estou aqui por causa de uma dívida, respondeu ela, com a voz repleta de sofrimento. Ergueu as mãos devagar.

Entre a praia e a ilha que afundava, o mar estava agitado e as ondas batiam sem parar. As ondas se ergueram e ficaram imóveis, formando paredes da altura de sua cintura. O mar se solidificou entre os dois, virando uma ponte de sangue.

Venha, Daemon.

Ele passou as mãos de leve nas cristas das ondas vermelhas e petrificadas. Caminhou até a ponte.

Os tubarões de palavras pairavam ao redor, arrancando pedaços da ilha, tentando romper a ponte sob seus pés.

Você é meu instrumento.

Jaenelle invocou um arco, pôs uma flecha e mirou. A flecha assobiou pelo ar. O tubarão de palavras agitou-se furiosamente, enquanto desaparecia e afundava.

As palavras mentem. O sangue, não.

Outra flecha assobiou o cântico da morte.

Carniceiro filho da...

A ilha e o último tubarão de palavras afundaram ao mesmo tempo.

Jaenelle fez o arco desaparecer, virou as costas para o mar e caminhou para a paisagem distorcida, coberta de cristais estilhaçados.

Sua voz chegou a Daemon, fraca.

Venha, Daemon.

Ele apressou o passo e correu até a praia, vociferando de frustração ao procurar um indicativo da direção que Jaenelle tomara.

Detectou o odor psíquico antes de reparar na trilha cintilante. Era como uma faixa de céu noturno salpicada de estrelas que o guiava pela paisagem distorcida até a rocha onde ela estava empoleirada, muito acima.

Jaenelle olhou para baixo, rindo com um desespero divertido.

Macho teimoso e rabugento.

A teimosia é uma qualidade muito difamada, respondeu, ofegante, enquanto escalava em direção a Jaenelle.

O riso de prata e veludo invadiu a paisagem.

Por fim, olhou-a com atenção.

Estou em dívida com a Senhora.

Jaenelle negou com a cabeça.

Quem deve sou eu, e não você.

Decepcionei-a, retrucou, amargo, olhando para o corpo debilitado de Jaenelle.

Não, Daemon, respondeu com delicadeza. *Fui *eu* que o decepcionei. Você me pediu para reconstruir o cálice de cristal e voltar ao mundo dos vivos. E foi o que fiz. Mas acho que nunca perdooi o meu corpo por ter sido o instrumento usado na tentativa de me destruir, e tornei-me seu mais cruel torturador. Lamento por isso, pois você estimava essa parte de mim.*

Não, eu estimava tudo em você. Eu a amo, Feiticeira. Sempre amarei. Você é tudo que sonhei que seria.

Jaenelle sorriu.

E eu... Estremeceu, levou a mão ao peito. *Venha. O tempo urge.*

Correu através dos rochedos, desaparecendo da vista de Daemon antes que ele conseguisse se mexer.

Ele apressou-se em segui-la, avançando pela trilha cintilante, arquejando ao sentir um peso esmagador descendo sobre si.

Daemon. A voz chegou fraca e carregada de dor. *Para que o corpo sobreviva, não posso ficar mais tempo.*

Ele lutou contra o peso.

Jaenelle!

Você tem de vir devagar, por etapas. Descanse aqui agora. Descanse, Daemon. Marcarei o caminho. Siga-o, por favor. Estarei à sua espera na saída.

JAENELLE!

Um sussurro sem palavras. Seu nome pronunciado como uma carícia. E, depois, o silêncio.

O tempo não tinha qualquer significado enquanto permanecia ali, com o corpo enroscado, esforçando-se para se agarrar à trilha cintilante que seguia para cima, enquanto tudo o que estava abaixo dele o puxava, tentando arrastá-lo de novo para o fundo.

Agarrou-se com força à lembrança da voz de Jaenelle, à promessa de que ela estaria à sua espera na saída.

Mais tarde — muito mais tarde — os puxões diminuíram, o peso esmagador abrandou.

A trilha cintilante, a faixa salpicada de estrelas, continuava seguindo para cima.

Daemon começou a escalar.

Surreal observava o céu que clareava e ouvia os guardas gritando e vociferando enquanto o labirinto chiava com as explosões de poder contra poder. Durante a longa noite, os guardas atacaram sem trégua, abrindo caminho em direção ao centro do labirinto enquanto o escudo de Jaenelle se partia, pedaço por

pedaço. A julgar pelos gritos, quebrar o pouco do escudo que conseguiram custara muito caro aos guardas.

Havia alguma satisfação nisso, mas Surreal sabia igualmente o que os guardas sobreviventes fariam a quem quer que encontrassem no labirinto.

— Surreal? O que está acontecendo?

Por um momento, Surreal não conseguiu dizer palavra. Os olhos de Jaenelle tinham um aspecto inanimado e sem brilho, pois o fogo interior se transformara em cinzas. As Joias Negras pareciam ter sido esgotadas de grande parte da reserva de poder que continham.

Surreal ajoelhou-se ao lado de Daemon. Exceto pelo movimento do peito ao respirar, ele não se movera desde que caíra, inconsciente.

— Os guardas estão penetrando no escudo — disse, tentando parecer calma. — Acho que não nos resta muito tempo.

Jaenelle assentiu.

— Então, você e Daemon precisam ir embora. O Vento Verde passa junto ao limite do jardim. Consegue chegar lá?

Surreal hesitou.

— Com todo o poder que foi libertado nesta área, não tenho certeza.

— Mostre-me o seu anel com a Cinza.

Surreal estendeu a mão direita.

Jaenelle roçou sua Joia Negra no anel com a Cinza de Surreal.

Surreal sentiu um fio psíquico sair dos anéis quando estabeleceram contato, sentiu a Teia Verde atraindo-a.

— Aí está — Jaenelle arquejou. — Assim que partirem, o fio vai puxá-los para a Teia Verde. Leve a teia farol com você. Destrua-a assim que puder.

Daemon se mexeu, gemendo baixinho.

— E você? — perguntou Surreal.

Jaenelle balançou a cabeça.

— Não importa. Não voltarei. Vou segurar os guardas por tempo suficiente para que vocês possam avançar.

Jaenelle abriu a camisa esfarrapada de Daemon. Segurando na mão direita de Surreal, espetou o dedo médio e pressionou-o contra o peito de Daemon, ao mesmo tempo que murmurava palavras num idioma que Surreal não conhecia.

— Este feitiço de união irá mantê-lo junto a você até sair do Reino Distorcido. — Jaenelle desvaneceu e voltou a aparecer. — Uma última coisa.

Surreal pegou a moeda de ouro que pairava no ar. Em um dos lados via-se um S elaborado. Do outro lado estavam gravadas as palavras “Dhemlan Kaeleer”.

— É um sinal de travessia segura — disse Jaenelle, esforçando-se para que as palavras pudessem ser ouvidas. — Se alguma vez for a Kaeleer, apresente a moeda a quem encontrar e diga que estão à sua espera no Paço em Dhemlan. Isso lhe garantirá uma escolta segura.

Surreal fez a moeda desaparecer, bem como a pequena teia farol.

Daemon rolou para o lado e abriu os olhos.

Jaenelle recuou, flutuando, até desvanecer na cerca viva.

Depressa, Surreal. Que as Trevas a protejam.

Praguejando baixinho, Surreal puxou Daemon e o fez ficar de pé. Ele a olhou fixamente, com uma desorientação ingênua. Surreal passou o braço esquerdo de Daemon sobre os ombros e estremeceu ao envolver sua cintura com o braço direito.

Respirando fundo, deixou que o fio psíquico os puxasse pelas Trevas até pegar o Vento Verde e seguir rumo ao norte.

O refúgio estava preparado e à espera deles.

Antes da noite em que, embriagada, quebrara a afetuosa amizade entre os dois, Daemon lhe contara sobre duas pessoas: Lord Marcus, o administrador que cuidava dos seus investimentos bastante discretos, e Manny.

Pouco depois de Jaenelle contactá-la, visitara Lord Marcus para falar sobre a necessidade de encontrar um refúgio e descobrira que já existia um — uma pequena ilha cujo proprietário era um “Senhor da Guerra enfermo e solitário” que vivia com alguns criados.

Daemon era o proprietário da ilha. Todos que habitavam tinham sido física ou emocionalmente mutilados por Dorothea SaDiablo. Era um local onde podiam reconstruir algo próximo de uma vida.

Não se atrevera a visitar a ilha durante a busca por Daemon pois temia que Kartane SaDiablo a seguisse. Agora ela e Daemon poderiam desaparecer, e o fictício Senhor da Guerra inválido, bem como sua mais nova acompanhante, se tornariam reais.

Antes disso, porém, havia uma breve parada a fazer, uma coisa a ser perguntada. Desejava ardentemente que Manny dissesse que “sim”.

Surreal...

Surreal tentou fortalecer o fio feminino.

Jaenelle?

Surreal... v... Fortale... o...

Surreal esforçou-se para controlar as emoções quando o fio feminino se partiu. Faria todo o possível para que Daemon se fortalecesse.

Devia-lhe isso. Porque o que restava de Jaenelle se importava.

Sem se permitir pensar no que estaria acontecendo no centro daquele labirinto, Surreal prosseguiu viagem.

3 / Kaeleer

Os latidos desesperados de Ladvarian e os gritos de Lucivar despertaram Saetan de seu estado meditativo e atormentado. Impulsionando-se da cadeira na sala de estar de Jaenelle, na Fortaleza, correu para a porta que dava para o

quarto e segurou-se ao vão, paralisado diante da visão do corpo destruído que Lucivar segurava nos braços.

— Mãe Noite — murmurou entre dentes, segurando Kaelas pelo cangote e puxando o jovem felino que bufava para fora da cama. Ajeitando a roupa de cama, lançou um feitiço de aquecimento nos lençóis. — Deite-a.

Lucivar hesitou.

— Deita-a — insistiu, com rispidez, desalentado pelas lágrimas nos olhos de Lucivar.

Assim que Lucivar pousou Jaenelle na cama, Saetan ajoelhou-se ao lado dela. Pondo uma das mãos levemente sobre o peito da garota, usou uma delicada gavinha psíquica para detectar e classificar as lesões.

Os pulmões estavam entrando em colapso, assim como as artérias e veias, e o coração batia irregular e debilitado. Os demais órgãos internos pareciam prestes a falhar. Os ossos estavam frágeis como cascas de ovo.

Jaenelle, chamou Saetan. Doces Trevas, será que a ligação entre o corpo e o espírito tinha sido rompido? *Criança-feiticeira!*

Saetan? A voz de Jaenelle soou fraca e distante. *Deixei-o num estado lastimável, não foi?*

Saetan esforçou-se para manter a calma. Ela era exímia na Arte e dispunha dos conhecimentos para realizar a cura. Se conseguisse mantê-la conectada ao corpo, havia uma chance de salvá-la.

Digamos que sim.

Ladvarian trouxe a teia curativa da Fortaleza em Terreille?

— Ladvarian! — No mesmo instante, lamentou ter gritado, pois o scelta encolheu-se de medo e gemeu, perturbado demais para se lembrar de como se comunicar com ele. *Mantenha a calma, SaDiablo. A fúria é destruidora em qualquer sala de tratamento, mas aqui poderá revelar-se fatal.* — A Senhora está perguntando pela teia curativa — disse, calmo. — Você a trouxe?

Kaelas colocou as patas da frente de cada lado do corpo do pequeno cão e lambeu o amigo, como forma de encorajamento.

Depois de mais um incentivo de Kaelas, Ladvarian disse:

Teia? Levantou-se, ainda resguardado pelo corpo do gato. *Teia. Eu trouxe a teia.*

Entre Ladvarian e a cama surgiu uma pequena estrutura de madeira.

Aos olhos de Saetan, a teia curativa da estrutura parecia simples demais para ajudar um corpo com ferimentos como aqueles. Foi então que reparou no único fio de seda de aranha que ia da teia até o anel com Joia Negra preso à base da estrutura.

Três gotas de sangue no anel despertarão a teia curativa, disse Jaenelle.

Saetan olhou para Lucivar, que estava junto à cama como se aguardasse o golpe fatal. Hesitou e praguejou em silêncio, pois ainda sentia a picada de acusações antigas, embora não estivesse pedindo para si.

— Ela precisa de três gotas de sangue no anel. Não me atrevo a usar o meu. Não sei ao certo o que o sangue de um Guardião poderia provocar.

Os olhos de Lucivar faiscaram de raiva, e Saetan percebeu que o filho compreendera a razão da hesitação.

— Maldito seja nas entranhas do Inferno — praguejou Lucivar, enquanto desembainhava uma pequena faca da bota. — Você *não* tirou o meu sangue quando eu era criança, por isso pare de se desculpar por uma coisa que não fez. — Espetou um dedo e deixou que três gotas de sangue caíssem no anel com a Joia Negra.

Saetan prendeu a respiração até a teia começar a brilhar.

Lucivar embainhou a faca.

— Vou buscar Luthvian.

Saetan assentiu com a cabeça. Mas Lucivar não esperara pelo seu consentimento e já passara pela porta de vidro que dava para o jardim privado de Jaenelle, levantando voo em direção ao céu.

O corpo de Jaenelle se contorceu. Pelo fio psíquico, Saetan sentiu a Arte na teia inundando-a, estabilizando-a. Olhou de relance para a teia e tentou afastar os sentimentos de desespero. Um terço do fio já estava obscurecido, consumido.

Não esperava que fosse assim tão grave, disse Jaenelle, como se pedindo desculpas.

Luthvian não deve demorar.

Ainda bem. Com a ajuda dela, poderei transferir o poder que meu corpo não consegue reter para a teia, de forma a auxiliar na cura.

Sentiu que ela se extinguiu.

Jaenelle!

Encontrei-o, Saetan. Marquei uma trilha para que a seguisse. E... disse a Surreal para levá-lo à Fortaleza, mas não tenho certeza se me ouviu.

Não pense nisso agora, criança-feiticeira. Concentre-se no tratamento.

Ela se deixou levar por um sono leve.

Quando Luthvian chegou à Fortaleza, dois terços da teia curativa simples de Jaenelle já tinham sido usados, e Saetan se perguntou se haveria tempo para criar outra antes que o último fio escurecesse.

Não conseguia ficar ali vendo aquela cena. Assim que Luthvian se recompôs o suficiente para começar, retirou-se para a sala de estar, levando Ladvarian e Kaelas. Não perguntou onde estava Lucivar. Sentia-se simplesmente agradecido por não desgastarem ainda mais os temperamentos um com o outro, pelo menos por um tempo.

Andou de um lado para outro até a perna começar a doer. Acolheu o desconforto físico como uma amante encantadora. Era melhor se concentrar nisso do que no desgosto que poderia estar à sua espera.

Porque não sabia se aguentaria outra vigília à beira da cama.

Porque não sabia se a operação teria sido bem-sucedida o suficiente para que todo o sofrimento valesse a pena.

Ele ia aprendendo conforme escalava.

Ela deixara pequenos recantos junto à trilha cintilante para ele descansar: violetas aninhadas junto a um pedregulho, água doce e límpida escorrendo por uma pedra até uma poça tranquila que acalmava o espírito, um canteiro de grama verde e densa grande o bastante para ele se esticar, um coelhinho marrom e rechonchudo que o observava enquanto se empanturrava de trevos, uma fogueira animada que derreteu a primeira camada de gelo que envolvia seu coração.

A princípio, tentara ignorar os recantos de repouso. Percebeu que conseguia ignorar um, talvez dois, enquanto se debatia com o peso que tornava cada passo mais lento. Se tentasse ignorar o terceiro, a trilha ficava bloqueada. O instinto o advertia que se saísse da trilha cintilante para contornar o obstáculo, talvez não fosse capaz de encontrar o caminho de volta. Por isso, ele retrocedia e descansava até sentir um alívio no peso, e então prosseguia com mais facilidade.

Não tardou a perceber que o peso tinha um nome: corpo. Isto o confundiu por algum tempo. Já não tinha um corpo? Caminhava, respirava, ouvia, via. Sentia-se cansado. Sentia dor. Este outro corpo provocava uma sensação diferente, era pesado e maciço. Não sabia ao certo se gostava de absorver sua essência — ou que a essência o absorvesse.

Contudo, o corpo fazia parte da mesma teia delicada que as violetas, a água, o céu e a fogueira — lembranças de um local além da paisagem estilizada — por isso, conformou-se com a ideia de se familiarizar com esses elementos.

Passado algum tempo, cada local de repouso continha, também, um presente intangível: uma peça de um quebra-cabeças de Arte, um pequeno aspecto de um feitiço. Aos poucos, as peças começaram a formar um todo, e ele aprendeu as bases da Arte da Viúva Negra, aprendeu a construir teias simples, aprendeu a ser o que havia sido.

Por isso, descansava e apreciava os pequenos presentes e quebra-cabeças que ela tinha deixado para ele.

E escalava até o local onde ela prometera que estaria à sua espera.



QUINTA PARTE

CAPÍTULO QUINZE

1 / Kaeleer

— A primeira parte do plano está progredindo muito bem — disse Hekatah.

— Enfim a Pequena Terreille tem representação justa no Conselho das Trevas.

Lord Jorval mostrou um sorriso tenso. Como os membros oriundos da Pequena Terreille representavam um pouco mais da metade do Conselho, podia concordar que o Território que sempre sentira desconfiança em relação ao resto do Reino das Sombras tinha, enfim, uma representação justa.

— Devido a todos os ferimentos e doenças que provocaram a demissão de membros do Conselho nos últimos dois anos, os Sangue da Pequena Terreille foram os únicos dispostos a aceitar uma responsabilidade tão árdua em prol do Reino. — Ele suspirou, embora seus olhos cintilassem com uma aprovação maligna. — Fomos acusados de favoritismo por tantas vozes virem do mesmo Território, mas, quando outros homens e mulheres considerados dignos de tal tarefa se recusam a cumpri-la, o que deveríamos ter feito? Os assentos do Conselho precisam ser preenchidos.

— É verdade — concordou Hekatah. — E vários desses novos membros devem a ascensão ao apoio que você lhes deu na nomeação para o Conselho, e não desejam sofrer com angústia por não terem seguido seu entendimento na hora de votar. Chegou o momento de pôr em prática a segunda parte do plano.

— E qual seria essa parte? — Jorval desejava que ela despisse aquele manto de capuz grande. Já a vira antes. E por que estavam numa estalagemzinha vagabunda na periferia de Goth?

— Estender a influência da Pequena Terreille no Reino das Sombras. Você terá de convencer o Conselho a ser mais brando quanto aos requisitos de imigração. Aqui já vivem muitos aristocratas dos Sangue. É necessário deixar entrar os de categorias inferiores, trabalhadores, artesãos, agricultores, feiticeiras domésticas, criados, guerreiros de Joias mais claras. As decisões sobre quem entra ou não devem deixar de ser baseadas em poderem ou não pagar os subornos.

— Se as Rainhas terreillianas e os machos aristocratas desejam criados, que usem os plebeus — retrucou Jorval, taciturno. Os subornos, como Hekatah bem sabia, tinham se tornado uma importante fonte de renda para muitos aristocratas dos Sangue em Goth, a capital da Pequena Terreille.

— Os plebeus são forragem para os demônios — retrucou Hekatah. — Os

plebeus não possuem magia. Os plebeus não dominam a Arte. Os plebeus têm tanta utilidade como os jhin... — Fez uma pausa. Puxou o capuz para a frente. — Aceitem também os plebeus terreillianos como imigrantes. Prometam-lhes privilégios e colônias depois de servirem. Mas não deixem de trazer os Sangue terreillianos de categorias inferiores.

Jorval abriu as mãos.

— E o que faremos com todos esses imigrantes? Nas feiras de imigração, que acontecem duas vezes por ano, todos os outros Territórios só aceitam cerca de duas dezenas de pessoas, se tanto. As cortes da Pequena Terreille já estão apinhadas, e há muitas queixas sobre os aristocratas terreillianos, que estão sempre se lamentando por servirem em Círculos inferiores e não possuírem terra para governar, como haviam esperado. E nenhum dos que já estão aqui preencheu os requisitos de imigração.

— Eles terão terra para governar. Fundarão novos e pequenos territórios em nome das Rainhas que servem. Isso aumentará a influência que as Rainhas da Pequena Terreille possuem em Kaeleer e, além disso, proporcionará uma nova fonte de renda. Uma parte dessa terra é obscenamente rica em pedras e metais preciosos. Dentro de poucos anos, as Rainhas da Pequena Terreille serão a força mais poderosa do Reino, e os outros Territórios terão de se sujeitar ao seu domínio.

— Que terra? — perguntou Jorval, sem conseguir ocultar a irritação.

— A terra a ser reclamada, é claro — respondeu Hekatah, ríspido. Invocou um mapa de Kaeleer, desenrolou-o e fez uso da Arte para mantê-lo estendido. Um dedo esquelético indicou grandes áreas na carta.

— Essa terra não está livre para ser reclamada — protestou Jorval. — Esses são Territórios interditos. Os chamados Territórios dos parentes.

— *Exato*, Lord Jorval — disse Hekatah, batendo com o dedo no mapa. — Os *chamados* Territórios dos *parentes*.

Jorval olhou para o mapa e endireitou-se na cadeira.

— Os parentes são Sangue, ao que parece. Não são?

— São? — refutou Hekatah, com uma suavidade venenosa.

— E os Territórios humanos, como Dharo, Nharkhava e Scelt? Suas Rainhas podem apresentar queixa em nome dos parentes.

— Não podem. Não haverá qualquer interferência nas terras delas. Segundo a Lei dos Sangue, as Rainhas dos Territórios não podem interferir além de suas próprias fronteiras.

— O Senhor Supremo...

Hekatah acenou com a mão, com desprezo.

— Sempre viveu de acordo com um rígido código de honra. Defenderá o próprio Território com ferocidade, mas não porá um pé fora dele. O máximo que pode acontecer é ele ir *contra* esses Territórios, se não cumprirem a Lei.

Jorval coçou o lábio inferior.

— Então, eventualmente, as Rainhas da Pequena Terreille governariam toda Kaeleer.

— E essas Rainhas estariam unidas por alguém com sabedoria e experiência, capa de guiá-las da maneira adequada.

Jorval inflou de orgulho.

— Não é você, idiota — silvou Hekatah. — Um macho não pode governar um Território.

— O Senhor Supremo governa!

O silêncio prolongou-se por tanto tempo que Jorval começou a transpirar.

— Não se esqueça quem é ou o que é, Lord Jorval. Não se esqueça do seu próprio código de honra. Você não pertence ao gênero certo. Se *tentasse* se colocar no seu caminho, ele o faria em pedaços. *Eu* governarei Kaeleer. — Sua voz tornou-se mais suave. — Você será meu Administrador, e, sendo meu braço direito e meu conselheiro mais estimado, terá tanta influência que não haverá mulher no Reino que se atreva a recusá-lo.

Jorval foi invadido por um calor na zona genital ao pensar em Jaenelle Angelline.

O mapa enrolou-se de repente, assustando-o.

— Acho que já adiamos as gentilezas por muito tempo, não é? — Hekatah baixou o capuz do manto.

Jorval deixou escapar um grito débil. Pondo-se em pé de um salto, derrubou a cadeira e tropeçou nela quando se virou para se afastar da mesa.

Enquanto Hekatah contornava a mesa lentamente, Jorval arrastava-se para trás. Continuou recuando até que acabou pressionado contra a parede.

— Só um golinho — disse Hekatah, desabotoando a camisa dele. — Só para provar. Quem sabe da próxima vez não se esqueça de providenciar as bebidas.

Jorval sentiu as entranhas se retorcendo.

Hekatah mudara nos últimos dois anos. Antes, parecia uma mulher atraente que já tinha vivido dias melhores. Agora, parecia que alguém a espremera, retirando todo o líquido da carne. E o perfume profusamente aplicado não ocultava o cheiro de decomposição.

— Há uma outra razão muito importante para que *eu* seja a governante de Kaeleer — murmurou Hekatah enquanto roçava os lábios na garganta de Jorval. — Uma coisa que você não deve esquecer.

— Sim, S-Sacerdotisa? — Jorval cerrou os punhos.

— Quando eu estiver governando, o Reino de Terreille apoiará nossos esforços.

— Apoiará? — disse Jorval com uma voz fraca, tentando manter a respiração controlada.

— Me certificarei disso — respondeu Hekatah, e em seguida cravou os dentes na garganta dele.

A nova carruagem de duas rodas avançava depressa pelo centro da larga estrada de terra batida que ia para nordeste, para além do povoado de Maghre.

Saetan tentou, mais uma vez, avisar Narciso de que deveria manter a carruagem do lado direito da estrada. E Narciso respondeu, mais uma vez, que, se fizesse isso, Yaslana e o Bailarino do Sol não conseguiriam trotar ao lado deles. Desviaria se cruzasse com alguma outra carruagem na estrada. Sabia conduzir o veículo. O Senhor Supremo se preocupava demais.

Sentada ao lado de Saetan, Jaenelle olhou de relance para os punhos fechados do pai adotivo e sorriu com um ar de divertida compaixão.

— Ser passageiro quando estamos habituados a estar no controle não é fácil. Khary acha que as carruagens puxadas pelos parentes deveriam ter um conjunto de rédeas presas à frente, para o passageiro ter alguma coisa em que se agarrar para se sentir mais seguro.

— Calmantes seriam mais eficazes — resmungou Saetan. Forçou-se a abrir as mãos, colocando-as sobre as coxas com firmeza, ignorando o riso abafado de Lucivar e se esforçando para não se ressentir com as rédeas presas na testeira de Bailarino do Sol.

Para desgosto dos humanos, os parentes insistiram que as rédeas fossem mantidas como parte do equipamento de equitação, pois os humanos precisavam se segurar em alguma coisa quando os parentes corriam e saltavam. Por sorte, após o choque inicial três anos antes, quando o povo scelta descobrira a quantidade de raças dos Sangue que habitavam a ilha, os humanos receberam seus Irmãos e Irmãs parentes com entusiasmo.

— Não vamos parar na casa de Morghann e de Khary? — perguntou Jaenelle, pondo uma das mãos sobre a cabeça a fim de evitar que o chapéu de palha de abas largas voasse.

— Eles disseram que queriam nos mostrar uma coisa e que iriam ao nosso encontro — respondeu Lucivar. — Eu e Bailarino do Sol vamos à frente, para ver se nos aguardam. — Lucivar e o cavalo Príncipe dos Senhores da Guerra partiram através dos campos.

Narciso emitiu um ruído de ansiedade e continuou trotando pela estrada. Passados alguns minutos, deixou a estrada principal e trotou com elegância por uma trilha comprida, ladeada de árvores.

Os olhos de Jaenelle se iluminaram.

— Vamos à casa de campo de Duana? Oh, é um lugar encantador. Khary disse que alguém alugou a propriedade e estava fazendo melhorias.

Saetan suspirou de alívio. Khary sabia o que dizer para despertar o interesse dela, mesmo sem nada revelar.

Jaenelle passara seis meses se recuperando depois de entrar no Reino Distorcido para salvar Daemon, dois anos antes. Permanecera na Fortaleza durante os dois primeiros meses, fraca demais para ser transportada. Depois que Saetan e Lucivar a levaram para o Paço, foram necessários mais quatro meses para que recuperasse as forças físicas. Durante esse tempo, seus amigos

voltaram a ocupar o Paço, renunciando às cortes onde prestavam serviço para ficar junto dela. Jaenelle acolhera o grupo calorosamente, embora tivesse ficado intimidada pela presença dos rapazes — a primeira amostra de vaidade feminina que jamais demonstrara.

Atônitos pela recusa dela em vê-los, eles decidiram zelar por Jaenelle à distância e canalizaram as energias para os cuidados com a assembleia. Durante esse período, sob o olhar vigilante e discreto de Saetan, algumas amizades desabrocharam em amor: Morghann e Khardeen, Gabrielle e Chaosti, Grezande e Elan, Kalush e Aaron. Observara as garotas e imaginara se os olhos de Jaenelle alguma vez brilhariam daquela maneira por um homem. Mesmo que esse homem fosse Daemon Sadi.

Como Daemon e Surreal não apareceram na Fortaleza de Terreille, tentara localizá-los. Passadas algumas semanas, interrompeu as buscas, ao perceber que não era o único a procurá-los, e concluíra que o insucesso era melhor que conduzir um inimigo a um homem vulnerável. Além disso, Surreal era filha de Titian. Onde quer que tivesse se refugiado, encobrira seus rastros com perfeição.

E havia outro motivo para não querer provocar agitação. Hekatah não voltara ao Reino das Trevas. Desconfiava que ela estava muito bem escondida em Hayll. Desde que permanecesse lá, tanto ela como Dorothea podiam apodrecer juntas, mas a verdade é que ela ficaria atenta a qualquer sinal que demonstrasse o interesse renovado de Saetan por Terreille, então perseguiria a causa desse interesse.

— Lucivar e Bailarino do Sol foram mais rápidos — observou Jaenelle quando pararam diante da imensa casa de campo construída em arenito.

Narciso resfolegou.

— Não — disse Saetan, severo, ao ajudar Jaenelle a descer da carruagem. — As carruagens *não* atravessam cercas.

— Ainda mais quando o humano dentro dela não sabe que a passagem da outra metade depende dele — murmurou Jaenelle. Sacudiu as pregas da saia azul-safira e endireitou o casaco, entretida demais para encarar Saetan.

O que não era mal.

Jaenelle ergueu o olhar para a mansão e suspirou.

— Espero que os novos inquilinos deem a este lugar o amor que ele merece. Oh, sei que Duana anda ocupada e prefere viver na casa de campo perto de Tuathal, mas este lugar precisa despertar com cânticos. Os jardins aqui poderiam ser encantadores.

Em reconhecimento do sorriso satisfeito de Lucivar, Saetan tirou uma caixa achatada e retangular do bolso e entregou-a a Jaenelle.

— Feliz aniversário, criança-feiticeira. É de toda a família.

Jaenelle aceitou a caixa, mas não a abriu.

— Se é de toda a família, não deveríamos esperar até chegar em casa para abri-la?

Saetan balançou a cabeça.

— Concordamos que você deveria abri-la aqui.

Jaenelle abriu a caixa e franziu a sobrancelha ao ver a grande chave de bronze.

Emitindo um grunhido exasperado, Lucivar virou-a de frente para a casa.

— É da porta da frente.

Jaenelle arregalou os olhos.

— Minha? — Olhou para a porta da frente, depois para a chave, e outra vez para a porta da frente. — Minha?

— Bem, a família celebrou um contrato de arrendamento por dez anos, que abrange a casa e os terrenos — respondeu Saetan, sorridente. — Duana disse que você pode fazer o quiser com a casa, menos derrubá-la.

Jaenelle abraçou os dois com tanta força que eles mal conseguiram respirar, e em seguida correu até a porta. Que se abriu antes que ela a alcançasse.

— SURPRESA!

Rindo da expressão atordoada de Jaenelle, Saetan empurrou-a para dentro da casa, enquanto Khary e Morghann a puxavam para o meio da multidão.

Sentiu um nó na garganta quando viu Jaenelle passando de amigo a amigo, todos abraçando-a, felicitando-a. Astar e Sceron de Centauran. Zylona e Jonah de Pandar. Grezande e Elan de Tigrelan. A pequena Katrine de Philan. Gabrielle e Chaosti de Dea al Mon. Karla e Morton de Glácia. Morghann e Khary de Scelt. Sabrina e Aaron de Dharo. Kalush de Nharkhava. Ladvarian e Kaelas. Será que algo do tipo já acontecera ao Reino das Trevas?

Os anos em que a assembleia e o círculo de machos se reunia no Paço passaram depressa, e os jovens já não eram crianças ao seu cuidado, mas adultos a enfrentar em pé de igualdade. Todos os rapazes já tinham realizado a Oferenda às Trevas, e todos usavam Joias escuras. Se a forte amizade que unia Khary, Aaron e Chaosti sobrevivesse às exigências da idade adulta e ao serviço em cortes diferentes, eles se tornariam um triângulo admirável e influente de poder, nos anos por vir. E as garotas estavam quase preparadas para realizar a Oferenda. Quando fizessem isso... ah, o poder!

E havia Jaenelle. O que seria da adorada e dotada filha da sua alma quando realizasse a Oferenda?

Tentou afastar esse estado de espírito antes que ela o detectasse. O dia de hoje, porém, tinha um sabor agridoce para Saetan, por isso a família havia celebrado o aniversário de Jaenelle em particular, dois dias antes.

Um ribombar de trovão silenciou o falatório.

— Pois bem — disse Karla, com um sorriso perverso. — Vamos deixar que tio Saetan mostre a casa a Jaenelle enquanto terminamos de preparar a comida. Esta talvez seja nossa única oportunidade de nos divertirmos na cozinha.

As garotas desapareceram depressa nos fundos da casa.

— Acho melhor ajudá-las — disse Khary, liderando os rapazes, que apressaram o passo para salvar a casa e a comida.

Lucivar disse que voltaria dali a pouco, resmungando qualquer coisa sobre

desatrelar Narciso antes que ele tentasse fazer isso sozinho.

— Duana disse que a mobília que você não quiser usar pode ser guardada no sótão — disse Saetan, depois de explorar o andar de baixo com Jaenelle.

Jaenelle concordou, distraída, enquanto subiam as escadas.

— Vi uns quadros esplêndidos que seriam perfeitos para este lugar. Tinha um... — Boquiaberta, à entrada do quarto, Jaenelle olhava abismada para a cama com dossel, para a cômoda, para as mesinhas de cabeceira, para os baús.

— O pessoal lá embaixo comprou para você. Acho que deve ter admirado alguma coisa parecida com frequência, então imaginaram que você gostaria.

Jaenelle entrou no quarto e passou a mão pela suave madeira de bordo da cômoda.

— É magnífico. É tudo magnífico. Mas por quê?

Saetan engoliu em seco.

— Hoje você faz vinte anos.

Jaenelle ergueu a mão direita e ajeitou o cabelo.

— Eu sei.

— Minha tutela legal termina hoje.

Ficaram olhando um para o outro, demoradamente.

— O que isso significa? — perguntou ela, baixinho.

— Exatamente o que eu disse. Minha tutela *legal* termina hoje. — Viu-a relaxar ao assimilar a distinção. — Você é uma jovem mulher, criança-feiticeira, e deve ter a própria casa. Sempre adorou Scelt. Achamos que seria bom ter uma casa também neste lado do Reino. — Como Jaenelle continuou em silêncio, o coração de Saetan disparou. — O Paço sempre será seu lar. Sempre seremos sua família — contanto que nos queira.

— Contanto que os queira. — Os olhos de Jaenelle se alteraram.

Saetan precisou reunir todas as suas forças para não se pôr de joelhos e suplicar à Feiticeira que o perdoasse.

Jaenelle afastou-se de Saetan, abraçando-se como se estivesse com frio.

— Naquele dia eu disse coisas muito cruéis.

Saetan respirou fundo.

— Eu realmente o usei. Ele foi meu instrumento. E, mesmo sabendo o que sei, se pudesse voltar atrás, faria tudo do mesmo jeito. Um Príncipe dos Senhores da Guerra é dispensável. Uma boa Rainha, não. E, para dizer a verdade, se não tivéssemos feito nada e você não tivesse sobrevivido, acho que Daemon não sobreviveria. Estou certo de que eu não sobreviveria.

Jaenelle abriu os braços.

Ele avançou para os braços abertos e apertou-a com força.

— Acho que você nunca percebeu como a ligação entre os Príncipes dos Senhores da Guerra e as Rainhas é forte e necessária. Precisamos que você permaneça intacta. É por isso que servimos. É por isso que todos os machos dos Sangue servem.

— Mas sempre me pareceu injusto que uma Rainha possa reivindicar um homem, controlar todos os aspectos da vida dele, se quiser, sem que ele possa

opinar.

Saetan riu.

— Quem disse que o homem não tem opção? Nunca reparou na quantidade de homens que são convidados a servir numa corte e rejeitam o privilégio? Não, talvez não tenha reparado. Você esteve ocupada com muitos outros afazeres, e esse tipo de coisa acontece com muita frequência. — Fez uma pausa e balançou a cabeça, sorrindo. — Permita-me revelar um segredo de conhecimento geral, minha querida feitriceirazinha. *Não é você que nos escolhe. Somos nós que a escolhemos.*

Jaenelle refletiu sobre estas palavras e resmungou:

— Lucivar nunca me devolverá aquele maldito Anel, não é?

Saetan riu entre dentes.

— Você pode tentar recuperá-lo, mas acho que não conseguiria. — Encostou o rosto no cabelo da garota. — Acho que ele irá servi-la até o fim de seus dias, mesmo que não esteja efetivamente a seu lado.

— Como você e tio Andulvar com Cassandra.

Saetan fechou os olhos.

— Não, não como eu e Andulvar.

Ela se afastou o suficiente para examinar o rosto de Saetan.

— Compreendo. Uma ligação tão sólida quanto a família.

— Ainda mais sólida.

Jaenelle abraçou-o, suspirando.

— Talvez devêssemos encontrar uma esposa para Lucivar. Assim ele teria outra pessoa para importunar, além de mim.

Saetan engasgou.

— Não é nada simpático da sua parte mandar Lucivar para os braços de uma Irmã desavisada.

— Mas isso iria mantê-lo ocupado.

— Pense nas prováveis consequências dessa ocupação por um momento.

Jaenelle refletiu.

— Uma casa cheia de Lucivarezinhos — disse com a voz fraca.

Ambos gemeram.

— Muito bem — resmungou Jaenelle. — Preciso pensar em uma alternativa.

— Vocês dois se perderam aqui em cima?

Deram um salto. Lucivar estava à entrada do quarto, sorrindo.

— Papai estava me explicando que vou ter de aturar você para sempre.

— E só demorou três anos para entender. — O sorriso arrogante de Lucivar se alargou. — Eu não deveria avisá-la, porque não merece, mas enquanto você estava aqui ocupada tentando reorganizar a minha vida, embora em vão, Ladvarian estava lá embaixo reorganizando a sua. O que foi mesmo que ele disse? “Aqui, podemos criar e treinar os filhotes.”

— Podemos? — Jaenelle chiou. — Que filhotes? Filhotes de *quem*?

Lucivar desviou-se e Jaenelle saiu correndo e resmungando.

Saetan encontrou a porta bloqueada por um braço forte e musculoso.

— Não a ajudaria nessa bobagem, não é? — perguntou Lucivar.

Saetan encostou-se no vão da porta e balançou a cabeça.

— Se a mulher certa surgir na sua vida, você não a deixará partir. Eu seria o último a aconselhar que se comprometesse. Case com alguém que possa amar e aceitar como é, Lucivar. Case com alguém que o ame e o aceite. Não se contente com menos do que isso.

Lucivar baixou o braço.

— Acha que o homem certo surgirá na vida da Gata?

— Ele virá. Se as Trevas forem bondosas, ele virá.

...

3 / O Reino Distorcido

Ele ficou na beira do local de repouso durante bastante tempo, estudando os detalhes, absorvendo a mensagem e o aviso. Ao contrário dos demais locais de repouso que ela preparara, este o perturbava.

Era um altar, um bloco de pedra preta sobre dois outros. Ao centro, um cálice de cristal outrora estilhaçado. Mesmo de onde estava, seus olhos conseguiam seguir cada linha de fratura, ver os locais onde os pedaços tinham sido cuidadosamente encaixados de volta. Havia lascas pontiagudas em volta da borda, onde faltavam pequenos fragmentos, lascas que poderiam infligir cortes graves numa pessoa. Dentro do cálice, relâmpagos e névoa negra executavam uma dança lenta e rodopiante. Na base do cálice havia um anel de ouro com um rubi facetado. Um anel masculino.

Um anel de Consorte.

Por fim, aproximou-se.

Se estivesse lendo a mensagem corretamente, Jaenelle se recuperara mas carregava cicatrizes na alma e não estava em sua plenitude. Ao reclamar o anel de Consorte, ele teria o privilégio de saborear o conteúdo do cálice, embora as arestas cortantes pudessem ferir qualquer homem que tentasse.

Porém, um homem cuidadoso...

Sim, decidiu, observando as arestas vivas, um homem cuidadoso, que soubesse da existência dessas arestas e que estivesse disposto a arriscar, poderia beber desse cálice.

Animado, voltou à trilha e continuou subindo.

Saetan caiu da cama depressa, buscando descobrir o motivo dos rugidos de Lucivar àquela hora da manhã.

Uma parte da sua mente insistia para que não irrompesse para fora do quarto nu em pelo, por isso agarrou as calças que largara na cadeira, ao final da festa de aniversário de Jaenelle, mas não parou para vesti-las. Deslocou o braço ao tentar abrir a porta, que estava inchada devido à chuva da noite anterior. Vociferando, segurou a maçaneta e, com auxílio da Arte, arrancou a porta das dobradiças.

Nesse momento, a entrada já estava apinhada de corpos mais ou menos vestidos. Saetan tentou abrir caminho, empurrando Karla, e levou uma cotovelada na barriga.

— Em nome do Inferno, o que é isto? — berrou.

Ninguém se deu o trabalho de responder, pois, nesse momento, Lucivar saiu do quarto de Jaenelle, gritando:

— GATA!

Aparentemente, Lucivar não sentia qualquer inibição por estar completamente nu diante de um grupo de jovens homens e mulheres. É claro que um homem com aquele tipo de compleição não tinha qualquer razão para se sentir inibido.

E ninguém em perfeito juízo provocaria um homem que vibrava com uma fúria tão intensa.

— Onde estão Ladvarian e Kaelas? — perguntou Lucivar.

— Ou melhor — disse Saetan, vestindo as calças depressa —, onde está Jaenelle? — Olhou sem rodeios para o Anel de Honra no órgão de Lucivar. — Consegue senti-la através dele, não?

Lucivar estremeceu com o esforço para se controlar.

— Consigo senti-la, mas não consigo *encontrá-la*. — Esmurrou uma pequena mesa, partindo-a em duas. — Maldita, vai levar uma surra por causa disso!

— Quem é você para se atrever a dizer uma coisa dessas? — rosnou Chaosti, abrindo caminho até a frente do grupo, a Joia Cinza brilhando com o poder crescente.

Lucivar cerrou os dentes.

— Sou o Príncipe dos Senhores da Guerra que a serve, o guerreiro que jurou protegê-la. *Mas não poderei protegê-la se não souber por onde anda.* O sangramento da lua começou ontem à noite. Preciso lembrá-lo de como uma feiticeira fica vulnerável nesses dias? Ela está perturbada, consigo sentir, e a única proteção de que dispõe são dois machos mal treinados, *já que não me disse aonde ia.*

— Chega — disse Saetan, ríspido. — Controlem a fúria. AGORA! — Enquanto aguardava, invocou os sapatos e calçou-os. Depois, paralisou Chaosti e Lucivar com um olhar.

Assim que todos ficaram imóveis, afastou-se do grupo e apoiou as costas

numa parede. Respirou fundo algumas vezes, para se acalmar, fechou os olhos e desceu até a Negra.

Embora fosse verdade que as feiticeiras não conseguiam canalizar as forças das Joias sem sofrimento durante o período da lua, isso não impediria Jaenelle.

Fazendo de si próprio o ponto central, impulsionou a força da Negra para fora: com cautela, descrevendo círculos cada vez maiores, procurando senti-la, pelo menos para ter uma ideia do local onde estava. Os círculos alargaram-se cada vez mais, para além do povoado de Maghre, para além da ilha de Scelt, até...

Kaetien!

Foi invadido pelo medo e pelo horror, que se entrelaçavam na ira que se transformava em raiva absoluta.

Raiva Negra. Raiva em espiral. Raiva fria.

Começou a recuar para fugir da tempestade psíquica que estava a ponto de explodir sobre Sceval. Fortaleceu as barreiras interiores, sabendo que não seria de grande utilidade. A raiva de Jaenelle iria inundá-lo sob as barreiras, onde não havia proteção possível. Esperava ter tempo suficiente para avisar os outros.

KAETIEN!

Quando Jaenelle libertou a força das Joias Negras, seu grito angustiado invadiu a cabeça de Saetan, paralisando-o. Uma torrente de poder negro o atingiu como uma grande onda, enquanto um escudo psíquico se abatia sobre Sceval.

Depois, o vazio.

Ele flutuou ligeiramente para além do escudo, assustado, mas estranhamente consolado, como se estivesse seguro dentro de casa durante uma tempestade violenta no exterior.

Devia ter sido apanhado entre usos conflitantes do poder Negro, quando Jaenelle ergueu o escudo para conter a tempestade. Feiticeirinha engenhosa. E todos aqueles relâmpagos psíquicos possuíam uma beleza aterradora. Não se importava de ficar flutuando ali por alguns momentos, mas tinha a irritante sensação de que havia algo que devia fazer.

Senhor Supremo.

Que maldita voz desagradável. Como deveria pensar quando...

Pai.

Pai. Pai. Fogo do Inferno, Lucivar!

Para cima. Precisava subir, sair da Negra. Precisava clarear a cabeça o suficiente para dizer a Lucivar... Mas onde ficava “para cima”?

Sentiu que alguém o segurava e o arrastava para fora do abismo. Proferiu algumas palavras incoerentes e rosnou. Sentiu-se como um cachorro rosnando ao ser levantado pelo cangote.

Quando voltou a si, sentiu algo pressionando-lhe os lábios e sua boca enchendo-se de sangue.

— Engula ou enfio seus dentes goela abaixo.

Ah, sim. Lucivar.

Por fim, conseguiu ver direito. Afastou o pulso de Lucivar da boca.

— Chega. — Tentou se levantar, o que não foi nada fácil, já que Lucivar o segurava de um lado e Chaosti do outro. — Estão todos bem?

Karla curvou-se sobre Saetan.

— Nós estamos bem. Você é que desmaiou.

— Não desmaiei. Fui apanhado... — Debateu-se. — Me larguem, me deixem levantar. Se a tempestade tiver passado, precisamos ir a Sceval.

— É onde a Gata está? — perguntou Lucivar, ajudando Saetan a se levantar.

— Sim. — Recordando-se do grito angustiado de Jaenelle, Saetan sentiu um calafrio. — Eu e você precisamos ir para lá o mais rápido possível.

Karla espetou um dedo afiado no peito nu de Saetan.

— Nós precisamos ir para lá o mais rápido possível.

Antes que conseguisse argumentar, já tinham todos desaparecido para seus quartos.

— Se formos agora, chegaremos antes de todos — sussurrou Lucivar, quando entraram no quarto de Saetan. Invocou as próprias roupas e vestiu-se depressa. — Sente-se forte o suficiente?

Saetan vestiu uma camisa.

— Estou preparado. Vamos.

— Sente-se forte o suficiente?

Saetan passou por Lucivar sem responder. Como um homem poderia responder a essa pergunta sem saber o que o aguardava?

— Mãe Noite — sussurrou Saetan. — Mãe Noite.

Saetan e Lucivar estavam no cume plano de um monte, um dos locais oficiais de desembarque em Sceval, olhando para o terreno levemente ondulado que se estendia abaixo. Extensos campos forneciam bons pastos. Grupos de árvores ofereciam sombra nas tardes de verão. Riachos riscavam a terra de água límpida.

Estivera naquele monte algumas vezes nos últimos cinco anos, olhando lá para baixo, para os unicórnios, enquanto os garanhões vigiavam atentamente as éguas pastando e os potros brincando.

Neste momento, o que via era uma carnificina.

Virando-se para norte, Lucivar balançou a cabeça e praguejou em voz baixa.

— Não se trata de uns desgraçados que vieram à procura de um chifre para exhibir como troféu de caça, foi uma verdadeira guerra.

Saetan piscou para impedir que as lágrimas caíssem. De todos os Sangue, de todas as raças de parentes, os unicórnios sempre foram seus preferidos. Eram as estrelas nas Trevas, os exemplos vivos de poder e de força combinados com docilidade e beleza.

— Quando todos chegarem, vamos nos dividir para procurar

sobreviventes.

Os unicórnios atacaram no momento em que a assembleia e o círculo de machos surgiram no monte.

— Escudo! — gritaram Saetan e Lucivar. Lançaram escudos Negros e Cinza-Ébano em volta de todo o grupo, enquanto os outros machos formavam um círculo protetor em volta da assembleia.

Os oito unicórnios ganhões desviaram antes de se chocar contra os escudos, mas o poder que canalizavam através dos chifres e dos cascos produziu faíscas ao roçar nas barreiras invisíveis.

— Esperem! — gritou Saetan, mas o trovão de sua voz mal era ouvido por conta dos relinchos e as imprecações desafiadoras. — Somos amigos! Viemos ajudá-los!

Não são amigos, retrucou um ganhão mais velho, com o chifre partido.
São humanos!

— Somos amigos — insistiu Saetan.

NÃO SÃO AMIGOS!, gritaram os unicórnios. *SÃO HUMANOS!*

Sceron deu um passo em frente.

— O povo Centauran nunca lutou com nossos Irmãos e Irmãs unicórnios. Não desejamos fazer isso agora.

Vieram matar. Primeiro nos chamam de Irmãos, depois vêm nos matar. Basta. BASTA. Agora, é a nossa vez de matar.

Karla esticou a cabeça por cima do ombro de Saetan.

— Malditos sejam os seus cascos e chifres, somos *Curandeiras*. Deixem-nos cuidar dos feridos!

Os unicórnios hesitaram por um momento, balançaram a cabeça e voltaram a investir contra os escudos.

— Não reconheço nenhum deles — disse Lucivar —, e estão descontrolados demais para nos ouvir.

Saetan observou os ganhões investirem contra os escudos repetidamente. Compartilhava aquela fúria, compreendia perfeitamente o ódio. Porém, não podia virar as costas até se acalmarem o suficiente para ouvir, pois outros morreriam se não fossem tratados em breve.

Além disso, Jaenelle estava entre aqueles corpos, em algum lugar.

Os unicórnios pararam de atacar. Circundaram o grupo, resfolegando e escavando o solo, os chifres para baixo, preparados para outra investida.

— Graças às Trevas — murmurou Khary entre dentes, ao ver um jovem cavalo subindo o monte devagar, apoiando-se na perna dianteira esquerda com cuidado.

Aliviadas, as garotas começaram a murmurar sobre equipes de tratamento.

Observando enquanto o jovem cavalo se aproximava, Saetan desejou poder partilhar aquela confiança. Contudo, de toda a descendência de Kaetien, Mistral sempre fora o mais desconfiado em relação aos humanos, e o mais perigoso. Características necessárias a um jovem macho que todos esperavam que se tornasse o próximo Príncipe dos Senhores da Guerra de Sceval, mas

extremamente perturbadoras para o homem na extremidade oposta daquela desconfiança.

— Mistral. — Saetan avançou, erguendo as mãos vazias. — Você nos conhece desde que era um potro. Permita-nos ajudar.

Eu os conheço, disse Mistral, com relutância.

Isso não parece nada bom..., disse Lucivar através de um fio masculino Cinza-Ébano.

Se as coisas derem errado, tire todo mundo daqui, respondeu Saetan. *Eu aguento o escudo.*

Precisamos encontrar a Gata.

Tire-os daqui, Yaslana.

Sim, Senhor Supremo.

Saetan avançou mais um passo.

— Mistral, juro pelas Joias que uso e pelo meu amor à Senhora que nossas intenções são as melhores.

O que quer que Mistral estivesse pensando sobre um macho humano com pretensões à Senhora se perdeu quando a voz de tenor suave de Ladvarian invadiu suas mentes.

Senhor Supremo? Senhor Supremo! Temos alguns pequenos protegidos num escudo, mas eles estão assustados e não nos ouvem. Não param de investir contra o escudo. Jaenelle está chorando e também não quer ouvir. Senhor Supremo?

Saetan prendeu a respiração. O que pesaria mais — a lealdade de Mistral à sua espécie ou seu amor e fé em Jaenelle?

Mistral olhou para norte. Passado um longo momento, resfolegou.

O Irmãozinho acredita em você. Confiaremos. Por ora.

Desejando ardentemente se sentar, mas sem se atrever a demonstrar qualquer sinal de fraqueza, Saetan baixou o escudo Negro com cuidado.

Passados alguns instantes, Lucivar baixou o Cinza-Ébano.

Dividiram-se em grupos. Khary e Morghann foram ajudar Ladvarian e Kaelas com os potros. Lucivar e Karla foram para norte, Karla como Curandeira principal, Lucivar como Curandeiro de apoio. O restante da equipe ficou incumbida de procurar os feridos e providenciar auxílio. Saetan, Gabrielle e sua equipe dirigiram-se para sul.

Era doloroso olhar para os corpos mutilados das éguas. Ainda mais doloroso, era ver um jovem potro que jazia morto sobre a mãe, com as patas dianteiras decepadas. Conseguiria salvar alguns. Por muitos outros, tudo o que podia fazer era retirar a dor para aliviar a viagem de volta às Trevas.

Passou horas procurando potros escondidos sob as mães. Encontrou jovens de até um ano escondidos em depressões do terreno pouco profundas, lugares que continham um poder que ele nunca sentira antes. Não invadiu esses locais. Os jovens unicórnios o observavam com olhos apavorados enquanto ele circundava os potros à procura de feridas. Percebeu aos poucos, ao pisar cadáveres humanos despedaçados, que os unicórnios que haviam conseguido

alcançar esses locais tinham, na pior das hipóteses, pequenos cortes ou arranhões.

Continuou trabalhando, ignorando a dor de cabeça provocada pelo sol, ignorando os músculos doloridos e o cansaço crescente.

Suas emoções ficaram entorpecidas, em defesa contra a carnificina.

Porém, não estavam entorpecidas o suficiente quando encontrou Jaenelle e Kaetien.

— Aqui, minha bela Senhora — disse Lucivar, passando a mão pelo pescoço da égua. — Ficaré dolorido por uns dias, mas vai curar bem.

O potro da égua resfolegou e bateu com as patas no chão até Lucivar lhe dar alguns pedaços de cenoura e um torrão de açúcar.

Quando a égua e o potro partiram, Lucivar bebeu água e comeu metade de um sanduíche de queijo enquanto aguardava que o unicórnio seguinte reunisse coragem para ser tocado por um humano.

Que as Trevas abençoassem o coração de Khary, um amante dos equídeos. Depois de uma rápida passada de olhos pela carnificina, Khary e Aaron tinham voltado a Maghre. Regressaram com Narciso e Bailarino do Sol puxando carroças carregadas de suprimentos medicinais, comida para os humanos, mudas de roupa, cobertores e os “subornos” de Khary — cenouras e torrões de açúcar.

Ao perceber a colaboração confiante entre Narciso, Bailarino do Sol e os humanos, o receio dos unicórnios arrefeceu. As palavras “Sirvo a Senhora” desencadearam uma resposta ainda mais vigorosa. Pela força daquelas palavras, a maioria dos unicórnios permitira que Lucivar os tocasse para tratar o que pudesse.

Enquanto comia o último pedaço do sanduíche, ele observou um potro de um ano aproximando-se devagar, com a pele retesada e as moscas zumbindo em volta da ferida no ombro, protegida por um escudo cada vez mais fraco.

Lucivar abriu os braços, revelando as mãos vazias.

— Sirvo...

O pequeno potro fugiu quando o grito de guerra de Sceron estilhaçou a tregua intranquila e Kaelas rugiu, desafiador.

Invocando a espada de guerra eyriena, Lucivar lançou-se em direção ao céu.

Ao dirigir-se a toda velocidade para o homem que corria do local de desembarque, assinalou com frieza todas as pequenas cenas que se desenrolavam lá embaixo: Morghann, Kalush e Ladvarian conduzindo os potros para as árvores; Kaelas derrubando e destruindo um homem; Astar girando nos quartos traseiros, colocando uma flecha no arco centaurano; Morton protegendo Karla e o unicórnio que estava tratando; Khary, Aaron e Sceron protegendo-se uns aos outros enquanto libertavam o poder de suas Joias em pequenas e controladas explosões que dilaceravam os humanos

invasores.

Concentrando-se na presa escolhida, Lucivar libertou uma torrente de poder Cinza-Ébano no momento em que o homem chegava ao sopé do monte.

O homem caiu, com as duas pernas habilmente quebradas e a Joia Amarela exaurida.

Lucivar pousou no exato momento em que o velho cavalo ancião com chifre partido investia sobre o homem caído.

Espere!, gritou, enquanto lançava um escudo Vermelho sobre o homem.

O cavalo gritou de raiva e virou-se para enfrentar Lucivar.

Espere, repetiu Lucivar. *Primeiro quero respostas. Depois, pode destruí-lo.*

O cavalo resfolegou, mas parou de raspar o chão.

Com um olhar atento no cavalo, Lucivar retirou o escudo. Pousando um pé no ombro do homem, o fez girar e ficar deitado de costas.

— Este é um Território restrito — disse rudemente. — O que o traz aqui?

— Não sou obrigado a dar respostas a gente da sua laia.

Palavras corajosas vindas de um homem com as duas pernas quebradas. Estúpidas, mas corajosas.

Com a espada de guerra eyriena, Lucivar indicou o joelho direito do homem e olhou para o cavalo.

— Uma vez. Neste lugar.

O cavalo empinou o corpo e obedeceu.

— Vamos tentar outra vez? — perguntou Lucivar com toda a calma assim que o homem parou de gritar. — O outro joelho ou passamos às mãos? A escolha é sua.

— Você não tem o direito de fazer isto. Quando isto for reportado...

Lucivar riu.

— Reportado a quem? E com que propósito? Você é um invasor guerreando contra os legítimos habitantes desta ilha. Quem se importará com o que puder lhe acontecer?

— O Conselho das Trevas. — Gotas de suor cobriam a testa do homem ao ver Lucivar manuseando a espada de guerra. — Você não tem qualquer direito sobre esta terra.

— Nem vocês — disse Lucivar com frieza.

— Nós temos direito, seu filho da puta com asas de morcego. Esta ilha foi atribuída à minha Rainha, e a outras cinco, para que seja seu novo território. Viemos aqui primeiro para estabelecer as fronteiras e resolver os problemas que pudessem existir.

— Como a raça que dominou esta terra durante milhares de anos? Sim, compreendo que isso pudesse representar um problema.

— Ninguém domina este lugar. Esta é uma terra a ser reclamada.

— Este é o Território dos unicórnios — disse Lucivar, furioso.

— Está doendo — choramingou o homem. — Preciso de uma Curandeira.

— Estão todas ocupadas. Voltemos ao que interessa. O Conselho das

Trevas não tem legitimidade para distribuir terras ou para tirá-las de uma raça que já detém os direitos sobre ela.

— Mostre-me a concessão de terras assinada. Minha Rainha tem uma, devidamente assinada e ratificada.

Lucivar cerrou os dentes.

— São os unicórnios que dominam estas terras.

O homem olhou para os lados.

— Os animais não têm qualquer direito à terra. Só as pretensões dos humanos são consideradas legítimas. Tudo o que aqui viver, viverá sob o consentimento tácito das Rainhas.

— São parentes — disse Lucivar, com a voz rouca devido a sensações que não queria identificar. — São Sangue.

— Animais. Não passam de animais. É só se livrar dos perigosos, os demais poderão ser úteis. — O homem choramingou. — Está doendo. Preciso de uma Curandeira.

Lucivar deu um passo para trás. Depois outro. Oh, claro. As Rainhas de Terreille, aquelas vagabundas, adorariam cavalgar sobre unicórnios. Não se importariam nem um pouco de quebrar os espíritos dos animais se fosse preciso. Não se importariam de maneira alguma.

Três gloriosos anos vivendo em Kaeleer não eram capazes de purificar os 1.700 anos que vivera em Terreille. Tentara ao máximo esquecer o passado, mas havia noites em que acordava tremendo. Consequia controlar a mente na maioria das vezes, mas o corpo ainda recordava muito bem a sensação de usar um Anel de Obediência e quais os seus efeitos.

Engolindo em seco, Lucivar passou a língua pelos lábios secos e olhou para o velho cavalo.

— Comece pelos braços e pelas pernas. Assim, levará mais tempo até morrer.

Fazendo desaparecer a espada de guerra, virou-se e afastou-se, ignorando o som de cascos partindo ossos, ignorando os gritos.

Saetan tropeçou num braço decepado e admitiu, por fim, que precisava parar. O tonificante de sangue feito por Jaenelle lhe permitia tolerar e fruir um pouco da luz do sol, mas nem por isso podia deixar de descansar durante as horas em que o sol estava mais forte. À medida que a manhã dava lugar à tarde, trabalhara à sombra tanto quanto possível, mas isso não bastava para impedir o esgotamento que a luz forte do sol provocava no corpo de um Guardiã, e ele tampouco suportava realizar tantas curas durante tantas horas seguidas.

Precisava parar.

Mas não podia até encontrar Jaenelle.

Tentou tudo de que se lembrou para localizá-la. Nada havia funcionado. Tudo o que Ladvarian conseguia lhe transmitir era que estava ali e chorando, mas nem Ladvarian nem Kaelas conseguiam lhe dar a menor indicação sobre

o local onde procurar. Quando conseguiu que Mistral entendesse sua preocupação, o cavalo disse:

— A tristeza da Senhora impedirá que a encontremos.

Saetan esfregou os olhos, esperando que seu cérebro desorientado pelo cansaço continuasse a funcionar, pelo menos até que conseguisse chegar ao acampamento que Chaosti e Elan tinham erguido. Estava cansado demais, esgotado demais. Começava a delirar, a ver coisas.

Como por exemplo a Rainha unicórnio à sua frente, que parecia feita de raios de luar e névoa, com olhos sombrios tão antigos quanto a terra.

Demorou um minuto até perceber que conseguia ver através dela.

— Você está...

Morta, concluiu a voz feminina, como uma carícia. *Morta há muito, muito tempo. E jamais morta. Venha, Senhor Supremo. Minha Irmã precisa de seu progenitor.*

Saetan seguiu-a até um círculo de pedras baixas dispostas em intervalos regulares. No centro, um grande chifre de pedra erguia-se do solo. Um poder ancestral e profundo envolvia o círculo.

— Não posso entrar neste local — disse Saetan. — É um local sagrado.

Um lugar venerado, respondeu. *Eles estão perto. Ela lamenta pelo que não foi capaz de salvar. Você precisa fazê-la ver o que salvou.*

A égua caminhou para dentro do círculo. Ao se aproximar do grande chifre de pedra, desvaneceu até desaparecer, embora Saetan tenha tido a sensação de que aqueles olhos sombrios, antigos como a terra, ainda o observavam.

O ar tremeluziu à sua direita. Um véu que ele não sabia estar presente desapareceu. Caminhou até o local. E os encontrou.

Os desgraçados tinham destrinchado Kaetien. Deceparam-lhe as pernas, a cauda, os órgãos sexuais. Removeram suas entranhas.

Arrancaram-lhe o chifre.

Deceparam-lhe a cabeça.

Contudo, os olhos sombrios de Kaetien revelavam ainda uma inteligência impetuosa.

O estômago de Saetan se embrulhou.

Kaetien tornara-se demônio-morto naquele corpo mutilado.

Jaenelle estava sentada junto ao cavalo, inclinada sobre o ventre aberto. Dos seus olhos arregalados escorriam lágrimas. As mãos, com os nós dos dedos embranquecidos, envolviam o chifre de Kaetien.

Saetan caiu de joelhos ao lado de Jaenelle.

— Criança-feiticeira? — sussurrou.

O reconhecimento chegou devagar.

— Papai? P-papai? — Atirou-se para os braços de Saetan. As lágrimas silenciosas transformaram-se num choro histérico. O chifre de Kaetien arranhava as costas de Saetan enquanto Jaenelle se agarrava a ele.

— Oh, criança-feiticeira. — Enquanto ele e os outros procuravam sobreviventes, ela ficara ali sentada, o dia todo, aprisionada na própria dor.

— Que as Trevas sejam misericordiosas — disse uma voz atrás de Saetan.

Saetan olhou por cima do ombro, sentindo cada músculo ao virar a cabeça. Lucivar. Força viva que poderia fazer o que ele não conseguia.

Lucivar olhou para a cabeça de Kaetien e estremeceu.

Saetan ouvia as conversas aceleradas que estavam acontecendo em fios masculinos, mas estava cansado demais para extrair sentido delas.

Lucivar pousou um joelho no chão, pegou uma madeixa do cabelo embaraçado e ensanguentado de Jaenelle e, com toda a delicadeza, afastou sua cabeça do ombro de Saetan.

— Vamos lá, Gata. Você vai se sentir melhor depois de beber um gole disto.

— Colocou uma grande garrafa de prata junto à boca da garota.

Ela se engasgou e cuspiu quando o líquido desceu pela garganta.

— Desta vez, engula — disse Lucivar. — Esta substância faz menos mal ao estômago do que aos pulmões.

— Esta substância vai derreter meus dentes — arquejou Jaenelle.

— O que deu a ela? — perguntou Saetan quando Jaenelle desfaleceu, de repente, nos seus braços.

— Uma dose generosa da infusão caseira de Khary. Ei!

Saetan viu-se apoiado no peito de Lucivar. Concentrou-se na própria respiração durante um minuto.

— Lucivar. Você perguntou se tinha forças suficientes para isto. Não tenho.

Uma mão forte e calorosa afagou sua cabeça.

— Agente firme. Bailarino do Sol está chegando. Vamos levá-lo para o acampamento. As garotas tomarão conta da Gata. Só mais alguns minutos e poderá descansar.

Descansar. Sim, precisava descansar. A dor de cabeça que ameaçava despedaçar seu crânio aumentava de intensidade a cada fôlego.

Alguém lhe tirou Jaenelle dos braços. Alguém o amparou até o local onde Bailarino do Sol aguardava. Mãos fortes o mantiveram na garupa do cavalo.

Quando se deu conta, estava sentado no acampamento, envolvido em cobertores, e Karla estava ajoelhada a seu lado, incentivando-o a beber a infusão de feiticeira que havia preparado para ele.

Depois de beber uma segunda xícara, concordou em ser empurrado e acomodado num saco de dormir. Rosnou ligeiramente por estar sendo tão incomodado, até que Karla lhe perguntou com rispidez como esperava que convencessem Jaenelle a descansar se ele estava dando um exemplo tão ruim.

Sem saber como responder, rendeu-se à dor de cabeça, abrandada pela infusão, e adormeceu.

Lucivar bebia devagar seu café com uísque enquanto Gabrielle e Morghann acomodavam Jaenelle num saco de dormir. Deteve-se, ignorando os pedidos para que se deitasse e descansasse. Seus olhos perderam o aspecto entorpecido e aturdido quando centrou a atenção em Mistral, que rondava o limite do

acampamento, ainda mancando por conta da perna dianteira esquerda ferida.

Lucivar sentiu-se grato por aquele fogo gélido e perigoso não ser dirigido a ele.

— E essa perna não foi tratada por quê? — perguntou Jaenelle com a voz de meia-noite, olhando fixamente para o jovem cavalo.

Mistral resfolegou e ficou agitado. Naturalmente, não queria admitir que não permitira ser tocado por ninguém.

Lucivar não o censurava.

— Sabe como são os machos — disse Gabrielle, tranquilizadora. — “Eu estou, estou bem, trate os outros primeiro.” Íamos cuidar dele quando você e tio Saetan chegaram.

— Estou vendo — disse Jaenelle com delicadeza, mas seu olhar continuava petrificando Mistral. — Pensei que estivesse insultando minhas Irmãs, recusando-se a ser tratado por elas, só porque são humanas.

— Que absurdo — disse Morghann. — Agora vamos lá, dê o bom exemplo.

Assim que a acomodaram, cercaram Mistral.

Tudo correria bem, pensou Lucivar apaticamente. Tinha de ser assim. Os unicórnios, assim como os outros parentes, não perderiam toda a confiança nos humanos e não se esconderiam de novo atrás das máscaras de poder que os manteriam afastados do resto de Kaeleer. A Gata se encarregaria disso. Assim como Saetan.

Fogo do Inferno, até hoje não tinha pensado muito sobre a diferença entre um Guardião e os vivos. No Paço, essas diferenças pareciam muito sutis.

Não percebera até que ponto o sol forte podia causar tamanho sofrimento, não se dera conta de há quantos anos o Senhor Supremo caminhava nos Reinos. *Sabia* a idade de Saetan, mas hoje fora a primeira vez que, aos seus olhos, seu pai lhe parecera *velho*.

É claro que os outros homens também estavam bastante abatidos física e emocionalmente, por isso não serviam como termo de comparação.

Khary estava agachado a seu lado e despejava um pouco da infusão caseira no café, no qual já havia outras substâncias.

— Há alguma coisa perturbando nossos Irmãos quadrúpedes — disse em voz baixa. — Alguma coisa além disto. — Acenou com a mão na direção dos cadáveres brancos que jaziam à vista.

Os unicórnios não se importavam com o destino dado aos cadáveres humanos — embora recusassem que os intrusos permanecessem na sua terra —, mas insistiram para que não movessem os unicórnios mortos. A Senhora os cantaria para a terra, disseram.

O que quer que isso significasse.

Contudo, à medida que as éguas e os potros foram sendo trazidos para este lado do monte com a teia de desembarque, os garanhões sobreviventes iam ficando cada vez mais perturbados.

— Talvez Ladvarian saiba alguma coisa — disse Lucivar, bebendo o café em pequenos goles. Enviou um chamado tranquilo. Alguns minutos depois, o

sceita entrava penosamente no acampamento.

A Sombra da Lua desapareceu, disse Ladvarian quando Lucivar lhe perguntou. *A Nuvem de Estrelas estava ficando velha. A Sombra da Lua seria a nova Rainha. Ela usa uma Joia Opala. Uma das éguas contou que viu humanos lançando cordas e redes para prender Sombra da Lua, mas não viu para onde foram.*

Lucivar fechou os olhos. Pelo que observara, todos os machos dos Sangue que tinham invadido Sceval usavam Joias mais claras, mas um bando deles com redes e cordas enfeitiçadas poderia controlar uma Rainha de Joia Opala. Estariam as redes enfeitiçadas impedindo-a de contactar os outros ou teria sido levada da ilha?

— Voltarei antes do anoitecer — disse Lucivar, entregando a xícara a Khary.

— Tenha cuidado — avisou Khary, sereno. — Por via das dúvidas.

Lucivar voou para norte. Enquanto voava, enviava continuamente uma mensagem: Servia à Senhora. A Senhora estava num acampamento junto ao monte de desembarque. Havia Curandeiras com a Senhora.

Vislumbrou alguns grupos de unicórnios que corriam para as árvores o mais rápido que podiam assim que o detectavam.

Viu muitos corpos brancos imóveis.

Viu ainda mais cadáveres humanos vítimas de explosões e agradeceu às Trevas por Jaenelle ter mantido sua fúria circunscrita a esta ilha.

E ficou curioso quanto aos bolsões de energia que ia sentindo ao sobrevoar bosques e clareiras. Alguns eram fracos; outros, muito mais poderosos. Estava se afastando de um bolsão particularmente poderoso vindo das árvores à esquerda quando algo se apoderou dele. Algo cheio de cólera e desespero.

Usando a Vermelha de Direito por Progenitura, quebrou o contato, não sem algum esforço.

Você serve à Senhora, disse uma voz masculina, rouca.

Lucivar ficou pairando, respirando com dificuldade.

Sirvo à Senhora, afirmou com cautela. *Precisa de ajuda?*

Ela precisa de ajuda.

Pousando, deixou que a energia o guiasse através das árvores até chegar à sua origem. Numa cova, encontrou uma égua emaranhada em redes e cordas, ofegante e transpirando.

— Ah, minha querida — disse Lucivar com ternura.

Embora a maior parte dos unicórnios apresentasse diferentes tons de branco, havia alguns cinzentos com manchas. Esta égua tinha um tom cinza-claro com crina e cauda brancas. Em volta do seu chifre havia um anel de prata do qual pendia uma Joia Opala.

Não era apenas Rainha, mas também Viúva Negra. A única combinação ainda mais rara era Rainha/Viúva Negra/Curandeira. Jamais ouvira falar de uma feiticeira com estas características durante o tempo em que vivera em Terreille. Em Kaeleer, havia apenas três — Karla, Gabrielle e Jaenelle.

Mantendo a calma, Lucivar abriu lentamente as asas negras e

membranosas. Durante toda a vida ouvira muitos comentários aviltantes sobre os “morcegos humanos” e reconhecia a vantagem que as asas poderiam lhe possibilitar agora. As asas, assim como os cascos e o pelo, costumavam fazer parte do domínio dos parentes.

— Lady Sombra da Lua — disse, mantendo a voz baixa e tranquila —, sou o Príncipe Lucivar Yaslana. Sirvo à Senhora. Gostaria de ajudá-la.

Ela não respondeu, embora o pânico em seus olhos diminuísse aos poucos.

Caminhou na direção da égua, cerrando os dentes quando o poder masculino que a rodeava se intensificou e depois esmoreceu.

— Calma, querida — disse, agachando-se junto a ela. — Calma.

O pânico voltou a crescer quando Lucivar tocou seu lombo.

Lucivar praguejava baixinho enquanto cortava as redes e as cordas. Havia tentado quebrá-la, estilhar sua teia interior. A única diferença entre o que os desgraçados de Terreille haviam tendado fazer com ela e o que costumavam fazer com feiticeiras humanas era a violação física. Talvez por isso não tivessem tido sucesso antes de Jaenelle libertar a Negra. Não haviam tido a oportunidade de usar sua melhor arma.

— Pronto — disse Lucivar, atirando longe a última corda. — Vamos lá, querida. De pé. Com calma.

Passo a passo, conseguiu persuadi-la a sair das árvores para a clareira. Seu medo aumentava a cada passo, pois afastava-se daquela cova repleta de poder. Precisava levá-la para o acampamento antes que o medo concluísse o que aqueles filhos da puta tinham iniciado. Havia uma linha radial do Vento Rosa ali perto e Lucivar sabia que conseguiria guiá-la e escudá-la durante a curta viagem, mas como conseguiria convencê-la a confiar nele?

— Mistral vai ficar muito contente em vê-la — disse, descontraído.

Mistral? Ela virou a cabeça de repente. Lucivar conseguiu se desviar do chifre a tempo. *Ele está bem?*

— Está no acampamento com a Senhora. Se pegarmos o Vento Rosa, chegaremos lá antes do anoitecer.

A dor e o pesar invadiram seus pensamentos.

Os que se foram precisam ser cantados para a terra ao crepúsculo.

Lucivar reprimiu um calafrio. De repente, desejava com ardor estar de volta ao acampamento.

— Vamos, Senhora?

Todos haviam regressado ao acampamento, cansados e com uma dor profunda no coração.

Todos, exceto Lucivar.

Enquanto bebia a infusão fortificante que Karla havia lhe preparado, Saetan tentava não ficar preocupado. Lucivar sabia cuidar de si; era um guerreiro forte, com excelente condicionamento físico e muito bem treinado; conhecia seus limites, ainda mais depois de ter dado tanto de si ao longo do dia; não

faria nenhuma bobagem como enfrentar sozinho um grupo de machos dos Sangue com Joias só por estar irritado com as mortes dos parentes.

E amanhã o sol se levantaria a leste.

— Lucivar está bem — disse Jaenelle, tranquila, enquanto se sentava ao lado de Saetan num dos troncos que os rapazes haviam arrastado até a fogueira para servir de assentos. Aconchegando à sua volta o cobertor aquecido por meio de um feitiço, deu um sorriso sombrio. — *Em teoria*, o Anel me permite sentir *seus* picos de fúria. Eu não tinha percebido que havia feito besteira em algum momento enquanto o estava criando até que Karla, Morghann, Grezande e Gabrielle resmungaram comigo porque eu estava abrindo um precedente perigoso, uma vez que todos os rapazes querem um Anel que funcione desse jeito. — Sua voz se transformou num ligeiro resmungo. — Sempre pensei que fosse apenas uma intuição extraordinária quando Lucivar aparecia, em todas as ocasiões em que eu me sentia mal-humorada. Com certeza *ele* nunca deu qualquer indicação de que fosse mais do que isso.

— Ele não é idiota, criança-feiticeira — respondeu Saetan, dando um gole na infusão para ocultar o sorriso.

— Há controvérsias. Mas por que ele precisava dizer aos outros?

Saetan compreendia o motivo da irritação das Rainhas. A base de qualquer corte oficial era formada por doze machos e uma Rainha. Pelo Anel de Honra a Rainha podia vigiar todas as variações na vida de um macho. Porém, por respeito à privacidade dos machos que as serviam e porque nenhuma mulher, no seu perfeito juízo, desejaria estar a par das correntes emocionais de tantos homens, em geral ajustavam a supervisão exercida de maneira a bloquear tudo, exceto sensações como o medo, a raiva e a dor — que revelavam que o portador do Anel precisava de ajuda.

Cada homem, porém, só precisava monitorar uma única Rainha.

Saetan teria de falar com Lucivar sobre os limites autoimpostos em relação àquele tipo de supervisão. Estava interessado em saber até onde iam os limites do seu filho.

— E por falar no chato que não é um idiota — disse Jaenelle, indicando duas silhuetas que se aproximavam do acampamento.

Mistral irrompeu selvagememente.

Sombra da Lua! Sombra da Lua!

Partiu a galope. Pelo menos, tentou.

Assim que Mistral começou a avançar, Gabrielle saltou do tronco onde estava sentada, estendeu o braço, fechou a mão como se tivesse pegado alguma coisa e deu um puxão para cima.

Mistral ficou suspenso no ar, com as pernas em grande agitação.

O braço de Gabrielle tremia com o esforço de sustentar aquele peso suspenso no ar, mesmo usando a Arte. Observando a garota, Saetan decidiu que teria de ter uma conversa com Chaosti assim que possível. Uma feiticeira capaz de fazer uma coisa daquelas depois de um exaustivo dia de curas era uma Senhora que precisava ser tratada com muito cuidado.

— Se tentar galopar nessa perna, ponho você para dormir — disse Gabrielle.

É Sombra da Lua!

— Nem que fosse a Rainha dos unicórnios ou a sua parceira — retrucou Gabrielle. — Não galope com a perna desse jeito!

— Por acaso — disse Jaenelle com um sorriso sarcástico —, ela é as duas coisas.

— Ora, ora, fogo do Inferno. — Gabrielle pousou Mistral no chão, mas não o largou.

— Gabrielle — disse Chaosti com o tom de voz insinuante que Saetan classificara como macho-apaziguador-da-fúria-feminina. — É a parceira dele. Ele estava preocupado. Eu não ia gostar de esperar se fosse você. Deixe-o ir.

Gabrielle fulminou-o com o olhar.

— Ele vai devagar — disse Chaosti. — Não vai, Mistral?

Mistral não estava em posição de recusar aliados, ainda que só possuíssem duas pernas.

Vou devagar.

Contra a vontade, Gabrielle o soltou.

Mistral arrastou-se em direção a Sombra da Lua, com a cabeça baixa como um rapazinho recém-repreendido ainda não muito longe dos olhos vigilantes do repreensor.

— Olha o que você fez — disse Khary. — O chifre dele murchou.

— Aposto que o seu chifre também murcha quando é repreendido — disse Karla com um sorriso maldoso.

Antes que Khary conseguisse responder, Jaenelle pousou a xícara e disse baixinho:

— Chegou a hora.

O sentimento de consternação foi geral quando Jaenelle caminhou até as árvores.

— Você sabe o que vai acontecer? — perguntou Lucivar a Saetan quando chegou ao acampamento e se sentou ao lado do pai.

Saetan balançou a cabeça. Como todos no acampamento, não conseguia tirar os olhos da égua.

— Mãe Noite, ela é linda.

— E também é Rainha Viúva Negra — disse Lucivar friamente, observando Mistral acompanhar sua Senhora. — Bem, se alguém vai ter que levar um coice por se intrometer, antes ele do que eu.

Saetan riu.

— A propósito, sua irmã tem um assunto que quer debater com você. — Sem obter qualquer resposta, olhou para o filho. — Lucivar?

Lucivar estava boquiaberto, os olhos fixos nas árvores à esquerda de Saetan — as árvores para onde Jaenelle havia se dirigido alguns minutos antes.

Ele se virou... e perdeu o fôlego.

Jaenelle usava um vestido comprido e esvoaçante de seda de aranha preta.

Fios de teias corriam das mangas justas. A partir do decote, o vestido transformava-se numa teia aberta. Lascas de Joias Negras reluziam com fogo obscuro no final de cada filamento. Anéis com Joias Negras adornavam ambas as mãos. Em volta do pescoço, uma Joia Negra ao centro de uma teia feita de finos fios de ouro e prata.

Era um vestido cerimonioso feito para Jaenelle, a Feiticeira. Erótico. Romântico. Espantoso. Podia sentir o poder latente em cada fio daquele vestido. Foi nesse momento que percebeu quem o havia criado: os aracnianos. As Tecelãs de Sonhos.

Em silêncio, Jaenelle segurou o chifre de Kaetien e deslizou para campo aberto, a pequena cauda do vestido ondulando atrás de si.

Saetan desejou lembrá-la de que estava passando pelo período da lua e que, por isso, não deveria usar o corpo para canalizar o poder. Porém, recordou-se que, atrás da máscara humana, a Feiticeira tinha um pequeno chifre em espiral no centro da testa, por isso nada disse.

Jaenelle passou vários minutos andando em círculos, observando a terra como se à procura de um ponto específico.

Enfim satisfeita, voltou-se para norte. Erguendo o chifre de Kaetien para o céu, entoou um lamento. Baixou as mãos e, com o chifre, apontou para a terra, cantando outra vez. Depois, ergueu os braços e começou a cantar no Idioma Antigo.

Um cântico de feiticeira.

Saetan sentia-o nos ossos, sentia-o no sangue.

Uma teia fantasmagórica de energia formou-se sob os pés descalços de Jaenelle, alastrando-se com rapidez pela terra. Cada vez mais depressa.

O cântico virou um hino fúnebre cheio de pesar e enaltecimento. Sua voz tornou-se o vento, a água, a grama, as árvores. Circular. Espiralante.

Os corpos imóveis e brancos dos unicórnios mortos começaram a brilhar. Fascinado, Saetan imaginou se, vistos de cima, os corpos incandescentes não pareceriam estrelas que tinham vindo descansar num local sagrado.

Talvez fossem. Talvez tivessem vindo descansar.

O cântico voltou a mudar, tornando-se uma fusão dos dois anteriores. Cessando e principiando. Da terra e para a terra.

Os corpos dos unicórnios fundiram-se na terra.

Os parentes não iam para o Reino das Trevas. Agora sabia por quê. Assim como sabia por que os humanos jamais se estabeleceriam de maneira confortável nos Territórios dos parentes sem o seu consentimento. Assim como sabia o que havia criado aqueles bolsões de energia que evitara com todo cuidado.

Os parentes não deixavam seus Territórios, tornavam-se parte deles. A força que subsistira em cada um deles ficava ligada à terra.

A teia fantasmagórica de energia desvaneceu.

A voz de Jaenelle desvaneceu, bem como o que restava da luz dia.

Ninguém se mexeu. Ninguém disse nada.

Voltando a si, Saetan percebeu que o braço de Lucivar estava em volta de seus ombros.

— Droga — murmurou Lucivar, enxugando as lágrimas.

— O mito vivo — murmurou Saetan. — A realização dos sonhos. — Sentiu um nó na garganta. Fechou os olhos.

Sentiu que Lucivar o deixava e que tentava segurar alguma coisa.

Ao abrir os olhos, viu Lucivar amparando Jaenelle até o acampamento. Seu rosto estava contraído devido ao sofrimento e ao cansaço, mas os olhos azul-safira estavam tranquilos.

A assembleia reuniu-se à sua volta e levou-a para as árvores.

Conversando em voz baixa, os rapazes mexiam o guisado nas panelas, cortavam pão e queijo, reuniam tigelas e pratos para o jantar.

Para além da luz da fogueira, os unicórnios se acomodavam para passar a noite.

Khary e Aaron levaram tigelas de guisado e água para o local onde Ladvarian e Kaelas vigiavam os potros.

Quando as garotas regressaram, Jaenelle vestia calças compridas e um suéter grosso. Reclamou sem forças quando Lucivar a envolveu num cobertor com um feitiço de aquecimento e a sentou no tronco ao lado de Saetan, mas não resmungou em relação à comida que lhe ofereceu.

Conversavam em voz baixa enquanto comiam. Assuntos triviais e provocações amigáveis. Sem referências ao que haviam feito durante o dia ou ao que os aguardava no dia seguinte. Apesar do esforço, tinham coberto apenas uma pequena parte de Sceval e somente Jaenelle sabia quantos unicórnios habitavam o lugar.

Somente Jaenelle sabia quantos haviam sido cantados de volta à terra.

— Saetan? — chamou Jaenelle, com a cabeça encostada no ombro do pai.

Ele beijou sua testa.

— Criança-feiticeira? — Ela levou tanto tempo para responder que Saetan achou que havia caído no sono.

— Quando o Conselho das Trevas voltará a se reunir?

5 / Kaeleer

Lord Magstrom tentou se concentrar na peticionária que estava no círculo, mas a verdade é que suas queixas eram as mesmas das sete peticionárias anteriores, e ele duvidava que as vinte peticionárias que se seguiriam teriam algo diferente a apresentar ao Conselho das Trevas.

Ao tornar-se Terceiro Tribuno, julgara que suas opiniões pudessem ser levadas um pouco mais em conta. Esperava que sua posição ajudasse a debelar as constantes insinuações sussurradas sobre a família SaDiablo.

O fato de nenhuma das Rainhas dos Territórios fora da Pequena Terreille acreditarem na veracidade dessas insinuações deveria dito alguma coisa ao Conselho. O fato de os pareceres do Conselho das Trevas terem sido respeitados e merecido a confiança de todas as raças dos Sangue durante os anos em que o Senhor Supremo e Andulvar Yaslana serviram no Conselho deveria ter-lhes dito ainda mais — sobretudo porque isso já não correspondia mais à verdade.

Lord Jorval era agora Primeiro Tribuno, e a facilidade com que conseguia manipular as opiniões dos outros membros do Conselho era perturbadora.

E agora isto.

— Como posso povoar o território que me foi concedido quando meus homens são massacrados antes de conseguirem sequer montar acampamento? — perguntou a Rainha que apresentava a petição. — O Conselho precisa tomar providências!

— Os lugares selvagens são sempre perigosos, Senhora — respondeu Lord Jorval, tranquilo. — A Senhora foi avisada para tomar precauções adicionais.

— Precauções! — A Rainha estremeceu, indignada. — Você disse que esses animais, esses a quem chamam parentes, possuíam um pouco de magia.

— E é verdade.

— Mas não foi só um pouco de magia que usaram. Foi Arte!

— Não, não. Só as raças humanas são Sangue e só os Sangue são capazes de usar a Arte. — Lord Jorval lançou um olhar consternado para os membros do Conselho sentados de ambos os lados do grande hemicíclo. — Mas é possível, dado nossos parcos conhecimentos sobre esses seres, que não tenhamos plena consciência da extensão da magia que dominam. Talvez a única maneira de nossos Irmãos e Irmãs terreillianos salvaguardarem a terra que lhes foi concedida seja o envio de guerreiros, pelas Rainhas de Kaeleer, para aniquilar essas infestações.

E todas as Rainhas que enviassem guerreiros esperariam uma porcentagem maior dos rendimentos provenientes das terras conquistadas, pensava Magstrom com amargura. Estava prestes a se opor novamente aos outros membros do Conselho — lembrando-lhes que o Conselho das Trevas fora constituído para prevenir guerras, e não fomentá-las — quando uma voz de meia-noite invadiu o hemicíclo do Conselho e o impediu de prosseguir.

— Infestações? — Jaenelle Angelline caminhou a passos largos até o banco do Tribunal e parou imediatamente antes do círculo do peticionário, ladeada pelo Senhor Supremo e por Lucivar Yaslana. — Essas infestações de que fala, Lord Jorval, são parentes. São Sangue. Têm todo o direito de se defender, bem como à terra que lhes pertence, contra forças invasoras.

— Não estamos invadindo — retrucou a Rainha peticionária. — Entramos nos territórios para povoar a terra que não foi reclamada e que nos foi concedida pelo Conselho das Trevas.

— Não são terras por reclamar — disse Jaenelle, ríspida. — São Territórios dos parentes.

— Senhoras. — Lord Jorval teve de elevar o tom de voz para ser ouvido em meio ao burburinho dos membros do Conselho e das peticionárias. — Senhoras! — Quando o Conselho e as peticionárias se acalmaram, Lord Jorval sorriu para Jaenelle. — Lady Angelline, embora seja sempre um prazer revê-la, tenho de lhe pedir que não interrompa uma reunião do Conselho. Se há algum assunto que queira apresentar perante o Conselho, peço que aguarde até que sejam ouvidas todas as peticionárias que solicitaram previamente uma audiência.

— Se todas tiverem as mesmas queixas, posso poupar muito tempo ao Conselho — respondeu Jaenelle com frieza. — Os Territórios dos parentes não são terras por reclamar. Os Sangue as têm governado durante milhares de anos. Os Sangue ainda as governam.

— Embora me custe discordar — disse Lord Jorval, com delicadeza —, não há Sangue nesses “territórios dos parentes”. O Conselho estudou o assunto com a maior dedicação e concluiu que, embora esses animais possam ser considerados “primos mágicos”, o fato é que não são Sangue. Para se pertencer aos Sangue, é preciso ser humano. E este Conselho foi formado para tratar dos assuntos dos Sangue, dos direitos dos Sangue.

— E o que são os centauros? O que são os sátiros? Semi-humanos com metade dos direitos?

Ninguém respondeu.

— Compreendo — disse Jaenelle, com demasiada delicadeza.

Lord Magstrom sentiu a boca seca. Sentiu a língua enrugada. Ninguém mais se lembrava do que tinha acontecido da última vez que Jaenelle Angelline estivera diante do Conselho?

— Assim que os Sangue se estabelecerem nesses Territórios, tomarão conta dos parentes. Qualquer discordância poderá ser trazida ao Conselho pelos representantes humanos desses Territórios.

— Está dizendo que os parentes precisam de um representante humano antes que seus eventuais direitos sejam levados em consideração?

— Precisamente — respondeu Lord Jorval, sorridente.

— Nesse caso, *eu* serei a representante humana dos parentes.

Lord Magstrom teve a sensação de que uma armadilha havia sido acionada. Lord Jorval mantinha o sorriso, ainda parecia afável, mas Magstrom trabalhava com ele há tempo suficiente para reconhecer a crueldade sutil e profunda no homem.

— Infelizmente, isso não é possível — disse Lord Jorval. — As reivindicações desta Senhora podem estar em discussão — acenou com a cabeça para a Rainha peticionária —, mas você não tem nenhum direito a reivindicar coisa alguma. Não governa esses Territórios. Seus direitos não estão sendo infringidos. E uma vez que nem você nem os seus estão sendo afetados por esta questão, não têm nenhuma queixa justa a apresentar. Peço que deixem o hemíciclo do Conselho.

Lord Magstrom estremeceu perante o vazio nos olhos de Jaenelle. Suspirou

de alívio quando a viu sair do hemicíclo do Conselho, seguida pelo Senhor Supremo e pelo Príncipe Yaslana.

— Agora, Senhora — disse Lord Jorval, com um sorriso cansado —, vamos ver o que podemos fazer em relação à sua *legítima* petição.

— Desgraçados — rosnou Lucivar enquanto caminhavam na direção da teia de desembarque.

Saetan passou o braço em volta dos ombros de Jaenelle. Não o preocupava a raiva explícita de Lucivar, e sim o distanciamento silencioso de Jaenelle.

— Não se aborreça com isso, Gata — prosseguiu Lucivar. — Vamos dar um jeito de driblar aqueles canalhas e manter os parentes protegidos.

— Não acho que *exista* uma maneira legítima de driblar o Conselho — disse Saetan, cauteloso.

— Não me diga que nunca quebrou a Lei? Nunca rejeitou uma decisão fazendo uso da força e da fúria?

Saetan cerrou os dentes. Na tentativa de explicar as divergências da família com o Conselho das Trevas, alguém contara a Lucivar por que o Conselho o tinha designado tutor de Jaenelle.

— Não, não foi isso que eu disse.

— Está dizendo que não é justificável lutar pelos parentes uma vez que são animais?

Saetan parou. Jaenelle prosseguiu pelo caminho de pedras, afastando-se um pouco deles.

— Não, também não foi isso que eu disse — respondeu Saetan, esforçando-se para manter o tom de voz baixo. — Precisamos encontrar uma resposta adequada às novas regras do Conselho ou então haverá uma guerra que irá dividir o Reino.

— E por isso sacrificaremos os Sangue que não são humanos, para salvar Kaeleer? — Com um sorriso amargo, Lucivar abriu as asas. — O que eu sou, Senhor Supremo? Segundo os critérios do Conselho sobre quem é e não é humano, o que eu sou?

Saetan recuou um passo. Poderia ser Andulvar ali. Andulvar é que *havia estado* ali todos esses anos. *Quando a honra e a Lei já não estão do mesmo lado, como escolher, SaDiablo?*

Saetan esfregou o rosto com as mãos. *Ah, Hekatah, você tece habilmente os seus planos. Assim como antes.*

— Encontraremos uma maneira legítima de proteger os parentes e suas terras.

— Você disse que não havia uma maneira legítima.

— Existe — disse Jaenelle suavemente, juntando-se aos dois. Apoiou-se em Saetan. — Existe.

Alarmado ao vê-la tão pálida, Saetan segurou-a junto a si, afagando seu cabelo enquanto a perscrutava delicadamente. Não apresentava qualquer

problema físico à exceção do cansaço que o excesso de trabalho havia acarretado e a tensão emocional de contar os mortos entre os parentes.

— Criança-feiticeira?

Jaenelle estremeceu.

— Nunca desejei isso. Mas é a única maneira de ajudá-los.

— O que quer dizer, criança-feiticeira? — cantarolou Saetan.

Tremendo, ela afastou-se dele. Saetan se lembraria para sempre daquele olhar perturbado.

— Vou realizar a Oferenda às Trevas e constituir minha corte.

CAPÍTULO DEZESSEIS

1 / Kaeleer

Banard estava sentado na sala de exposições particular nos fundos da sua loja, bebendo chá enquanto aguardava a chegada da Senhora.

Era um artesão talentoso, um artista que trabalhava com metais preciosos, pedras preciosas e semipreciosas e com as Joias dos Sangue. Um macho dos Sangue que não usava Joias, mas que as manuseava com tal sensibilidade e com um respeito tão profundo que o tornavam o preferido entre os Sangue que usavam Joias em Amdarh. Sempre dizia: “Manuseio uma Joia como se se tratasse do coração de alguém”, e estava sendo sincero.

Entre seus clientes estavam a Rainha de Amdarh e seu Consorte, o Príncipe Mephis SaDiablo, o Príncipe Lucivar Yaslana, o Senhor Supremo do Inferno e Lady Jaenelle Angelline, sua favorita.

E era por causa dela que ainda estava ali sentado, muito depois do fim do expediente. Como dissera à esposa, quando a Senhora pedia um favor, era como se a servisse, não era?

Por pouco não entornou o chá quando levantou os olhos dos seus devaneios e viu uma silhueta indistinta na soleira da porta. A loja era guardada por poderosos feitiços de defesa e proteção — oferecidos pelos clientes de Joias mais escuras. Ninguém deveria ser capaz de chegar até ali sem que os alarmes soassem.

— Aceite as minhas desculpas, Barnard — disse uma voz feminina, de meia-noite. — Não quis assustá-lo.

— De modo algum, Senhora — mentiu Barnard aumentando a luz das velas em volta da mesa-mostruário, forrada de veludo. — Estava distraído. — Virou-se, sorrindo, mas, ao ver o que ela segurava nas mãos, começou a suar frio.

— Gostaria muito que fizesse uma coisa para mim, se puder — disse Jaenelle, entrando na pequena sala.

Barnard engoliu em seco. Ela havia mudado desde a última vez que a vira, alguns meses antes. Era algo além do luto de Viúva que usava. Era como se o fogo que sempre tinha ardido no seu interior estivesse agora mais próximo da superfície, iluminando e ofuscando. Podia sentir o poder sombrio rodopiando em volta de Jaenelle — força bruta compensada por uma fragilidade aflitiva.

— Isso é o que eu gostaria que fizesse — disse Jaenelle.

Na mesa-mostruário surgiu um pedaço de papel.

Barnard estudou o esboço durante alguns minutos, pensando no que poderia dizer, pensando em como recusar educadamente, imaginando por que ela, entre todas as pessoas, tinha aquilo que segurava nas mãos.

Como se compreendesse o silêncio e a relutância, Jaenelle acariciou o chifre em espiral.

— Ele se chamava Kaetien — disse, ternamente. — Era o Príncipe dos Senhores da Guerra dos unicórnios. Foi esquartejado há alguns dias, assim como centenas de outros membros do seu povo, quando os humanos foram reclamar Sceval como seu território. — Seus olhos encheram-se de lágrimas. — Eu o conhecia desde pequena. Foi o primeiro amigo que fiz em Kaeleer e um dos melhores. Ofertou-me o seu chifre. Em sua memória. Como advertência.

Barnard voltou a examinar o esboço.

— Permite-me fazer uma ou duas sugestões, Senhora?

— Foi por isso que vim aqui — disse Jaenelle, com um sorriso vacilante.

Pegando um lápis fino de carvão, Barnard fez alterações no esboço. Passada uma hora de aperfeiçoamentos, estavam ambos satisfeitos com o resultado.

Novamente sozinho, Barnard preparou outra xícara de chá e sentou-se por alguns instantes, estudando o esboço e olhando espantado para o chifre que ainda não se sentia preparado para tocar.

O que ela queria que ele fizesse seria um tributo adequado a um amigo querido. E um instrumento apropriado a uma Rainha daquele calibre.

2 / Kaeleer

Saetan andava de um lado para outro na sala de estar que Draca havia reservado para eles na Fortaleza. Reservado? Onde os havia “confinado” aproximava-se mais da verdade.

Lucivar levantou-se da cadeira e espreguiçou-se.

— Tenho que aguentar quando você anda de um lado para outro, sem me mostrar incomodado, mas quando sou eu você me expulsa para o jardim. Por quê? — perguntou com frieza.

— Porque sou mais velho e de uma categoria superior — resmungou Saetan. Deu meia-volta e continuou andando até o outro lado da sala.

Do crepúsculo à alvorada. Era essa a duração da Oferenda às Trevas. Não importava se a pessoa saía dela com uma Joia Branca ou uma Negra, era esse o tempo que levava. Do crepúsculo à alvorada.

Jaenelle havia iniciado sua Oferenda três dias atrás.

Saetan permanecera calmo quando a primeira madrugada se arrastou até o início da tarde, pois ainda se lembrava de como ficara fragilizado após realizar

a Oferenda, de como passara horas na sala do altar do Santuário, enquanto se adaptava à sensação das Joias Negras.

Entretanto, quando o sol começara-se a se pôr, dirigira-se ao Altar das Trevas na Fortaleza para saber o que havia acontecido. Draca proibira sua entrada, lembrando-o de maneira contundente das consequências de se interromper uma Oferenda. Por isso, havia voltado à sala de estar para aguardar.

Quando a meia-noite veio e se foi, tentara ir outra vez ao Altar das Trevas, deparando-se com todos os corredores bloqueados por um escudo impenetrável até para a Negra. Desesperado, enviara uma mensagem urgente a Cassandra, na esperança de que ela conseguisse vencer a resistência de Draca. Mas Cassandra não respondera, e ele amaldiçoara esta evidência do seu crescente afastamento.

Estava cansada. Saetan compreendia. Ele próprio descendia de uma raça de longevidade prolongada e já transcorrera várias vidas além do normal. Cassandra vivera centenas e vira seus antepassados entrarem em declínio, enfraquecerem e, por fim, serem absorvidos por raças mais jovens e emergentes. Enquanto havia dominado, fora respeitada e venerada.

Porém, Jaenelle era amada.

Por isso, Cassandra não havia respondido. Mas Tersa respondeu.

— Há alguma coisa errada — resmungou Saetan ao passar pelo sofá e pela mesa baixa sobre a qual Tersa se curvava enquanto ordenava as peças de um quebra-cabeça, formando figuras que só faziam apenas para ela. — A Oferenda não leva tanto tempo.

Tersa encaixou uma peça do quebra-cabeça, afastando o cabelo preto embaraçado do rosto.

— Leva o tempo que levar.

— A Oferenda é realizada entre o crepúsculo e a alvorada.

Tersa inclinou a cabeça, refletindo.

— Isso foi verdadeiro para o Príncipe das Trevas. E quanto à Rainha? — Deu de ombros.

Saetan sentiu um arrepio gelado. Como seria Jaenelle depois de se tornar Rainha das Trevas?

Agachou-se diante de Tersa, a mesa entre os dois. Ela lhe deu tanta atenção quanto deu à aproximação silenciosa de Lucivar.

— Tersa — disse Saetan, calmamente, tentando chamar sua atenção. — Você sabe de alguma coisa, consegue ver algo?

Os olhos de Tersa ficaram vidrados.

— Uma voz nas Trevas. Um uivo, repleto de alegria e sofrimento, raiva e celebração. Está chegando o momento em que todas as dívidas serão pagas. — Seus olhos desanuviaram-se. — Contenha o seu receio, Senhor Supremo — disse, com certa rispidez. — Neste momento, isso será mais prejudicial para ela do que qualquer outra coisa. Contenha-o ou irá perdê-la.

Saetan envolveu o pulso de Tersa com a mão.

— Não tenho receio *dela*, mas receio *por* ela.

Tersa balançou a cabeça.

— Ela estará cansada demais para perceber a diferença. Perceberá unicamente o medo. Escolha, Senhor Supremo, e viva com sua escolha. — Olhou para a porta fechada. — Ela está chegando.

Saetan tentou se erguer às pressas e estremeceu. Mais uma vez, forçara demais a perna. Puxando as mangas da túnica e ajeitando o cabelo, desejou, frivolamente, ter tomado banho e vestido roupas limpas. Desejou também, frivolamente, que o coração se acalmasse.

Foi então que a porta se abriu e Jaenelle apareceu.

Nos últimos segundos de pensamento racional, a mente de Saetan registrou a hesitação da garota, a incerteza. Registrou também a quantidade de Joias que usava.

Lorn havia lhe dado treze Joias Negras brutas. Uma delas tinha tamanho suficiente para ser transformada num pingente e num anel, e ainda sobriariam lascas menores que poderiam ter vários usos. Segundo suas contas, ela devia ter levado seis dessas treze Joias para a cerimônia. Seis Joias Negras que, de alguma forma, tinham sido transformadas em algo mais do que Negro.

Em Ébano.

Não era de admirar que tivesse demorado tanto para proceder à descida ao seu poder absoluto. Ele sequer conseguia estimar o poder que teria agora. Desde o dia em que a conhecera sabia que chegaria a este ponto. Ela agora caminhava por estradas que os outros sequer conseguiriam imaginar.

O que isso lhe provocaria?

A escolha de Saetan.

O pensamento o abalou pela clareza. Deu a ele liberdade para agir.

Avançando, ele ofereceu a mão direita.

Assustada, Jaenelle entrou na sala, hesitou por um instante e lhe deu a mão.

Puxou-a para seus braços, aninhando o rosto no pescoço de Jaenelle.

— Estive tão preocupado com você — resmungou baixinho.

Jaenelle afagou suas costas.

— Por quê? — Parecia verdadeiramente perplexa. — Você também realizou a Oferenda. Sabe...

— Normalmente, não demora três dias!

— Três dias! — Deu um saltou para trás, tropeçando em Lucivar. — Três dias?

— Temos de seguir o Protocolo daqui para a frente? — perguntou Lucivar.

— Não seja tolo — retrucou Jaenelle.

Com um sorriso de orelha a orelha, Lucivar passou o braço esquerdo em volta de Jaenelle, segurando-a com firmeza junto ao seu peito.

— Nesse caso, proponho mergulhá-la na fonte mais próxima.

— Você não pode fazer isso! — protestou Jaenelle, contorcendo-se.

— Por que não? — Lucivar parecia interessado.

A razão que ela apresentou foi criativa mas anatomicamente impossível.

Uma vez que o riso não seria uma atitude diplomática, ainda que motivado pelo alívio de perceber que o fato de usar Joias Ébano não a havia modificado, Saetan cerrou os dentes e permaneceu em silêncio.

Tersa, porém, despertou e juntou-se a eles. Balançando a cabeça, deu uma cotovelada em Jaenelle.

— Agora não adianta se lamentar. Você aceitou as responsabilidades de uma Rainha e parte dos seus deveres é cuidar dos machos que lhe pertencem.

— Tudo bem — resmungou Jaenelle. — Quando posso dar uns socos neles?

Tersa fez um som de impaciência.

— São machos. Estão autorizados a importunar e mimar. — Depois sorriu e afagou o rosto de Jaenelle. — Os Príncipes dos Senhores da Guerra, em particular, precisam de contato físico com a Rainha.

— Oh — exclamou Jaenelle, acidamente. — Bem, então tudo bem.

Tersa estendeu-se no sofá.

— Muito bem, gatinha rabugenta, você tem uma opção — disse Lucivar.

— Não uma das suas — lamentou-se Jaenelle, caindo contra Lucivar.

— Alguma dessas opções inclui comer e dormir? — perguntou Saetan.

— E um banho? — acrescentou Jaenelle, franzindo o nariz.

— Uma delas, sim — disse Lucivar, soltando-a.

— Então não quero saber qual é a outra — Jaenelle massageou as costas. — Essa fivela do seu cinto incomoda demais.

— Assim como você.

Saetan massageou as têmporas.

— Chega, filhos.

Surpreendentemente, ambos obedeceram. Olhos dourados e azul-safira olharam para ele por um momento antes de deixarem a sala, abraçados pela cintura.

— Você se saiu bem, Saetan — disse Tersa, baixinho.

Pegando um cobertor que estava largado numa cadeira, Saetan colocou-o em volta de Tersa e ajeitou seu cabelo com as mãos.

— Tive ajuda — respondeu, e riu suavemente quando Tersa bateu na sua mão. — Os machos estão autorizados a importunar e mimar, lembra?

— Não sou Rainha.

Saetan vigiou-a até adormecer.

— Não, mas é uma Senhora muito dotada e extraordinária.

3 / Kaeleer

Convencendo-se de que não estava nervoso, apesar do coração aos pulos e das palmas das mãos suadas, Saetan entrou na grande câmara de pedra que

Draca indicara como sendo o local onde os convidados aguardariam até serem convocados para o Trono das Trevas. Exceto pelos pilares de madeira escura que comportavam as velas e por algumas mesas compridas encostadas às paredes e sobre as quais havia bebidas variadas, a sala não continha qualquer outra mobília.

O que na verdade era bom, uma vez que abrir caminho por assentos concebidos para humanos faria com que os parentes ficassem ainda mais nervosos do que já estavam, e algumas espécies — como os pequenos dragões das Ilhas do Fogo — precisavam de um espaço considerável. Saetan reparou, com crescente inquietação, que *nenhum* parente, e não somente os que pouco ou nenhum contato haviam tido com os humanos, estava se misturando com os Sangue humanos, embora os humanos ali presentes fossem em sua maioria amigos — ou pelo menos eram antes das carnificinas. O fato de estarem todos juntos naquele espaço limitado e exíguo dizia muito da devoção que tinham por Jaenelle.

Essa era uma preocupação. Ebon Rih era o Território da Fortaleza em Kaeleer — atualmente, o Território de Jaenelle. Reinar sobre Ebon Rih não ajudaria os parentes nem afastaria os invasores humanos dos seus Territórios. Tradicionalmente, a Rainha de Ebon Askavi exercia influência considerável em todos os Reinos, mas isso, além da cautela inata no seio dos Sangue, bastaria para não hostilizarem um poder obscuro e amadurecido? Será que algum dos idiotas do Conselho das Trevas de Kaeleer saberia o que estavam desafiando?

Outra preocupação era em relação à composição da corte de Jaenelle. Saetan sempre partira do princípio de que a assembleia e os amigos homens de Jaenelle formariam seu Primeiro Círculo. Não era fora do comum que Rainhas servissem na corte de uma Rainha mais forte, uma vez que as Rainhas dos Distritos serviam às Rainhas das Províncias, que, por sua vez, serviam à Rainha do Território. Era essa teia de poder que mantinha a união de um Território.

Porém, as Rainhas que governavam um Território não serviam em outras cortes. Representavam a lei decisória da sua terra, não se submetendo a ninguém.

Na última semana, enquanto Jaenelle descansava após a cerimônia da Oferenda, sua assembleia, composta apenas por Rainhas, também realizara a Oferenda. E todas, sem exceção, foram escolhidas como as novas Rainhas de seus Territórios — suas antecessoras cederam o lugar e aceitaram posições nas cortes recém-criadas.

Da mesma forma, os rapazes chegaram ao poder. Chaosti era agora o Príncipe dos Senhores da Guerra dos Dea al Mon e Consorte de Gabrielle. Khardeen, Consorte de Morgghann, era o Senhor da Guerra reinante em Maghre, sua terra natal. Depois de aceitar o anel de Consorte de Kalush, Aaron tornara-se o Príncipe dos Senhores da Guerra de Tajrana, a capital de Nharkhava. Sceron e Elan eram os Príncipe dos Senhores da Guerra de Centauran e de Tigrelan, servindo nos Primeiros Círculos das cortes de Astar e

de Grezande. Jonah servia agora como Primeiro Acompanhante de sua irmã Zylona e Morton, como Primeiro Acompanhante de sua prima Karla.

Ao ouvir vozes femininas vindo do corredor atrás de si, Saetan dirigiu-se à mesa onde Lucivar, Aaron, Khary e Chaosti estavam reunidos. Geoffrey e Andulvar cumprimentaram-no com um aceno de cabeça, mas não interromperam a conversa com Mephis e Prothvar. Sceron, Elan, Morton e Jonah dialogavam com um minúsculo Príncipe dos Senhores da Guerra que Saetan nunca vira. O Consorte ou Primeiro Acompanhante da pequena Katrine?

— O alfaiate fez um excelente trabalho — disse Saetan a Lucivar, aceitando a taça de yarbarah aquecido.

— Ahã. — A resposta parecia azeda, mas, passado um momento, Lucivar balançou a cabeça e riu. Pôs a mão sobre o peito. — Fui um desafio digno para o bom Lord Aldric. Como ele mesmo alegremente me disse, enquanto espetava alfinetes por todos os lados, nunca tinha desenhado um traje formal que comportasse asas.

— Bem, agora que tem as suas medidas... — começou Saetan.

— Ah, não. — Lucivar balançou a cabeça, assumindo uma expressão que Saetan reconheceu de imediato dos seus próprios contatos com o bom Lord Aldric. — “Cada tecido tem a sua própria personalidade, Príncipe Yaslana” — disse Lucivar, imitando a voz pesada do alfaiate. — “Precisamos saber como cada um deles flui em volta desses prodigiosos acréscimos ao seu físico.”

Khary, Aaron e Chaosti tossiram em uníssono.

— Talvez ele queira apenas afagar suas asas — disse Karla, juntando-se aos dois. Deslizou a mão pelo ombro de Saetan, encostando-se às suas costas, com o queixo pontiagudo apoiado no outro ombro. — São impressionantes. É verdade que o tamanho do... — os olhos azuis como gelo saltaram para a virilha de Lucivar — é diretamente proporcional ao tamanho das asas?

Lucivar fez um gesto obscuro.

— Sensível, não é? Pena que não podemos sentir. Ah, está bem. Beijos.

— Vá se catar, Karla — disse Lucivar, cerrando os dentes e sorrindo.

Karla riu.

— É tão bom estar de novo entre os mal-humorados. Há poucos dias disse “beijos!” e todos tentaram me beijar. — Deu de ombros de forma dramática, em seguida despenteou o cabelo de Saetan, ignorando alegremente o rosnado dele. — Sabe de uma coisa, tio Saetan?

— O que foi? — respondeu Saetan com bastante cuidado, tomando um gole de yarbarah.

O sorriso perverso de Karla apareceu de repente.

— Uma vez que você é o Príncipe dos Senhores da Guerra de Dhemlan e governa esse Território, e sendo eu a Rainha de Glácia, agora, sempre que Dhemlan tiver assuntos a tratar com Glácia, é comigo que terá de falar.

Saetan engasgou.

— É um pensamento aterrador, não é? Vai ter de enfrentar tudo o que me

ensinou.

— Mãe Noite — arfou Saetan quando Karla arrancou o copo das suas mãos, dando-lhe um soco nas costas.

— O que você fez com tio Saetan? — perguntou Morghann, aceitando um copo de vinho de Khary.

— Apenas lembrei a ele que agora somos nós as Rainhas com quem terá de tratar.

— Que injustiça, Karla — disse Kalush, juntando-se ao grupo. — Devia ter ido com calma em vez de pegá-lo de surpresa.

— Como assim? — Karla fez uma careta. — Além disso, ele já sabia disso. Ou não sabia?

Saetan recuperou o copo e esvaziou-o para não precisar responder. Depois de todas as horas que havia passado com Geoffrey, Andulvar e Mephis debatendo as implicações da chegada ao poder daquele grupo específico de Rainhas, nenhum deles considerara o óbvio — que ele teria de lidar com elas na qualidade de Rainhas de Território.

Um gongo ressoou em toda a Fortaleza. Uma vez. Duas vezes. Três vezes. Depois de uma pausa, ressoou uma quarta vez.

Quatro vezes pelos quatro lados do triângulo dos Sangue, sendo o quarto lado aquele no interior dos outros três. Como os três machos — Administrador, Mestre da Guarda e Consorte — que formam um triângulo poderoso e íntimo em volta da Rainha.

Ao fundo da sala, abriram-se enormes portas duplas, revelando um vazio sombrio.

Sem dar atenção ao burburinho hesitante à sua volta, Saetan pousou o copo, passou a mão pelo cabelo e ajeitou as roupas novas. Como o Protocolo ditava que os cortejos comessem pelas Joias mais claras, passando depois para as mais escuras, primeiro todos os machos, depois as fêmeas, Saetan seria o último da fila masculina.

Por isso não se deu conta de que ninguém havia se movido e que todos olhavam para ele, até Lucivar lhe dar uma cotovelada.

— O Protocolo estipula... — começou.

— Que se dane o Protocolo — respondeu Karla laconicamente. — É você que vai primeiro.

Quando todos assentiram com a cabeça, ele caminhou devagar em direção às portas duplas. Lucivar e Andulvar seguiram a seu lado. Mephis, Geoffrey e Prothvar foram atrás.

— O que há lá dentro? — perguntou Lucivar em voz baixa.

— Não sei — respondeu Saetan. — Nunca estive nesta parte da Fortaleza. — Olhou de relance para Geoffrey por cima do ombro.

Assim que chegaram às portas, detiveram-se. As luzes da sala atrás deles revelavam os primeiros amplos degraus da escada que descia.

Se tentarmos descer no escuro, vamos acabar quebrando o pescoço.

Mal havia formulado o pensamento e surgiram pequenas centelhas de luz

na pedra escura, cada vez mais incandescentes.

Como turbilhões de estrelas, pensou Saetan, recobrando o fôlego. Como o poema que Geoffrey citara anos atrás, sobre os nobres dragões que haviam criado os Sangue. *Descem em espiral até o ébano, capturando as estrelas com as caudas.*

Ébano fora, antigamente, a expressão poética para Trevas.

Saetan congelou, o pé suspenso sobre o primeiro degrau.

Estaria imóvel?

— Está acontecendo alguma coisa? — sussurrou Lucivar.

Saetan balançou a cabeça e começou a descer devagar, grato pela enorme força eyriena a seu lado.

Quando chegou ao último degrau, um segundo conjunto de portas duplas se abriu de rompante. A câmara, escura como breu, iluminou-se aos poucos, a escuridão cedendo lugar à aurora. A luz espalhou-se gradualmente do lado da câmara onde estavam até o lado oposto. Contudo, Saetan reparou ao avançar, não iluminava o teto. Elevando-se a três vezes a sua altura, a luz cedia lugar ao crepúsculo, que, por sua vez, sucumbia novamente à escuridão.

A parede ao fundo começou a se iluminar dos dois lados. Um baixo-relevo detalhado a preenchia até onde se podia ver. Uma paisagem onírica, uma paisagem noturna, figuras que se erguiam e que se dissolviam em outras. Silhuetas de parentes. Silhuetas humanas. Que se confundiam. Que se entrelaçavam. Ferinas e belas. Odiosas e amáveis.

Por fim, a luz chegou ao centro da parede e ao Trono das Trevas. Três amplos degraus percorriam o estrado em três lados. Nele havia uma simples cadeira de madeira escura de espaldar alto e cinzelado. A evidente simplicidade era indicadora de que o poder que aqui governava não precisava de ornamentos nem ostentações — ainda mais sendo protegida do lado direito por uma enorme cabeça de dragão que saía da pedra.

— Mãe Noite — sussurrou Andulvar. — Ela criou uma escultura da cabeça de Lorn.

— Fogo do Inferno — murmurou Lucivar. — Onde ela conseguiu tantas Joias brutas para compor as escamas?

Tremendo, Saetan balançou a cabeça, incapaz de dizer uma palavra. De onde estava, talvez Andulvar não conseguisse ver a escuridão além do baixo-relevo iluminado, uma escuridão que sugeria outra ampla câmara além daquela onde estavam. Talvez não conseguisse ver o fogo iridescente nas escamas do dragão. Talvez tivesse esquecido o som daquela voz antiga e poderosa. Talvez...

Lentamente, as pálpebras se abriram. Olhos de meia-noite deixaram todos petrificados.

Geoffrey agarrou o braço de Saetan, apertando os dedos com força.

— Mãe Noite, Saetan — disse Geoffrey, a respiração irregular. — A Fortaleza é o covil dele. Esteve aqui o tempo todo.

Não esperava que Lorn fosse tão grande. Se o corpo fosse proporcional à

cabeça...

Escamas de dragão. As Joias eram escamas de dragão transformadas, de alguma forma, em pedras duras e translúcidas. Teriam existido dragões das cores de todas as Joias ou seriam todos daquele tom dourado-prateado iridescente, a cor das Joias variando de modo a corresponder à força do destinatário?

Saetan tocou cuidadosamente a Joia Negra que pendia do seu pescoço. A Vermelha de Direito por Progenitura e a Negra tinham sido Joias brutas. Haveria duas escamas faltando em algum lugar daquele enorme corpo — que devia se estender pela câmara adjacente — que corresponderiam às suas Joias brutas?

Compreendeu então por que havia detectado um vestígio de masculinidade nas Joias brutas que tinham sido atribuídas a Jaenelle.

Lorn. O grande Príncipe dos Dragões. O Guardião da Fortaleza.

Precisando pensar em outra coisa que não o poder que aquele corpo antiquíssimo deveria conter, Saetan virou-se para Geoffrey.

— A Rainha dele. Qual era o nome da Rainha dele?

— Draca — disse uma voz sibilante vindo de trás.

Viraram-se e olharam estupefatos para a Senescal da Fortaleza.

Seus lábios formaram um ligeiríssimo sorriso.

— Chamava-sse Draca.

Olhando-a nos olhos, Saetan perguntou-se qual teria sido o feitiço imperceptível que fora lançado, permitindo-lhe ver agora o que deveria ter adivinhado há muito tempo. Sua longevidade, sua força, a inquietação que tantos sentiam na sua presença. O que o levou a pensar em outra coisa.

— Jaenelle sabe?

Draca emitiu um som que poderia ser uma gargalhada.

— Ssempre ssoube, Ssenhor Ssupremo.

Saetan fez uma careta e depois se rendeu tão graciosamente quanto pôde. Mesmo que tivesse se lembrado de perguntar, duvidava que ela respondesse. Jaenelle era muito boa em guardar segredos.

— São seus familiares? — perguntou Lucivar, indicando os dragões do Fogo que olhavam Lorn fixamente.

— Vocêss todoss ssão nossoss familiaress — respondeu Draca, olhando para a Joia Cinza-Ébano de Lucivar. — Nósoss criámooss oss Ssangue. Todoss oss Ssangue. Logo, ssob a ssuperfície, todoss vocêss ssão dragõeess.

Saetan olhou de relance para os parentes que estavam por perto.

— Vocês, é claro, já sabiam. — Vislumbrou um ar divertido nos olhos de Draca.

— Não ssou eu quem diz, Ssenhor Ssupremo. É *Jaenelle*. — Draca olhou para além deles, para o Trono das Trevas.

Eles se viraram, todos juntos.

Usando o vestido de teias de aranha e as Joias Ébano, Jaenelle estava serenamente sentada na cadeira de madeira escura. Seu longo cabelo louro

estava penteado para trás, revelando, por fim, a beleza ímpar do seu rosto.

— Chegou o momento de aceitar meus deveres como Rainha de Ebon Askavi — disse Jaenelle. Não falava num tom de voz alto, porém toda a câmara a ouvia. — Chegou o momento de escolher minha corte.

Uma tensão ansiosa tomou conta da sala.

Saetan concentrou-se em respirar devagar e regularmente. Passara dias dizendo a si mesmo que o serviço nas cortes era para os jovens e vigorosos, que sua intenção nunca fora servir formalmente, que o serviço tácito que prestava seria suficiente, que já passara pela experiência de servir na Corte das Trevas em Ebon Askavi quando fora Consorte de Cassandra.

Mas, na verdade, não passara por essa experiência, porque, de uma forma inexprimível, aquela não fora realmente a Corte das Trevas. Não como esta iria ser.

E, de repente, compreendeu o motivo do afastamento de Cassandra.

Era por *esta* corte que Saetan aguardara. Era *esta* a corte pela qual ansiara. Queria servir a filha da sua alma, que chegara, por fim, ao seu poder obscuro e glorioso.

Feiticeira. O mito vivo. A realização dos sonhos.

Este fora o *seu* sonho.

Bem como o de Lucivar, percebeu, ao ver o fogo nos olhos do filho. Sim, Lucivar teria ansiado por uma Rainha que correspondesse à sua força.

A voz de Jaenelle trouxe-o de volta à realidade.

— Príncipe Chaosti, aceita servir no Primeiro Círculo?

Com graciosidade, Chaosti baixou um joelho, com a mão fechada sobre o coração.

— Sim, aceito.

Saetan franziu a sobrancelha. Como Chaosti poderia servir no Primeiro Círculo de Jaenelle se já tinha aceitado prestar serviço no Primeiro Círculo de Gabrielle?

— Príncipe Kaelas, aceita servir no Primeiro Círculo?

Sim, aceito.

Ficou cada vez mais perplexo à medida que Jaenelle chamava nome após nome. Mephis, Prothvar, Aaron, Khardeen, Sceron, Jonah, Morton, Elan. Ladvarian, Mistral, Fumaça, Bailarino do Sol.

A essa altura, ele, Andulvar e Lucivar eram os únicos machos em pé, e todo o seu ser aguardava as palavras que se seguiriam.

— Lady Karla, aceita servir no Primeiro Círculo?

— Sim, aceito.

O choque espalhou-se por Saetan, prontamente seguido pelo sofrimento, um sofrimento tão intenso que pensou que não conseguiria sobreviver. Ela não o havia perdoado. Pelo menos, não totalmente.

— Lady Sombra da Lua, aceita servir no Primeiro Círculo?

Sim, aceito.

Engoliu em seco. Não podia reagir, não podia deixar que os outros o

vissem sofrer. Entretanto, se Jaenelle permitia que Mephis e Prothvar lhe servissem, por que não Andulvar? Por que não Lucivar, que já lhe servia?

Quase não ouviu os outros nomes sendo chamados. Gabrielle, Morghann, Kalush, Grezande, Sabrina, Zylona, Katrine, Astar, Cinza. Ininterruptamente, até todas as feiticeiras terem aceitado um lugar na corte.

Draca e Geoffrey não podiam servir formalmente uma vez que serviam à própria Fortaleza. Se algum conforto havia nesse fato, era um conforto muito amargo.

Podia sentir Lucivar tremendo a seu lado.

Depois de um momento de silêncio, Jaenelle ergueu-se e desceu os três degraus. Semicerrou os olhos ao fixar Saetan. Ele sentiu a exasperação da filha quando ela roçou a primeira de suas barreiras interiores.

Jaenelle puxou a manga esquerda do vestido e fez um pequeno corte no pulso.

O sangue brotou e escorreu.

— Príncipe Lucivar Yaslana, aceita servir como Primeiro Acompanhante e Príncipe dos Senhores da Guerra de Ebon Rih?

Lucivar olhou para ela, atônito, durante poucos segundos, e depois se aproximou devagar.

— Sim, aceito. — Ajoelhou-se, segurou a mão esquerda de Jaenelle com a mão direita e pôs a boca sobre a ferida.

Rendição absoluta. Rendição eterna. Ao aceitar o sangue de Jaenelle, Lucivar oferecia todos os aspectos do seu ser para todo o sempre. Jaenelle iria dominá-lo, corpo e alma, mente e Joias.

Não demorou muito — foi uma eternidade — e Lucivar retirou a boca, ergueu-se e deu um passo para o lado, parecendo aturdido.

Não era de surpreender, pensou Saetan. Do local onde estava, podia sentir o calor, a força que corria naquelas veias.

— Príncipe Andulvar Yaslana, aceita servir como meu Mestre da Guarda?

— Sim, aceito — respondeu Andulvar, aproximando-se dela e ajoelhando-se para aceitar o fluido vital.

Quando Andulvar deu um passo para o lado, Jaenelle olhou para Saetan.

— Príncipe Saetan Daemon SaDiablo, aceita servir como Administrador da Corte das Trevas?

Saetan aproximou-se bem devagar, procurando nos olhos da garota alguma pista que indicasse a resposta que verdadeiramente pretendia receber. Como não podia colocar a questão em voz alta, tocou sua mente, hesitante.

Tem certeza?

É claro que tenho certeza, respondeu, ríspida. *Há momentos em que você é um idiota, Saetan. Só esperei até agora para que os três soubessem naquilo em que estariam se metendo antes de aceitar.*

Nesse caso... Caiu de joelhos.

— Sim, aceito.

Imediatamente antes de pousar a boca sobre a ferida, imediatamente antes

de a língua experimentar o sabor do sangue na sua força amadurecida, Jaenelle acrescentou:

Além disso, quem estaria disposto a arbitrar disputas?

Com um olhar contundente, Saetan aceitou o sangue. Céu noturno, terra profunda, o cântico das marés, a escuridão protetora de um corpo feminino. E fogo. Saetan saboreou tudo isto, sentindo-se inundado, cauterizado, marcado como dela.

Retirou a boca e passou um dedo pela ferida, usando Arte medicinal para estancar o sangue.

Isto precisa ser tratado adequadamente.

Em breve. Jaenelle retirou a mão e voltou ao Trono das Trevas.

Não, Saetan decidiu enquanto se punha de pé, ouvindo os outros se levantarem, aquela não era uma ocasião propícia para uma amostra da teimosia masculina. Além disso, a cerimônia estava prestes a terminar.

Percebe alguma coisa estranha nesta corte?, perguntou Lucivar à medida que a tensão voltava a se alastrar pela sala.

Surpreendido pela pergunta, Saetan observou os rostos solenes e decididos.

Estranha? Não. São os mesmos...

Finalmente percebeu. Havia pensado naquilo, mas depois ficara tão magoado pela rejeição de Jaenelle que se esquecera do assunto. A assembleia unira-se ao Primeiro Círculo, mas não devia ter feito isso, porque eram Rainhas de Território...

Karla avançou.

— Minha Rainha. Peço autorização para falar.

— Pode falar, minha Irmã — respondeu Jaenelle, solene.

... e as Rainhas de Território não servem a ninguém.

Um fogo contido incendiou os gélidos olhos azuis de Karla quando disse com um ar triunfante:

— Glácia submete-se a Ebon Askavi!

Saetan sentiu um aperto no coração. Mãe Noite! Karla estava fazendo de Jaenelle o poder dominante do Território que *ela* deveria dominar.

Gabrielle avançou.

— Dea al Mon submete-se a Ebon Askavi!

— Scelt submete-se a Ebon Askavi! — gritou Morghann.

— Nharkhava!

— Dharo!

— Tigrelan!

— Centauran!

Sceval!

Arceria!

As Ilhas do Fogo!

Sentiu uma cotovelada nas costas interrompendo seu silêncio aturdido.

— Dhemlan submete-se a Ebon Askavi!

Deu um salto quando Andulvar rugiu:

— Askavi submete-se a Ebon Askavi!

Os nomes dos Territórios que agora permaneciam sob a proteção de Ebon Askavi finalmente deixaram de ecoar na câmara. Foi então que uma voz débil flutuou pelas mentes de todos.

Aracna submete-se à Senhora da Montanha Negra.

— Mãe Noite — murmurou Saetan, imaginando se as Tecelãs de Sonhos estariam tecendo teias emaranhadas no teto da sala.

— Eu aceito — disse Jaenelle com serenidade.

Lucivar apertou levemente o ombro de Saetan num ato de divertida compreensão.

— Devo felicitar o Administrador desta corte ou dar-lhe os meus pêsames? — disse, baixinho.

— Mãe Noite. — Saetan recuou um passo, cambaleante. Sentiu que mãos o seguravam pelos braços, mantendo-o em pé.

Lucivar riu suavemente ao passar por Saetan. Subiu os degraus até o Trono e estendeu a mão direita. Jaenelle se levantou e colocou a mão esquerda sobre a dele. Formou-se um amplo corredor enquanto a nova corte se afastava para dar passagem ao Primeiro Acompanhante, que conduzia sua Rainha para fora da câmara.

Preparando-se para segui-los, Saetan sentiu que alguma coisa o detinha. Acenando a Andulvar e aos outros para que prosseguissem, sentiu um nó na garganta enquanto os parentes se misturavam timidamente com os humanos, oferecendo-lhes, outra vez, sua confiança.

A sala ficou vazia. Os últimos a sair foram Draca e Geoffrey.

Não lhe restando qualquer desculpa, Saetan virou-se para Lorn. Enquanto se fitavam, sentiu uma doce melancolia a comprimi-lo, uma melancolia ainda mais terrível por estar coberta de compreensão. Soube então por que Lorn havia se mantido afastado. Também sentira essa melancolia, diante dos petiçãoários cheios de medo do Príncipe das Trevas, do Senhor Supremo do Inferno. Sabia o que era ansiar por afeto e companhia e não ter nada disso por ser quem era.

Tocando com o dedo na Joia Negra, disse:

— Obrigado.

Você usou corretamente a minha Oferenda. Sserviu com jussteza.

Saetan recordou tudo o que havia feito na vida. Todos os erros, os desgostos. O sangue derramado.

— Servi? — perguntou baixinho, mais para si mesmo do que para Lorn.

Honrou ass Trevass. Resspeitou oss cosstumess doss Ssangue. Ssempre compreendeu a missão doss Ssangue — vigilantess e guardiõess. Usou garrass e dentess ssempre que foi necessário usar garrass e dentess. Protegeu oss mais novoss. Ass Trevass lhe cantaram e você sseguiu caminhoss peloss quaiiss poucoss sseguiram, a não sser oss Dragõess. Compreendeu o coração doss Ssangue, a alma doss Ssangue. Sserviu com jussteza.

Saetan respirou fundo. O nó da garganta estava apertado demais para que

pudesse formular uma resposta.

— Obrigado — disse, com a voz rouca.

Houve um longo silêncio.

Assim como ela é a filha da sua alma, você é o filho da minha.

Saetan segurou com força a Joia ao pescoço. Lorn faria ideia do que aquelas palavras significavam para ele?

Não importava. O que importava é que formavam uma ligação entre ambos, uma ponte que ele poderia atravessar. Poderia, finalmente, falar com o guardião de todo o conhecimento da Arte dos Sangue. Talvez até conseguisse descobrir como Jae...

— Se sou a filha da alma de Saetan e ele é o filho da sua alma, isso faz de você o meu avô? — perguntou Jaenelle, juntando-se a eles.

Não, respondeu Lorn, imediatamente.

— E por que não?

Foram atingidos por uma lufada de ar quente, seco e poeirento que os fez recuar alguns passos.

— Imagino que isso seja uma resposta — resmungou Jaenelle. Sacudiu os braços para desembaraçar os fios das teias. — Embora eu não entenda por que você fica todo cheio de raiva por causa de uma netinha.

— E a grande variedade de sobrinhas-netas e sobrinhos que vêm com ela — murmurou Saetan entre dentes.

Jaenelle deu a Saetan um olhar duro e sacudiu os pulsos uma última vez.

— Bem, pelo menos vocês enfim se conheceram. Devia tê-lo convidado antes — acrescentou, olhando Lorn com uma expressão do tipo “Eu avisei”.

Ele não estava preparado. Era muito jovem.

Saetan teria protestado se Jaenelle não tivesse se adiantado.

— Eu era muito mais nova quando você me convidou — disse Jaenelle.

Saetan pressionou o braço contra o estômago, tentando ao máximo manter a expressão neutra. No entanto, o aroma emocional de macho desconcertado que conseguia detectar vindo de Lorn tornava a tarefa bastante complicada.

Não convidei você, Jaenelle, disse Lorn, devagar.

— Convidou, sim. Mais ou menos. Bem, não de maneira tão evidente quanto Saetan...

Saetan cerrou os dentes e produziu um som de rosnar.

— ... mas ouvi você, por isso respondi. — Sorriu para os dois.

Receber um sorriso daqueles era uma boa razão para um homem entrar em pânico.

Antes de se dar conta, Jaenelle já se dirigia às pressas para as escadas, murmurando alguma coisa sobre ter de estar presente para o brinde, com a mão forte de Lucivar sobre seu ombro.

— Se o bisavô já tiver terminado — disse Lucivar com um sorriso feral —, gostaria que me acompanhasse e repreendesse Karla, pois, Rainha de Glácia ou não, se voltar a fazer mais algum comentário engraçadinho sobre o tamanho das minhas asas, vou largá-la num profundo lago da montanha.

— Lucivar, esta é uma ocasião solene — disse Saetan, enquanto Lorn atalhou:

Não ssou sseu bisavô.

— Não, não é — concordou Lucivar. — Mas uma vez que ninguém tem realmente certeza de quantas gerações nos separam de você — e que isso é diferente para cada raça ou espécie —, decidimos que seria melhor condensar todas as gerações num único “bis”. Quanto a esta ser uma ocasião solene, de fato não há dúvida. Já sobre a festa que está em vias de acontecer, tenho certeza que vai ser muitas coisas, menos solene. — Lucivar olhou para os dois e soltou um suspiro compadecido. — Vocês dois já são bem crescidinhos para saber o que os aguarda. E conhecem Jaenelle há tempo suficiente para não ficarem surpresos.

Saetan pegou-se sendo conduzido para as portas na extremidade oposta da sala.

— Vamos lá, seja um bom avozinho e deixe o bisavô dragão descansar antes que os dragõezinhos venham pular em cima dele.

Ao chegar às escadas, Saetan pensou que as portas interiores para a câmara tinham se fechado rápido demais.

Conversaremos mais tarde, disse Lorn, afavelmente. *Temos muito que conversar.*

Sim, tinham muito que conversar, pensou Saetan enquanto entrava na câmara superior, aceitava uma taça de yarbarah e percorria com os olhos os rostos animados e sorridentes que agora dominavam Kaeleer.

Perguntou-se o que Lorn pensaria da teia de múltiplos fios que Jaenelle havia tecido sobre Kaeleer, a teia que desafiara tantas raças a sair da névoa que as encobrira durante milhares de anos.

E imaginou o que pensaria o Conselho das Trevas.

4 / Kaeleer

Lord Magstrom esfregou a testa e desejou ardentemente que aquela sessão do Conselho das Trevas terminasse logo. Desde que a primeira peticionária pisara no círculo, Lord Jorval, o Primeiro Tribuno, vinha produzindo ruídos tranquilizadores, evitando, habilmente, fazer promessas concretas. Todas queriam a mesma coisa: a garantia de que os machos enviados para as terras dos parentes não fossem massacrados por aqueles “animais gerados no Inferno”.

O Conselho não podia dar essa garantia.

As histórias contadas pelos poucos sobreviventes que haviam voltado das primeiras expedições de assentamento incitaram uma ira extrema no povo da Pequena Terreille, que exigia represálias. As pilhas de cadáveres mutilados —

alguns parcialmente devorados — que obstruíam a rua principal de Goth alguns dias depois de todos os machos que tinham entrado nas terras dos parentes terem sido devolvidos de maneira misteriosa transformaram aquela ira numa furiosa impotência.

Todos clamavam para que se fizesse alguma coisa de maneira a tornar aquelas terras de ninguém seguras para a ocupação humana. Ninguém queria enfrentar o que já vivia naquelas terras de “ninguém”.

— Posso lhe garantir, Senhora — disse Jorval dirigindo-se à peticionária estridente —, estamos fazendo tudo ao nosso alcance para corrigir a situação.

— Quando vim para cá, prometeram-me terras para governar e machos capazes de servir adequadamente — respondeu cheia de cólera a Rainha terreilliana.

Lord Magstrom imaginou se mais alguém teria reparado que a maior parte dos machos nascidos em Kaeleer — mesmo atraídos pela ideia de servir no Primeiro ou Segundo Círculos da corte de uma Rainha terreilliana — renunciava ao serviço com uma animosidade amarga depois de algumas semanas. Os machos terreillianos imploravam para servir Rainhas nascidas em Kaeleer, dispondo-se a servir como lacaios no Décimo Terceiro Círculo se essas fossem as únicas vagas restantes. Nos últimos três anos, alguns lhe pediam às lágrimas que intercedesse junto a Rainhas de categorias inferiores, fora da Pequena Terreille, para que considerassem a possibilidade de servirem em Territórios como Dharo ou Nharkhava. Fariam o que quer que fosse, diziam. O que quer que fosse.

Para alguns dos mais jovens que considerou adequados a essas Rainhas de Território, redigira cartas respeitosas, salientando sua competência e seu empenho em se adaptar aos costumes do Reino das Sombras. Alguns foram aceitos. A cada mudança de estação recebia breves cartas de cada um desses jovens e todos expressavam o alívio e a alegria por suas novas vidas.

As súplicas, porém, estavam se tornando cada vez mais desesperadas à medida que cada vez mais terreillianos invadiam a Pequena Terreille. E a cada súplica, a cada história que ouvia sobre Terreille, crescia a preocupação quanto à sua neta mais nova. Mesmo no seu pequeno povoado já haviam acontecido incidentes, não sendo aconselhável que uma mulher viajasse sem uma forte escolta depois de anoitecer. Teria sido assim que começara em Terreille, com o medo e a desconfiança penetrando em espiral, cada vez mais fundo, até não haver forma de detê-los?

— Registramos seu pedido — disse Lord Jorval, com um gesto indicativo de dispensa. — A próxima...

As portas ao fundo do hemicíclio abriram-se de rompante com tanta força que bateram na parede.

Jaenelle Angelline deslizou para o hemicíclio do Conselho, detendo-se, mais uma vez, logo antes do círculo do peticionário, outra vez ladeada pelo Senhor Supremo e pelo Príncipe Lucivar Yaslana. Ao longo do grande decote do vestido preto e esvoaçante viam-se dezenas de lascas de Joias Negras cintilando

com um fogo negro. Do pescoço destacava-se uma Joia Negra — Negra? — engastada num colar parecido com uma teia de aranha formada por delicados fios dourados e prateados. Nas mãos...

As mãos de Lord Magstrom ficaram trêmulas.

Ela segurava um cetro. A metade inferior era feita de ouro e prata e tinha duas Joias aparentemente Negras encaixadas acima da empunhadura. A metade superior era um chifre em espiral.

Dedos apontavam para o chifre. Sussurros tomaram conta do hemisíclo.

— Lady Angelline, devo protestar contra esta interrupção... — começou Jorval.

— Tenho algo a dizer a este Conselho — interrompeu Jaenelle com frieza, sua voz sobrepondo-se às outras. — Serei breve.

Os sussurros aumentaram, tornando-se mais enérgicos.

— Por que *ela* foi autorizada a usar um chifre de unicórnio? — gritou a Rainha terreilliana que havia sido dispensada. — *Eu* não obtive essa autorização como compensação pela morte dos meus homens.

O rosto do Senhor Supremo não demonstrava qualquer emoção ao olhar para a Rainha terreilliana. No entanto, Lucivar não tentou disfarçar sua repulsa.

— *Silêncio.* — Jaenelle não se esforçou para elevar a voz, mas seu tom maligno fez todos ficarem em silêncio. Olhou para a Rainha terreilliana e proferiu quatro palavras.

Lord Magstrom conhecia o Idioma Antigo o suficiente para reconhecer a língua, mas não para entendê-la. Alguma coisa sobre recordar?

Jaenelle acariciou o chifre, afagando-o da base até a ponta e em sentido inverso.

— Ele se chamava Kaetien — disse, com sua voz de meia-noite. — Este chifre foi uma Oferenda, feita de livre vontade.

— Lady Angelline — disse Jorval, batendo no banco do Tribunal e tentando pôr ordem na sala.

Nos assentos mais próximos do banco do Tribunal, Lord Magstrom ouviu vozes severas falando sobre *certas* pessoas que julgavam poder ignorar a autoridade do *Conselho*.

Jaenelle balançou o cetro, desenhando um arco, suspendendo-o por um momento quando o chifre apontou para o chão e apontando-o em seguida para o teto do hemisíclo.

Um vento frio soprou de repente. Trovões fizeram o edifício estremecer. Do teto, surgiram relâmpagos que penetraram no chifre do unicórnio.

Um poder obscuro invadiu a sala. Um poder inflexível e inexorável.

Quando os trovões finalmente pararam, quando o vento finalmente serenou, os membros trêmulos do Conselho das Trevas voltaram a seus assentos.

Jaenelle Angelline estava tranquila e serena, segurando o cetro novamente com ambas as mãos. O chifre do unicórnio permanecia intacto, mas Magstrom

podia ver os raios dos relâmpagos agora contidos naquelas Joias Negras-mas-não-Negras, podia sentir o poder que aguardava libertação.

— Ouçam o que tenho a dizer — começou Jaenelle —, pois só o direi uma vez. Realizei a Oferenda às Trevas. Agora sou a Rainha de Ebon Askavi. — Com o cetro, indicou a bancada do Tribunal.

Lord Magstrom estremeceu. O chifre apontava diretamente para ele. Ele prendeu a respiração, aguardando o impacto. Em vez disso, um pergaminho enrolado com uma fita vermelho-sangue surgiu à sua frente.

— Essa é uma lista dos Territórios que se submeteram a Ebon Askavi. Encontram-se agora sob a proteção da Fortaleza. Pertencem a mim. Quem quer que tente se instalar no meu Território sem a minha autorização sofrerá as consequências. Quem quer que faça mal a um membro do meu povo será executado. Não haverá espaço para desculpas nem exceções. Vou pôr as coisas de forma simples para que os membros deste Conselho e os intrusos que julgavam poder se apoderar da terra sobre a qual não têm qualquer direito jamais possam dizer que não entenderam direito. — Os lábios de Jaenelle tomaram a forma de um rosnado. — NÃO ENTREM NO MEU TERRITÓRIO!

As palavras ressoaram pelo hemisfério, ecoando e voltando a ecoar.

Seus olhos azul-safira, que não pareciam exatamente humanos, detiveram-se no Tribunal por um longo momento. Depois, ela se virou e deslizou para fora da sala, seguida pelo Senhor Supremo e pelo Príncipe Yaslana.

As mãos de Magstrom tremiam com tanta violência que só na quarta tentativa conseguiu desatar a fita vermelho-sangue. Desenrolou o pergaminho, ignorando que deveria tê-lo entregado a Jorval, uma vez que este era o Primeiro Tribuno.

Nome após nome após nome após nome. Alguns ele conhecia das histórias que a avó lhe contava. Outros, como “terras por reclamar”. Outros ainda, desconhecia completamente.

Nome após nome após nome.

No final do pergaminho, acima da assinatura de Jaenelle e do selo de cera preta, havia um mapa de Kaeleer com os Territórios atualmente sob a proteção da Fortaleza assinalados.

À exceção da Pequena Terreille e da ilha que há séculos fora atribuída ao Conselho das Trevas, todo o Reino das Sombras pertencia agora a Jaenelle Angelline.

Magstrom atentou à bela caligrafia da assinatura. Ela havia estado na presença do Conselho por duas vezes como donzela e por duas vezes tinham ignorado os avisos sobre aquilo que se tornaria. Agora teriam de enfrentar uma Rainha que não toleraria erros.

Estremeceu e observou o selo. No centro havia uma montanha. Sobre a montanha podia-se ver um chifre de unicórnio. Em volta da orla do selo havia quatro palavras no Idioma Antigo.

Um pequeno papel dobrado surgiu de repente sobre o selo. Magstrom

pegou-o no exato momento em que Jorval lhe tirou o pergaminho das mãos. Enquanto Jorval e o Segundo Tribuno liam a lista para os demais membros do Conselho, as vozes cada vez mais vacilantes, à medida que iam se dando conta do significado daquilo, Magstrom desdobrou o papel, mantendo-o escondido.

Uma mão masculina escrevera as mesmas quatro palavras que estavam no selo. Logo embaixo estava a tradução.

Em memória. Como advertência.

Magstrom levantou os olhos.

O Senhor Supremo estava logo atrás das portas abertas do hemicíclo.

Magstrom assentiu ligeiramente com a cabeça e fez o papel desaparecer, aliviado por ninguém ter reparado que Saetan permanecera ali para lhe transmitir aquela mensagem.

Encararia o aviso com grande seriedade e enviaria uma mensagem para casa naquela mesma noite. Suas duas netas mais velhas tinham casamentos felizes fora da Pequena Terreille. Avisaria Arnora, sua neta mais nova, para que partisse de imediato para a casa de uma das irmãs mais velhas. Uma vez lá, certamente haveria uma forma de persuadir a nova Rainha de Dharo ou de Nharkhava a lhe conceder autorização para ficar.

Ouvindo em parte o falatório indignado e atemorizado do Conselho, Magstrom sentiu uma tênue esperança pelo futuro de Arnora. Não conhecia as novas Rainhas, mas conhecia alguém que as conhecia.

Depois de todos os sussurros, de todas as histórias, achou irônico que a única pessoa a quem poderia recorrer e que iria compartilhar suas preocupações, bem como ajudá-lo, era o Senhor Supremo do Inferno.

5 / Kaeleer

— Nunca tive intenção de reinar — disse Jaenelle enquanto passeava com Saetan pelos jardins da Fortaleza sob a luz do luar. — Nunca desejei controlar a vida de ninguém, a não ser a minha.

Saetan passou um braço em volta da sua cintura.

— Eu sei. E é por isso que é a Rainha perfeita para governar Kaeleer. — Ao vê-la perplexa, riu serenamente. — É a única que consegue tecer todos os fios individuais numa teia unificada, ao mesmo tempo encorajando todos os fios a permanecerem distintos. Se prometer não se zangar, posso lhe contar um segredo.

— O quê? Está bem, está bem. Prometo que não me zango.

— Já faz anos que você reina em Kaeleer, de maneira informal, e talvez seja a única que ainda não se deu conta disso.

Jaenelle deu um resmungo e logo depois murmurou entre dentes:

— Desculpe.

Saetan riu.

— Está desculpada. No entanto, esse conhecimento deveria lhe trazer algum consolo. Duvido que existam muitas diferenças entre a Corte das Trevas oficial e a corte informal que se formou no primeiro verão em que a assembleia e os rapazes vieram ao Paço, fazendo dele sua segunda casa.

Jaenelle afastou o cabelo do rosto.

— Bem, se isso é verdade, então você foi *mesmo* um idiota por não perceber que se tornaria o Administrador, uma vez que tem sido o Administrador informal há pelo menos tanto tempo quanto eu tenho sido a Rainha informal.

Como não tinha uma resposta adequada, Saetan nada disse.

— Saetan... — Jaenelle mordeu o lábio inferior. — Acha que vão começar a agir de forma diferente? Nunca me importei com isso antes, mas... a assembleia e os rapazes não vão começar a ser subservientes, não é?

Saetan ergueu uma sobrancelha.

— Fico surpreso que algum de vocês conheça a palavra, quanto mais seu significado. — Abraçou-a. — Acho que não tem razões para se preocupar. Creio que a subserviência de Lucivar não passará do que é.

Jaenelle apoiou-se em Saetan e gemeu. Em seguida, empertigou-se ligeiramente.

— Bem, essa é uma das vantagens de ter constituído a corte. Pelo menos dei a ele algo com que se ocupar e que o impedirá de ficar sempre no meu caminho e me atormentando.

Saetan estava prestes a responder, mas pensou melhor. Ela tinha direito a algumas ilusões — sobretudo porque em breve iriam se desfazer.

Jaenelle bocejou.

— Vou para dentro. Hoje é minha vez de contar as histórias de dormir. — Beijou Saetan no rosto. — Boa noite, Papai.

— Boa noite, criança-feiticeira. — Aguardou que Jaenelle entrasse antes de começar a caminhar em direção à ponta mais afastada do jardim.

— A garota já se recolheu? — perguntou Andulvar, juntando-se a Saetan.

— Hoje é a vez dela de contar a história de dormir e uivar em coro — respondeu Saetan.

— Vai ser um grande Rainha, SaDiablo.

— A melhor que já tivemos. — Caminharam em silêncio durante alguns minutos. — Algum sinal da vagabunda?

Andulvar balançou a cabeça.

— Há fortes indícios de que tem as garras bem enfiadas no Conselho das Trevas, mas não há sinais dela. Hekatah sempre soube muito bem fugir da sordidez depois de desencadeá-la. Ainda fico surpreso que tenha se deixado matar na última guerra entre os Reinos. — Esfregou a nuca e suspirou. — Deve estar roída de inveja por saber que a garota detém o tipo de poder sobre um Reino que ela sempre desejou.

— Sim, deve mesmo. Por isso, fique alerta, está bem?

— Devíamos avisar os rapazes antes de voltarem a seus Territórios, para que saibam o que procurar caso ela tente vir de outra direção.

— Concordo. Mas, se as Trevas forem bondosas, teremos algum tempo para que estes jovens se ambientem antes de termos de lidar com outro plano de Hekatah.

— Se as Trevas forem bondosas. — Andulvar pigarreou. — Sei muito bem por que você queria esperar e também por quem tem esperado, Saetan. Mas Jaenelle já é uma mulher feita e agora é a Rainha. O triângulo deveria estar completo. Ela deveria ter um Consorte.

Saetan apoiou os braços no topo do muro de pedra do jardim. Um vento noturno e suave assobiava nos pinheiros além do jardim.

— Ela já tem um Consorte — disse, com calma e firmeza. — Como Primeiro Acompanhante, Lucivar pode cumprir a maior parte dos deveres de um Consorte e ser o terceiro lado do triângulo até... — A voz se extinguiu.

— Se isso algum dia vier a acontecer, SaDiablo — disse Andulvar, com afável severidade. — Até que alguém esteja usando o anel de Consorte, todo e qualquer macho ambicioso do Reino... E não serão poucos os que vão aparecer diretamente de Terreille... Tentará enfiar-se na cama dela atrás de poder e prestígio. Ela precisa de um bom homem, Saetan, não de uma lembrança. Precisa de um homem forte, de carne e osso, que aqueça sua cama à noite e goste *dela*.

Saetan olhava fixamente para as terras além do jardim.

— Ela já tem um Consorte.

— Tem? — Vendo que Saetan não respondia, Andulvar deu um tapinha no ombro do amigo e se afastou.

Saetan deixou-se ficar ali durante muito tempo, ouvindo o cântico da brisa noturna.

— Ela já tem um Consorte — sussurrou. — Não tem?

A brisa noturna não respondeu.

6 / O Reino Distorcido

Ele escalou.

Naquele local, o terreno não era tão sinuoso nem tão íngreme, mas os pequenos tufos de névoa que preenchiam as cavidades às vezes cobriam a trilha, dando-lhe a sensação inquietante de que nada havia abaixo dos joelhos.

Com o passar do tempo, percebeu que aquele lugar era familiar, que já explorara aqueles caminhos antes, quando era forte e estava intacto. Havia entrado na zona limítrofe entre a sanidade e o Reino Distorcido.

Sentia no ar a suavidade do orvalho fresco. A luz era branca, como se fosse de manhã, bem cedo. Em algum lugar ali perto, pássaros piavam e gorjeavam,

despertando o dia, e, ao longe, ouvia-se uma forte rebentação.

O cálice de cristal estava praticamente intacto. Durante a longa escalada, os fragmentos tinham sido colocados no lugar, um a um. Faltavam algumas lascas, algumas memórias. Uma em particular. Não se recordava do que havia feito na noite em que trouxeram Jaenelle ao Altar de Cassandra.

Ao passar por duas enormes pedras erguidas como sentinelas, uma de cada lado da trilha, a névoa começou a subir ao seu redor.

À sua frente, a água, os pássaros, o cheiro de terra fértil, o calor do sol — e a promessa de que ela estaria à sua espera.

À sua frente, a sanidade.

Contudo, também ali havia conhecimento, sofrimento. Podia senti-los.

Daemon.

Uma voz que reconhecia, mas não aquela que desejava ouvir. Procurou nas memórias até conseguir ligá-la a um nome.

Manny. Falando com alguém sobre torradas e ovos.

Daemon.

Também reconhecia aquela outra voz. Surreal.

Uma parte de si ansiava por uma conversa banal, pelas coisas simples como torradas e ovos. Uma outra parte estava assustada.

Recuou um passo... e sentiu que uma porta se fechava de leve às suas costas.

As sentinelas de pedra tinham se tornado uma muralha alta, sólida.

Apoiou-se nessa muralha, tremendo.

Não havia como voltar.

Daemon.

Reunindo os fragmentos de sua coragem, caminhou em direção às vozes, em direção à promessa.

Abandonou o reino Distorcido.

SOBRE A AUTORA



Anne Bishop mora no norte do estado de Nova York, onde gosta de passar o tempo ouvindo música, fazendo jardinagem e escrevendo.

É autora de mais de 17 livros, entre eles a premiada *Trilogia das Joias Negras*. Atualmente está trabalhando numa série de fantasia urbana que já tem dois títulos publicados: *Written in Red* e *Murder of Crows*.

www.annebishop.com

Sumário

Créditos

Resumo de Personagens

Joias

Hierarquia dos Sangue / Castas

Prólogo

Primeira Parte

Capítulo Um

Capítulo Dois

Segunda Parte

Capítulo Três

Capítulo Quatro

Capítulo Cinco

Capítulo Seis

Capítulo Sete

Capítulo Oito

Terceira Parte

Capítulo Nove

Capítulo Dez

Capítulo Onze

Capítulo Doze

Quarta Parte

Capítulo Treze

Capítulo Catorze

Quinta Parte

Capítulo Quinze

Capítulo Dezesesseis

Sobre a autora

Coleção Bang!